

**SIMONE
DE BEAUVOIR**

**O
SEGUNDO
SEXO**

**A EXPERIÊNCIA
VIVIDA**

**DIFUSÃO
EUROPÉIA
DO LIVRO**





O SEGUNDO SEXO

SIMONE DE BEAUVOIR

As mulheres de nossos dias estão prestes a destruir o mito do "eterno feminino": a donzela ingênua, a virgem profissional, a mulher que valoriza o preço do coquetismo, a caçadora de maridos, a mãe absorvente, a fragilidade erguida como escudo contra a agressão masculina. Elas começam a afirmar sua independência ante o homem; não sem dificuldades e angústias porque, educadas por mulheres num gineceu socialmente admitido, seu destino normal seria o casamento que as transformaria em objeto da supremacia masculina.

Neste volume complementar de O SEGUNDO SEXO, Simone de Beauvoir, constatando a realidade ainda imediata do prestígio viril, estuda cuidadosamente o destino tradicional da mulher, as circunstâncias do aprendizado de sua condição *feminina*, o estreito universo em que está encerrada e as evasões que, dentro dele, lhe são permitidas. Somente depois de feito o balanço dessa pesada herança do passado, poderá a mulher forjar um outro futuro, uma outra sociedade em que o ganhapão, a segurança econômica, o prestígio ou desprestígio social nada tenham a ver com o comércio sexual. É a proposta de uma libertação necessária não só para a mulher como para o homem. Porque este, por uma verdadeira dialética de senhor e servo, é corroído pela preocupação de se mostrar macho, importante, superior, desperdiça tempo e forças para temer e seduzir as mulheres, obstinando-se nas mistificações destinadas a manter a mulher acorrentada.

Os dois sexos são vítimas ao mesmo tempo do outro e de si. Perpetuar-se-á o inglório duelo em que se empenham enquanto homens e mulheres não se reconhecerem como semelhantes, enquanto persistir o mito do "eterno feminino". Libertada a mulher, libertar-se-á também o homem da opressão que para ela forjou; e entre dois adversários enfrentando-se em sua pura liberdade, fácil será encontrar um acordo.

O SEGUNDO SEXO, de Simone de Beauvoir, é obra indispensável a todo o ser humano que, dentro da condição feminina ou masculina, queira afirmar-se autêntico nesta época de transição de costumes e sentimentos.

SIMONE
DE BEAUVOIR

O SEGUNDO SEXO

2. A EXPERIÊNCIA VIVIDA

2.a EDIÇÃO

TRADUÇÃO DE SÉRGIO MILLIET

CAPA DE FERNANDO LEMOS



DIFUSÃO EUROPÉIA DO LIVRO

Que desgraça ser mulher! Entretanto, a pior desgraça quando se é mulher é, no fundo, não compreender que sê-lo é uma desgraça. . .

KIERKEGAARD

Metade vítimas, metade cúmplices,
como todo mundo.

J.-P. SARTRE

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
----------------------	---

PRIMEIRA PARTE

FORMAÇÃO

CAPÍTULO I — <i>Infância</i>	9
CAPÍTULO II — <i>A Moça</i>	68
CAPÍTULO III — <i>A Iniciação Sexual</i>	109
CAPÍTULO IV — <i>A Lésbica</i>	144

SEGUNDA PARTE

SITUAÇÃO

CAPÍTULO I — <i>A Mulher Casada</i>	165
CAPÍTULO II — <i>A Mãe</i>	248
CAPÍTULO III — <i>A Vida Social</i>	295
CAPÍTULO IV — <i>Prostitutas e Hetairas</i>	323
CAPÍTULO V — <i>Da Maturidade à Velhice</i>	343
CAPÍTULO VI — <i>Situação e Caráter da Mulher</i>	363

TERCEIRA PARTE

JUSTIFICAÇÕES

CAPÍTULO I — <i>A Narcisista</i>	395
CAPÍTULO II — <i>A Amorosa</i>	411
CAPÍTULO III — <i>A Mística</i>	439

QUARTA PARTE

A CAMINHO DA LIBERTAÇÃO

CAPÍTULO ÚNICO — <i>A Mulher Independente</i>	449
CONCLUSÃO	485

INTRODUÇÃO

AS MULHERES de hoje estão destronando o mito da feminilidade; começam a afirmar concretamente sua independência; mas não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano. Educadas por mulheres, no seio de um mundo feminino, seu destino normal é o casamento que ainda as subordina praticamente ao homem; o prestígio viril está longe de se ter apagado: assenta ainda em sólidas bases econômicas e sociais. É pois necessário estudar com cuidado o destino tradicional da mulher. Como a mulher faz o aprendizado de sua condição, como a sente, em que universo se acha encerrada, que evasões lhe são permitidas, eis o que procurarei descrever. Só então poderemos compreender que problemas se apresentam às mulheres que, herdeiras de um pesado passado, se esforçam por forjar um futuro novo. Quando emprego as palavras "mulher" ou "feminino" não me refiro evidentemente a nenhum arquétipo, a nenhuma essência imutável; apôs a maior parte de minhas afirmações cabe subentender: "no estado atual da educação e dos costumes". Não se trata aqui de enunciar verdades eternas, mas de descrever o fundo comum sobre o qual se desenvolve toda a existência feminina singular.

PRIMEIRA PARTE

FORMAÇÃO

CAPÍTULO I

I N F Â N C I A

NINGUÉM nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *Outro*. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo. O drama do nascimento, o da desmama desenvolvem-se da mesma maneira para as crianças dos dois sexos; têm elas os mesmos interesses, os mesmos prazeres; a sucção é, inicialmente, a fonte de suas sensações mais agradáveis; passam depois por uma fase anal em que tiram, das funções excretórias que lhe são comuns, as maiores satisfações; seu desenvolvimento genital é análogo; exploram o corpo com a mesma curiosidade e a mesma indiferença; do clitóris e do pênis tiram o mesmo prazer incerto; na medida em que já se objetiva sua sensibilidade, voltam-se para a mãe: é a carne feminina, suave, lisa, elástica que suscita desejos sexuais e esses desejos são preensivos; é de uma maneira agressiva que a menina, como o menino, beija a mãe, acaricia-a, apalpa-a; têm o mesmo ciúme se nasce outra criança; manifestam-no da mesma maneira: cólera, emburramento, distúrbios urinários; recorrem aos mesmos ardis para captar o amor dos adultos. Até os doze anos a menina é tão robusta quanto os irmãos e ma-

nifesta as mesmas capacidades intelectuais; não há terreno em que lhe seja proibido rivalizar com eles. Se, bem antes da puberdade e, às vezes, mesmo desde a primeira infância, ela já se apresenta como sexualmente especificada, não é porque misteriosos instintos a destinem imediatamente à passividade, ao coquetismo, à maternidade: é porque a intervenção de outrem na vida da criança é quase original e desde seus primeiros anos sua vocação lhe é imperiosamente insuflada.

O mundo apresenta-se, a princípio, ao recém-nascido sob a figura de sensações imanes; êle ainda se acha mergulhado no seio do Todo como no tempo em que habitava as trevas do ventre; seja criado no seio ou na mamadeira, é envolto pelo calor da carne materna. Pouco a pouco, aprende a perceber os objetos como distintos de si: distingue-se deles; ao mesmo tempo, de modo mais ou menos brutal, desprende-se do corpo nutriz; por vezes reage a essa separação com uma crise violenta¹. Em todo caso, é no momento em que ela se consuma — lá pela idade de seis meses mais ou menos — que a criança começa a manifestar em suas mímicas, que se tornam mais tarde verdadeiras exhibições, o desejo de seduzir a outrem. Por certo, essa atitude não é definida por uma escolha refletida; mas não é preciso *pensar* uma situação para *existi-la*. De maneira imediata a criança de peito vive o drama original de todo existente, que é o drama de sua relação com o Outro. É na angústia que o homem sente seu abandono. Fugindo à sua liberdade, à sua subjetividade, êle gostaria de perder-se no seio do Todo: aí se encontra a origem de seus devaneios cósmicos e panteísticos, de seu desejo de esquecimento, de sono, de êxtase, de morte. Êle nunca consegue abolir seu eu separado: pelo menos deseja atingir a solidez do em-si, ser petrificado na coisa; é, singularmente, quando imobilizado pelo olhar de outrem, que se revela a si mesmo como um ser. É dentro dessa perspectiva que cumpre interpretar as condutas da criança: sob uma forma carnal, ela descobre a finidade, a solidão, o abandono em um mundo estranho; tenta compensar essa catástrofe alienando sua existência numa imagem de que outrem justificará a realidade e o valor. Parece que é a partir do momento em que percebe sua imagem no espelho — momento que coincide com o da desmama — que ela

(1) Judith Gautier conta em suas recordações que chorou e definiu de tal maneira, quando a separaram de sua ama, que foi preciso reuni-las novamente. Só foi desmamada muito depois.

começa a afirmar sua identidade¹: seu eu confunde-se a tal ponto com essa imagem que só se forma alienando-se. Desempenhe ou não o espelho propriamente dito um papel mais ou menos considerável, o certo é que a criança começa, por volta de seis meses, a compreender as mímicas dos pais e a se apreender sob o olhar deles como um objeto. Ela já é um sujeito autônomo que se transcende para o mundo, mas é somente sob uma figura alienada que ela se encontra a si mesma.

Quando cresce, a criança luta de duas maneiras contra o abandono original. Tenta negar a separação: aconchega-se nos braços da mãe, procura seu calor vivo, reclama suas carícias. Tenta fazer-se justificar pelo sufrágio de outrem. Os adultos se lhe afiguram deuses: têm o poder de lhe conferir o ser. Sente a magia do olhar que a metamorfoseia ora em delicioso anjinho, ora em monstro. Esses dois modos de defesa não se excluem: ao contrário, completam-se e penetram-se. Quando a sedução alcança êxito, o sentimento de justificação encontra uma confirmação carnal nos beijos e carícias recebidos: é uma mesma passividade feliz que a criança conhece no colo da mãe e sob seu olhar benevolente. Não há, durante os três ou quatro primeiros anos, diferença entre a atitude das meninas e a dos meninos; tentam todos perpetuar o estado feliz que precedeu a desmama; neles como nelas deparamos com condutas de sedução e de parada: eles desejam tanto quanto elas agradar, provocar sorrisos, ser admirados.

É mais satisfatório negar a dilaceração do que superá-la, mais radical perder-se no coração do Todo do que se fazer petrificar pela consciência de outrem: a fusão carnal cria uma alienação mais profunda do que qualquer demissão perante o olhar alheio. A sedução, a parada representam uma fase mais complexa, menos fácil do que o simples abandono nos braços maternos. A magia do olhar adulto é caprichosa; a criança pretende ser invisível, os pais aceitam o jogo, procuram-na às apalpadelas, riem e depois bruscamente declaram: "Tu nos aborreces, não és invisível". Uma frase da criança divertiu, ela a repete; mas, agora, dão de ombros. Neste mundo tão incerto, tão imprevisível como o universo de Kafka, titubeia-se a cada passo².

(¹) Esta teoria é proposta pelo Dr. Lacan nos *Complexes familiaux dans la formation de l'individu*. Esse fato, de importância primordial, explicaria por que, no curso de seu desenvolvimento, "o eu conserva a figura ambígua do espetáculo".

(²) Em *L'Orange bleue*, Yassu Gaucière diz a propósito do pai: "Seu bom humor parecia-me tão tímido quanto suas impaciências

É por isso que tantas crianças têm medo de crescer; desesperam-se quando os pais deixam de sentá-las nos joelhos, de aceitá-las na cama: através da frustração física, sentem dia a dia mais cruelmente o abandono de que o ser humano nunca toma consciência senão com angústia.

Nesse ponto é que as meninas vão parecer, a princípio, privilegiadas. Uma segunda desmama, menos brutal, mais lenta do que a primeira, subtrai o corpo da mãe aos carinhos da criança; mas é principalmente aos meninos que se recusam pouco a pouco beijos e carícias; quanto à menina, continuam a acariciá-la, permitem-lhe que viva grudada às saias da mãe, no colo do pai que lhe faz festas; vestem-na com roupas macias como beijos, são indulgentes com suas lágrimas e caprichos, penteiam-na com cuidado, divertem-se com seus trejeitos e seus coquetismos: contatos carniais e olhares complacentes protegem-na contra a angústia da solidão. Ao menino, ao contrário, proíbe-se até o coquetismo; suas manobras sedutoras, suas comédias aborrecem. "Um homem não pede beijos. . . um homem não se olha no espelho. . . Um homem não chora", dizem-lhe. Querem que ele seja "um homenzinho"; é libertando-se dos adultos que ele conquista o sufrágio deles. Agrada se não demonstra que procura agradar.

Muitos meninos, assustados com a dura independência a que são condenados, almejam então ser meninas; nos tempos em que no início os vestiam como elas, era muitas vezes com lágrimas que abandonavam o vestido pelas calças, e viam cortar-lhes os cachos. Alguns escolhem obstinadamente a feminilidade, o que é uma das maneiras de se orientar para o homossexualismo: "Desejei apaixonadamente ser menina, e levei a inconsciência da grandeza de ser homem até pretender urinar sentado", conta Maurice Sachs em *Le Sabbat*. Entretanto, se o menino se apresenta a

porque nada me explica o que o podia motivar. . . Incerta de seus movimentos de humor tanto quanto o fora dos caprichos de um Deus, eu o reverenciava com inquietação. . . Lançava palavras como teria jogado a cara ou coroa perguntando-me que acolhimento lhes seria dado". E mais adiante ela conta o caso seguinte: "Como um dia, depois de ter sido ralhada, comesse minha litania: mesa velha, escovão, forno, bacia, garrafa de leite, frigideira etc, mamãe ouviu e rebentou de rir. . . Dias depois, tentei utilizar a mesma litania para abrandar minha mãe que novamente havia ralhado comigo; triste idéia: ao invés de divertí-la, só consegui dobrar ainda a severidade, o que me acarretou uma punição suplementar. Disse a mim mesma que a conduta dos grandes era decididamente incompreensível".

princípio como menos favorecido do que as irmãs, é que lhe reservam maiores desígnios. As exigências a que o submetem implicam imediatamente uma valorização. Em suas recordações, Maurras conta que tinha ciúmes de um caçula que a mãe e a avó tratavam com mais carinho: o pai pegou-o pela mão e levou-o para fora do quarto; "Nós somos homens; deixemos aí essas mulheres", disse-lhe. Persuadem a criança de que é por causa da superioridade dos meninos que exigem mais dela; para encorajá-la no caminho difícil que é o seu, insuflam-lhe o orgulho da virilidade; essa noção abstrata reveste para êle um aspecto concreto: encarna-se no pênis; não é espontaneamente que sente orgulho de seu pequeno sexo indolente; sente-o através da atitude dos que o cercam. Mães e amas perpetuam a tradição que assimila o falo à idéia de macho; seja porque lhe reconhecem o prestígio na gratidão amorosa ou na submissão, seja porque constitua para elas um revide reencontrá-lo na criança sob uma forma humilhada, o fato é que tratam o pênis infantil com uma complacência singular. Rabelais diz-nos dos folguedos das amas de Gargântua¹; a história registrou os das amas de Luís XIII. Mulheres menos impudentes dão entretanto um apelido gentil ao sexo do menino a falam-lhe dele como de uma pequena pessoa que é a um tempo êle próprio e um outro; fazem desse sexo, segundo a expressão já citada, "um *alter ego* geralmente mais esperto, mais inteligente e mais hábil do que o indivíduo"². Anatômicamente, o pênis presta-se muito bem a esse papel; separado do corpo, apresenta-se como um pequeno brinquedo natural, uma espécie de boneca. Valorizam portanto a criança valorizando-lhe o duplo. Um pai contava-me que um de seus filhos com a idade de três anos ainda urinava sentado; cercado de irmãs e primas, era uma criança tímida e triste; um dia o pai levou-o ao W. C. dizendo-lhe: "Vou te mostrar como fazem os homens". A partir de então o menino, orgulhoso de urinar em pé, desprezou as meninas "que mijam por um buraco"; seu desdém provinha

(¹) "... E já começava a exercitar a piroca que todos os dias suas governantas enfeitavam com lindos ramalhetes, fitas bonitas, belas flores, vistosas borlas, passando o tempo a alisá-la como se fosse um tudo de unguento e arrebetando de rir quando ela endurecia, como se a brincadeira lhes agradasse. Uma a chamava de meu batoquinho, outra de meu pinhão, outra de meu tronco de coral; outra de meu tampão, minha rolha, minha varinha, meu boticão, minha verruma, meu penduricalho etc..." (Tradução de Aristides Lobo.)

(²) A. Balint, *La vie intime de l'enfant*; cf. vol. I, págs. 68-69.

originalmente, não do fato de carecerem de um órgão, mas sim pelo de não terem sido distinguidas e iniciadas pelo pai. Assim, longe de o pênis ser descoberto como um privilégio imediato de que o menino tiraria um sentimento de superioridade, sua valorização surge, ao contrário, como uma compensação — inventada pelos adultos e ardorosamente aceita pela criança — para as durezas da última desmama; deste modo, ela se acha defendida contra a saudade de não ser mais uma criança de peito, de não ser uma menina. Posteriormente, o menino encarnará em seu sexo sua transcendência e sua soberania orgulhosa¹.

A sorte da menina é muito diferente. Nem mães nem amas têm reverência e ternura por suas partes genitais; não chamam a atenção para esse órgão secreto de que só se vê o invólucro e não se deixa pegar; em certo sentido, a menina não tem sexo. Não sente essa ausência como uma falha; seu corpo é evidentemente uma plenitude para ela, mas ela se acha situada no mundo de um modo diferente do menino e um conjunto de fatores pode transformar a seus olhos a diferença em inferioridade.

Há poucas questões mais discutidas pelos psicanalistas do que o famoso "complexo de castração" feminino. Em sua maioria, admitem eles hoje que o desejo de um pênis se apresenta, segundo os casos, de maneira muito diferente². Primeiramente, há muitas meninas que ignoram, até idade avançada, a anatomia masculina. A criança aceita naturalmente que haja homens e mulheres como há um sol e uma lua: ela acredita em essências contidas nessas palavras e sua curiosidade não é a princípio analítica. Para muitas outras, o pedacinho de carne que pende entre as pernas do menino é insignificante e até irrisório; é uma singularidade que se confunde com a das roupas e do penteado; é, muitas vezes, num irmãozinho recém-nascido que ela descobre essa singularidade e, "quando a menina é muito pequena", diz H. Deutsch, "não se impressiona com o pênis do irmãozinho"; e

(¹) Ver vol. I, págs. 68-69.

(²) Além das obras de Freud e Adler, existe sobre o assunto uma abundante literatura. Abraham foi o primeiro a emitir a idéia de que a menina considerava seu sexo como um ferimento resultante de uma mutilação. Karen Horney, Jones, Jeanne Lampt de Groot, H. Deutsch, A. Balint estudaram a questão de um ponto de vista psicanalítico. Saussure procura conciliar a psicanálise com as idéias de Piaget e Luquet. Ver também Pollack, *Les idées des enfants sur la différence des sexes*.

cita o exemplo de uma menina de dezoito meses que permaneceu absolutamente indiferente à descoberta do pênis e só lhe deu valor muito mais tarde, em relação com suas preocupações pessoais. Acontece mesmo que o pênis seja considerado uma anomalia: é uma excrescência, uma coisa vaga que pende como um lobinho, uma teta, uma verruga; pode inspirar repugnância. Enfim, há casos numerosos em que a menina se interessa pelo pênis do irmão ou de um colega, mas isso não significa que sinta uma inveja propriamente sexual e ainda menos que se sinta profundamente atingida pela ausência desse órgão; ela deseja apossar-se dele como almeja apossar-se de qualquer objeto; mas esse desejo pode permanecer superficial.

É certo que as funções excretórias, e particularmente as funções urinárias, interessam apaixonadamente as crianças: urinar na cama é muitas vezes um protesto contra a preferência demonstrada pelos pais por outro filho. Há países em que os homens urinam sentados e acontece que mulheres urinem de pé: fazem-no habitualmente muitas camponesas; mas, na sociedade ocidental contemporânea, querem geralmente os costumes que elas se agachem, ficando os homens de pé. Essa diferença é para a menina a diferenciação sexual mais impressionante. Para urinar, ela precisa agachar-se, despir-se e portanto esconder-se: é uma servidão vergonhosa e incômoda. A vergonha aumenta nos casos frequentes em que sofre de emissões urinárias involuntárias, nos casos de ataques de riso, por exemplo; o controle é menos seguro nela do que nos meninos. Nestes, a função urinária apresenta-se como um jogo livre que tem a atração de todos os jogos em que a liberdade se exerce; o pênis deixa-se manipular e através dele pode-se agir, o que constitui um dos interesses profundos da criança. Uma menina, vendo um menino urinar, declarou com admiração: "Como é cômodo!"¹. O jato pode ser dirigido à vontade, a urina lançada longe: o menino aufere disso um sentimento de onipotência. Freud falou "da ambição ardente dos antigos diuréticos"; Stekel discutiu com bom senso a fórmula, mas é verdade, como diz Karen Horney², que "fantasias de onipotência, principalmente de caráter sádico, associam-se muitas vezes ao jato masculino de urina"; esses fantasmas que sobrevivem em al-

(¹) Citado por A. Balint.

(²) "The genesis of castration complex in women", *The International Journal of Psycho-Analysis*, 1923-1924.

guns homens¹ são importantes na criança. Abraham fala do grande prazer "que as mulheres experimentam em regar o jardim com uma mangueira"; e creio, de acordo com as teorias de Sartre e Bachelard², que não é necessariamente³ a assimilação da mangueira ao pênis que é fonte desse prazer; todo jato de água se apresenta como um milagre, um desafio à gravidade: dirigi-lo, governá-lo é obter uma pequena vitória sobre as leis naturais. Em todo caso, há nisso, para o menino, um divertimento quotidiano que não está ao alcance de suas irmãs. Êle permite, demais, principalmente no campo, estabelecer através do jato urinário múltiplas relações com as coisas: água, terra, espuma, neve etc. Há meninas que, para conhecer tais experiências, se deitam de costas e tentam fazer a urina "esguichar para cima", ou que se exercitam em urinar em pé. Segundo Karen Horney, invejariam igualmente aos meninos a possibilidade de exibição que lhes é dada. E conta: "Uma doente exclamou subitamente, depois de ter visto na rua um homem urinando: Se pudesse pedir alguma coisa à Providência, seria poder urinar, uma única vez na vida, como um homem". Parece às meninas que o menino, tendo direito de bulir no pênis, pode servir-se dele como de um brinquedo, ao passo que os órgãos femininos são tabus. Que esse conjunto de fatores torne desejável a muitas delas a posse de um sexo masculino, é um fato que bom número de inquêritos e de confidencias recolhidas por psiquiatras testemunham. Havelock Ellis, em *O Ondinismo*, sobretudo quando cita as palavras de uma paciente que designa pelo nome de Zênia: "O ruído de um jato de água sair de uma longa mangueira, sempre foi muito excitante para mim, lembrando-me o jato de urina observado durante minha infância em meu irmão e mesmo em outras pessoas". Outra paciente, Mme R. S., conta que, quando criança, gostava de segurar o pênis de um colega; um dia deram-lhe um tubo de regar: "Pareceu-me delicioso segurá-lo como se segurasse um pênis". Ela insiste no fato de que o pênis não tinha para ela nenhum sentido sexual; só sabia que servia para urinar. O caso mais interessante é o de Florrie, recolhido por Havelock Ellis (*Estudos de Psicologia Sexual*, t. 13) e cuja análise Stekel retomou posteriormente. Dou portanto aqui o relato minucioso do caso:

(¹) Cf. Montherlant, *Les Chenilles* e *Solstice de Juin*.

(²) Ver vol. I, 1ª parte, cap. 2.

(³) Em certos casos é entretanto manifesta.

Trata-se de uma mulher muito inteligente, artista, ativa, biologicamente normal e não invertida. Conta ela que a função urinária desempenhou papel importante em sua infância; brincava de jogos urinários com os irmãos e molhavam as mãos sem nenhuma repugnância: "Minhas primeiras concepções da superioridade dos homens relacionaram-se com os órgãos urinários. Ressentia-me da Natureza por me ter privado de um órgão tão cômodo e tão decorativo. Nenhuma chaleira privada de seu bico jamais se achou tão miserável. Ninguém precisou insuflar-me a teoria da predominância e da superioridade masculinas. Tinha uma prova constante sob os olhos". Ela própria experimentava grande prazer em urinar no campo. "Nada se lhe afigurava comparável ao ruído encantador do jato sobre as folhas mortas em um recanto de bosque e ela observava-lhe a absorção. Mas o que mais a fascinava era urinar na água." É um prazer a que muitos meninos são sensíveis e há toda uma série de estampas pueris e vulgares que mostram meninos urinando em tanques ou regatos. Florrie queixa-se de que a forma de suas calças a impedia de se entregar às experiências que quisesse tentar; muitas vezes durante os passeios no campo, acontecia-lhe reter a urina o mais possível e, bruscamente, aliviar-se de pé. "Recordo perfeitamente a sensação estranha e proibida desse prazer e também meu espanto de que o jato pudesse sair quando eu estava em pé." A seu ver, as formas das roupas infantis têm 'muita importância na psicologia da mulher em geral. "Não foi apenas para mim uma fonte de aborrecimentos ter de desfazer-me de minha calça e depois abaixar-me para não lhe sujar a frente. A parte de trás, que deve ser puxada e deixa as nádegas a nu, explica por que, em muitas mulheres, o pudor situa-se atrás e não na frente. A primeira distinção sexual que se impôs a mim, na verdade, a grande diferença, foi verificar que os meninos urinavam de pé e as meninas agachadas. Foi provavelmente assim que meus mais antigos sentimentos de pudor se associaram às minhas nádegas mais do que a meu púbis." Todas essas impressões assumiram, em Florrie, importância extrema porque o pai a chicoteava freqüentemente até o sangue e uma governante, certa vez, a surrara a fim de obrigá-la a urinar; ela era obcecada por sonhos e fantasias masoquistas em que se via açoitada por uma preceptora sob os olhos de toda a escola e urinando, então, contra a vontade, "idéia que me causava uma sensação de prazer realmente curiosa". Aos 15 anos, aconteceu-lhe urinar de pé, na rua deserta, instada por uma necessidade urgente. "Analisando minhas sensações, penso que a mais importante era a vergonha de estar em pé e o comprimento do trajeto que o jato deveria percorrer entre mim e a terra. Essa distância fazia disso algo importante e risível, ainda que q vestido o escondesse. Na atitude habitual havia um elemento de intimidade. Criança, mesmo grande, o jato não podia percorrer um longo trajeto; mas, com 15 anos e alta, senti vergonha em pensar no comprimento do trajeto. Tenho certeza de que as senhoras as quais me referi ¹, que fugiram apavoradas do mitório moderno de Portsmouth, consideraram muito indecente para uma mulher ficar em

(¹) Alusão a um episódio que contara anteriormente; tinham inaugurado, em Portsmouth, um mitório moderno para mulheres, que exigia posição vertical: todas as necessitadas saíam imediatamente.

pé e de pernas abertas, levantar as saias e projetar tão longo jato por baixo." Florrie começou aos vinte anos a experiência e a repetiu, posteriormente, muitas vezes; sentia uma mistura de volúpia e de vergonha à idéia de que podia ser surpreendida, sendo-lhe impossível parar. "O jato parecia sair de mim sem meu consentimento e, *no entanto*, causava-me maior prazer do que se o houvesse feito voluntariamente \ Essa sensação curiosa de que é tirado de nós por algum poder invisível, que decidi que o faríamos, é um prazer exclusivamente feminino e de um encanto sutil. Há um encanto agudo em sentir a torrente sair em virtude de uma força mais poderosa do que nós mesmas." Posteriormente, Florrie desenvolveu em si um erotismo flagelatório sempre acompanhado de obsessões urinárias.

Esse caso é muito interessante porque focaliza vários elementos da experiência infantil. Mas são evidentemente circunstâncias singulares que lhes conferem tão exagerada importância. Para as meninas normalmente educadas, o privilégio urinário do menino é coisa demasiado secundária para engendrar diretamente um sentimento de inferioridade. Os psicanalistas que supõem, segundo Freud, que a simples descoberta do pênis bastaria para engendrar um traumatismo, desconhecem profundamente a mentalidade infantil; esta é muito menos racional do que parecem imaginar; ela não põe categorias definitivas e não se embaraça com a contradição. Quando a menina, ainda muito pequena, declara: "Também tive um" ou "também terei um" ou até "também tenho um", não se trata de uma defesa de má-fé; a presença e a ausência não se excluem; a criança — como o provam seus desenhos — acredita muito menos no que vê com seus olhos do que nos *tipos* significativos que fixou de uma vez por todas: desenha muitas vezes sem olhar e, em todo caso, só encontra em suas percepções o que nelas projeta. Saussure², que insiste justamente neste ponto, cita esta importante observação de Luquet: "Uma vez reconhecido errado, o traçado é como inexistente, *a criança literalmente não mais o vê* como que hipnotizada pelo traçado novo que o substitui, da mesma maneira que não leva em conta as linhas que podem encontrar-se acidentalmente em seu papel". A anatomia masculina constitui uma forma forte que amiúde se impõe à menina; e *literalmente ela não vê mais* seu próprio corpo. Saussure cita o exemplo de uma menina de 4 anos que, tentando urinar como um menino por entre as barras de uma grade, dizia que desejava "um negocinho comprido que

(¹) O grifo é de Florrie.

(²) "Psychogenèse et Psychanalyse", *Revue Française de Psychanalyse*, 1933.

escorre". Afirmava ao mesmo tempo possuir um pênis e não o possuir, o que concorda com o pensamento por "participação" que Piaget descreveu nas crianças. A menina pensa de bom grado que todas as crianças nascem com um pênis, mas que, depois, os pais cortam alguns para fazer as mulheres; essa idéia satisfaz o artificialismo da criança que, divinizando os pais, "concebe-os como a causa de tudo o que ela possui", diz Piaget. Não vê a princípio uma punição na castração. Para que esta assuma um caráter de frustração, é preciso que a menina já se ache, por uma razão qualquer, descontente com sua situação. Como justamente observa H. Deütsch, um acontecimento exterior, como a visão de um pênis, não poderia comandar um desenvolvimento interno: "A visão do órgão masculino pode ter um efeito traumático, diz ela, mas somente com a condição de que a tenha precedido uma série de experiências anteriores, suscetíveis de provocar esse efeito". A menina projetará sua insatisfação no órgão masculino se se sentir, por exemplo, incapaz de realizar seus desejos de masturbação ou exibição, se seus pais reprimirem seu onanismo, se ela tiver a impressão de ser menos querida, menos estimada do que seus irmãos. "A descoberta, feita pela menina, da diferença anatômica com o menino é a confirmação de uma necessidade que sentiu anteriormente, uma racionalização, por assim dizer, dessa necessidade"¹. E Adler insistiu justamente no fato de que é a valorização efetuada pelos pais e pelo ambiente que dá ao menino o prestígio, de que o pênis se torna a explicação e o símbolo, aos olhos da menina. Ela considera o irmão superior; êle próprio orgulha-se de sua virilidade; ela o inveja então e sente-se frustrada. Por vezes, toma-se de rancor contra a mãe, mais raramente contra o pai; ou então acusa-se a si própria de se ter mutilado, ou consola-se pensando que o pênis se acha escondido dentro de seu corpo e que um dia aparecerá.

É certo que a ausência do pênis desempenhará um papel importante no destino da menina, ainda que ela não inveje seriamente a posse dele. O grande privilégio que o menino aufere disso é o fato de que, dotado de um órgão que se mostra e pode ser pegado, tem a possibilidade de alienar-se nele ao menos parcialmente. Os mistérios de seu corpo, suas ameaças, êle os projeta fora de si, o que lhe permite mantê-los a distância: sem dúvida,

(¹) Cf. H. Deutsch, *Psychology of Women*. Ela cita também a autoridade de R. Abraham e J. H. Wram Ophingsen.

sente-se em perigo em seu pênis, teme a castração, mas é um medo mais fácil de dominar do que o temor difuso da menina em relação a seus "interiores", temor que amiúde se perpetua através de toda a sua vida de mulher. Ela tem uma preocupação extremada por tudo o que ocorre dentro dela; é desde o início muito mais opaca a seus próprios olhos, mais profundamente assaltada pelo mistério perturbador da vida do que o homem. Possuindo um *alter ego* em que se reconhece, pode o menino ousadamente assumir sua subjetividade; o próprio objeto em que se aliena torna-se um símbolo de autonomia, de transcendência, de poder: o menino mede o comprimento de seu pênis, compara com os colegas a força do jato urinário; mais tarde, a ereção e a ejaculação são fontes de satisfação e desafio. A menina, entretanto, não pode encarnar-se em nenhuma parte de si mesma. Em compensação, põem-lhe nas mãos, a fim de que desempenhe junto dela o papel de *alter ego*, um objeto estranho: uma boneca. Cumpre notar que chamam igualmente *poupée* (boneca) à atadura em que se envolve um dedo ferido: um dedo vestido, separado, é olhado com alegria e uma espécie de orgulho, a criança esboça com êle o processo de alienação. Mas é um boneco com cara humana — ou sabugo de milho ou um simples pedaço de pau — que substitui de maneira mais satisfatória esse duplo, esse brinquedo natural que é o pênis.

A grande diferença está em que, de um lado, a boneca representa um corpo na sua totalidade e, de outro, é uma coisa passiva. Por isso, a menina será encorajada a alienar-se em sua pessoa por inteiro e a considerá-la um dado inerte. Ao passo que o menino procura a si próprio no pênis enquanto sujeito autônomo, a menina embala sua boneca e enfeita-a como aspira a ser enfeitada e embalada; inversamente, ela pensa a si mesma como uma maravilhosa boneca ¹. Através de cumprimentos e censuras, de imagens e de palavras, ela descobre o sentido das palavras "bonita" e "feia"; sabe, desde logo, que para agradar é preciso ser "bonita como uma imagem"; ela procura assemelhar-se a uma imagem, fantasia-se, olha-se no espelho, compara-se às princesas e às fadas dos contos. Um exemplo impressionante desse coquetismo infantil é-nos fornecido por Maria Bashkirtseff. Não é por certo um acaso se, tardiamente desmamada — tinha três anos

(¹) A analogia entre a mulher e a boneca mantém-se na idade adulta; em francês diz-se geralmente de uma mulher que é uma boneca; em inglês que é *dolled up*.

e meio — experimentou tão fortemente, por volta de 4 a 5 anos, a necessidade de ser admirada, de existir para outrem: o choque deve ter sido violento numa criança mais madura e ela deve ter procurado com mais paixão vencer a separação infligida: "Com cinco anos, escreve ela em seu diário, eu me vestia com rendas da mamãe, flores nos cabelos e ia dançar no salão. Era a grande dançarina Patipa e toda a casa ali estava *para me olhar*. . ."

Esse narcisismo aparece tão precocemente na menina, desempenha em sua vida de mulher um papel tão primordial, que se pode considerá-lo como emanção de um misterioso instinto feminino. Mas acabamos de ver que, na verdade não é um destino anatômico, que lhe dita sua atitude. A diferença que a distingue dos meninos é um fato que ela poderia assumir de muitas maneiras. O pênis constitui certamente um privilégio, mas cujo preço naturalmente diminui quando a criança se desinteressa de suas funções excretórias e se socializa; se ainda o conserva a seus olhos, depois da idade de 8 a 9 anos, é porque se tornou o símbolo de uma virilidade que é socialmente valorizada. Em verdade, a influência da educação e do ambiente é aqui imensa. Todas as crianças tentam compensar a separação da desmama através de condutas de sedução e de parada; ao menino obrigam a ultrapassar essa fase, libertam-no de seu narcisismo fixando-o no pênis; ao passo que a menina é confirmada na tendência de se fazer objeto, que é comum a todas as crianças. A boneca ajuda-a, mas não desempenha tampouco um papel determinante; o menino pode também querer bem a um urso, um polichinelo, nos quais se projeta; é na forma global de suas vidas que cada elemento — pênis, boneca — assume sua importância.

Assim, a passividade que caracterizará essencialmente a mulher "feminina" é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. A imensa possibilidade do menino está em que sua maneira de existir para outrem encoraja-o a por-se para si. Ele faz o aprendizado de sua existência como livre movimento para o mundo; rivaliza-se em rudeza e em independência com os outros meninos, despreza as meninas. Subindo nas árvores, brigando com colegas, enfrentando-os em jogos violentos, ele apreende seu corpo com um meio de dominar a natureza e um instrumento de luta; orgulha-se de seus músculos como de seu sexo; através de jogos, esportes, lutas, desafios, provas, encontra um emprego equilibrado para suas forças; ao mes-

mo tempo conhece as lições severas da violência; aprende a receber pancada, a desdenhar a dor, a recusar as lágrimas da primeira infância. Empreende, inventa, ousa. Sem dúvida, experimenta-se também como "para outrem", põe em questão sua virilidade, do que decorrem, em relação aos adultos e a outros colegas, muitos problemas. Porém, o mais importante é que não há oposição fundamental entre a preocupação dessa figura objetiva, que é sua, e sua vontade de se afirmar em projetos concretos. É fazendo que ele se faz ser, num só movimento. Ao contrário, na mulher há, no início, um conflito entre sua existência autônoma e seu "ser-outro"; ensinam-lhe que para agradar é preciso procurar agradar, fazer-se objeto; ela deve, portanto, renunciar à sua autonomia. Tratam-na como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade; fecha-se assim um círculo vicioso, pois quanto menos exercer sua liberdade para compreender, apreender e descobrir o mundo que a cerca, menos encontrará nele recursos, menos ousará afirmar-se como sujeito; se a encorajassem a isso, ela poderia manifestar a mesma exuberância viva, a mesma curiosidade, o mesmo espírito de iniciativa, a mesma ousadia que um menino. É o que acontece, por vezes, quando lhe dão uma formação viril; muitos problemas então lhe são poupados¹. É interessante observar que é um gênero de educação que o pai de bom grado dá à filha; as mulheres educadas por um homem escapam, em grande parte, às taras, da feminilidade. Mas os costumes opõem-se a que as meninas sejam tratadas exatamente como meninos. Conheci numa aldeia meninas de 3 a 4 anos que o pai obrigava a usar calças; todas as crianças perseguiam-nas: "São meninas ou meninos?" e procuravam verificá-lo; a tal ponto que elas suplicavam que as vestissem como meninas. A não ser que levem uma vida muito solitária, mesmo quando os pais autorizam maneiras masculinas, os que cercam a menina, suas amigas, seus professores sentem-se chocados. Haverá sempre tias, avós, primas para contrabalançar a influência do pai. Normalmente, o papel deste em relação às filhas é secundário. Uma das maldições que pesam sobre a mulher — Michelet assinalou-a justamente — está em que, em sua infância, ela é abandonada às mãos das mulheres. O menino também é, a princípio, educado pela mãe; mas ela respeita a vi-

(¹) Pelo menos em sua primeira infância. No estado atual da sociedade, os conflitos da adolescência poderão, ao contrário, exagerar-se com isso.

rilidade dele e ele lhe escapa desde logo¹; ao passo que ela almeja integrar a filha no mundo feminino.

Ver-se-á adiante quanto são complexas as relações entre mãe e filha; a filha é para a mãe ao mesmo tempo um duplo e uma outra, ao mesmo tempo a mãe adora-a imperiosamente e lhe é hostil; impõe à criança seu próprio destino: é uma maneira de reivindicar orgulhosamente sua própria feminilidade e também uma maneira de se vingar desta. Encontra-se o mesmo processo entre os pederastas, os jogadores, os viciados em entorpecentes, entre todos os que jactam de pertencer a uma determinada confraria e com isso se sentem humilhados: tentam conquistar adeptos com ardente proselitismo. Do mesmo modo, as mulheres, quando se lhes confia uma menina, buscam, com um zelo em que a arrogância se mistura ao rancor, transformá-la em uma mulher semelhante a si próprias. E até uma mãe generosa que deseja sinceramente o bem da criança pensará em geral que é mais prudente fazer dela uma "mulher de verdade", porquanto assim é que a sociedade a acolherá mais facilmente. Dão-lhe por amigas outras meninas, entregam-na a professoras, ela vive entre matronas como no tempo do gineceu, escolhem para ela livros e jogos que a iniciem em seu destino, insuflam-lhe tesouros de sabedoria feminina, propõem-lhe virtudes femininas, ensinam-lhe a cozinhar, a costurar, a cuidar da casa ao mesmo tempo que da *toilette*, da arte de seduzir, do pudor; vestem-na com roupas incômodas e preciosas de que precisa tratar, penteiam-na de maneira complicada, impõem-lhe regras de comportamento: "Endireita o corpo, não andes como uma pata". Para ser graciosa, ela deverá reprimir seus movimentos espontâneos; pedem-lhe que não tome atitudes de menino, proíbem-lhe exercícios violentos, brigas: em suma, incitam-na a tornar-se, como as mais velhas, uma serva e um ídolo. Hoje, graças às conquistas do feminismo, torna-se dia a dia mais normal encorajá-la a estudar, a praticar esporte; mas perdoam-lhe mais do que ao menino o fato de malograr; tornam-lhe mais difícil o êxito, exigindo dela outro tipo de realização: querem, pelo menos, que ela seja *também* uma mulher, que não *perca* sua feminilidade.

Nos primeiros anos, ela se resigna sem grande dificuldade à esta sorte. A criança move-se no plano do jogo e do sonho: brinca de ser, de fazer; fazer e ser não se distinguem nitidamente quando

(¹) Há naturalmente bom número de exceções: mas o papel da mãe na educação do filho homem não pode ser estudado aqui.

se trata de realizações imaginárias. A menina pode compensar a superioridade atual do menino mediante as promessas contidas em seu destino de mulher e que, já nesse momento, realiza em seus jogos. Em conhecendo ainda tão-somente seu universo infantil, a mãe parece-lhe, a princípio, dotada de maior autoridade do que o pai; ela imagina o mundo como uma espécie de matriarcado; imita a mãe, identifica-se com ela; muitas vezes até inverte os papéis: "Quando eu fôr grande e você pequena", diz-lhe de bom grado. A boneca não é somente seu duplo: é também seu filho, funções que se excluem tanto menos quanto a criança verdadeira é também para a mãe um *alter ego*; quando ralha, pune e depois consola a boneca, ela se defende contra a mãe e ao mesmo tempo assume a dignidade de mãe: resume os dois elementos do par; confia-se à boneca, educa-a, afirma sobre ela sua autoridade soberana, por vezes mesmo arranca-lhe os braços, bate-a, tortura-a: isso significa que realiza através dela a experiência da afirmação subjetiva e da alienação. Muitas vezes, a mãe associa-se a essa vida imaginária: a criança brinca de pai com a boneca e de mãe com a mãe, é um casal de que se exclui o homem. Nisso tampouco existe algum "instinto materno" inato e misterioso. A menina constata que o cuidado das crianças cabe à mãe, é o que lhe ensinam; relatos ouvidos, livros lidos, toda a sua pequena experiência o conforma; encorajam-na a encantar-se com essas riquezas futuras, dão-lhe bonecas para que tais riquezas assumam desde logo um aspecto tangível. Sua "vocação" é-lhe imperiosamente ditada. Pelo fato de a criança se lhe apresentar como seu quinhão, pelo fato também de se interessar mais do que o menino pelos seus "interiores", a menina mostra-se mais particularmente curiosa do mistério da procriação; ela deixa rapidamente de acreditar que os bebês nascem nos repolhos ou são trazidos por cegonhas; principalmente nos casos em que a mãe lhe dá irmãos ou irmãs, logo aprende que os filhos se formam no ventre materno. Aliás, os pais de hoje cercam a coisa de menos mistério do que os pais de outrora; com essa revelação a menina se maravilha mais do que se atemoriza porque o fenômeno tem para ela algo mágico; não lhe apreende ainda todas as implicações fisiológicas. Ignora primeiramente o papel do pai e supõe que é absorvendo certos alimentos que a mulher fica grávida, o que é tema lendário (vêem-se rainhas de contos dar à luz uma menina ou um belo menino depois de terem comido certo fruto ou certo peixe) e que leva mais tarde algumas mulheres à idéia de uma ligação entre a gestação e o sistema digestivo. O conjunto desses proble-

mas e dessas descobertas absorve grande parte dos interesses da menina e alimenta-lhe a imaginação. Citei como típico o exemplo escolhido por Jung (*Os Conflitos da Alma Infantil*) e que apresenta notáveis analogias com o do pequeno Hans que Freud analisou mais ou menos na mesma época:

Foi por volta dos 3 anos que Ana começou a interrogar seus pais acerca da origem dos recém-nascidos; tendo ouvido dizer que eram "anjinhos", pareceu primeiramente imaginar que, quando as pessoas morrem vão para o céu e se reencarnam sob a forma de bebês. Aos 4 anos, teve um irmãozinho; não parecera ter observado a gravidez da mãe, mas quando a viu deitada no dia seguinte ao parto, olhou-a com embaraço e desconfiança e acabou perguntando: "Você não vai morrer?" Mandaram-na passar algum tempo em casa da avó; na volta uma *nurse* achava-se instalada junto ao leito; ela detestou-a de início, depois divertiu-se com brincar de enfermeira; teve ciúmes do irmão: escarnecia, contava histórias para si mesma, desobedecia e ameaçava voltar para a casa da avó; acusava muitas vezes a mãe de não dizer a verdade porque a suspeitava de ter mentido acerca do nascimento da criança; sentido obscuramente que havia uma diferença entre "ter" um filho como *nurse* e como mãe, perguntava a esta: "Ficarei um dia uma mulher como você?" Adquiriu o hábito de chamar os pais aos berros durante a noite; e como falavam muito, perto dela, do tremor de terra de Messina, transformou isso num pretexto para suas angústias, fazendo continuamente perguntas a respeito. Um dia, pôs-se a indagar à queimadura: "Por que Sofia é menor do que eu? Onde se encontrava Fritz antes de nascer? Estava no céu? Que é que fazia lá? Por que é que só agora desceu?" A mãe acabou explicando que o irmãozinho lhe crescera na barriga como as plantas na terra. Ana pareceu encantada com a idéia. Depois perguntou: "Saiu sozinho? — Saiu. — Mas como, se ele não anda? — Saiu rastejando. — Então tem um buraco aqui? (mostrou o peito) ou saiu pela boca?" Sem aguardar a resposta, declarou que sabia muito bem que fora a cegonha que o trouxera; mas à noite disse repentinamente: "Meu irmão¹ está na Itália; ele tem uma casa de pano e vidro que não pode desmoronar"; e deixou de se interessar pelo terremoto e de pedir para ver fotografias da erupção. Falava ainda muito das cegonhas com suas bonecas, mas sem convicção. Muito breve, entretanto, teve novas curiosidades. Tendo visto o pai na cama, disse: "Por que você está de cama? Você tem também uma planta na barriga?" Contou um sonho; sonhara com sua arca de Noé: "E embaixo tinha uma tampa que se abria e todos os animais caíam pela abertura"; na realidade, sua arca de Noé abria-se pelo teto. Nessa época, novamente pesadelos: podia-se adivinhar que se interrogava acerca do papel do pai. Uma senhora grávida veio visitar sua mãe, e esta no dia seguinte viu Ana colocar uma boneca sob as saias, retirá-la devagar, de cabeça para baixo, dizendo: "Está vendo, o menininho que sai já esta quase todo para fora". Tempos depois, comendo uma laranja, disse:

(¹) Tratava-se de um irmão grande, fictício, que desempenhava papel importante em seus jogos.

"Quero engoli-la e fazê-la descer até bem embaixo de minha barriga, então terei um filho". Certa manhã, estando o pai no banheiro, ela pulou na cama, estendeu-se de bruços e agitou as pernas dizendo: "Não é assim que papai faz?" Durante cinco meses pareceu abandonar suas preocupações; depois pôs-se a manifestar certa desconfiança contra o pai: pensou que ele quisera afogá-la etc. Um dia em que se divertia enfiando sementes na terra sob o olhar do jardineiro perguntou ao pai: "Os olhos foram plantados na cabeça? E os cabelos?" O pai explicou que já existiam em germe no corpo da criança antes de se desenvolver. Então ela perguntou: "Mas como foi que o pequeno Fritz entrou em mamãe? Quem o plantou no corpo dela? E você, quem foi que plantou você em sua mamãe? E por onde foi que o Fritz saiu?" O pai disse então, sorrindo: "Que é que você acha?" Então ela designou os órgãos sexuais: "Saiu por aqui? — Isso mesmo. — Mas como foi que entrou em mamãe? Quem plantou a semente?" Então o pai explicou que era o pai quem dava a semente. Ela pareceu inteiramente satisfeita e no dia seguinte buliu com a mãe: "Papai me contou que o Fritz era um anjinho e que foi a cegonha que o trouxe". Mostrou-se desde então muito mais calma do que antes; teve, entretanto, um sonho em que via jardineiros urinando e entre eles o pai; sonhou também, depois de ver o jardineiro passar a plaina numa gaveta, que ele aplainava os órgãos genitais; estava evidentemente preocupada em conhecer o papel exato do pai. Parece que, mais ou menos instruída de tudo por volta dos 5 anos, não sentiu posteriormente nenhuma perturbação.

A história é característica, embora amiúde a menina se interrogue menos precisamente acerca do papel do pai e, a esse respeito, os pais se mostrem muito evasivos. Muitas meninas escondem travesseiros sob o avental para brincar de mulher grávida, ou passeiam a boneca nas pregas do saiote e a deixam cair no berço, dão-lhe o seio. Os meninos, como as meninas, admiram o mistério da maternidade; todas as crianças têm uma imaginação "em profundidade" que as faz pressentir riquezas secretas no interior das coisas; todas são sensíveis ao milagre dos "encaixes", bonecas que encerram outras menores, caixas contendo outras caixas, ornatos que se reproduzem sob formas reduzidas; todas se encantam quando a seus olhos se desfolha um botão, quando se mostra o pintinho na casca do ôvo, ou quando se desdobra, numa bacia com água, a surpresa das "flores japonesas". Assim, o menininho que abrindo um ôvo de Páscoa cheio de ovinhos de açúcar exclama extasiado; "Oh! uma mamãe!" Fazer sair uma criança do ventre é bonito como um truque de prestidigitação. A mãe surge como que dotada da força mística das fadas. Muitos meninos desolam-se com o fato de um tal privilégio lhes ser recusado; mais tarde, se tiram ovos dos ninhos, se espezinham plantas, se destroem em torno de si a vida com uma espécie de raiva é porque se vingam de não ser capazes de

fazê-la desabrochar, ao passo que a menina se encanta com poder criá-la um dia.

Além dessa esperança que o brinquedo da boneca concretiza a vida caseira fornece também à menina possibilidade de afirmação. Grande parte do trabalho doméstico pode ser realizado por uma menina muito criança; habitualmente dele os meninos são dispensados; mas permite-se, pede-se mesmo à irmã, que varra, tire o pó, limpe os legumes, lave um recém-nascido, tome conta da sopa. A irmã mais velha, em particular, é assim amiúde associada às tarefas maternas. Por comodidade, hostilidade ou sadismo, a mãe descarrega nela boa parte de suas funções; ela é então precocemente integrada no universo da seriedade; o sentido de sua importância ajudá-la-á a assumir sua feminilidade, mas a gratuidade feliz, a despreocupação infantil são-lhe recusadas. Mulher antes da idade, ela conhece cedo demais os limites que essa especificação impõe ao ser humano; chega adulta à adolescência, o que dá à sua história um caráter singular. A menina sobrecarregada de tarefas pode ser prematuramente escrava, condenada a uma existência sem alegria. Mas se só lhe pedem um esforço ao seu alcance, ela experimenta o orgulho de ser eficiente como um adulto e regozija-se de ser solidária com as "pessoas grandes". Essa solidariedade é possível pelo fato de não haver entre a menina e a dona de casa uma distância considerável. Um homem especializado em seu ofício acha-se separado da fase infantil por anos de aprendizado; as atividades paternas são profundamente misteriosas para o menino; neste, mal se esboça o homem que será mais tarde. Ao contrário, as atividades da mãe são acessíveis à menina; "já é uma mulherzinha", dizem os pais; e julga-se por vezes que ela é mais precoce do que o menino: em verdade, se se acha mais próxima da fase adulta é porque esta fase permanece mais infantil na maioria das mulheres. O fato é que ela se sente precoce, que se sente lisonjeada por desempenhar junto dos irmãos mais jovens o papel de "mãezinha"; torna-se facilmente importante, fala sensatamente, dá ordens, assume ar de superioridade sobre os irmãos encerrados no círculo infantil, fala com a mãe em pé de igualdade.

Apesar dessas compensações, não aceita sem lamento o destino que lhe é apontado; crescendo, inveja a virilidade dos rapazes. Acontece que pais e avós escondem mal que teriam preferido um homem a uma mulher; ou demonstram maior afeição pelo irmão do que pela irmã: inquéritos provaram que os pais, em sua maioria,

preferem ter filhos a ter filhas. Falam aos meninos com mais gravidade, mais estima, reconhecem-lhes mais direitos; os próprios meninos tratam as meninas com desprezo; brincam entre si, não admitem meninas em seus bandos, insultam-nas: entre outros insultos chamam-nas "mijonas", reavivando com tais palavras a secreta humilhação infantil da menina. Na França, nas escolas mistas, a casta dos meninos oprime e persegue deliberadamente a das meninas. Entretanto, se estas querem entrar em competição com eles, bater-se com eles, censuram-nas. Elas invejam duplamente as atividades pelas quais os meninos se singularizam: elas sentem um desejo espontâneo de afirmar seu poder sobre o mundo e protestam contra a situação inferior à qual são condenadas. Sofrem, entre outras coisas, a proibição de subir nas árvores, nas escadas, nos telhados. Adler observa que as noções de alto e baixo têm grande importância, a idéia de elevação espacial implicando uma superioridade espiritual, como se vê através de numerosos mitos heróicos; atingir um cume, um pico, é emergir para além do mundo dado, como sujeito soberano; é entre meninos um pretexto freqüente de desafio. A menina a quem essas proezas são proibidas e que, sentada ao pé de uma árvore ou de um rochedo, vê acima dela os meninos triunfantes, sente-se inferior de corpo e alma. Do mesmo modo, se é deixada *para trás* numa corrida ou numa prova de salto, se é jogada no *chão* numa briga, ou simplesmente mantida à margem.

Quanto mais a criança cresce, mais o universo se amplia e mais a superioridade masculina se afirma. Muitas vezes, a identificação com a mãe não mais se apresenta como solução satisfatória; se a menina aceita, a princípio, sua vocação feminina, não o faz porque pretenda abdicar: é, ao contrário, para reinar; ela quer ser matrona porque a sociedade das matronas parece-lhe privilegiada; mas quando suas freqüentações, estudos, jogos e leituras a arrancam do círculo materno, ela compreende que não são as mulheres e sim os homens os senhores do mundo. É essa revelação — muito mais do que a descoberta do pênis — que modifica imperiosamente a consciência que ela toma de si mesma.

A hierarquia dos sexos manifesta-se a ela primeiramente na experiência familiar; compreende pouco a pouco que, se a autoridade do pai não é a que se faz sentir mais quotidianamente, é entretanto a mais soberana; reveste-se ainda de mais brilho pelo fato de não ser vulgarizada; mesmo se, na realidade, é a mulher que reina soberanamente em casa, tem ela, em geral, a habilidade de pôr à frente a vontade do pai; nos momentos importantes é

em nome dele que ela exige, recompensa ou pune. A vida do pai é cercada de um prestígio misterioso: as horas que passa em casa, o cômodo em que trabalha, os objetos que o cercam, suas ocupações e manias têm um caráter sagrado. Êle é quem alimenta a família, é o responsável e o chefe. Habitualmente trabalha fora e é através dele que a casa se comunica com o resto do mundo: êle é a encarnação desse mundo aventureiro, imenso, difícil, maravilhoso; êle é a transcendência, êle é Deus ¹. É o que experimenta carnalmente a criança na força dos braços que a erguem, na força do corpo contra o qual se encolhe. Por êle a mãe é destronada como outrora Ísis pelo deus Rá e a Terra pelo Sol. Mas a situação da criança é, então, profundamente mudada: é chamada a tornar-se um dia uma mulher semelhante a sua mãe todo-poderosa — nunca será o pai soberano; o laço que a ligava à mãe era uma emulação ativa. Do pai ela só pode esperar passivamente uma valorização. O menino apreende a superioridade paterna através de um sentimento de rivalidade: ao passo que a menina a sofre com uma admiração impotente. Já disse que isso que Freud chama complexo de Electra não é, como êle pretende, um desejo sexual; é uma abdicação profunda do indivíduo que consente em ser objeto na submissão e na adoração. Se o pai demonstra ternura pela filha, esta sente a existência magnificamente justificada; sente-se dotada de todos os méritos que as outras procuram adquirir com dificuldade: sente-se satisfeita e divinizada. É possível que durante toda a sua vida volte a procurar, com nostalgia, essa plenitude e essa paz. Se esse amor lhe é recusado, pode sentir-se para sempre culpada e condenada, ou buscar alhures uma valorização de si e tornar-se indiferente ao pai, e até hostil. O pai não é, de resto, o único a deter as chaves do mundo; todos os homens participam normalmente do prestígio viril; não é permitido considerá-los como "substitutos" do pai. É imediatamente na qualidade de homens, que avôs, irmãos mais velhos, tios, pais das colegas, amigos da casa, professores, padres, médicos, fascinam a menina. A consideração comovida que as mulheres adultas testemunham ao Homem bastaria para colocá-lo num pedestal ².

(¹) "Sua generosa pessoa inspirava-me um grande amor e um medo enorme..." diz Mme de Noailles falando do pai. "Êle antes de tudo me espantava. O primeiro homem espanta uma menina. Eu sentia bem que tudo dependia dele."

(²) E digno de nota o fato de que o culto do pai se encontre principalmente na mais velha das filhas; o homem interessa-se mais por uma primeira paternidade; muitas vezes êle é que consola a filha, como

Tudo contribui para confirmar essa hierarquia aos olhos da menina. Sua cultura histórica, literária, as canções, as lendas com que a embalam são uma exaltação do homem. São os homens que fizeram a Grécia, o Império Romano, a França e todas as nações, que descobriram a terra e inventaram os instrumentos que permitem explorá-la, que a governaram, que a povoaram de estátuas, de quadros e de livros. A literatura infantil, a mitologia, contos, narrativas, refletem os mitos criados pelo orgulho e os desejos dos homens: é através de olhos masculinos que a menina explora o mundo e nele decifra seu destino. A superioridade masculina é esmagadora: Perseu, Hércules, Davi, Aquiles, Lançarote, Duguesclin, Bayard, Napoleão, quantos homens para uma Joana d'Arc; e, por trás desta, perfila-se a grande figura masculina de São Miguel Arcanjo! Nada mais tedioso do que os livros que traçam vidas de mulheres ilustres: são pálidas figuras ao lado das dos grandes homens; e em sua maioria banham-se na sombra de algum herói masculino. Eva não foi criada para si mesma e sim como companheira de Adão, e de uma costela dele; na Bíblia há poucas mulheres cujas ações sejam notáveis: Rute não fez outra coisa senão encontrar um marido. Ester obteve a graça dos judeus ajoelhando-se diante de Assuero, e ainda assim não passava de um instrumento dócil nas mãos de Mardoqueu; Judite teve mais ousadia, mas ela também obedecia aos sacerdotes e sua proeza tem um vago sabor equívoco: não se poderia compará-la ao triunfo puro e brilhante do jovem Davi. As deusas da mitologia são frívolas ou caprichosas e todas tremem diante de Júpiter; enquanto Prometeu rouba soberbamente o fogo do céu, Pandora abre a caixa das desgraças. Há, é certo, algumas feiticeiras, algumas mulheres velhas que exercem nos contos um poder temível. Entre outras, no *Jardim do Paraíso* de Andersen, a figura da Mãe dos ventos lembra a Grande Deusa primitiva: seus quatro enormes filhos obedecem-lhe tremendo, ela os surra e os encerra

consola o filho quando a mãe é açambarcada pelos novos filhos, e a filha se apega ardentemente a êle. A caçula ao contrário nunca possui o pai sem partilha; ela tem em geral ciúmes dele e da irmã mais velha; ou ela se fixa nessa primogênita que a complacência do pai reveste de grande prestígio, ou ela se volta para a mãe, ou se revolta contra a família e procura apoio fora. Nas famílias numerosas a caçula encontra de outra maneira um lugar privilegiado. Naturalmente numerosas circunstâncias podem motivar predileções singulares no pai. Mas quase todos os casos que conheço confirmam essa observação acerca das atitudes invertidas da mais velha e da mais jovem.

dentro de sacos quando se conduzem mal. Mas tais personagens não são atraentes. Mais poderosas são as fadas, as sereias, as ondinas que escapam ao domínio do homem. Sua existência é incerta, porém, e apenas individualizada; elas intervêm no mundo humano sem ter destino próprio: a partir do dia em que se torna mulher, a pequena sereia de Andersen conhece o jugo do amor e o sofrimento passa a ser seu quinhão. Nas narrativas contemporâneas, como nas lendas antigas, o homem é o herói privilegiado. Os livros de Mme de Ségur são uma curiosa exceção: descrevem uma sociedade matriarcal em que o marido, quando não está ausente, desempenha um papel ridículo; mas de costume a imagem do pai é, como no mundo real, aureolada de glória. É sob a égide do pai divinizado pela ausência que se desenrolam os dramas femininos de *Little Women*. Nos romances de aventura são os meninos que fazem a volta ao mundo, que viajam como marinheiros nos navios, que se alimentam na floresta com a fruta-pão. Todos os acontecimentos importantes ocorrem através dos homens. A realidade confirma esses romances e essas lendas. Se a menina lê os jornais, se ouve a conversa dos adultos, constata que hoje, como outrorâ, os homens dirigem o mundo. Os chefes de Estado, os generais, os exploradores, os músicos, os pintores que ela admira são homens; são homens que fazem seu coração bater de entusiasmo.

Esse prestígio reflete-se no mundo sobrenatural. Geralmente, em virtude do papel que assume a religião na vida das mulheres, a menina, mais dominada pela mãe do que o irmão, sofre mais, igualmente, as influências religiosas. Ora, nas religiões ocidentais, Deus Pai é um homem, um ancião dotado de um atributo especificamente viril: uma opulenta barba branca¹. Para os cristãos, Cristo é mais concretamente ainda um homem de carne e osso e de longa barba loura. Os anjos, segundo os teólogos, não têm sexo, mas têm nomes masculinos e manifestam-se sob a forma de belos jovens. Os emissários de Deus na terra: o papa, os bispos de quem se beija o anel, o padre que diz a missa, o que prega, aquele perante o qual se ajoelham no segredo do

(¹) "Por outro lado não sofria mais de minha incapacidade de ver Deus porque conseguira desde pouco tempo imaginá-lo com os traços de meu falecido avô; essa imagem, em verdade, era mais humana do que divina; eu não demorava em divinizá-la separando a cabeça de meu avô do busto e colocando-a mentalmente no fundo de um céu azul onde nuvens brancas lhe serviam de colar", conta Yassu Gaucière em *L'Orange bleue*.

confessionário, são homens. Para uma menina piedosa, as relações com o pai eterno são análogas às que ela mantém com o pai terrestre; como se desenvolvem no plano do imaginário, ela conhece até uma demissão mais total. A religião católica, entre outras, exerce sobre ela a mais perturbadora das influências¹. A Virgem acolhe de joelhos as palavras do anjo: "Sou a *serva* do Senhor", responde. Maria Madalena prostra-se aos pés de Cristo e os enxuga com seus longos cabelos de mulher. As santas declaram de joelhos seu amor ao Cristo radioso. De joelhos no odor do incenso, a criança abandona-se ao olhar de Deus e dos anjos: um olhar de homem. Insistiu-se muitas vezes a respeito das analogias entre a linguagem erótica e a linguagem mística como as falam as mulheres. Assim é, por exemplo, que Santa Teresa do Menino Jesus escreve:

Ó meu Bem amado, por teu amor aceito não ver nesta terra a doçura de teu olhar, não sentir o inexprimível beijo de tua boca, 'mas suplico-te que me abrases com teu amor. . .

*Meu bem Amado, de teu sorriso
jaze-me logo entrever a doçura.
Ah! deixa-me em meu ardente delírio,
Sim, deixa esconder-me em teu coração!*²

Quero ser fascinada por teu olhar divino, quero tornar-me a presa de teu amor. Um dia, tenho a esperança, cairás impetuosamente sobre mim transportando-me para o lume do amor, tu me imergirás enfim nesse ardente abismo a fim de fazer de mim, e para sempre, a feliz vítima dele.

Mas disso não se deve concluir que essas efusões sejam sempre sexuais; quando a sexualidade feminina se desenvolve, vê-se antes tomada pelo sentimento religioso que a mulher votou ao homem desde a infância. É verdade que a menina conhece junto do confessor, e até ao pé do altar deserto, uma sensação muito próxima da que experimentará mais tarde nos braços de seu amante: é que o amor feminino é uma das formas da expe-

(¹) Está fora de dúvida que as mulheres são infinitamente mais passivas, entregues ao homem, servis e humilhadas nos países católicos: Itália, Espanha, França, do que nos países protestantes: países escandinavos e anglo-saxões. E isso vem em grande parte de sua própria atitude: o culto da Virgem, a confissão etc, convida-as ao masoquismo.

(²) *Mon Bien-Aimé de ton premier sourire
Fais-moi bientôt entrevoir la douceur.
Ah! laisse-moi dans mon brûlant delire,
Oui, laisse-moi me cacher en ton coeur!*

riência em que uma consciência se faz objeto para um ser que a transcende; e são também essas delícias passivas que a jovem devota degusta na sombra da igreja.

Prostrada, com o rosto afundado nas mãos, ela conhece o milagre da renúncia; de joelhos, sobe ao céu; seu abandono nos braços de Deus assegura-lhe uma Assunção envolvida em nuvens e anjos. É sobre essa maravilhosa experiência que ela calca seu futuro terrestre. A criança pode também descobri-lo por outros caminhos: tudo a convida a entregar-se em sonho aos braços dos homens a fim de ser transportada para um céu de glória. Ela aprende que para ser feliz é preciso ser amada; para ser amada é preciso aguardar o amor. A mulher é a Bela Adormecida no bosque, Cinderela, Branca de Neve, a que recebe e suporta. Nas canções, nos contos, vê-se o jovem partir aventurosamente em busca da mulher; êle mata dragões, luta contra gigantes; ela acha-se encerrada em uma torre, um palácio, um jardim, uma caverna, acorrentada a um rochedo, cativa, adormecida: ela espera. *Um dia meu príncipe virá... Some day he'll come along, the man I love...* Os refrões populares insuflam-lhe sonhos de paciência e esperança. A suprema necessidade para a mulher é seduzir um coração masculino; mesmo intrépidas, aventurosas, é a recompensa a que todas as heroínas aspiram; e o mais das vezes não lhes é pedida outra virtude senão a beleza. Compreende-se que a preocupação da aparência física possa tornar-se para a menina uma verdadeira obsessão; princesas ou pastôras, é preciso sempre ser bonita para conquistar o amor e a felicidade; a feiúra associa-se cruelmente à maldade, e, quando as desgraças desabam sobre as feias, não se sabe muito bem, se são seus crimes ou sua feiúra que o destino pune. Amiúde, as jovens belezas destinadas a um futuro glorioso começam aparecendo num papel de vítima; as histórias de Geneviève de Brabant, de Grisélidis, não são tão inocentes como parecem; amor e sofrimento nelas se entrelaçam de maneira perturbadora; é caindo no fundo da abjeção que a mulher assegura para si mesma os mais deliciosos triunfos; quer se trate de Deus ou de um homem, a menina aprende que, aceitando as mais profundas demissões, se tornará todo-poderosa; ela se compraz em um masoquismo que lhe promete supremas conquistas. Santa Blandina, branca e ensangüentada nas garras dos leões, Branca de Neve jazendo como uma morta em um esquife de vidro, a Bela Adormecida, Atala desfalecida, toda uma coorte de ternas heroínas machucadas, passivas, feridas, ajoelhadas, humilhadas, ensinam à

jovem irmã o fascinante prestígio da beleza martirizada, abandonada, resignada. Não é de espantar que, enquanto o irmão brinca de herói, a menina desempenhe de bom grado papel de mártir: os pagãos deitam-na às feras, Barba Azul arrasta-a pelos cabelos, o espôso-rei exila-a no fundo das florestas; ela se resigna, sofre, morre e sua fronte cobre-se de glória. "Ainda muito menina, eu almejava conquistar a ternura dos homens, inquietá-los, ser salva por eles, morrer em todos os braços", escreve Mme de Noailles. Encontra-se um exemplo notável desses devaneios masoquistas em *Voile Noire* de Marie Le Hardouin.

Aos 7 anos, não sei com que costela fabricava meu primeiro homem. Era grande, esbelto, extremamente jovem, vestido de cetim preto e com longas mangas arrastando pelo chão. Seus belos cabelos louros caíam-lhe em pesados cachos sobre os ombros... Chamava-o Edmond... Aconteceu um dia que lhe dei dois irmãos... Esses três irmãos: Edmond, Charles e Cédric, todos os três vestidos de cetim preto, fizeram-me conhecer estranhas beatitudes. Seus pés calçados de seda eram tão belos e suas mãos tão frágeis que toda espécie de impulso subia-me à alma... Tornei-me sua irmã Marguerite... Gostava de me representar a mim mesma submissa à vontade de meus irmãos e totalmente à mercê deles. Sonhava que meu irmão mais velho, Edmond, tinha direito de vida e morte sobre mim. Eu não tinha nunca a permissão de erguer os olhos para seu rosto. Ele mandava açoitá-lo por qualquer pretexto. Quando me dirigia a palavra, eu ficava tão transtornada pelo temor e a tristeza que não achava o que lhe responder e balbuciava sem cessar: "Sim, meu senhor", "Não, meu senhor" e saboreava a estranha delícia de me sentir idiota... Quando o sofrimento que êle me impunha era forte demais, eu murmurava "Obrigada, meu senhor" e ocorria um momento em que, quase desfalecendo de sofrimento, para não gritar eu pousava os lábios na mão dele enquanto, com algum impulso a quebrar-me enfim o coração, eu atingia um desses estados em que se deseja morrer por excesso de felicidade.

Numa idade mais ou menos precoce, a menina sonha que já atingiu a idade do amor; com nove ou dez anos ela se diverte com se arrebicar, encher o corpinho, fantasiar-se de senhora. Não procura entretanto realizar nenhuma experiência erótica com os meninos: se lhe acontece ir com eles aos cantinhos e brincar de "mostrar coisas", é somente por curiosidade sexual. Mas o parceiro dos devaneios eróticos é um adulto: ou puramente imaginário, ou evocado com ponto de partida em indivíduos reais: neste último caso a criança satisfaz-se com amar a distância. Encontrar-se-á nas recordações de Colette Audry (*Aux yeux du souvenir*) um exemplo muito bom desses devaneios infantis: ela nos conta que descobriu o amor com a idade de 5 anos.

Isso não tinha nada a ver com os pequenos prazeres sexuais da infância, a satisfação que sentia, por exemplo, em cavalgar certa cadeira da sala de jantar ou em me acariciar antes de dormir. . . O único traço comum entre o sentimento e o prazer era que os dissimulava a ambos cuidadosamente. . . Meu amor por esse jovem consistia em pensar nele antes de adormecer, imaginando histórias maravilhosas. . . em Privas, amei sucessivamente todos os chefes de gabinete de meu pai. . . Nunca me sentia profundamente agoniada com a saída deles porque constituíam apenas um pretexto para fixar meus devaneios amorosos. . . À noite, deitada, tinha meu revide de demasiada juventude e timidez. Preparava tudo com cuidado, não tinha nenhuma dificuldade em torná-lo presente, mas tratava-se de me transformar de maneira que pudesse ver-me de meu interior, pois ficava sendo ela, deixava de ser eu. Primeiramente era bonita e tinha 18 anos. Uma caixa de doces ajudou-me muito: uma caixa retangular de drágeas comprida e chata e que representava duas moças cercadas de pombas. Eu era a morena penteada de cachos curtos, de vestido comprido de musselina. Uma ausência de dez anos nos separara. Ele voltava muito pouco envelhecido e a visão dessa maravilhosa criatura transtornava-o. Ela mal parecia lembrar-se dele, era cheia de naturalidade, indiferença, espírito. Eu arranjava para esse primeiro encontro conversas realmente brilhantes. Seguiam-se mal-entendidos, toda uma conquista difícil, horas cruéis de desânimo e ciúmes para ele. Acuada enfim, ele confessava seu amor. Ela ouvia-o em silêncio e no momento em que ele acreditava estar tudo perdido, ela lhe comunicava que nunca deixara de amá-lo, e eles se abraçavam ligeiramente. A cena ocorria em geral num banco do parque, à noite. Eu via as duas formas juntas uma da outra, ouvia o murmúrio das vozes, sentia ao mesmo tempo o contato quente dos corpos. Mas daí por diante tudo se diluía... Nunca falei de casamento¹... No dia seguinte pensava um pouco nisso ao lavar-me. Não sei por que, o rosto ensaboado que eu contemplava no espelho me encantava (nos outros momentos não me achava bonita) e me enchia de esperança. Teria olhado durante horas aquelas faces cobertas de nuvens, aquela cabeça um pouco inclinada que parecia esperar-me, ao longe, no caminho do futuro. Mas era preciso apressar-me; uma vez enxugada, tudo estava acabado, reencontrava minha cara banal de criança que não 'me interessava mais.

Jogos e sonhos orientam a menina para a passividade: mas ela é um ser humano antes de se tornar uma mulher; e já sabe que aceitar a si mesma como mulher é demitir-se e mutilar-se; e se a demissão é tentadora, a mutilação é odiosa. O Homem, o Amor encontram-se muito longe ainda nas brumas do futuro; no presente, a menina busca, como seus irmãos, atividade, auto-

(¹) Ao contrário das fantasias masoquistas de M. Le Hardouin, as de Colette Audry são do tipo sádico. Ela deseja que o bem-amado seja ferido, esteja em perigo, salva-o heroicamente, não sem o ter humilhado. E uma nota pessoal, característica de uma mulher que não aceitará nunca a passividade e procurará conquistar sua autonomia de ser humano.

nomia. O fardo da liberdade não é pesado às crianças porque não implica responsabilidade; elas se sentem em segurança junto dos adultos: não têm a tentação de fugir delas próprias. Seu impulso espontâneo para a vida, seu gosto pelo jogo, pelo riso, pela aventura, levam a menina a achar o círculo materno estreito, abafante. Ela gostaria de escapar à autoridade da mãe. É uma autoridade que se exerce de maneira muito mais quotidiana e íntima do que a que precisam aceitar os meninos. Raros são os casos em que ela é tão compreensiva e discreta como a dessa "Sido" que Colette pinta com amor. Sem falar dos casos quase patológicos — são freqüentes¹ — em que a mãe é uma espécie de carrasco, satisfazendo na criança seus instintos de domínio e seu sadismo, em que a filha é o objeto privilegiado em face do qual a mãe pretende afirmar-se como sujeito soberano; essa pretensão leva a criança a revoltar-se. C. Audry descreve essa rebelião de uma menina normal contra uma mãe normal:

Nunca teria sabido dizer a verdade, por inocente que fôsse, porque nunca me sentia inocente diante de mamãe. Ela era a adulta essencial e lhe queria tanto mal, que até agora não me curei. Havia no fundo de mim uma espécie de chaga tumultuosa e feroz que eu tinha certeza de encontrar sempre aberta. . . Não pensava: "Ela é severa demais"; nem; "Ela não tem o direito". Pensava: "não, não, não", com todas as forças. Não lhe censurava a autoridade, nem as ordens ou as proibições arbitrárias; censurava-lhe *querer domar-me*. Às vezes, ela o dizia, quando não, seus olhos, sua voz o diziam. Ou então tinha contado a outras mulheres que as crianças se tornam bem mais maleáveis após um corretivo. Essas palavras paravam-me na garganta, inesquecíveis: não as podia vomitar, nem engolir. Era essa cólera, minha culpabilidade perante ela, e também minha vergonha diante de mim mesma (porque afinal ela não 'me amedrontava, e eu não tinha a meu favor, à guisa de represálias, senão algumas palavras violentas ou algumas insolências) mas também, apesar de tudo, minha glória. Enquanto existisse a chaga, enquanto fosse viva a loucura muda que me levava a repetir somente: domar, maleável, corretivo, humilhação, eu não seria domada.

A revolta é tanto mais violenta quanto mais vezes a mãe perdeu o prestígio. Ela se apresenta como a que espera, suporta, se queixa, chora, faz cenas: e, na realidade quotidiana, esse papel ingrato não conduz a nenhuma apoteose; vítima, ela é desprezada; megera, detestada. Seu destino aparece como protótipo da insôssa *repetição*: por ela a vida apenas se repete estupidamente sem levar a lugar algum. Presa a seu papel de dona

(¹) Cf. V. Leduc, *L'Asphyxie*; S. de Tervagnes, *La Haine maternelle*; H. Bazin, *Vipère au poing*.

de casa, ela detém a expansão da existência, é obstáculo e negação. A filha *não quer* assemelhar-se a ela e rende culto às mulheres que escaparam à servidão feminina: atrizes, escritoras, professoras. Entrega-se com ardor aos esportes, aos estudos, sobe nas árvores, rasga vestidos, tenta rivalizar com os meninos. Quase sempre escolhe uma amiga para confidente e essa amizade é exclusiva como uma paixão amorosa e comporta em geral a partilha de segredos sexuais; as meninas trocam informações que conseguiram obter e as comentam. Ocorre, muitas vezes, a formação de um triângulo, uma das amigas gostando do irmão da amiga: assim Sônia em *Guerra e Paz* é a amiga querida de Natasha e ama o irmão desta, Nicolau. Em todo caso, essa amizade cerca-se de mistério, e de um modo geral a criança, nesse período, gosta de ter segredos: faz segredo da coisa mais insignificante; desse modo reage contra as reservas que opõem à sua curiosidade; é uma maneira também de se dar importância, o que ela procura adquirir por todos os meios: tenta intervir na vida dos adultos, inventa, acerca deles, romances em que ela própria não acredita muito, mas nos quais desempenha um papel importante. Com suas amigas, afeta desprezar os meninos que as desprezam; isolam-se deles e deles caçoam. Mas, na realidade, ela se sente lisonjeada quando eles a tratam em pé de igualdade, e almeja os sufrágios deles. Desejaria pertencer à casta privilegiada. O mesmo impulso, que nas hordas primitivas submete a mulher à supremacia masculina, traduz-se em cada nova iniciada por uma recusa de seu destino: nela, a transcendência condena o absurdo da imanência. Ela se irrita por ser freada pelas regras da decência, embaraçada por suas roupas, escravizada aos cuidados da casa, detida em todos os seus impulsos. A esse respeito fizeram-se numerosos inquéritos que, quase todos¹, deram o mesmo resultado: todos os meninos — como Platão outrora — declaram que teriam horror de ser meninas; quase todas as meninas lamentam não ser meninos. Segundo as estatísticas de Havelock Ellis, um menino em cem desejaria ser menina; mais de 75% das meninas gostariam de trocar de sexo. Segundo um inquérito de Karl Pipal (citado por Baudouin em *L'Âme enfantine*) em 20 meninos de

(¹) Há exceção, por exemplo, em uma escola suíça em que meninos e meninas participando da mesma educação mista, em condições privilegiadas de conforto e de liberdade, se declaram todos satisfeitos: mas tais circunstâncias são excepcionais. Seguramente as meninas *poderiam* ser tão felizes quanto os meninos; mas na sociedade atual não o são em verdade.

12 a 14 anos, 18 disseram que prefeririam tudo a ser meninas; em 22 meninas, 19 gostariam de ser meninos, e davam as seguintes razões para justificá-lo: "Os homens não sofrem como as mulheres... Minha mãe gostaria mais de mim... O trabalho do homem é mais interessante... Um homem tem mais capacidade para o estudo... Eu me divertiria amedrontando as meninas... Não teria mais medo dos meninos... Eles são mais livres... Os jogos dos meninos são mais divertidos... Eles não são embaraçados pelas roupas..." Esta última observação repete-se amiúde: as meninas queixam-se quase todas de que os vestidos as atrapalham, de que não têm liberdade de movimentos, de que são obrigadas a cuidar da saia ou dos vestidos claros que se sujам tão facilmente. Por volta dos 10 ou 12 anos as meninas são em sua maioria "meninos falhados", isto é, crianças que carecem de licença para ser meninos. Não somente sofrem com isso como de uma privação e de uma injustiça, mas ainda o regime a que as condenam é malsão. A exuberância da vida é nelas barrada, seu vigor inutilizado transforma-se em nervosismo; suas ocupações demasiado sensatas não esgotam seu excesso de energia; por tédio e para compensar a inferioridade de que sofrem, entregam-se a devaneios melancólicos e romanescos; tomam gosto por essas evasões fáceis e perdem o sentido da realidade; abandonam-se a suas emoções com uma exaltação desordenada; não podendo agir, falam, entremeando amiúde coisas sérias com palavras absurdas; largadas, "incompreendidas", buscam um consolo nos sentimentos narcisistas: olham-se como heroínas de romance, admiram-se, lamentam-se; é natural que se tornem coquetes e comediantes e esses defeitos se acentuarão no momento da puberdade. Seu mal-estar traduz-se por impaciências, cóleras, lágrimas; gostam das lágrimas — gosto que se perpetua em muitas mulheres — em grande parte porque lhes apraz fazerem-se de vítimas: é a um tempo um protesto contra a dureza do destino e uma maneira de se tornarem comoventes. "As meninas gostam tanto de chorar que conheci algumas que o faziam na frente do espelho para gozar duplamente esse estado", conta Monsenhor Dupanloup. A maioria de seus dramas diz respeito às relações com a família; elas procuram desfazer os laços que as prendem à mãe: ora lhe são hostis, ora sentem uma aguda necessidade da proteção dela; gostariam de açambarcar o amor do pai; são ciumentas, suscetíveis, exigentes. Amiúde inventam romances; imaginam que são uma criança adotada, que os pais não são realmente seus pais; atribuem-lhes uma vida secreta; sonham com as relações

deles; comprazem-se em supor que o pai é incompreendido, infeliz, que não encontra na mulher a companheira ideal que a filha poderia ser; ou, ao contrário, que a mãe o acha, com razão, orosseiro e brutal, que tem horror de manter qualquer relação física com êle. Fantasias, comédias, tragédias pueris, falsos entusiasmos, extravagâncias, cumpre buscar as razões disso tudo, não numa misteriosa alma feminina e sim na situação da criança.

É uma estranha experiência, para um indivíduo que se sente como sujeito, autonomia, transcendência, como um absoluto, descobrir em si, a título de essência dada, a inferioridade: é uma estranha experiência para quem, para si, se arvora em Um, ser revelado a si mesmo como alteridade. É o que acontece à menina quando, fazendo o aprendizado do mundo, nele se percebe mulher. A esfera a que pertence é por todos os lados cercada, limitada, dominada pelo universo masculino: por mais alto que se eleve, por mais longe que se aventure, haverá sempre um teto acima de sua cabeça, muros que lhe barrarão o caminho. Os deuses do homem acham-se em um céu tão longínquo que, em verdade, não há deuses para êle: a menina vive entre deuses de fisionomias humanas.

Essa situação não é única. É também a que conhecem os negros da América do Norte, parcialmente integrados numa civilização que os considera entretanto como casta inferior. O que Big Thomas¹ sente com tamanho rancor na aurora de sua vida, é essa definitiva inferioridade, essa alteridade maldita que se inscreve na cór da pele: êle olha os aviões passar e sabe que por ser negro o céu lhe é vedado. Por ser mulher, a menina sabe que o mar e os pólos, mil aventuras e mil alegrias lhe são proibidas: nasceu do lado errado. A grande diferença está em que os negros suportam revoltados a sua sorte ao passo que a mulher é convidada à cumplicidade. Já lembrei² que, ao lado da autêntica reivindicação do sujeito que quer para si liberdade soberana, há no existente um desejo inautêntico de demissão e de fuga. São as delícias da passividade que pais e educadores, livros e mitos, mulheres e homens, fazem brilhar aos olhos da menina; ensinam-lhe já na primeira infância a apreciá-las; a tentação torna-se dia a dia mais insidiosa; ela cede tanto mais fatalmente quanto o impulso de sua transcendência se choca contra resistências mais severas. Mas, aceitando a passividade, ela

(¹) Cf. R. Wright, *Filho Nativo*.

(²) Cf. vol. I₃ págs. 14-15.

aceita também suportar, sem resistência, um destino que lhe será imposto de fora, e essa fatalidade amedronta-a. Seja ambicioso, parvo ou tímido, é para um futuro aberto que o menino se atira; será marinheiro ou engenheiro, ficará no campo ou irá para a cidade, verá o mundo, tornar-se-á rico; sente-se livre em face de um futuro em que possibilidades imprevisitas o aguardam. A menina será esposa, mãe, avó; tratará da casa, exatamente como fez sua mãe, cuidará dos filhos como foi cuidada: tem 12 anos e sua história já está escrita no céu; ela a descobrirá dia após dia sem nunca a fazer; mostra-se curiosa mas assustada quando evoca essa vida cujas etapas estão todas de antemão previstas e para a qual cada dia a encaminha inelutavelmente.

Eis por que, muito mais ainda que os irmãos, a menina se preocupa com os mistérios sexuais; eles também se interessam apaixonadamente por isso, mas, em seu futuro, o papel de marido, de pai, não é aquilo com que mais se preocupam; no casamento, na maternidade é todo o destino da menina que é posto em xeque; e logo que ela principia a pressentir-lhe os segredos, o próprio corpo apresenta-se a ela odiosamente ameaçado. A magia da maternidade dissipou-se; que tenha sido informada mais ou menos cedo, de maneira mais ou menos coerente, já sabe que o filho não surge por acaso no ventre materno e que não é com um golpe de vara de condão que daí sai. Ela interroga-se com angústia. Muitas vezes parece-lhe maravilhoso mas horrível que um corpo parasita deva proliferar dentro de seu corpo; a idéia dessa monstruosa inchação apavora-a. E como sairá o bebê? Mesmo se ninguém lhe falou dos gritos e sofrimentos da maternidade, ela ouviu palavras e leu o trecho da Bíblia: "Conceberás na dor"; ela presente torturas que não seria capaz de imaginar sequer; inventa estranhas operações na região do umbigo; supõe que o feto será expulso pelo ânus e isso não a tranqüiliza muito mais. Viu-se meninas terem ataques de constipação neurótica quando pensaram haver descoberto o processo do nascimento. Explicações exatas não serão de grande valia: as imagens de inchaço, de ferimento, de hemorragia irão obsidiá-la. A menina será tanto mais sensível a essas visões quanto mais imaginação tiver; mas nenhuma poderá olhá-las de frente sem tremer. Colette conta que a mãe a encontrou desfalecida porque ela, Colette, lera em Zola a descrição de um nascimento.

O autor pintava o parto "com um luxo brusco e cru de pormenores, uma minúcia anatômica, uma complacência na dor, na atitude, no grito que não reconheci mais nada de minha tranqüila competência de moça

do campo. Senti-me crédula, assustada, ameaçada em meu destino de fêmeazinha, . . . Outras palavras que tinha sob os olhos pintavam a carne esquarterada, o excremento, o sangue maculado... O gramado recebeu-me estendida e mole como essas lebrezinhas recém-matadas que o caçador clandestino traz para a cozinha".

As palavras de tranqüilização oferecidas pelos adultos deixam a criança inquieta; ao crescer, ela aprende a não mais acreditar neles sob palavra; muitas vezes foi acerca dos próprios mistérios da geração que ela surpreendeu as mentiras; ela sabe também que eles consideram normais as coisas mais apavorantes; se experimentou algum choque físico violento — amídalas extraídas, dente arrancado, panarício cortado a bisturi — ela projetará no parto a angústia de que guardou a recordação.

O caráter físico da gravidez, do parto, sugere desde logo que entre os esposos "alguma coisa de físico ocorre". A palavra "sangue" que se encontra amiúde em expressões como "filho do meu sangue, puro sangue, sangue mestiço" orienta por vezes a imaginação infantil; supõe-se que o casamento se acompanha de alguma transfusão solene. Mais comumente, porém, a "coisa física" apresenta-se como ligada ao sistema urinário e excremental; em particular, as crianças comprazem-se em supor que o homem urina na mulher. A operação sexual é pensada como coisa *suja*. É o que desnorteia a criança para a qual as coisas "sujas" foram cercadas dos mais severos tabus: como acontece então que os adultos as integrem em suas vidas? A criança defende-se a princípio contra o escândalo pelo próprio absurdo do que descobre: não acha nenhum sentido no que ouve contarem, no que lê, no que escreve; tudo se lhe afigura irreal. No livro encantador de Carson Mac Cullers: *The member of the wedding*, a jovem heroína surpreende dois vizinhos nus na cama; a própria anomalia da história impede que ela lhe atribua importância.

Era um domingo de verão e a porta dos Marlowe estava aberta. Ela só podia ver uma parte do quarto, uma parte da cômoda e unicamente o pé da cama sobre a qual se achava o colete de Mrs. Marlowe. Mas havia no quarto tranqüilo um ruído que ela não compreendia e quando se adiantou para a soleira, foi tomada de espanto ante um espetáculo que desde o primeiro momento a repeliu até a cozinha gritando: Mrs. Marlowe teve um ataque! Berenice precipitara-se no saguão, mas quando olhou para o quarto apenas cerrou os lábios e bateu a porta. . . Frankie tentara questionar Berenice para descobrir de que se tratava. Mas Berenice dissera somente que eram gente ordinária e acrescentara que, por consideração para com certa pessoa, deveriam ao menos ter fechado a porta. Frankie sabia que era ela própria essa pessoa e no entanto não compreendia. Que espécie de ataque seria? indagou. Mas

Berenice respondeu somente: "Um ataque comum, meu bem". E Frankie compreendeu pelo tom da voz que não lhe diziam tudo. Posteriormente, só recordava os Marlowe como gente ordinária. . .

Quando alertam as crianças contra desconhecidos, quando interpretam na frente delas um incidente sexual, falam-lhes de bom grado de doentes, de maníacos, de loucos; é uma explicação cômoda; a menina apalpada por um desconhecido no cinema, a menina diante de quem um passante desabotoa a braguilha, pensa que enfrentou loucos. Sem dúvida o encontro com a loucura é desagradável: um ataque de epilepsia, de histeria, uma disputa violenta põem em relevo a falha de ordem do mundo adulto e a criança que a testemunha sente-se em perigo; mas enfim, assim como há vagabundos, mendigos, enfermos em uma sociedade harmônica, nela se podem encontrar também certos anormais sem que os alicerces dessa sociedade se abalem. É quando os pais, os amigos, os mestres são suspeitados de celebrarem missas negras às escondidas que a criança tem realmente medo.

Quando me falaram pela primeira vez de relações sexuais entre homem e mulher, declarei que eram impossíveis, posto que meus pais as deveram ter tido também e eu os estimava demasiado para acreditá-lo. Eu dizia que era por demais repugnante para que o viesse a fazer um dia. Infelizmente iria ser desiludida pouco depois, ouvindo o que meus pais faziam. . . Esse instante foi pavoroso; escondi o rosto na coberta, tapando os ouvidos, e desejei estar a mil quilômetros dali ¹.

Como passar da idéia de pessoas vestidas e dignas, pessoas que ensinam a decência, a discrição, a razão, à de dois animais nus e que se enfrentam? Há nisso uma contestação dos adultos por si próprios que amiúde lhes abala o pedestal, enche de trevas o céu. Muitas vezes a criança recusa com obstinação a odiosa revelação: "Meus pais não fazem isso", declara. Ou tenta dar a si mesma uma imagem decente do coito: "Quando se quer um filho", dizia uma menina, "a gente vai ao médico, despe-se, põe uma venda nos olhos, porque não se deve olhar; o médico amarra os pais um ao outro e ajuda para que tudo dê certo"; transformar o ato amoroso em uma operação cirúrgica, sem dúvida pouco agradável, mas tão honrosa como uma visita ao dentista. Entretanto, apesar de recusas e fugas, o mal-estar e a dúvida insinuam-se no coração da criança; produz-se um fenômeno tão doloroso quanto o da desmama: não mais porque a criança é separada da carne materna, mas porque, em torno dela, o universo protetor se desmo-

(¹) Citado pelo Dr. Liepmann em *Jeunesse et sexualité*.

rona; ela se reencontra sem teto sobre a cabeça, abandonada, absolutamente só em face de um futuro cheio de trevas. O que aumenta a angústia da menina é o fato de que ela não consegue delimitar exatamente os contornos da maldição equívoca que pesa sobre ela. As informações obtidas são incoerentes, os livros contraditórios. As próprias exposições técnicas não dissipam a sombra espessa; cem perguntas se apresentam: é o ato sexual doloroso? Ou delicioso? Quanto tempo dura? Cinco minutos ou uma noite inteira? Lê-se por vezes que uma mulher ficou grávida com um só amplexo e outras vezes que permaneceu estéril após horas de volúpia. As pessoas "fazem isso" todos os dias? Ou raramente? A criança tenta informar-se lendo a Bíblia, consultando dicionários, interrogando colegas e conduz-se às apalpadelas na obscuridade e na repugnância. A esse respeito é um documento muito interessante o inquérito levado a efeito pelo Dr. Liepmann. Eis algumas das respostas que lhe foram dadas por moças acerca da iniciação sexual:

Continuei a perambular com minhas idéias nebulosas e absurdas. Ninguém ventilava o assunto, nem minha mãe, nem minha professora: nenhum livro tratava da questão a fundo. Pouco a pouco tecia-se uma espécie de mistério e horror em torno do ato que se me afigurava a princípio tão natural. As meninas mais velhas, de doze anos, valiam-se de brincadeiras grosseiras para criar como que uma ponte entre elas e nossas companheiras de classe. Tudo isso era ainda tão vago e tão repugnante que discutíamos acerca de onde se formavam as crianças e se a coisa só acontecia uma vez para o homem, porquanto o casamento era a causa de tal confusão. Minhas regras, que apareceram quando tive quinze anos, foram para mim uma nova surpresa. Achava-me, por minha vez, como que arrastada até certo ponto na dança. . .

. . . Iniciação sexual! Era uma expressão a que não se devia aludir em casa de meus pais!... Procurava nos livros mas atormentava-me e me enervava a procurar sem saber onde encontrar o caminho que devia seguir... Frequentava uma escola de meninos: para o professor a coisa parecia não existir. . . A obra de Horlam, *Garçonnet et fillette*, trouxe enfim a verdade. Meu estado de críspação, de superexcitação insuportável dissipou-se, embora eu fosse então muito infeliz e me tivesse sido necessário muito tempo para reconhecer e compreender que somente o erotismo e a sexualidade constituíam o verdadeiro amor.

Etapas de minha iniciação: 1º) Primeiras perguntas e algumas noções vagas (nada satisfatórias). De 3 1/2 anos até 11... Nenhuma resposta às perguntas que eu fiz nos anos seguintes. Quando tive 7 anos eis que vi, ao dar de comer a uma coelha, filhotes se arrastarem por baixo dela... Minha mãe disse-me que entre os animais, e também entre os homens, os filhos crescem no ventre da mãe e saíam pelos flancos. Esse nascimento a partir do flanco pareceu-me absurdo... Uma ama-sêca contou-me muitas coisas acerca da gravidez, da gestação,

da menstruação... Finalmente a última pergunta que fiz a meu pai sobre sua função real foi-me respondida com histórias obscuras de pólen e pistilo. 2º) Algumas tentativas de iniciação pessoal (11 a 13 anos). Descobri uma enciclopédia e uma obra de medicina... Não passou de uma informação teórica constituída de gigantescas palavras estranhas. 3º) Controle dos conhecimentos adquiridos (13 a 20 anos): a) na vida quotidiana; b) nos trabalhos científicos.

Quando eu tinha 8 anos brincava amiúde com um menino de minha idade. De uma feita tratamos do assunto. Eu já sabia, porque minha mãe mo dissera, que uma mulher tem muitos ovos no corpo... e que um filho nascia de um desses ovos todas as vezes que a mãe sentia um agudo desejo de tê-lo... Tendo dado a mesma explicação a meu colega, dele recebi esta resposta; "Você é completamente estúpida! Quando nosso açougueiro e a mulher querem ter um filho eles se enfiam na cama e fazem porcarias". Fiquei indignada... Tínhamos então (por volta de 12 1/2 anos) uma criada que nos contava toda espécie de histórias sujas. Eu não dizia uma palavra sequer a mamãe porque tinha vergonha; mas perguntava-lhe se se pegava um filho sentando nos joelhos de um homem. Ela explicou-me tudo como pôde.

Por onde saíam as crianças, aprendi-o na escola e tive a sensação de que era uma coisa horrível. Mas como vinham ao mundo? Tínhamos da coisa uma idéia até certo ponto monstruosa, principalmente depois que, indo para a escola, certa manhã de inverno, em plena obscuridade, tínhamos juntas encontrado um sujeito que nos mostrara suas partes sexuais e nos dissera, aproximando-se de nós: "Não lhes parece gostoso de mastigar?" Nossa repugnância fora inconcebível e ficamos literalmente revoltadas. Até aos 21 anos eu imaginava que a vinda ao mundo, das crianças, se efetuava pelo umbigo.

Uma menina chamou-me de lado e perguntou: "Sabe de onde saem as crianças?" Finalmente resolveu declarar: "Puxa! Como você é boba! As crianças saem da barriga das mães e para que nasçam é preciso que as mulheres façam com os homens uma coisa imunda!" Depois do que explicou-me mais minuciosamente a porcaria. Mas eu estava toda transtornada, recusando-me absolutamente a considerar possível que ocorressem coisas semelhantes. Dormíamos no mesmo quarto que nossos pais... Numa das noites que se seguiram, ouvi acontecer o que não considerara possível e tive vergonha, sim, vergonha de meus pais. Tudo isso fêz de mim como que um outro ser. Senti horríveis sofrimentos morais. Considerava-me uma criatura profundamente depravada por estar a par dessas coisas.

É preciso dizer que mesmo uma informação coerente não resolveria o problema; apesar de toda a boa vontade dos pais e dos professores, não se poderia pôr em palavras e conceitos a experiência erótica; esta só se compreende vivendo-a; qualquer análise, por mais séria que fosse, teria um aspecto humorístico e deixaria de desvendar a verdade. Partindo dos poéticos amores das flores, das núpcias dos peixes, passando pelos pintainhos, o

gato, o cabrito, e chegando até a espécie humana, pode-se teoricamente esclarecer o mistério da geração: o da volúpia e do amor carnal permanece total. Como se explicaria a uma criança de sangue calmo o prazer de uma carícia ou de um beijo? Em família dão-se e recebem-se beijos, às vezes até nos lábios: por que em certos casos esse encontro de mucosas provoca vertigens? Não se descrevem cores a um cego. Enquanto falta a intuição da turvação, e do desejo que dá à função erótica seu sentido e unidade, os diferentes elementos que a constituem parecem chocantes e monstruosos. A menina revolta-se particularmente quando compreende que é virgem e selada e que, para transformá-la em mulher, será necessário que um sexo de homem a penetre. Sendo o exibicionismo uma perversão assaz comum, muitas meninas viram pênis em estado de ereção. Em todo caso observaram sexos de animais e é lamentável que tantas vezes o do cavalo lhes atraia o olhar; concebe-se que se sintam apavoradas. Medo do parto, medo do sexo masculino, medo dos "ataques" que podem ter os casados, repugnância por certas práticas sujas, irrisão em relação a gestos desprovidos de qualquer significação, tudo isso leva amiúde a menina a declarar: "Não casarei nunca"¹. É a defesa mais segura contra a dor, a loucura, a obscenidade. Em vão tentam explicar-lhe que, chegando o dia, nem a defloração nem o parto lhe parecerão tão terríveis, que milhões de mulheres a isso se resignaram e nem por isso vão passando menos bem. Quando a criança tem medo de um acontecimento exterior, libertam-na, mas predizendo-lhe que mais tarde o aceitará naturalmente: é sua própria pessoa que ela teme então encontrar alienada, perdida no fundo do futuro. As metamorfoses da lagarta que se transforma em crisálida e borboleta põem certo mal-estar no coração: será a mesma lagarta após tão longo sono? Reconhece-se ela sob as

(¹) "Cheia de repugnância supliquei a Deus que me outorgasse uma vocação religiosa que me permitisse não obedecer às leis da maternidade. E depois de ter longamente pensado nos mistérios repugnantes que sem querer escondia a mim mesma, fortalecida por tanta repulsa como por um sinal divino, concluí: a castidade é certamente minha vocação", escreve Yassu Gaucière em *L'Orange Bleue*. Entre outras, a idéia de perfuração horrorizava-a. "Era isso então o que tornava terrível a noite de núpcias! Essa descoberta transtornou-me, acrescentando a repugnância que já sentia anteriormente o terror físico dessa operação que eu imaginava extremamente dolorosa. Meu terror houvera ainda aumentado se tivesse suposto que pela mesma via ocorria o nascimento, mas tendo sabido de há muito que os filhos nasciam no ventre da mãe, eu acreditava que dele se destacavam por segmentação."

asas brilhantes? Conheci meninas para as quais o espetáculo de uma crisálida mergulhava em um devaneio assustado.

E, no entanto, a metamorfose ocorre. A menina não lhe percebe o sentido, mas percebe que em suas relações com o mundo e com o próprio corpo alguma coisa vai mudando sutilmente: é sensível a contatos, gostos, odores que antes a deixavam indifferente; imagens barrocas sobem-lhe à cabeça; nos espelhos ela mal se reconhece; sente-se "estranha", as coisas parecem-lhe "estranhas"; assim acontece com a pequena Emily que Richard Hughes descreve em *Um Ciclone na Jamaica*:

Para refrescar-se, Emily sentara-se na água até o ventre e centenas de peixinhos titilavam-lhe cada polegada do corpo com suas bocas curiosas: era como se fossem beijos leves e sem sentido. Nos últimos tempos, ela pusera-se a detestar que a tocassem, mas aquilo era abominável. Não o pôde mais suportar: saiu da água e tornou a vestir-se.

Até a harmoniosa Tessa de Margaret Kennedy conhece essa estranha perturbação:

Subitamente, sentiu-se profundamente infeliz. Seus olhos contemplaram fixamente a obscuridade do saguão cortado em dois pelo luar que entrava como uma vaga pela porta aberta. Não pôde agüentar. Ergueu-se de um salto com um gritinho exagerado: "Oh! exclamou, como detesto o mundo inteiro!" Correu então a esconder-se na montanha, assustada e furiosa, atormentada por um triste pressentimento que parecia encher a casa sossegada. Aos tropeços pelo atalho, recomeçou a murmurar para si mesma: "Quisera morrer, quisera estar morta".

Sabia que não pensava o que dizia, não tinha a menor vontade de morrer. Mas a violência das palavras parecia satisfazê-la. . .

No livro já citado de Carson Mac Cullers esse momento inquietante é longamente descrito.

Era no verão em que Frankie se sentia enjoada e cansada de ser Frankie. Odiava-se, tornara-se uma vagabunda, uma inútil que rodava pela cozinha: suja e esfomeada, 'miserável e triste. Demais, era uma criminosa. . . Aquela primavera fora uma estação estranha, que não acabava. As coisas puseram-se a mudar e Frankie não compreendia a mudança. . . Havia algo nas árvores verdejantes e nas flores de abril que a entristecia. Não sabia por que estava triste, mas por causa dessa tristeza singular pensou que deveria ter saído da cidade. . . Deveria ter saído da cidade e ido para longe. Pois naquele ano a primavera fora displicente e açucarada. As longas tardes passavam devagar e a doçura verde da estação dava-lhe nojo. . . Cedo pela manhã ia, às vezes, ao pátio e ficava um bom momento a olhar a alvorada; e era como uma pergunta que lhe surgia no coração e a que o céu não respondia. Coisas que antes nunca notara começaram a impressioná-la:

as luzes das casas que percebia à noite quando passeava, uma voz desconhecida saindo de um beco. Olhava as luzes, ouvia as vozes e algo dentro dela retesava-se à espera. Mas as luzes apagavam-se, a voz calava e, apesar de sua espera, era tudo. Tinha medo dessas coisas que a levavam a perguntar-se repentinamente quem era, que iria tornar-se no mundo, e por que se achava ali a ver uma luz, a escutar e a fixar o céu: sozinha. Tinha medo e o peito oprimia-se estranhamente.

... Passeava na cidade e as coisas que via e ouvia pareciam-lhe inacabadas e havia nela aquela angústia. Apressava-se em fazer alguma coisa: mas não era nunca o que devera ter feito... Após os longos crepúsculos da estação, depois de ter perambulado pela cidade toda, seus nervos vibravam como uma melodia melancólica de *jazz*, seu coração endurecia-se e parecia parar.

O que ocorre nesse período perturbado é que o corpo infantil se torna corpo de mulher, faz-se carne. Salvo em casos de deficiência glandular, em que o paciente permanece fixado em seu estágio infantil, a crise da puberdade inicia-se por volta dos 12 ou 13 anos ¹. Tal crise principia muito antes para a menina do que para o menino e provoca mudanças muito mais importantes. A menina enfrenta-a com inquietação, com desprazer. No momento em que se desenvolvem os seios e o sistema piloso, nasce um sentimento que por vezes se transforma em orgulho mas que é originalmente de vergonha; subitamente a criança enche-se de pudor, recusa-se a mostrar-se nua, mesmo às irmãs ou à mãe, examina-se com um espanto misto de horror e é com angústia que espia a turgidez do caroço duro, um pouco doloroso que surge sob as mamas antes tão inofensivas quanto o umbigo. Ela inquieta-se por sentir em si um ponto vulnerável: sem dúvida a machucadura é pequena ao lado de uma queimadura ou de uma dor de dentes, mas, acidentes ou doenças, as dores são sempre anomalias, ao passo que o jovem seio é habitado normalmente por não se sabe que surdo rancor. Alguma coisa está ocorrendo, que não é doença, que está implicada na própria lei da existência e que no entanto é luta, dilaceração. Por certo, do nascimento à puberdade a menina cresceu, mas nunca se sentiu crescer: dia após dia, seu corpo lhe foi apresentado como uma coisa exata, acabada; e eis que agora ela "se forma": a própria palavra a horroriza; os fenômenos vitais só são tranquilizadores quando encontram um equilíbrio e assumem o aspecto imoto de uma flor fresca, de um animal lustroso; mas na germinação de seu seio a

(¹) Descrevemos no vol. I, cap. I, os processos propriamente fisiológicos dessa crise.

menina experimenta a ambigüidade da palavra: vivo. Ela não é ouro nem diamante e sim uma estranha matéria, móvel, incerta, no fundo da qual impuras alquimias se elaboram. Está habituada a uma cabeleira que se desenrola com a tranqüilidade de uma meada de seda, mas essa nova vegetação sob as axilas e no baixo ventre metamorfoseia-a em bicho ou em alga. Estando mais ou menos informada, ela pressente nessas mudanças uma finalidade que a arranca a si própria; ei-la jogada em um ciclo vital que transborda o momento de sua própria existência; ela adivinha uma dependência que a destina ao homem, ao filho, ao túmulo. Em si mesmos os seios apresentam-se como uma proliferação inútil, indiscreta. Braços, pernas, pele, músculos, até as nádegas redondas sobre as quais se senta, tudo tinha até então um emprego claro; somente o sexo, definido como órgão urinário, era um tanto equívoco, mas secreto, invisível a outrem. Por baixo do suéter, da blusa, os seios se exibem e esse corpo, que a menina confundia com seu eu, aparece-lhe como carne; é um objeto que os outros olham e vêem. "Durante dois anos usei capas para esconder o peito, a tal ponto tinha vergonha dele", disse-me uma mulher. E outra contou-me: "Lembro-me ainda do estranho desnorreamento que senti quando uma amiga de minha idade, porém mais precocemente formada, ao apanhar uma bola deixou-me entrever, pela abertura do corpinho, dois seios já pesados: através desse corpo tão próximo do meu e pelo qual o meu iria moldar-se, era de mim mesma que corava". — "Com treze anos passeava de pernas nuas e vestido curto", disse-me uma outra mulher; "um homem fez, zombando, uma reflexão acerca de minhas pernas grossas. No dia seguinte minha mãe obrigou-me a pôr meias e a alongar a saia; mas não esquecerei nunca o choque recebido subitamente ao *me ver vista*". A menina sente que o corpo lhe escapa, não é mais a expressão clara de sua individualidade; torna-se-lhe estranho; e, no mesmo momento, ela é encarada por outrem como uma coisa: na rua, acompanham-na com o olhar, comentam-lhe a anatomia; ela gostaria de ficar invisível; tem medo de tornar-se carne e medo de mostrar essa carne.

Essa repugnância traduz-se em muitas moças pela vontade de emagrecer: não querem mais comer; se as obrigam a isso, vomitam; controlam sem cessar o peso. Outras tornam-se doentiamente tímidas; entrar num salão e mesmo sair à rua é um suplício. A partir daí, desenvolvem-se por vezes psicoses. Um exemplo típico é o da doente que Janet descreve, sob o nome de Nádia, em *Les obsessions et la psychasthénie*:

Nádia era uma moça de família rica e notavelmente inteligente; elegante, artista, era principalmente excelente musicista; 'mas desde a infância mostrou-se voluntariosa e irritável: "Fazia muita questão de ser amada e queria um amor louco de todo mundo, dos pais, das irmãs, dos criados: mas logo que conquistava alguma afeição era tão exigente, tão dominadora que não demorava em afastar as pessoas; horivelmente suscetível, as zombarias dos primos, que desejavam modificar-lhe o gênio, infundiram-lhe um sentimento de vergonha que se localizou no corpo". Por outro lado, sua necessidade de ser amada inspirava-lhe o desejo de permanecer criança, de ser sempre uma menina que se acarinha e pode reclamar tudo; inspirava-lhe, em suma, terror a idéia de crescer. . . A chegada precoce da puberdade agravou singularmente as coisas, misturando ao seu temor de crescer receios de pudor: como os homens gostam de mulheres gordas, quero ficar eternamente magra. O medo dos pêlos do púbis, do desenvolvimento do seio, acrescentou-se aos temores precedentes. Desde a idade de 11 anos, como usava saias curtas, parecia-lhe que todos a olhavam; deram-lhe saias compridas e ela teve vergonha dos pés, das ancas etc. O aparecimento das regras deixou-a meio louca; quando os pêlos do púbis começaram a crescer "ela ficou convencida de que era a única pessoa no mundo com tal monstruosidade e até a idade de 20 anos esforçou-se por se depilar a fim de "fazer desaparecer esse adorno de selvagem". O desenvolvimento do seio agravou essas obsessões porque sempre tivera horror à obesidade; não a detestava nos outros mas considerava que nela teria sido uma tara. "Não faço questão de ser bonita, mas teria *vergonha* demais se me tornasse balofa, teria horror; se por infelicidade engordasse, não ousaria mais mostrar-me a ninguém." Pôs-se então em busca de todos os meios de não crescer, tomava precauções, amarrava-se a juramentos: recomeçar cinco ou seis vezes a mesma oração, pular cinco vezes sobre um pé. "Se errar quatro vezes a mesma nota no piano, consinto em crescer e não ser mais amada por ninguém." Acabou resolvendo não comer mais. "Não queria nem engordar nem crescer, nem me assemelhar a uma mulher porque teria gostado de continuar menina para sempre." Promete solenemente não mais aceitar qualquer alimento; cedendo às súplicas da mãe, quebra a promessa mas passa então horas de joelhos a escrever juramentos e a rasgá-los. Quando perdeu a mãe, aos 18 anos, impôs a si mesma o regime seguinte: dois pratos de caldo magro, uma gema de ovo, uma colher de vinagre, uma xícara de chá com suco de um limão inteiro. Era tudo o que comia durante o dia todo. Morria de fome. "As vezes passava horas inteiras a pensar em comida, a tal ponto tinha fome: engolia a saliva, mastigava o lenço, rolava no chão, tal minha vontade de comer." Mas resistia às tentações. Embora fosse bonita, afirmava que tinha o rosto balofo e cheio de espinhas; se o médico lhe dizia não perceber nada, ela retorquia que êle não entendia disso, que não sabia descobrir as espinhas que se encontram entre a pele e a carne". Acabou separando-se da família e fechando-se em um pequeno apartamento onde só via a enfermeira e o médico; não saía nunca; só dificilmente aceitava a visita do pai, o qual provocou de uma feita grave recaída, dizendo-lhe que ela estava com boa aparência; ela temia ter um rosto gordo, uma tez brilhante, bons músculos. "Vivia quase sempre na escuridão a tal ponto lhe era intolerável ser vista ou simplesmente *visível*.

Muitas vezes a atitude dos pais contribui para incuicar na menina a vergonha de sua aparência física. Uma mulher confessa ¹:

Sofria de um sentimento de inferioridade física alimentado por críticas incessantes em casa... Minha mãe, em sua vaidade exagerada, queria sempre ver-me com a melhor aparência e tinha sempre uma porção de pormenores a dizer à costureira a fim de dissimular 'meus defeitos: ombros caídos, ancas avantajadas, traseiro chato, seios fortes demais etc. Tendo tido durante anos o pescoço inchado, não me era permitido mostrá-lo... Eu me envergonhava principalmente de meus pés que, no momento de minha puberdade, eram muito feios; e caçoavam de mim por causa de minha maneira de andar... Havia certamente alguma verdade nisso tudo, mas tinham-me tornado tão infeliz, principalmente como *backfisch*, e eu me sentia às vezes tão intimidada que não sabia absolutamente mais como me conduzir; se encontrava alguém, minha primeira idéia era sempre "se pudesse esconder meus pés!"

Essa vergonha leva a menina a agir com embaraço, a corar a todo instante; esses rubores aumentam-lhe a timidez e tornam-se eles próprios objeto de uma fobia. Stekel conta, entre outros casos ², o de uma mulher que "quando moça, corava de maneira tão doentia e violenta que, durante um ano, usou ataduras em volta do rosto alegando dores de dentes".

Por vezes, no período que se pode chamar da pré-puberdade e que precede o aparecimento das regras, a menina não sente ainda repugnância pelo corpo; orgulha-se de se tornar mulher, espia com satisfação o amadurecimento do seio, enche o corpinho com lenços e vangloria-se junto das companheiras mais velhas; não apreende ainda a significação dos fenômenos que se produzem nela. Sua primeira menstruação revela-lhe essa significação e os sentimentos de vergonha aparecem. Se já existiam, confirmam-se e ampliam-se a partir desse momento. Todos os testemunhos são concordes: a criança tenha ou não sido avisada, a ocorrência apresenta-se sempre a ela como repugnante e humilhante. É muito frequente que a mãe tenha negligenciado de preveni-la: verificou-se ³ que as mães revelam mais facilmente às filhas os mistérios da gravidez, do parto e até das relações sexuais que o da menstruação; é que elas próprias têm horror a essa servidão feminina, horror que

(¹) Stekel, *A Mulher Fria*.

(²) Stekel, *A Mulher Fria*.

(³) Cf. os trabalhos de Daly e Chadwick, citados por H. Deutsch em *Psychology of Women*.

reflete os antigos terrores místicos dos homens e que elas transmitem a sua descendência. Quando encontra manchas suspeitas em suas roupas de baixo, a menina imagina-se vítima de uma diarreia, de uma hemorragia mortal, de uma doença vergonhosa. Segundo um inquérito apresentado em 1896 por Havelock Ellis, em 125 alunas de uma *high school* norte-americana, 36, no momento de suas primeiras regras, nada sabiam a respeito, 39 tinham vagas noções. Isso significa que mais da metade dessas alunas viviam na ignorância. Segundo Helen Deutsch, as coisas em 1946 não se teriam modificado muito. H. Ellis cita o caso de uma jovem que se atirou no Sena em Saint-Ouen porque imaginava ter contraído "uma doença desconhecida". Stekel em "cartas a uma mãe" conta também a história de uma menina que tentou suicidar-se, vendo no fluxo menstrual o sinal e o castigo das impurezas que lhe maculavam a alma. É natural que a moça tenha medo: parece-lhe que é sua vida que lhe foge. Segundo Klein, e a escola psicanalítica inglesa, o sangue seria para ela como que a manifestação de um ferimento nos órgãos internos. Ainda que advertências prudentes lhe poupem angústias demasiado agudas, ela tem vergonha e sente-se suja: precipita-se no banheiro, trata de lavar ou esconder suas roupas maculadas. Encontra-se um relato típico dessa experiência no livro de Colette Audry, *Aux yeux du souvenir*:

No meio dessa exaltação, eis o drama brutal definido. Uma noite, ao despir-me, acreditei estar doente; não tive medo e evitei contá-lo, na esperança de que passaria até o dia seguinte... Quatro semanas depois a coisa recomeçou, com maior violência. Fui bem devagar jogar minha calça na cesta de roupa suja atrás da porta do banheiro. Fazia tanto calor que o ladrilho vermelho do corredor estava morno a meus pés descalços. Gomo me enfiasse na cama ao voltar, mamãe abriu a porta do meu quarto: vinha explicar-me a coisa. Sou incapaz de lembrar-me do efeito que suas palavras produziram então em mim, mas enquanto ela cochichava Kaki mostrou subitamente a cabeça. A vista daquela cara redonda e curiosa exasperou-me. Gritei-lhe que se fosse e ela saiu. Supliquei a mamãe que a batesse porque ela não pedira para entrar... A calma de minha mãe, sua fisionomia precitada e docemente feliz acabaram de me fazer perder a cabeça. Quando ela saiu afundei numa noite selvagem.

Duas recordações ocorreram-me de repente: meses antes, como voltássemos do passeio com Kaki, mamãe e eu encontramos o* velho medico de Privas, atarracado como um lenhador e com uma grande barba branca. "Está crescendo, sua filha, minha senhora", disse examinando-me; eu o detestara de imediato sem nada compreender. Pouco tempo depois, de volta de Paris, mamãe arranjara numa cômoda um pacote de toalhinhas novas. "Que é isso?" indagara Kaki. Mamãe tomara aquele ar natural dos adultos quando nos revelam uma parte

da verdade e guardam as outras: "É para Colette muito brevemente". Muda, incapaz de fazer uma pergunta, detestara minha mãe.

Durante toda essa noite virei e revirei na cama. Não era possível. Ia acordar. Mamãe se enganara, aquilo passaria e não voltaria mais... No dia seguinte, secretamente mudada e maculada, foi preciso enfrentar os outros. Olhei com ódio para minha irmã porque ela não sabia ainda, porque ela se achava dotada repentinamente e sem o saber de uma esmagadora superioridade em relação a mim. Depois, pus-me a odiar os homens que nunca experimentaram isso, e que sabiam. Para acabar detestei também as mulheres que tão tranqüilamente se conformavam. Tinha certeza de que se tivessem sido avisadas do que me acontecia todas se teriam regozijado: "Bem, é tua vez", teriam pensado. Essa também, dizia a mim mesma, quando via uma. E a outra. O mundo me pegara na curva. Andava desajeitadamente e não ousava correr. A terra, as verduras quentes de sol, os alimentos pareciam-me desprender um odor suspeito... A crise passou e eu voltei a esperar contra o bom senso que não se reproduziria mais. Um mês depois tive que aceitar a evidência e admitir a desgraça definitivamente, mergulhada em um pesado estupor dessa vez. Haveria desde então um "antes" em minha memória. Todo o resto de minha existência não seria senão um "depois".

As coisas passam-se de maneira análoga com a maioria das meninas. Muitas dentre elas têm horror a confiar o segredo aos que a cercam. Uma amiga contou-me que, vivendo sem mãe, entre o pai e uma preceptora, passou três meses com medo e vergonha, escondendo sua roupa maculada, antes que descobrissem que estava menstruada. Mesmo as camponesas, que poderíamos acreditar experimentadas pelo conhecimento que têm dos mais rudes aspectos da vida animal, sentem com horror essa maldição pelo fato de nos campos ter ainda a menstruação um caráter tabu: conheci uma jovem sitiante que durante todo um inverno lavou suas roupas às escondidas no regato gelado, vestindo a camisa molhada para dissimular o inconfessável segredo. Poderia citar cem casos análogos. Mesmo a confissão dessa desgraça espantosa não é uma libertação. Sem dúvida, a mãe que esbofeteou a filha, dizendo: "Idiota, és criança demais", é uma exceção. Porém muitas mães demonstram mau humor; a maioria não dá à criança esclarecimentos suficientes e esta continua cheia de ansiedade ante o novo estado que a menstruação inaugura. Ela se pergunta se o futuro não lhe reserva dolorosas surpresas; ou imagina que a partir de então pode tornar-se grávida pela simples presença ou contato de um homem, e sente em relação aos machos verdadeiro terror. Ainda que lhe poupem tal angústia mediante explicações inteligentes, não a tranqüilizam tão facilmente. Antes a menina podia, com alguma má-fé, acreditar-se ainda um ser assexuado, podia não

se pensar; acontecia-lhe até sonhar que despertaria certa manhã transformada em homem; agora, as mães e as tias cochicham com ares lisonjeados: "é uma moça agora"; a confraria das matronas ganhou: ela pertence-lhes. Ei-la catalogada sem apelo do lado das mulheres. Acontece que se orgulbe disso; pensa que se tornou uma adulta e que se vai produzir uma reviravolta em sua existência. Thyde Monnier, por exemplo, conta em *Moi*:

Muitas de nós tinham-se tornado "grandes" durante as férias; outras o ficavam no liceu e então uma após outra íamos "ver o sangue" nas privadas do pátio, onde elas se pavoneavam como rainhas recebendo seus súditos.

Mas a menina logo se desilude, pois percebe que não adquiriu nenhum privilégio e a vida continua. A única novidade é o acontecimento sujo que ocorre todos os meses; há crianças que choram durante horas quando vêm a saber que estão condenadas a um tal destino; o que agrava ainda mais sua revolta é o fato de ser essa tara vergonhosa conhecida dos próprios homens; desejariam pelo menos que a humilhante condição feminina permanesse velada de mistério para eles. Mas não, pais, irmãos, primos sabem-no e chegam até a zombar. É então que nasce ou se exaspera na menina a repugnância por seu corpo demasiado carnal. E passada a primeira surpresa, o aborrecimento mensal não se dissipa contudo: cada vez a moça sente o mesmo nojo ante o odor insosso e umidamente abafado que sobe de si própria — cheiro de pântano, de violetas murchas — ante esse sangue menos vermelho, mais suspeito do que o que flui de suas machucaduras infantis. Dia e noite terá de pensar em mudar de roupa, cuidar de seus lençóis, resolver mil pequenos problemas práticos e repugnantes; nas famílias econômicas, as toalhas higiênicas são lavadas mensalmente e voltam a seu lugar entre pilhas de lenços; será preciso portanto entregar às mãos das lavadeiras, criadas, mãe, irmã mais velha, essas dejeções saídas de si. As espécies de curativos que vendem os farmacêuticos em caixa com nomes de flores: "Camélia", "Edelweis", são deitadas fora após o uso; mas em viagem, em vilegiatura, em excursão não é tão cômodo assim desembaraçar-se disso por ser expressamente proibido jogá-la na bacia da privada. A pequena heroína do *Journal Psychanalytique*¹ descreve seu horror pela toalha higiênica, mesmo diante da irmã só consente em despir-se no escuro, no momento das regras. O obje-

(¹) Traduzido por Clara Malraux.

to incômodo, embaraçoso, pode destacar-se durante um exercício violento; é maior humilhação do que perder as calças na rua: essa perspectiva atroz engendra, por vezes, manias psicastênicas. Por uma espécie de maldade da natureza, os incômodos, as dores só começam muitas vezes depois da hemorragia que a princípio pode passar despercebida. As jovens são muitas vezes mal regradas: arriscam-se a ser surpreendidas durante um passeio, na rua, em casa de amigos; arriscam-se — como Mme de Chevreuse¹ — a sujar as roupas, o assento. Há quem, ante essa possibilidade, viva numa constante angústia. Quanto mais a moça sente repulsa por essa tara feminina, mais é obrigada a pensar nela com cuidado para não se expor à horrível humilhação de um acidente ou de uma confidência.

Eis a série de respostas que obtive a propósito o Dr. Liepmann² durante um inquérito acerca da sexualidade juvenil:

Aos dezesseis anos, quando me senti indisposta pela primeira vez, fiquei muito assustada ao verificá-lo certa manhã. Em verdade sabia que isso deveria acontecer; mas tive tal vergonha que permaneci deitada durante metade do dia e a todas as perguntas respondia unicamente: não posso levantar-me.

Fiquei muda de espanto quando, não tendo ainda doze anos, me senti indisposta pela primeira vez. Apavorei-me, e como minha mãe se contentou com me dizer num tom seco que se tinha isso todos os meses, considerei-o uma porcaria e recusei-me a admitir que o mesmo não acontecesse com os homens.

Essa aventura levou minha mãe a fazer minha iniciação, sem esquecer ao mesmo tempo a menstruação. Tive então meu segundo desaponto porque logo que fiquei indisposta precipitei-me louca de alegria ao encontro de minha mãe que ainda dormia e a acordei gritante: "Mamãe, já tenho!" — "E é para isso que me acordas?" limitou-se ela a responder. Apesar de tudo considerei a coisa como um verdadeiro terremoto em minha existência.

Por isso senti o pavor mais intenso quando fiquei indisposta pela primeira vez ao constatar que a hemorragia não parava ao fim de alguns minutos. Ainda assim não disse palavra a ninguém, nem a minha mãe. Acabava de fazer exatamente 15 anos. Demais, sofri muito pouco. Uma só vez fui presa de dores tão tremendas que desfaleci e permaneci cerca de três horas estendida no soalho de meu quarto. Mas não disse nada disso tampouco.

(¹) Fantasiada de homem durante a Fronda, Mme de Chevreuse, após uma longa jornada a cavalo, viu-se desmascarada por causa das manchas de sangue na sela.

(²) Cf. Dr. Liepmann, *Jeunesse et sexualité*.

Quando pela primeira vez essa indisposição se produziu em mim, tinha mais ou menos 13 anos. Já tínhamos falado disso, minhas colegas de classe e eu, e senti-me muito orgulhosa por me ter tornado uma das grandes, eu também. Cheia de importância, expliquei à professora de ginástica que nesse dia me era impossível participar dos exercícios porque estava indisposta.

Não foi minha mãe quem me iniciou. Esta só teve suas regras com dezenove anos e de medo de ser ralhada por ter sujado a roupa, enterrou-a num campo.

Atingi a idade de 18 anos e tive pela primeira vez minhas regras¹. Estava desprovida de qualquer iniciação... À noite, tive hemorragias violentas acompanhadas de fortes cólicas e não pude descansar um só momento. Logo pela manhã, corri a minha mãe com o coração batendo e sem parar de soluçar pedi-lhe conselho. Mas só obtive esta severa repressão: "Bem que poderias ter percebido antes, para não sujar assim os lençóis e a cama". Foi tudo, à guisa de explicações. Naturalmente quebrei a cabeça para saber que crime poderia ter cometido e experimentei terrível angústia.

Já sabia de que se tratava. Esperava a coisa com impaciência porque esperava que minha mãe revelaria então a maneira pela qual se fabricavam crianças. O famigerado dia chegou: mas minha mãe guardou silêncio. Ainda assim eu me sentia muito alegre: "Agora, dizia a mim mesma, podes também fazer filhos, és mulher".

Essa crise ocorre numa idade ainda tenra; o menino só atinge a adolescência por volta de 15 ou 16 anos; é de 13 a 14 que a menina se transforma em mulher. Mas não é daí que vem a diferença essencial de sua experiência; ela não reside tampouco nas manifestações fisiológicas que, no caso da moça, lhe dão sua horrível aparência: a puberdade assume nos dois sexos uma significação radicalmente diferente porque não é um mesmo futuro que lhes anuncia.

Sem dúvida, os meninos também sentem, no momento da puberdade, seu corpo como uma presença embaraçosa, mas ufanos desde a infância de sua virilidade é para ela que orgulhosamente transcendem no momento da transformação; mostram-se envaidecidos com o pêlo que lhes cresce nas pernas e os torna homens. Mais do que nunca, o sexo é então objeto de comparação e desafio. Tornar-se adulto é uma metamorfose que os intimida: muitos adolescentes sentem-se angustiados quando se anuncia uma liberdade exigente; mas é com alegria que alcançam

(¹) Trata-se de uma jovem pertencente a uma família berlinense miserável.

a dignidade de machos. Ao contrário, para transformar-se em adulto, é preciso que a menina se confine nos limites impostos por sua feminilidade. O menino admira em seus novos pêlos promessas indefinidas: ela fica confundida diante do "drama brutal e definido" que detém seu destino. Assim como o pênis tira do contexto social seu valor privilegiado, é o contexto social que faz da menstruação uma maldição. Um simboliza a virilidade, a outra a feminilidade. E é porque a feminilidade significa alteridade e inferioridade que sua revelação é acolhida com escândalo. A vida da menina sempre lhe apareceu como determinada por essa impalpável essência a que a ausência do pênis não conseguia dar uma figura positiva: é esta que se descobre no fluxo de sangue que lhe escorre entre as coxas. Se já assumiu sua condição é com alegria que ela acolhe o acontecimento. . . "Agora, és uma mulher." Se sempre a recusou, o veredito sangrento a fulmina; o mais das vezes ela hesita: a mácula menstrual inclina-a para a repugnância e o medo: "Es então o que significam estas palavras: ser mulher!" A fatalidade que até então pesava confusamente sobre ela, e de fora, escondeu-se em seu ventre; não há mais meio de escapar; ela sente-se acuada. Em uma sociedade sexualmente igualitária, ela só encararia a menstruação como sua maneira particular de atingir a vida adulta; o corpo humano conhece nos homens e nas mulheres muitas outras servidões mais repugnantes: eles se acomodam facilmente porque, sendo comuns a todos, não representam uma tara para ninguém. As regras inspiram horror à adolescente porque a precipitam numa categoria inferior e mutilada. Esse sentimento de decadência pesará fortemente sobre ela. Conservaria o orgulho de seu corpo sangrento se não perdesse seu orgulho de ser humano. E se consegue conservar este, sente menos vivamente a humilhação de sua carne: a moça que abre os caminhos da transcendência em atividades esportivas, sociais, intelectuais, místicas, não verá uma mutilação em sua especificação e a superará facilmente. Se por volta dessa época a moça desenvolve muitas vezes psicoses é porque se sente sem defesa diante de uma fatalidade surda que a conduz a provocações inimagináveis; sua feminilidade significa a seus olhos doença, sofrimento, morte e esse destino subjuga-a.

Um exemplo que ilustra de maneira impressionante essas angústias é o da doente descrita por H. Deutsch sob o nome de Molly.

Molly tinha 14 anos quando começou a sofrer de perturbações psíquicas; era a quarta filha de uma família de cinco filhos; o pai,

muito severo, criticava as filhas em todas as refeições, a mãe era infeliz e muitas vezes pai e mãe não se falavam. Um dos irmãos fugira de casa. Molly era muito talentosa, dançava o sapateado muito bem mas era tímida e sentia penosamente a atmosfera familiar; os meninos amedrontavam-na. Sua irmã mais velha casou-se contra a vontade da mãe e Molly interessou-se muito pela gravidez da irmã; esta teve um parto difícil em que foi necessário empregar o fórceps; Molly, que soube dos detalhes e que foi informada de que muitas vezes as mulheres morriam de parto, ficou muito impressionada. Durante dois meses tomou conta do bebê; quando a irmã deixou a casa houve uma cena terrível e a mãe desmaiou; Molly desmaiou também; vira colegas desmaiar na classe e as idéias de morte e desmaio obsidiavam-na. Quando ficou regrada disse à mãe com um ar de embaraço: "A coisa aconteceu" e foi comprar toalhas higiênicas com a irmã; encontrando um homem na rua baixou a cabeça; de uma maneira geral manifestava repugnância por si mesma. Não sofria durante esses períodos, mas tentava sempre escondê-los da mãe. De uma feita, tendo visto uma mancha nos lençóis, a mãe perguntou-lhe se se achava indisposta e ela o negou, embora fosse verdade. Um dia disse à irmã: "Tudo pode acontecer agora, posso ter um filho. — Para isso precisarias viver com um homem, respondeu a irmã. — Mas eu vivo com dois homens: papai e teu marido".

O pai não permitia às filhas que saíssem sozinhas à noite, de medo que as violentassem: esses temores contribuíam para dar a Molly a idéia de que os homens eram seres perigosos. O medo de ficar grávida, de morrer de parto, assumiu tal intensidade a partir do momento em que ficou regrada, que pouco a pouco ela se recusou a sair do quarto, queria permanecer o dia inteiro na cama; tem crises terríveis de ansiedade se a obrigam a sair; se precisa afastar-se da casa, tem um ataque e desmaia. Tem medo dos automóveis, dos táxis, não pode mais dormir, acredita que ladrões entram em casa à noite, grita e chora. Tem manias alimentares, por momentos come demais para não desfalecer; tem medo igualmente quando se sente fechada em algum lugar. Não pode reais ir à escola nem levar uma vida normal.

História análoga, que não se liga à crise da menstruação mas em que se manifesta a ansiedade que experimenta a menina em relação a seus "interiores", é a de Nancy¹.

Com mais ou menos 13 anos a menina era íntima da irmã mais velha e ficou muito orgulhosa por ter sido a confidente quando esta se tornou noiva secretamente e depois casou: partilhar o segredo de uma pessoa grande, era ser aceita entre os adultos. Viveu durante algum tempo na casa da irmã; mas quando esta lhe disse que ia comprar um bebê, Nancy tornou-se ciumenta do cunhado e da criança que ia chegar; ser novamente tratada como uma criança a quem se contam lorotas fôra-lhe insuportável. Começou a sentir perturbações internas e quis que a operassem de apendicite; a operação correu bem. Mas, durante sua estada no hospital, Nancy viveu em meio a uma

(¹) Citada também por H. Deutsch, *Psychology of Women*.

terrível agitação; tinha cenas violentas com a enfermeira que detestava; tentava seduzir o médico, marcava-lhe encontros, mostrava-se provocante, exigia com crises nervosas que êle a tratasse como mulher; acusava-se de ser responsável pela morte do irmãozinho ocorrida anos antes; e principalmente tinha certeza de que não lhe haviam tirado o apêndice, que tinham esquecido o bisturi no seu estômago: quis por força que a examinassem pelos raios X a pretexto de que engolira um "penny".

Esse desejo de operação — em particular da extirpação do apêndice — encontra-se amiúde nessa idade; as meninas exprimem assim seu medo da violação, da gravidez, do parto. Sentem no ventre obscuras ameaças e esperam que o cirurgião as salvará do perigo desconhecido que as aguarda.

Não é somente o aparecimento das regras que anuncia à menina o seu destino de mulher. Outros fenômenos suspeitos produzem-se nela. Até então seu erotismo era clitoridiano. É difícil saber se as práticas solitárias são menos comuns nela do que nos meninos; a essas práticas ela se entrega durante os dois primeiros anos de sua vida, talvez mesmo desde os primeiros meses; parece que as abandona por volta dos dois anos para voltar a elas mais tarde; pela sua conformação anatômica essa haste plantada na carne masculina solicita, mais do que uma mucosa secreta, toques e apalpadelas: mas os acasos de uma esfregadela — a criança subindo em barras, em árvores, montando em bicicleta — de um contato vestimentar, de um jogo, ou ainda a iniciação por colegas mais velhos, por adultos, revelam freqüentemente à menina sensações que ela se esforça por ressuscitar. Em todo caso, o prazer, quando alcançado, é uma sensação autônoma: tem a leveza e a inocência de todos os divertimentos infantis¹. Ela quase não estabelece relações entre as deleitações íntimas e seu destino de mulher; suas relações sexuais com meninos, se é que existem, são baseadas essencialmente na curiosidade. E ei-la que se sente tomada de perturbadoras emoções em que não se reconhece. A sensibilidade das zonas erógenas desenvolve-se e estas são na mulher tão numerosas que se pode considerar todo o corpo como erógeno: é o que lhe revelam carícias familiares, beijos inocentes, apalpadelas indiferentes de uma costureira, de um médico, de um cabeleireiro, uma mão amiga pousada nos cabelos ou

(¹) Salvo, bem entendido, nos casos assaz numerosos em que a intervenção direta ou indireta dos pais, ou escrúpulos religiosos, fazem disso um pecado. Encontrar-se-á, em apêndice, um exemplo abominável das perseguições a que submetem por vezes as crianças, a pretexto de libertá-las de "maus hábitos".

na nuca; ela descobre, e muitas vezes procura deliberadamente, uma perturbação mais profunda dos contatos de jogo, de luta com meninos e meninas: como Gilberte lutando nos Champs-Élysées com Proust. Nos braços dos dançarinos, sob o olhar ingênuo da mãe, ela conhece estranhos langores. E depois, mesmo uma juventude bem defendida expõe-se a experiências mais precisas. Nos meios "bem" silenciam-se de comum acordo tais incidentes lamentáveis; mas é freqüente que certas carícias de amigos da casa, tios, primos, para não falar dos avôs e dois pais, sejam menos inofensivas do que o supõe a mãe; um professor, um padre, um médico podem ter sido ousados, indiscretos. Encontram-se relatos de semelhantes experiências em *L'Asphyxie*, de Violette Leduc, em *La Haine maternelle*, de S. de Tervagnes, e em *L'Orange bleue* de Yassu Gaucière. Stekel estima que os avôs, entre outros, são amiúde perigosos.

Tinha 15 anos. Na véspera do enterro, meu avô viera dormir em casa. No dia seguinte, minha mãe já se tendo levantado, êle me perguntou se não podia deitar na minha cama para brincar comigo; levantei-me imediatamente sem responder. . . Comecei a ter medo dos homens, conta uma mulher¹.

Outra jovem lembra-se de ter sofrido um sério choque com a idade de 8 ou 10 anos quando o avô, velho de 70 anos, lhe bulira nos órgãos genitais. Êle a tomara nos joelhos enfiando-lhe a dedo na vagina. A criança sentira uma imensa angústia mas não ousou entre-tanto falar. Desde então teve muito medo de tudo o que é sexual¹.

Tais incidentes são geralmente silenciados pela menina por causa da vergonha que lhe inspiram. Muitas vezes, de resto, se se abre com os pais, a reação destes é de ralar com ela. "Não digas tolices. . . Tens más idéias." Ela se cala também acerca dos gestos estranhos de certos desconhecidos. Uma menina contou ao Dr. Liepmann²:

Tínhamos alugado um quarto no porão de um sapateiro. Muitas vezes, quando estava sozinha, nosso proprietário vinha buscar-me, tomava-me nos braços, beijava-me longamente remexendo-se para frente e para trás. Demais, seu beijo não era superficial; enfiava-me a língua na boca. Eu o detestava por causa dessas coisas. Mas nunca disse nada porque era muito tímida.

Além dos colegas empreendedores, das amigas perversas, há o joelho que no cinema pressiona o da menina, a mão que à noite

(¹) *A Mulher Fria*.

(²) Liepmann, *Jeunesse et sexualité*.

no trem desliza ao longo da perna, os rapazes que escarnecem ao passarem por ela, os homens que a seguem na rua, os amplexos, os toques furtivos. Ela compreende mal o sentido dessas aventuras. Há, amiúde, numa cabeça de 15 anos, uma estranha confusão, porque os conhecimentos teóricos e as experiências concretas não se ajustam. Tal menina já experimentou todas as sensações da perturbação e do desejo, mas imagina — como Clara d'Ellébeuse, inventada por Francis Jammes — que bastaria um beijo masculino para torná-la mãe; outra tem noções exatas acerca da anatomia genital mas, quando seu parceiro na dança a aperta nos braços, toma por enxaqueca e emoção que sente. Seguramente, as moças estão hoje mais bem informadas do que outrora. Entretanto, certos psiquiatras afirmam que mais de uma adolescente ignora ainda que os órgãos sexuais sirvam para outra coisa que não apenas urinar¹. Como quer que seja, elas estabelecem pouca relação entre as emoções sexuais e a existência de seus órgãos genitais, pelo fato de que nenhum sinal, tão preciso como o da ereção masculina, lhes indica a correlação. Entre seus devaneios romanescos acerca do homem, do amor, e a crueza de certos fatos que lhes são revelados, existe um tal hiato que elas não inventam nenhuma síntese entre eles. Thyde Monnier (*Moi*) conta que fizera, com algumas amigas, a promessa de olharem como era feito um homem e o contarem às outras:

Tendo entrado propositadamente no quarto de meus pais, sem bater, assim o descrevi: "É como um negócio de segurar pernil, isto é, um rolo e no fim tem uma coisa redonda". Era difícil explicar. Fiz um desenho, fiz mesmo três e cada uma delas levou o seu escondido no corpinho e de quando em quando rebentava de rir, olhando-o, e depois ficava sonhando... Como, para meninas inocentes como nós, estabelecer uma ligação entre esse objeto e as canções sentimentais, as bonitas histórias romanescas em que o amor, todo respeito, timidez, suspiros, beija-mão é sublimado até tornar-se eunuco?

Contudo, através de suas leituras, de suas conversas, dos espetáculos e palavras que surpreende, a moça dá um sentido à comoção de sua carne; esta faz-se apelo, desejo. Em suas febres, arrepios, suores, incômodos incertos, seu corpo assume uma nova e inquietante dimensão. O rapaz reivindica suas tendências eróticas porque assume alegremente sua virilidade; nele o desejo sexual é agressivo, preensivo; êle vê nesse desejo uma afirmação de sua subjetividade e de sua transcendência; vangloria-se disso junto

(¹) Cf. H. Deutsch. *Psychology of Women*, 1946.

dos amigos; o sexo permanece para êle um duplo de que se orgulha; o impulso que o impele para a mulher é da mesma natureza do que o que o impele para o mundo, por isso nele se reconhece. Ao contrário, a vida sexual da menina sempre foi clandestina; quando seu erotismo se transforma e invade toda a carne, o mistério vira angústia: ela suporta a comoção como se se tratasse de uma doença vergonhosa; não é ativa: é um estado, e mesmo em imaginação não pode livrar-se dela mediante nenhuma decisão autônoma; não sonha com pegar, amassar, violentar: é espera e apelo; sente-se dependente; e em perigo na sua carne alienada.

Isso porque sua esperança difusa, seu sonho de passividade feliz lhe revelam com evidência o corpo como um objeto destinado a outrem. Ela não quer conhecer a experiência sexual senão em sua imanência; é o contato da mão, da boca, de uma outra carne que ela pede e não a mão, a boca, a carne alheia; ela deixa na sombra a imagem de seu parceiro, ou a afoga em devaneios ideais; não pode entretanto impedir que a presença dele a obsidie. Seus terrores, suas repulsas juvenis em relação ao homem assumiram um caráter mais equívoco do que antes e por isso mesmo mais angustiante. Nasciam outrora de um divórcio profundo entre o organismo infantil e seu futuro de adulta; agora, têm eles sua fonte nessa complexidade mesma que a moça experimenta em sua carne. Ela compreende que se destina à posse porquanto a chama: e revolta-se contra seus próprios desejos. Ela almeja e teme a um tempo a vergonhosa passividade da presa que consente. A idéia de se pôr nua diante de um homem comove-a profundamente; mas ela sente também que será então entregue sem apelo ao olhar dele. A mão que pega, que toca, tem uma presença ainda mais imperiosa que a dos olhos: assusta mais. Mas o símbolo mais evidente e mais detestável da posse física é a penetração pelo sexo do macho. Esse corpo que ela confunde consigo mesma, a jovem detesta que o possam perfurar como se perfura um couro, rasgá-lo como se rasga um pano. Mais porém do que o ferimento e a dor subsequente, o que a moça recusa é que ferimento e dor sejam *infligidos*. "É horrível a idéia de ser *furada* por um homem", dizia-me um dia uma jovem. Não é o medo do membro viril que engendra o horror ao homem, esse medo é a confirmação e o símbolo; a idéia de penetração assume seu sentido obsceno e humilhante no interior de uma forma mais geral, de que é em compensação um elemento essencial.

A ansiedade da menina traduz-se por pesadelos que a atormentam e fantasias que a obsidiam: é no momento em que ela

sente em si uma insidiosa complacência que a idéia de violação se torna em muitos casos obsessiva. Manifesta-se nos sonhos e nas condutas através de numerosos símbolos mais ou menos claros. A jovem explora o quarto antes de se deitar, com medo de descobrir algum ladrão de intenções equívocas; acredita estar ouvindo gatunos dentro de casa; um agressor entra pela janela com uma faca e a traspassa. De uma maneira mais ou menos aguda, os homens inspiram-lhe pavor. Ela põe-se a sentir certa repugnância pelo pai; não pode suportar o cheiro de seu fumo, detesta entrar no banheiro depois dele; ainda que o continue a amar, a repulsa física é freqüente; toma uma forma exasperada como se a menina já fosse hostil ao pai, como acontece não raro com as caçulas. Há um sonho que os psiquiatras dizem ter encontrado amiúde nas jovens pacientes: imaginam ser violentadas por um homem sob as vistas de uma mulher idosa e com o consentimento dela. É claro que pedem simbolicamente à mãe a permissão de se entregarem a seus desejos. Pois um dos constrangimentos que pesam mais odiosamente sobre elas é o da hipocrisia. A jovem acha-se votada à "pureza", à inocência, precisamente no momento em que descobre em si e em derredor os perturbadores mistérios da vida e do sexo. Querem-na branca como o arminho, transparente como um cristal, vestem-na de vaporoso organdi, cobrem-lhe as paredes do quarto com cortinas côr de confeitos, baixam a voz perto dela, proíbem-lhe livros escabrosos; ora, não há uma só filha de Maria que não acarinhe imagens e desejos "abomináveis". Ela se esforça por dissimulá-los à melhor amiga, a si mesma; não quer mais viver nem pensar senão em obediência a ordens recebidas; sua desconfiança de si própria dá-lhe um ar matreiro, infeliz, doentio; e mais tarde nada lhe será mais difícil do que combater essas inibições. Mas apesar de todos os recalques, sente-se acabrunhada pelo peso de faltas indizíveis. Suporta sua metamorfose em mulher, não somente na vergonha mas ainda no remorso.

Compreende-se que a idade ingrata seja para a menina um período de desnorteamento doloroso. Ela não quer continuar criança. Mas o mundo dos adultos parece-lhe assustador ou tedioso:

Procurava crescer portanto, mas nunca pensava seriamente em levar a vida que via os adultos levarem, diz Colette Audry. . . E ainda assim alimentava-se em mim a vontade de crescer *sem* jamais assumir a condição de adulto, sem nunca me tornar solidária com os pais, donas de casa, mulheres caseiras, chefes de família.

Gostaria de libertar-se do jugo da mãe; mas tem também uma necessidade ardente de proteção. São as faltas que lhe pesam na consciência: práticas solitárias, amizades equívocas, más leituras que fazem tal refúgio necessário. A carta seguinte escrita a uma amiga por uma jovem de 15 anos, é característica¹:

Mamãe quer que use vestido comprido no grande baile dos X; meu primeiro vestido comprido. Está espantada por eu não querer. Supliquei-lhe que me deixasse usar meu vestidinho côr-de-rosa pela última vez. Tenho tanto 'medo. Parece-me, pondo o vestido comprido, que mamãe vai partir para uma longa viagem e que eu não sei quando voltará. Não é estúpido? E às vezes ela me olha como se eu fosse uma menininha. Ah! Se ela soubesse! Amarraria minhas mãos à cama e me desprezaria!

Encontra-se no livro de Stekel, *A Mulher Fria*, um documento notável acerca de uma infância feminina. Trata-se de uma "Siissel Mädel" vienense que redigiu por volta de 21 anos uma confissão pormenorizada, a qual constitui uma síntese concreta de todos os momentos que estudamos separadamente.

"Com a idade de 5 anos escolhi meu primeiro companheiro de brinquedo, um menino, Ricardo, que tinha 6 ou 7. Eu queria sempre saber como se reconhece que uma criança é menino ou menina. Diziam-me que era pelos brincos, pelo nariz... Contentava-me com essa explicação, embora com a sensação de que me escondiam alguma coisa. Subitamente Ricardo desejou fazer xixi... Tive a idéia de lhe emprestar meu urinol. Vendo-lhe o membro, algo inteiramente surpreendente para mim, exclamei cheia de alegria; "Mas que é que tens aí? Como é bonito! Meus Deus, gostaria de ter um também". Ao mesmo tempo toquei-o corajosamente..." Uma tia surpreendeu-os e desde então as crianças passaram a ser muito vigiadas. Com 9 anos, ela brinca de casamento com dois meninos de 8 e 10 anos; e também de médico. Boleem em seus órgãos genitais e um dia um dos meninos toca-a com o sexo dizendo depois que os pais dela haviam feito a mesma coisa quando se casaram: "Estava francamente indignada: não, não fizeram coisa tão feia!" Ela continua com esses brinquedos e tem uma grande amizade amorosa e sexual com os dois meninos. A tia vem a sabê-lo um dia e acontece uma cena horrível em que a ameaçam de botá-la num reformatório. Ela deixa de ver Artur que era seu predileto e sofre muito com isso: põe-se a trabalhar mal, sua letra deforma-se, fica vesga. Reinicia outra amizade com Valter e Francisco. "Valter açambarcava todas as minhas idéias e os meus sentidos. Permitti-lhe tocar-me por baixo da saia, de pé ou sentada diante dele enquanto fazia minhas lições de caligrafia... Logo que minha mãe abria a porta êle retirava a mão e eu continuava escrevendo... Enfim tivemos relações normais entre homem e mulher, mas não lhe permitia

(¹) Citada por H. Deutsch.

muita coisa; logo que êle pensava ter penetrado em minha vagina eu me afastava dizendo que havia alguém... Não imaginava que fosse um pecado."

Suas amizades com 'meninos acabam e sobram-lhe somente amizades com moças. "Apeguei-me a Emmy, jovem bem educada e instruída. De uma feita, no Natal, com a idade de 12 anos, trocamos pequenos corações de ouro com nossos nomes gravados dentro. Considerávamos isso uma espécie de noivado jurando-nos "fidelidade eterna". Devo parte de minha instrução a Emmy. Ela me informou também acerca dos problemas sexuais. No quinto ano, eu já começara a duvidar das histórias de cegonha que traz as crianças. Acreditava que os filhos vinham do ventre e que era preciso abri-lo para que pudessem sair. Emmy assustava-me principalmente por causa da masturbação. Na escola, vários evangelhos abriram-nos os olhos acerca das questões sexuais. Por exemplo, quando Santa Maria ia ver Santa Isabel. "O filho em seu seio pulava de alegria" e outros trechos curiosos da Bíblia. Sublinhávamos esses trechos e por pouco a classe não teve uma má nota de conduta quando o descobriram. Ela mostrava-me também a "recordação de nove meses" de que fala Schiller em *Os Salteadores*. O pai de Emmy foi transferido e fiquei novamente só. Escrevemo-nos num código secreto que havíamos inventado mas, como me sentia muito sozinha, liguei-me com uma pequena judia, Hedl. De uma feita Emmy surpreendeu-me saindo da escola com Hedl. Fêz-me uma cena de ciúmes. Continuei com Hedl até entrarmos para a escola de comércio e éramos as melhores amigas, sonhando tornarmo-nos cunhadas pois eu gostava de um de seus irmãos que era estudante. Quando êle falava comigo, eu ficava confusa a ponto de lhe responder de um modo ridículo. Ao crepúsculo, abraçada com Hedl num pequeno sofá, chorava quanto podia, sem saber por que, quando êle tocava piano.

"Antes de minha amizade com Hedl, freqüentei durante várias semanas uma certa Ella, filha de gente pobre. Ela observara os pais "a sós", despertada pelo barulho da cama. Veio dizer-me que o pai se deitara sobre a mãe que gritara muito e que o pai dissera: "Vai lavar-te depressa para que não haja nada". Fiquei intrigada com a conduta do pai, evitava-o na rua e sentia muita pena da mãe (devia ter sofrido cruelmente para gritar tanto). Conversei com outra colega acerca do comprimento do pênis; ouvi de uma feita falarem de 12 a 15 centímetros; durante a lição de costura pegávamos o metro para medir a partir do lugar em questão ao longo do vestre por cima da saia. Chegávamos evidentemente pelo menos ao umbigo e ficávamos apavoradas à idéia de sermos literalmente empaladas quando nos casássemos."

Ela vê um cão cobrir uma cadela. "Se na rua eu via um cavalo urinar, não podia desviar o olhar, acho que o comprimento do pênis me impressionava." Observava as moscas e os animais no campo.

"Com a idade de 12 anos tive uma forte angina e consultaram um médico amigo; sentado perto da cama êle colocou de repente a mão sob as cobertas tocando quase no "lugar". Sobressaltei-me gritando: "Não tem vergonha!" Minha mãe precipitou-se, o doutor estava horivelmente embaraçado e afirmou que eu era uma pequena impertinente e que êle quisera apenas beliscar-me a perna. Fui obrigada a pedir-lhe perdão... Quando tive, enfim, minhas regras e meu pai

descobriu minhas toalhas manchadas de sangue, houve uma cena terrível. Porque êle, homem limpo, era "forçado a viver entre tantas mulheres sujas" e parecia-me que era minha culpa ficar indisposta." Aos 15 anos tem outra amiguinha com quem se comunica em estenografia "para que em casa ninguém pudesse ler nossas cartas. Havia tanta coisa a escrever sobre nossas conquistas. Ela me comunicava também grande número de versos que lera nas paredes das privadas; lembro-me de um porque degradava até à imundície o amor que era tão sublime em nossa imaginação: "Qual o fim supremo do amor? Quatro nádegas suspensas a uma haste". Resolvi não chegar nunca a esse ponto; um homem que ama uma moça não pode pedir-lhe semelhante coisa. Com 15 1/2 anos tive um irmão. Senti muito ciúme porque sempre fora filha única. Minha amiga pedia-me sempre que olhasse como meu irmão era feito, mas eu não podia absolutamente dar-lhe as informações que me solicitava. Nessa época uma outra amiga fêz-me a descrição de uma noite de núpcias e depois disso tive a idéia de me casar por curiosidade; só que "resfolegar como um cavalo", segundo a descrição, ofendia meu senso estético... Qual de nós não quisera casar para se deixar despir pelo marido amado e ser carregada para a cama por êle. Era tão tentador..."

Dirão talvez — embora se trate de um caso normal e não patológico — que essa menina era de uma "perversidade" excepcional; era apenas menos fiscalizada do que outras. Se as curiosidades e os desejos das jovens "bem educadas" não se traduzem por atos, nem por isso existem menos sob a forma de fantasias e de jogos. Conheci outrora uma moça devota e de uma desnor-teante inocência — que se tornou depois uma mulher perfeita, cristalizada na maternidade e na devoção — que certa noite confiou toda trêmula a uma amiga mais velha: "Como deve ser maravilhoso despir-se diante de um homem! Suponhamos que sejas meu marido"; e pôs-se a despir-se toda comovida. Nenhuma educação pode impedir a menina de tomar consciência de seu corpo e de sonhar com seu destino; quando muito poderão impor-lhe estritos recalques que pesarão mais tarde sobre toda a sua vida sexual. Fora desejável, isso sim, que lhe ensinassem ao contrário a aceitar-se sem complacência nem vergonha.

Compreende-se agora que drama dilacera a adolescente no momento da puberdade: ela não pode tornar-se adulta sem aceitar sua feminilidade; ela já sabia que seu sexo a condenava a uma existência mutilada e imota; descobre-o agora sob a forma de uma doença impura e de um crime obscuro. Sua inferioridade era somente apreendida, a princípio, como uma privação: a ausência do pênis converteu-se em mácula e em falta. É ferida, envergonhada, inquieta, culpada que ela se encaminha para o futuro.

CAPÍTULO II

A M O Ç A

DURANTE toda a infância foi a menina reprimida e mutilada; entretanto, percebia-se como um indivíduo autônomo; em suas relações com os pais, os amigos, em seus estudos e jogos, descobria-se no presente como uma transcendência: nada fazia senão sonhar sua futura passividade. Uma vez púbere, o futuro não somente se aproxima, instala-se em seu corpo, torna-se a realidade mais concreta. Conserva o caráter fatal que sempre teve; enquanto o adolescente se encaminha ativamente para a idade adulta, a jovem aguarda o início desse período novo, imprevisível, cuja trama já se acha traçada e para o qual o tempo a arrasta. Já desligada de seu passado de criança, o presente só se lhe apresenta como uma transição; ela não descobre nele nenhum fim válido, mas *tão* somente ocupações. De uma maneira mais ou menos velada, sua juventude consome-se na espera. Ela aguarda o Homem.

Sem dúvida, o adolescente também sonha com a mulher, deseja-a; mas ela será apenas um elemento de sua vida: não resume seu destino. Desde a infância, tenha querido realizar-se como mulher ou superar as limitações de sua feminilidade, a menina esperou do homem realização e evasão: êle tem o semblante deslumbrante de Perseu, de São Jorge, é o libertador, é tão rico e poderoso que detém em suas mãos as chaves da felicidade: é o príncipe encantado. Ela pressente que sob suas carícias será levada pela grande corrente da Vida, como no tempo em que repousava no ventre da mãe; submetida à sua doce autoridade, encontrará a mesma segurança que tinha nos braços do pai: a magia dos amplexos e dos olhares transformá-la-á novamente em ídolo. Sempre esteve convencida da superioridade viril; esse prestígio dos homens não é uma miragem pueril. Tem bases econômicas e sociais; são indiscutivelmente os senhores do mundo, tudo persuade a adolescente de que é de seu interesse tor-

nar-se vassala; seus pais a incitam: o pai orgulha-se dos êxitos da filha a mãe neles vê as promessas de um futuro próspero; as colegas invejam e admiram a que conquista mais numerosas homenagens masculinas; nos colégios norte-americanos o *standard* de uma estudante é medido pelo número de *dates* que acumula. O casamento não é apenas uma carreira honrosa e menos cansativa do que muitas outras: só êle permite à mulher atingir a sua dignidade social integral e realizar-se sexualmente como amante e mãe. É sob esse aspecto que os que a cercam encaram seu futuro e que ela própria o encara. Ádmite-se unanimemente que a conquista de um marido — em certos casos, de um protetor — é para ela o mais importante dos empreendimentos. No homem encarna-se a seus olhos o Outro, como este para o homem se encarna nela; mas esse *Outro* apresenta-se a êle como o essencial e ela se apreende perante êle como o inessencial. Ela se libertará do lar paterno, do domínio materno e abrirá o futuro para si, não através de uma conquista ativa e sim entregando-se, passiva e dócil, nas mãos de um novo senhor.

Afirmou-se amiúde que se se resignava a essa demissão é porque física e moralmente ela se torna então inferior aos rapazes e incapaz de rivalizar com eles: renunciando a uma vã competição, confiaria a um membro da casta superior o cuidado de lhe assegurar a felicidade. Em verdade, não é de uma inferioridade dada que provém sua humildade; esta, ao contrário, é que engendra todas as insuficiências; tem sua fonte no passado da adolescente, na sociedade que a cerca e, precisamente, nesse futuro que lhe é proposto.

Sem dúvida, a puberdade transforma o corpo da jovem. Faz-se êle mais frágil do que antes: os órgãos são vulneráveis, seu funcionamento delicado; insólitos e incômodos, os seios são um fardo; lembram sua presença nos exercícios violentos, tremem, doem. Daí por diante a força muscular, a resistência, a agilidade da mulher tornam-se inferiores às do homem. O desequilíbrio das secreções hormônicas cria uma instabilidade nervosa e vasomotora. A crise menstrual é dolorosa: dores de cabeça, dos músculos e do ventre tornam penosas e até impossíveis as atividades normais; a esses incômodos acrescem-se muitas vezes perturbações psíquicas; nervosa, irritável, é comum que a mulher passe mensalmente por um estado de semi-alienação; o controle do sistema nervoso e do sistema simpático não é mais assegurado pelos centros; as perturbações da circulação, certas auto-intoxicações fazem do corpo uma parede estanque entre a mulher e o mundo,

uma bruma ardente que pesa sobre ela, que a abafa e a separa: através dessa carne dolente e passiva, o universo inteiro é um fardo por demais pesado. Oprimida, submergida, ela se torna estranha a si mesma pelo fato de ser estranha ao resto do mundo. As sínteses desagregam-se, os instantes não se ligam mais, o outro não é mais reconhecido senão mediante um reconhecimento abstrato; e embora permaneçam intatos como nos delírios melancólicos, o raciocínio e a lógica são entretanto colocados a serviço das evidências passionais que se produzem no seio do desnorreamento orgânico. Tais fatos são extremamente importantes: mas é por sua maneira de tomar conhecimento deles que a mulher lhes dá o peso que têm.

É por volta dos 13 anos que os meninos fazem um verdadeiro aprendizado da violência, que desenvolvem sua agressividade, sua vontade de poder, seu gosto pelo desafio; é exatamente nesse mesmo momento que a menina renuncia aos jogos brutais. Alguns esportes continuam a ser-lhes acessíveis; mas o esporte, que é especialização, submissão a regras artificiais, não oferece a equivalência de um recurso espontâneo e normal à força; situa-se à margem da vida: não informa acerca do mundo e de si mesmo tão intimamente quanto um combate desordenado, uma escalada imprevista. A esportista não sente nunca o orgulho conquistador de um menino que fez o outro encostar os ombros no chão. Demais, em muitos países as moças não têm nenhum treinamento esportivo. Sendo-lhes proibidas as brigas, as escaladas, atêm-se a suportar o corpo passivamente; muito mais nitidamente do que na infância, cumpre-lhes renunciar a *emergir* além do mundo dado, a afirmar-se *acima* da humanidade; é-lhes proibido explorar, ousar, recuar os limites do possível. Em particular, a atitude do *desafio*, tão importante nos rapazes, é-lhes quase desconhecida. Por certo as mulheres se comparam, mas o desafio é diferente dessas confrontações passivas: duas liberdades se defrontam na medida em que têm sobre o mundo um domínio cujas limitações desejam diminuir; subir mais alto do que um colega, dobrar um braço, é afirmar sua soberania sobre toda a terra. Essas condutas conquistadoras não são permitidas à moça, a violência principalmente não lhe é permitida. Sem dúvida no universo dos adultos a força brutal não desempenha, em períodos normais, um grande papel; mas, entretanto, ela o obsidia, muitas são as condutas masculinas que se apoiam num fundo de violência possível: em todos os cantos de rua brigas e disputas se esboçam; na maioria das vezes abortam; mas basta ao homem sentir

em seus punhos sua vontade de afirmação de si mesmo para sentir-se confirmado em sua soberania. Contra toda afronta, contra toda tentativa de reduzi-lo a objeto, tem o homem o recurso de bater, de se expor aos golpes: não se deixa transcender por outrem, reencontra-se no seio de sua subjetividade. A violência é a prova autêntica da adesão de cada um a si mesmo, a suas paixões, a sua própria vontade, recusá-la radicalmente é recusar-se toda verdade objetiva, é encerrar-se numa subjetividade abstrata; uma cólera, uma revolta que não passam pelos músculos são coisas imaginárias. É terrível frustração não poder inscrever os movimentos de seu coração na face da terra. No Sul dos Estados Unidos é rigorosamente impossível a um negro usar de violência contra os brancos; essa regra é que é a chave da misteriosa "alma negra". A maneira pela qual o negro se sente no mundo branco, as condutas mediante as quais a êle se adapta, as compensações que busca, todo o seu modo de sentir e agir explicam-se tendo em vista a passividade a que é condenado. Durante a ocupação, os franceses que tinham resolvido não se entregar a atos violentos contra as ocupantes, mesmo em caso de provocação — fosse por prudência egoísta ou porque tinham deveres peremptórios — sentiam sua situação profundamente transtornada neste mundo: dependia do capricho de outrem que fossem transformados em objetos, sua subjetividade não tinha mais meios de se exprimir concretamente, não passava de um fenômeno secundário. Assim, tem o universo um aspecto inteiramente diferente para o adolescente a quem se permite testemunhar imperiosamente de si mesmo e para a adolescente cujos sentimentos se acham privados de eficiência imediata. Um pode pôr o mundo em discussão sem cessar, pode a cada instante insurgir-se contra o dado e tem portanto a impressão, quando o aceita, de o confirmar ativamente; a outra não faz senão suportá-lo: o mundo define-se sem ela e tem um aspecto imutável. Essa impotência física traduz-se por uma timidez mais geral: ela não acredita numa força que não experimentou em seu corpo; não ousa empreender, revoltar-se, inventar: votada à docilidade, à resignação, não pode senão aceitar, na sociedade, um lugar já preparado. Ela encara a ordem das coisas como dada. Uma mulher contava-me que durante toda a sua mocidade negara com selvagem má-fé sua fraqueza física. Adimiti-la, fora perder a vontade e a coragem de empreender o que quer que fosse, ainda que apenas nos domínios intelectuais e políticos. Conheci uma jovem educada como um rapaz e excepcionalmente vigorosa que se imaginava tão forte quanto um homem; embora

fosse muito bonita, embora tivesse todos os meses regras dolorosas, não tomava em absoluto consciência de sua feminilidade: tinha o rompante, a exuberância de vida, as iniciativas de um menino. E também as ousadias, não hesitando em intervir na rua a socos, se via molestarem uma criança ou uma mulher. Uma ou duas experiências infelizes revelaram-lhe que a força brutal está com os homens. Quando mediu sua fraqueza, boa parte da confiança que tinha em si mesma esvaiu-se. Foi o início de uma evolução que a levou a se feminilizar, a realizar-se como passividade, a aceitar a dependência. Não ter mais confiança no corpo é perder confiança em si próprio. Basta ver a importância que os rapazes dão a seus músculos, para compreender que todo indivíduo julga o corpo como sua expressão objetiva.

No rapaz, os impulsos eróticos só confirmam o orgulho que tira de seu corpo: neste êle descobre o sinal de sua transcendência e de seu poder. A moça pode conseguir assumir seus desejos mas eles permanecem o mais das vezes vergonhosos. Seu corpo inteiro é aceito com embaraço. A desconfiança que, desde menina, ela sentia em relação a seus "interiores" contribui para dar à crise menstrual o caráter suspeito que a torna odiosa. É pela atitude psíquica que suscita que a servidão menstrual constitui um pesado *handicap*. A ameaça que pesa sobre a jovem, durante certos períodos, pode parecer-lhe tão intolerável que ela renunciará a expedições e a prazeres, de medo que sua desgraça seja conhecida. O horror que esta lhe inspira repercute-lhe no organismo e aumenta-lhe os incômodos e as dores. Viu-se que uma das características da fisiologia feminina é a estreita ligação das secreções endócrinas com o equilíbrio nervoso: há uma ação recíproca; um corpo de mulher — e principalmente de moça — é um corpo "histerico", no sentido de que não há, por assim dizer, distância entre a vida psíquica e sua realização fisiológica. O cataclismo que acarreta à jovem a descoberta das perturbações da puberdade exaspera-a. Como o corpo lhe é suspeito, ela o espia com inquietação: parece-lhe doente, é doente. Viu-se que, efetivamente, esse corpo é frágil e que há desordens orgânicas que nele se produzem; mas os ginecologistas concordam em dizer que nove décimos de suas pacientes são doentes imaginárias, isto é, ou seus incômodos não têm nenhuma realidade fisiológica, ou a desordem orgânica é, ela própria, motivada por uma atitude psíquica. É em grande parte a angústia de ser mulher que corrói o corpo feminino.

Vê-se que, se a situação biológica da mulher constitui um *handicap*, é por causa da perspectiva em que ela se apreende. A

fragilidade nervosa, a instabilidade vasomotora, quando não se tornam patológicas, não lhe vedam nenhum ofício: entre os próprios homens há uma grande diversidade de temperamentos. Uma indisposição de um ou dois dias por mês, mesmo dolorosa, não é tampouco um obstáculo; na realidade, numerosas mulheres acomodam-se a isso, e em particular as que a "maldição" mensal poderia atrapalhar mais: esportistas, viajantes, mulheres que exercem tarefas pesadas. A maioria das profissões não reclama uma energia superior à que a mulher pode desenvolver. E nos esportes, o fim visado não é um êxito independente das aptidões físicas: é a realização da perfeição peculiar a cada organismo. O campeão de pêso-pena vale tanto quanto o de peso pesado; uma campeã de esqui não é inferior ao campeão mais rápido do que ela: pertencem a duas categorias diferentes. São precisamente as esportistas que, positivamente interessadas em sua própria realização, se sentem menos inferiorizadas em relação ao homem. Contudo, a fraqueza física não permite à mulher conhecer as lições da violência: se lhe fosse possível afirmar-se em seu corpo e emergir no mundo de outra maneira, essa deficiência seria facilmente compensada. Que escale picos, que nade, que pilote um avião, que lute contra os elementos, que assuma riscos e se aventure, não sentirá ela, diante do mundo, a timidez de que falei. É no conjunto de uma situação, que deixa muito poucas possibilidades, que tais singularidades assumem seu valor, e não imediatamente, mas confirmando o complexo de inferioridade por ela desenvolvido desde a infância.

É igualmente esse complexo que vai pesar sobre suas realizações intelectuais. Observou-se muitas vezes que a partir da puberdade a jovem perde terreno nos domínios intelectuais e artísticos. Há muitas razões para isso. Uma das mais freqüentes está em que a adolescente não encontra em volta de si os incentivos que oferecem a seus irmãos; ao contrário: querem que ela seja *também* uma *mulher* e é-lhe preciso acumular as tarefas de seu trabalho profissional com as que sua feminilidade implica. A diretora de uma escola profissional faz a propósito as observações seguintes:

A jovem torna-se repentinamente um ser que ganha a vida trabalhando. Tem novos desejos, que nada têm a ver com a família. Acontece freqüentemente que deva fazer um esforço assaz considerável. . . Ela volta à noite para seu lar tomada de um cansaço colossal e com a cabeça cheia das ocorrências do dia. . . Como é então recebida? A mãe manda-a logo fazer alguma compra. Há também que terminar as tarefas caseiras deixadas em suspenso e cumpre-lhe ainda cuidar de

sua roupa. É-lhe impossível dar atenção a todos os pensamentos íntimos que continuam a preocupá-la. Sente-se infeliz, compara sua situação com a do irmão que não tem deveres a cumprir em casa e revolta-se ¹

Os trabalhos caseiros ou as tarefas mundanas que a mãe não hesita em impor à estudante, à aprendiz, acabam de exauri-la. Vi, durante a guerra, alunas que eu preparava para Sèvres esmagadas pelas atividades familiares que se acrescentavam ao trabalho escolar: uma teve o mal de Pott, outra uma meningite. A mãe — vê-lo-emos — mostra-se surdamente hostil à libertação da filha, e mais ou menos deliberadamente esforça-se por freá-la. Respeitam o esforço que faz o adolescente para se tornar homem e desde logo lhe dão uma grande liberdade. Da moça exigem que fique em casa, fiscalizam-lhe as saídas: não a encorajam em absoluto a escolher seus divertimentos, seus prazeres. É raro ver mulheres organizarem sozinhas uma longa viagem, a pé ou de bicicleta, ou dedicar-se a um jogo como o de bilhar, de bolas etc. Além de uma falta de iniciativa que provém de sua educação, os costumes tornam-lhe a independência difícil. Se passeiam pelas ruas, olham-nas, abordam-nas. Conheço moças que, sem serem absolutamente tímidas, não encontram nenhum prazer em passear sozinhas por Paris porque, importunadas sem cessar, precisam andar sempre de atalaia: com isso todo o prazer se esvai. Se as estudantes correrem as ruas em bandos alegres como fazem os estudantes, dão espetáculo; andar a passos largos, cantar, falar alto, rir, comer uma maçã, são provocações, desde logo são insultadas ou seguidas ou abordadas. A despreocupação torna-se de imediato uma falta de compostura; esse controle de si a que a mulher é obrigada, e se torna uma segunda natureza na "moça bem comportada", mata a espontaneidade; a experiência viva é com isso dominada, do que resultam tensão e tédio. Esse tédio é comunicativo: as moças aborrecem-se logo umas das outras; não se prendem mutuamente a sua prisão; e é uma das razões que fazem tão necessária a companhia dos rapazes. Essa incapacidade de se bastar a si mesma engendra uma timidez que se estende por toda a vida e deixa marca em seu próprio trabalho: elas pensam que os triunfos brilhantes são reservados aos homens. Não ousam visar alto demais. Viu-se que, comparando-se com os meninos, as meninas de 14 anos diziam: "Os meninos são melhores". Essa convicção é debilitante. Incita à preguiça e à mediocridade. Uma

(¹) Citado por Liepmann, *Jeunesse et sexualité*.

moça que não tinha nenhuma deferência particular pelo sexo forte criticava a covardia de um homem; observaram-lhe que ela era também muito medrosa: "Ora uma mulher não é a mesma coisa", declarou com complacência.

A razão profunda desse derrotismo está em que a adolescente não se imagina responsável por seu futuro; julga inútil exigir muito de si mesma, porquanto não é dela finalmente que deve depender seu destino. Longe de se dedicar ao homem porque se sente inferior a êle, é porque a êle se acha destinada que, aceitando a idéia de sua inferioridade, ela a constitui.

Não será com efeito aumentando seu valor humano que ela se valorizará aos olhos dos homens: será moldando-se aos sonhos deles. Quando é ainda inexperiente, ela nem sempre o percebe. Acontece-lhe manifestar a mesma agressividade que os rapazes; tenta conquistá-los com uma autoridade brutal, uma franqueza orgulhosa: essa atitude leva-a quase certamente ao malogro. Da mais servil à mais altiva todas aprendem que para agradar-lhes é preciso abdicar. Suas mães as aconselham a não mais tratar os rapazes como colegas, a não darem os primeiros passos, a assumirem um papel passivo. Se desejam esboçar uma amizade, um namoro, devem evitar cuidadosamente parecer tomar a iniciativa; os homens não gostam de mulher-homem, nem de mulher culta, nem de mulher que sabe o que quer: ousadia demais, cultura, inteligência, caráter, assustam-nos. Na maioria dos romances, como observa G. Eliot, é a heroína loura e tola que ganha da morena de caráter viril; e no *Moinho à Beira do Floss*, Maggie tenta em vão inverter os papéis; morre finalmente e é Lucy, a loura, que casa com Stephen; no *Último dos Moicanos*, é a insôssa Alice que conquista o coração do herói e não a corajosa Clara; em *Little Women* a simpática Joe não passa de uma amiga de infância para Laurie: êle dedica seu amor à insípida Amy de cabelos encara-colados. Ser feminina é mostrar-se impotente, fútil, passiva, dócil. A jovem deverá não somente enfeitar-se, arranjar-se, mas ainda reprimir sua espontaneidade e substituir, a esta, a graça e o encanto estudados que lhe ensinam as mais velhas. Toda afirmação de si própria diminui sua feminilidade e suas probabilidades de sedução. O que torna relativamente fácil o início do rapaz na existência é que sua vocação de ser humano não contraria a de macho: já sua infância anuncia esse destino feliz. É realizando-se como independência e liberdade que êle adquire seu valor social e concomitantemente seu prestígio viril: o ambicioso, como Rastignac, visa ao dinheiro, à glória e às mulheres num mesmo movimento:

uma das estereotípias que o estimulam é a do homem poderoso e célebre, que as mulheres adulam. Para a jovem, ao contrário, há divórcio entre sua condição propriamente humana e sua vocação feminina. E é por isso que a adolescência é para a mulher um momento tão difícil e tão decisivo. Até então, ela era um indivíduo autônomo: cumpre-lhe renunciar à sua soberania. Não somente ela é, como seus irmãos e de uma maneira mais aguda, cruelmente atormentada entre o passado e o futuro, mas ainda um conflito se estabelece entre sua reivindicação original, que é de ser indivíduo em atividade, liberdade, e suas tendências eróticas e solicitações sociais que a convidam a se assumir como objeto passivo. Ela se apreende espontaneamente como o essencial, de que maneira, pois, poderá concordar em tornar-se o inessencial? Mas se não posso realizar-me enquanto *Outro*, como renunciarei a meu *Eu*? Eis o angustiante dilema em face do qual a mulher em formação se debate. Oscilando do desejo ao nojo, da esperança ao medo, recusando o que almeja, está ainda em suspenso entre o momento da independência infantil e o da submissão feminina: é essa incerteza que lhe dá, ao sair da idade ingrata, um gosto ácido de fruto verde.

A jovem reage de maneira muito diferente segundo suas escolhas anteriores. A mulher comum, a futura matrona pode resignar-se facilmente à sua metamorfose; entretanto, ela pode também ter haurido em sua condição de burguesa, dona da casa, um pendor pela autoridade que a leva a revoltar-se contra o jugo masculino: ei-la disposta a fundar um matriarcado e não a tornar-se objeto erótico e criada. Será esse muitas vezes o caso das irmãs mais velhas que assumiram, muito jovens, importantes responsabilidades. O "menino falhado", ao descobrir que é mulher, experimenta por vezes uma decepção violenta que a pode conduzir diretamente à homossexualidade; entretanto, o que ela procurava, na independência e na violência, era a posse do mundo, embora possa não querer renunciar ao poder de sua feminilidade, às experiências da maternidade, a toda uma parte de seu destino. Geralmente a jovem consente em sua feminilidade através de certas resistências: já no estágio do coquetismo infantil, em face do pai, em seus devaneios eróticos, ela conheceu o encanto da passividade; descobre-lhe o poder; à vergonha que lhe inspira sua carne, mistura-se muito cedo certa vaidade. Tal mão que a comoveu, tal olhar que a perturbou, era um chamado, uma prece; seu corpo apresenta-se-lhe como dotado de virtudes mágicas; é um tesouro, uma arma; tem orgulho dele. Seu coquetismo, que não raro desa-

parecera durante os anos de infância autônoma, ressuscita. Ela experimenta arrebiques e penteados; em lugar de esconder os seios, faz-lhes massagens para que cresçam, estuda o sorriso diante dos espelhos. A ligação entre a inquietação e a sedução é tão estreita que, em todos os casos em que a sensibilidade erótica não desperta, não se observa, no sujeito, nenhum desejo de agradar. Experiências mostram que doentes sofrendo de insuficiência tireoidiana, e conseqüentemente apáticas, tristonhas, podiam ser transformadas mediante injeção de extratos glandulares: põem-se a sorrir, tornam-se alegres e dengosas. Ousadamente, os psicólogos imbuídos de metafísica materialista declararam que o coquetismo era um "instinto" secretado pela glândula tireoidiana; mas essa explicação obscura só é válida aqui para a primeira infância. O fato é que em todos os casos de deficiência orgânica — linfatismo, anemia etc. — o corpo é suportado como um fardo. Estranho, hostil, êle não espera nem promete nada; quando recobra seu equilíbrio e sua vitalidade, logo o sujeito o reconhece como seu e através dele transcende para outrem.

Para a jovem, a transcendência erótica consiste em aprender a se tornar presa. Ela torna-se um objeto; e apreende-se como objeto; é com surpresa que descobre esse novo aspecto de seu ser: parece-lhe que se desdobra. Ao invés de coincidir exatamente consigo, ei-la que começa a existir *fora*. Assim, em *L'Invitation à la valse* de Rosamond Lehman, vê-se Olivia descobrir num espelho uma imagem desconhecida: é *ela-objeto* erguido repentinamente em face de si mesma; a emoção que experimenta é transtornante mas dissipa-se depressa:

Desde algum tempo, uma emoção particular acompanhava o minuto em que se olhava assim dos pés a cabeça: de maneira imprevisível e rara, acontecia que visse diante de si uma estranha, um novo ser.

Isso produziu-se duas ou três vezes. Ela olhava-se num espelho, via-se. Mas que acontecia?... Agora o que via era outra coisa: um rosto misterioso, a um tempo sombrio e radioso; uma cabeleira transbordante de movimentos e de força e como que percorrida por correntes elétricas. Seu corpo — seria por causa do vestido — parecia-lhe juntar-se harmônicamente: centrar-se, desabrochar, flexível e estável ao mesmo tempo: vivo. Tinha diante de si, como um retrato, uma jovem de côr-de-rosa que todos os objetos do quarto, refletidos no espelho, pareciam enquadrar, apresentar, murmurando: é você...

O que deslumbra Olivia são as promessas que acredita ler nessa imagem em que reconhece seus sonhos infantis e que é ela própria; mas a moça ama também, na sua presença carnal, esse

corpo que a maravilha como o de uma outra. Ela se acaricia a si própria, beija a curva do ombro, a concavidade do braço, contempla o seio, as pernas; o prazer solitário torna-se pretexto para devaneios, neles busca uma terna posse de si. No adolescente, há uma oposição entre o amor de si mesmo e o impulso erótico que o impele para o objeto a ser possuído: seu narcisismo desaparece geralmente no momento da maturidade sexual. Ao passo que na mulher, sendo ela um objeto passivo para o amante como para si mesma, há em seu erotismo uma indistinção primitiva. Num movimento complexo, ela visa a glorificação de seu corpo através das homenagens dos homens a quem se destina esse corpo; e seria simplificar as coisas dizer que ela quer ser bela para seduzir ou que busca seduzir para se assegurar que é bela: na solidão de seu quarto, nos salões em que tenta atrair os olhares, não separa o desejo do homem do amor a seu próprio eu. Essa confusão é manifesta em Maria Bashkirtseff. Já vimos que uma desmama tardia a predispôs, mais vivamente do que qualquer outra criança, a querer ser encarada e valorizada por outrem; desde a idade de 5 anos até sair da adolescência, ela dedica todo o seu amor à sua imagem; admira loucamente suas mãos, seu rosto, sua graça, escreve: "Sou minha heroína..." Quer ser cantora para ser *olhada* por um público deslumbrado e *em compensação medi-lo* altivamente; mas esse "autismo" traduz-se por sonhos romancescos; desde a idade de 12 anos sente-se amorosa: é que espera ser amada e não procura, na adoração que deseja inspirar, senão a confirmação daquela que dedica a si mesma. Sonha que o duque de H., por quem está apaixonada sem nunca lhe ter falado, se prosterna a seus pés: "Serás ofuscado pelo meu esplendor e me amarás... Só és digno de uma mulher como espero ser". É a mesma ambivalência que encontramos em Natacha de *Guerra e Paz*:

Mamãe tampouco me compreende. Deus meu, como sou espírita! Um verdadeiro encanto, essa Natacha! prosseguiu falando a si mesma na terceira pessoa e colocando a exclamação na boca de um personagem masculino que lhe atribuía todas as perfeições de seu sexo. Tem tudo, tudo para ela. É inteligente, gentil e bonita, e hábil. Nada, monta muito bem a cavalo, canta deliciosamente. Sim, pode-se dizer, deliciosamente. . .

Tinha voltado naquela manhã àquele amor a si mesma, àquela admiração por sua pessoa, que constituíam seu estado de alma habitual, "Que encanto, essa Natacha! dizia ela, fazendo falar um terceiro personagem coletivo e masculino. É jovem, é bonita, tem uma bela voz, não incomoda ninguém: deixem-na portanto sossegada!"

Katherine Mansfield descreveu também, no personagem de Beryl, um caso em que o narcisismo e o desejo romanesco de um destino de mulher se misturam estreitamente:

Na sala de jantar, à luz piscante do fogo da lareira, Beryl tocava guitarra sentada numa almofada. Tocava para si mesma, cantava a meia voz e observava-se. O brilho das chamas espelhava-se em seu sapato, no ventre rubicundo da guitarra e em seus dedos brancos...

"Se estivesse lá fora e olhasse para dentro pela janela, espantar-me-ia bastante em me ver assim", pensava. Tocou o acompanhamento em surdina; não cantava mais, escutava.

"Da primeira vez que te vi, menina, tu te acreditavas muito só! Estavas sentada com teus pèzinhos sobre a almofada e tocavas guitarra. Deus meu! Nunca o poderei esquecer..." Beryl ergueu a cabeça e pôs-se a cantar:

Até a lua está lassa. Mas batiam fortemente à porta. A cara avermelhada da criada surgiu... Não, não suportaria aquela mulher estúpida. Fugiu para o salão escuro e pôs-se a andar de um lado para outro. Oh! estava agitada, agitada. Em cima da lareira havia um espelho. Apoiando-se nos braços contemplou sua pálida imagem. Como era bela! Mas não havia ninguém para percebê-lo, ninguém... Beryl sorriu e realmente seu sorriso era tão adorável que sorriu de riôvo.. . (*Prelúdio*).

Esse culto do eu não se traduz, na jovem, somente pela adoração de sua pessoa física. Ela almeja também possuir e incensar todo seu eu. Esse é o objetivo visado através desses diários íntimos em que ela expande de bom grado a alma. O de Maria Bashkirtseff é célebre e é um modelo no gênero. A jovem fala com seus cadernos como falava antes com suas bonecas, é um amigo, um confidente, interpela-o como se fôra uma pessoa. Entre as páginas inscreve-se uma verdade escondida aos pais, aos colegas, aos professores, e com a qual a autora se embriaga solitariamente. Uma jovem de 12 anos que escreveu seu diário até a idade de 20 pusera-lhe em exergo:

*Sou o caderninho
gentil, bonito e discreto,
confia-me todos os tens segredos
Sou o caderninho*¹.

Outras proclamam: "Para ser lido somente depois de minha morte" ou "para ser queimado depois da minha morte". O sen-

(¹) Citado por Debesse, *La crise d'originalité juvénile*.

tido do segredo desenvolvido na menina, no momento da pré-puberdade, aumenta sempre. Ela se encerra numa solidão arisca; recusa-se a desvendar aos que a cercam o eu recôndito que considera seu verdadeiro eu e que na realidade é um personagem imaginário: finge ser uma dançarina como a Natacha de Tolstoi, ou uma santa como fazia Marie Lenéru, ou simplesmente essa maravilha singular que é ela própria. Há sempre uma enorme diferença entre essa heroína e a figura objetiva que seus pais e amigos lhe reconhecem. Por isso, ela se persuade de que é incompreendida: suas relações consigo mesma são apenas mais apaixonadas. Ela se embriaga com seu isolamento, sente-se diferente, superior, excepcional: promete a si mesma que seu futuro será um revide à mediocridade de sua vida presente. Desta existência estreita e mesquinha, ela se evade nos sonhos. Sempre gostou de sonhar: não abandonará nunca mais esse pendor: mascara com clichês poéticos um universo que a intimida, aureola o sexo masculino de luar, de nuvens róseas, de noites aveludadas; faz do corpo um templo de mármore, de jaspe, de madrepérola; conta-se a si própria tolas histórias mágicas. É por falta de um domínio sobre o mundo que soçobra tão amiudadamente na necessidade. Se devesse *agir* teria de enxergar claramente, ao passo que pode *esperar* no meio da bruma. O rapaz também sonha: sonha principalmente com aventuras em que desempenha um papel ativo. A jovem prefere o maravilhoso à aventura; ela expande sobre as pessoas e as coisas uma luz mágica incerta. A idéia de magia é a de uma força passiva; como é votada à passividade e no entanto aspira ao poder, é preciso que a adolescente acredite na magia: a de seu corpo que submeterá os homens a seu jugo, a do destino em geral que a satisfará sem que precise *fazer nada*. Quanto ao mundo real, tenta esquecê-lo.

"Por vezes, na escola, fujo, não sei como, do assunto explicado e me elevo ao país dos sonhos..." escreve uma jovem¹. "Absorvo-me então a tal ponto em deliciosas quimeras que perco completamente a noção da realidade. Fico pregada a meu banco e, quando acordo, espanta-me reencontrar-me entre quatro paredes."

"Prefiro devanear a fazer versos", escreve outra, "esboçar em minha imaginação lindos contos sem pé nem cabeça ou inventar uma lenda, olhando as montanhas à luz das estrelas. É bem mais bonito porque é mais vago e deixa uma impressão de repouso, de frescor".

(¹) Citado por Marguerite Evard, *L'Adolescente*.

O devaneio pode assumir uma forma mórbida e invadir toda a existência como no caso seguinte¹:

Maria B., menina inteligente e sonhadora, no momento da puberdade, que se manifesta por volta dos 14 anos, sofre uma crise de excitação psíquica com idéias de grandeza. "Repentinamente, declara a seus pais que é rainha da Espanha, toma atitudes altivas, envolve-se em cortinados, ri, canta, manda, ordena." Durante dois anos esse estado repete-se no período das regras; a seguir, durante oito anos, leva uma vida normal, mas é muito sonhadora, adora o luxo e diz amiúde *com amargura*: "Sou a filha de um empregado". Por volta dos 23 anos torna-se apática, desdenhosa, dá mostra de concepções ambiciosas; definha a tal ponto que a internam em Sainte-Anne onde permanece oito meses. Volta para a casa de sua família, onde durante três anos fica de cama, "desagradável, má, violenta, caprichosa, desocupada, fazendo que toda gente ao redor dela leve uma vida verdadeiramente infernal". Internam-na novamente em Sainte-Anne de onde não sai mais. Fica de cama e não se interessa por nada. Em certos períodos, que parecem corresponder aos da menstruação, levanta-se, envolve-se nas suas cobertas, toma atitudes teatrais, poses, sorri aos médicos e olha-os ironicamente. . . Suas palavras exprimem muitas vezes certo erotismo e sua atitude altiva traduz concepções megalomaníacas. Entrega-se cada vez mais ao devaneio, durante o qual sorrisos de satisfação assomaram-lhe ao rosto; não faz mais nenhuma *toilette* e suja o próprio leito. "Exibe ornatos estranhos. Sem camisa, amiúde sem lençóis, enrolada nas cobertas quando não se expõe nua, arvora um diadema de papel de estanho na cabeça e numerosas pulseiras de barbante e fita nos punhos, nos ombros, nos tornozelos. Anéis do mesmo tipo enfeitam-lhe os dedos." Entretanto, faz por vezes confidências inteiramente lúcidas acerca de seu estado. "Lembro-me da crise que tive outrora. No fundo eu sabia que não era verdade. Era como uma criança que brinca com boneca, que sabe que a boneca não vive, mas quer persuadir-se do contrário. . . Penteava-me, vestia-me com cobertas. Isso me divertia e depois, pouco a pouco, como contra minha vontade, ficava enfeitada, era como um sonho que vivia. Era uma comediante desempenhando um papel. Estava num mundo imaginário. Vivia várias vidas e *em todas elas era o personagem principal*. . . Ah! Tive tantas vidas diferentes! De uma feita casei-me com um americano muito bonito que usava óculos de ouro. . . Tínhamos um grande palacete e cada qual seu quarto. Quantas festas dei!. . . Vivi no tempo do homem das cavernas. Fiz farra outrora. Não contei todos com quem dormi. Aqui estamos um pouco atrasados. Não compreendem que me ponha nua com uma pulseira de ouro na coxa. Outrora tinha amigos de que gostava muito. Davam festas em casa. Havia flores, perfumes, mantos de arminho. Meus amigos davam-me objetos de arte, estátuas, automóveis. Quando me ponho nua nos lençóis, recordo a vida de outrora. *Adorava-me ao espelho*, como uma artista. . . Nesse encantamento fui tudo o que quis. Fiz até tolices. Fui morfinômana, cocainômana. Tive

.. (1) Segundo Borel e Robin, *Les rêveries morbides*. Citado por Minkowski, *La Schizophrénie*.

amantes. Introduziam-se à noite em minha casa. Vinham dois juntos, traziam cabeleireiros e olhávamos cartões-postais." Ela gosta também de um dos 'médicos de quem se diz amante. Teria tido uma filha de três anos. Tem também outra de seis, muito rica, e que está viajando. O pai é um homem ultrachique. "Há muitas outras histórias semelhantes. Cada uma é a narrativa de uma existência fictícia que ela vive imaginariamente."

Vê-se que esse devaneio mórbido destinava-se essencialmente a satisfazer o narcisismo da jovem que considera sua vida insatisfatória e teme enfrentar a verdade da existência; Maria B. não fez senão levar ao extremo um processo de compensação que é comum em numerosas adolescentes.

Entretanto, esse culto solitário que rende a si mesma não basta à jovem. Para se realizar, ela precisa existir numa outra consciência. Busca amiúde auxílio de suas companheiras. Com menos idade, a amiga mais íntima servia-lhe de ponto de apoio para evadir-se do círculo materno, para explorar o mundo e em particular o mundo sexual; agora ela é ao mesmo tempo um objeto que arranca a adolescente dos limites de seu eu a uma testemunha que lho restitui. Certas meninas exibem sua nudez umas às outras, comparam os seios. Talvez se lembrem da cena de *jeunes filles en uniforme* que mostrava esses folguedos ousados das internas; trocam carícias difusas ou precisas. Como Colette o indica em *Claudine à Vécole*, e menos francamente Rosamond Lehman em *Poussière*, há tendências lésbicas em quase todas as jovens. Essas tendências mal se distinguem da deleitação narcisista: o que cada uma deseja na outra é a doçura da própria pele, o modelado das curvas; e, reciprocamente, na adoração que tem por si mesma, está implicado o culto da feminilidade em geral. Sexualmente o homem é sujeito; os homens acham-se, portanto, normalmente separados pelo desejo que os impele para um objeto diferente deles; mas a mulher é objeto absoluto de desejo; eis por que nos liceus, escolas, internatos, *ateliers*, florescem tantas amizades especiais; algumas são puramente espirituais, outras fortemente carnis. No primeiro caso, trata-se principalmente de abrir o coração entre amigas, de trocar confidências; a prova de confiança mais apaixonada consiste em mostrar o diário íntimo à amiga; na falta de amplexos sexuais, as amigas trocam manifestações de extremada ternura e muitas vezes trocam provas físicas de seus sentimentos. Assim é que Natacha queima o braço com uma régua em brasa para provar a Sônia seu amor; mas, sobretudo, elas se chamam por mil nomes carinhosos, trocam cartas fervorosas. Eis,

por exemplo, o que escrevia à amada Emily Dickinson uma jovem puritana da Nova Inglaterra:

Penso em você todo dia e sonhei com você durante toda a noite passada. Estava passeando com você no mais maravilhoso dos jardins, ajudava-a a colher rosas e meu cesto nunca se enchia. Assim, durante todo o dia rezo para passear com você e quando a noite se aproxima fico feliz e conto impacientemente as horas que se interpoem entre mim e a escuridão, e meus sonhos e o cesto que nunca se enche...

Em sua obra *L'Âme de L'Adolescente*, Mendousse cita numerosas cartas análogas:

Minha cara Susana... Gostaria de transcrever aqui alguns versículos do *Cântico dos Cânticos*: como és bela, minha amiga, como és bela! Como a noiva mística, você era semelhante à rosa de Saron, ao lírio do Vale e como ela você foi para mim mais do que uma moça comum; você foi símbolo, o símbolo de muitas coisas belas e elevadas... e por causa disso, branca Susana, eu a amo de um amor puro e desinteressado em que há algo religioso.

Outra confessa em seu diário emoções menos elevadas:

Estava ali, a cintura tomada por essa mãozinha branca, minha mão repousando em seu ombro redondo, meu braço em seu braço morno e nu, aconchegada à doçura de seu seio, e à minha frente sua linda boca entreaberta sobre os dentinhos... Tremia e sentia meu rosto em fogo¹.

Era seu livro *L'Adolescente*, Mme Evard recolheu também bom número dessas efusões íntimas:

A minha fada bem amada, minha querida muito querida. Minha linda fada! Dize-me que me amas ainda, dize-me que continuo a ser sempre tua amiga devotada. Estou triste, amo-te tanto, minha L... e não posso falar-te, formular suficientemente minha afeição; não há palavras que descrevam meu amor. *Idolstrar* é dizer pouco em relação ao que sinto; parece-me, por vezes, que meu coração vai rebentar. Ser amada por ti é belo demais, não posso acreditar nisso. Oh!, *minha mimosa*, dize-me, tu me amarás ainda durante muito tempo?... etc.

Dessas ternuras exaltadas, passa-se facilmente a amores juvenis culposos. Por vezes, uma das duas amigas domina a outra e exerce seu poder com sadismo; mas, muitas vezes, trata-se de amores recíprocos sem humilhação nem luta. O prazer dado e recebido permanece tão inocente como no tempo em que cada uma se amava solitariamente sem se desdobrar num casal. Mas essa bran-

(¹) Citado por Mendousse em *L'Âme de L'Adolescente*.

cura é insôssa; quando a adolescente almeja enfrentar a vida, atingir o Outro, quer ressuscitar em seu proveito a magia do olhar paterno, exige o amor e as carícias de uma divindade. Voltar-se-á para uma mulher, menos estranha e menos temível do que o homem, mas que participará do prestígio viril: uma mulher com um ofício, ganhando a vida, com certo prestígio social, será facilmente tão fascinante como um homem. Sabe-se quantas paixões se acendem no coração das escolares pelas professoras e as vigias. Em *Régiment de femmes*, Clémence Dane descreve, de maneira casta, paixões ardorosas. Por vezes, a jovem faz à sua amiga íntima a confidencia de uma grande paixão: acontece mesmo que ambas a partilhem e que cada qual se vanglorie de senti-la mais fortemente. Assim é que uma escolar escreve à sua colega predileta:

Estou de cama, com defluxo, nada faço senão pensar em Mlle X. Nunca amei uma professora a esse ponto. Já no primeiro ano gostava muito dela; mas agora é realmente amor. Creio que estou mais apaixonada do que você. Parece-me que a beijo; quase desfaleço e regozijo-me com voltar à escola para vê-la¹.

Mais comumente ela ousa confessar seus sentimentos ao próprio ídolo:

Acho-me perante a senhora, minha cara *mademoiselle*, num estado indescritível. . . Quando não a vejo, daria tudo no mundo para encontrá-la. Penso na senhora a cada instante. Se a percebo, fico com os olhos rasos de lágrimas, tenho vontade de me esconder; sou tão pequena, tão ignorante perto da senhora. Quando a senhora me fala, fico embaçada, comovida, parece-me ouvir a doce voz de uma fada e um zunido de coisas amorosas, impossíveis de se traduzirem; espio seus menores gestos, não presto mais atenção à conversa, engrolo alguma tolice; a senhora convirá, cara *mademoiselle*, em que isso é bastante complicado. Só vejo uma coisa com nitidez, é que a amo do fundo do coração¹.

A diretora de uma escola profissional conta (Liepmann, *Jeu- nesse et sexualité*):

Lembro-me de que, em minha própria juventude, disputávamos o papel em que uma de nossas jovens professoras trazia o almoço e pagávamos os pedaços até 20 pfennings. Os bilhetes de metro, já usados, eram igualmente objeto de nossa mania de colecionadoras.

Como deve desempenhar um papel viril, é preferível que a mulher amada não seja casada: o casamento nem sempre desa-

(¹) Citado por Marguerite Evard, *L'Adolescente*.

nima a jovem amorosa, mas incomoda-a. Ela detesta que o objeto de sua adoração se apresente como submissa ao poder de um marido ou de um amante. Muitas vezes, essas paixões desenvolvem-se em segredo, ou pelo menos num plano puramente platônico; mas a passagem para um erotismo concreto é muito mais fácil, no caso, do que se o objeto amado pertence ao sexo masculino. Mesmo quando não teve experiências fáceis com amigas de sua idade, o corpo feminino não assusta a jovem; esta conheceu amiúde com as irmãs e a mãe uma intimidade em que a ternura se impregnava sutilmente de sensualidade, e, junto da amada que admira, a passagem da ternura ao prazer far-se-á também de maneira insensível. Quando em *Jeunes Filles en uniforme*, Dorothy Wieck beijava Herta Thill na boca, o beijo era maternal e sexual a um tempo. Há entre mulheres uma cumplicidade que desarma o pudor; a perturbação que uma desperta na outra é geralmente sem violência; as carícias homossexuais não implicam nem defloração nem penetração: satisfazem o erotismo clitoridiano da infância sem reclamar novas e inquietantes metamorfoses. A jovem pode realizar sua vocação de objeto passivo sem se sentir profundamente alienada. É o que exprime Renée Vivien em seus versos, em que descreve relações de "mulheres danadas" com suas amantes:

*Nossos corpos são para seus corpos um espelho fraternal,
Nossos beijos lunares têm pálidas doçuras,
Nossos dedos não magoam a penugem de um rosto
E podemos, quando o cinto se solta,
Ser a um tempo amantes e irmãs*¹

E nestes igualmente:

*Porque amamos a graça e a delicadeza
E minha posse não te machuca os seios...
Minha boca não poderia morder asperamente tua boca*².

Através da impropriedade poética das palavras "seios" e "boca" o que ela promete realmente à amiga é não a violentar. E é em parte por medo da violência, da violação, que a adoles-

(¹) *L'Heure des mains jointes.*

(²) *Sillages.*

cente dedica amiúde seu primeiro amor a uma amiga mais velha antes do que a um homem. A mulher viril reencarna ao mesmo tempo o pai e a mãe: do pai tem a autoridade, a transcendência, é fonte e medida dos valores, emerge para além do mundo dado, é divina. Mas continua mulher: que na infância tenha sido demasiado privada das carícias maternas ou, ao contrário, que a mãe a tenha mimado durante um tempo demasiado longo, a adolescente sonha, como seus irmãos, com o calor do seio. Nesta carne próxima da sua, ela reencontra com abandono essa fusão imediata com a vida que a desmama destruiu; e, através desse olhar estranho que a envolve, a separação que a individualiza é superada. Naturalmente, toda relação humana implica conflitos; todo amor, ciúmes. Mas muitas dificuldades que se erguem entre a virgem e seu primeiro amante são assim resolvidas. A experiência homossexual pode assumir o aspecto de um amor verdadeiro; pode dar à jovem um equilíbrio tão feliz que ela o desejará perpetuar, repetir, que dele conservará uma recordação nostálgica; êle poderá revelar ou dar origem a uma vocação lésbica¹. Mas, o mais das vezes, não representa senão uma etapa: sua própria facilidade o condena. No amor que dedica a uma amiga mais velha, a jovem visa seu próprio futuro: quer identificar-se ao ídolo, mas este, exceto no caso de uma superioridade excepcional, logo perderá sua aura; quando começa a afirmar-se, a mais moça julga, compara: a outra, que fora escolhida exatamente porque era mais próxima e não intimidava, não é bastante *outro* para se impor durante muito tempo; os deuses masculinos estão mais sòlidamente instalados porque seu céu é mais longínquo. A curiosidade, a sensualidade incitam a jovem a desejar amplexos mais violentos. Muitas vezes ela só encarou, desde o início, a aventura homossexual como uma transição, uma iniciação, uma espera; representou o amor, o ciúme, a cólera, o orgulho, a alegria, a pena com a idéia mais ou menos confessada de que imitava sem grandes riscos as aventuras com que sonhava, mas que não ousava ainda ou não tinha a oportunidade de viver. Ela é destinada ao homem, sabe-o. E quer um destino de mulher normal e completa.

O homem deslumbra-a, entretanto amedronta-a. Para conciliar os sentimentos contraditórios que lhe dedica, vai dissociar nele o macho que a assusta e a divindade radiosa que adora piedosamente. Brusca, selvagem com colegas masculinos, ela adora

(¹) Cf. capítulo 4.

longínquos príncipes encantados: atores de cinema cuja fotografia pendura em cima da cama, heróis mortos ou vivos mas em todo caso inacessíveis, desconhecidos divisados por acaso e que ela sabe que não tornará a ver. Tais amores não suscitam nenhum problema. Amiúde é a um homem de prestígio social ou intelectual, mas cujo físico não a pode perturbar, que se dedica; a um velho professor um tanto ridículo, por exemplo; esses homens idosos emergem além do mundo em que a adolescência se encerra, é possível destinar-se a eles em segredo, consagrar-se a eles como se consagraria a Deus: um tal dom nada tem de humilhante, é livremente consentido porquanto não desejado na carne. A amorosa romanesca aceita até de bom grado que o eleito tenha um aspecto humilde, seja feio, algo irrisório: sente-se com isso tanto mais segura. Finge deplorar os obstáculos que a separam dele, mas em verdade ela o escolheu exatamente porque nenhuma relação efetiva era possível entre ambos. Assim pode ela ter do amor uma experiência abstrata, puramente subjetiva, que não atenta contra sua integridade; seu coração bate, ela conhece a dor da ausência, as angústias da presença, o despeito, a esperança, o rancor, o entusiasmo, mas sem conseqüências; nada de si mesma se acha empenhado. É divertido constatar que o ídolo é escolhido tanto mais brilhante quanto mais distante: é útil que o professor de piano com quem ela se encontra quotidianamente seja ridículo e feio; mas se se apaixona por um estranho que se movimenta em esferas inacessíveis, prefere-o belo e macho. O importante é que, de uma maneira ou de outra, a questão sexual não se coloque. Esses amores de imaginação prolongam e confirmam a atitude narcisista em que o erotismo só aparece em sua imanência, sem presença real do Outro. É porque encontra um *álibi*, que lhe permite obviar as experiências concretas, que muitas vezes a adolescente desenvolve uma vida imaginária de extraordinária intensidade. Ela escolhe confundir seus fantasmas com a realidade. Entre outros exemplos, H. Deutsch (*Psychology of Women*) relata um muito significativo: é o de uma jovem bonita e sedutora que teria podido ser facilmente cortejada e que se recusava a qualquer comércio com os jovens de seu meio; entretanto, no segredo de seu coração, tinha, com a idade de 13 anos, decidido render um culto a um rapaz de 17, mais ou menos sem encantos e que nunca lhe endereçara uma palavra. Obteve uma fotografia dele, dedicou-a a si mesma, e durante três anos redigiu um diário em que relatava suas experiências imaginárias: trocavam beijos e

amplexos apaixonados; havia, por vezes, entre duas cenas, lágrimas que lhe deixavam os olhos realmente vermelhos e inchados; depois reconciliavam-se, ela mandava flores a si mesma etc. Quando uma mudança de residência a separou dele, ela lhe escreveu cartas, que nunca lhe enviou, mas a que respondia ela própria. Essa história era evidentemente uma defesa contra experiências reais de que tinha medo.

Esse caso é quase patológico. Mas ilustra, de modo extremo, um processo que se encontra normalmente. Vemos em Maria Bashkirtseff um exemplo surpreendente de vida sentimental imaginária. Nunca falou com o Duque de H. por quem pretende estar apaixonada. O que almeja em verdade é a exaltação de seu eu; mas sendo mulher, e principalmente na época e na classe a que pertencia, não podia tratar-se para ela de alcançar êxitos através de uma existência autônoma. Com a idade de 18 anos ela anota lucidamente: "Escrevo a C. que gostaria de ser um homem. Sei que poderia tornar-me alguém; mas com saias que quer que se faça? O casamento é a única carreira para as mulheres; os homens têm trinta e seis possibilidades, a mulher uma só; o zero, como na roleta". Ela precisa portanto do amor de um homem; mas para que este seja capaz de lhe conferir um valor soberano deve ser ele próprio consciência soberana. "Nunca um homem abaixo de minha posição poderia agradar-me, escreve. Um homem rico, independente, traz consigo o orgulho e certo aspecto confortável. A segurança tem certo ar vitorioso. Gosto em H. dessa atitude caprichosa, presumida e cruel; tem algo de Nero." E mais ainda: "Esse aniquilamento da mulher diante da superioridade do homem amado deve ser o maior gozo de amor-próprio que pode experimentar uma mulher superior". Assim, o narcisismo conduz ao masoquismo: essa ligação já se encontrava na criança sonhando com Barba Azul, Grisélides, as santas mártires. O eu é constituído como para outrem, por outrem: quanto mais poderoso é esse outrem tanto mais o eu tem riquezas e poderes; cativando seu senhor, ele envolve em si todas as virtudes que o outro detém; amada por Nero, Maria Bashkirtseff *seria* Nero; aniquilar-se diante de outrem, é realizar outrem em si e para si ao mesmo tempo; em verdade, esse sonho de vácuo é uma orgulhosa vontade de ser. Afetivamente Maria Bashkirtseff nunca encontrou homem bastante soberbo para que aceitasse alienar-se através dele. Uma coisa é ajoelhar-se diante de um deus forjado por si mesma e que permanece distante, e outra entregar-se a um macho de carne e osso. Muitas moças obstinam-se durante muito tempo a conti-

nuar seu sonho através do mundo real: procuram um homem que lhes pareça superior a todos os outros pela posição, o mérito, a inteligência; querem-no mais velho do que elas, tendo já conquistado um lugar na terra, gozando de autoridade e prestígio. A fortuna e a celebridade as fascinam: o eleito apresenta-se como o Sujeito absoluto que pelo amor lhes comunicará seu esplendor e sua necessidade. Sua superioridade idealiza o amor que a jovem lhe dedica: não é porque êle é homem que ela deseja unir-se a êle, é por ser *esse* ser de elite. "Eu quisera gigantes e só encontro homens", dizia-me outrora uma amiga. Em nome dessas altas exigências, a jovem desdenha pretendentes demasiado quotidianos e elide os problemas da sexualidade. Ela adora também, em seus sonhos e sem riscos, uma imagem de si própria que a encanta enquanto imagem, embora não consinta em absoluto a adaptar-se à ela. Assim, Marie Le Hardouin (*La Voile Noire*) conta que se comprazia em se ver como vítima, inteiramente dedicada a um homem, quando em verdade era autoritária.

Por uma espécie de pudor nunca pude exprimir na realidade essas tendências ocultas de minha natureza, que tanto vivi em sonho. Tal como aprendi a me conhecer, sou efetivamente autoritária, violenta, incapaz no fundo de dobrar-me.

Obedecendo sempre a uma necessidade de me abolir, eu me imaginava por vezes que era uma mulher admirável, vivendo somente pelo dever e amorosa até a imbecilidade de um homem a cujos 'menores desejos me esforçava por atender. Debatíamos-nos em meio a uma existência desagradável. Êle matava-se de trabalho e voltava à noite pálido e em desalinho. Eu gastava meus olhos perto de uma janela sem luz a consertar-lhe as roupas. Numa estreita cozinha enfumaçada arranjava-lhe alguns pratos miseráveis. A doença ameaçava sem cessar de morte nosso único filho. Entretanto, um sorriso crucificado de doçura palpitava sempre em meus lábios, e sempre viam em meus olhos essa expressão insuportável de coragem silenciosa que nunca pude suportar sem repugnância na realidade.

Além dessas complacências narcisistas, certas moças experimentam mais concretamente a necessidade de um guia, de um senhor. No momento em que escapam ao domínio dos pais, sentem-se inteiramente embaraçadas com uma autonomia a que não foram habituadas; quase não sabem em geral senão usá-la negativamente, caem no capricho e na extravagância, aspiram a demitir-se novamente de sua liberdade. A história da jovem caprichosa, orgulhosa, rebelde, insuportável, e que é amorosamente domada por um homem sensato é um lugar-comum da literatura barata e do cinema: é um clichê que lisonjeia ao mesmo tempo os homens e

as mulheres. É a história que conta, entre outras, Mme de Ségur em *Quel amour d'enfant!* Decepcionada em criança por um pai demasiado indulgente, Gisele apegou-se a uma velha tia severa; moça, sofre a ascendência de um rapaz rabugento, Julien, que lhe diz duras verdades, que a humilha, e tenta corrigi-la; ela casa-se com um duque rico e sem caráter com quem é muito infeliz e quando, viúva, aceita o amor exigente de seu mentor, é que encontra enfim alegria e sossego. Em *Good Wives*, de Louisa Alcott, a independente Joe começa a gostar de seu futuro marido porque êle lhe censura severamente uma leviandade cometida; êle a admoesta também e ela se apressa em se desculpar, em se submeter. Apesar do orgulho crispado das mulheres norte-americanas, os filmes de Hollywood apresentaram-nos, cem vezes, meninas insuportáveis domadas pela brutalidade sadia de um namorado ou de um marido: um par de taponas, umas boas palmadas são apresentados como meios eficientes de sedução. Mas na realidade a passagem do amor ideal ao amor sexual não é simples. Muitas mulheres evitam cuidadosamente aproximar-se do objeto de sua paixão, por medo mais ou menos confessado de decepção. Se o herói, o gigante, o semideus responde ao amor que inspira e o transforma numa experiência real, a jovem assusta-se; seu ídolo torna-se um macho de quem ela se afasta enojada. Há adolescentes coquetes que tudo fazem para seduzir um homem que lhes parece "interessante" ou "fascinante", mas que paradoxalmente se irritam se êle lhes retribuiu um sentimento demasiado vivo: êle agradava-lhes porque lhes parecia inacessível: amoroso, vulgariza-se. "É um homem como os outros." A jovem censura-lhe a decadência, vale-se do pretexto para recusar os contatos físicos que assustam sua sensibilidade virginal. Se cede a seu "Ideal", fica a jovem insensível nos braços dele e "acontece, diz Stekel (*A Mulher Fria*), que jovens exaltadas se suicidem em seguida a tais cenas em que toda a construção da imaginação amorosa desmorona porque o Ideal se revela sob a forma de um "animal brutal". É também por amor ao impossível que muitas vezes a jovem se apaixona por um homem quando êle começa a cortejar uma de suas amigas, e é também por isso que muitas vezes escolhe um homem casado. Ela é facilmente fascinada pelos D. Juan; sonha em submeter e dominar esse sedutor que nenhuma mulher consegue reter, acalenta a esperança de reformá-lo. Na realidade sabe que malogrará em sua empresa e é uma das razões de sua escolha. Certas jovens mostram-se incapazes de conhecer alguma vez um amor real e completo. Durante toda a vida procurarão um ideal inacessível.

É que há conflito entre o narcisismo da jovem e as experiências a que a sexualidade a destina. A mulher só se aceita como o inessencial com a condição de se reencontrar como o essencial em sua abdicação. Fazendo-se objeto, ei-la que se torna um ídolo em que se reconhece orgulhosamente; mas ela recusa a implacável dialética que lhe determina retornar ao inessencial. Quer ser um tesouro fascinante, não uma coisa a ser possuída. Gosta de apresentar-se como um maravilhoso fetiche carregado de eflúvios mágicos, e não se encarar como uma carne que se deixa ver, apalpar, machucar: e o homem ama a mulher como presa mas foge da ogra Deméter.

Orgulhosa por captar o interesse masculino, por suscitar a admiração, o que a revolta é ser em troca captada. Com a puberdade ela aprendeu a vergonha, e a vergonha continua misturada a seu coquetismo e a sua vaidade; os olhares dos homens lisonjeiam-na e ferem-na ao mesmo tempo; gostaria de ser vista tão somente na medida em que se mostra: os olhos são sempre demasiado penetrantes. Daí as incoerências que desnorream os homens: ela exhibe seu decote, suas pernas e logo que as olham enrubesce, irrita-se. Diverte-se com provocar o macho, mas, se percebe que despertou nele o desejo, recua com nojo: o desejo masculino é uma ofensa tanto quanto uma homenagem; na medida em que se sente responsável por seu encanto, em que lhe parece exercê-lo livremente, ela se encanta com suas vitórias, mas, na medida em que sua carne, suas formas, seus traços são dados e suportados, deseja roubá-los a essa liberdade estranha e indiscreta que os deseja. Esse é o sentido profundo desse pudor original que interfere de maneira desconcertante nos coquetismos mais ousados. Uma menina pode ter ousadias espantosas porque não percebe que suas iniciativas a revelam em sua passividade. Logo que o percebe, assusta-se e zanga-se. Nada é mais equívoco do que um olhar; existe à distância e graças a essa distância parece respeitoso: mas êle se apodera matreiramente da imagem percebida. A mulher em formação debate-se nessas armadilhas. Começa a abandonar-se, mas logo se crispa e mata o desejo em si. Em seu corpo ainda incerto, a carícia é sentida ora como um prazer terno, ora como uma cócega desagradável; um beijo comove-a primeiramente, e repentinamente a faz rir; ela faz com que, a cada complacência, suceda uma revolta; deixa-se beijar mas limpa a boca com afetação; sorridente e terna, torna-se subitamente irônica e hostil; faz promessas e deliberadamente as esquece. Assim é Mathilde de la Mole, seduzida pela beleza e as raras qualidades de Julien, desejosa de alcançar

pelo amor um destino excepcional, mas recusando selvagememente o domínio dos sentidos e de uma consciência estranha; passa do servilismo à arrogância, da súplica ao desprezo; tudo o que dá pede imediatamente de volta. Assim é também essa "Monique", cujo retrato Marcel Arland traçou, que confunde a inquietação com o pecado, para quem o amor é uma abdicação vergonhosa, cujo sangue queima mas que detesta esse ardor e só se submete rebelando-se.

É exibindo uma natureza infantil e perversa que o "fruto verde" se defende contra o homem. Sob essa forma semi-selvagem e semi-sensata, foi a jovem descrita muitas vezes. Colette, entre outros, pintou-a em *Claudine à Vécole* e igualmente em *Blé en herbe* com os traços da sedutora Vinca. Ela conserva um interesse fervoroso pelo mundo colocado à frente dela e sobre o qual reina como soberana; mas tem também curiosidade, um desejo sensual e romanesco pelo homem. Vinca arranha-se nas sarças, pesca camarões, sobe nas árvores e no entanto freme quando seu colega Phil lhe toca a mão; ela conhece a inquietação em que o corpo se faz carne e que é a primeira revelação da mulher como mulher; perturbada, começa a querer ser bonita: às vezes penteia-se, arrebica-se, veste-se de organdi vaporoso, diverte-se em ser coquete e em seduzir; mas como quer também existir *para si* e não somente *para outrem*, outras vezes arranja-se com vestidos velhos e desgraciosos, com calças mal ajustadas; há toda uma parte de si própria que condena o coquetismo e o considera uma demissão: por isso, propositadamente anda com os dedos sujos de tinta, mostra-se despenteada, desmazelada. Essas rebeliões causam-lhe um embaraço que ela sente com despeito: agasta-se com isso, enrubesce, torna-se duplamente desajeitada e fica com horror dessas tentativas frustradas de sedução. Nesse estádio, a jovem não quer mais ser criança, mas também não quer tornar-se adulta, censura em si mesma, ora sua puerilidade, ora sua resignação de fêmea. Coloca-se em atitude de constante recusa.

Esse é o traço que caracteriza a jovem e nos dá a chave da maior parte de suas condutas; não aceita o destino que a Natureza e a sociedade lhe designam; e no entanto não o repudia positivamente: acha-se interiormente dividida para entrar em luta com o mundo; limita-se a fugir da realidade ou a contestá-la simbolicamente. Cada desejo seu comporta uma angústia: está ávida por entrar na posse de seu futuro mas teme romper com o passado; almeja "ter" um homem, repugna-lhe ser sua presa. E atrás de cada temor dissimula-se um desejo: a violação causa-lhe horror, mas ela aspira à passividade. Por isso está votada

à má-fé e a todos os ardis desta; por isso está predisposta a toda espécie de obsessões negativas que traduzem a ambivalência do desejo e da ansiedade.

Uma das formas de contestação que se encontram mais amiudadamente na adolescente é o escárnio. Colegiais, *midinettes*, rebentam de riso contando-se histórias sentimentais ou escabrosas, falando de namoros, cruzando com homens na rua ou vendo namorados beijarem-se; conheci colegiais que passavam propositadamente pela alameda dos namorados no Jardim do Luxemburgo tão-sòmente para rir; e outras que freqüentavam banhos turcos para zombar das mulheres gordas, barrigudas e de seios caídos que encontravam: escarnecer o corpo feminino, ridicularizar os homens, rir do amor, é uma maneira de negar a sexualidade; há nesses risos como que um desafio aos adultos, uma maneira de superar o próprio embaraço; brinca-se com imagens e palavras para destruir-lhes a magia perigosa: assim é que vi alunas do quarto ano "rebentar de riso" ao depararem com a palavra *fêmur* no texto. Com muito mais razão a jovem se vinga rindo na cara do parceiro ou com colegas quando se deixa beijar ou bolinar. Lembro-me, uma noite, em um compartimento de trem em que duas moças se deixavam acariciar, cada uma por sua vez, por um caixeiro-viajante muito feliz com a sua sorte: entre cada sessão riam històricamente, reencontrando, num ajuste de sexualidade e vergonha, as condutas da idade ingrata. Juntamente com a gargalhada, as jovens apelam para a linguagem: valem-se algumas delas de um vocabulário cuja grosseria faria seus irmãos corarem; isso as perturba tanto menos quanto as expressões que usam não lhes evocam, em consequência de sua semi-ignorância, nenhuma imagem precisa; o objetivo é de resto, senão o de impedir que as imagens se formem, pelo menos o de as desmontar; as histórias grosseiras que as colegiais se contam destinam-se muito menos a satisfazer instintos sexuais do que a negar a sexualidade: querem encará-la apenas sob um aspecto humorístico, como uma operação mecânica e quase cirúrgica. Mas, como o riso, o emprego de uma linguagem obscena não é unicamente uma contestação: é também um desafio aos adultos, uma espécie de sacrilégio, uma conduta deliberadamente perversa. Recusando a natureza e a sociedade, a jovem as provoca e as enfrenta mediante numerosas singularidades. Observaram-se nela muitas vezes manias alimentares: come pontas de lápis, pedaços de lacre, pauzinhos, camarões vivos, comprimidos de aspirina às dúzias, e até moscas e aranhas; conheci uma, muito bem compor-

tada entretanto, que compunha com café e vinho hrancos horríveis misturas que se esforçava por absorver; outras vezes comia açúcar embebido de vinagre. Outra vi que mastigou resolutamente um vermezinho encontrado na salada. Todas as crianças se esforçam por experimentar o mundo com os olhos, as mãos, e mais intimamente com a boca e o estômago: mas na idade ingrata a menina compraz-se mais particularmente em explorá-lo no que tem de indigesto e repugnante. Muitas vezes o que é "nojento" a atrai. Uma delas, que era bonita, não raro coquete e limpa, mostrava-se realmente fascinada por tudo o que lhe parecia "sujo": tocava em insetos, contemplava suas toalhinhas maculadas, chupava o sangue das feridas. Brincar com coisas sujas é, evidentemente, uma maneira de superar o nojo; esse sentimento assumiu grande importância no momento da puberdade; a jovem tem repugnância por seu corpo demasiado carnal, pelo sangue menstrual, pelas práticas sexuais dos adultos, pelo macho a que se destina; nega-o comprazendo-se precisamente na familiaridade de tudo o que a enoja. "Como é preciso que sangue todos os meses, bebendo o sangue de minhas feridas provo que o sangue não me amedronta. Se deverei submeter-me a uma experiência revoltante, por que não mastigar um vermezinho?" Essa atitude afirma-se de maneira mais nítida nas automutilações tão frequentes nessa idade. A jovem corta as coxas com navalha, queima-se com cigarros, arranha-se; para não ir a um *garden-party* aborrecido, uma amiga de minha juventude abriu o pé com um golpe de machadinha, a ponto de ter de ficar de cama durante seis semanas. Essas práticas sado-masoquistas são, ao mesmo tempo, uma antecipação da experiência sexual e uma revolta contra ela; é preciso, suportando essas provações, enrijecer-se contra toda provação possível e assim torná-las todas anódinas, inclusive a da noite nupcial. Quando põe uma lêsma no peito, quando engole um tubo de aspirina, quando se fere, a jovem desafia o futuro amante: não me infligirás nada mais odioso do que o que eu me inflijo a mim mesma. Trata-se de iniciações melancólicas e orgulhosas à aventura sexual. Destinada a ser uma presa passiva, ela reivindica sua liberdade até no fato de suportar a dor e o nojo. Quando se impõe a mordida da faca, a queimadura da brasa, protesta contra a penetração que a deflorará: protesta anulando-a. Masoquista, porquanto em sua conduta aceita a dor, ela é principalmente sádica: enquanto sujeito autônomo, atormenta, insulta, tortura essa carne dependente, essa carne condenada à submissão que detesta, sem querer en-

tretanto distinguir-se dela. Porque ela não escolhe em todas essas conjunturas recusar autenticamente seu destino. As manias sado-masoquistas implicam uma má-fé fundamental: e se a menina a elas se entrega, é porque aceita, através das recusas, seu futuro de mulher; não mutilaria com ódio sua carne se antes não se reconhecesse como carne. Até suas explosões de violência partem de um fundo de resignação. Quando se revolta contra o pai, contra o mundo, o rapaz entrega-se a violências eficientes; procura briga com um camarada, bate-se, afirma-se a socos como sujeito: impõe-se ao mundo, supera-o. Mas afirmar-se, impor-se é proibido à adolescente e é isso que põe em seu coração tanta revolta: ela não espera nem mudar o mundo, nem emergir dele; sabe-se, acredita-se, e talvez se queira amarrada: só pode destruir; há desespero em sua cólera; durante uma noite irritante, ela quebra copos, vidros, vasos; não é para vencer o destino; é apenas um protesto simbólico. É através de sua impotência presente que a jovem se rebela contra sua servidão futura; e suas vãs explosões, longe de a libertarem de seus laços, não fazem amiúde senão recerrá-los. Violências contra si própria ou contra o universo que a cerca têm sempre um caráter negativo: são mais espetaculosas do que eficazes. O rapaz que escala rochedos, que briga com os companheiros, encara a dor física, os ferimentos e pancadas como uma consequência insignificante das atividades positivas a que se entrega; não as procura nem delas foge por si mesmas (salvo em caso de um complexo de inferioridade que o coloca numa situação análoga à das mulheres). A jovem olha-se sofrer: busca em seu próprio coração o gosto da violência e da revolta mais do que se interessa pelos resultados. Sua perversidade vem do fato de que permanece ancorada no universo infantil de onde não pode nem quer verdadeiramente evadir-se; debate-se na gaiola, não procura sair; suas atitudes são negativas, reflexivas, simbólicas. Há casos em que essa perversidade assume formas inquietantes. Numerosas jovens virgens são cleptomaníacas; a cleptomania é uma "sublimação sexual" de natureza muito equívoca; a vontade de infringir as leis, de violar um tabu, a vertigem do ato proibido e perigoso são certamente essenciais na ladra: mas isso tem uma dupla face. Apropriar-se de objetos sem ter o direito de fazê-lo, é afirmar com arrogância sua autonomia, é pôr-se como sujeito perante as coisas roubadas e a sociedade que condena o roubo; é recusar a ordem estabelecida e desafiar os que a defendem. Mas esse desafio tem também um aspecto Masoquista; a ladra é fascinada pelo risco que corre, pelo abis-

mo em que será precipitada se a pegarem; é o perigo de ser pegada que dá ao fato de se apropriar um encanto tão voluptuoso; sob os olhares cheios de censura, sob a mão pousada no ombro, na vergonha, ela se realizaria plenamente e sem recurso como objeto. Pegar sem ser pegada, na angústia de se tornar presa, eis o jogo perigoso da sexualidade adolescente feminina. Todas as condutas perversas e delituosas com que se depara nas jovens têm essa mesma significação. Algumas especializam-se em enviar cartas anônimas, outras se divertem com mistificar os que a cercam; uma menina de 14 anos persuadira toda a aldeia de que uma casa era mal-assombrada. Elas gozam o mesmo tempo do exercício clandestino de seu poder, de sua desobediência, de seu desafio à sociedade, e do risco de serem desmascaradas; é um elemento tão importante em seu prazer que muitas vezes se desmascaram a si próprias e se acusam de faltas ou crimes que não cometeram. Não é espantoso que a recusa em se tornar objeto conduza a se constituir em objeto: é um processo comum em todas as obsessões negativas. É num mesmo movimento que, numa paralisia histerica, a vítima receia a paralisia, deseja-a e realiza-a: só se cura deixando de pensar nela; o mesmo ocorre com os sestros dos psicastênicos. É a profundidade de sua má-fé que aparenta a jovem a esses tipos de neuróticos: manias, sestros, conjuras, perversidades, encontram-se nela muitos sintomas neuróticos por causa dessa ambivalência do desejo e da angústia que assinalamos. É bastante freqüente, por exemplo, que tenha "fugas": sai ao acaso, deambula longe da casa paterna e, ao fim de dois ou três dias, volta espontaneamente. Não se trata de uma partida verdadeira, de uma ruptura com a família; é somente uma comédia de evasão e, muitas vezes, a jovem fica inteiramente desorientada se lhe propõem tirá-la definitivamente de seu meio: ela quer deixá-lo sem o querer. A fuga liga-se por vezes a fantasmas de prostituição: a jovem sonha que é uma prostituta, desempenha o papel mais ou menos timidamente; arrebuca-se exageradamente, debruça-se à janela e deita olhares aos passantes; em certos casos abandona o lar e leva tão longe a comédia que esta acaba se confundindo com a realidade. Essas condutas traduzem amiúde um nojo pelo desejo sexual, um sentimento de culpa: se tenho tais pensamentos, tais apetites, não valho mais do que uma prostituta, sou uma prostituta, pensa a jovem. Por vezes, ela procura libertar-se: acabemos com isso, vamos até o fim, e quer provar a si mesma que a sexualidade tem pouca importância, entregando-se a qualquer um. Ao mesmo tempo uma tal atitude manifesta muitas

vezes hostilidade à mãe, ou porque a jovem tenha horror à austera virtude dela, ou porque a suspeite de ter maus costumes; ou então exprime rancor contra o pai que se mostrou por demais indiferente. Como quer que seja, nessa obsessão — como nos fantasmas de gravidez de que já falamos e que a ela não raro se associam — encontra-se essa inextricável confusão da revolta e da cumplicidade, que caracteriza as vertigens psicastênicas. É de notar que em todas essas condutas a jovem não procura ultrapassar a ordem natural e social, não pretende recuar as fronteiras do possível nem operar uma transmutação de valores; contenta-se com manifestar sua revolta no seio de um mundo estabelecido cujas fronteiras e leis são conservadas; é essa atitude que se definiu muitas vezes como "demoníaca" e que implica uma trapaça fundamental: o bem é reconhecido a fim de ser escarnecido, a regra é posta a fim de ser violada, o sagrado é respeitado a fim de que seja possível perpetrar sacrilégios. A atitude da jovem define-se essencialmente pelo fato de que, nas trevas angustiantes da má-fé, ela recusa, aceitando-o, o mundo e seu próprio destino.

Entretanto, não se restringe a contestar negativamente a situação que lhe é imposta; procura também compensar-lhe as insuficiências. Se o futuro a assusta, não a satisfaz o presente; ela hesita em se tornar mulher; ela se agasta com não passar ainda de uma menina; já largou o passado mas não se empenhou ainda numa vida nova. Ocupa-se mas não *jaz* nada, e porque não faz nada não *tem* nada, não *é* nada. É com comédias e mistificações que ela se esforça por encher esse vazio. Censuram-na muitas vezes por ser dissimulada, mentirosa, por inventar "histórias". O fato é que está destinada ao segredo e à mentira. Com 16 anos uma mulher já passou por penosas provações: puberdade, regras, despertar da sexualidade, primeiras inquietações, primeiras febres, medos, nojos, experiências equívocas, encerrou todas essas coisas no coração; aprendeu a guardar cuidadosamente seus segredos. O simples fato de ter de esconder suas toalhinhas higiênicas, de dissimular as regras já a conduz à mentira. Na novela *Old Mortality*, C. A. Poster conta que, por volta de 1900, as jovens do sul dos Estados Unidos adoeciam engolindo misturas de sal e limão para sustar as regras quando iam ao baile: tinham medo de que os rapazes percebessem seu estado pelas olheiras, o contato das mãos, um odor talvez, e esse pensamento as transtornava. É difícil desempenhar o papel de ídolo, de fada, de princesa longínqua quando se tem entre as

pernas uma toalhinha sangüinolenta; e de uma maneira mais generalizada quando se conhece a miséria original de ser corpo. O pudor, que é uma recusa espontânea de se deixar apreender como carne, beira a hipocrisia. Mas a mentira a que se condena a adolescente consiste principalmente em que lhe é preciso fingir ser objeto, e objeto prestigioso, quando se sente como uma existência incerta, dispersa, e que conhece suas taras. Arrebiques, anquinhas e enchimentos postiços, *soutiens* "reforçados" são mentiras; o próprio rosto vira máscara: nele suscitam com habilidade expressões espontâneas, ou uma passividade maravilhada; nada mais espantoso do que descobrir subitamente, no exercício de sua função feminina, uma fisionomia de que se conhece o aspecto familiar; sua transcendência se renega e imita a imanência; o olhar não mais penetra, reflete; o corpo não vive mais, espera; todos os gestos e sorrisos fazem-se apelo; desarmada, disponível, a jovem nada mais é do que uma oferenda, um fruto a ser colhido. É o homem que a incita a tais ludíbrios desejando ser ludibriado; depois, êle se irrita, acusa. Mas para com a menina sem ardis êle só demonstra indiferença e até hostilidade. Êle só é seduzido pelas que lhe preparam armadilhas: oferecendo-se, ela é que vigia a presa; sua passividade está a serviço de um empreendimento, ela faz de sua franqueza o instrumento de sua força; sendo-lhe proibido atacar francamente, fica adstrita às manobras e aos cálculos; e seu interesse consiste em parecer gratuitamente dada; por isso censuram-na por ser perversa e traiçoeira: é verdade. Mas é verdade que é obrigada a oferecer ao homem o mito de sua submissão, por êle querer dominar. E pode-se exigir que ela abafe então suas reivindicações mais essenciais? Sua complacência tem mesmo que se achar pervertida desde a origem. Aliás, não é apenas mediante artifício calculado que ela trapaceia. Pelo fato de todos os caminhos lhe serem impedidos, de não poder *fazer*, de ter que *ser*, uma maldição pesa sobre ela. Quando criança, ela brincava de ser dançarina, de santa; mais tarde brinca de ser ela própria. Que é, ao certo, a verdade? No terreno em que se acha encerrada é uma palavra sem sentido. A verdade é a realidade desvendada e essa revelação se opera através de atos: mas ela não age. Os romances que conta a si mesma, e não raro conta também a outrem, parecem-lhe traduzir melhor as possibilidades que sente em si do que o medíocre relato da vida quotidiana. Ela não tem os meios de apreender sua medida: consola-se com comédias; constrói um personagem a que procura dar importância; tenta singularizar-se

mediante extravagâncias porque não lhe é permitido individualizar-se em atividades definidas. Sabe-se sem responsabilidade, insignificante num mundo de homens: é por não ter nada de sério a fazer que "inventa histórias". Electra, de Giraudoux, é uma mulher cheia de histórias, porque é a Orestes somente que é dado realizar um homicídio com uma espada de verdade. Como a criança, a jovem consome-se em cenas e cóleras, torna-se doente, tem perturbações histéricas a fim de chamar a atenção, de ser alguém *importante*. É para ter importância que ela intervém no destino de outrem; qualquer arma serve; revela segredos, inventa-os, trai, calunia; precisa de tragédia em torno de si para se sentir viver, posto que não encontra socorro em sua própria vida. Por essa mesma razão é que é caprichosa; os fantasmas que criamos, as imagens com que nos embalamos são contraditórias; só a ação unifica a diversidade do tempo. A jovem não tem uma vontade verdadeira e sim desejos e salta de um a outro com incoerência. O que torna suas inconseqüências por vezes perigosas é que, a cada momento, empenhando-se apenas em sonho, ela se empenha por inteiro. Situa-se num plano de intransigência, de exigência: tem o gosto do definitivo, do absoluto: na impossibilidade de dispor do futuro, quer atingir o eterno. "Não abdicarei nunca. Quereré sempre tudo. Tenho necessidade de preferir minha vida para aceitá-la", escreve Marie Lenéru. E tais palavras encontram eco na Antígona de Anouilh: "Quero tudo, imediatamente". Esse imperialismo infantil só se pode encontrar no indivíduo que sonha seu destino: o sonho abole o tempo e os obstáculos, precisa exasperar-se para compensar sua diminuta realidade; quem quer que tenha verdadeiros projetos conhece uma finidade que é o penhor de seu poder concreto. A jovem quer receber *tudo* porque *nada* depende dela. Daí seu caráter de "criança endiabrada" em face dos adultos e do homem em particular. Ela não admite as limitações que a inserção no mundo real impõe ao indivíduo: desafia-o a superá-las. Assim é que Hilde (Cf. Ibsen, *Solness, o Construtor*) espera que Solness lhe dê um reino: não cabe a ela conquistá-lo, por isso o quer sem fronteiras; ela exige dele que construa a torre mais alta do mundo "e que suba tão alto quanto o que constrói": êle hesita em subir, tem medo da vertigem; ela, que fica no solo e o contempla, nega a contingência e a fraqueza humana, não aceita que a realidade imponha um limite a seus sonhos de grandeza. Os adultos parecem sempre mesquinhos e prudentes a quem não recua diante de nenhum risco pelo fato de nada ter a arriscar;

permitindo-se em sonho as mais extraordinárias audácias, desafia-os a igualarem-se a ela na verdade. Não tendo oportunidade de se pôr à prova, enfeita-se com as mais espantosas virtudes sem receio de desmentido.

Entretanto, é também dessa ausência de controle que nasce sua incerteza; ela sonha que é infinita; nem por isso é menos alienada no personagem que oferece à admiração de outrem; depende êle dessas consciências estranhas; ela está em perigo nesse duplo que identifica a si mas cuja presença suporta passivamente. Eis por que é suscetível e vaidosa. A menor crítica, uma zombaria põem-na totalmente em xeque. Não é de seu próprio esforço, é de um sufrágio caprichoso que ela extrai seu valor. Este não é definido por atividades singulares e sim constituído pela voz geral da reputação; parece, portanto, quantitativamente mensurável; o preço de uma mercadoria diminui quando se torna demasiado comum: de igual modo a jovem só é rara, excepcional, notável, extraordinária se nenhuma outra o é. Suas companheiras são rivais, inimigas; ela procura desvalorizá-las, negadas; é ciumenta e maldosa.

Vê-se que todos os defeitos censurados na adolescente apenas exprimem sua situação. É condição penosa saber-se passiva e dependente na idade da esperança e da ambição, na idade em que se exalta a vontade de viver e de conseguir um lugar na terra; é nessa idade conquistadora que a mulher aprende que nenhuma conquista lhe é permitida, que deve renegar-se, que seu futuro depende do bel-prazer dos homens. No plano social, como no plano sexual, novas aspirações nela só despertam para permanecerem insatisfeitas; todos os seus impulsos de ordem vital ou espiritual são imediatamente freados. Compreende-se que tenha dificuldade em restabelecer seu equilíbrio. Seu humor instável, suas lágrimas, suas crises nervosas são menos a consequência de uma fragilidade fisiológica do que o sinal de sua profunda inadaptação.

Entretanto, acontece que a jovem assuma autenticamente essa situação da qual foge por mil caminhos inautênticos. Ela agasta por seus defeitos, mas espanta por vezes pelas suas qualidades singulares. Uns e outras têm a mesma origem. De sua recusa do mundo, de sua espera inquieta, de seu vazio, pode ela fazer um trampolim e emergir então em sua solidão e sua liberdade.

A jovem é secreta, atormentada, presa de conflitos difíceis. Essa complexidade enriquece-a; sua vida interior desenvolve-se mais profundamente que a de seus irmãos; mostra-se mais atenta

aos movimentos de seu coração que assim se tornam mais matizados, mais diversos; tem mais sentido psicológico do que os rapazes voltados para objetivos exteriores. É capaz de dar peso a essas revoltas que a opõem ao mundo. Evita as armadilhas da seriedade e do conformismo. As mentiras convencionais de seu meio encontram-na irônica e clarividente. Põe à prova quotidianamente a ambigüidade de sua condição: para além dos protestos estéreis pode ter a coragem de recolocar em questão o otimismo estabelecido, os valores já prontos, a moral hipócrita e tranquilizadora. Esse o exemplo comovente que, no *Moinho à Beira do Floss*, apresenta essa Maggie em que George Eliot reencarnou as dúvidas e as corajosas revoltas de sua mocidade contra a Inglaterra vitoriana; os heróis — e em particular Tom, irmão de Maggie — afirmam com obstinação os princípios aceitos, petrificam a moral em regras formais: Maggie tenta reintroduzir nisso tudo um sopro de vida, derruba-os, vai ao fundo de sua solidão e emerge como uma liberdade pura para além do universo esclerosado dos homens.

Dessa liberdade, a adolescente só sabe, por assim dizer, tirar um proveito negativo. Entretanto, sua disponibilidade pode engendrar uma faculdade de receptividade preciosa. Ela se mostrará então dedicada, atenta, compreensiva, amorosa. É por essa generosidade dócil que se distinguem as heroínas de Rosamond Lehman. Em *Invitation à la Valse*, vê-se Olívia, ainda tímida e embaraçada, apenas coquete, escrutar com uma curiosidade como-vida esse mundo em que entrará amanhã. Escuta de todo o coração os dançarinos que se sucedem junto dela, esforça-se por dar-lhes respostas que os satisfaçam, faz-se eco, vibra, acolhe tudo o que se oferece. A heroína de *Poussière*, Judy, tem a mesma qualidade atraente. Não renegou as alegrias da infância; gosta de banhar-se nua, à noite, no regato do parque; ama a Natureza, os livros, a beleza, a vida; não rende a si mesma um culto narcisista; sem mentira, sem egoísmo, não procura uma exaltação de seu eu através dos homens: seu amor é dom. Dedicou-se a todo ser que a seduz, homem ou mulher, Jennifer ou Rody. Dá-se sem se perder: leva uma vida de estudante independente, tem seu modo próprio, seus projetos. Mas o que a distingue de um rapaz é sua atitude de espera, sua terna docilidade. De uma maneira sutil, é, apesar de tudo, ao Outro que se destina: o Outro tem a seus olhos uma dimensão maravilhosa, a ponto de se mostrar amorosa de todos os rapazes da família vizinha, da casa, da irmã, do universo deles; não é como colega, é como Outro que Jen-

nifer a fascina. E ela encanta Rody e os primos pela sua aptidão a ajeitar-se a eles, a moldar-se segundo os desejos deles: ela é paciência, doçura, aceitação e silencioso sofrimento.

Direfente, mas cativante também por sua maneira de acolher em seu coração as pessoas a quem ama, é como se nos apresenta Tessa em *Ninfa de Coração Fiel* de Margaret Kennedy: a um tempo espontânea, arisca e dada. Recusa-se a abdicar o que quer que seja de si mesma: adornos, cosméticos, fantasias, hipocrisia, graças aprendidas e submissão de fêmea repugnam-lhe; deseja ser amada, mas não com máscara; dobra-se aos desejos de Lewis mas sem servilismo; compreende-o, vibra com êle, mas, se lhes acontece brigarem, Lewis sabe que não é com carícias que poderá submetê-la. Enquanto Florence, autoritária e vaidosa, se deixa vencer por beijos, Tessa consegue o prodígio de permanecer livre em seu amor, o que lhe permite amar sem hostilidade nem orgulho. Sua naturalidade tem todas as seduções do artifício; para agradar não se mutila nunca, não se diminui, não se estratifica em objeto. Cercada de artistas que empenharam toda a existência na criação musical, não sente nela esse demônio devorador; dedica-se inteiramente a amá-los, compreendê-los, ajudá-los: fá-lo sem esforço, por uma generosidade terna e espontânea e é por isso que permanece perfeitamente autônoma até nos momentos em que se esquece em favor de outrem. Graças a essa pura autenticidade, os conflitos da adolescência lhe são poupados: pode sofrer com a dureza do mundo, não se acha dividida no interior de si mesma; é harmoniosa como uma criança despreocupada e como uma mulher muito bem comportada. A jovem sensível e generosa, receptiva e ardente, está sempre preparada para se tornar uma grande amorosa.

Quando não encontra o amor, encontra a poesia. Como não age, ela olha, sente, registra; uma côr, um sorriso encontram nela ecos profundos; porque é fora de si, nas cidades já construídas, no rosto dos homens feitos que se espalha seu destino; ela apalpa, aprecia de uma maneira a um tempo apaixonada e mais gratuita do que o rapaz. Mal integrada no universo humano, tendo dificuldade em se adaptar a êle, ela é como a criança capaz de vê-lo; em lugar de se interessar tão-sòmente pelo domínio sobre as coisas, esforça-se por compreendê-las; apreende-lhes os perfis singulares, as metamorfoses imprevistas. É raro que sinta em si uma audácia criadora e os mais das vezes carece das técnicas que lhe permitiriam exprimir-se; mas nas suas conversas, nas suas cartas, seus ensaios literários, seus esboços, manifesta uma originalidade

sensível. A jovem atira-se com ardor às coisas porque ainda não está mutilada em sua transcendência e o fato de não realizar nada, de não ser nada, tornará seu impulso tanto mais apaixonado. Vazia e ilimitada, é Tudo que ela procurará atingir do fundo de seu nada. Eis por que dedicará um amor especial à Natureza: mais ainda do que o adolescente, ela lhe rende um culto. Indomada, inumana, é a natureza que resume com mais evidência a totalidade do que é. A adolescente não se anexou ainda a nenhuma parcela do universo: graças a essa carência, êle é por inteiro seu reino; quando toma posse dele toma também orgulhosamente posse de si mesma. Colette (*Sido*) descreveu-nos muitas vezes essas orgias juvenis:

Pois já gostava tanto da alvorada que minha mãe me concedia como recompensa. Conseguia dela que me despertasse às três e meia e eu partia, com um cesto vazio em cada braço, para o lado das hortas que se refugiavam na dobra estreita do riacho, à cata de morangos, cassis e groselhas peludas.

Às três e meia tudo dormia em um azul original, úmido e confuso, e quando eu descia o caminho arenoso, a bruma retida pelo próprio peso banhava-me primeiramente as pernas, em seguida meu pequeno torso bem feito, atingindo meus lábios, minhas orelhas e minhas narinas mais sensíveis do que todo o resto do corpo. . . Nesse caminho, nessa hora é que eu tomava consciência de meu valor, de um estado de graça indizível e de minha convivência com o primeiro sopro surgindo, o primeiro pássaro, o sol ainda oval, deformado pela sua eclosão. . . Voltava ao ouvir o sino da primeira missa. Mas não antes de ter comido à farta, não antes de ter traçado no bosque um grande circuito de cão caçando sozinho e ter saboreado a água de duas nascentes perdidas que eu venerava...

Mary Webb descreve-nos também em *Peso das Sombras* as alegrias ardentes que uma jovem pode conhecer na intimidade de uma paisagem familiar:

Quando a atmosfera do lar se tornava demasiado carregada, os nervos de Ambre crispavam-se até quase rebentar. Nesses momentos ela ia até o bosque pela colina. Parecia-lhe então que, enquanto a gente de Dormer vivia sob a férula da lei, a floresta só vivia de impulsos. À força de atentar para a beleza da Natureza, ela chegou a uma percepção particular da beleza. Pôs-se a ver analogias; a Natureza não era mais um conjunto fortuito de pormenores e sim uma harmonia, um poema austero e majestoso. A beleza nela reinava, uma luz brilhava, que não era a da flor nem a da estrela... Um tremor leve, misterioso e avassalador parecia correr como a luz através de toda a floresta. . . Os passeios de Ambre nesse mundo de vegetação tinham algo de um rito religioso. Uma noite em que tudo estava calmo, ela subiu ao Pomar dos Pássaros. Era o que fazia amiúde antes que começasse o dia de irritações mesquinhas. . . hauria certo reconforto na absurda inconseqüência do

mundo dos pássaros... Chegou enfim perto da floresta densa e logo se sentiu em luta com a beleza. Havia literalmente para ela nessas conversas com a Natureza algo de uma batalha, alguma coisa daquele humor que assim falou: "Não te deixarei partir enquanto não me tiveres abençoado..." Como se apoiasse ao tronco de uma macieira selvagem, subitamente, tomou consciência, por essa espécie de audição interior, da subida da seiva, tão viva e tão forte que a imaginava roncando como a maré. Depois um arrepio de vento passou sobre a polpa florida da árvore e ela despertou de novo para a realidade dos sons, os discursos estranhos das folhas... Cada pétala, cada folha parecia cantarolar uma música, lembrando ela também as profundezas de que jorrara. Cada uma das flores levemente estufadas lhe parecia cheia de ecos demasiado graves para sua fragilidade... Do alto das colinas veio um sopro de ar perfumado que deslizou por entre os galhos. As coisas que tinham uma forma e conheciam a mortalidade das formas tremeram ante essa coisa que passava, *sem* forma e inexprimível. Por causa dela, a floresta não era mais um simples agrupamento, e sim um conjunto glorioso como uma constelação... Ela possuía-se a si própria numa existência contínua e imutável. Era isso que atraía Ambre, tomada de uma curiosidade que lhe prendia a respiração, nesses sítios assombrados da Natureza. Era o que a imobilizava agora num êxtase singular...

Mulheres tão diferentes como Emily Brontë e Anna de Noailles conheceram em sua juventude semelhantes fervores — e os prolongaram em seguida durante a vida.

Os textos que citei mostram bem o socorro que a adolescente encontra nos campos e nos bosques. Na casa paterna reinam a mãe, as leis, o costume, a rotina e ela quer arrancar-se desse passado; quer tornar-se por sua vez um sujeito soberano: mas socialmente só atinge sua vida de adulto fazendo-se mulher; paga sua libertação com uma abdicação, ao passo que no meio dos pássaros e dos bichos ela é um ser humano; libertou-se ao mesmo tempo da família e dos homens, é um sujeito, uma liberdade. Encontra no segredo das florestas uma imagem da solidão de sua alma e nos vastos horizontes das planícies a figura sensível de sua transcendência; é ela própria a charneca ilimitada, o pico voltado para o céu. Essas estradas que partem para o futuro, ela as pode seguir, ela as seguirá; sentada no alto da colina domina todas as riquezas do mundo jogadas a seus pés, oferecidas. Através das palpitações da água, do frêmito da luz, pressente alegrias, lágrimas, êxtases que ainda ignora; são as aventuras de seu próprio coração que confusamente lhe prometem as ondulações da água, as manchas de sol. Odores e cores falam uma linguagem misteriosa mas de que se destaca com triunfante evidência uma palavra: a palavra "vida". A existência não é somente um destino abstrato que se inscreve nos registros civis, é futuro e riqueza carnal. Ter um

corpo não surge mais como uma tara vergonhosa; nesses desejos que repudia ante o olhar materno, a adolescente reconhece a seiva que sobe nas árvores; não é mais maldita, reivindica orgulhosamente seu parentesco com as folhagens e as flores; amarrota uma corola, e sabe que uma presa viva encherá um dia suas mãos vazias. A carne não é mais uma sujeira: é alegria e beleza. Confundida com o céu e a planície, a jovem é esse sopro indistinto que anima e abrasa o universo, está em cada raminho de urze; indivíduo arraigado ao solo e consciência infinita, é a um tempo espírito e vida; sua presença é imperiosa e triunfante como a da própria terra.

Para além da Natureza, ela busca por vezes uma realidade mais longínqua e mais deslumbrante ainda; está disposta a perder-se em êxtases místicos; nas épocas de fé, numerosas jovens almas femininas pediam a Deus que enchesse o vazio de seu ser; foi muito cedo que se revelou a vocação de Catarina de Siena, de Teresa d'Ávila¹. Joana d'Arc era uma moça. Noutros tempos, é a humanidade que aparece como fim supremo; então o impulso místico funde-se em projetos definidos; mas foi também um jovem desejo de absoluto que fez nascer em Mme Roland, em Rosa Luxemburgo, a chama com que se alimentaram suas vidas. Em sua servidão, em sua carência, do fundo de sua recusa, a jovem pode tirar as maiores audácias. Ela encontra a poesia; encontra também o heroísmo. Uma das maneiras de assumir o fato de que está mal integrada na sociedade é ultrapassar os seus horizontes mesquinhos.

A riqueza e a força de sua natureza, circunstâncias felizes, permitiram a algumas mulheres perpetuarem em sua vida de adulto os projetos apaixonados de sua adolescência. Mas trata-se de exceções. Não é sem razão que George Eliot faz morrer Maggie Tulliver, e Margaret Kennedy faz o mesmo com Tessa. Áspero destino conheceram as irmãs Brontë. A jovem é patética porque se ergue, fraca e só, contra o mundo; mas o mundo é poderoso demais; se se obstina em o recusar, ela é quebrada. Belle de Zuylen, que deslumbrava a Europa pela força cáustica e a originalidade de seu espírito, assustava todos os pretendentes: sua recusa a quaisquer concessões condenou-a durante longos anos a um celibato que lhe pesava, porquanto declarava que a expressão "virgem e

(¹) Voltaremos a referir-nos aos caracteres singulares da mística feminina.

mártir" é um pleonasma. Essa obstinação é rara. Na imensa maioria dos casos a jovem se dá conta de que o combate é por demais desigual e acaba cedendo. "Vocês morrem todas aos quinze anos", escreve Diderot a Sophie Volland. Quando o combate não passou —• como acontece o mais das vezes — de uma revolta simbólica, a derrota é certa. Exigente em sonho, cheia de esperança mas passiva, a jovem faz os adultos sorrirem com alguma piedade. Eles votam-na à resignação. E, com efeito, a criança rebelde e barroca que haviam deixado, encontram-na dois anos mais tarde recatada, disposta a consentir em sua vida de mulher. É o futuro que Colette prediz para Vinca; assim aparecem as heroínas dos primeiros romances de Mauriac. A crise da adolescência é uma espécie de "trabalho", análogo ao que o Dr. Lagache chama "trabalho do luto". A jovem enterra lentamente sua infância, o indivíduo autônomo e imperioso que foi; e entra submissa na existência adulta.

Naturalmente não se pode estabelecer somente pela idade categorias bem nítidas. Há mulheres que permanecem infantis durante toda a vida; as condutas que descrevemos perpetuam-se por vezes até uma idade avançada. Entretanto há, no conjunto, uma grande diferença entre o "broto" de 15 anos e uma "moça feita". Esta está adaptada à realidade. Quase não se move mais no plano do imaginário; é menos dividida em si mesma do que antes. Maria Bashkirtseff escreve, por volta de 18 anos:

Quanto mais avanço para a velhice de minha mocidade, mais me cubro de indiferença. Poucas coisas me agitam e tudo me agitava.

Irene Reweliotty anota:

Para ser aceita pelos homens é preciso pensar e agir como eles, sem o que eles nos tratam como ovelha negra e a solidão se torna o nosso quinhão. E eu, agora, estou farta da solidão, quero gente e não apenas ao redor de mim, mas comigo... Viver agora, não existir e esperar, e sonhar e tudo contar a si mesma de boca fechada e corpo imóvel.

E mais adiante:

À força de ser lisonjeada, cortejada etc, vou-me tornando terrivelmente ambiciosa. Não é mais a felicidade, temerosa, maravilhada de meus 15 anos. É uma espécie de embriaguez fria e dura de ter meu revide contra a vida, de subir. Namoro, brinco de amar. Não amo... Ganho em matéria de inteligência, sangue frio, lucidez habitual. Perco meu coração. Foi como uma rachadura... Em dois meses abandonei minha infância.

É mais ou menos o mesmo tom destas confidências de uma jovem de 19 anos¹:

Outrora ah! que conflito entre uma mentalidade que parecia incompatível com o século e os apelos do próprio século! Agora tenho a impressão de um sossego. Cada nova grande idéia que entra em mim, em lugar de provocar um desmoronamento penoso, uma destruição e uma reconstrução incessante, vem adaptar-se maravilhosamente ao que já está em mim... Agora, passo insensivelmente dos pensamentos teóricos à vida corrente sem solução de continuidade.

A jovem, a não ser que seja particularmente desgraciosa, acabou por aceitar sua feminilidade; e não raro ela se sente feliz por gozar gratuitamente dos prazeres, dos triunfos que disso tira antes de se instalar definitivamente em seu destino. Não sendo ainda exigida por nenhum dever, irresponsável, disponível, o presente não lhe parece entretanto nem vazio nem decepcionante porque não passa de uma etapa; a elegância e o namoro têm ainda a leveza de um jogo e seus sonhos de futuro mascaram-lhe a futilidade. Assim é que V. Woolf descreve, em *As Vagas*, impressões de uma jovem coquete durante uma noite:

Sinto-me toda brilhante na escuridão. Minhas pernas sedosas esfregam-se docemente uma na outra. As pedras frias de um colar repousam no meu colo. Estou enfeitada, estou pronta... Meus cabelos têm a ondulação que devem ter, meus lábios são tão vermelhos quanto o quero. Estou preparada para juntar-me a esses homens e essas mulheres que sobem a escada. São meus pares. Passo diante deles, exposta aos olhares deles como eles estão aos meus... Nessa atmosfera de perfumes, de luzes, desabrocho como uma avenca que exhibe suas folhas crespas... Sinto mil possibilidades nascerem em mim. Sou respectivamente travessa, alegre, langorosa, melancólica. Flutuo por cima de minhas raízes profundas. Inclínada para a direita, toda dourada, digo ao rapaz: "Achega-te"... Ele vem. Ele aproxima-se, vem para meu lado. É o momento mais excitante que jamais vivi. Tremo, ondulo... Não somos nós encantadores sentados juntos, eu vestida de cetim e êle todo de preto e branco? Meus pares, quem quer que sejam, homens ou mulheres, podem encarar-me agora. Devolvo os olhares, sou dos vossos. Estou aqui, no meu universo... A porta abre-se. A porta abre-se sem parar. Na próxima vez que se abrir talvez minha vida inteira mude por completo... A porta abre-se. "Achega-te", digo ao jovem inclinando-me para êle como uma grande flor de ouro. "Achega-te", digo-lhe e êle vem a mim.

Entretanto, quanto mais a jovem amadurece, mais a autoridade materna lhe pesa. Se leva, em casa, uma vida doméstica,

(¹) Citado por Debesse, *La crise d'originalité de l'adolescente*.

sofre por não passar de uma assistente, gostaria de consagrar seu trabalho a seu próprio lar, a seus próprios filhos. Muitas vezes a rivalidade com a mãe exaspera-se: uma primogênita em particular irrita-se se nascem ainda jovens irmãos ou irmãs; ela considera que a mãe já "teve sua vez". Cabe agora a ela engendrar, reinar. Se trabalha fora de casa, sofre quando volta para o lar por ser ainda tratada como um simples membro da família e não como um indivíduo autônomo.

Menos romanesca do que outrora, começa a pensar muito mais no casamento do que no amor. Não envolve mais seu futuro esposo numa auréola prestigiosa: o que almeja é ter neste mundo uma situação estável, começar a viver sua vida de mulher. Virgínia Woolf assim descreve, em *As Vagas*, as fantasias de uma camponesa rica e jovem:

Dentro em pouco, na hora quente de meio-dia em que as abelhas zunem em torno da madressilva, meu bem-amado virá. Não dirá mais do que uma palavra e só uma palavra lhe responderei. Dar-lhe-ei tudo o que cresceu em 'mim. Terei filhos, terei criadas de avental e operárias carregando tochas. Terei uma cozinha para onde trarão, dentro de cestos, cordeiros doentes a fim de serem aquecidos, onde haverá presuntos pendurados às vigas e onde rosários de cebolas brilharão. Serei igual a minha mãe, silenciosa, com um avental azul e na mão as chaves dos armários.

Sonho semelhante obsidia a pobre Prue Sarn (Cf. *Sarn* de Mary Webb) :

Pensava que nunca se casar fosse um destino horrível. Todas as moças se casam. E quando uma moça se casa, tem um lar e talvez uma lâmpada que acende à noite, na hora em que seu homem chega; se tem apenas velas dá na mesma, pois pode colocá-las perto da janela; então êle diz para si mesmo: "Minha mulher está aí, acendeu as velas". E chega um dia em que Mrs. Beguildy lhe confecciona um berço de vime; e depois vê-se nele um bebê belo e grave, e mandam-se convites para o batismo; e os vizinhos acorrem para perto da mãe como as abelhas para junto da rainha. Muitas vezes quando as coisas iam mal eu me dizia: "Não faz mal, Prue Sarn, um dia serás rainha em tua própria colmeia".

Para a maioria das jovens — tenham elas uma vida laboriosa ou frívola, estejam confinadas ao lar paterno ou dele se evadam parcialmente — a conquista de um marido — ou, a rigor, de um amante sério — torna-se uma empresa dia a dia mais urgente. Essa preocupação é muitas vezes nefasta às amizades femininas. A "amiga íntima" perde seu lugar privilegiado. A

jovem vê, em suas companheiras, antes cúmplices do que rivais. Conheci uma, inteligente e bem dotada, mas que resolvera imaginar-se "princesa longínqua": assim é que se descrevia em poemas e ensaios literários; confessava sinceramente que não conservava nenhum apego a suas amigas de infância: feias e tolas, elas lhe desagradavam; sedutoras, ela as temia. A espera impaciente do homem que implica não raro manobras, ardis e humilhações, fecha o horizonte da jovem; ela torna-se egoísta e dura. E se o príncipe encantado tarda a surgir, nascem o desgosto e o azedume.

O caráter e as condutas da jovem exprimem sua situação: se esta se modifica, a figura da adolescente apresenta-se também como diferente. Hoje em dia, torna-se-lhe possível tomar o destino nas mãos, ao invés de entregá-lo ao homem. Se está absorvida pelos estudos, os esportes, um aprendizado profissional, liberta-se da obsessão do homem, preocupa-se muito menos com seus conflitos sentimentais e sexuais. Entretanto, tem muito mais dificuldade do que o rapaz em se realizar como indivíduo autônomo. Já disse que nem a família nem os costumes favoreciam seu esforço. Demais, mesmo que escolha a independência, reserva um lugar em sua vida para o homem, para o amor. Terá muitas vezes medo de falhar em seu destino de mulher dedicando-se por inteira a alguma empresa. Tal sentimento permanece não raro inconfessado; mas está presente, perverte as vontades concertadas, estabelece limites. Em todo caso, a mulher que trabalha quer conciliar seu êxito com êxitos puramente femininos; isso não exige que consagre um tempo considerável a sua elegância, a sua beleza, porém, o que é mais grave, implica que seus interesses vitais se achem divididos. À margem dos programas, o estudante diverte-se com jogos gratuitos de idéias e daí nascem seus melhores achados; os devaneios da mulher orientam-se de maneira inteiramente diversa: ela pensará em sua aparência física, no homem, no amor; não dará senão o estritamente necessário a seus estudos, a sua carreira, quando nesses terrenos nada é tão necessário quanto o supérfluo. Não se trata de uma fraqueza mental, de uma incapacidade de se concentrar, e sim de uma partilha de interesses que se conciliam mal. Forma-se um círculo vicioso: espantamo-nos muitas vezes, ao ver com que facilidade uma mulher pode abandonar a música, os estudos, a profissão logo que encontra um marido; é que empenhara demasiado pouco de si mesma em seus projetos para descobrir grande proveito na realização deles. Tudo contribui para frear

sua ambição pessoal, enquanto uma enorme pressão social a convida a encontrar uma posição social no casamento, uma justificação. É natural que não procure criar por si mesma seu lugar neste mundo, ou que só o faça timidamente. Enquanto não houver uma perfeita igualdade econômica na sociedade e enquanto os costumes autorizarem a mulher, como esposa ou amante, a aproveitar-se dos privilégios de certos homens, o sonho de um êxito passivo continuará e ela freará suas próprias realizações.

Entretanto, seja qual fôr a maneira pela qual a jovem encare sua existência de adulta, o aprendizado não estará ainda terminado. Por lentas gradações ou brutalmente, ser-lhe-á necessário passar pela iniciação sexual. Há jovens que se recusam a isso. Se incidentes sexualmente penosos marcaram sua infância, se uma educação infeliz lentamente arraigou nelas o horror à sexualidade, conservarão sua repugnância de menina púbere em relação ao homem. Algumas vezes as circunstâncias conduzem, contra sua vontade, certas mulheres a uma virgindade prolongada. Mas, na maioria dos casos, a jovem realiza, numa idade mais ou menos avançada, seu destino sexual. A maneira pela qual o enfrenta está evidentemente em estreita ligação com seu passado. Mas há também nisso uma experiência nova que se propõe em circunstâncias imprevistas e à qual ela reage livremente. É esta nova etapa que nos cumpre encarar agora.

CAPÍTULO III

A INICIAÇÃO SEXUAL

EM CERTO sentido, a iniciação sexual da mulher, como a do homem, começa na primeira infância. Há uma aprendizagem teórica e prática que se desenvolve de maneira contínua desde as fases oral, anal, genital até a idade adulta. Mas as experiências eróticas da jovem não são um simples prolongamento de suas atividades sexuais anteriores; têm muitas vezes um caráter imprevisível e brutal; constituem sempre um acontecimento novo que cria uma ruptura com o passado. Todos os problemas que se apresentam à jovem acham-se resumidos de uma forma urgente e aguda no momento em que os vive. Em certos casos a crise tem solução fácil, mas há conjecturas trágicas em que ela só se liquida com o suicídio ou a loucura. De qualquer forma, pela maneira por que reage, a mulher empenha grande parte de seu destino. Todos os psiquiatras concordam acerca da extrema importância que têm para ela as primeiras experiências eróticas: repercutem em toda a sua vida.

A situação é, no caso, profundamente diferente para o homem e para a mulher, tanto do ponto de vista biológico como do social e do psicológico. Para o homem, a passagem da sexualidade infantil à maturidade é relativamente simples: há objetivação de prazer erótico que, em lugar de ser realizado na sua presença imanente, é intencionado em um ser transcendente. A ereção é a expressão dessa necessidade; sexo, mãos, boca, o homem volta-se com todo o corpo para a parceira, mas permanece no centro dessa atividade, como em geral o sujeito em face dos objetos que percebe e dos instrumentos que manipula; projeta-se contra o outro sem perder sua autonomia; a carne feminina é para ele uma presa e ele apreende nela as qualidades que sua sensualidade reclama de todo objeto; não consegue por certo apropriar-se delas, mas abraça-as. A carícia, o beijo impli-

cam um semimalôgro, mas esse malogro mesmo é um estimulante e uma alegria. O ato amoroso encontra sua unidade no seu fim natural, o orgasmo. O coito tem um objetivo fisiológico preciso: pela ejaculação o macho descarrega as secreções que lhe pesam; depois do ato êle alcança um alívio que se acompanha sempre de prazer e não era este unicamente o fim visado, mesmo porque é seguido muitas vezes de decepção: houve desaparecimento da necessidade mais do que satisfação. Em todo caso, um ato definido foi consumado e o homem se reencontra com um corpo íntegro: o serviço que prestou à espécie confundiu-se com seu próprio gozo. O erotismo da mulher é muito mais complexo e reflete a complexidade da situação feminina. Vimos¹ que, ao invés de integrar as forças específicas em sua vida individual, a fêmea submete-se à espécie cujos interesses se dissociam dos fins singulares dela; essa antinomia atinge o paroxismo na mulher: exprime-se, entre outras coisas, pela oposição de dois órgãos: o clitóris e a vagina. No estágio infantil é, o primeiro, o centro do erotismo feminino. Alguns psiquiatras sustentam que existe uma sensibilidade vaginal em certas meninas, mas essa opinião é muito controvertida; em todo caso teria apenas uma importância secundária. O sistema clitoridiano não se modifica na idade adulta² e a mulher conserva durante toda a vida essa autonomia erótica; o espasmo clitoridiano é, como o orgasmo do homem, uma espécie de detumescência obtida de maneira quase mecânica; mas só indiretamente se acha ligado ao coito normal, não desempenha nenhum papel na procriação. É pela vagina que a mulher é penetrada e fecundada; e a vagina se torna centro erótico pela intervenção do homem e essa intervenção constitui sempre uma espécie de violação. Por um rapto real ou simulado é que a mulher era outrora arrancada de seu universo infantil e jogada na sua vida de esposa; é uma violência que a faz passar de moça a mulher: diz-se também "tirar"³ a virgindade de uma jovem, "tomar-lhe" a flor. Essa defloração não é o fim harmônico de uma evolução contínua, é a ruptura abrupta com o passado, o início de um novo ciclo. O prazer é então atingido por contrações da superfície interna da vagina; se terminam

(¹) Vol. I, cap. I.

(²) A não ser que se pratique a excisão, de regra entre certos primitivos.

(³) Em francês, "ravier" tem tanto o sentido de *seduzir*, *encantar*, como o de *arrebatar e tirar* (N. do T.).

por um orgasmo preciso e definitivo, é ponto que se discute ainda. Os dados da anatomia são muito vagos. "A anatomia e a clínica provam abundantemente que a maior parte do interior da vagina não é inervada", diz, entre outros, o relatório de Kinsey. "É possível fazerem-se numerosas operações no interior da vagina sem recorrer a anestésicos. Demonstrou-se que no interior da vagina os nervos se localizam numa zona situada na face interna próxima da base do clitóris." Entretanto, além da estimulação dessa zona inervada, "a mulher pode ter consciência da introdução de um objeto na vagina particularmente estando os músculos contraídos; mas a satisfação assim obtida relaciona-se provavelmente mais com o tono muscular do que com a estimulação erótica dos nervos". Não obstante, está fora de dúvida que o prazer vaginal existe; e a masturbação vaginal — nas mulheres adultas — é mais comum do que diz Kinsey ¹. Mas o que é certo é que a reação vaginal é uma reação muito complexa que se pode qualificar de psicofisiológica, porque interessa não somente o conjunto do sistema nervoso como ainda depende de toda a situação vivida pelo sujeito: exige o consentimento profundo de todo o indivíduo; o novo ciclo erótico que o primeiro coito inaugura exige, para que se estabeleça, uma espécie de "montagem" do sistema nervoso, a elaboração de uma forma que não se acha ainda esboçada e que deve envolver também o sistema clitoridiano; leva muito tempo para se realizar e por vezes não chega nunca a criar-se. É impressionante que a mulher possa escolher entre dois ciclos sendo que um perpetua a independência juvenil enquanto o outro a destina ao homem e ao filho. O ato sexual normal põe com efeito a mulher na dependência do macho e da espécie. Ele — como entre quase todos os animais — é que desempenha o papel agressivo, ao passo que ela suporta o amplexo. Normalmente ela pode sempre ser possuída pelo

(¹) Verifica-se que o pênis artificial tem sido usado sem interrupção desde nossos dias até a antiguidade clássica e mesmo anteriormente. Eis uma lista de objetos encontrados nestes últimos anos em vaginas ou bexigas e que só puderam ser extraídos em virtude de operações cirúrgicas: lápis, pedaços de lacre, grampos, bobinas, alfinetes de osso, ferro de ondular, agulhas de coser e de fazer tricô, estojos de agulhas, compassos, rolhas de cristal, e de cortiça, velas, canecas, garfos, palitos, escovas de dentes, potes de pomada (em um caso citado por Schroeder o pote continha um besouro e era portanto um substituto do "rinutama" japonês), ovos de galinha etc. Os objetos grandes foram encontrados naturalmente na vagina de mulheres casadas (H. Ellis, *Estudos de Psicologia Sexual*, vol. I).

homem, ao passo que este só a pode possuir em estado de erecção; salvo em caso de revolta tão profunda como o vaginismo que sela a mulher mais seguramente do que o himem, a recusa feminina pode ser vencida; e mesmo o vaginismo deixa ao homem meios de se satisfazer num corpo que a força muscular coloca a sua mercê. Sendo ela objeto, a inércia não lhe modifica profundamente o papel natural: a tal ponto que muitos homens não se preocupam em saber se a mulher que se deita com êle quer o coito ou se apenas se submete a êle. Pode-se dormir até com uma morta. O coito não poderia realizar-se sem o consentimento do macho e é a satisfação do macho que constitui o fim natural do ato. A fecundação pode realizar-se sem que a mulher sinta o menor prazer. Por outro lado, a fecundação está longe de representar para ela o término do processo sexual; é, ao contrário, nesse momento que começa o serviço exigido dela pela espécie: este realiza-se lentamente, penosamente, na gravidez, no parto, no aleitamento.

O "destino anatômico" do homem é, pois, profundamente diferente do da mulher. Não o é menos a situação moral e social. A civilização patriarcal votou a mulher à eastidade; reconhece-se mais ou menos abertamente ao homem o direito a satisfazer seus desejos sexuais ao passo que a mulher é confinada no casamento: para ela o ato carnal, em não sendo santificado pelo código, pelo sacramento, é falta, queda, derrota, fraqueza; ela tem o dever de defender sua virtude, sua honra; se "cede", se "cai", suscita o desprezo; ao passo que até na censura que se inflige ao seu vencedor há admiração. Desde as civilizações primitivas até os nossos dias sempre se admitiu que a cama era para a mulher um "serviço" que o homem agradece com presentes ou assegurando-lhe a manutenção: mas servir é ter um senhor; não há nessa relação nenhuma reciprocidade. A estrutura do casamento como também a existência das prostitutas são provas disso: a mulher *dá-se*, o homem a remunera e a possui. Nada impede o homem de dominar e possuir criaturas inferiores; os amores ancilares sempre foram tolerados, ao passo que a burguesa que se entrega a um jardineiro, a um motorista, degrada-se socialmente. Os sulistas dos Estados Unidos, tão violentamente racistas, sempre foram autorizados pelos costumes a dormir com mulheres negras, tanto antes da guerra da Secessão como hoje em dia, e usam desse direito com uma arrogância senhorial: uma branca que tivesse comércio com um negro no tempo da escravidão teria sido condenada à morte; hoje seria linchada. Para

dizer que dormiu com uma mulher o homem diz que a "possui", que a "teve": inversamente para se dizer que se "teve" alguém, isto é, que se foi mais esperto e ganhou, diz-se por vezes grosseiramente: "fodi-a" ¹. Os gregos chamavam "Parthenos ademos", virgem insubmissa, à mulher que não conhecera macho. Os romanos qualificavam Messalina de "invicta", porque nenhum de seus amantes lhe dera prazer. Para o amante, o ato amoroso é pois conquista e vitória. Se em outro homem a erecção pode parecer por vezes uma paródia irrisória do ato voluntário, cada qual entretanto a considera em seu próprio caso com alguma vaidade. O vocabulário dos homens inspira-se no vocabulário militar: o amante tem o ímpeto do soldado, seu sexo retesa-se como um arco, quando ejacula "descarrega", é uma metralhadora, um canhão; fala de ataque, de assalto, de vitória. Há em seu ato sexual um sabor de heroísmo. "Consistindo o ato gerador na ocupação de um ser por outro, escreve Benda (*Le Rapport d'Uriel*), impõe por um lado a idéia de um conquistador e por outro de uma coisa conquistada. Por isso, quando tratam de suas relações amorosas, os mais civilizados falam de conquista, de ataque, de assalto, de assédio, de defesa, de derrota, de capitulação, moldando nitidamente a idéia de amor na idéia de guerra. Esse ato, comportando a poluição de um ser por outro, impõe ao que polui certo orgulho e ao poluído, ainda que anuente, alguma humilhação." Esta última frase introduz um novo mito, o de que o homem inflige uma mácula à mulher. Na realidade o esperma não é um excremento; fala-se de "poluição noturna" porque então se desvia de seu fim natural. Mas porque o café pode manchar um vestido claro não se declara que é uma porcaria e que suja o estômago. Outros homens sustentam ao contrário que a mulher é impura porque ela é que está "emporcilhada de humores", que ela polui o homem. O fato de ser este quem polui não lhe confere, em todo caso, senão uma superioridade bem equívoca. Na realidade, a situação privilegiada do homem vem da integração de seu papel biologicamente agressivo em sua função social de chefe, de senhor; é através dessa situação que as diferenças fisiológicas adquirem todo seu sentido. Por ser, neste mundo, soberano, o homem reivindica como sinal de sua soberania a violência de seus desejos; diz-se de um homem dotado de grandes capacidades eróticas que

(¹) Em francês "avoir quelqu'un" quer dizer ser mais esperto, ganhar, pegar na curva. E "baiser" é a palavra grosseira para o ato sexual (N. do T.).

é forte, que é potente: epítetos que designam como que uma atividade e uma transcendência. Ao contrário, a mulher, sendo apenas um objeto, dela se dirá que é *quente* ou *fria*, isto é, que nunca poderá manifestar senão qualidades passivas.

O clima em que a sexualidade feminina desperta é pois completamente diferente daquele que o adolescente encontra em torno de si. Por outro lado, no momento em que se defronta a primeira vez com o homem, sua atitude erótica é muito complexa. Não é verdade, como se pretendeu por vezes, que a virgem não conheça o desejo e que seja o homem quem lhe desperte a sensualidade; essa lenda evidencia mais uma vez a vontade de domínio do homem que deseja que sua companheira nada tenha de autônomo, nem sequer o desejo que ela tem dele. Na realidade, no homem também é muitas vezes o contato com a mulher que suscita o desejo e, inversamente, a maioria das moças aspiram febrilmente às carícias antes que qualquer mão as tenha tocado.

Minhas ancas, que na véspera me davam um aspecto de rapaz, arredondaram-se e, em todo o meu ser, sentia uma imensa impressão de espera, um apelo que me tomava e cujo sentido era mais do que claro: não podia mais dormir à noite, virava e revirava, agitava-me, febril e dolorida, diz Isadora Duncan em *Minha Vida*.

Uma jovem mulher que faz uma longa confissão a Stekel, (Cf. *A Mulher Fria*), conta:

Comecei a flertar loucamente. Precisava de uma "cócega nos nervos" (*sic*). Dançarina apaixonada, fechava os olhos dançando para me entregar inteiramente a esse prazer... Dançando, exprimia uma espécie do exibicionismo porque a sensualidade dominava o pudor. Durante o primeiro ano dancei apaixonadamente. Gostava de dormir e dormia muito e masturbava-me todos os dias, às vezes durante uma hora. Masturbava-me amiúde até ficar inundada de suor e incapaz de continuar por causa do cansaço, e readormecia... Ardía e teria aceito quem quisesse acalmar-me. Não procurava um indivíduo, e sim o homem.

Mais precisamente o que ocorre é que a inquietação virginal não se traduz por uma necessidade precisa: a virgem não sabe exatamente o que quer. Nela sobrevive o erotismo agressivo da infância; seus primeiros impulsos foram preensivos e ela ainda tem o desejo de abraçar, de possuir. A presa que almeja, ela a quer dotada de qualidades que se lhe revelaram como valores, através do gosto, do olfato, do tato, pois a sexualidade não é um campo isolado, prolonga os sonhos e as alegrias da sensualidade; as crianças e os adolescentes de ambos os sexos apreciam o liso, o cremoso, o acetinado, o fofo, o elástico: o que sem desmoronar

nem decompor cede à pressão, desliza ante o olhar ou sob os dedos; como o homem, a mulher se encanta com a doçura morna das dunas de areia tantas vezes comparadas com seios, com a roçadura da seda, o aveludado de uma flor ou de um fruto, e a jovem, particularmente, ama as cores desmaiadas, os tules e musselinas vaporosos. Não gosta dos tecidos rugosos, dos sabores ásperos, dos odores ácidos; o que primeiro acariciou e quis, foi, como seus irmãos, a carne materna; em seu narcisismo, em suas experiências homossexuais difusas ou precisas, ela se punha como sujeito, buscava a posse de um corpo feminino. Quando se defronta com o homem, tem na palma das mãos, nos lábios, a vontade de acarinhar ativamente uma presa. Mas o homem com seus músculos duros, sua pele áspera, seu cheiro forte, seus traços grosseiramente marcados não lhe parece desejável, inspira-lhe até repulsa. É o que exprime Renée Vivien quando escreve:

*Sou mulher, não tenho direito à beleza
... Tinham-me condenado às feiúras masculinas
Tinham-me proibido teus cabelos, tuas pupilas
Porque teus cabelos são compridos e cheios de odores }.*

Se a tendência preensiva, possessiva permanece a mais forte, a mulher se orientará para a homossexualidade, como Renée Vivien. Ou então se apegará a homens aos quais pode tratar como mulheres: tal é o caso da heroína de *Monsieur Vénus* de Rachilde, que compra um amante e se compraz em acariciá-lo apaixonadamente mas não se deixa deflorar por êle. Há mulheres que gostam de acariciar rapazes de 13 ou 14 anos e se recusam ao homem feito. Mas já vimos que na maioria das mulheres se desenvolveu também, desde a infância, uma sexualidade passiva: a mulher gosta de ser abraçada, acariciada, e, principalmente após a puberdade, almeja tornar-se carne nos braços de um homem; a este é que cabe normalmente o papel de sujeito, ela o sabe; "um homem não precisa ser bonito", repetiram-lhe amiúde; ela não deve procurar nele as qualidades inertes de um objeto e sim a potência e a força viril. Por isso, ei-la dividida em si mesma: aspira a um amplexo robusto que a metamorfoseará em coisa estremecida; mas a rudez e a força são também resistências in-

(¹) *Je suis femme, je n'ai pas droit à la beauté
... On m'avait condamnée aux laideurs masculines
On m'avait interdit tes cheveux, tes prunelles
Parce que tes cheveux sont longs et pleins d'odeurs.*

gratas que a magoam. Sua sensualidade localiza-se na pele e na mão ao mesmo tempo. E as exigências de uma são em parte opostas às de outra. Na medida do possível, ela escolhe um compromisso; entrega-se a um homem viril mas bastante jovem e sedutor para ser um objeto desejável; num belo adolescente ela poderá encontrar os atrativos que deseja; no *Cântico dos Cânticos* há simetria entre a deleitação da esposa e a do esposo; ela apreende nele o que êle procura nela; a flora e a fauna terrestre, as pedras preciosas, os regatos, as estrelas. Mas ela não tem os meios de *possuir* esses tesouros: sua anatomia condena-a a permanecer inábil e impotente como um eunuco. O desejo de posse aborta na falta de um órgão em que possa encarnar-se. E o homem recusa o papel passivo. Muitas vezes, de resto, as circunstâncias levam a jovem a tornar-se presa de um homem cujas carícias a comovem mas que ela não tem prazer em olhar nem em acariciar por sua vez. Não se disse suficientemente que na repugnância que se mistura a seus desejos não há apenas medo da agressividade masculina como também um profundo sentimento de frustração: a volúpia deverá ser conquistada contra o impulso espontâneo da sensualidade, ao passo que no homem a alegria do tato, da vista, funde-se com o prazer sexual propriamente dito.

Os próprios elementos do erotismo passivo são ambíguos. Nada mais equívoco do que um *contato*. Muitos homens que, sem nojo algum, trituram entre as mãos qualquer matéria, detestam que ervas ou bichos os toquem; roçada pela seda, o veludo, a carne feminina ora freme agradavelmente ora se eriça: lembro-me de uma amiga de juventude que à simples vista de um pêssego se arrepiava toda; da perturbação à cócega, do agastamento ao prazer, a passagem é fácil: braços enlaçando um corpo podem ser refúgio e proteção, mas encarceram também e abafam. Na virgem essa embigüidade perpetua-se por causa do paradoxo de sua situação: o órgão em que terminará sua metamorfose é selado. O apelo incerto e ardente de sua carne espalha-se pelo corpo inteiro, salvo no lugar em que o coito deve realizar-se. Nenhum órgão permite à virgem satisfazer seu erotismo ativo; não tem a experiência vivida de quem a condena à passividade.

Entretanto, essa passividade não é pura inércia. Para que a mulher se perturbe é preciso que se produzam fenômenos positivos em seu organismo: inervação das zonas erógenas, intumescência de certos tecidos erécteis, secreções, elevação da temperatura, aceleração do pulso e da respiração. O desejo e a volúpia exigem dela, como do homem, um dispêndio vital; receptiva, a necessi-

dade feminina é em certo sentido ativa, manifesta-se por um aumento do tono nervoso e muscular. As mulheres apáticas e lânguidas são sempre frias; trata-se de saber se existe frigidez constitucional, e em relação às capacidades eróticas da mulher os fatores psíquicos desempenham seguramente um papel preponderante; mas é certo que as insuficiências fisiológicas, uma vitalidade empobrecida, se exprimem também pela indiferença sexual. Inversamente, se a energia vital se despende em atividades voluntárias, no esporte, por exemplo, não se integra na necessidade sexual: as escandinavas são sadias, robustas e frias. As mulheres "temperamentais" são as que conciliam o langor ao "fogo", como as italianas ou as espanholas, isto é, cuja ardente vitalidade se funde por inteira na carne. *Fazer-se* objeto, *fazer-se* passiva não é a mesma coisa do que *ser* um objeto passivo: uma mulher amorosa não é nem uma sonsa nem uma morta; há nela um impulso que sem cessar se abate e se renova; é o impulso rendido que cria o encantamento em que o desejo se perpetua. Mas o equilíbrio entre o ardor e o abandono é fácil de destruir. O desejo do macho é tensão: pode invadir um corpo em que nervos e músculos se rete- sam; atitudes e gestos que exigem do organismo uma participação voluntária não o contrariam e, muitas vezes, ao contrário, servem-no. Todo esforço voluntário, inversamente, impede a carne feminina de "se possuir"; é por isso que espontaneamente ¹ a mulher recusa as formas de coito que solicitam dela trabalho e tensão; mudanças demasiado bruscas, demasiado numerosas de posição, a exigência de atividades conscientemente dirigidas — gestos ou palavras — destroem o encantamento. A violência das tendências desencadeadas pode provocar críspação, contração, tensão: há mulheres que arranham, mordem, arqueiam o corpo com uma força inesperada; mas esses fenômenos só se produzem quando é atingido certo paroxismo e este só se atinge se primeiramente a ausência de qualquer injunção — física ou moral — permite uma concentração sexual de toda a energia viva. Isso quer dizer que não basta à jovem *deixar fazerem*; dócil, lânguida, ausente, não satisfaz o parceiro nem se satisfaz. É-lhe solicitada uma participação ativa numa aventura que nem seu corpo virgem nem sua consciência atopeçada de tabus, proibições, preconceitos, exigências, quer de maneira positiva.

(¹) Veremos adiante que pode haver razões de ordem psicológica que modificam sua atitude imediata.

Nas condições que acabamos de descrever, compreende-se que a iniciação erótica da mulher não é fácil. Vimos que acontece frequentemente que incidentes verificados na infância ou na juventude engendrem nela profundas resistências; estas são por vezes insuperáveis: o mais das vezes a jovem esforça-se por desprezá-las, mas surgem nela então conflitos violentos. Uma educação severa, o medo do pecado, o sentimento de culpabilidade em relação à mãe criam barreiras poderosas. A virgindade é tão valorizada em muitos meios que perdê-la fora do casamento legítimo parece um verdadeiro desastre. A jovem que cede por fraqueza ou surpresa pensa que se acha desonrada. A "noite de núpcias", que entrega a virgem a um homem que em geral ela não escolheu realmente, e que pretende resumir em algumas horas — ou instantes — toda a iniciação sexual — não é tampouco uma experiência fácil. De uma maneira geral, toda "passagem" é angustiante por causa de seu caráter definitivo, irreversível: tornar-se mulher é romper sem apelo com o passado: mas essa passagem é a mais dramática; não cria somente um hiato entre ontem e hoje, arranca também a jovem do mundo imaginário em que se desenrolava parte importante de sua existência e joga-a no mundo real. Por analogia com as corridas de touros, Michel Leiris dá ao leito nupcial a denominação de "uma arena de verdade"; é para a virgem que a expressão assume seu sentido mais completo e temível. Durante o período do noivado, do flerte, da corte, por rudimentar que tenha sido, ela continuou a viver em seu universo habitual de cerimônia e sonho; o pretendente falava uma linguagem romanesca ou pelo menos cortês: era ainda possível trapacear. E ei-la repentinamente vista por olhos verdadeiros, segura por mãos de verdade: é a implacável realidade desses olhares e desses amplexos que a apavora.

O destino anatômico e os costumes conferem ao homem o papel de iniciador. Sem dúvida a primeira amante é também uma iniciadora do jovem virgem; mas êle possui uma autonomia erótica que a erecção manifesta claramente; a amante não faz senão entregar-lhe em sua realidade o objeto que êle já ambicionava: um corpo de mulher. A jovem tem necessidade do homem para que seu próprio corpo lhe seja revelado: sua dependência é muito mais profunda. Desde suas primeiras experiências, há geralmente no homem atividade, decisão, ou porque pague a parceira ou porque a corteje e solicite mais ou menos sumariamente. Ao contrário, na maioria dos casos, a jovem é cortejada e solicitada. Mesmo quando é a mulher quem provoca

o homem em primeiro lugar, este é que dirige as relações entre ambos; o homem é muitas vezes mais velho, mais sabido e admite-se que é quem tem a responsabilidade dessa aventura nova para ela; o desejo masculino é mais agressivo, mais imperioso. Amante ou marido, é êle quem a conduz ao leito onde só resta entregar-se e obedecer. Mesmo que tenha aceito essa autoridade em pensamento, é tomada de pânico no momento em que êle a exerce concretamente. Tem primeiramente medo do olhar em que se abisma; seu pudor é em parte aprendido, mas tem também raízes profundas; homens e mulheres conhecem todos a vergonha da carne. Em sua pura presença imóvel, em sua imanência injustificada, a carne existe ante o olhar de outrem como a absurda contingência da facticidade, e no entanto a carne é *si-mesmo*: quer-se impedi-la de existir para outrem; quer-se negá-la. Há homens que dizem que não podem mostrar-se nus diante de uma mulher senão em estado de erecção. Com efeito, a carne torna-se atividade, potência, o sexo não é mais objeto inerte, mas, como a mão ou o rosto, a erecção, a expressão imperiosa de uma subjetividade. É uma das razões pelas quais o pudor paralisa muito menos os jovens do que as mulheres; pelo fato de terem um papel agressivo, são menos expostos a ser olhados, e se o são, receiam pouco ser julgados porque não são qualidades inertes que suas amantes exigem deles: é antes para a potência amorosa e a habilidade em dar prazer que se voltarão seus complexos; podem ao menos defender-se, tentar ganhar a partida. À mulher não é dado transformar a carne em vontade; desde que não a esconde mais, entrega-a sem defesa; mesmo se deseja carícias, revolta-se contra a idéia de ser vista e apalpada, tanto mais quanto os seios, as nádegas, são uma proliferação particularmente carnal; muitas mulheres adultas mal suportam ser vistas de costas, ainda que vestidas; podemos imaginar que resistências precisa superar uma amorosa ingênua para consentir em se mostrar. Sem dúvida uma Frinéia não teme os olhares, põe-se nua, ao contrário, com orgulho: sua beleza veste-a. Ainda que igual a Frinéia, uma jovem não o sabe nunca com certeza; não pode ter o orgulho arrogante de seu corpo enquanto os sufrágios masculinos não confirmam sua jovem vaidade. E é o que a apavora; o amante é mais temível ainda do que um olhar: é um juiz, vai revelá-la a si mesma em sua verdade; mesmo apaixonada pela própria imagem, uma jovem duvida de si no momento do veredito masculino. Eis por que reclama a escuridão, esconde-se nos lençóis. Quando se admirava ao espelho, sonhava ainda: sonhava-se através de olhos

de homem; agora esses olhos estão presentes, impossível trapacear, impossível lutar: é uma misteriosa liberdade que decide e a decisão é inapelável. Na prova real da experiência erótica, as obsessões da infância e da adolescência vão enfim dissipar-se ou confirmar-se para sempre; muitas moças sofrem por ter pernas robustas demais, seios demasiados discretos ou pesados, ancas magras, uma verruga; ou temem alguma deformação secreta.

Toda jovem alimenta toda espécie de terrores ridículos que mal ousa confessar, diz Stekel (*A Mulher Fria*). Não se imagina quantas moças sofrem da obsessão de serem fisicamente anormais e se atormentam secretamente por não terem a certeza de ser normalmente constituídas. Certa jovem, por exemplo, acreditava que sua "abertura inferior" não estava no lugar. Imaginava que as relações sexuais se realizavam pelo umbigo. Sentia-se infeliz por ter o umbigo fechado e não poder nele enfiar um dedo sequer. Outra pensava ser hermafrodita. Outra acreditava-se estropiada e incapaz de manter relações sexuais.

Mesmo quando não conhecem tais obsessões, elas se assustam à idéia de que certas partes do corpo que não existiam nem para elas, nem para ninguém, que não existiam de modo algum, vão repentinamente emergir à luz. Essa figura feminina que a jovem deve assumir como sua, irá provocar nojo? Indiferença? Ironia? Não lhe cabe senão passar pelo julgamento do homem: nada lhe resta a fazer. Por isso é que a atitude do homem terá repercussões profundas. Seu ardor, sua ternura podem dar á mulher uma confiança em si mesma que resistirá a todos os desmentidos: tal ou qual mulher se acreditará uma flor até aos 80 anos, um lindo pássaro que certa noite um desejo de homem fêz surgir. Ao contrário, se o amante ou o marido são inábeis, farão com que se desenvolva um complexo de inferioridade em que se enxertarão, por vezes, neuroses duradouras; e ela experimentará um rancor que se traduzirá por uma frigidez obstinada. Stekel dá-nos, a propósito, exemplos impressionantes:

Uma senhora de 36 anos sofre há 14 anos de dores lombares tão fortes que precisa ficar de cama durante semanas. . . Sentiu essa dor violenta pela primeira vez na noite de núpcias. Por ocasião do defloramento, que fora extremamente doloroso, o marido exclamara: "Tu me enganaste, não és mais virgem. . ." A dor é a fixação dessa cena penosa. A doença é o castigo do marido que teve de gastar muito com numerosos tratamentos. . . Essa mulher ficou insensível durante a noite de núpcias e assim permaneceu durante todo o casamento. A noite de núpcias foi para ela um traumatismo determinando toda a sua vida futura.

Uma jovem mulher consulta-me acerca de perturbações nervosas e em particular de uma frigidez absoluta. . . Na noite de núpcias, depois

de a descobrir o marido teria dito: "Como tens as pernas curtas e grossas!" A seguir, êle tentou o coito que a deixou perfeitamente insensível e só provocou dores. . . Ela sabia muito bem que a causa de sua frigidez estava na ofensa da noite de núpcias.

Outra mulher fria conta que "durante a noite de núpcias o marido a teria profundamente ofendido: vendo-a despir-se teria dito: "Meu Deus, como és magra!" e em seguida teria resolvido acariciá-la. Para ela, esse momento teria sido inesquecível e horrível. Que brutalidade!"

Mme Z. W. é também completamente fria. O grande traumatismo da noite de núpcias está em que seu marido lhe teria dito, depois do primeiro coito: "Tens um buraco grande, tu me enganaste".

O olhar é perigo; as mãos são também uma ameaça. A mulher não tem geralmente acesso ao universo da violência; nunca passou pela prova que o rapaz enfrentou e superou através das brigas da infância e da adolescência: ser uma coisa de carne sobre a qual outro pode dominar; e agora ela é empunhada, arrastada a um corpo-a-corpo em que o homem leva a melhor; não tem mais a liberdade de sonhar, de recuar, de manobrar: está entregue ao macho que dispõe dela. Esses amplexos, análogos aos da luta, aterrorizam-na, a ela que nunca lutou. Entregava-se às carícias de um noivo, de um amigo, de um colega, de um homem civilizado e cortês: mas êle assumiu uma atitude estranha, egoísta e obstinada; não tem recurso contra esse desconhecido. Não é raro que a primeira experiência da jovem seja uma verdadeira violação e que o homem se mostre odiosamente brutal; assim, no campo, onde os costumes são rudes, acontece muitas vezes que a camponesa, em parte consentindo e em parte se revoltando, perca a virgindade à beira de uma valeta em meio à vergonha e ao terror. O que é entretanto extremamente freqüente em todos os meios, em todas as classes, é que a virgem seja tratada com aspereza por um amante egoísta que procura sôfregamente seu próprio prazer, ou por um marido ciente de seus direitos conjugais e a quem a resistência da esposa fere como um insulto, chegando até a enfurecer-se se o defloramento é difícil.

Aliás, ainda que o homem seja atencioso e cortês, a primeira penetração é sempre uma violação. Ela deseja carícias nos seios, nos lábios, talvez um gozo conhecido ou pressentido entre as coxas, e eis que um sexo macho fere a jovem e se introduz em regiões onde não era chamado. Descreveu-se amiúde a penosa surpresa de uma virgem extasiada nos braços de um marido ou de um amante, que acredita alcançar enfim a realização de seus sonhos

voluptuosos e sente no fundo secreto de seu sexo uma dor imprevisível; os sonhos dissipam-se, a perturbação sensual igualmente, e o amor assume o aspecto de uma operação cirúrgica.

Nas confissões recolhidas pelo Dr. Liepmann¹, encontro o relato seguinte que é típico. Trata-se de uma moça pertencente a um meio modesto e muito ignorante sexualmente.

"Muitas vezes imaginava que se podia ter um filho com a troca de um beijo simplesmente. Aos 18 anos conheci um senhor por quem, como se diz, me enamorei realmente." Saiu com êle e, durante as conversas que tinham, êle lhe explicava que, quando uma jovem gosta de um homem, deve dar-se a êle porque os homens não podem viver sem relações sexuais e que quando não têm uma situação que lhes permita casar, precisam ter tais relações com as moças. Ela resistia. Um dia, êle organizou uma excursão de maneira a poder passarem uma noite juntos. Ela escreveu-lhe uma carta para repetir-lhe que "seria para ela um prejuízo muito grave". Na manhã do dia fixado, deu-lhe a carta, mas êle a pôs no bolso sem ler e levou-a para o hotel; dominava-a moralmente e ela o amava; acompanhou-o. "Estava como que hipnotizada. No trajeto supliquei-lhe que me poupasse... Gomo cheguei ao hotel, não sei. A única lembrança que me resta é ade que meu corpo tremia violentamente. Meu companheiro tentava acalmar-me; mas só o conseguiu após uma demorada resistência. Não me senti então mais dona de minha vontade e deixei-o fazer. Quando me encontrei de novo na rua, mais tarde, pareceu-me que tudo não passara de um sonho de que acabava de despertar." Recusou-se a repetir a experiência e durante nove anos não viu mais homem. Encontrou um então que a pediu em casamento e ela aceitou.

Neste caso, o defloramento foi uma espécie de violação. Mas mesmo a jovem consentindo, pode ser penoso. Vimos que inquietações perturbavam a jovem Isadora Duncan. Encontrou um ator admiravelmente belo por quem se apaixonou à primeira vista e que lhe fez uma corte fervorosa (Cf. *Minha Vida*).

Eu também me sentia perturbada, minha cabeça virava e um irresistível desejo de apertá-lo mais estreitamente contra mim me invadia, até que uma noite, perdendo todo domínio de si e como que tomado de fúria, êle me carregou para o sofá. Apavorada, extasiada e depois gritando de dor, fui iniciada no gesto de amor. Confesso que minhas primeiras impressões foram um horrível susto, uma dor atroz, como se me tivessem arrancado vários dentes ao mesmo tempo; mas a grande pena que 'me inspiravam os sofrimentos que êle próprio parecia sentir impediu-me de fugir ao que não foi a princípio senão mutilação e tortura. .. (No dia seguinte) o que então era para mim uma experiência dolorosa apenas, recomeçou em meio a meus gemidos e meus gritos de mártir. Sentia-me como que estropiada.

(¹) Publicadas em francês com o título de *Jeunesse et sexualité*.

Devia conhecer dentro em breve, com esse amante primeiramente e com outros depois, paraísos que descreve liricamente.

Entretanto, na experiência real como antes, na imaginação virginal, não é a dor que desempenha o papel principal: a penetração é mais importante. O homem empenha no coito unicamente um órgão exterior: a mulher é atingida até no interior de si mesma. Há sem dúvida muitos rapazes que não se aventuram sem angústia nas trevas secretas da mulher; reencontram seus terrores da infância à entrada das grutas, dos sepulcros, seu pavor também diante das tenazes, das foices, das armadilhas, imaginam que o pênis inchado ficará preso na bainha das mucosas. A mulher, uma vez penetrada, não tem esse sentimento de perigo, mas em compensação sente-se carnalmente alienada. O proprietário afirma seus direitos sobre suas terras, a dona da casa sobre sua casa, proclamando "proibida a entrada"; pelo fato de serem frustradas, as mulheres em particular defendem ciumentamente sua intimidade: a cama, o armário, os cofres são sagrados. Colette conta que uma velha prostituta lhe dizia um dia: "Em meu quarto, madame, nunca entrou um homem; Paris é bastante grande para o que tenho que fazer com homens". Em não podendo defender o corpo, tinha pelo menos uma parcela de terra a defender contra outrem. A jovem, ao contrário, só possui de seu, por assim dizer, o corpo; é seu tesouro mais precioso: *toma-lho o homem que nele penetra*; a expressão popular é confirmada pela experiência vivida. A humilhação que pressentia, ela a experimenta concretamente: é dominada, submetida, vencida. Como quase todas as fêmeas, fica durante o coito por *baixo* do homem⁽¹⁾. Adler insistiu muito no sentimento de inferioridade que disso resulta. Desde a infância, as noções de superior e inferior são das mais importantes; trepar nas árvores é um ato prestigioso; o céu está em cima da terra, o inferno embaixo; cair, descer, é degradar-se e subir é exaltar-se; na luta, a vitória pertence a quem faz os ombros do adversário tocarem no chão; ora, a mulher acha-se deitada na cama na posição da derrota; é pior ainda se o homem a cavalga como um animal preso às rédeas e ao freio. Em todo caso, ela se sente passiva: ela é acariciada, penetrada, suporta o coito enquanto o homem se empenha ativamente. Por certo, o sexo do macho não é um músculo estriado

(¹) Sem dúvida a posição pode ser invertida. Mas nas primeiras experiências é extremamente raro que o homem não pratique o coito dito normal.

que a vontade comanda; não é rêlha de arado nem espada mas tão-sòmente carne; entretanto, o homem imprime-lhe um movimento voluntário; vai, vem, pára, recomeça enquanto a mulher o recebe documente; é o homem, principalmente quando a mulher é noviça, que escolhe as posições amorosas, que decide da duração do coito e de sua freqüência. Ela sente-se instrumento: toda a liberdade pertence ao outro. É o que se exprime poeticamente dizendo que a mulher é comparável a um violino e o homem ao arco que o faz vibrar. "No amor, diz Balzac¹, posta de lado a alma, a mulher é como uma lira que só desvenda seu segredo a quem sabe tocar." Êle *toma* seu prazer: ela *dá* esse prazer. As próprias palavras não implicam reciprocidade. A mulher está imbuída de representações coletivas que dão ao ato masculino um caráter glorioso e que fazem da perturbação feminina uma abdicação vergonhosa: sua experiência íntima confirma essa assimetria. É preciso não esquecer que o adolescente e a adolescente sentem o corpo de maneira diferente: o primeiro assume-o tranquilamente e reivindica-lhe orgulhosamente os desejos; para a segunda, a despeito de seu narcisismo, esse corpo é-lhe um fardo estranho e inquietante. O sexo do homem é limpo e simples como um dedo; exhibe-se com inocência, muitas vezes os rapazes mostram-no aos companheiros com orgulho, num desafio; o sexo feminino é misterioso até para a própria mulher, é escondido, atormentado, mucoso, úmido; sangra todos os meses e é por vezes maculado de humores, tem uma vida secreta e perigosa. É em grande parte porque a mulher não se reconhece nele que não reconhece como seus os desejos dele. Estes se exprimem de maneira vergonhosa. Enquanto o homem se *entesa*, a mulher *molha-se*; há, na própria palavra, recordações infantis da cama molhada, do abandono culposo e involuntário à necessidade de urinar; o homem experimenta o mesmo nojo diante das poluições noturnas inconscientes; projetar um líquido, urina ou esperma não humilha: é uma operação ativa. Mas há humilhação se o líquido escapa passivamente, pois o corpo não é mais então um organismo, músculos, esfíncter, nervos, comandados pelo cérebro e exprimindo o sujeito consciente, mas sim um vaso, um receptáculo feito de matéria inerte e juguete de caprichos mecânicos. Se a carne ressuma

(¹) *Physiologie du Mariage. No Bréviaire de l'amour expérimental*, Jules Guyot diz também do marido: "É o menestrel que produz a harmonia ou a cacofonia com a mão e o arco. A mulher, desse ponto de vista, é realmente o instrumento de várias cordas que produzirá sons harmoniosos ou dissonantes segundo quem a afinou".

— como um muro velho ou um cadáver — a impressão não é de que está emitindo um líquido e sim de que se está liquidificando: é um processo de decomposição que causa horror. O cio feminino é a mole palpação de uma ostra; enquanto o homem tem impetuosidade, a mulher tem somente impaciência; sua espera pode tornar-se ardente sem deixar de ser passiva; o homem cai sobre a presa como uma águia ou um falcão; ela aguarda à espreita como a planta carnívora, o pantanal em que insetos e crianças se atolam; ela é sucção, ventosa, absorção, pez e visgo, apelo imóvel, insinuante e viscoso: é pelo menos assim que surdamente se sente. Eis por que não há nela apenas resistência contra o macho que pretende submetê-la mas também conflito interior. Aos tabus e às inibições provenientes de sua educação e da sociedade, superpõem-se repugnâncias, recusas que têm sua fonte na própria experiência erótica; uns e outros se fortalecem mutuamente a tal ponto que depois do primeiro coito a mulher surge mais revoltada do que antes contra seu destino sexual.

Há, enfim, outro fator que dá muitas vezes ao homem uma fisionomia hostil e transforma o ato sexual em grave perigo: a ameaça do filho. Um filho. Um filho ilegítimo é, na maioria das civilizações, um tal *handicap* social e econômico para a mulher não casada, que há jovens que se suicidam em se sabendo grávidas, e mães solteiras que esganam o recém-nascido; semelhante risco constitui um freio sexual bastante forte para que muitas jovens observem a castidade pré-nupcial exigida pelos costumes. Quando o freio é insuficiente, a jovem, embora cedendo ao amante, apavora-se com o terrível perigo que este esconde em seus flancos. Stekel cita, entre outros casos, o de uma jovem que durante toda a duração do coito gritava: "Contanto que não aconteça nada!" Mesmo no casamento, a mulher amiúde não quer filhos, não tem bastante saúde ou o filho representaria para o jovem casal um encargo pesado demais. Amante ou marido, não tendo em seu parceiro uma confiança absoluta, ela terá seu erotismo paralisado pela prudência. Ou controlará inquietamente a conduta do homem, ou então, terminado o coito, terá de correr ao banheiro para escorraçar do ventre o germe vivo nele depositado contra sua vontade; essa operação higiênica contradiz brutalmente a magia sensual das carícias, realiza uma separação absoluta dos corpos que uma mesma alegria confundia; é então que o esperma masculino se apresenta como um germe nocivo, uma mácula; ela limpa-se como se limpa um vaso sujo, enquanto o homem repousa em seu leito em soberba integridade. Uma jovem divorciada con-

tou-me seu horror quando, após uma noite nupcial de prazer discutível, lhe foi necessário fechar-se no banheiro enquanto o esposo acendia displicentemente um cigarro: é de crer que a partir desse instante a ruína do lar se achava consumada. A repugnância pela seringa de lavagem, o bidê, é uma das causas frequentes da frieza feminina. A existência de métodos anticoncepcionais mais seguros e discretos auxilia muito a libertação sexual da mulher; num país como os EUA, onde essas práticas são comuns, o número de moças que chegam virgens ao casamento é muito inferior ao que se verifica em França; elas permitem maior abandono durante o ato amoroso. Mas nesse caso também a jovem tem que superar repugnâncias antes de tratar o corpo como uma coisa; assim como não aceitava sem temor o fato de ser "transpassada" por um homem, não se resigna de bom grado a ser "tapada" para satisfazer os desejos de um homem. Mesmo mandando selar o útero, ou introduzindo na vagina algum tampão mortal para os espermatozóides, uma mulher consciente dos equívocos do corpo e do sexo sentir-se-á embaraçada por tão fria premeditação: há muitos homens que encaram com repugnância o uso de preservativos. É o conjunto do comportamento sexual que lhe justifica os diversos momentos: condutas que pareceriam repugnantes à análise, se afiguram naturais quando os corpos são transfigurados pelas virtudes eróticas de que se revestem; mas, inversamente, desde que se decomponham corpo e condutas em elementos privados de sentido, tais elementos tornam-se sujos, obscenos. A penetração que uma mulher apaixonada experimentará alegremente como união, como fusão com o homem amado, readquirirá o caráter cirúrgico e sujo que assume aos olhos da criança se realizada fora da perturbação sensual, do desejo, do prazer: é o que acontece com o uso concertado dos preservativos. De qualquer modo, tais precauções não estão ao alcance de todas as mulheres; muitas jovens não conhecem nenhuma defesa contra as ameaças da gravidez e sentem de maneira angustiada que sua sorte dependa da boa vontade do homem a quem se entregam.

Compreende-se que uma experiência vivida através de tantas resistências, revestida de um sentido tão pesado, crie amiúde terríveis traumatismos. Acontece muitas vezes que uma demência precoce latente seja revelada pela primeira aventura. Stekel dá vários exemplos disso:

A senhorita M. G., de 19 anos, foi subitamente atacada de delírio agudo. Vi-a no quarto gritando e repetindo sempre: "Não quero! Não, não quero!" Arrancava as vestes e queria correr nua no corre-

dor... Foi preciso levá-la para uma clínica psiquiátrica. Aí o delírio serenou e transformou-se em estado catatônico. Essa jovem era estenodatilógrafa e estava apaixonada pelo gerente da firma em que trabalhava. Partira para o campo com uma amiga e dois colegas. Um deles pediu-lhe para passar a noite no quarto dela dizendo-lhe que seria apenas "uma brincadeira". Tê-la-ia acariciado durante três noites seguidas sem atentar contra a virgindade... Ela teria ficado "fria como o focinho de um cão" e teria declarado que era uma porcaria. Durante alguns minutos, ter-se-ia perturbado e gritado: Alfredo, Alfredo! (nome do gerente). Tivera remorsos (que diria minha mãe, se soubesse). De volta à casa, pusera-se na cama queixando-se de enchaqueca.

A senhorita L. X., muito deprimida, chorava amiúde, não comia, não dormia; começara a ter alucinações e não reconhecera mais as pessoas que a cercavam. Saltara ao peitoril da janela para atirar-se na rua. Mandaram-na para uma casa de saúde. "Encontrei essa moça de 23 anos sentada na cama; não se deu conta de minha chegada... O rosto exprimia angústia e terror; as mãos projetavam-se para a frente como para se defender, as pernas estavam cruzadas e remexiam-se convulsamente. Gritou: "Não, não! Bruto! -Deviam prender gente assim. Dói! Ah!" A seguir, disse palavras incompreensíveis. De repente, seu rosto mudou de expressão, os olhos brilhavam, a boca esboçou um beijo, as pernas acalmaram-se e descruzaram-se insensivelmente, pronunciou palavras que pareciam exprimir volúpia... O ataque terminou com uma crise de lágrimas silenciosas e contínuas... A doente puxava a camisa como para se cobrir e repetia sempre: "Não!" Soube-se que um colega casado a fora visitar muitas vezes quando doente, que a princípio ela se mostrara contente, mas depois tivera alucinações com tentativa de suicídio. Curou-se, mas nunca mais deixou um homem aproximar-se dela e recusou um pedido sério de casamento.

Em outros casos, a doença assim iniciada é menos grave. Eis um exemplo em que a saudade da virgindade perdida desempenha o papel principal nas perturbações consecutivas ao primeiro coito:

Uma jovem de 23 anos sofre de diferentes fobias. A doença começou em Franzensbad por temor de ficar grávida em virtude de um beijo ou de contágio numa latrina... Um homem talvez tivesse deixado um pouco de esperma na água após a masturbação; exigia que a banheira fosse limpa três vezes em sua presença e não ousava defecar em posição normal. Tempos depois desenvolveu-se uma fobia de perfuração do hímen e ela não ousava dançar, saltar ou pular uma barreira nem andar senão a passos miúdos; se divisava um poste temia ser deflorada num movimento desastrado e dava uma grande volta tremendo. Tinha outra fobia, a de que em um trem ou no meio da multidão um homem pudesse introduzir-lhe o membro por trás, deflorá-la e engravidá-la... Durante o último período da doença, temia encontrar na cama ou na camisa alfinetes que poderiam entrar na vagina. Todas as noites a doente ficava nua no meio do quarto enquanto sua infeliz mãe era forçada a entregar-se a um pequeno exame da roupa... Ela sem-

pre afirmava que amava o noivo. A análise descobriu que ela não era mais virgem e que adiava o casamento com receio de constatações fúnebras do noivo. Confessou-lhe afinal ter sido seduzida por um tenor, casou e curou-se (Cf. *A Mulher Fria*).

Em outro caso foi o remorso não compensado por uma satisfação voluptuosa que provocou as perturbações psíquicas:

A senhorita H. B., de 20 anos, apresenta-se com grave depressão após uma viagem à Itália com uma amiga. Recusa-se a sair do quarto e não pronuncia uma só palavra. Levam-na para uma casa de saúde onde seu estado se agrava. Ouvia vozes que a injuriavam, todos zombavam dela etc. Conduzem-na de volta à casa dos pais onde fica num canto sem se mexer. De uma feita pergunta ao médico: "Por que não vim antes que o crime fosse cometido?" Estava morta. Tudo se apagara, tudo fora destruído. Ela estava suja. Não poderia mais cantar uma só nota, interrompidas todas as comunicações com o mundo... O noivo confessou tê-la encontrado em Roma, onde ela se entregara a êle após demorada resistência, com crises de lágrimas... Ela confessou que nunca tivera prazer com o noivo. Curou-se quando achou um amante que a satisfiz e com o qual casou.

A graciosa vienense cujas confissões infantis já resumi, faz também um relato minucioso de suas primeiras experiências de adulta. Ver-se-á que, apesar de ter ido muito longe em aventuras anteriores, sua "iniciação" não deixou de apresentar um aspecto absolutamente novo.

"Com 16 1/2 anos fui trabalhar num escritório. Aos 17 1/2 tive minhas primeiras férias; foi uma bela época para mim. Faziam-me a corte de todos os lados... Gostava de um jovem colega do escritório... Fomos a um parque. Foi a 15 'de abril de 1909. Êle me fêz sentar a seu lado num banco. Beijava-me suplicando: "Abre os lábios", mas eu os fechava convulsamente. Em seguida êle começou a desabotoar minha blusa. Gostaria de permitir-lhe mas lembrei-me de que não tinha seios; renunciei à sensação voluptuosa que poderia ter se êle me tocasse... No dia 17 de abril, um colega convidou-me para ir a uma exposição com êle. Bebemos vinho no jantar e perdi um pouco de minha reserva e comecei a contar algumas histórias equívocas. Apesar de minhas súplicas êle chamou um carro, empurrou-me para dentro e, mal os cavalos principiaram a andar, me beijou. Ia-se tornando cada vez mais íntimo, avançava cada vez mais a mão; eu me defendia com todas as minhas forças e não recordo se êle alcançou o fim. No dia seguinte fui para o escritório bastante perturbada. Êle mostrou-me as mãos cobertas de arranhões que eu lhe fizera... Pedi-me que fosse visitá-lo mais amiúde... Cedi não muito à vontade mas cheia de curiosidade... Sempre que êle se aproximava de meu sexo eu me afastava para voltar a meu lugar, mas uma vez, mais esperto do que eu, dominou-me e provavelmente introduziu o dedo em minha vagina. Chorava de dor. Era no mês de junho de 1909 e saí de férias. Fiz uma excursão com minha amiga. Dois turistas surgi-

ram e convidaram-nos a acompanhá-los. Meu companheiro quis beijar minha amiga, ela deu-lhe um soco. Êle veio para meu lado, pegou-me por trás, dobrou-me e beijou-me. Não resisti. . . Convidou-me para ir com êle. Dei-lhe a mão e descemos para a floresta. Beijou-me, beijou meu sexo com grande indignação minha. Dizia-lhe: "Como pode fazer semelhante porcaria?" Êle colocou o membro em minha mão... eu o acariciava. Subitamente, êle arrancou 'minha mão e pôs um lenço em cima para me impedir de ver o que acontecia. . . Dois dias depois, fomos juntos a Liesing. Num prado isolado, êle retirou de repente o sobretudo para estendê-lo na relva. . . Jogou-me ao chão de tal maneira que uma de suas pernas se colocava entre as minhas. Eu não acreditava ainda na seriedade da situação. Supliquei-lhe que me matasse mas não *roubasse* minha "mais linda jóia". Êle tornou-se muito grosseiro, disse palavras e ameaçou-me com a polícia. Tapou-me a boca com a mão e introduziu o pênis. Pensei que minha última hora tivesse chegado. Tinha a sensação de que meu estômago revirava. Quando acabou, enfim, comecei a achá-lo suportável. Êle foi obrigado a levantar-me, porque eu continuava deitada. Cobriu-me os olhos e o rosto de beijos. Eu não via nem ouvia mais nada. Se êle não me tivesse retido eu ter-me-ia enfiado embaixo de algum automóvel. . . Estávamos sós num compartimento de segunda classe, êle desabotoou a calça para me pegar novamente. Dei um grito e corri através do vagão até o estribo. Finalmente, êle me deixou com um riso brutal e estridente que nunca esquecerei, chamando-me de pata estúpida que não sabe o que é bom. Deixou-me voltar sozinha para Viena. Chegando a Viena fui depressa ao W. C. porque sentira uma coisa quente a escorrer-me pelas coxas. Assustada vi manchas de sangue. Como o dissimular em casa? Deitei-me o mais cedo possível para chorar durante horas. Continuava a sentir a pressão no estômago provocada pela penetração do pênis. Minha atitude estranha e minha falta de apetite indicaram a minha mãe que tinha havido alguma coisa. Confessei-lhe tudo. Ela não achou tão terrível assim. . . Meu colega fazia o que podia para me consolar. Aproveitou-se das tardes escuras para passear comigo no parque e acariciar-me por baixo da saia. Eu deixava; só que logo que sentia minha vagina úmida, afastava-me porque tinha vergonha."

Ela vai por vezes a um hotel com o companheiro, mas sem dormir com êle. Fica conhecendo um rapaz muito rico com quem gostaria de casar. Dorme com êle mas sem nada sentir e com certo nojo. Reata relações com o colega, mas tem saudade do outro, começa a ficar vesga, a emagrecer. Mandam-na para um sanatório onde quase chega a dormir com um jovem russo, expulsando-o da cama no último momento. Esboça aventuras com um médico e um oficial mas sem consentir em relações sexuais completas. É então que cai doente moralmente e resolve tratar-se. Depois da cura consentiu em se entregar a um homem que a amava e que mais tarde a desposou. Com o casamento, sua frigidez desapareceu.

Nestes exemplos, escolhidos entre muitos outros análogos, a brutalidade do parceiro, ou a ocorrência repentina do ato são os fatores que determinam traumatismo e nojo. O caso mais

favorável a uma iniciação sexual é aquele em que, sem violência nem surpresa, sem ordem precisa nem prazo fixado, a jovem aprende lentamente a superar o pudor, a familiarizar-se com o parceiro, a gostar de suas carícias. Neste sentido, só podemos aprovar a liberdade de costumes de que gozam as jovens norte-americanas e que as francesas tendem hoje a conquistar. Elas deslizam quase sem o perceber do *necking* e do *petting* às relações sexuais completas. A iniciação é tanto mais fácil quanto menos se reveste de um caráter de tabu, sentindo-se a jovem mais livre em relação ao parceiro, em quem o caráter dominador do macho se apaga. Se o amante é jovem também, noviço, tímido, um igual, as resistências da moça são menos fortes; mas sua metamorfose em mulher será também menos profunda. Assim, em *Blé en herbe*, a Vinca, de Colette, no dia seguinte a um defloramento assaz brutal, demonstra uma placidez que surpreende seu colega Phil: ela não se sentiu "possuída", pôs ao contrário seu orgulho em se libertar da virgindade. Não experimentou um desvario trans-tornante e em verdade Phil não tem razão de se espantar, sua amiga não conheceu o macho. Claudine era menos indene após uma dança nos braços de Renaud. Disseram-me de uma ginásiana francesa, ainda no estágio do "fruto verde", que, tendo passado uma noite com um colega, acorrera pela manhã à casa de uma amiga para anunciar: "Dormi com C.; foi muito divertido". Um professor de colégio norte-americano dizia-me que suas alunas deixavam de ser virgens muito antes de se tornarem mulheres; seus parceiros respeitam-nas demais para ferir-lhes o pudor; são eles próprios demasiado jovens ou demasiado pudibundos para despertar nelas um demônio qualquer. Há jovens que se entregam a experiências eróticas e as multiplicam a fim de fugir à angústia sexual; esperam libertar-se assim de sua curiosidade e de suas obsessões; mas muitas vezes seus atos conservam um caráter teórico que os torna tão irreais quanto os fantasmas através dos quais outras antecipam o futuro. Entregar-se por desafio, por temor, por racionalismo puritano, não é realizar uma autêntica experiência erótica: atinge-se somente um sucedâneo sem perigo nem sabor; o ato sexual não se acompanha de vergonha nem de angústia porque a perturbação permaneceu superficial e o prazer não invadiu a carne. Essas virgens defloradas continuam moças e é provável que no dia em que se encontrarem em face de um homem sensual e imperioso lhe oporão resistências virginais. Enquanto isso não ocorre, elas permanecem ainda numa espécie de idade ingrata; as carícias fazem-lhes cócegas, os beijos

por vezes provocam-lhes risos, encaram o amor físico como um iôgo e, se não se sentem dispostas a divertir-se com isso, as exigências do amante logo lhes parecem importunas e grosseiras; elas conservam repugnâncias, fobias e um pudor de adolescente. Se nunca superam esse estágio — o que é, segundo dizem os ianques, o caso de muitas mulheres norte-americanas — passarão a vida num estado de semifrigidez. Só há verdadeira maturidade sexual na mulher que consente em se fazer carne na comoção e no prazer.

Entretanto, não se deve acreditar que todas as dificuldades se atenuem nas mulheres de temperamento ardente. Ao contrário, podem exasperar-se. A perturbação feminina pode atingir uma intensidade que o homem não conhece. O desejo do homem é violento mas localizado e o deixa — salvo talvez no instante do espasmo — consciente de si mesmo; a mulher, ao contrário, experimenta uma verdadeira alienação; para muitas, essa metamorfose é o momento mais voluptuoso e definitivo do amor, mas ela tem também um caráter mágico e assustador. Acontece de o homem amedrontar-se diante da mulher que tem nos braços, a tal ponto ela se apresenta ausente de si mesma e presa como que de desvario. O transtorno que ela sente é uma transmutação bem mais radical do que o frenesi agressivo do homem. Essa febre a liberta da vergonha; mas, ao despertar, causa-lhe por sua vez vergonha e horror; para que ela aceite esse transtorno com felicidade — e até com orgulho — será preciso, ao menos, que se tenha desabrochado em chamas de volúpia: poderá reivindicar seus desejos se os tiver gloriosamente satisfeito: caso contrário os repudiará com raiva.

Toca-se aqui no problema crucial do erotismo feminino: no início de sua vida erótica, a abdicação da mulher não é compensada por um gozo violento e certo. Ela sacrificaria muito mais facilmente pudor e orgulho se com isso abrisse as portas de um paraíso. Mas vimos que o defloramento não é uma feliz realização do erotismo juvenil; é, ao contrário, um fenômeno insólito; o prazer vaginal não se verifica imediatamente; segundo as estatísticas de Stekel — que numerosos sexólogos e psicanalistas confirmam — somente 4% das mulheres sentem prazer desde o primeiro coito; 50% não atingem o prazer vaginal antes de semanas, meses, e até anos. Os fatores psíquicos desempenham nisso um papel essencial. O corpo da mulher é singularmente "histérico", no sentido de que não há muitas vezes nela nenhuma distância entre os fatos conscientes e sua expressão orgânica; suas

resistências morais impedem o aparecimento do prazer; não sendo compensadas em nada, amiúde elas se perpetuam e formam uma barreira dia a dia mais forte. Em muitos casos, cria-se um círculo vicioso: uma primeira inabilidade do amante, uma palavra, um gesto desastrado, um sorriso arrogante repercutirão durante toda a lua de mel e até na vida conjugal; decepcionada por não ter conhecido imediatamente o prazer, a jovem mulher guarda um rancor que a predispõe mal a uma experiência mais feliz. É verdade que, na falta de prazer normal, o homem pode dar-lhe sempre o prazer clitoridiano que, a despeito das lendas moralizadoras, é suscetível de lhe dar relaxamento e serenidade. Mas muitas mulheres recusam-no porque, mais ainda do que o prazer vaginal, êle se apresenta como *imposto*, pois se a mulher sofre com o egoísmo dos homens que só pensara em sua própria satisfação, sente-se também chocada por uma vontade demasiado explícita de lhe dar prazer. "Fazer o outro gozar, diz Stekel, quer dizer dominá-lo; dar-se a alguém é abdicar a própria vontade." A mulher aceitará muito mais facilmente o prazer se este lhe parecer decorrer naturalmente do que o homem tem êle próprio, como acontece num coito normal realizado com êxito. "As mulheres submetem-se com alegria, quando percebem que o parceiro não as quer submeter", diz ainda Stekel; mas inversamente, se sentem essa vontade, revoltam-se; a muitas repugna deixarem-se acariciar com a mão, porque a mão é um instrumento que não participa do prazer que dá, é atividade e não carne; e se o próprio sexo se apresenta não como uma carne penetrada de desejo e sim como um utensílio habilmente utilizado, a mulher experimentará a mesma repulsa.. Demais, toda compensação lhe parecerá confirmar seu malogro em conhecer as sensações de uma mulher normal. Stekel verifica, segundo numerosas observações, que todo o desejo das mulheres ditas frias se orienta para a norma: "Elas querem alcançar o orgasmo como uma mulher normal, não as satisfazendo moralmente qualquer outro processo".

A atitude do homem tem, portanto, enorme importância. Se seu desejo é violento e brutal, sua parceira sente-se transformada em simples coisa em seus braços; mas se é demasiado senhor de si, demasiado displicente, êle não se constitui como carne; êle pede à mulher que se faça carne sem que em paga ela tenha algum domínio sobre êle. Em ambos os casos, seu orgulho se rebela; para que ela possa conciliar sua metamorfose em objeto carnal e a reivindicação de sua subjetividade, é preciso que, se tornando presa para o macho, também faça dele sua presa. Eis

por que, tão amiúde, a mulher se obstina na frieza. Se o amante carece de sedução, se é frio, negligente, desajeitado, malogra em despertar a sexualidade dela ou a deixa insatisfeita; mais viril e hábil, pode suscitar reações de recusa; a mulher teme seu domínio: algumas só podem encontrar o prazer com homens tímidos, mal dotados e até semi-impotentes, que não as amedrontam. É fácil ao homem despertar com sua inabilidade azedume e rancor. O rancor é a mais freqüente causa da frieza feminina. Na cama, mediante uma frieza insultante, a mulher faz o homem pagar todas as afrontas que imagina ter recebido: há, muitas vezes, em sua atitude um complexo de inferioridade agressivo: posto que não me amas, posto que tenho defeitos que me impedem de agradar e que sou desprezível, não me entregarei tampouco ao amor, ao desejo, ao prazer. Assim é que se vinga dele e de si mesma, a um tempo, se êle a humilhou com sua negligência, se excitou seu ciúme, se se declarou tarde demais, se fêz dela sua amante quando ela aspirava ao casamento. O ressentimento pode aparecer repentinamente e provocar uma reação mesmo durante uma ligação cujo início foi feliz. É raro que o homem que suscitou essa inimizade consiga êle próprio vencê-la; pode acontecer entretanto que um testemunho persuasivo de amor modifique a situação. Viram-se mulheres desconfiadas e tensas entre os braços do amante, que uma aliança no dedo transformava: felizes, lisonjeadas, com a consciência em paz, todas as resistências se dissipavam. Mas é um recém-chegado, respeitoso, amoroso, delicado, que poderá transformar a mulher despeitada em uma amante ou uma esposa feliz: se êle a libertar de seu complexo de inferioridade, ela se entregará com ardor.

A obra de Stekel, *A Mulher Fria*, esforça-se essencialmente por demonstrar o papel dos fatores psíquicos na frieza feminina. Os exemplos seguintes mostram bem que esta é muitas vezes uma conduta de rancor para com o marido ou o amante.

A Srta. G. S. entregara-se a um homem à espera do casamento, mas insistindo no fato de que "não fazia questão de casamento, que ela não queria ficar presa". Representava o papel de mulher livre. Na verdade, era escrava da moral como toda a sua família. Mas o amante acreditava-a livre e não falava nunca de casamento. Sua obstinação intensificava-se dia a dia mais e ela acabou por tornar-se insensível. Quando êle a pediu enfim em casamento, ela vingou-se confessando sua anestesia e não querendo mais ouvir falar de união. Não queria mais ser feliz. Esperara demais... Devorava-se de ciúme e aguardava ansiosamente o dia do pedido para recusar orgulhosamente. Mais tarde quis suicidar-se a fim de punir o amante com requinte.

Uma mulher que até então tivera prazer com o marido, mas que era muito ciumenta, imagina, durante uma doença, que o marido a engana. Voltando para casa, resolve ser fria com o marido. Nunca mais deveria ser excitada por êle, desde que êle não a estimava e usava dela somente em caso de necessidade. Desde a volta para casa tornara-se fria. No princípio, valia-se de pequenos truques para não se excitar. Imaginava o marido fazendo a corte a uma amiga. Mas, dentro em breve, o orgasmo foi substituído por dores. . .

Uma jovem de 17 anos tinha uma ligação com um homem e sentia intenso prazer. Grávida aos 19 anos, pediu ao amante que a desposasse; êle ficou indeciso e aconselhou-a a provocar o aborto, o que recusou. Após três semanas, êle se declarou disposto a casar e ela tornou-se sua mulher. Mas ela não lhe perdoou nunca as três semanas de tormento e tornou-se fria. Posteriormente, uma explicação com o marido venceu a frigidez.

Mme N. M. vem a saber que o marido, dois dias antes do casamento, fora ver uma antiga amante. O orgasmo que ela sentia antes desapareceu para sempre. Ficou com a idéia fixa de não mais agradecer ao marido que pensava ter desiludido. Nisto está a seu ver a causa de sua frigidez.

Mesmo quando a mulher supera essas resistências e conhece, ao fim de um tempo mais ou menos longo, o prazer vaginal, não se abolem ainda todas as dificuldades: porque o ritmo de sua sexualidade e da sexualidade masculina não coincidem. Ela demora muito mais a gozar do que o homem.

Três quartos dos homens, talvez, conhecem o orgasmo durante os dois minutos que se seguem ao início do ato sexual, diz o relatório de Kinsey. Se tivermos em vista as numerosas mulheres de nível superior cujo estado é tão desfavorável às situações sexuais que dez ou quinze minutos de estimulação ativa lhes são necessários para que conheçam o orgasmo, e se considerarmos o número bastante importante de mulheres que não conhecem durante toda sua vida o orgasmo, é preciso naturalmente que o homem tenha uma capacidade inteiramente excepcional em prolongar a atividade sexual sem ejacular para poder criar uma harmonia com sua parceira.

Diz-se que na índia o marido fuma de bom grado o cachimbo ao mesmo tempo que cumpre o dever conjugal, a fim de se distrair do próprio prazer e fazer durar o da esposa; no Ocidente é antes do número de "trepadas" que se vangloria um Casanova; e sua suprema vaidade consiste em conseguir que a parceira se esgote; segundo a tradição erótica, é uma façanha que não se repete muitas vezes. Os homens queixam-se amiúde das terríveis exigências da companheira: uma matriz danada, uma ogra, uma esfaimada; nunca se satisfaz. Montaigne expõe esse ponto de vista no Livro III de seus *Essais* (cap. V).

Elas são *sem* comparação mais capazes e ardorosas quanto aos efeitos do amor do que nós e assim o testemunhou esse sacerdote antigo que ora fora homem e ora fora mulher. . . Ademais, sabemos pelo que eles próprios contaram da prova que fizeram outrora em séculos diversos um imperador e uma imperatriz de Roma, peritos e famosos nessas tarefas. Êle desvirginou em uma noite dez jovens cativas sármatas, mas ela se entregou de verdade em uma noite a vinte e cinco, mudando de companheiro segundo sua disposição e seu gosto,

*adhuc ardens rigidae tentigine vulvae
Et lassata viris, necdum satiata recessit* ¹

e também a querela verificada na Catalunha entre uma mulher queixando-se dos esforços demasiado assíduos do marido, não a ponto de incomodá-la, a meu ver (pois em matéria de milagres só acredito nos da fé) . . . do que resultou esta notável decisão da rainha de Aragão pela qual, após madura deliberação do Conselho, essa grande dama . . . determinou como limites legítimos e necessários o número de seis coitos por dia, não levando em conta a necessidade e o desejo de seu sexo para estabelecer, dizia, uma norma comum e portanto permanente e imutável.

É que, em verdade, a volúpia não tem na mulher a mesma forma que no homem. Já disse que não se sabia exatamente se o prazer vaginal chegava algum dia a um orgasmo definido; neste ponto, as confidências femininas são raras e, mesmo quando existem, e visam à precisão, são extremamente vagas; parece que as reações são muito diferentes segundo os indivíduos. O que é certo é que o coito tem para o homem um fim biológico preciso: a ejaculação. E é seguramente através de muitas outras intenções demasiado complexas que esse fim é visado; mas uma vez atingido, surge como uma consequência, e se não como a satisfação do desejo, ao menos como sua supressão. Ao contrário, na mulher, o fim é um ponto de partida incerto e de natureza mais psíquica do que fisiológica; ela quer a comoção, a volúpia em geral, mas seu corpo não projeta nenhuma conclusão nítida do ato amoroso: e é por isso que para ela o coito nunca finda inteiramente: não comporta um fim. O prazer do macho sobe como flecha; ao atingir um certo ponto realiza-se e morre abruptamente no orgasmo; a estrutura do ato sexual é finita e descontínua. O gozo feminino e irradiado pelo corpo inteiro: nem sempre é centrado no sistema genital; e, mesmo então, as contrações vaginais, mais do que um verdadeiro orgasmo, constituem um sistema de ondulações que nascem ritmicamente, dissipam-se, reformam-se, atingem por mo-

(¹) *Juvenal*. Todavia, ardendo de volúpia, retira-se ela esgotada, porem insatisfeita (N. do T.).

mentos um paroxismo e em seguida se embaralham e se fundem sem nunca morrer completamente. Não lhe correspondendo nenhum termo fixo, o prazer visa o infinito: é muitas vezes uma fadiga nervosa ou cardíaca, ou uma saciedade psíquica que limita as possibilidades eróticas da mulher mais do que uma satisfação precisa; mesmo plena, mesmo esgotada, nunca ela se liberta inteiramente:

Lassata necdum satiata, na expressão de Juvenal.

O homem comete um grave erro quando pretende impor à companheira seu próprio ritmo e se obstina em dar-lhe um orgasmo: muitas vezes com isso só consegue perturbar a forma voluptuosa que ela estava vivendo a seu modo próprio¹. É uma forma bastante plástica para dar a si mesma um termo: certos espasmos localizados na vagina ou no conjunto do sistema genital, ou emanando de todo o corpo, podem constituir uma solução. Em certas mulheres eles se produzem bastante regularmente e com suficiente violência para serem assimilados a um orgasmo; mas uma amante pode também encontrar no orgasmo masculino uma conclusão que a acalma e satisfaz. E pode acontecer também que de maneira contínua, sem choque, a forma erótica se dissolva tranqüilamente. O êxito não exige, como acreditam muitos homens meticolosos mas simplistas, uma sincronização matemática do prazer e sim o estabelecimento de uma forma erótica complexa. Muitos imaginam que "fazer gozar" uma mulher é questão de tempo e de técnica, logo uma violência; ignoram a que ponto a sexualidade da mulher é condicionada pelo conjunto da situação. A volúpia é nela, já o dissemos, uma espécie de encantamento; reclama um abandono total; se palavras ou gestos contestam a magia das carícias, o encantamento se dissipa. É uma das razões pelas quais tantas vezes a mulher fecha os olhos: fisiològicamente, há nisso um reflexo destinado a compensar a dilatação da pupila; mas mesmo na escuridão ela ainda baixa as pálpebras; quer abolir qualquer cenário, abolir a singularidade do instante, de si própria e do amante, quer perder-se no fundo de uma noite carnal tão indistinta quanto o seio materno. E, mais particularmente, ela

(¹) Lawrence viu muito bem a oposição entre essas duas formas eróticas. Mas é arbitrário declarar, como fez, que a mulher não *deve* conhecer o orgasmo. Se é um erro procurar provocá-lo de toda maneira, é também um erro recusá-lo de qualquer maneira como faz D. Cipriano em *Serpente Emplumada*.

almeja suprimir essa separação que ergue o macho à sua frente, ela deseja fundir-se com êle. Já se disse que deseja, em se fazendo objeto, permanecer sujeito. Mais profundamente alienada do que o homem, pelo fato de ser desejo e confusão em todo o corpo, só continua sujeito pela união com o parceiro; seria preciso que para dar e receber ambos se confundissem; se o homem se restringe a ter sem dar ou a dar sem ter, ela se sente manobrada; desde que se realiza como Outro, ela é o outro inessencial; é-lhe necessário negar a alteridade. Eis por que o momento da separação dos corpos lhe é quase sempre penoso. O homem, depois do coito, sinta-se triste ou alegre, enganado pela natureza ou vencedor da mulher, sempre renega a carne, volta a ser um corpo íntegro, quer dormir, tomar um banho, fumar um cigarro, dar um passeio ao ar livre. Ela gostaria de prolongar o contato carnal até que o encantamento que a fêz carne se dissipe por completo; a separação é um arrancamento doloroso como uma nova desmama; ela tem rancor contra o amante que se afasta dela bruscamente. Mas o que mais a magoa são as palavras que contestam a fusão em que acreditara durante um momento. A "mulher de Gilles", cuja história Madeleine Bourdouxhe contou, retrai-se quando o marido lhe pergunta: "Gozaste bem?" Ela tapa-lhe a boca. Essas palavras causam horror a muitas mulheres porque reduzem o prazer a uma sensação imanente e separada. "Chega? Queres mais ainda? Foi bom?" O próprio fato de fazer as perguntas evidencia a separação, transforma o ato amoroso numa operação mecânica cuja direção foi assumida pelo homem. E é por isso mesmo que êle as faz. Muito mais do que a fusão e a reciprocidade, êle busca o domínio; quando a unidade do casal se desfaz, êle torna a se encontrar único sujeito; é preciso muito amor ou generosidade para renunciar a esse privilégio; êle gosta que a mulher se sinta humilhada, possuída a despeito de si mesma; êle quer sempre possuí-la um pouco mais do que ela se dá. Muitas dificuldades seriam poupadas à mulher se o homem não arrastasse consigo muitos complexos que o levam a considerar o ato amoroso como uma luta: então ela poderia não encarar o leito como uma arena.

Entretanto, simultaneamente com o narcisismo e o orgulho, observa-se na jovem um desejo de ser dominada. O masoquismo seria, segundo certos psicanalistas, uma das características da mulher, e é graças a essa tendência que ela poderia adaptar-se a seu destino erótico. Mas a noção de masoquismo é muito confusa e cumpre que a consideremos de perto.

Os psicanalistas distinguem, segundo Freud, três formas de masoquismo: uma consiste na ligação da dor com a volúpia, outra seria a aceitação feminina da dependência erótica e a última assentaria num mecanismo de autopunição. A mulher seria masoquista porque nela prazer e dor estariam ligados através do defloramento e do parto, e porque ela consentiria em seu papel passivo.

Cabe inicialmente observar que atribuir um valor erótico à dor não constitui absolutamente uma conduta de submissão passiva. A dor serve muitas vezes para levantar o tono do indivíduo que a experimenta, para despertar uma sensibilidade entorpecida pela própria violência da comoção e do prazer; é uma luz aguda brilhando na noite carnal, tira o amante do limbo em que se extasiava a fim de que possa ser novamente precipitado nele. A dor faz normalmente parte do frenesi erótico; corpos que se encantam de ser corpos para sua alegria recíproca, procuram encontrar-se, unir-se, confrontar-se de todas as maneiras possíveis. Há no erotismo um arrancamento de si próprio, um transporte, um êxtase; o sofrimento também destrói as fronteiras do eu, é uma superação e um paroxismo; a dor sempre desempenhou um grande papel nas orgias; e sabe-se que o esquisito e o doloroso se tocam; uma carícia pode tornar-se uma tortura, um suplício dar prazer. Abraçar conduz facilmente a morder, beliscar, arranhar; essas condutas não são geralmente sádicas, exprimem um desejo de fusão e não de destruição; e o sujeito que as suporta não procura tampouco renegar-se e humilhar-se e sim unir-se; ademais, elas não são especificamente masculinas, longe disso. Na realidade, a dor só tem significação masoquista no caso de ser apreendida e querida como manifestação de servidão. Quanto à dor do defloramento, não se acompanha precisamente de prazer; todas as mulheres temem os sofrimentos do parto e sentem-se felizes com o fato de os métodos modernos as livrarem deles. A dor não tem, em sua sexualidade, nem maior nem menor importância do que na sexualidade do homem.

A docilidade feminina é, por outro lado, uma noção muito equívoca. Vimos que na maior parte do tempo ela aceita no *imaginário* a dominação de um semideus, de um herói, de um macho; mas isso ainda não passa de um jogo narcisista. Com isso não se acha de modo algum disposta a suportar na realidade a expressão carnal dessa autoridade. Muitas vezes, ao contrário, ela se recusa ao homem que admira e respeita, e entrega-se a um homem sem prestígio. É um erro procurar em fan-

tasmas a chave de condutas concretas; os fantasmas são criados e acarinhados como fantasmas. A menina que sonha com violação, num misto de horror e complacência, não *deseja* ser violentada e o acontecimento, se se verificasse, seria uma odiosa catástrofe. Já vimos em Marie Le Hardouin um exemplo típico dessa dissociação. Ela escreve, em *La Voüe Noire*, igualmente:

Mas no caminho da abolição restava um terreno em que eu só entrava de narinas cerradas e coração batendo. Era aquele que, para além da sensualidade amorosa, me levava à sensualidade simplesmente... Não há uma só infâmia matreira que não tenha cometido em sonho. Sofria da necessidade de me afirmar de todas as maneiras possíveis.

Cumprе lembrar ainda o caso de Maria Bashkirtseff.

Procurei durante toda a minha vida colocar-me *voluntariamente* sob um *domínio* ilusório qualquer, mas todas as pessoas que experimentei eram tão ordinárias em relação a mim que só senti nojo.

Por outro lado, é certo que o papel sexual da mulher é em grande parte passivo; mas viver imediatamente essa situação passiva não é mais masoquista do que a atividade agressiva do macho é sádica; a mulher pode transcender as carícias, a comoção, a penetração para seu próprio prazer, mantendo assim a afirmação de sua subjetividade; ela pode também procurar a união com o amante, e dar-se a êle, o que significa uma superação de si e não uma abdicação. O masoquismo aparece quando o indivíduo escolhe fazer-se constituir em pura coisa pela consciência de outrem, representar-se a si mesmo como coisa, fingir ser uma coisa. "O masoquismo é uma tentativa, não de fascinar o outro pela minha objetividade, mas sim de me fazer fascinar a mim mesmo pela minha objetividade para outrem" (cf J.-P. Sartre, *L'Être et le Néant*). A Juliette, de Sade, ou a jovem virgem de *Philosophie dans le boudoir*, se entregam ao macho de todos os modos possíveis, mas para seu próprio prazer, não são de modo algum masoquistas. Lady Chatterley ou Kate, no total abandono consentido, não são masoquistas. Para que se possa falar de masoquismo é preciso que o *eu* seja *posto* e que se considere esse duplo alienado como fundado pela liberdade de outrem.

Nesse sentido encontrar-se-á efetivamente em certas mulheres um verdadeiro masoquismo. A jovem tem disposição para isso porque é amiúde narcisista e o narcisismo consiste em se alienar em seu *ego*. Se experimentasse desde o começo de sua iniciação

erótica uma perturbação e um desejo violento, ela viveria autenticamente suas experiências e deixaria de as projetar nesse pólo ideal que chama eu; mas em sua frieza o eu continua a afirmar-se; fazer dele a coisa de um homem parece-lhe então uma falta. Ora, o "masoquismo, como o sadismo, é assumpção de culpabilidade. Sou culpado, com efeito, pelo único fato de que sou objeto". Esta idéia de Sartre liga-se à noção freudiana de autopunição. A jovem julga-se culpada por entregar seu eu a outrem e disso se pune dobrando voluntariamente humilhação e servidão; vimos que as virgens desafiavam o futuro amante e se puniam da submissão futura infligindo-se diversas torturas; quando o amante é real e presente elas se obstinam nessa atitude. A própria frieza já se nos apresentou como um castigo que a mulher impõe tanto a si mesma como a seu parceiro: ferida em sua vaidade, ela tem rancor contra êle e contra si própria e se proíbe o prazer. No masoquismo ela se fará apaixonadamente escrava do homem, dir-lhe-á palavras de adoração, desejará ser humilhada, batida; alienar-se-á sempre mais profundamente por furor de ter consentido na alienação. É, bastante claramente, a atitude de Mathilde de La Mole, por exemplo. Ela se recrimina por se ter entregue a Julien; é por isso que, em certos momentos, cai aos seus pés, quer submeter-se a todos os caprichos dele, sacrifica-lhe a cabeleira; mas ao mesmo tempo revolta-se contra êle tanto quanto contra si mesma. Adivinhamo-la gelada nos seus braços. O abandono simulado da mulher masoquista cria novas barreiras que lhe interditam o prazer; e é ao mesmo tempo dessa incapacidade de conhecer o prazer que ela se vinga de si mesma. O círculo vicioso que vai da frieza ao masoquismo pode fechar-se para sempre, acarretando então condutas sádicas por compensação. Pode acontecer também que a maturação erótica liberte a mulher de sua frieza, de seu narcisismo e que, assumindo sua passividade sexual, ela a viva imediatamente, ao invés de a representar. Pois o paradoxo do masoquismo está em que o sujeito se reafirma incessantemente, em seu próprio esforço por se abdicar. É no dom irrefletido, no movimento espontâneo para o outro, que êle consegue esquecer-se. É portanto verdade que a mulher será mais solicitada do que o homem pela tentação masoquista; sua situação erótica de objeto passivo incita-a a representar a passividade; é a autopunição a que a convidam suas revoltas narcisistas e a frigidez que é a consequência delas; o fato é que muitas mulheres, e em particular muitas moças, são masoquistas. Colette, falando de suas

primeiras experiências amorosas, confia-nos, em *Ales Apprentis-sages*:

A juventude e a ignorância contribuindo, eu começara pelo devaneio um devaneio culposo, um horrível e impuro impulso de adolescência. São numerosas as jovens apenas núbéis que sonham com ser o espetáculo, o brinquedo, a obra-prima libertina de um homem maduro. É uma inveja feia que expiam contando-a, uma inveja que anda de par com as neuroses da puberdade, o hábito de roer giz e carvão, beber água dentifrícia, ler livros sujos e enfiar alfinetes na palma das mãos.

Não se poderia dizer mais claramente que o masoquismo faz parte das perversões juvenis, que não é uma solução autêntica do conflito criado pelo destino sexual da mulher, e sim uma maneira de fugir dele, nele chafurdando. Não representa de nenhum modo o desabrochar normal e feliz do erotismo feminino.

Esse desabrochar pressupõe que — no amor, na ternura, na sensualidade — a mulher consiga superar sua passividade e estabelecer com seu parceiro uma relação de reciprocidade. A assimetria do erotismo masculino e feminino cria problemas insolúveis enquanto há luta de sexos; podem facilmente resolver-se quando a mulher sente no homem desejo e respeito a um tempo; se a deseja em sua carne, reconhecendo sua liberdade, ela se reencontra como o essencial no momento em que se faz objeto, ela continua livre na submissão a que consente. Então os amantes podem conhecer, cada qual à sua maneira, um gozo comum: o prazer é sentido por cada um dos parceiros como sendo seu, embora tendo sua fonte no outro. As palavras receber e dar trocam seus sentidos, a alegria é gratidão, o prazer ternura. Numa forma concreta e carnal realiza-se o reconhecimento recíproco do eu e do outro na consciência mais aguda do outro e do eu. Certas mulheres dizem sentir nelas o sexo masculino como uma parte de seu próprio corpo; certos homens *acreditam ser* a mulher que penetram; essas expressões são evidentemente inexatas; a dimensão do *outro* permanece; mas o fato é que a alteridade não tem mais um caráter hostil; é essa consciência da união dos corpos em sua separação que dá ao ato sexual seu caráter comovente; êle é tanto mais perturbador quanto os dois seres, que juntos negam e afirmam apaixonadamente seus limites, são semelhantes e no entanto diferentes. Essa diferença, que muitas vezes os isola, torna-se, quando se reúnem, a fonte de seu encantamento; a febre imóvel que a queima, a mulher contempla-lhe a imagem invertida no seu ardor viril; a potência do homem, é o poder que ela exerce sobre êle; esse sexo inflado

de vida pertence-lhe, como seu sorriso pertence ao homem que lhe dá prazer. Todas as riquezas da virilidade e da feminilidade refletindo-se, apreendendo-se umas através das outras, compõem uma unidade móvel e estática. O que é necessário a uma tal harmonia não são requintes técnicos mas antes, na base de uma atração erótica imediata, uma generosidade recíproca de corpo e alma.

Essa generosidade é amiúde freada no homem pela vaidade, na mulher pela timidez; enquanto ela não supera suas inibições não a pode fazer triunfar. É por isso que o pleno desabrochar sexual é na mulher bastante tardio; é por volta de 35 anos que ela atinge eroticamente seu apogeu. Infelizmente, se é casada, o marido já se habituou demasiado à sua frieza; ela ainda pode seduzir novos amantes, mas começa a fenecer; seu tempo é escasso. É no momento em que deixam de ser desejáveis que muitas mulheres resolvem assumir enfim seus desejos.

As condições em que se desenrola a vida sexual da mulher dependem não somente desses dados mas ainda de todo o conjunto de sua situação social e econômica. Seria abstrato pretender estudá-la mais a fundo sem esse contexto. Mas de nosso exame ressaltam várias conclusões geralmente válidas. A experiência erótica é uma das que revelam aos seres humanos, da maneira mais pungente, a ambigüidade de sua condição; nela eles se sentem como carne e como espírito, como o outro e como sujeito. É para a mulher que esse conflito assume o caráter mais dramático, porque ela se apreende inicialmente como objeto, porque ela não encontra de imediato uma autonomia segura no prazer; é-lhe preciso reconquistar sua dignidade de sujeito transcendente e livre, assumindo sua condição carnal: empresa difícil e cheia de riscos, na qual ela soçobra amiúde. Mas a própria dificuldade da situação defende-a contra as mistificações em que o homem se deixa enlear; êle é amiúde enganado pelos privilégios falaciosos que implicam seu papel agressivo e a solidão satisfeita do orgasmo; êle hesita em se reconhecer plenamente como carne. A mulher tem de si mesma uma experiência mais autêntica.

Mesmo adaptando-se mais ou menos exatamente a seu papel passivo, a mulher é sempre frustrada como indivíduo ativo. Não é o órgão da posse que ela inveja no homem: é a presa. É curioso paradoxo que o homem viva em um mundo sensual de doçura, de ternura, de moleza, um mundo feminino, enquanto a mulher se move em um universo masculino que é duro e severo; suas mãos guardam o desejo de apertar a carne lisa, a polpa

fundente: adolescente, mulher, flores, peles, criança; toda uma parte de si mesma permanece disponível e aspira à posse de um tesouro análogo ao que ela entrega ao macho. Com isso se explica que em muitas mulheres subsista de maneira mais ou menos larvar uma tendência para a homossexualidade. Há algumas em quem, por um conjunto de razões complexas, essa tendência se afirma com uma autoridade particular. Nem todas as mulheres aceitam dar a seus problemas sexuais a solução clássica, única oficialmente admitida pela sociedade. Temos que encarar também as que escolhem caminhos diferentes.

CAPÍTULO IV

A LÉSBICA

DE BOM GRADO imaginamos a lésbica com um chapéu de feltro ríspido, de cabelos curtos e gravata; sua virilidade seria uma anomalia traduzindo um desequilíbrio hormonal. Nada mais errôneo do que essa confusão entre a invertida e a virago. Há muitas homossexuais entre as odaliscas, as cortesãs, entre as mulheres mais deliberadamente "femininas"; inversamente, numerosas mulheres "masculinas" são heterossexuais. Sexólogos e psiquiatras confirmam o que sugere a observação corrente: em sua imensa maioria, as mulheres "danadas" são constituídas exatamente como as outras mulheres. Nenhum "destino anatômico" determina sua sexualidade.

Há seguramente casos em que os dados fisiológicos criam situações singulares. Não existe distinção biológica rigorosa entre os dois sexos; um soma idêntico é modificado por ações hormonais cuja orientação é genotipicamente definida mas pode ser desviada no decurso da evolução do feto; disso resulta o aparecimento de indivíduos intermediários entre os machos e as fêmeas. Certos homens apresentam uma aparência feminina porque a maturação de seus órgãos viris é tardia: do mesmo modo vêem-se moças — em particular esportistas — transformarem-se em rapazes. H. Deutsch conta a história de uma moça que fez uma cômte ardorosa a uma senhora casada, quis raptá-la e viver com ela: percebeu um dia que era na realidade um homem, o que lhe permitiu casar com a bem-amada e ter filhos dela. Mas disso não se deve concluir que toda invertida é um "homem escondido" sob formas enganosas. O hermafrodita em quem os dois sistemas genitais se acham esboçados tem muitas vezes uma sexualidade feminina: conheci uma exilada de Viena pelos nazistas que se desolava por não agradar nem aos heterossexuais nem aos pederastas, quando em verdade só gostava de homens. Sob

a influência de hormônios masculinos, as mulheres "virilóides" apresentam caracteres sexuais secundários masculinos; nas mulheres infantis os hormônios femininos são deficientes e seu desenvolvimento permanece inacabado. Essas particularidades podem motivar mais ou menos diretamente uma vocação lésbica. Uma pessoa dotada de uma vitalidade vigorosa, agressiva, exuberante, almeja despende-se ativamente e recusa ordinariamente a passividade; desgraçada, mal constituída, uma mulher pode compensar sua inferioridade adquirindo qualidades viris; se sua sensibilidade erógena não está desenvolvida, ela não deseja as carícias masculinas. Mas anatomia e hormônios não definem senão uma situação e não põem o objeto para o qual ela transcenderá. H. Deutsch ainda cita o caso de um legionário polonês ferido, de quem tratou durante a guerra de 1914-1918, que era na realidade uma moça com caracteres virilóides acentuados; acompanhara o exército como enfermeira e conseguira depois envergar o uniforme; com tudo isso se apaixonara por um soldado — que desposou mais tarde — o que a fazia ser encarada como homossexual. Suas condutas viris não contradiziam um erotismo do tipo feminino. O próprio homem não deseja exclusivamente a mulher; o fato de que o organismo do homossexual macho pode ser perfeitamente viril implica que a virilidade de uma mulher não a impele necessariamente para a homossexualidade.

Até mesmo entre as mulheres fisiologicamente normais, pretendeu-se por vezes distinguir as clitoridianas das vaginais, estando as primeiras votadas aos amores sáficos; mas verificou-se que, em todas, o erotismo infantil é clitoridiano; quer se fixe nesse estágio, quer se transforme, não depende de nenhum dado anatômico; não é verdade tampouco, como se sustentou amiúde, que a masturbação infantil explique o privilégio ulterior do sistema clitoridiano: a sexologia reconhece hoje no onanismo da criança um fenômeno absolutamente normal e geralmente disseminado. A elaboração do erotismo feminino é — já o vimos — uma história psicológica em que os fatores fisiológicos são envolvidos, mas que depende da atitude global do sujeito em face da existência. Marañón considera que a sexualidade tem uma "direção única" e que atinge no homem uma forma acabada, ao passo que na mulher fica "a meio caminho"; só a lésbica possuiria uma libido tão rica quanto a do homem, ela seria pois um tipo feminino "superior". Na realidade a sexualidade feminina tem uma estrutura original e a idéia de hierarquizar as libidos masculina e feminina é absurda; a escolha do objeto

sexual não depende absolutamente da quantidade de energia de que a mulher disporia.

Os psicanalistas tiveram o grande mérito de ver na inversão um fenômeno psíquico e não orgânico; entretanto, ela se apresenta ainda neles como determinada por circunstâncias exteriores. Eles a estudaram pouco, de resto. Segundo Freud, a maturação do erotismo feminino exige a passagem do estágio clitoridiano ao estágio vaginal, passagem simétrica à que transferiu para o pai o amor que a menina a princípio sentia pela mãe. Razões diversas podem entrar esse desenvolvimento; a mulher não se resigna à castração, esconde a si mesma a ausência do pênis, permanece fixada à mãe para a qual busca substitutos. Para Adler essa parada não é um acidente suportado passivamente: é desejado pelo sujeito que, por vontade de poder, nega deliberadamente sua mutilação e procura identificar-se ao homem cujo domínio recusa. Fixação infantil ou protesto viril, a homossexualidade se apresentaria em todo caso como um inacabamento. Em verdade, a lésbica não é nem uma mulher "falhada" nem uma mulher "superior". A história do indivíduo não é um progresso fatal: a cada momento o passado é retomado mediante uma nova escolha e a "normalidade" da escolha não lhe confere nenhum valor privilegiado: é pela sua autenticidade que cumpre julgá-lo. A homossexualidade pode ser para a mulher uma maneira de fugir de sua condição ou uma maneira de assumi-la. O grande erro dos psicanalistas está em, por conformismo moralizador, encará-lo somente como uma atitude inautêntica.

A mulher é um existente a quem se pede que se faça objeto; enquanto sujeito, ela tem uma sensualidade agressiva que não se satisfaz com o corpo masculino: daí nascem os conflitos que seu erotismo deve superar. Consideram normal o sistema que, entregando-a como presa a um homem, lhe restitui a soberania colocando em seus braços um filho; mas esse "naturalismo" é comandado por um interesse social mais ou menos bem compreendido. A própria heterossexualidade permite outras soluções. A homossexualidade da mulher é uma tentativa, entre outras, de conciliar sua autonomia com a passividade de sua carne. E se se invoca a natureza, pode-se dizer que toda mulher é homossexual. A lésbica caracteriza-se com efeito pela recusa do macho e seu gosto pela carne feminina; mas toda adolescente receia a penetração, o domínio masculino, experimenta em relação ao homem certa repulsa; em compensação, o corpo feminino é para ela, como para o homem, um objeto de desejo. Já o

disse: pondo-se como sujeitos, os homens põem-se ao mesmo tempo como separados; considerar o outro como uma coisa a ser possuída, é atentar nele e solidariamente em si contra o ideal viril' ao contrário, a mulher que se reconhece como objeto vê em suas semelhantes e em si uma presa. O pederasta inspira hostilidade aos heterossexuais masculinos e femininos porque estes exibem que o homem seja um sujeito dominador¹; ao contrário ambos os sexos consideram as lésbicas com indulgência. "Confesso diz o Conde de Tilly, que é uma rivalidade que não me aborrece em absoluto; ao contrário, isso me diverte e tenho a imoralidade de rir da coisa." Colette atribuiu a mesma indiferença divertida a Renaud diante do casal que Claudine constitui com Rézi². O homem agasta-se mais com uma heterossexual agressiva e autônoma do que com uma homossexual não agressiva; só a primeira contesta as prerrogativas masculinas; os amores sáficos estão longe de contradizer a forma tradicional da divisão dos sexos: são em sua maioria casos de uma assumpção da feminilidade, não sua recusa. Vimos que aparecem muitas vezes na adolescente como um *ersatz* das relações heterossexuais que ela não tem ainda a oportunidade ou a ousadia de viver: é uma etapa, um aprendizado, e quem a isso se entrega com mais ardor pode amanhã ser a mais ardorosa das esposas, das amantes, das mães. O que é preciso explicar na invertida não é portanto o aspecto positivo de sua escolha, é sua face negativa: ela não se caracteriza por seu pendor pelas mulheres e sim pela exclusividade desse pendor.

Distinguem-se amiúde — depois de Jones e Hesnard — dois tipos de lésbicas: umas "masculinas" que "querem imitar o homem", outras "femininas" que "têm medo do homem". É verdade que se podem considerar, *grosso modo*, duas tendências na inversão; certas mulheres recusam a passividade, enquanto outras escolhem braços femininos para a eles se entregarem passivamente. Mas essas atitudes reagem uma sobre a outra; as relações ante o objeto escolhido, ante o objeto recusado explicam-se uma pela

(¹) Uma mulher heterossexual tem facilmente amizade por certos pederastas porque encontra segurança e divertimento nessas relações assexuadas. Mas, em conjunto, sente hostilidade contra esses homens que, em si ou em outrem, degradam o macho soberano, transformando-o em coisa passiva.

(²) É interessante notar que o código inglês pune a homossexualidade nos homens e não a considera um delito nas mulheres.

outra. Por muitas razões, como veremos, a distinção indicada parece-nos assaz arbitrária.

Definir a lésbica "viril" pela sua vontade de "imitar o homem" é votá-la à inautenticidade. Já disse a que ponto os psicanalistas criam equívocos aceitando as categorias masculina-feminina tais como a sociedade atual as define. Com efeito, o homem representa hoje o positivo e o neutro, isto é, o masculino e o ser humano, ao passo que a mulher é unicamente o negativo, a fêmea. Cada vez que ela se conduz como ser humano, declara-se que ela se identifica com o macho. Suas atividades esportivas são interpretadas como um "protesto viril"; recusam-se a levar em consideração os valores para os quais ela transcende, o que conduz evidentemente a considerar que ela faz a escolha inautêntica de uma atitude subjetiva. O grande mal-entendido em que assenta esse sistema de interpretação está em que se admite que é *natural* para o ser humano feminino fazer de si uma mulher *feminina*: não basta ser uma heterossexual nem mesmo uma mãe, para realizar esse ideal; a "verdadeira mulher" é um produto artificial que a civilização fabrica, como outrora eram fabricados castrados; seus pretensos "instintos" de coquetismo, de docilidade são-lhe insuflados, como ao homem o orgulho fálico. Ele nem sempre aceita sua vocação viril; ela tem boas razões para aceitar menos documento ainda a que lhe é designada. As noções "complexo de inferioridade", "complexo de masculinidade" fazem-me pensar na anedota que Denis de Rougemont conta em *La Part du Diable*: uma senhora imaginava que, quando passeava no campo, os pássaros a atacavam; depois de vários meses de um tratamento psicanalítico que não conseguiu curá-la de sua obsessão, o médico acompanhando-a no jardim da clínica verificou que os *pássaros a atacavam*. A mulher sente-se diminuída porque, em verdade, as determinações da feminilidade a diminuem. Espontaneamente, ela escolhe ser um indivíduo completo, um sujeito e uma liberdade diante de quem se abrem o mundo e o futuro: se essa escolha se confunde com a da virilidade, é na medida em que a feminilidade significa hoje mutilação. Vê-se claramente nas confissões de invertidas — platônica no primeiro caso, declarada no segundo — recolhidas por Havelock Ellis e Stekel que é a *especificação* feminina que indignou os dois sujeitos.

Por mais que recue no tempo, diz uma delas, nunca me encarei como uma moça e me encontrei em face de uma perturbação perpétua. Por volta dos 5 ou 6 anos, disse a mim mesma que, fosse qual fosse a

opinião das pessoas, se não era um menino não era em todo caso uma menina. . . Olhava a conformação de meu corpo como um acidente misterioso. . . Quando ainda mal podia andar já me interessava por martelos e pregos, queria estar sentada no lombo dos cavalos. Pelos 7 anos verifiquei que tudo o que eu apreciava era errado para uma menina. Não era absolutamente feliz e muitas vezes chorava e me encolerizava a tal ponto ficava furiosa com as conversas acerca de meninos e meninas. . . Todos os domingos, saía com os meninos da escola de meus irmãos. . . Por volta dos 11 anos. . . para me punir, por ser o que era, puseram-me interna no colégio. . . Com cerca de 15 anos, quaisquer que fossem meus pensamentos, meu ponto de vista era sempre de um rapaz. . . Sentia-me cheia de compaixão pelas mulheres. . . Tornei-me protetora delas. . .

Quanto à travestida de Stekel:

Até a idade de 6 anos, apesar das asserções dos que a cercavam, ela se acreditava menino vestido de menina, por motivos que lhe permaneciam desconhecidos. . . Aos 6 anos, ela se dizia: "Serei tenente, e se Deus me der tempo, marechal". Sonhara muitas vezes que montava a cavalo e saía da cidade à frente de um exército. Muito inteligente, sentiu-se infeliz por ter sido transferida da escola normal para um liceu, *tinha medo de se tornar efeminada*.

Essa revolta não implica absolutamente uma predestinação sáfica; em sua maioria, as meninas conhecem o mesmo escândalo, o mesmo desespero quando sabem que a conformação acidental de seu corpo condena seus gostos e suas aspirações; é com raiva que Colette Audry (*Aux yeux du souvenir*) descobre aos 12 anos que nunca poderia tornar-se um marinheiro. Muito naturalmente, a futura mulher se indigna com as limitações que lhe impõe o sexo. Perguntar por que as recusa é formular mal a questão: o problema é antes compreender por que ela as aceita. Seu conformismo vem de sua docilidade, de sua timidez; mas essa resignação transformar-se-á facilmente em revolta se as compensações oferecidas pela sociedade não forem julgadas suficientes. E o que acontece no caso em que a adolescente se julga desgraciada como mulher: é principalmente por esse lado que os dados anatômicos assumem importância; feia, mal feita, ou acreditando sê-lo, a mulher recusa um destino feminino para o qual não se sente dotada; mas seria um erro dizer que a atitude viril é adotada para compensar uma carência de feminilidade: cumpre antes dizer que, em troca das vantagens viris que lhe pedem que sacrifique, as possibilidades concedidas à adolescente parecem-lhe muito diminutas. Todas as meninas invejam as roupas cômodas dos meninos; é sua imagem do espelho, as promessas que nela adivinham que tornam pouco a pouco seus ves-

tidos preciosos; se o espelho reflete secamente uma fisionomia quotidiana, se nada promete, rendas e fitas se constituem em libre incômoda, ridícula mesmo, e o "menino falhado" obstina-se em continuar menino.

Ainda que bem feita e bonita, a mulher que se empenha em projetos singulares ou que reivindica sua liberdade, recusa-se geralmente a abdicar em proveito de outro ser humano; ela reconhece-se em seus atos mas não em sua presença imanente. O desejo masculino que a reduz aos limites de seu corpo choca-a tanto quanto choca o jovem rapaz; pelas suas companheiras submissas ela sente o mesmo nojo que o homem viril pelo pederasta passivo. É em parte para repudiar toda cumplicidade com elas que adota uma atitude masculina; fantasia a roupa, muda de atitude, forma com uma amiga feminina um casal em que encarna o personagem masculino: essa comédia é, com efeito, um "protesto viril", mas apresenta-se como um fenômeno secundário; o que é espontâneo é o escândalo do sujeito conquistador e soberano à idéia de se transformar em presa carnal. Numerosas esportistas são homossexuais; esse corpo que é músculo, movimento, distensão, impulso, elas não o apreendem como uma carne passiva; êle não atrai mágicamente as carícias: é domínio sobre o mundo, não uma coisa do mundo. O fosso que existe entre o corpo para si e o corpo para outrem parece, no caso, intransponível. Encontram-se resistências análogas na mulher de ação, a mulher de "cabeça" para a qual a demissão, ainda que sob a forma carnal, é impossível. Se a igualdade dos sexos estivesse concretamente realizada, em grande número de casos, esse obstáculo se aboliria; mas o homem ainda está imbuído de sua superioridade e é uma convicção incômoda para a mulher se ela não a partilha. Cumpre observar, entretanto, que as mulheres mais voluntárias, mais dominadoras, não hesitam muito em enfrentar o homem: a mulher dita "viril" é muitas vezes francamente heterossexual. Ela não quer renegar sua reivindicação de ser humano; mas não deseja tampouco mutilar-se na sua feminilidade, escolhe ascender ao inundo masculino e até anexá-lo. Sua sensualidade robusta não se assusta com a aspereza do macho; para encontrar sua alegria em um corpo de homem, ela tem menos resistências a vencer do que a virgem tímida. Uma natureza muito rude, muito animal, não sentirá a humilhação do coito; uma intelectual de espírito intrépido a contestará; segura de si, de humor briguento, a mulher se empenhará alegremente em um duelo que tem certeza de ganhar. George Sand

tinha predileção pelos rapazinhos, os homens "femininos"; mas Mme de Staël só tardiamente procurou mocidade e beleza em seus amantes; dominando os homens pelo vigor de seu espírito, acolhendo com orgulho a admiração deles, quase não devia sentir-se presa em seus braços. Uma soberana, como Catarina da Rússia, podia até permitir-se uma embriaguez masoquista: continuava senhora absoluta em seus jogos. Isabel Eberhardt que vestida de homem, percorreu o Saara a cavalo, não se sentia em nada diminuída quando se entregava a algum soldado vigoroso. A mulher que não quer ser vassala do homem está longe de sempre o evitar: tenta antes fazer dê-lo o instrumento de seu prazer. Nessas circunstâncias favoráveis — dependendo em grande parte do parceiro — abolir-se-á a própria idéia de competição e ela se comprazera em viver plenamente sua condição de mulher, como o homem vive sua condição de homem.

Mas essa conciliação de sua personalidade ativa com seu papel de fêmea passiva é, apesar de tudo, muito mais difícil para ela do que para o homem: muitas mulheres renunciarão a tentar esse esforço de preferência a consumir-se nele. Entre os artistas e escritores femininos, encontram-se numerosas lésbicas. Não porque sua singularidade sexual seja fonte de energia criadora ou manifeste a existência dessa energia superior; é antes porque, absorvidas por um trabalho sério, não querem perder seu tempo desempenhando um papel de mulher nem lutando contra os homens. Não admitindo a superioridade masculina, não querem nem fingir reconhecê-la nem se cansar contestando-a; procuram na volúpia relaxamento, serenidade, diversão, é-lhes mais cômodo desviar-se de um parceiro que se apresenta como um adversário; com isso, libertam-se dos entraves que a feminilidade implica. E, bem entendido, a natureza de suas experiências heterossexuais que leva a mulher "viril" a escolher, assumir ou repudiar o seu sexo. O desdém masculino confirma a mulher feia no sentimento de sua falta de graça; a arrogância de um amante fere a orgulhosa. Todos os motivos de frieza que já consideram: rancor, despeito, temor da gravidez, traumatismo provocado por um aborto etc, se encontram aqui. Assumem tanto maior peso quanto maior a desconfiança com que a mulher trata o homem.

Entretanto, a homossexualidade, quando se trata de uma mulher dominadora, nem sempre se apresenta como solução inteiramente satisfatória; como procura afirmar-se, desagrada-lhe não realizar integralmente suas possibilidades femininas; as relações heterossexuais se lhe afiguram a um tempo diminuição e enri-

quecimento; repudiando as limitações implicadas em seu sexo, acontece que de um modo ou de outro ela se limita. Assim como a mulher fria almeja o prazer, embora recusando-o, a lésbica gostaria muitas vezes de ser uma mulher normal e completa, embora não o querendo. Essa hesitação é manifesta no caso da travestida descrita por Stekel.

Viu-se que ela só se comprazia com rapazes e não queria "efeminar-se". Aos dezesseis anos, travou suas primeiras relações com moças; tinha por elas um profundo desprezo, o que de imediato deu a seu erotismo um caráter sádico. A uma colega que respeitava fêz uma corte fervorosa mas platônica: pelas que possuía sentia nojo. Entregou-se furiosamente a estudos difíceis. Decepcionada em seu primeiro grande amor sáfico, entregou-se com loucura a experiências puramente sensuais e pôs-se a beber. Aos 17 anos, conheceu um rapaz com quem casou, mas encarava-o como se fosse sua mulher: vestia-se de maneira masculina e continuava a beber e a estudar. Sofreu inicialmente de vaginismo e nunca o coito a levou ao orgasmo. Achava sua posição "humilhante" e era sempre ela que desempenhava o papel agressivo e ativo. Abandonou o marido, embora "amando-o loucamente" e reatou relações com mulheres. Conheceu um artista a quem se entregou, mas igualmente sem orgasmo. Sua vida dividia-se em períodos nitidamente separados: durante certo tempo escrevia, realizava um trabalho criador e sentia-se totalmente masculina: dormia então sãdicamente, de maneira episódica, com mulheres. A seguir tinha um período de feminilidade. Fêz-se analisar porque desejava chegar ao orgasmo.

A lésbica poderia facilmente consentir na perda de sua feminilidade se com isso adquirisse uma virilidade triunfante. Mas não. Ela permanece evidentemente privada de órgão viril: pode deflorar a amiga com a mão ou usar um pênis artificial para imitar a posse: não deixa contudo de ser um castrado, mas pode sofrer profundamente. Inacabada como mulher, impotente como homem, seu mal-estar traduz-se às vezes por psicoses. Uma doente dizia a Daíbiez (*La Méthode psychanalytique et la Doctrine freudienne*): "Se tivesse alguma coisa para introduzir, seria melhor". Outra gostaria que seus seios fossem rígidos. Amiúde a lésbica tentará compensar sua inferioridade viril por uma arrogância, um exibicionismo reveladores de um desequilíbrio interior. Por vezes também, ela conseguirá criar com as outras mulheres um tipo de relações inteiramente análogas às que com ela mantém um homem "feminino" ou um adolescente ainda pouco seguro de sua virilidade. Um caso impressionante de um tal destino é o de "Sandor", como relata Krafft-Ebbing. Ela conseguira desse jeito alcançar um equilíbrio perfeito que só a intervenção da sociedade veio destruir.

Sarolta era originária de uma família húngara nobre, reputada pelas suas excentricidades. O pai educara-a como um menino: montava a cavalo caçava etc. Essa influência prolongou-se até a idade de 13 anos, quando a enviaram para um internato: apaixonou-se então por uma inglesinha, e raptou-a, pretendendo que era um rapaz. Voltou para casa de sua mãe, mas pouco depois, com o nome de "Sandor" e vestida de homem, partiu para uma viagem com o pai; dedicava-se a esportes viris bebia e freqüentava os bordéis. Sentia-se particularmente atraída pelas atrizes ou pelas mulheres solitárias, tanto quanto possível já não na primeira mocidade; amava-as na medida em que eram "femininas". "Amava diz, a paixão feminina manifestando-se sob um véu poético. Qualquer impudência da parte de uma mulher me inspirava nojo... Tinha uma aversão indizível pelas roupas de mulher e em geral por tudo o que era feminino, mas tão-somente em mim e sobre mim; pois do contrário tinha entusiasmo pelo belo sexo." Teve numerosas ligações com mulheres e com elas gastou muito dinheiro. Colaborava, contudo, em dois grandes jornais da capital. Viveu maritalmente durante três anos com um mulher dez anos mais velha e teve bastante trabalho para que ela aceitasse o rompimento. Inspirava paixões violentas. Apaixonada por uma jovem professora, a ela uniu-se mediante um simulacro de casamento: a noiva e a família da noiva tomavam-na por homem: o sogro pensara ter visto um membro em erecção no futuro genro (provavelmente um pênis artificial); fingia barbear-se, mas a criada de quarto encontrara manchas de sangue menstrual na sua roupa branca e, pelo buraco da fechadura, convencera-se de que Sandor era mulher. Desmascarada, foi presa mas absolvida. Sentiu imensa tristeza por se separar de sua bem-amada Maria a quem escrevia, da cela, as cartas mais apaixonadas. Não tinha um corpo inteiramente feminino: a bacia era muito estreita e faltava-lhe cintura. Os seios eram desenvolvidos, as partes genitais bem femininas mas imperfeitamente desenvolvidas. As regras só tinham aparecido aos 17 anos e ela sentia profundo horror pelo fenômeno menstrual. A idéia de relações sexuais com homens causava-lhe igualmente horror. Somente com as mulheres é que tinha pudor, a ponto de preferir partilhar o leito de um homem a dormir com uma mulher. Muito perturbada quando a tratavam como mulher, foi tomada de verdadeira angústia quando teve de voltar às roupas femininas. Sentia-se 'atraída como por uma força magnética para as mulheres de 24 a 30 anos". Só encontrava satisfação sexual acariciando a amiga, mas nunca se deixando acariciar. Ocasionalmente servia-se de uma meia guarneçada de estôpa como membro. Detestava os homens. Muito sensível à estima moral de outrem, tinha muito talento literário, grande cultura e uma memória colossal.

Sandor não foi psicanalisada, mas pela simples exposição dos fatos alguns pontos ressaltam. Parece que sem "protesto viril", da maneira mais espontânea, ela sempre se tenha considerado homem graças à educação que recebeu e à constituição de seu organismo. A maneira por que seu pai a associou às viagens, à sua vida, teve evidentemente influência decisiva; sua unidade de tal modo se afirmara que não manifestava nenhuma ambivalência em relação aos homens: gostava deles como um

homem, sem se sentir comprometida por eles, de uma maneira dominadora e ativa, sem aceitar reciprocidade. É impressionante entretanto, que "detestasse" os homens e amasse particularmente as mulheres idosas. Isso sugere que Sandor tinha em relação à mãe um complexo de Édipo *masculino*; perpetuava a atitude infantil da menina que, formando casal com a mãe, alimenta a esperança de a proteger e dominar um dia. É, muitas vezes, quando a criança se viu frustrada da ternura materna, que a necessidade dessa ternura a obsidia durante toda a sua vida de adulto; educada pelo pai, Sandor deve ter sonhado com uma mãe amorosa e querida, que procurou em seguida nas outras mulheres. Isso explica seu ciúme profundo dos outros homens, ligado a seu respeito e seu amor "poético" pelas mulheres "solitárias" e idosas que apresentavam a seus olhos um caráter sagrado. Sua atitude era exatamente a de Rousseau com Mme de Warens, a do jovem Benjamin Constant com Mme de Charrière: os adolescentes sensíveis, "femininos" voltam-se também para amantes maternos. Sob aspectos mais ou menos acentuados, encontra-se amiúde esse tipo de lésbica que nunca se identificou com a mãe — porque a admirava ou detestava demais — mas que, recusando ser mulher, aspira à doçura de uma proteção feminina em torno de si; do seio dessa matriz protetora ela pode emergir no mundo com audácias masculinas; conduz-se como um homem, mas como homem tem uma fragilidade que lhe faz almejar o amor de uma amante mais velha; o casal reproduzirá assim o casal heterossexual clássico: matrona e adolescente.

Os psicanalistas acentuaram bem a importância das relações que a homossexual teve anteriormente com a mãe. Há dois casos em que a adolescente tem dificuldade em escapar à influência dela: se foi mimada com ardor por uma mãe ansiosa; ou se foi maltratada por uma "mãe má" que lhe insuflou profundo sentimento de culpa. No primeiro caso, tais relações beiram a homossexualidade: dormiam juntas, acariciavam-se, beijavam-se os seios. A jovem buscará essa mesma felicidade em outros braços. No segundo caso, ela sentirá a necessidade de uma "boa mãe", que a proteja contra a primeira, que afaste a maldição de sua cabeça. Uma das pacientes, cuja história Havelock Ellis conta, e que detestara a mãe durante toda a infância, descreve assim o amor que sentiu aos 16 anos por uma mulher mais velha.

Sentia-me como uma órfã que subitamente tivesse adquirido uma mãe e comecei a sentir-me menos hostil aos adultos, a ter respeito por eles. . . Meu amor por ela era inteiramente puro e pensava nisso

como se fosse com uma mãe... Gostava que ela me tocasse e por vezes ela me apertava nos braços e fazia-me sentar nos joelhos... Ouando eu me deitava, ela vinha dizer-me boa noite e beijava-me na boca.

Se a mais velha se presta à coisa, a mais jovem se entregará com alegria a carícias mais ardentes. É comumente o papel passivo que então desempenhará porque deseja ser dominada, protegida, embalada e acariciada como uma criança. Tais relações permaneçam platônicas ou se tornem carnavais, têm muitas vezes as características de uma verdadeira paixão amorosa. Mas pelo próprio fato de que se apresentam na evolução da adolescente como uma etapa clássica, não poderiam bastar para explicar uma escolha decidida da homossexualidade. A jovem nela procura ao mesmo tempo uma libertação e uma segurança que também poderá encontrar em braços masculinos. Passado o período de entusiasmo amoroso, a mais jovem experimentará muitas vezes em relação à mais velha o sentimento ambivalente que experimentava com a mãe; sujeita-se ao domínio dela almejando contudo libertar-se; se a outra se obstinar em retê-la, continuará durante algum tempo "prisioneira" *; mas com cenas violentas ou amigavelmente acabará por se evadir; tendo terminado de liquidar sua adolescência, sente-se madura para enfrentar uma vida de mulher normal. Para que sua vocação lésbica se afirme é preciso que — como Sandor — recuse sua feminilidade ou que sua feminilidade desabroche com maior felicidade em braços femininos. A fixação na mãe não basta portanto para explicar a inversão. E esta pode ser escolhida por motivos inteiramente diversos. A mulher pode descobrir ou pressentir através de experiências completas ou esboçadas que não tirará prazer das relações heterossexuais, que somente uma outra mulher será capaz de a satisfazer: e particularmente para a mulher que tem o culto de sua feminilidade é o amplexo sáfico que se evidencia como o mais satisfatório.

E muito importante sublinhar: nem sempre é a recusa de se fazer objeto que conduz a mulher à homossexualidade; a maioria das lésbicas procura ao contrário apropriar-se dos tesouros de sua feminilidade. Consentir em se metamorfosear em coisa passiva, não e renunciar a toda reivindicação subjetiva: a mulher espera assim atingir-se sob a figura do em-si; mas então procurará reas-

ficial.

(¹) Como no romance de Dorothy Baker, *Trio*, aliás muito arti-

sumir-se em sua alteridade. Na solidão, ela não consegue realmente desdobrar-se; pode acariciar seus seios, não sabe como se revelariam a uma mão estranha nem como nessa mão se sentiriam viver; um homem pode descobrir-lhe a existência *para si* de sua carne mas não o que ela é *para outrem*. É somente quando seus próprios dedos modelam o corpo de uma mulher cujos dedos modelam o seu, que o milagre do espelho se realiza. Entre o homem e a mulher o amor é um ato; cada um arrancado a si torna-se outro: o que maravilha a amante é que o langor passivo de sua carne se reflita sob a figura do ímpeto viril; mas a narcisista, nesse sexo ereto, não reconhece senão muito confusamente seus atrativos. Entre mulheres, o amor é contemplação: as carícias são menos destinadas a se apropriar do outro do que a recriar-se lentamente através dele; a separação está abolida, não há nem luta, nem vitória, nem derrota; dentro de uma exata reciprocidade cada qual é ao mesmo tempo sujeito e objeto, a soberana e a escrava; a dualidade é cumplicidade. "A estreita semelhança, diz Colette em *Ces plaisirs*, dá confiança à própria volúpia, A amiga compraz-se na certeza de acariciar um corpo de que conhece os segredos e cujas preferências seu próprio corpo indica." E Renée Vivien em *Sortilèges*:

*Nosso coração é semelhante em nosso seio de mulher
Querida! Nosso corpo é igualmente feito
Um mesmo destino difícil pesou em nossa alma
Traduzo teu sorriso e a sombra em teu rosto
Minha doçura é igual a tua grande doçura
Por vezes parece até que somos da mesma raça
Amo em ti minha filha, minha amiga e minha irmã*¹

Esse desdobramento pode assumir uma figura materna; a mãe que se reconhece e se aliena na filha tem muitas vezes por ela um apego sexual: o gosto de proteger e embalar nos braços

(¹) *Notre coeur est semblable en notre sein de femme
Très chère! Notre corps est pareillement fait
Un même destin lourd a pesé sur notre âme
Je traduis ton sourire et l'ombre sur ta face
Ma douceur est égale à ta grande douceur
Parfois même il nous semble être de même race
J'aime en toi mon enfant, mon amie et ma soeur.*

um doce objeto de carne, tem-no ela em comum com a lésbica. Colette sublinha essa analogia quando escreve em *Vrilles de la Vigne*.

Dar-me-ás a volúpia, debruçada sobre mim, os olhos cheios de uma ansiedade maternal, tu que procuras, através de tua amiga apaixonada, a filha que não tiveste.

E Renée Vivien exprime o mesmo sentimento em *L'Heure des mains jointes*:

*Vem, eu te carregarei como uma criança doente
Como uma, criança queixosa e tímida e doente
Nos meus braços nervosos aperto teu corpo leve
Verás que sei curar e proteger
E que meus braços são feitos para melhor te proteger.*

E ainda:

*Amo-te por seres fraca e calma em meus braços
Assim como um berço morno em que descansarás¹*

Em todo amor — amor sexual ou amor materno — há, ao mesmo tempo, avareza e generosidade, desejo de possuir o outro e de tudo lhe dar; mas é na medida em que ambas são narcisistas, acariciando na filha, na amante, seu prolongamento ou seu reflexo, que a mãe e a lésbica se encontram singularmente.

Entretanto o narcisismo não conduz sempre à homossexualidade: o exemplo de Maria Bashkirtseff prova-o; não se encontra em seus escritos o menor vestígio de um sentimento afetoso para com uma mulher; cerebral mais do que sensual, extremamente vaidosa, ela sonha desde a infância com ser valorizada pelo homem: nada a interessa, senão o que pode contribuir para sua glória. A mulher que se idolatra exclusivamente e que visa a um êxito abstrato e incapaz de ardorosa cumplicidade em relação a outras mulheres; só vê nelas rivais e inimigas.

(1) *Viens, je t'emporterai comme une enfant malade
Comme une enfant plaintive et craintive et malade
Entre mes bras nerveux, j'étreins ton corps léger
Tu verras que je sais guérir et protéger
Et que mes bras sont faits pour mieux te protéger.*

*Je t'airne faible et calme entre mes bras
Ainsi qu'un berceau tiède où tu reposeras.*

Em verdade, nenhum fator é determinante; trata-se sempre de uma escolha efetuada no coração de um conjunto complexo e assentando numa livre decisão; nenhum destino sexual governa a vida do indivíduo: seu erotismo traduz ao contrário sua atitude global para com a existência.

As circunstâncias, entretanto, têm também um lugar importante nessa escolha. Ainda hoje os dois sexos vivem em grande parte separados; nos internatos, nas escolas de moças, passa-se facilmente da intimidade à sexualidade; encontram-se muito menos lésbicas nos meios em que a camaradagem entre rapazes e moças facilita experiências heterossexuais. Muitas mulheres que trabalham em oficinas e escritórios, entre mulheres, sem muitas oportunidades de encontrar homens, estabelecem ligações amorosas entre si: material e moralmente é-lhes cômodo associar suas vidas. A ausência ou o malogro de relações heterossexuais as entregará à inversão. É difícil traçar uma fronteira entre resignação e predileção: uma mulher pode dedicar-se às mulheres porque um homem a desiludiu, mas por vezes êle a desilude porque era uma mulher que ela procurava nele. Por todas essas razões é falso estabelecer uma distinção radical entre heterossexual e homossexual. Passado o tempo indeciso da adolescência, o homem normal não se permite mais uma extravagância pederástica; mas muitas vezes a mulher normal retorna aos amores que — platônicamente ou não — lhe encantaram a mocidade. Decepcionada pelo homem, procurará em braços femininos o amante que a traiu; Colette indicou em *La Vagabond* esse papel consolador que desempenham muitas vezes na vida das mulheres as volúpias condenadas: acontece que algumas passam a existência inteira a se consolar. Mesmo uma mulher satisfeita com os amplexos masculinos pode não desdenhar volúpias mais calmas. Passiva e sensual, as carícias de uma amiga não a desgostarão, porquanto lhe bastará entregar-se, deixar-se satisfazer. Ativa, ardente, ela aparecerá como "andrógina", não em virtude de uma misteriosa combinação de hormônios mas sim pelo fato de se encararem a agressividade e o gosto da posse como qualidades viris; Claudine amando Renaud nem por isso deixa de desejar os encantos de Rézi; é plenamente mulher sem deixar de desejar ela também possuir e acariciar. Bem entendido, entre as mulheres "decentes" tais desejos perversos são cuidadosamente recalcados: manifestam-se entretanto sob a forma de amizades puras mas apaixonadas, ou sob a máscara da ternura maternal: algu-

mas vezes revelam-se violentamente no decurso de uma psicose ou durante uma crise de menopausa.

Muito mais absurdo portanto seria pretender classificar as lésbicas em duas categorias estanques. Pelo fato de que uma comédia social se superpõe amiúde a suas verdadeiras relações, elas próprias sugerem a divisão em "viris" e "femininas" comprazendo-se em imitar um casal bissexuado. Mas não se deve iludir porque uma usa um *tailleur* severo e outra um vestido vaporoso. Olhando de perto, a não ser em casos limites, verifica-se que sua sexualidade é ambígua. A mulher que se faz lésbica porque recusa o domínio do homem, experimenta muitas vezes a alegria de reconhecer em outra a mesma amazona orgulhosa; outrora muitos amores culposos floresciam entre as estudantes de Sèvres, que viviam juntas longe dos homens; tinham orgulho de pertencer a uma elite feminina e queriam permanecer sujeitos autônomos. Essa cumplicidade que as reunia contra a casta privilegiada permitia a cada uma admirar numa amiga esse ser prestigioso que amava em si mesma; abraçando-se mutuamente, era cada uma homem e mulher ao mesmo tempo e se encantava com suas virtudes andróginas. Inversamente, uma mulher que quer gozar de sua feminilidade em braços femininos, conhece também o orgulho de não obedecer a nenhum senhor. Renée Vivien amava ardentemente a beleza feminina e queria ser bela; enfeitava-se, orgulhava-se de seus cabelos compridos, mas agradava-lhe também sentir-se livre, intata. Em seus poemas ela exprime seu desprezo por aquelas que consentem em se tornar escravas de um homem pelo casamento. Seu pendor pelos licores fortes, sua linguagem por vezes grosseira e suja eram manifestações de seu desejo de virilidade. Na realidade, na imensa maioria dos casais, as carícias são recíprocas. Disso decorre que os papéis se distribuem de maneira muito incerta: a mulher mais infantil pode desempenhar o papel de um adolescente em face de uma matrona protetora, ou o da amante apoiada ao braço do amante. Elas podem amar-se dentro da igualdade. Sendo os parceiros homólogos, todas as combinações, transposições, trocas, comédias são possíveis. As relações equilibram-se segundo as tendências psicológicas de cada uma das amigas e o conjunto da situação. Se há uma que ajuda ou sustenta a outra, ela assume as funções do homem: protetor tirânico, tolo que se explora, suserano respeitado ou às vezes cáften. Uma superioridade moral, social, intelectual outorga-lhe amiúde a autoridade;

entretanto a mais amada gozará dos privilégios de que a reveste o apego apaixonado da mais amorosa. A associação de duas mulheres, como a de um homem com uma mulher, apresenta numerosos aspectos diferentes; assenta no sentimento, no interesse ou no hábito; é conjugai ou romanesca; dá ensejo ao sadismo, ao masoquismo, à generosidade, à fidelidade, à devoção, ao capricho, ao egoísmo, à traição; há, entre as lésbicas, prostitutas como também grandes amorosas.

Entretanto, certas circunstâncias dão a essas ligações caracteres singulares. Elas não são consagradas por uma instituição ou pelos costumes, nem reguladas por convenções: são vividas, conseqüentemente, com mais sinceridade. Homem e mulher — ainda que esposos — representam mais ou menos sempre um para outro, e principalmente a mulher a quem o homem impõe sempre alguma norma de conduta: virtude exemplar, encanto, coquetismo, puerilidade ou austeridade. Nunca ela se sente ela mesma na frente do marido ou do amante. Junto de uma amiga ela não representa, não precisa fingir, são demasiado semelhantes para não se mostrarem a descoberto. Essa similitude engendra a intimidade mais total. O erotismo muitas vezes importa muito pouco nessas uniões: a volúpia tem um caráter menos fulminante, menos vertiginoso do que entre o homem e a mulher, não provoca metamorfoses tão violentas. Quando se separam carnalmente, os amantes voltam a ser estranhos; o corpo masculino chega a parecer repugnante à mulher, e o homem experimenta por vezes morno enjôo diante do de sua companheira. Entre mulheres, a ternura carnal é mais igual, mais contínua; nunca são arrebatadas em êxtases frenéticos; mas jamais caem numa indiferença hostil; verem-se, tocarem-se constitui um prazer tranqüilo que prolonga, em surdina, o prazer da cama. A união de Sarah Posonby com sua bem-amada durou quase cinqüenta anos sem uma nuvem: parece que souberam criar um éden sereno à margem do mundo. Mas a sinceridade também se paga. Como se mostram abertamente sem preocupação de se dissimularem ou se controlarem, as mulheres são levadas entre si a violências incríveis. O homem e a mulher intimidam-se pelo fato de serem diferentes; êle sente piedade diante dela, inquietação, esforça-se por tratá-la com cortesia, indulgência, distinção; ela respeita-o e teme-o um pouco, procura dominar-se diante dele; cada qual se preocupa com poupar o outro misterioso cujos sentimentos e reações não mede direito. A calma masculina, seja indiferença ou domínio sobre si mesmo, é um dique contra o qual se

quebram as cenas femininas; mas, entre duas amigas, há sobrelanço de lágrimas e convulsões: sua paciência em remoer censuras e explicações é insaciável. Exigências, recriminações, ciúme tirania, todas essas pragas da vida conjugai se desencadeiam de forma exasperada. Se tais amores são por vezes tempestuosos é também porque estão geralmente mais ameaçados do que os amores heterossexuais. São condenados pela sociedade, conseguem mal integrar-se nela. A mulher que assume a atitude viril — pelo seu caráter, sua situação, a força de sua paixão — lamentará não poder dar a sua amiga uma vida normal e respeitável, não poder desposá-la, arrastá-la por caminhos insólitos: são os sentimentos que Radcliffe Hall atribui a sua heroína em *Poço de Solidão*; esses remorsos traduzem-se por uma ansiedade mórbida e principalmente por um ciúme torturante. Por seu lado, a amiga, mais passiva ou menos apaixonada, sofrerá em consequência da censura da sociedade; julgar-se-á degradada, pervertida, frustrada, terá rancor contra quem lhe impõe um tal destino. É possível que uma das duas mulheres deseje um filho; ou ela se resigna com tristeza à esterilidade, ou ambas adotam uma criança, ou a que deseja a maternidade pede os serviços de um homem; a criança é por vezes um traço de união, mas também por vezes uma causa de atrito.

O que dá às mulheres encerradas na homossexualidade um caráter viril não é sua vida erótica que, ao contrário, as confina num universo feminino: é o conjunto das responsabilidades que elas são obrigadas a assumir pelo fato de dispensarem homens. Sua situação é inversa à da cortesã que adquire por vezes um espírito viril à força de conviver com os homens — Ninon de Lenclos, por exemplo — mas que depende deles. A atmosfera singular reinante em torno das lésbicas provém do contraste entre o clima de gineceu em que se desenrola sua vida privada e a independência masculina de sua vida pública. Conduzem-se como homens em um mundo sem homem. A mulher só, apresenta-se sempre como um pouco insólita; não é verdade que os homens respeitem as mulheres: eles se respeitam mutuamente através de suas mulheres — esposas, amantes, teúdas e manteúdas; quando a proteção masculina não se projeta mais sobre ela, a mulher fica desarmada em face de uma casta superior que se mostra agressiva, escarninha ou hostil. Como "perversão erótica", a homossexualidade feminina mais faz sorrir do que outra coisa, mas se implica um modo de vida suscita desprezo ou escândalo, Se há muita provocação e afetação na atitude das lésbicas, é

porque elas não têm nenhum meio de viver sua situação com naturalidade: a naturalidade implica em não refletir sobre si mesmo, agir sem se representar os atos; mas as condutas de outrem levam sem cessar a lésbica a tomar consciência de si. Somente sendo bastante idosa ou dotada de grande prestígio social é que ela pode seguir o seu caminho com uma indiferença tranqüila.

É difícil decretar, por exemplo, se é por gosto ou reação de defesa que tão amiúde ela se veste de maneira masculina. Há certamente nisso, em boa parte, uma escolha espontânea. Nada é menos *natural* do que se vestir como mulher; sem dúvida, a roupa masculina é também artificial, mas é mais cômoda e mais simples, favorece a ação ao invés de a entrarvar; George Sand, Isabel Eberhardt usavam roupas de homem; Thyde Monnier em seu último livro (*Moi*) diz de sua predileção pelas calças; toda mulher ativa *gosta de saltos baixos*, de tecidos robustos. O sentido da *toilette* feminina é evidente: trata-se de se "enfeitar" e enfeitar-se é oferecer-se; as feministas heterossexuais mostraram-se outrora tão intransigentes a esse respeito quanto as lésbicas: recusavam-se a fazer de si mesmas uma mercadoria que se exhibe, adotavam *tailleurs* e chapéus de feltro sem adornos; os vestidos enfeitados, decotados, pareciam-lhes o símbolo da ordem social que combatiam. Hoje, elas conseguiram dominar a realidade e o símbolo tem a seus olhos menor importância. Éle a conserva para a lésbica na medida em que esta se sente ainda com reivindicações a fazer. Ocorre também — quando particularidades físicas lhe motivam a vocação • — que as roupas austeras lhe assentem melhor. Cumpre acrescentar que um dos papéis desempenhados pelo adorno é satisfazer a sensualidade preensiva da mulher; mas a lésbica desdenha o consolo dos veludos, da seda; como Sandor, ela os apreciará em suas amigas, ou o próprio corpo delas os substituirá. É também por essa razão que a lésbica gosta muitas vezes de bebidas fortes, de fumos fortes, de falar em linguagem rude, de impor a si mesma exercícios violentos: erôticamente ela partilha a doçura feminina, mas ama, por contraste, um clima sem pinguismos. Por esse expediente pode ser levada a comprazer-se na companhia dos homens. Mas aqui um novo fator intervém: a relação amiúde ambígua que mantém com eles. Uma mulher muito convencida de sua virilidade não quererá senão homens como amigos e camaradas: essa segurança quase só se encontra naquela que tem interesses comuns com eles, que — nos negócios, na ação ou na arte — trabalha e vence como um deles. Gertrude Stein, quando recebia

os amidos, só conversava com os homens e deixava a Alice Toklas o cuidado de entreter as mulheres^x. É com as mulheres que a homossexual muito viril terá uma atitude ambivalente: despreza-as mas tem diante delas um complexo de inferioridade como mulher e como homem; receia aparecer-lhes como uma mulher falhada, um homem inacabado, o que a conduz a exibir uma superioridade altiva ou a manifestar contra elas — como a travestida de Stekel — uma agressividade sádica. Mas este caso é bastante raro. Vimos que em sua maioria as lésbicas recusam o homem com reticência: há nelas, como na mulher fria, nojo, rancor, timidez, orgulho; elas não se sentem realmente iguais a êle; a seu rancor feminino acrescenta-se um complexo de inferioridade viril: o homem é o rival mais bem armado para seduzir, para possuir e conservar a presa; detestam seu poder sobre as mulheres, detestam a "mácula" que o macho impõe à mulher. Irritam-se ao vê-lo deter os privilégios sociais e senti-lo mais forte do que elas: é uma humilhação pungente não poder lutar com um rival, saber que êle é capaz de a esmagar com um soco. Essa complexa hostilidade é uma das razões que levam certas homossexuais a se exibirem; só entre si mantêm relações, organizam espécies de clubes para mostrar que não têm nem social nem sexualmente necessidade de homens. Passam desse modo facilmente a fanfarronadas inúteis e a todas as comédias da inautenticidade. A lésbica representa primeiramente o papel de homem; posteriormente ser lésbica já se torna um jogo; a fantasia transforma-se em libre e a mulher, a pretexto de subtrair-se à opressão do homem, faz-se escrava de seu personagem; não quis encerrar-se na situação de mulher, torna-se prisioneira da de lésbica. Nada dá pior impressão de estreiteza de espírito e de mutilação do que esses clãs de mulheres libertas. Cumpre acrescentar que muitas mulheres só se declaram homossexuais por complacência interessada: por isso mesmo adotam mais conscientemente atitudes equívocas, esperando ademais excitar os homens que gostam de "viciosas". Essas que tamanho zelo mostram — e são evidentemente as que mais despertam a atenção — contribuem para lançar o descrédito sobre o que a opinião encara como um vício ou uma atitude.

(¹) Uma heterossexual que acredita — ou quer persuadir-se — que transcende com seu valor a diferença dos sexos, terá às vezes a mesma atitude: Mme de Staël, por exemplo.

Na realidade, a homossexualidade não é nem uma perversão deliberada nem uma maldição fatal¹. É uma atitude *escolhida em situação*, isto é, a um tempo motivada e livremente adotada. Nenhum dos fatores que o sujeito assume com essa escolha — dados fisiológicos, história psicológica, circunstâncias sociais — é determinante, embora todos contribuam para explicá-la. É para a mulher uma maneira, entre outras, de resolver os problemas postos por sua condição em geral, por sua situação erótica em particular. Como todas as condutas humanas, ela acarretará comédias, desequilíbrio, malogro, mentira ou, ao contrário, será fonte de experiências fecundas, segundo seja vivida na má-fé, na preguiça, na inautenticidade ou na lucidez, na generosidade e na liberdade.

(¹) *O Poço de Solidão* apresenta uma heroína marcada por uma fatalidade psicofisiológica. Mas o valor documentário desse romance é muito pequeno a despeito da reputação que teve.

SEGUNDA PARTE

SITUAÇÃO

CAPÍTULO I

A MULHER CASADA

O DESTINO que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não o ser. É em relação ao casamento que se define a celibatária, sinta-se ela frustrada, revoltada ou mesmo indiferente ante essa instituição. É, portanto, pela análise do casamento que nos cumpre continuar este estudo.

A evolução econômica da condição feminina está modificando profundamente a instituição do casamento: este vem-se tornando uma união livremente consentida por duas individualidades autônomas; as obrigações dos cônjuges são recíprocas e pessoais; o adultério é para as duas partes uma denúncia do contrato; o divórcio pode ser obtido por uma ou outra das partes em idênticas condições. A mulher não se acha mais confinada na sua função reprodutora: esta perdeu em grande parte seu caráter de servidão natural, apresenta-se como um encargo voluntariamente assumido¹; é assimilado a um trabalho produtivo porquanto, em muitos casos, o tempo de descanso exigido pela gravidez deve ser pago à mãe pelo Estado ou pelo empregador. Na U. R. S. S., o casamento foi considerado durante alguns anos como um contrato interindividual, assentado unicamente na liberdade dos cônjuges; parece que é hoje um serviço que o Estado impõe a ambos.

(¹) Ver vol. I.

A vitória de uma ou outra tendência dependerá da estrutura geral da sociedade no mundo de amanhã: em todo caso, a tutela masculina vai desaparecendo. Contudo, a época em que vivemos é ainda, do ponto de vista feminista, um período de transição. Uma parte somente das mulheres participa da produção e mesmo essa parte pertence a uma sociedade em que antigas estruturas e valores sobrevivem. O casamento moderno só se compreende à luz do passado que êle perpetua.

O casamento sempre se apresentou de maneira radicalmente diferente para o homem e para a mulher. Ambos os sexos são necessários um ao outro, mas essa necessidade nunca engendrou nenhuma reciprocidade; nunca as mulheres constituíram uma casta estabelecendo permutas e contratos em pé de igualdade com a casta masculina. Socialmente, o homem é um indivíduo autônomo e completo; êle é encarado antes de tudo como produtor e sua existência justifica-se pelo trabalho que fornece à coletividade. Vimos¹ por que razões o papel de reprodutora e doméstica em que se confinou a mulher não lhe assegurou igual dignidade. Certamente o homem precisa dela; em certos povos primitivos o celibatário, incapaz de assegurar sozinho sua subsistência, é uma espécie de pária; nas comunidades agrícolas uma colaboradora é indispensável ao camponês e para a maioria dos homens é vantajoso aliviar-se de certas tarefas na companhia; o indivíduo almeja uma vida sexual estável, deseja uma posteridade e a sociedade exige dele que contribua para perpetuá-la. Mas não é à mulher ela própria que o homem dirige um apelo: é a sociedade dos homens que permite a cada um de seus membros realizar-se como esposo e como pai; integrada como escrava ou vassala nos grupos familiares dominados por pais e irmãos, a mulher sempre foi dada em casamento a certos homens por outros homens. Primitivamente, o clã, a *gens* paterna dela dispõem mais ou menos como de uma coisa: ela faz parte das prestações que dois grupos se outorgam mutuamente; sua condição não se modificou profundamente quando o casamento em sua evolução se revestiu de uma forma contratual; dotada ou recebendo parte da herança, a mulher se apresenta como uma pessoa civil: mas dote e herança escravizam-na ainda à sua família²; durante

(¹) Ver vol. I.

(²) Essa evolução verificou-se de maneira descontínua. Repetiu-se no Egito, em Roma, na civilização moderna; ver vol. I, *História*.

muito tempo os contratos foram assinados entre o sogro e o genro, não entre o marido e a mulher; só a viúva goza então de uma autonomia econômica ¹. A liberdade de escolha da jovem sempre foi muito restrita; e o celibato — salvo em casos excepcionais em que se reveste de caráter sagrado — abaixa-a ao nível do parasita e do pária; o casamento é seu ganha-pão e a única justificação social de sua existência. É-lhe imposto a duplo título: ela deve dar filhos à comunidade; mas raros são os casos em que — como em Esparta e, até certo ponto, no regime nazista — o Estado a coloca diretamente sob tutela e só lhe pede que seja mãe. Mesmo as civilizações que ignoram o papel gerador do pai exigem que ela fique sob a proteção de um marido; ela tem também por função satisfazer as necessidades sexuais de um homem e tomar conta do lar. O encargo que lhe impõe a sociedade é considerado como um *serviço* prestado ao esposo: em consequência deve êle à esposa presentes ou um dote e compromete-se a mantê-la; é por seu intermédio que a sociedade se desobriga em relação à mulher que lhe entrega. Os direitos que a esposa adquire cumprindo seus deveres traduzem-se por obrigações a que o homem se submete. Êle não pode desfazer a seu bel-prazer o laço conjugai; repúdio e divórcio só se obtêm mediante uma decisão dos poderes públicos e às vezes o marido deve então uma compensação monetária: esse costume tornou-se mesmo abusivo no Egito de Bocchóris, como hoje nos Estados Unidos sob a forma do *alimony*. A poligamia sempre foi mais ou menos abertamente tolerada: o homem pode trazer para seu leito escravas, concubinas, amantes, prostitutas; mas é-lhe determinado que respeite certos privilégios da mulher legítima. Essa, se maltratada ou lesada, tem o recurso — mais ou menos concretamente garantido — de voltar para sua família, de obter por seu lado separação ou divórcio. Assim, para ambos os cônjuges, o casamento é a um tempo um encargo e um benefício, mas não há simetria nas situações; para as jovens, o casamento é o único meio de se integrarem na coletividade e, se ficam solteiras, tornam-se socialmente resíduos. Eis por que as mães sempre procuraram tão encarniçadamente colocá-las. Na burguesia do século passado mal as consultavam. Ofereciam-nas aos pretendentes eventuais em "entrevistas" combinadas de antemão. Zola descreve esse costume em *Pot-Bouille*.

(¹) Daí o caráter singular da jovem viúva na literatura erótica.

— Falhou, falhou — disse a Sra. Josserand arriando na cadeira. — Ah! — disse simplesmente o Sr. Josserand. — Mas vocês não estão compreendendo — continuou a Sra. Josserand com uma voz aguda — estou dizendo que é mais um casamento jogado fora, e é o quarto que falha!

— Estás ouvindo? — continuou a Sra. Josserand caminhando para a filha. — Como fizeste para perder mais este casamento?

Berthe compreendeu que sua vez tinha chegado.

— Não sei, mamãe — murmurou.

— Um subchefe de escritório — continuava a mãe; — não tem trinta anos e um futuro magnífico. Todos os meses trazendo seu dinheiro; isto é que é sólido, não há outra coisa. . . Fizeste de novo alguma tolice, como com os outros?

— Garanto que não, mamãe.

— Vocês entraram dançando na saleta.

Berthe perturbou-se: — É, mamãe... E como estávamos sozinhos êle quis coisas feias, beijou-me pegando-me assim. Então tive medo, empurrei-o de encontro a um móvel.

A mãe interrompeu-a tomada novamente de furor: — De encontro a um móvel! Ah! infeliz, de encontro a um móvel!

— Mas, mamãe, êle me segurava.

— E depois? Êle te segurava. . . grande coisa! E ponha-se uma tola dessas interna num colégio! Que é que lhe ensinam, hein? . . . Por causa de um beijo atrás da porta! E na realidade, você devia falar disso a nós, seus pais? E ainda empurra as pessoas de encontro a um móvel, e perde todos os casamentos!

Assumi um tom doutorai e continuou:

— Está acabado, eu desespero, você é estúpida, minha filha. . . Uma vez que não tem fortuna, compreenda que precisa pegar os homens por outra coisa. A gente tem que ser amável, olhar com ternura, esquecer a mão na mão, permitir pequenas criancices como sem o perceber; pesca-se um marido, afinal... E o que me irrita é que ela não é lá tão feia quando quer — acrescentou a Sra. Josserand. — Vamos, enxugue os olhos, olhe para mim como se eu fosse um senhor cortejando você. Está vendo, vai deixar cair o leque para que êle, ao erguê-lo, toque em seus dedos. . . E não fique dura, seja mais desembaraçada. Os homens não gostam de pedaços de pau. E principalmente se eles forem longe demais não se faça de ingênua. Um homem que vai longe demais, já está inflamado, minha cara.

Duas horas soavam na pêndula do salão; e na excitação daquela vigília prolongada, em seu desejo furioso de um casamento imediato, a mãe desmandava-se a pensar em voz alta, virando e revirando a filha como uma boneca de papelão. Esta, mole, sem vontade, abandonava-se, mas tinha o coração triste, medo e vergonha punham-lhe um nó na garganta. . .

A jovem apresenta-se, pois, como absolutamente passiva; ela é *casada, dada*, em casamento pelos pais. Os rapazes casam-se, *resolvem* casar. Buscam no casamento uma expansão, uma confirmação de sua existência mas não o direito mesmo de existir: é

um encargo que assumem livremente. Podem portanto interrogar-se acerca de suas vantagens e inconvenientes como fizeram os satíricos gregos e os da Idade Média; isso é para eles um modo de vida apenas, não um destino. É-lhes permitido preferir a solidão do celibato, alguns casam-se tarde ou não se casam.

A mulher, em se casando, recebe como feudo uma parcela do mundo; garantias legais protegem-na contra os caprichos do homem; mas ela torna-se vassala dele. Economicamente êle é o chefe da comunidade, é portanto êle quem a encarna aos olhos da sociedade. Ela toma-lhe o nome, associa-se a seu culto, integra-se em sua classe, em seu meio; pertence à família dele, fica sendo sua "metade". Segue para onde o trabalho dele a chama; é essencialmente de acordo com o lugar em que êle trabalha que se fixa o domicílio conjugai; mais ou menos brutalmente ela rompe com o passado, é anexada ao universo do esposo, dá-lhe sua pessoa, deve-lhe a virgindade e uma fidelidade rigorosa. E perde uma parte dos direitos que o código reconhece à celibatária. A legislação romana colocava a mulher nas mãos do marido *loco filiae*; no início do século XIX, Bonald declarava que a mulher está para o esposo como o filho para a mãe; até a lei de 1942, o código francês reclamava dela obediência ao marido; a lei e os costumes ainda conferem a este uma grande autoridade que sua própria situação no seio da sociedade conjugai implica. Sendo êle o produtor, é quem supera o interesse da família em prol da sociedade e lhe abre um futuro cooperando para a edificação do futuro coletivo: êle é quem encarna a transcendência. A mulher está votada à perpetuação da espécie e à manutenção do lar, isto é, à imanência¹. Em verdade, toda existência humana é transcendência e imanência a um tempo: para se ultrapassar é forçoso que se mantenha, para se lançar no futuro cumpre-lhe integrar o passado e comunicando-se com outrem deve confirmar-se em si mesma. Estes dois momentos estão implicados em todo movimento vivo: *ao homem*, o casamento outorga precisamente a síntese feliz; em seu ofício, em sua vida política, êle conhece o progresso, a mudança, experimenta dispersão através do tempo e do universo; e quando se cansa desse vagabundear, funda um lar, fixa-se, ancora no mundo; à noite, retorna a casa onde a mulher cuida dos móveis e dos filhos, do passado que ela armazena. Mas esta não tem

(¹) Cf. vol. I. Encontr a-se esta tese em S. Paulo, nos Padres da Igreja, em Rousseau, Proudhon, Auguste Comte, D. H. Lawrence etc.

outra tarefa senão a de manter e sustentar a vida em sua pura e idêntica generalidade; ela perpetua a espécie imutável, assegura o ritmo igual dos dias e a permanência do lar cujas portas conserva fechadas; não lhe dão nenhuma possibilidade de influir no futuro nem no universo; ela só se ultrapassa para a coletividade por intermédio do esposo.

Hoje o casamento conserva em grande parte esse aspecto tradicional. E, antes de tudo, impõe-se muito mais imperiosamente à jovem do que ao jovem. Há ainda importantes camadas sociais em que nenhuma outra perspectiva se propõe a ela; entre os camponeses a celibatária é um pária; fica sendo a serva do pai, dos irmãos, do cunhado; o êxodo para as cidades não está a seu alcance; o casamento, escravizando-a a um homem, faz dela dona de um lar. Em certos meios burgueses ainda se deixa a moça na incapacidade de ganhar a vida; ela só pode vegetar como um parasita no lar paterno ou aceitar uma posição subalterna em algum lar estranho. Mesmo nos casos em que ela é mais emancipada, o privilégio econômico detido pelos homens incita-a a preferir o casamento a um ofício: ela procurará um marido de situação superior à sua própria, esperando que êle "vença" mais depressa, vá mais longe do que ela seria capaz. Admite-se, como outrora, que o ato de amor é, da parte da mulher, um *serviço* que presta ao homem; êle *toma* seu prazer e deve em troca alguma compensação. O corpo da mulher é um objeto que se compra; para ela, representa um capital que ela se acha autorizada a explorar. Por vezes ela traz um dote ao esposo, amiúde compromete-se a fornecer certo trabalho doméstico: cuidará da casa, educará os filhos. Em todo caso tem o direito de ser sustentada e a própria moral tradicional a exorta a isso. É natural que seja tentada por essa facilidade tanto mais quanto os ofícios femininos são muitas vezes ingratos e mal remunerados; o casamento é uma carreira mais vantajosa do que muitas outras. Os costumes tornam ainda difícil a libertação sexual da celibatária; na França, o adultério da esposa constituiu até os nossos dias um delito, enquanto nenhuma lei proibia o amor livre à mulher; entretanto, se quisesse ter um amante, era necessário que se casasse antes. Muitas jovens burguesas severamente educadas casam-se ainda hoje para "serem livres". Numerosas norte-americanas conquistaram sua liberdade sexual, mas suas experiências assemelham-se às dos jovens primitivos descritos por Malinowsky, que gozam na *Casa dos Celibatários* prazeres sem conseqüências; espera-se deles que se casem, e é somente então que são encarados como adultos. Uma mulher

só na América do Norte mais ainda do que na França, é um ser socialmente incompleto, ainda que ganhe sua vida; cumpre que traga uma aliança no dedo para que conquiste a dignidade integral de uma pessoa e a plenitude de seus direitos. A maternidade, em particular, só é respeitada na mulher casada; a mãe solteira permanece um objeto de escândalo e o filho é para ela um pesado *handicap*. Por todas essas razões, muitas adolescentes do Velho e do Novo Mundo, interrogadas acerca de seus projetos de futuro, respondem hoje como o teriam feito outrora: "Quero casar-me". Nenhum jovem entretanto considera o casamento seu projeto fundamental. O êxito econômico é que dará sua dignidade de adulto: pode implicar o casamento — em particular para o camponês — mas pode também excluí-lo. As condições da vida moderna — mais instável, mais incerta do que outrora — tornam os encargos do casamento singularmente pesados ao jovem; os benefícios, ao contrário, diminuíram porquanto êle pode sustentar-se a si próprio e as satisfações sexuais lhe são em geral possíveis. Sem dúvida, o casamento comporta comodidades materiais — ("come-se melhor em casa do que no restaurante") — comodidades eróticas — ("dessa maneira tem-se o bordel em casa") — liberta o indivíduo de sua solidão, fixa-o no espaço e no tempo, dando-lhe um lar e filhos; é uma realização definitiva de sua existência. Isso não impede que em conjunto os pedidos masculinos sejam inferiores às ofertas femininas. O pai dá menos a filha do que dela se livra; a jovem que procura um marido não atende a um apelo masculino: provoca-o.

Os casamentos combinados pelos pais não desapareceram: há toda uma burguesia bem pensante que os perpetua. Ao lado do túmulo de Napoleão, na *Opéra*, no baile, na praia, num chá, a aspirante de cabelos recém-penteados, vestida com um vestido novo, exhibe timidamente suas graças físicas e sua conversação modesta; seus pais não a deixam em paz: "Já me custaste bastante caro com estas entrevistas, resolve logo. A próxima vez será a vez de tua irmã". A infeliz candidata sabe que suas possibilidades diminuem na medida em se faz mais madura: os pretendentes não são numerosos, ela não tem muito mais liberdade de escolha do que a jovem beduína que troca por rebanho de ovelhas. Como diz Colette (*La Maison de Claudine*): "uma jovem sem fortuna e sem ofício e que vive à custa de seus irmãos, tem apenas que se calar, aceitar a sorte e agradecer a Deus".

De maneira menos crua, a vida mundana permite que os jovens se encontrem sob os olhares vigilantes das mães. Um pouco

mais livres, as jovens multiplicam as saídas, freqüentam as faculdades, aprendem um ofício que lhes dá a oportunidade de conhecer homens. Um inquérito foi realizado entre 1945 e 1947 no seio da burguesia belga por Mme Claire Leplae acerca do problema da escolha matrimonial (Cf. Leplae, *Les Fiançailles*). A autora procedeu por entrevistas; citarei algumas das perguntas que apresentou e as respostas obtidas.

P.: *São freqüentes os casamentos combinados pelos pais?*

R.: Não há mais casamentos combinados (51%).

São muito raros, 1%; no máximo (16%).

De 1 a 3% dos casamentos são combinados (28%).

De 5 a 10% dos casamentos são combinados (5%).

As pessoas interessadas assinalam que os casamentos combinados pelos pais, numerosos antes de 1945, quase acabaram. Entretanto, "o interesse, a ausência de relações, a timidez, a idade, o desejo de realizar uma boa união são os motivos de alguns casamentos combinados". Tais casamentos são amiúde arranjados por padres; por vezes também a jovem casa-se por correspondência. Fazem elas próprias seus retratos por escrito, o qual é transcrito numa folha especial com um número e que é enviada a todas as pessoas que nela se descrevem. Tal folha comporta cerca de duzentas candidatas ao casamento e um número mais ou menos igual de candidatos. Estes também fizeram seu próprio retrato. Todos podem livremente escolher um correspondente a quem escrevem por intermédio da instituição.

P.: *Em que circunstâncias puderam os jovens tornar-se noivos nestes últimos dez anos?*

R.: Em reuniões mundanas (48%).

Estudos, obras realizadas em comum (22%).

Reuniões íntimas, temporadas (30%).

Todos concordam em que "os casamentos entre amigos de infância são muitos raros. O amor nasce do imprevisto".

P.: *Desempenha o dinheiro papel primordial na escolha da pessoa que se âesposa?*

R.: 30% dos casamentos não passam de um negócio (48%).

50% " " " " " " " (35%).

70% " " " " " " " (17%).

P.: *Pensam os pais avidamente em casar as filhas?*

R.: Os pais pensam avidamente em casar as filhas (58%).

Os pais desejam casar as filhas (24%).

Os pais gostariam de conservar as filhas consigo (18%).

P.: *Pensam as moças avidamente em casar?*

R: As moças pensam avidamente em casar (36%).
As moças desejam casar (38%).
As moças preferem não casar a casar mal (26%).

"As moças assaltam os rapazes. As moças casam-se com o primeiro que aparece para ter uma situação. Todas esperam casar-se e esforçam-se para o conseguir. É humilhante para uma moça não ser procurada: para escapar dessa humilhação casam-se com o primeiro que surge. As moças casam-se por casar. As moças casam-se para serem casadas. As moças têm pressa em arranjar marido porque o casamento lhes assegura maior liberdade." Neste ponto quase todos os testemunhos concordam.

P.: *São as moças mais ativas do que os rapazes na procura do casamento?*

R.: As moças declaram seus sentimentos aos rapazes e pedem-lhes que as despossem (43%).
As moças são mais ativas que os rapazes na procura do casamento (43%).
As moças são discretas (14%).

Em relação a este ponto igualmente há quase unanimidade: são as moças que em geral tomam a iniciativa do casamento. "As moças dão-se conta de que não adquiriram com que se arranjar na vida; não sabendo como poderiam trabalhar para ter com que viver, procuram no casamento uma tábua de salvação. As moças fazem declarações, jogam-se em cima dos homens. São terríveis! A moça tudo faz para se casar. . . é a mulher que procura o homem etc."

Não existe documento semelhante no que concerne à França; mas, sendo a situação da burguesia análoga na França e na Bélgica, chegar-se-ia sem dúvida a conclusões aproximativas. Os casamentos "combinados" sempre foram mais numerosos na França do que em qualquer outro país, e o famoso *Club des Lisérés verts* (Clube das listas verdes), cujos aderentes se encontram em festas destinadas a facilitar a aproximação entre os dois sexos, prospera ainda. Os anúncios matrimoniais ocupam compridas colunas em numerosos jornais.

Na França, como na América do Norte, as mães, as irmãs mais velhas, os hebdomadários femininos ensinam com cinismo às moças a arte de "pegar" um marido como o papel de pegar moscas pega moscas; é uma "pesca", uma "caça" que exige muito tato: não visem nem alto nem baixo demais; não sejam romancescas e sim realistas; misturem o coquetismo com a modéstia; não peçam nem demais nem de menos... Os jovens desconfiam das mulheres "que querem casar". Um jovem belga declara (Cf. Claire Leplae, *Les Fiançailles*):

"Não há nada mais desagradável para um homem do que se sentir perseguido, do que perceber que uma mulher procura deitar-lhe a unha." Eles se esforçam por não cair em armadilhas. A escolha da moça é o mais das vezes muito limitada; só seria realmente livre se ela se julgasse igualmente livre de não se caçar. Há em geral em sua decisão, cálculo, nojo, resignação mais do que entusiasmo. "Se o jovem que a pede em casamento lhe convém mais ou menos (meio social, saúde, carreira), ela o aceita sem o amar. Ela o aceita até com restrições e conserva a cabeça fria."

Entretanto, ao mesmo tempo que o deseja, a moça teme o casamento. Este representa um benefício mais considerável para ela do que para o homem, e eis por que o deseja avidamente; mas exige também pesados sacrifícios: em particular implica uma ruptura muito mais brutal com o passado. Vimos que muitas adolescentes se sentiam angustiadas à idéia de deixar o lar paterno: quando o acontecimento se aproxima essa ansiedade exaspera-se. É nesse momento que nascem muitas neuroses; estas ocorrem também em rapazes que se assustam com as novas responsabilidades que assumem, mas são mais comuns nas moças pelas razões que já analisamos e que pesam sobremodo nessa crise. Citarei apenas um exemplo que tomo de empréstimo de Stekel. Teve que tratar de uma jovem de boa família que apresentava vários sintomas neuróticos.

No momento em que Stekel a conhece, ela sofre de vômitos, toma morfina todas as noites, tem acessos de cólera, recusa-se a se lavar, come na cama e afirma adorar o noivo. Confessa a Stekel que se entregou a êle. . . Mais tarde diz que não teve nenhum prazer: que conservou mesmo dos beijos dele uma recordação repugnante e nisso se encontra a causa dos vômitos. Descobre-se que, com efeito, ela se entregou para punir a mãe porque não se sentia suficientemente querida; em criança, espiava os pais durante a noite porque tinha medo de que lhe dessem um irmão ou uma irmã; adorava a mãe. "E agora teria que casar, deixar a casa paterna, abandonar o quarto de dormir de seus pais? Era impossível." Ela procura engordar, arranha e estraga as mãos, fica doente, tenta ofender o noivo de todos os modos. O médico cura-a, mas ela suplica à mãe que renuncie à idéia de casamento: "Queria ficar em casa sempre, para continuar filha". A mãe insistia para que se casasse. Uma semana antes do dia do casamento encontraram-na morta na cama: matara-se com um tiro de revólver.

Em outros casos, a jovem obstina-se numa prolongada enfermidade: desespera-se porque seu estado não lhe permite desposar

o homem "que adora"; em verdade fica doente para não o desposar e só reencontra o equilíbrio rompendo o noivado. Por vezes o medo do casamento vem do fato de a moça ter tido anteriormente experiências eróticas que a marcaram; em particular pode recear que se descubra a perda da virgindade. Mas, muitas vezes, é um sentimento ardente pelo pai, pela mãe, pela irmã, ou o apêgo ao lar que lhe torna insuportável a idéia de se submeter a um estranho. E muitas das que se decidem — porque é preciso afinal casar, porque os outros fazem pressão, porque elas sabem que é a única solução razoável, porque querem uma existência normal de esposa e mãe — conservam assim mesmo no fundo do coração secretas e opiniáticas resistências que tornam difíceis os primeiros tempos de vida conjugal, que podem até impedi-las de jamais encontrar um equilíbrio feliz no casamento.

Portanto, não é geralmente por amor que se resolvem os casamentos. "O esposo não passa nunca, por assim dizer, de um sucedâneo do homem amado, não é esse homem", diz Freud. Uma tal dissociação nada tem de accidental. Está implicada na própria natureza da instituição. Trata-se de transcender para o interesse coletivo a união econômica e sexual do homem e da mulher, e não de assegurar uma felicidade individual. Nos regimes patriarcais acontecia — acontece ainda hoje entre certos muçulmanos — que os noivos escolhidos pela autoridade dos pais não se tenham sequer visto antes do dia do casamento. Não se trataria de basear a empresa de uma vida, considerada sob seu aspecto social, num capricho sentimental ou erótico.

Neste discreto estado, diz Montaigne, não são tão ardorosos os apetites, antes são calmos e atenuados. O amor não quer que se leve em conta senão a si próprio nem que se achem a eles as ligações que se mantêm por outros motivos, como o casamento: neste as conveniências e os recursos pesam tanto ou mais do que as graças e as belezas. Não se casa alguém tanto para si como principalmente para a posteridade, para a família (Livro III, cap. V).

O homem, pelo fato de ser quem "toma" a mulher — sobretudo em sendo numerosas as solicitações femininas — tem maior possibilidade de escolha. Mas como o ato sexual é considerado um *serviço* imposto à mulher e no qual assentam as vantagens que lhe são concedidas, é lógico que não se dê importância a suas preferências singulares. O casamento é destinado a defendê-la contra a liberdade do homem: mas como não há nem amor nem individualidade fora da liberdade, a fim de se assegu-

rar para sempre a proteção de um macho, ela deve renunciar ao amor de um indivíduo singular. Ouvi uma mãe devota ensinar às filhas que o "amor é um sentimento grosseiro reservado aos homens e que as mulheres decentes não devem conhecer". Era, numa forma ingênua, a própria doutrina que Hegel enuncia na *Fenomenologia do Espírito* (t. II, pág. 25) :

Mas as relações de *mãe* e *esposa* têm a singularidade, em parte como alguma coisa de natural que pertence ao prazer, em parte como alguma coisa de negativo que nelas contempla simplesmente seu próprio desaparecimento; é exatamente por isso que em parte também essa singularidade é alguma coisa de contingente que pode sempre ser substituída por outra singularidade. No fundo do reinado erótico, não se trata deste marido e sim de um marido em geral, de filhos em geral. *Não é na sensibilidade mas sim no universal que assentam essas relações* da mulher. A distinção entre a vida ética da mulher e a vida ética do homem consiste exatamente no fato de que a mulher, em sua distinção pela singularidade e em seu prazer, permanece imediatamente universal e estranha à singularidade do desejo. Ao contrário, no homem, esses dois lados separam-se um do outro e como o homem possui como cidadão a força consciente de si e a *universalidade*, adquire o direito do *desejo* preservando ao mesmo tempo sua liberdade em relação a esse desejo. Assim, se a essa relação da mulher se mistura a singularidade, seu caráter ético não é puro; mas na medida em que esse caráter ético assim é, a singularidade é indiferente e a mulher é privada do reconhecimento de si, como este si em um outro.

Equivale isso a dizer que não se trata absolutamente para a mulher de basear em sua singularidade relações com um esposo de eleição, mas sim de justificar em sua generalidade o exercício de suas funções femininas; ela só deve conhecer o prazer de uma forma específica e não individualizada; disso resultam duas consequências essenciais tocantes a seu destino erótico: primeiramente não tem ela direito a nenhuma atividade sexual fora do casamento; o comércio carnal tornando-se uma instituição para ambos os esposos, desejo e prazer são ultrapassados no sentido do interesse social; mas o homem, transcendendo-se para o universal como trabalhador e cidadão, pode gozar antes das núpcias e à margem da vida conjugal prazeres contingentes: encontra em todo caso sua salvação por outros caminhos; ao passo que, num mundo em que a mulher é essencialmente definida como fêmea, é necessário que seja integralmente justificada enquanto fêmea. Por outro lado, vimos que a ligação do geral e do singular é biologicamente diferente no macho e na fêmea: cumprindo sua tarefa específica de esposo e reprodutor, o primeiro encontra certamente seu pra-

zer¹; ao contrário, há muitas vezes na mulher distinção entre a função genital e a volúpia. Embora pretendendo dar à vida erótica uma dignidade ética, o casamento, em verdade, propõe-se suprimi-la.

Essa frustração sexual da mulher foi deliberadamente aceita pelos homens; vimos que eles se apoiavam num naturalismo otimista para resignar-se aos sofrimentos dela: é seu quinhão; a maldição bíblica confirma-os nessa opinião cômoda. As dores da gravidez — esse pesado sacrifício exigido da mulher em troca de um rápido e incerto prazer — chegaram a ser o tema de muitas chalaças. "Cinco minutos de prazer, nove meses de desgraça... Entra mais facilmente do que sai." Esse contraste divertiu-os amiúde. Entra nessa filosofia algo de sádico: muitos homens se alegram com a miséria feminina e não aceitam a idéia de que se queira atenuá-la². Compreende-se, portanto, que os homens não tenham tido nenhum escrúpulo em denegar a sua companheira a felicidade sexual; pareceu-lhes até vantajoso recusar-lhe, com a autonomia do prazer, as tentações do desejo³.

(¹) Naturalmente o adágio "um buraco é sempre um buraco" é grosseiramente humorístico; o homem procura alguma coisa mais do que o prazer bruto; entretanto, a prosperidade de certas casas de tolerância basta para provar que o homem pode encontrar satisfação com qualquer mulher.

(²) Há quem sustente, por exemplo, que as dores do parto são necessárias ao desabrochar do instinto materno: cervas que pariram sob o efeito de um anestésico ter-se-iam desinteressado dos filhotes. Os fatos alegados permanecem muito vagos; e a mulher não é, em todo caso, uma cerva. A verdade é que certos homens se escandalizam com que se aleguem os encargos da maternidade.

(³) Ainda em nossos dias a pretensão da mulher ao prazer suscita cóleras masculinas; a este propósito o opúsculo do Dr. Grémillon, *La Verité sur l'Orgasme vénérien de la Femme* é um documento espantoso. O prefácio nos previne de que o autor, herói da guerra 14-18, que salvou a vida de cinquenta e quatro prisioneiros alemães, é um homem da mais alta moralidade. Atacando violentamente a obra de Stekel sobre a mulher fria, declara entre outras coisas: "*A mulher normal, a boa poedeira não tem orgasmo venéreo*. Numerosas são as mães (e as melhores) que nunca experimentaram o espasmo mirífico... As zonas erógenas, o mais das vezes latentes, não são naturais e sim artificiais. Orgulham-se com sua aquisição mas são estigmas de decadência... Diga-se tudo isso ao homem do prazer, êle não o levará em consideração. Êle quer que sua companheira de turpitude tenha um orgasmo venéreo e ela o terá. Se não existe, será criado. A mulher moderna quer que a façam vibrar. Nós lhe respondemos: Senhora, não temos tempo e isso nos é proibido pela higiene!... O criador das

É o que exprime Montaigne com um cinismo delicioso:

"É por isso uma espécie de incesto empregar nesse parentesco venerável e sagrado os esforços e as extravagâncias da licença amorosa; é preciso, diz Aristóteles, "tocar prudente e austeramente na mulher, de medo de que, excitando-a demasiado lascivamente, o prazer a faça perder a cabeça..." Não sei de casamentos que malogram mais depressa e se perturbem do que os que são ditados pela beleza e os desejos amorosos: exigem bases mais sólidas e constantes, e cuidados; uma brilhante alegria não dá certo... Um bom casamento, se é que os há, recusa a companhia e a condição do amor" (L. III, cap. V). E diz também (L. I, cap XXX): "Os próprios prazeres que têm com suas mulheres são reprovados se não observam neles alguma moderação; e que há razão para cair em licença e dissolução como em coisa ilegítima. Esses entusiasmos desavergonhados que a chama primeira nos sugere nesse ato, são não apenas indecentes como também prejudicialmente empregados com nossas mulheres. Que pelo menos aprendam a impudência de outra maneira. Para nossas necessidades já se acham bastante despertadas... O casamento é uma ligação religiosa e piedosa; eis por que o prazer que dele se tira deve ser um prazer contido, sério e acrescido de alguma austeridade; deve ser uma volúpia absolutamente prudente e conscienciosa".

Efetivamente, se o marido desperta a sensualidade feminina, êle a desperta em sua generalidade posto que não foi escolhido particularmente; êle predispõe a esposa a procurar o prazer em outros braços; acariciar demasiado bem uma mulher, diz ainda Montaigne, é "cagar no cesto para colocá-lo sobre a própria cabeça". Êle reconhece de resto com boa-fé, que a prudência masculina coloca a mulher numa situação bastante ingrata.

As mulheres não estão inteiramente erradas quando recusam as regras de vida introduzidas no mundo; tanto mais quanto são os homens que as fizeram sem elas. Há naturalmente dissensões e disputas entre elas e nós. Tratamo-nas inconsideradamente porque depois de sabermos que são de longe mais capazes e mais ardentes no amor do que nós ... fomos dar-lhes a continência como quinhão peculiar e sob penas terríveis e extremas... Queremo-las sadias, vigorosas, bem tratadas e nutridas e castas ao mesmo tempo, isto é, quentes e frias; pois o casamento que dizemos ter por fim impedi-las de se consumirem em chamas, traz-lhes bem pouco alívio, de acordo com nossos costumes.

zonas erogenas trabalha contra si próprio: cria insaciáveis. A meretriz pode, sem cansaço, esgotar numerosos maridos... a "zoneada" torna-se uma nova mulher com um novo estado de espírito, por vezes uma mulher terrível capaz de ir até o crime... Não haveria neurose nem psicose se se estivesse persuadido de que fazer amor é um ato tão indiferente como o de comer, urinar, defecar, dormir..."

Proudhon tem menos escrúpulos: afastar o amor do casamento é, a seu ver, conforme à "justiça":

O amor deve ser afogado na justiça . . . toda conversação amorosa, mesmo entre noivos, ou entre esposos, é inconveniente, destruidora do respeito doméstico, do amor ao trabalho e da prática do dever social. . . (uma vez realizado o ato do amor) devemos afastá-lo como o pastor que, depois de ter feito coalhar o leite, retira-lhe o soro.

Entretanto, durante o século XIX, as concepções da burguesia modificaram-se um pouco; ela esforçava-se ardentemente por defender e sustentar o casamento; por outro lado, os progressos do individualismo impediam que se pudesse abafar muito simplesmente as reivindicações feministas; Saint-Simon, Fourier, George Sand e todos os românticos tinham proclamado demasiado violentamente o direito ao amor. Admitiu-se o problema de integrar no casamento os sentimentos individuais que até então tinham sido tranqüilamente excluídos dele. Foi quando se inventou a noção equívoca de "amor conjugai", fruto milagroso do casamento de conveniência tradicional. Balzac exprime em todas as suas inconseqüências as idéias da burguesia conservadora. Ele reconhece que, em princípio, casamento e amor nada têm a ver um com outro, mas repugna-lhe assimilar uma instituição respeitável a um simples negócio em que a mulher é tratada como coisa; e chega assim às incoerências desconcertantes da *Physiologie du Mariage*, em que lemos:

O casamento pode ser considerado política, civil e moralmente como uma lei, como um contrato, como uma instituição... O casamento deve pois ser o objeto do respeito geral. A sociedade não pode considerar senão essas sumidades que para ela dominam a questão conjugai.

Em sua maioria, os homens só têm em vista, no seu casamento, a reprodução, a propriedade do filho; mas nem a reprodução nem a propriedade, nem o filho constituem a felicidade. O *crescite et multiplicamini* não implica amor. Pedir a uma moça, que vimos quatorze vezes em quinze dias, amor por determinação da lei, do rei e da justiça é um absurdo digno da maioria dos predestinados.

Isso é tão preciso quanto a teoria hegeliana. Mas Balzac acrescenta sem nenhuma transição:

O amor é a concordância da necessidade com o sentimento e a felicidade no casamento resulta de um entendimento perfeito das almas entre os esposos. Disso decorre que, para ser feliz, um homem é obrigado a se ater a certas regras de honra e de delicadeza. Depois de se ter valido da lei social que consagra a necessidade, deve obedecer às leis secretas da natureza que fazem eclodir os sentimentos. Se põe sua

felicidade em ser amado, é preciso que ame sinceramente: nada resiste a uma paixão verdadeira. Mas ser apaixonado é desejar sempre. Pode-se desejar sempre a própria mulher?

— Sim.

Em seguida Balzac expõe a ciência do casamento. Mas percebe-se logo que não se trata para o marido de ser amado e sim de não ser enganado. Êle não hesitará em infligir à mulher um regime debilitante, vedando-lhe o acesso a qualquer cultura, embrutecendo-a com o único fim de salvaguardar a honra. Trata-se ainda de amor? Se quisermos encontrar um sentido nessas idéias brumosas e descosidas, há de parecer-nos que o homem tem o direito de escolher uma mulher com a qual satisfaça seus desejos em sua generalidade, generalidade que é o penhor de sua fidelidade; que desperte a seguir o amor da mulher empregando certas receitas. Mas será êle realmente *amoroso* se se casa por sua propriedade, por sua posteridade? E se não o é, como sua paixão poderá ser bastante irresistível para acarretar uma paixão recíproca? E ignorará Balzac realmente que um amor não compartilhado, longe de seduzir inelutavelmente, importuna ao contrário e repugna? Percebe-se claramente toda a sua má-fé em *Mémoires de deux jeunes Mariées*, romance de tese e por cartas. Louise de Chaulieu pretende alicerçar o casamento no amor: por excesso de paixão mata seu primeiro marido; morre mais tarde em consequência da exaltação ciumenta que experimenta pelo segundo. Renée de FEstorade sacrificou seus sentimentos à razão, mas as alegrias da maternidade recompensam-na suficientemente e ela constrói uma felicidade estável. Indagamos primeiramente que maldição — senão um decreto do próprio autor — proíbe à apaixonada Louise a maternidade que almeja: o amor nunca impediu a concepção; e pensamos por outro lado que para aceitar alegremente os amplexos do esposo foi necessário que Renée tenha tido essa "hipocrisia" que Stendhal detestava nas "mulheres decentes". Balzac descreve a noite de núpcias nestes termos:

O bicho que chamamos marido, na tua expressão, desapareceu, escreve Renée a sua amiga. Vi, não sei em que tão doce noitada, um amante cujas palavras me penetravam a alma e nos braços de quem eu me apoiava com um prazer indizível... A curiosidade despertou em meu coração... Quero que saibas, entretanto, que nada faltou do que o amor mais delicado exige, nem esse imprevisto que é, por assim dizer, a honra desses momentos: as graças misteriosas que nossas imaginações lhe pedem, o arrebatamento que desculpa, o consentimento arrancado, as volúpias ideais de há muito entrevistas e que não subjagam a alma antes que a deixemos cair na realidade, todas as seduções houve com suas formas encantadoras.

Esse belo milagre não deve ter-se repetido muitas vezes, porquanto algumas cartas adiante encontramos Renée em lágrimas: "Antes eu era um ser, agora sou uma coisa"; e ela se consola de suas noites de "amor conjugai" lendo Bonald. Mas gostaríamos de saber em virtude de que receita o marido se transformou, no momento mais difícil da iniciação feminina, em um sedutor; as razões que Balzac nos dá em *Physiologie du Mariage* são sumárias: "Não inicie nunca o casamento com uma violação", ou vagas: "Aprender com habilidade os matizes do prazer, desenvolvê-los, dar-lhes um estilo novo, uma expressão original constituem o gênio do marido". Acrescenta, aliás, de imediato que: "Entre dois seres que não se amam, esse gênio é libertinagem". Ora, precisamente, Renée não ama Louis; e tal qual nos é descrito, de onde lhe vem esse "gênio"? Na verdade, Balzac escamoteou ciniicamente o problema. Ignorou o fato de que não há sentimentos neutros e que a ausência de amor, o constrangimento, o tédio engendram menos facilmente uma amizade terna do que o rancor, a impaciência, a hostilidade. Êle é mais sincero em *Le Lys dans la Vallée*, e o destino da infeliz Mme de Mortsaufr apresenta-se como bem menos edificante.

Reconciliar o casamento com o amor é uma tal façanha que se faz preciso nada menos do que uma intervenção divina para consegui-lo; é a solução a que se atém Kierkegaard através de complicados circunlóquios. Compraz-se em denunciar, em *In Vino Veritas*, o paradoxo do casamento:

Que estranha invenção o casamento! E o que o torna mais estranho ainda é que passa por uma gestão espontânea ... E no entanto nenhuma gestão é tão decisiva ... Um ato tão decisivo, deveria pois ser executado espontaneamente.

A dificuldade está no seguinte; o amor e a inclinação amorosa são inteiramente espontâneos, o casamento é uma decisão; entretanto, a inclinação amorosa deve ser despertada pelo casamento ou pela decisão: querer casar-se. Isso quer dizer que o que há de mais espontâneo deve ser ao *mesmo* tempo a decisão mais livre, e que o que, por causa da espontaneidade, é tão inexplicável, que se deve atribuir a uma divindade, deve ao mesmo tempo ocorrer em virtude de uma reflexão e de uma reflexão tão completa que dela resulta a decisão. Demais, uma das coisas não deve seguir-se à outra, a decisão não deve chegar por trás, pé ante pé; tudo deve acontecer simultaneamente; as duas coisas devem achar-se reunidas no momento do desfecho¹.

(¹) Reflexões sobre o Casamento.

O que quer dizer que amar não é casar e que é difícil compreender como o amor pode tornar-se um dever. Mas o paradoxo não assusta Kierkegaard: todo o seu ensaio sobre o casamento é feito para elucidar esse mistério. É verdade que, concorda êle:

"A reflexão é o anjo exterminador da espontaneidade. . . Se fosse verdade que a reflexão devesse controlar a inclinação amorosa, nunca haveria casamento." Mas "a decisão é uma nova espontaneidade, obtida através da reflexão, sentida de maneira puramente ideal, espontaneidade que corresponde precisamente à da inclinação amorosa. A decisão é uma concepção religiosa da vida construída sobre dados éticos e deve, por assim dizer, abrir o caminho à inclinação amorosa e garanti-la contra todo perigo exterior ou interior". Eis por que "um verdadeiro esposo é êle próprio um milagre! . . . Poder reter o prazer do amor enquanto a existência reúne toda a força da seriedade sobre êle e sobre a bem-amada!"

Quanto à mulher, a razão não é seu quinhão, ela não tem "reflexão"; por isso passa "do imediatismo do amor ao imediatismo do religioso". Traduzida em linguagem clara, essa doutrina significa que um homem que ama se decide a casar por um ato de fé em Deus e que lhe deve garantir o acordo do sentimento com o compromisso; e que a mulher, desde que ama, deseja casar. Conheci uma velha senhora católica que, mais ingenuamente, acreditava "no amor sacramental à primeira vista"; afirmava que no momento em que pronunciavam o "sim" definitivo diante do altar, os esposos sentem o coração abrasar-se. Kierkegaard, em verdade, diz que anteriormente deve haver "inclinação", mas que esta possa durar toda uma existência não lhe parece menos milagroso.

Entretanto, na França, romancistas e dramaturgos do fim do século, menos confiantes na virtude do sacramento, procuram assegurar a felicidade conjugal por processos mais humanos; mais audaciosamente do que Balzac, encaram a possibilidade de integrar o erotismo no amor legítimo. Porto-Riche afirma, em *Amoureuse*, a incompatibilidade do amor sexual com a vida do lar: o marido, farto dos ardores da mulher, busca a tranqüilidade junto de uma amante mais moderada. Mas, por instigação de Paul Hervieu, inscreve-se no código que o "amor" entre esposos é um dever. Marcel Prévost aconselha o jovem esposo a que trate a mulher como uma amante e evoca em termos discretamente libidinosos as volúpias conjugais. Bernstein faz-se o dramaturgo do amor legítimo: ao lado da mulher amoral, mentirosa, sensual, ladra, má, o marido surge como um ser equilibrado, generoso; e adivinha-se nele igualmente um amante potente e hábil. Como reação contra

os romances de adultério aparecem numerosas apologias romancescas do casamento. A própria Colette cede ante essa onda moralizadora quando em *L'Ingénue libertine*, depois de ter descrito as cínicas experiências de uma recém-casada, inãbilmente deflorada, resolve fazê-la conhecer a volúpia nos braços do marido. Do mesmo modo, Martin Maurice, em um livro de alguma repercussão, traz a jovem mulher, após breve incursão no leito de um amante hábil, para junto do marido a quem faz beneficiar-se da experiência. Por outras razões e de outra maneira, os norte-americanos de hoje, que são a um tempo respeitosos da instituição conjugal e individualistas, multiplicam os esforços de integração da sexualidade no casamento. Aparecem anualmente numerosas obras de iniciação à vida conjugal e destinadas a ensinar os cônjuges a se adaptarem um ao outro, e em particular ao homem, a como criar uma harmonia feliz com a mulher. Psicanalistas e médicos desempenham o papel de "conselheiros conjugais"; admite-se que a mulher também tem direito ao prazer e que o homem deve conhecer as técnicas suscetíveis de dar-lhe esse prazer. Mas já vimos que o êxito sexual não é unicamente uma questão de técnica. Ainda que o rapaz tenha aprendido de cor vinte manuais tais como *O Que Todo Marido Deve Saber*, *O Segredo da Felicidade Conjugal*, *O Amor Sem Medo*, não é certo que saberá com isso fazer-se amar por sua jovem esposa. É ao conjunto da situação psicológica que esta reage. O casamento tradicional está longe de criar as condições mais favoráveis ao despertar e ao desabrochar do erotismo feminino.

Outrora, nas comunidades de direito materno, não se exigia a virgindade da jovem esposa; por razões místicas, devia ela até sei deflorada antes da núpcias. Em certas zonas rurais da França, observam-se ainda sobrevivências dessas antigas licenças; não se exige das moças a. castidade pré-nupcial; e as jovens que "erraram" — inclusive mães solteiras — encontram mesmo marido mais facilmente do que as outras. Por outro lado, nas esferas em que a emancipação feminina é aceita, reconhece-se às moças a mesma liberdade sexual que se reconhece aos rapazes. Entretanto, a ética paternalista reclama imperiosamente que a noiva seja entregue virgem ao esposo; este quer ter certeza de que ela não traz em si um germe estranho; quer a propriedade integral e exclusiva dessa carne que torna sua¹; a virgindade adquiriu um valor moral, religioso e místico e esse valor é ainda geralmente reco-

(¹) Ver vol. I, *Os Mitos*.

nhecido hoje. Na França, há regiões em que os amigos do casado ficam atrás da porta do quarto nupcial, riem e cantam até que o esposo venha triunfalmente expor aos olhos deles o lençol manchado de sangue; ou então os pais exibem-no pela manhã às pessoas da vizinhança¹. Sob uma forma menos brutal, o costume da "noite de núpcias" está ainda muito espalhado. Não é por acaso que isso suscitou toda uma literatura galhofeira: a separação entre o social e o animal engendra necessariamente a obscenidade. Uma moral humanista exige que toda experiência viva tenha um sentido humano, que seja habitada por uma liberdade; numa vida erótica autenticamente moral, há livre assumpção do desejo e do prazer, ou, pelo menos, luta patética para reconquistar a liberdade no seio da sexualidade: mas isso só é possível se um reconhecimento *singular* do outro se efetuou no amor e no desejo. Quando a sexualidade não precisa mais ser salva pelo indivíduo, porque é Deus ou a sociedade que pretendem justificá-la, a relação dos dois parceiros é apenas uma relação bestial. Compreende-se que as matronas bem-pensantes falem com repugnância das aventuras da carne: elas as rebaixaram ao nível de funções escatológicas. É por isso também que, nos banquetes nupciais, se ouvem tantos risos grosseiros. Há um paradoxo obsceno na superposição de uma cerimônia pomposa a uma função animal de uma realidade brutal. O casamento expõe sua significação universal e abstrata: um homem e uma mulher unem-se de acordo com ritos simbólicos sob os olhares de todos; mas no segredo do leito são indivíduos concretos e singulares que se enfrentam e todos os olhares se desviam de seus amplexos. Colette, assistindo, com a idade de 13 anos, a um casamento de camponeses, foi tomada de horrível confusão quando uma amiga a levou a ver o quarto nupcial (Cf. *La Maison de Claudine*):

O quarto dos jovens casados... Sob cortinas de algodão barato, a cama estreita e alta de colchão de plumas, cheia de travesseiros de penugem de ganso, a cama onde termina esse dia fumegante de suor, de incenso, de gado, de odores de molhos... Dentro em pouco, os jovens esposos chegarão. Eu não pensara nisso. Mergulharão nesta pluma profunda... Haverá entre eles a luta obscura acerca da qual a candura intrépida de minha mãe e a vida dos bichos ensinaram-me

(¹) "Ainda hoje em certas regiões dos Estados Unidos, os imigrantes de primeira geração enviam o lençol ensangüentado à família que ficou na Europa como prova da consumação do casamento", diz o relatório Kinsey.

demaís e de menos. E depois? Tenho medo deste quarto e deste leito em que não pensara.

No seu desamparo infantil, a menina sentiu o contraste entre o aparato da festa familiar e o mistério animal do grande leito fechado. O lado cômico e licencioso do casamento quase não se descobre nas civilizações que não individualizam a mulher: no Oriente, na Grécia, em Roma; a função animal aí se apresenta tão geral quanto os ritos sociais; mas em nossa época, no Ocidente, homens e mulheres são tomados como indivíduos e os convidados às núpcias escarnecem porque é este homem e é esta mulher que vão consumir, numa experiência bem singular, o ato que se mascara sob os ritos, os discursos e as flores. Há sem dúvida também um contraste macabro entre a pompa dos grandes enterros e a podridão do túmulo. Mas o morto não desperta quando o enterram, ao passo que a jovem sente uma terrível surpresa quando descobre a singularidade e a contingência da experiência *real* que a faixa tricolor do prefeito e os órgãos da igreja lhe prometiam. Não é somente nas comédias que se vêem mulheres voltarem em lágrimas para junto de suas mães na noite de núpcias; os livros de psiquiatria abundam em narrativas dessa espécie; contaram-me também pessoalmente vários casos: tratava-se de moças bem educadas demais, que não tinham recebido nenhuma educação sexual e que a brusca descoberta do erotismo transtornava. No século passado, Mme Adam imaginava que era de seu dever casar com um homem que a beijara na boca, pois pensava que era isso a forma acabada da união sexual. Mais recentemente, em *Estados Nervosos de Angústia*, Stekel conta, a propósito de uma jovem mulher casada: "Quando, durante a viagem de núpcias, o marido a deflorou, ela o tomou por louco e não ousou dizer palavra pensando estar lidando com um alienado". Houve mesmo uma moça tão inocente que desposou uma invertida e durante muito tempo viveu com o pseudomarido sem desconfiar de que não estava na companhia de um homem.

Se no dia de suas núpcias, ao entrar em casa, você enfiar sua mulher num poço durante a noite, ela ficará estonteada. Por mais que tenha tido uma vaga inquietude. . .

Engraçado, dirá ela, é então isso o casamento? Eis por que se queria que a prática fosse secreta. Eu me deixei pegar nessa armadilha.

Mas vexada com isso, ela não diz nada. Eis por que você poderá mergulhá-la no poço longamente e várias vezes, sem provocar nenhum escândalo na vizinhança.

Este fragmento de um poema de Michaux, intitulado *Nuits de Noces* (Cf. *La Nuit remue*) exprime bastante exatamente a situação. Hoje, muitas jovens são mais sabidas; mas seu consentimento permanece abstrato; e seu defloramento conserva o caráter de uma violação. "Há certamente maior número de violações cometidas no casamento que fora do casamento", diz Havelock Ellis. Em sua obra *Monatsschrift für Geburlshilfe*, t. IX, Neugebauer reuniu mais de cento e cinquenta casos de ferimentos infligidos a mulheres pelo pênis durante o coito; as causas eram a brutalidade, a embriaguez, uma posição errada, uma desproporção dos órgãos. Na Inglaterra, conta Havelock Ellis, uma senhora indagou de seis mulheres casadas da classe média e inteligentes qual fora sua reação na noite de núpcias: para todas o coito acontecera como um choque; duas delas ignoravam tudo, as outras pensavam saber mas nem por isso se sentiram menos magoadas psicologicamente. Adler também insiste na importância psíquica do ato de defloramento.

Esse primeiro momento em que o homem adquire todos os direitos decide muitas vezes toda a vida. O marido sem experiência e superexcitado pode semear então o germe da insensibilidade feminina e, com sua inabilidade e sua brutalidade contínuas, transformá-la em anestesia permanente.

Vimos no capítulo precedente muitos exemplos dessas iniciações infelizes. Eis mais um caso relatado por Stekel:

Mme H. N., educada muito pudicamente, tremia à idéia da noite de núpcias. O marido despiu-a quase com violência, sem lhe permitir que se deitasse. Tirou êle próprio a roupa, pedindo-lhe que o olhasse nu e admirasse o pênis. Ela escondeu o rosto nas mãos. Então êle exclamou: "Por que não ficaste em tua casa, imbecil!" Em seguida, jogou-a na cama e deflorou-a brutalmente. Naturalmente ela se tornou fria para sempre.

Examinamos, com efeito, todas as resistências que a virgem precisa vencer para realizar seu destino sexual: sua iniciação reclama todo um "trabalho" ao mesmo tempo fisiológico e psíquico. É estúpido e bárbaro querer resumi-la em uma noite; é absurdo transformar em um dever a operação tão difícil do primeiro coito. A mulher sente-se tanto mais aterrorizada quanto a estranha operação a que é submetida é sagrada, quando sociedade, religião, família a entregarem solenemente ao esposo como a um senhor; demais, o ato parece-lhe empenhar todo o seu futuro, tendo ainda o casamento um caráter definitivo. É então que ela se sente revelada no absoluto: esse homem a quem ela está para sempre votada

encarna a seus olhos todo o Homem; e êle revela-se também a ela sob uma figura desconhecida, que é de terrível importância, porquanto será o companheiro para toda sua vida. Entretanto, o próprio homem sente angústia pela imposição que pesa sobre si; tem suas próprias dificuldades, seus complexos que o tornam tímido e inábil ou, ao contrário, brutal; numerosos homens mostram-se impotentes na noite de núpcias por causa da própria solenidade do casamento. Janet escreve em *Les Obsessions et la Psychasthénie*:

Quem não conhece esses recém-casados envergonhados de sua sorte, que não podem conseguir realizar o ato conjugal e são então perseguidos por uma obsessão de vergonha e desespero? Assistimos no ano passado a uma cena tragicômica assaz curiosa, quando um sogro carancudo arrastou até a Salpêtrière seu genro humilde e resignado: o sogro solicitava um atestado médico que lhe permitisse pedir o divórcio. O pobre rapaz explicava que antes fora capaz, mas que desde o casamento um sentimento de embaraço e vergonha tornara tudo impossível.

Um entusiasmo exagerado assusta a virgem, um respeito excessivo humilha-a; há mulheres que odeiam para sempre o homem que auferiu egoistamente seu prazer à custa do seu sofrimento; mas experimentam um rancor eterno contra quem pareceu desdenhá-las¹ e muitas vezes contra quem não tentou deflorá-las durante a primeira noite de núpcias, ou foi incapaz de fazê-lo. H. Deutsch observa (Cf. *Psychology of Women*) que certos maridos tímidos ou inábeis pedem ao médico que deflore a mulher mediante uma operação cirúrgica, a pretexto de que ela tem uma conformação anormal; a razão alegada não é geralmente válida. As mulheres, diz ela, votam para sempre desprezo e rancor ao marido que foi incapaz de penetrá-las normalmente. Uma das observações de Freud mostra² que a impotência do esposo pode engendrar um traumatismo na mulher:

Uma doente tinha o hábito de correr de um quarto para outro no meio do qual se achava uma mesa. Arranjava então a toalha de certa maneira e chamava a criada que devia aproximar-se da mesa; e mandava-a embora... Quando tentou explicar essa obsessão, lembrou-se de que a toalha tinha uma mancha feia e que ela a arranjava de maneira a que a mancha saltasse aos olhos da empregada...

Era a reprodução da noite de núpcias em que o marido não se mostrara viril. Acorrera várias vezes do quarto dele ao quarto dela para tentar novamente. Com vergonha da criada que devia fazer a

(¹) Ver as observações de Stekel citadas no capítulo precedente.

(²) Resumimo-la segundo Stekel: *A Mulher Fria*.

cama, derrubara tinta vermelha no lençol para que acreditasse que havia sangue.

A "noite de núpcias" transforma a experiência erótica numa prova, em que o receio de não saber vencer angustia a todos, afundados por demais em seus próprios problemas para pensar generosamente no outro; ela comporta uma solenidade que a torna temível; e não é espantoso que muitas vezes destine a mulher à frieza. O problema difícil que se põe ante o esposo é o seguinte: se "acaricia demasiado lascivamente a mulher", ela pode escandalizar-se e sentir-se ultrajada; parece que um tal receio paralisa os maridos norte-americanos, entre outros, principalmente nos casais que receberam uma educação universitária, observa o relatório Kinsey, porque as mulheres, mais conscientes de si mesmas, são mais profundamente inibidas. Entretanto, se o homem a "respeita", malogra em despertar a sensualidade dela. Esse dilema é criado pela ambigüidade da atitude feminina: a jovem quer o prazer e o recusa ao mesmo tempo; ela exige uma descrição pela qual sofre. Exceto no caso de uma felicidade excepcional, o marido apresentar-se-á como libertino ou inábil. Não é, portanto, de espantar que os "deveres conjugais" sejam muitas vezes para a mulher um encargo repugnante.

A submissão a um senhor que lhe desagrada é para ela um suplício, diz Diderot (cf. *Sur les Femmes*). Vi uma mulher honesta tremer de horror à aproximação do esposo; vi-a entrar no banho e não se acreditar bastante lavada da mácula do dever. Essa espécie de repugnância é-nos quase desconhecida. Nosso órgão é mais indulgente. Muitas mulheres morrerão sem ter experimentado a extrema volúpia. Essa sensação que eu encararia de bom grado como uma epilepsia passageira é rara para elas e a nós não deixa nunca de acontecer quando a queremos. A felicidade soberana foge-lhes entre os braços do homem que adoram. Nós a encontramos em qualquer mulher complacente ainda que nos desagrade. Menos senhoras de seus sentidos do que nós, a recompensa é menos rápida e menos segura para elas. Cem vezes sua espera é vã.

Muitas mulheres com efeito tornam-se mães e avós sem nunca ter conhecido o prazer, nem mesmo uma perturbação; tentam escapar da "mácula do dever" mediante atestados médicos ou outros pretextos. O relatório Kinsey revela que na América do Norte muitas esposas "declaram considerar sua freqüência de coito já elevada e desejariam que seus maridos não quisessem relações tão freqüentes. Muito poucas mulheres desejam coitos mais freqüentes". Vimos entretanto que as possibilidades eróticas da mulher são quase infinitas. Esta contradição demonstra bem que o casa-

mento, pretendendo regular o erotismo feminino, na realidade o assassina.

Em *Thérèse Desqueyroux*, Mauriac descreve as reações de uma jovem mulher "razoavelmente casada" em face do casamento em geral e dos deveres conjugais em particular.

Talvez ela procurasse no casamento menos um domínio, uma posse do que um refúgio. Não fora um pânico que a precipitara nele? Mocinha prática, mocinha doméstica, ansiava por ocupar seu lugar definitivo; queria garantir-se contra um perigo que não conhecia bem. Nunca parecera tão sensata como na época do noivado; incrustava-se num bloco familiar, "arrumava-se", entrava numa ordem. Salvava-se. No sufocante dia das núpcias, na estreita igreja de Saint-Clair onde a parolice das mulheres dominava a música do órgão ofegante e onde os odores triunfavam sobre o incenso, nesse dia foi que Thérèse se sentiu perdida. Entrara como uma sonâmbula na jaula e, ao ruído pesado da porta que se fechava, a pobre menina acordava. Nada mudara, mas ela tinha o sentimento de não mais poder perder-se sozinha. Ia ocultar-se no mais espesso da família como o fogo de uma brasa dormida.

... Na tarde daquele casamento meio camponês e meio burguês, alguns grupos em que brilhavam os vestidos das moças forçaram o auto dos casados a diminuir a marcha, aclamavam-nos ... Thérèse, pensado na noite que veio depois, murmura: "Foi horrível, mas corrige: "Não... nem tanto". Durante a viagem aos lagos italianos tinha sofrido muito? Não, não, topava o jogo: não se trair... Thérèse soube dobrar o corpo a essas dissimulações e nisso experimentava um prazer amargo. Nesse mundo desconhecido de sensações em que um homem a obrigava a entrar, sua imaginação ajudava-a a conceber que talvez houvesse nele, para ela também, uma possível felicidade — mas que felicidade? Como diante de uma paisagem escondida na chuva imaginamos o que seria com sol, Thérèse descobria a volúpia. Bernard, aquele rapaz de olhar vago... que homem fácil de enganar! Estava encerrado em seu prazer como os porquinhos bonitinhos que a gente acha divertido olhar através das grades quando roncam de prazer diante de uma gamela: "Eu era a gamela", pensou Thérèse... Onde aprendera êle a classificar tudo o que dizia respeito à carne, a distinguir as carícias de homem decente das do sátiro? Nunca uma hesitação... Pobre Bernard, não era pior do que outros! Mas o desejo transforma o ser que se aproxima de nós em um monstro que com êle não tem semelhança. "Fazia-me de morta como se esse louco, esse epilético houvesse querido estrangular-me ao menor gesto 'meu.'"

Eis um testemunho mais cru. É uma confissão recolhida por Stekel e de que cito um trecho concernente à vida conjugai. Trata-se de uma mulher de 28 anos, educada em um meio requintado e culto.

Eu era uma noiva feliz; enfim, tinha a sensação de estar relegada a um canto e, de repente, me tornava alguém que atraía a atenção. Era mimada, meu noivo admirava-me, tudo era novo para mim...

Os beijos (meu noivo nunca tentara outras carícias) tinham-me inflamado a ponto de não poder esperar o dia do casamento... Na manhã desse dia, sentia-me de tal maneira excitada que minha camisa ficou imediatamente molhada de suor. Era apenas a idéia de que ia conhecer enfim o desconhecido que eu tanto desejava. Imaginava infantilmente que o homem devia urinar na vagina da mulher... No quarto houve logo uma pequena decepção quando meu marido me perguntou se devia afastar-se. Pedi-lhe que o fizesse, pois tinha realmente vergonha diante dele. O momento de despir desempenhara papel importante em minha imaginação. Ele voltou meio embaraçado quando me deitei. Mais tarde confessou-me que meu aspecto o intimidara: eu era a encarnação da juventude radiosa e cheia de esperança. Mal se despiu, apagou a luz. E mal me beijou, tentou imediatamente possuir-me. Eu estava muito amedrontada e pedi-lhe que me deixasse tranqüila. Desejava estar muito longe dele. Horrorizava-me aquela tentativa sem carícias prévias. Achava-o brutal e por isso o censurei muitas vezes mais tarde: não era brutalidade mas uma grande inabilidade e uma falta de sensibilidade. Todas as suas tentativas foram vãs durante a noite. Comecei a sentir-me muito infeliz, tinha vergonha de minha estupidez, acreditava-me culpada e mal feita... Finalmente contentei-me com seus beijos. Dez dias depois, ele conseguiu afinal deflorar-me, o coito durou apenas alguns segundos e, a não ser uma ligeira dor, nada senti. Foi uma grande decepção. Posteriormente senti alguma alegria durante o coito mas o êxito fora assaz penoso, meu marido sofria ainda para alcançar seu objetivo... Em Praga, na *garçonniere* de meu cunhado, imaginava as sensações que ele teria ao saber que eu dormira em sua cama. Foi aí que tive meu primeiro orgasmo e fiquei muito feliz com isso. Meu marido fez amor comigo todos os dias durante as primeiras semanas. Eu atingia o orgasmo mas não me sentia satisfeita porque era rápido demais e eu ficava excitada a ponto de chorar... Depois de dois partos o coito foi-se tornando cada vez menos satisfatório. Provocava raramente o orgasmo, meu marido tinha-o sempre antes de mim; eu observava cada sessão ansiosamente (quanto tempo vai ele continuar?). Se, satisfeito, me largava ao meio, eu o odiava. Por vezes, pensava em meu primo durante o coito, ou no médico que me assistira no parto. Meu marido tentou excitar-me com o dedo... Excitava-me muito mais, mas ao mesmo tempo eu achava que esse meio era vergonhoso e anormal e não conseguia gozar... Durante todo o tempo de nosso casamento nunca ele acariciou um só pedaço de meu corpo... Certo dia, confessou-me que nada ousava fazer comigo... Nunca me viu nua porque conservávamos nossas camisas de dormir e ele só fazia amor à noite.

Essa mulher, que era em verdade muito sensual, foi posteriormente muito feliz nos braços de um amante.

O noivado destina-se precisamente a criar gradações na iniciação da jovem; mas muitas vezes os costumes impõem aos noivos uma exagerada castidade. No caso em que a virgem "conhece" seu futuro marido durante esse período a situação não difere muito da da jovem esposa: ela só cede porque o compromisso já lhe

parece tão definitivo quanto um casamento e o primeiro coito conserva o caráter de uma prova; a partir do momento em que se entrega, ainda que não engravide — o que a amarraria ainda mais — é raro que ouse voltar atrás.

As dificuldades das primeiras experiências são facilmente superadas se o amor ou o desejo arrancam dos parceiros um sentimento total; o amor físico tira sua força e dignidade da aleo-ria que se dão e possuem os amantes na consciência recíproca de sua liberdade. Então nenhuma de suas práticas é infame, porquanto não é suportada por nenhum deles e sim generosamente aceita. Mas o princípio do casamento é obsceno porque transforma em direitos e deveres uma troca que deve basear-se num impulso espontâneo. Ele dá aos corpos, forçando-os a se apreenderem em sua generalidade, um caráter instrumental, portanto degradante. O marido congela-se, muitas vezes, à idéia de que cumpre um dever, a mulher tem vergonha de se sentir entregue a alguém que *exerce* um direito sobre ela. Naturalmente, pode acontecer que no início da vida conjugal as relações se individualizem; o aprendizado sexual faz-se, por vezes, através de lentas gradações; desde a primeira noite pode surgir entre os esposos uma feliz atração física. O casamento facilita o abandono da mulher, suprimindo a noção de pecado tão ligada ainda à carne; uma coabitação regular e freqüente engendra uma intimidade carnal propícia à maturação sexual; há esposas privilegiadas durante os primeiros anos do casamento. É de notar que ficam a tal ponto reconhecidas ao marido que são levadas mais tarde a perdoar-lhe todas as culpas que possa ter. "As mulheres que não podem desprender-se de um lar infeliz foram sempre satisfeitas pelo marido", diz Stekel. Como quer que seja, a jovem corre um risco terrível ao se comprometer a dormir a vida inteira com um homem que ela não conhece sexualmente, quando seu destino erótico depende essencialmente da personalidade de seu parceiro: é o paradoxo que Léon Blum denunciava com razão em sua obra: *Le Mariage*.

Pretender que uma união baseada na conveniência tem muitas possibilidades de engendrar o amor é uma hipocrisia. Exigir de dois esposos ligados por interesses práticos, sociais e morais que durante toda a vida dispensem a volúpia é um absurdo. Entretanto, os partidários do casamento de conveniência não têm dificuldade em mostrar que o casamento por amor não comporta tampouco muitas possibilidades de assegurar a felicidade dos cônjuges. Primeiramente o amor ideal, que é amiúde o que a jovem

conhece, nem sempre a predispõe ao amor sexual; adorações platonicas, devaneios, paixões em que ela projeta obsessões infantis ou juvenis não se destinam a suportar a prova da vida quotidiana nem a se perpetuarem. E mesmo existindo entre a jovem e o noivo uma atração erótica sincera e violenta, não há nisso uma base sólida para edificar uma vida.

A volúpia ocupa no deserto ilimitado do amor um ardente e pequeno lugar, tão abrasado, entretanto; que a princípio não se vê senão êle, escreve Colette em *La Vagabonde*. Em volta desse foco inconsistente é o desconhecido, o perigo. Quando tivermos despertado de um curto amplexo; ou até de uma longa noite, será preciso começar a viver um perto do outro, um para o outro.

Ademais, mesmo no caso em que o amor carnal existe antes do casamento, ou desperta no início das núpcias, é muito raro que dure durante muitos anos. Sem dúvida a fidelidade é necessária ao amor sexual, pelo fato de que o desejo de dois amantes apaixonados envolve sua singularidade; êles recusam que esta seja contestada por experiências estranhas se se querem insubstituíveis um para o outro; mas essa fidelidade só tem sentido na medida em que é espontânea; e espontaneamente a magia do erotismo dissipa-se bastante depressa. o milagre está em que a cada amante êle entrega no instante, em sua presença carnal, um ser cuja existência é uma transcendência indefinida: a *posse* desse ser é sem dúvida impossível, mas pelos menos é êle atingido de maneira privilegiada e pungente. Mas quando os indivíduos não aspiram mais a se atingir porque há entre êles hostilidade, nojo, indiferença, a atração erótica desaparece; e morre de uma maneira quase tão certa na estima e na amizade, pois dois seres humanos que se unem no próprio movimento de sua transcendência, através do mundo e de seus empreendimentos comuns, não precisam mais unir-se carnalmente; e por ter perdido sua significação esta união inspira-lhes repugnância. A palavra *incesto* que Montaigne pronuncia é profunda. O erotismo é um movimento para o *Outro*; nisso reside seu caráter essencial. Mas no seio do casal os cônjuges tornam-se o *Mesmo* um para o outro; nenhuma troca é mais possível entre êles, nenhum dom, nenhuma conquista. Por isso, se continuam amantes, fazem-no o mais das vezes com vergonha: sentem que o ato sexual não é mais uma experiência intersubjetiva, em que cada qual se ultrapassa, e sim uma espécie de masturbação em comum. Que cada um considere o outro um utensílio necessário à satisfação de suas necessidades, é um fato que a delicadeza conjugai dissimula mas que se evidencia fortemente desde

que essa delicadeza seja recusada, como o demonstram as observações do Dr. Lagache em sua obra *Nature et forme de la jalousie*; a mulher encara o membro viril como determinada provisão de prazer que lhe pertence e de que se mostra tão avara como das conservas encerradas em seus armários: se o homem der alguma coisa dessa provisão à vizinha, não lhe sobrarão o necessário; ela examina com desconfiança as cuecas do marido para ver se não desperdiçou o precioso sêmem. Jouhandeau assinala em *Chroniques maritales* essa "censura quotidiana exercida pela mulher legítima que nos espia a camisa e o sono para surpreender neles o sinal da ignomínia". Por seu lado, o homem nela satisfaz seus desejos sem lhe pedir a opinião.

Essa satisfação brutal da necessidade não basta, de resto, para satisfazer a sexualidade humana. Eis por que há, nos amplexos que se encaram como os mais legítimos, um vago sabor de vício. É freqüente que a mulher apele para fantasmas eróticos. Stekel cita o caso de uma mulher de 25 anos que "pode sentir um ligeiro orgasmo com o marido, imaginando que um homem forte e mais idoso a possui sem lhe pedir e de modo que ela não pode defender-se". Imagina que a violentam, que a batem, que o marido não é êle próprio e sim um *outro*. Êle acarinha o mesmo sonho: no corpo da mulher, possui as coxas de tal ou qual dançarina entrevista num *music-hall*, os seios da *pin-up* cuja fotografia contemplou, uma recordação, uma imagem; ou então imagina a mulher desejada, possuída, violentada, o que constitui uma maneira de devolver-lhe a alteridade perdida. "O casamento, diz Stekel, cria transposições grotescas e inversões, atores requintados, comédias representadas entre parceiros que ameaçam destruir toda fronteira entre a aparência e a realidade." No extremo limite, vícios definidos aparecem: o marido faz-se *voyeur*: precisa ver a mulher dormindo com um amante ou saber que o faz, para reencontrar um pouco de sua magia; ou esforça-se sãdicamente para que ela se recuse de maneira a que enfim a consciência e a liberdade dela se afirmem e que assim possua um ser humano de verdade. Inversamente, condutas masoquistas esboçam-se na mulher que procura suscitar, no homem, o senhor, o tirano que ele não é. Conheci uma senhora educada num convento, muito devota, autoritária e dominadora durante o dia e que à noite rogava apaixonadamente ao marido que a flagelasse, do que êle se desobrigava com horror. O próprio vício assume no casamento um aspecto organizado e frio, um aspecto sério que faz dele o mais triste mal menor.

A verdade é que o amor físico não pode ser tratado nem como um fim absoluto nem como um simples meio: não pode justificar uma existência, mas não pode tampouco receber nenhuma justificação estranha. Isso equivale a dizer que deveria desempenhar em toda vida humana um papel episódico e autônomo. Isso equivale a dizer que deveria ser livre.

Por isso mesmo não é o amor que o otimismo burguês promete à jovem esposa: o ideal que lhe acenam é o da felicidade, isto é, o de um tranqüilo equilíbrio no seio da imanência e da repetição. Em certas épocas de prosperidade e de segurança esse ideal foi o de toda burguesia e particularmente o dos proprietários fundiários que não visavam à conquista do futuro e do mundo, mas sim à manutenção tranqüila do passado, o *status quo*. Uma mediocridade dourada, sem ambição nem paixão, dias que não conduzem à parte alguma e que recomeçam indefinidamente, uma vida que desliza docemente para a morte sem procurar razões que a expliquem, eis o que propugna, por exemplo, o autor do *Sonnet du bonheur*. Essa pseudo-sabedoria, molemente inspirada em Epicuro e Zenon, carece hoje de crédito; conservar e repetir o mundo tal qual é, não parece nem desejável nem possível. A vocação do homem é a ação; êle precisa produzir, criar, progredir, ultrapassar-se em direção à totalidade do universo e à infinidade do futuro; mas o casamento tradicional não convida a mulher a transcender com êle; confina-a na imanência. Ela não pode portanto nada se propor, a não ser construir uma vida equilibrada, em que o presente, prolongando o passado, escape às ameaças do dia seguinte, isto é, precisamente, edificar uma felicidade. Na falta de amor, ela terá pelo marido *um sentimento* terno e respeitoso chamado amor conjugal; ela encerrará o mundo entre as paredes do lar que será encarregada de administrar; perpetuará a espécie humana através do futuro. Entretanto, nenhum existente jamais renuncia a sua transcendência ainda que se obstine em renegá-la. O burguês de outrora pensava que, conservando a ordem estabelecida, manifestando-lhe as virtudes pela sua prosperidade, servia Deus, seu país, um regime, uma civilização: ser feliz era cumprir sua função de homem. Para a mulher também é preciso que a vida harmônica do lar seja ultrapassada em direção a dados fins: o homem é que servirá de intermediário entre a individualidade da mulher e o universo, êle é que revestirá de um valor humano a contingente facticidade dela. Haurindo junto da esposa a força de empreender, de agir, de lutar, é êle quem a justifica: que ela lhe entregue nas mãos a existência e êle lhe

dará um sentido. Isso faz supor da parte dela uma humilde renúncia; mas ela é recompensada, porque, guiada, protegida pela força do homem, escapará ao abandono original; tornar-se-á necessária. Rainha em sua colméia, repousando tranqüilamente em si mesma no coração de seu domínio, mas levada pela mediação do homem através do universo e do tempo, a mulher encontra no casamento a força de viver e ao mesmo tempo o sentido de sua vida. Cumpre-nos ver como esse ideal se traduz na realidade.

O ideal da felicidade sempre se materializou na casa, na choupana ou no castelo: encarna a permanência e a separação. É entre seus muros que a família se constitui numa célula isolada e afirma sua identidade para além da passagem das gerações; o passado conservado sob forma de móveis e retratos de antepassados prefigura um futuro sem riscos; no jardim, as estações inscrevem em legumes comestíveis seu ciclo tranqüilizador; cada ano a mesma primavera ornada das mesmas flores promete o retorno do imutável verão, do outono com seus frutos idênticos aos de todos os outonos: nem o tempo nem o espaço escapam para o infinito, ambos executam comportadamente o mesmo giro. Numa civilização que assenta na propriedade fundiária há uma abundante literatura que canta a poesia e as virtudes da casa; no romance de Henry Bordeaux intitulado precisamente *La Maison*, ela resume todos os valores burgueses: fidelidade ao passado, paciência, economia, previdência, amor à família, ao solo natal etc; é freqüente que sejam as mulheres que cantem a casa, porque sua tarefa consiste em assegurar a felicidade do grupo familiar; seu papel, como no tempo em que a *domina* tinha assento no átrio, é ser "dona de casa". Hoje a casa perdeu seu esplendor patriarcal; para a maioria dos homens ela é apenas um *habitat* que a memória das gerações passadas não mais esmaga e que não encarcera mais os séculos futuros. Mas a mulher esforça-se ainda por dar a seu "interior" o sentido e o valor que possuía a verdadeira casa. Em *Cannery Road*, Steinbeck descreve uma vagabunda que se obstina em enfeitar com tapetes e cortinas o velho barraco abandonado em que se aloja com o marido: em vão êle objeta que a ausência de janelas torna as cortinas inúteis.

Essa preocupação é especificamente feminina. Um homem normal considera os objetos que o cercam como instrumentos; arruma-os segundo o fim a que se destinam; sua "ordem" — na qual a mulher verá muitas vezes apenas uma desordem — é ter ao alcance da mão seus cigarros, seus papéis, suas ferra-

mentas. Os artistas, entre outros, a quem é dado recriar o mundo através de uma matéria — escultores e pintores — mostram-se inteiramente indiferentes ao ambiente dentro do qual vivem. Rilke escreve a propósito de Rodin:

A primeira vez que estive em casa de Rodin, compreendi que essa casa não passava para êle de uma pobre necessidade: um abrigo contra o frio, um teto sob o qual dormir. Ela deixava-o indiferente e não pesava em absoluto na sua solidão, no seu recolhimento. Era em si que encontrava um lar: sombra, refúgio e paz. Tornara-se seu próprio céu, sua floresta e seu largo rio que nada mais detém.

Mas para encontrar um lar em si é preciso primeiramente ter-se realizado em obras ou atos. O homem só se interessa mediocrementemente pelo seu interior porque ascende ao do universo e pode afirmar-se em projetos. Ao passo que a mulher está encerrada na comunidade conjugal: trata-se para ela de transformar essa prisão em reino. Sua atitude em relação ao lar é comandada por essa mesma dialética que define geralmente sua condição: ela possui tornando-se uma presa, liberta-se abdicando; renunciando ao mundo ela quer conquistar um mundo.

Não é sem se lamentar que ela fecha atrás de si as portas do lar; moça, tinha toda a terra por pátria, as florestas pertenciam-lhe. Agora, acha-se confinada num estreito espaço; a Natureza reduz-se às dimensões de um vaso de gerânios; muros barram o horizonte. Uma heroína de V. Woolf murmura:

Não distingo mais o inverno do verão pelo aspecto da relva ou das urzes na charneca, mas sim pela umidade ou a geada que se formam nos vidros. Eu que outrora caminhava pelos bosques de faias, admirando o tom azul da pena do gaio ao cair, eu que encontrava em meu caminho o vagabundo e o pastor. . . vou de quarto em quarto de espanador na mão (*As Vagas*).

Mas ela esforçar-se-á por negar essa limitação. Encerra entre suas paredes sob formas mais ou menos dispendiosas a fauna e a flora terrestres, os países exóticos, as épocas passadas; aí encerra o marido que resume para ela a coletividade humana, e o filho que lhe dá, de um modo portátil, todo o futuro. O lar torna-se o centro do mundo e até sua única verdade; como observa muito acertadamente Bachelard, é "uma espécie de contra-universo ou um universo do contra"; refúgio, retiro, gruta, ventre, êle abriga contra todas as ameaças de fora: é essa confusa exterioridade que se torna irreal. A noite principalmente, quando estão fechadas as janelas, a mulher sente-se rainha; a luz

espalhada ao meio-dia pelo sol universal perturba-a; à noite ela não se sente mais despojada, porque abole o que não possui; vê brilhar sob o abajur uma luz que é sua e que ilumina exclusivamente sua casa: nada mais existe. Um texto de V. Woolf mostra-nos a realidade concentrando-se na casa, enquanto o espaço de fora se aniquila.

A noite era mantida afastada pelos vidros e estes, ao invés de darem uma vista exata do mundo exterior, ondulavam-no de um modo estranho, a tal ponto que a ordem, a fixidez, a terra firme pareciam ter-se instalado dentro da casa; fora, ao contrário, só restava um reflexo em que as coisas tornadas fluidas tremiam e desapareciam.

Graças aos veludos, às sedas, às porcelanas de que se cerca, a mulher poderá satisfazer parcialmente essa sensualidade preensiva que ordinariamente sua vida erótica não satisfaz; encontrará também nesse cenário uma expressão de sua personalidade; foi ela quem escolheu, fabricou, "descobriu" móveis e bibelôs, quem os arrumou segundo uma estética em que a preocupação da simetria ocupa em geral lugar importante; devolvem-lhe sua imagem singular, dando socialmente testemunho de seu padrão de vida. O lar é, portanto, para ela o quinhão que lhe cabe na terra, a expressão de seu valor social, de sua mais íntima verdade. Como ela não *faz* nada, ela se procura avidamente no que *tem*.

É pelo trabalho doméstico que a mulher realiza a apropriação de seu "ninho"; eis por que, mesmo quando "se faz ajudar", quer pôr a mão na massa; vigiando, controlando, criticando, ela se esforça por tornar seus os resultados obtidos pelos servidores. Da administração de sua residência, tira sua justificação social; sua tarefa é também atentar para a alimentação, as roupas, e de uma maneira geral para a manutenção da sociedade familiar. Assim se realiza, ela também, como uma atividade. Mas trata-se, vamos vê-lo, de uma atividade que não a arranca de sua imanência, que não lhe permite uma afirmação singular de si própria.

El ogiou-se altamente a poesia das tarefas domésticas. É verdade que colocam a mulher em contato com a matéria e que ela realiza com os objetos uma intimidade que é revelação do ser e que portanto o enriquece. Em *À la Recherche de Mane*, Madeleine Bourdhouxe descreve o prazer que tem sua heroína em passar no forno a pasta de limpeza: ela sente na ponta dos dedos a liberdade e o poder, cuja imagem brilhante a chapa de ferro bem limpa lhe devolve.

Quando sobe da adega, ela gosta do peso daqueles baldes cheios., que em cada andar se tornam mais pesados. Sempre apreciou as matérias simples que têm seu cheiro próprio, sua rugosidade, sua linha. E então sabe como manuseá-las. Marie tem mãos que sem hesitação mergulham nos fornos apagados ou nas águas saponáceas, que desenferujam e engraxam o ferro, passam a encáustica, recolhem num só e grande gesto circular os restos que enchem a mesa. Há um entendimento perfeito, uma camaradagem entre suas palmas e os objetos que toca.

Numerosos escritores falaram com amor da roupa recém-passada, do brilho azulado da água com sabão, dos lençóis brancos, do cobre faiscante. Quando a dona da casa limpa e lustra os móveis, "sonhos de impregnação sustentam a doce paciência da mão que com a cera dá beleza à madeira", diz Bachelard. Terminada a tarefa, a dona da casa conhece a alegria da contemplação. Mas para que as qualidades preciosas se revelem, o polimento de uma mesa, o brilho de um candelabro, a brancura engomada da roupa, é preciso primeiro que tenha sido exercida uma ação negativa; é preciso que todo princípio mau tenha sido expulso. Esse é, diz Bachelard, o devaneio essencial a que se entrega a dona de casa: é o sonho da limpeza ativa, isto é, da limpeza conquistada contra a sujeira. Assim a descreve:

Parece pois que a imaginação da luta pela limpeza tenha necessidade de uma provocação. Essa imaginação deve excitar-se em meio a uma cólera maligna. Com que maldoso sorriso se espalha a pasta de polir sobre a torneira. Enchem-na com as imundícies de um polidor empastado sobre um trapo sujo e gorduroso. Amargura e hostilidade amontoam-se no coração da trabalhadora. Por que tão vulgares tarefas? Mas que chegue o momento do pano seco, e surge a maldade alegre, a maldade vigorosa e falante: torneira, serás espelho; tacho, serás sol. Finalmente, quando o cobre brilha e ri com a grosseria de um rapagão, faz-se a paz. A dona da casa contempla suas vitórias rutilantes (Bachelard, *La Terre et les Rêveries du Repos*).

Ponge evocou a luta, dentro do lixiviador, da imundície contra a pureza (cf. Liasses, *La Lessiveuse*):

Quem não viveu um inverno pelo *menos* na familiaridade de um lixiviador tudo ignora de uma certa ordem de qualidades e emoções assaz comoventes.

É preciso — vacilante — tê-lo erguido num só esforço, com sua carga de tecidos imundos, para levá-lo ao forno onde cumpre arrasá-lo de certo modo, para em seguida assentá-lo bem no centro do fogo.

É preciso ter atizado as brasas até progressivamente comovê-lo; muitas vezes, tê-lo apalpado, morno ou fervendo; ter-lhe ouvido depois o profundo murmurejo interior e, amiúde, então, erguido a tampa para verificar a tensão dos jatos e a regularidade da rega.

É preciso enfim tê-lo abraçado de novo ainda escaldante para recolocá-lo no chão...

O lixiviador é de tal maneira concebido que, cheio de um amontoado de ignóbeis tecidos, a emoção interior, a fervorosa indignação que sente, canalizada para a parte superior de seu ser, recai em chuva sobre a imundície que lhe dá ânsias de vômito — e isso quase perpétuamente — o que leva a uma purificação...

Sem dúvida, essa roupa já fora grosseiramente lavada antes que o lixiviador a recebesse...

Não é menos certo que apesar disso êle experimenta uma sensação de sujeira difusa das coisas no interior de si mesmo, de que consegue afinal livrar-se à força de emoção, de ferveras e de esforços, de que consegue libertar os tecidos, de modo que mergulhados numa catástrofe de água fresca vão parecer de uma brancura extrema.

E eis que com efeito o milagre ocorreu:

Mil bandeiras brancas desfraldam-se subitamente — atestando não uma capitulação mas uma vitória — e talvez não sejam apenas o sinal de limpeza corporal dos habitantes do lugar...

Essas dialéticas podem dar ao trabalho doméstico a atração de um jogo: a menina de bom grado diverte-se com fazer brilhar a prataria, com dar lustro aos trincos. Mas para que a mulher encontre nisso satisfações positivas, é preciso que dedique seus cuidados a um interior de que se envaideça; sem o quê, não conhecerá nunca o prazer da contemplação, único capaz de recompensar-lhe o esforço. Um repórter norte-americano (cf. Algee, *Let us now praise famous men*) que viveu durante vários meses entre os "pobres brancos" do sul dos Estados Unidos, descreveu o patético destino de uma dessas mulheres sobrecarregadas de trabalho e que se obstinam em vão a tornar habitável um pardieiro. Vivia ela com o marido e sete filhos num barracão de madeira, de paredes cobertas de fuligem e percevejos: tentara "tornar a casa bonita"; no cômodo principal, a lareira recoberta de um pano azulado, uma mesa e alguns quadros pendurados à parede evocavam uma espécie de altar. Mas o pardieiro continuava pardieiro e Mrs. G. dizia com lágrimas nos olhos: "Detesto tanto esta casa! Parece-me que nada no mundo é capaz de torná-la bonita". Legiões de mulheres não têm por quinhão senão uma fadiga indefinidamente recomeçada no decorrer de um combate que jamais comporta uma vitória. Mesmo em casos mais privilegiados, essa vitória nunca é definitiva. Há poucas tarefas que se aparentem, mais do que as da dona de casa, ao suplício de Sísifo; dia após dia, é preciso lavar os pratos, espanar os móveis, consertar a roupa, que no dia seguinte já estarão novamente sujos, empoeirados, rasgada. A dona de casa desgasta-se

sem sair do lugar; não faz nada, apenas perpetua o presente; não tem a impressão de conquistar um Bem positivo e sim de lutar indefinidamente contra o Mal. É uma luta que se renova todos os dias. Conhece-se a história do criado que se recusava melancolicamente a engraxar as botas do patrão: "Para quê? dizia, será preciso recomeçar amanhã". Muitas moças ainda mal resignadas partilham esse desânimo. Lembro-me da dissertação de uma aluna de 16 anos, que começava mais ou menos por estas palavras: "É hoje dia de limpeza geral. Ouço o ruído do aspirador que mamãe passeia através do salão. Quisera fugir. Juro a mim mesma que quando fôr grande não haverá nunca, em casa, dia de limpeza geral". A criança encara o futuro como uma ascensão indefinida para não se sabe que pico. Repentinamente, na cozinha onde a mãe lava os pratos, a filha compreende que há anos, todas as tardes, à mesma hora, aquelas mãos mergulharam na água gordurosa, enxugaram a porcelana com o trapo rugoso. E até a morte serão elas submetidas a esses ritos. Comer, dormir, limpar..., os anos não escalam mais o céu, espalham-se idênticos e cinzentos sobre uma toalha horizontal; cada novo dia imita o dia precedente; é um eterno presente inútil e sem esperança. Na novela intitulada *La Poussière*, Collette Audry descreveu sutilmente a triste vaidade de uma atividade que se obstina contra o tempo:

Foi no dia seguinte que, ao passar a vassoura em baixo do sofá, arrastou com ela alguma coisa que a princípio se lhe afigurou um pedaço de algodão ou uma volumosa penugem. Mas era apenas um floco de poeira, como se formam nos armários altos que esquecem de limpar, ou atrás dos móveis, entre a madeira e a parede. Ficou pensativa diante da curiosa substância. Assim, havia oito ou dez semanas que viviam naqueles cômodos e, apesar da vigilância de Juliette, um floco de poeira tivera lazer para formar-se, engordar, agachado na sombra como aqueles bichos cinzentos que lhe infundiam medo quando pequena. Uma cinza fina de poeira proclama a negligência, um começo de abandono, é o impalpável depósito do ar que se respira, das roupas que flutuam, do ar que entra pelas janelas abertas; mas aquele floco já representava um segundo estado da poeira, a poeira triunfante, um espessamento que toma forma, e de depósito passa a resíduo. Era quase bonito, transparente e leve como a polpa das sarças, porém mais descorado.

... A poeira andara mais depressa do que todo o poder aspirante do mundo. Tomara conta do mundo e o aspirador já não passava de um objeto-testemunho, destinado a mostrar tudo o que a espécie humana era capaz de desperdiçar como trabalho, matéria e engenho para lutar contra a irresistível sujeira. Era o resíduo feito instrumento.

... Era a vida em comum a causa de tudo, suas pequenas refeições que deixavam restos, suas duas poeiras que se misturavam por toda

parte... Cada casa secreta suas pequenas imundícies que é preciso destruir para dar lugar a outras... Que vida se leva — e para poder sair com um peitilho limpo que atraí o olhar dos transeuntes, para que um engenheiro, que é o marido, se apresente bem na vida. Fórmulas passavam pela cabeça de Marguerite: cuidar da conservação do assoalho... para a conservação dos objetos de cobre, empregar... estava encarregada da conservação de dois seres quaisquer até o fim de seus dias.

Lavar, passar, varrer, descobrir os flocos de poeira escondidos sob a noite dos armários, é recusar a vida, embora detendo a morte: pois num só movimento o tempo cria e destrói; a dona de casa só lhe apreende o aspecto negativo. Sua atitude é maniqueísta. A característica do maniqueísmo não é somente reconhecer dois princípios, um bom e outro mau: é afirmar que o bem se alcança pela abolição do mal e não através de um movimento positivo; nesse sentido, o cristianismo é muito pouco maniqueísta apesar da existência do diabo, porque é dedicando-se a Deus que melhor se combate o demônio e não se ocupando deste para vencê-lo. Toda doutrina da transcendência e da liberdade subordina a derrota do mal ao progresso para o bem. Mas a mulher não é chamada a edificar um mundo melhor; a casa, o quarto, a roupa suja, o assoalho são coisas imotas: a única coisa que ela pode é expulsar os princípios maus que nelas se introduzem; ela ataca a poeira, as manchas, a lama, a imundície; combate o pecado, luta contra Satã. Mas é um triste destino ter de rechazar continuamente um inimigo, ao invés de se voltar para metas positivas; amiúde, a dona de casa suporta-o com ódio. Bachelard pronuncia a esse respeito a palavra "maldade"; encontramos-a igualmente nos psicanalistas. Para eles, a mania doméstica é uma forma de sado-masiquismo; é próprio das manias e dos vícios comprometer a liberdade a fazer o que não quer; porque detesta ter como quinhão a negatividade, a sujeira, o mal, a dona de casa maníaca obstina-se com fúria contra a poeira, reivindicando uma sorte que a revolta. Através dos resíduos que deixa atrás de si toda expansão viva, ela ataca a própria vida. Desde que um ser vivo entre em seu domínio, acende-se em seu olhar um brilho mau. "Limpe os pés; não desarrume tudo, não bula nisso." Ela gostaria que os que a cercam não respirassem: o menor sopro é ameaça. Qualquer acontecimento implica a ameaça de um trabalho ingrato: um tombo do filho é um rasgão por consertar. Ao ver na vida só promessa de decomposição, exigência de um esforço indefinido, ela perde toda a alegria de viver; fica com olhos duros, um rosto preocupado, sério, sempre de atalaia; defende-se pela prudência e pela avareza.

Fecha as janelas porque, com o sol, entrariam também insetos, germes e poeiras; demais, o sol come as sedas dos cortinados; as poltronas antigas escondem-se sob capas, embalsamadas de naftalina: a luz as desbotaria. Ela não tem sequer prazer em exhibir esses tesouros às visitas: a admiração mancha. Essa desconfiança vira azedume e suscita hostilidade em relação a tudo que vive. Falou-se muito dessas burguesas provincianas que enfiam luvas brancas para verificar se não sobrou nos móveis um invisível pó: foram mulheres dessa espécie que as irmãs Papin executaram há alguns anos; seu ódio da sujeira não se distinguia de seu ódio contra os criados, contra o mundo e contra si próprias.

Há poucas mulheres que escolhem desde a mocidade tão morno vício. As que amam generosamente a vida acham-se defendidas contra isso. Colette diz-nos de Sido:

Porque ela era ágil e agitada, e não dedicada dona de casa; limpa, imaculada, enojada, mas longe do gênio maníaco e solitário que conta os guardanapos, os pedaços de açúcar e as garrafas cheias. De flanela na mão e vigiando a criada que esfregava longamente os vidros, rindo com o vizinho, escapavam-lhe gritos nervosos, impacientes apelos à liberdade: "Quando enxugo com cuidado e durante muito tempo minhas xícaras chinesas, sinto-me envelhecer". Chegava lealmente ao fim de sua tarefa. Transpunha então os dois degraus de nossa porta, entrava no jardim. De imediato, desapareciam sua *excitação melancólica* e seu *rancor*.

É nesse nervosismo, nesse rancor que se comprazem as mulheres frias, ou frustradas, as solteironas, as esposas desiludidas, as que um marido autoritário condena a uma existência solitária e vazia. Conheci, entre outras, uma velha senhora que se levantava todas as manhãs às cinco horas para inspecionar os armários e recomençar a pô-los em ordem; parece que aos vinte anos era alegre e coquete; encerrada numa propriedade isolada, com um marido que a negligenciava e um só filho, pôs-se a "botar em ordem" como outros põe-se a beber. Em Elise, das *Chroniques maritales*, de Jouhandeau, o pendor pelos trabalhos domésticos provém do desejo exasperado de reinar sobre um universo, de uma exuberância viva e de uma vontade de domínio que, sem objeto, gira em falso; é também um desafio lançado ao tempo, ao universo, à vida, aos homens, a tudo o que existe.

Desde nove horas, depois do jantar, ela lava. É meia-noite. Eu cochilara, mas sua coragem, como se insultasse meu repouso dando-lhe um ar de preguiça, ofendia-me.

ELISE: Para fazer limpeza, não ter primeiramente medo de sujar as mãos.

E a casa dentro em breve estará tão limpa que ninguém ousará mais habitá-la. Há leitos de repouso, mas para que se repouse ao lado, no assoalho. As almofadas são limpas demais. A gente tem receio de as sujar ou amarrotar apoiando a cabeça ou os pés e cada vez que piso num tapete uma mão me acompanha, armada de uma máquina qualquer ou de um pano que apaga as minhas pegadas.

A noite:

— Pronto. Acabou.

De que se trata para ela, desde que se levanta até se deitar? De deslocar cada objeto e cada móvel e de tocar em todas as suas dimensões o assoalho, as paredes, os tetos da casa.

Por enquanto é a dona de casa que nela triunfa. Quando acaba de espanar os armários por dentro, espana os gerânios das janelas.

SUA MÃE: Elise está sempre tão ocupada que não percebe que existe.

A casa permite enfim à mulher uma fuga indefinida para longe de si mesma. Chardonne diz com justeza:

É uma tarefa meticulosa e desordenada, sem freio nem limite. Na casa, uma mulher certa de agradar atinge rapidamente um ponto de desgaste, um estado de distração e de vazio mental que a suprime...

Essa fuga, esse sado-masiquismo em que a mulher se obstina ao mesmo tempo contra os objetos e contra si, tem muitas vezes um caráter precisamente sexual. "A casa que exige a ginástica do corpo, é o bordel acessível à mulher", diz Violette Leduc (*L'ajfamee*). É impressionante verificar que o gosto da limpeza assume uma importância suprema na Holanda, onde as mulheres são frias e nas civilizações puritanas que opõem às alegrias da carne um ideal de ordem e de pureza. Se o Sul Mediterrâneo vive numa sujeira alegre, não é somente por haver aí falta de água, o amor da carne e de sua animalidade leva a tolerar o odor humano, a sujidade e até os piolhos.

O preparo das refeições é um trabalho mais positivo e muitas vezes mais alegre que o da limpeza. Implica primeiramente o momento das compras no mercado que é para muitas donas de casa o momento privilegiado do dia. A solidão do lar pesa na mulher na medida em que as tarefas rotineiras não lhe absorvem o espírito. Ela é feliz quando, nas cidades do Sul, pode coser, lavar, limpar os legumes, sentada à soleira da porta, conversando; ir buscar água no riacho é, para as muçulmanas semi-enclausuradas, uma grande aventura: vi uma pequena aldeia da Cabília onde as mulheres destruíram a fonte que um administrador construía na praça; descer todas as manhãs até o córrego que corria ao pé da colina era sua única distração. Ao mesmo tempo que tra-

tam de suas compras, as mulheres trocam, nas filas, nos armazéns, nas esquinas, considerações em que afirmam "valores domésticos", de que cada uma tira o sentido de sua importância; sentem-se membros de uma comunidade que — no momento — se opõe à sociedade dos homens como o essencial ao inessencial. Mas, principalmente, a compra constitui um profundo prazer: é uma descoberta, quase uma invenção. Gide observa em seu *Journal* que os muçulmanos que não conhecem o jogo a êle substituíram a descoberta dos tesouros escondidos; é a poesia e a ventura das civilizações mercantis. A dona de casa ignora a gratuidade do jogo: mas um repolho bem formado, um *camembert* bem no ponto são tesouros que o comerciante dissimula maliciosamente e que é preciso arrancar-lhe; entre vendedor e compradora estabelecem-se relações de luta e de esperteza: o que esta se propõe é obter a melhor mercadoria pelo preço mais baixo; a extrema importância dada à mais insignificante economia não se poderia explicar unicamente pela preocupação de equilibrar um orçamento difícil: cumpre ganhar o embate. Enquanto inspeciona com suspeita os mostruários, a dona de casa é rainha; tem o mundo a seus pés, com suas riquezas e suas armadilhas, para que dele tire sua parte. Experimenta uma sensação de furtivo triunfo quando esvazia sobre a mesa a sacola de provisões. No armário, arruma as conservas, os gêneros não perecíveis que a garantem contra o futuro; e contempla com satisfação a nudez dos legumes e das carnes que vai submeter a seu poder.

O gás e a eletricidade acabaram com a magia do fogo; mas nas zonas rurais muitas mulheres conhecem ainda a alegria de tirar chamas vivas da lenha inerte. Aceso o fogo, eis a mulher transformada em feiticeira. Com um simples movimento da mão — quando bate os ovos ou manuseia a massa — ou pela magia do fogo, ela opera a transmutação das substâncias; a matéria torna-se alimento. Colette, ainda, descreve o encanto dessas alquimias.

Tudo é mistério, magia, sortilégio, tudo o que acontece entre o momento de pôr no fogo a panela, o caldeirão e seu conteúdo e o momento cheio de doce ansiedade, de voluptuosa esperança em que se destampa à mesa o prato fumegante. . .

Ela pinta com complacência as metamorfoses que se operam no segredo das cinzas quentes.

A cinza da lenha coze saborosamente o que lhe confia. A maçã, a pêra, alojadas em um ninho de cinzas quentes, dele saem enrugadas, moqueadas, mas moles sob a casca como um ventre de toupeira e por

mais "boazinha" que se mostre a maçã no forno da cozinha, fica longe dessa geléia encerrada em seu invólucro original, congestionada de sabor que só exsudou — em se sabendo como tratá-la — uma única lágrima de mel. . . Um tacho de três pés e alto de pernas, continha uma cinza peneirada que nunca via o fogo. Mas, recheado de batatas, que embora vizinhas não se tocavam, colocado sobre suas patas negras bem em cima da brasa, o tacho botava tubérculos brancos como neve, escaldantes, escamosos.

As mulheres escritoras celebraram particularmente a poesia das geléias: é um vasto empreendimento casar nos tachos de cobre o açúcar sólido e puro à mole polpa dos frutos; escumante, viscosa, ardente, a substância que se elabora é perigosa: é uma lava em ebulição que a dona de casa doma e escorre orgulhosamente nos potes. Quando os reveste de papel pergaminho e neles inscreve a data de sua vitória, ela triunfa sobre o próprio tempo: pegou a duração na armadilha do açúcar, pôs a vida em bocais. A cozinha faz mais do que penetrar e revelar a intimidade das substâncias. Modela-as de novo, recria-as. No manuseio da massa ela experimenta seu poder. "A mão, tanto quanto o olhar, tem seus devaneios e sua poesia", diz Bachelard (*La Terre et les Rêveries de la Volanté*). E êle fala "dessa flexibilidade macia da plenitude, dessa agilidade macia que enche a mão. que se reflete sem cessar da matéria na mão e da mão na matéria". A mão da cozinheira que amassa é uma "mão feliz" e o cozimento dá ainda à massa um valor novo. "O cozimento é assim um devir material, um devir que vai da palidez à douração, da pasta à crosta": a mulher pode encontrar uma satisfação particular no êxito do bolo, da massa folheada, porque esse êxito não é dado a todos: é preciso ter o dom. "Nada há mais complicado do que as artes da massa, escreve Michelet. Nada que se regule menos, que se aprenda menos. É preciso ter nascido para isso. Tudo é dom da mãe."

Nesse terreno também, compreende-se que a menina se divirta apaixonadamente com imitar os mais velhos: com barro e marinho, ela brinca de fabricar sucedâneos; é mais feliz ainda quando tem por brinquedo um forno de verdade ou quando sua mãe a aceita na cozinha e lhe permite manusear a massa do bolo ou cortar o caramelo escaldante. Mas verifica-se nisso o que se verifica nos cuidados da casa: a repetição logo esgota o prazer. Entre os índios que se alimentam essencialmente de tortas, as mulheres passam metade dos dias a amassar, cozer, esquentar, amassar novamente as tortas idênticas em todas as casas, idênticas através dos séculos: quase não são sensíveis à magia do forno.

Não é possível transformar todos os dias a feira em uma caça ao tesouro nem se extasiar ante o brilho da torneira. São principalmente os homens e as mulheres que escrevem que exaltam liricamente esses triunfos, porque não cuidam da casa ou o fazem raramente. Quotidiano, esse trabalho torna-se monótono e maquinal; é crivado de esperas: é preciso esperar que a água ferva, que o assado esteja no ponto, a roupa seca; mesmo em se organizando as diferentes tarefas, sobram momentos longos de passividade e de vazio; elas realizam-se na maior parte do momento em meio ao tédio; não passam de um intermediário inessencial entre a vida do presente e a vida do amanhã. Se o indivíduo que as executa é ele próprio produtor, criador, integram-se em sua existência tão naturalmente como as funções orgânicas; eis por que as corvéias quotidianas são muito menos tristes quando executadas por homens; só representam para eles um momento negativo e contingente de que se apressam a se evadir. Mas o que torna ingrata a sorte da mulher-serva é a divisão do trabalho que a destina totalmente ao geral e ao inessencial; o *habital*, o alimento são úteis à vida mas não lhe dão um sentido: as metas imediatas da dona de casa não passam de meios, não são fins verdadeiros e neles só se refletem projetos anônimos. Compreende-se que, para ter a coragem de enfrentar o trabalho, ela tente nele empenhar sua singularidade e revestir os resultados de um valor absoluto; tem ela seus ritos, suas superstições, faz questão de sua maneira de arranjar os talheres, de arrumar a sala, de cerzir, de cozinhar um prato; persuade-se de que em seu lugar ninguém poderia fazer tão bem um assado ou uma limpeza; se o marido ou a filha querem ajudá-la, ela arranca-lhes da mão a agulha, a vassoura. "Não és capaz de pregar um botão." Dorothy Parker (Cf. *Too bad!*) descreveu com uma ironia apiedada o embaraço de uma jovem mulher convencida de que deve dar uma nota pessoal ao arranjo de seu lar, mas não sabe como o fazer.

Mrs. Ernest Welton errava pelo estúdio bem arranjado, dando-lhe alguns desses pequenos toques femininos. Não era especialmente hábil na arte de dar esses toques. A idéia era bonita e excitante. Antes de casar-se imaginara que passearia docemente através de sua nova residência, deslocando uma rosa, endireitando uma flor e transformando assim sua casa num *home*. Mesmo agora, depois de sete anos de casamento, gostava de se imaginar entregando-se a essa graciosa ocupação. Mas embora a tentasse conscienciosamente todas as noites, logo que se acendiam as lâmpadas dos abajures côr-de-rosa, ela indagava de si mesma com algum desamparo como fazer para realizar esses pequenos milagres que transfiguram integralmente um interior . . . Dar um toque

feminino era o papel da esposa. E Mrs. Welton não era mulher de fugir às suas responsabilidades. Com um ar de incerteza quase lamentável, tateou em cima da lareira, ergueu um vasilho japonês e ficou em pé, com o vaso na mão, inspecionando o quarto com um olhar desesperado... Depois recuou e ponderou suas inovações. Era incrível quão poucas modificações operara no cômodo.

Nessa busca da originalidade ou de uma perfeição particular, a mulher desperdiça muito tempo e esforços; é o que dá a seu trabalho o caráter de uma "tarefa meticulosa e desordenada, sem freio nem limite" que Chardonne assinala e que torna tão difícil apreciar o que representam realmente as preocupações domésticas. De acordo com um inquérito recente (publicado pelo jornal *Combat* em 1947 com a assinatura de C. Hébert), as mulheres casadas consagram cerca de três horas e quarenta e cinco minutos ao trabalho doméstico (casa, abastecimento etc), nos dias úteis, e oito horas nos dias de descanso, ou seja trinta horas por semana, o que corresponde a 3/4 de tempo de trabalho hebdomadário de uma operária ou uma empregada; é enorme se a tarefa se acrescenta a um ofício; é pouco se a mulher não tem outra coisa a fazer (tanto mais quanto operária e empregada perdem tempo em deslocamentos que não encontram equivalência aqui). O cuidado dos filhos, se numerosos, aumenta consideravelmente as fadigas da mulher: uma mãe de família pobre gasta suas forças ao longo de dias desordenados. Ao contrário, as burguesas que se fazem ajudar são quase ociosas; e o preço desses lazes é o tédio. Como se aborrecem, muitas complicam e multiplicam indefinidamente seus deveres de maneira que os tornam mais exaustivos do que um trabalho qualificado. Uma amiga, que passara por crises de depressão nervosa, dizia-me que, quando estava bem de saúde, cuidava da casa quase sem pensar nisso e sobrava-lhe tempo para ocupações muito mais restritivas; quando uma neurastenia a impedia de se dedicar a esses outros trabalhos, ela deixava-se avassalar pelas preocupações domésticas e tinha dificuldade então em dar conta delas, embora consagrando-lhes dias inteiros.

O mais triste é que esse trabalho não conduz sequer a uma criação duradoura. A mulher é tentada — tanto mais quanto mais cuidado nela pôs — a considerar sua obra como um fim em si. Contemplando o bolo que tira do forno, ela suspira: é realmente uma pena comê-lo! É realmente uma pena que o marido e os filhos arrastem os pés enlameados pelo assoalho encerado. Logo que as coisas servem sujam-se ou se destroem: ela é tentada,

já o vimos, a subtraí-las a qualquer uso; uma guarda suas geléias até que o mofo as invada; outra fecha o salão a chave. Mas não se pode parar o tempo; as provisões atraem os ratos, os vermes acorrem. As cobertas, as cortinas, as roupas são comidas pelas traças: o mundo não é um sonho de pedra, mas sim feito de uma substância equívoca que a decomposição ameaça. O tecido comestível é tão equívoco quanto os relógios de carne de Dali: parecia inerte, inorgânico, mas as larvas escondidas metamorfosearam-no em cadáver. A dona de casa, que se aliena em coisas depende, como as coisas, do mundo inteiro: a roupa enferruja, o assado queima, a porcelana quebra; são desastres absolutos, porque as coisas, quando se perdem, se perdem irremediavelmente. É impossível obter permanência e segurança através delas. As guerras ameaçam com bombas e saques os armários, a casa.

É preciso, portanto, que o produto do trabalho doméstico se consuma; uma renúncia constante é exigida da mulher, cujas operações só terminam com a destruição. Para que ela consinta nisso sem lamentá-lo, é preciso, pelo menos, que esses pequenos holocaustos acendam uma alegria, um prazer algures. Mas como o trabalho doméstico se esgota na manutenção de um *status quo*, o marido ao voltar para casa observa a desordem e a negligência, mas parece-lhe que a ordem e a limpeza são naturais. Ele dedica um interesse mais positivo à refeição bem preparada. O momento em que triunfa a cozinheira, é o momento em que põe sobre a mesa um prato bem feito: marido e filhos acolhem-no com entusiasmo, não somente com palavras mas ainda consumindo-o alegremente. A alquimia culinária prossegue, o alimento torna-se quilo e sangue. A manutenção de um corpo tem um interesse mais concreto, mais vital que o de um assoalho; o esforço da cozinheira é de uma maneira evidente ultrapassado para o futuro. Entretanto, se repousar numa liberdade estranha é menos vão do que alienar-se nas coisas, não é menos perigoso. É somente na boca dos convivas que o trabalho da cozinheira encontra sua verdade; ela precisa dos seus sufrágios; ela exige que eles apreciem seus pratos, que os repitam; ela irrita-se se eles não têm mais fome: a tal ponto que não se sabe mais se as batatas fritas se destinam ao marido ou o marido às batatas fritas. Esse equívoco se encontra no conjunto das atitudes da mulher doméstica: ela cuida da casa para o marido, por isso mesmo exige que ele destine todo o dinheiro que ganha à compra de móveis ou de uma geladeira. Ela quer torná-lo feliz, mas só aprova as

atividades dele que cabem no quadro da felicidade que ela construiu.

Houve épocas em que tais pretensões eram geralmente satisfeitas: nos tempos em que a felicidade era também o ideal do homem, em que ele estava antes de tudo apegado a sua casa, a sua família, e em que os próprios filhos queriam definir-se pelos pais, as tradições, o passado. Então, aquela que reinava no lar, que presidia à mesa, era reconhecida como soberana; ela desempenha ainda esse glorioso papel entre certos proprietários fundiários, certos ricos camponeses que perpetuam esporadicamente a civilização patriarcal. Mas, no conjunto, o casamento é hoje a sobrevivência de costumes defuntos e a situação da esposa é muito mais ingrata do que outrora, porque ela tem ainda os mesmos deveres mas não os mesmos direitos; tem as mesmas tarefas sem tirar delas recompensa nem honra. O homem, hoje, casa para ancorar na imanência, mas não para nela se encerrar; quer um lar mas conservando a liberdade de se evadir dele; fixa-se, mas o mais das vezes continua vagabundo no fundo do coração; não despreza a felicidade mas não faz dela um fim em si; a repetição aborrece-o; procura a novidade, o risco, resistências que lhe caiba vencer, camaradagens, amizades que o arranquem da solidão a dois. Os filhos, mais ainda do que o marido, almejam ultrapassar os limites do lar: sua vida situa-se alhures, à sua frente; a criança deseja sempre o que é outro. A mulher tenta constituir um universo de permanência e continuidade: marido e filhos querem ultrapassar a situação que ela cria e que não passa para eles de um dado. Eis por que lhe repugna admitir a precariedade das atividades a que toda sua vida obriga, é ela levada a impor seus serviços pela força: de mãe e dona de casa ela faz-se madrasta e megera.

Assim, o trabalho que a mulher executa no interior do lar não lhe confere autonomia; não é diretamente útil à coletividade, não desemboca no futuro, não produz nada. Só adquire seu sentido e sua dignidade se é integrada a existências que se ultrapassam para a sociedade, na produção ou na ação: isto significa que, longe de libertar a matrona, ele a coloca na, dependência do marido e dos filhos; é através deles que ela se justifica: em suas vidas ela é apenas uma mediação inessencial. O fato de ter o código suprimido a "obediência" dentre seus deveres, não modifica em nada a situação; esta não assenta na vontade dos cônjuges e sim na própria estrutura da comunidade conjugal. Não é permitido à mulher *fazer* uma obra positiva e, por conse-

guinte fazer-se reconhecer como pessoa acabada. Por respeitada que seja, é subordinada, secundária, parasita. A grave maldição que pesa sobre ela está em que o sentido mesmo de sua existência não se encontra em suas mãos. Eis por que os êxitos e os malogros de sua vida conjugai têm muito mais gravidade para ela do que para o homem: este é um cidadão, um produtor, antes de ser um marido; ela é antes de tudo — e muitas vezes exclusivamente — uma esposa, seu trabalho não a arranca de sua posição; é desta, ao contrário, que êle tira ou não seu valor. Amorosa, generosamente devotada, ela executará suas tarefas com alegria; elas lhe parecerão insípidas corvéias se as executa com rancor. Não terão nunca em seu destino senão um papel insencional; não serão nenhum socorro nos avatares da vida conjugai. Cumpre-nos ver, portanto, como se vive concretamente essa condição essencialmente definida pelo "serviço" da cama e o "serviço" da casa e na qual a mulher só encontra sua dignidade aceitando sua vassalidade.

Uma crise fêz a moça passar da infância à adolescência; é uma crise mais aguda que a precipita na vida de adulta. Às perturbações que provoca facilmente na mulher uma iniciação sexual um tanto brusca, superpõem-se as angústias inerentes a toda "passagem" de uma condição para outra.

Ser lançada como que mediante uma horrível faísca elétrica na realidade e no conhecimento, pelo casamento surpreender o amor e a vergonha em contradição, dever sentir em um só objeto o êxtase, o sacrifício, o dever, a piedade e o pavor, por causa da vizinhança inesperada de Deus e da besta... criou-se com isso um emaranhamento da alma que buscaria em vão outro semelhante, escreve Nietzsche.

A agitação da tradicional "viagem de núpcias" era destinada em parte a mascarar esse desatino: jogada durante semanas fora do mundo quotidiano, todas as amarras com a sociedade provisoriamente rompidas, a jovem não se situava mais no espaço, no tempo, na realidade ¹. Mas era-lhe preciso mais cedo ou mais tarde restabelecer-se; e não é nunca sem inquietação que ela se encontra em seu novo lar. Suas ligações com o lar paterno são muita mais estreitas do que as do rapaz. Arrancar-se da família, é uma desmama definitiva: é então que ela conhece toda a angús-

(¹) A literatura do fim do século situa de bom grado o defloração no carro dormitório, o que é uma maneira de situá-lo em "parte alguma".

tia do abandono e a vertigem da liberdade. A ruptura é, segundo os casos, mais ou menos dolorosa; se já rompeu os laços que a ligavam ao pai, aos irmãos e às irmãs, e principalmente à mãe, deixa-os sem drama; se dominada ainda por eles, pode praticamente continuai sob a proteção deles e a mudança de situação será menos sensível. Mas, habitualmente, mesmo desejando evadir-se da casa paterna, sente-se desnorteada quando se separa da *pequena* sociedade em que está integrada, cortada de seu passado, de seu universo infantil de princípios seguros, de valores garantidos. Só uma vida erótica ardente e plena poderia fazê-la novamente banhar-se *na paz* da imanência; mas de costume ela é primeiramente mais transtornada do que satisfeita; por mais certo que dê, a iniciação sexual não faz senão aumentar sua inquietação. Encontram-se nela, no dia seguinte ao das núpcias, muitas das reações que opôs a sua primeira menstruação: sente muitas vezes nojo ante essa suprema revelação de sua feminilidade, e horror à idéia de que a experiência se renovará. Ela conhece também a amarga decepção dos depois; uma vez regrada, a menina percebia com tristeza que não era uma adulta; deflorada, eis a jovem mulher adulta, foi vencida a última etapa: e agora? Essa decepção inquieta acha-se, aliás, tão ligada ao casamento propriamente dito quanto ao defloramento: uma mulher que já tenha "conhecido" o noivo, ou que tenha "conhecido" outros homens, mas para quem o casamento represente o pleno acesso à vida de adulta, terá amiúde a mesma reação. Viver o início de um empreendimento é exaltante; mas nada é mais deprimente do que descobrir um destino sobre o qual não se tem mais nenhum domínio. É desse fundo definitivo, imutável, que a liberdade emerge com a mais intolerável gratuidade. Antes, a jovem abrigada pela autoridade dos pais, usava de sua liberdade na revolta e na esperança; empregava-a em recusar e em ultrapassar uma condição em que encontrava ao mesmo tempo segurança; era para o casamento que se transcendia do seio do calor familiar; agora ela *é* casada, não há mais diante dela *outro* futuro. As portas do lar fecharam-se atrás dela: será esse seu quinhão na terra. Ela sabe exatamente que tarefas a aguardam: as mesmas que sua mãe executava. Dia após dia, os mesmos ritos se repetirão. Jovem, tinha as mãos vazias: na esperança, no sonho, tudo possuía. Agora, ela adquiriu uma parcela do mundo e pensa com angústia: é apenas isto, para sempre. Para sempre este marido, esta casa. Nada mais tem a esperar, nada mais de importante a querer. Entretanto, tem medo de suas novas responsabi-

lidades. Mesmo que o marido seja mais velho e tenha autoridade, o fato de com êle ter relações sexuais tira-lhe o prestígio; não poderia substituir um pai, menos ainda uma mãe, nem livrá-la de sua liberdade. Na solidão do novo lar, ligada a um homem que lhe é mais ou menos estranho, já não mais criança e sim esposa e destinada a ser mãe por sua vez, ela se sente transida: definitivamente destacada do seio materno, perdida no meio de um mundo em que nenhuma meta a chama, abandonada em um presente glacial, ela descobre o tédio e a sensaboria da pura facticidade. É esse desalento que se exprime de uma maneira impressionante no diário da jovem Condêssa Tolstoi; tinha dado a mão com entusiasmo ao grande escritor que admirava; depois dos amplexos fogosos que sofreu no balcão de madeira de Iasnaiava Poliana, ela se reencontra enojada do amor carnal, longe dos seus, cortada de seu passado, ao lado de um homem de quem fora noiva durante oito dias, que tem 17 anos mais do que ela, um passado e interesses que lhe são totalmente estranhos; tudo lhe parece vazio, gélido; sua vida não é mais senão um sono. É preciso citar a narrativa que ela faz no início do casamento e as páginas de seu diário durante os primeiros anos.

A 23 de setembro de 1862, Sofia casa-se e à noite deixa a família.

Um sentimento penoso, doloroso contraía-me a garganta e me magoava. Senti então que chegara o 'momento de deixar para sempre minha família e todos os que eu amava profundamente e com quem sempre vivera... Os adeuses começaram e foram terríveis... Eis os últimos minutos. Intencionalmente reservara para o fim a despedida de minha mãe... Quando me desprendi de seu abraço e, sem me voltar, fui instalar-me no carro, ela deu um grito lancinante que nunca mais na vida pude esquecer. A chuva de outono não parava de cair... Encolhida em meu canto, acabrunhada de cansaço e de dor, entreguei-me às lágrimas. Leon Nicolaievitch parecia muito espantado, descontente mesmo... Quando saímos da cidade, experimentei nas trevas um sentimento de pavor... A escuridão oprimia-me. Não nos dissemos quase nada até a primeira estação, Biriulev, se não me enganar. Lembro-me de que Leon Nicolaievitch se mostrava muito terno e muito atencioso comigo. Em Biriulev, deram-nos quartos ditos de Tzar, grandes quartos com móveis forrados de crepe vermelho que nada tinham de acolhedor. Trouxeram-nos o samovar. Encolhida num canto do sofá, mantinha-me silenciosa como uma condenada. "Então!, disse-me Leon Nicolaievitch, se fizesses as honras da casa?" Obedeci e servi o chá. Sentia-me confusa e não podia livrar-me de certo temor. Não ousava dizer tu a Leon Nicolaievitch e evitava chamá-lo pelo nome. Durante muito tempo ainda continuei a dizer-lhe vós.

Vinte e quatro horas depois, chegam a Iasnaiava Poliana. A oito de outubro, Sofia retorna a seu diário. Sente-se angustiada. Sofre com o fato de o marido ter um passado.

Desde que me lembro, sempre sonhei com um ser completo, novo, *puro*, que amaria... é-me difícil renunciar a esses sonhos de criança. Quando êle me beija, penso que não sou a primeira que beija assim.

No dia seguinte ela anota:

Não me sinto à vontade. Tive sonhos maus esta noite e, embora não pense nisso constantemente, tenho a alma pesada. Foi mamãe que me apareceu em sonho e isso me causou grande mágoa. É como se dormisse sem poder despertar... Algo me pesa. Parece-me constantemente que vou morrer. É estranho, agora que tenho um marido. Ouço-o dormir e tenho medo sozinha. Êle não me deixa penetrar em seu íntimo e isso me aflige. Todas essas relações carnavais são repugnantes.

11 de outubro: Terrível! Horivelmente triste! Encolho-me cada vez mais em mim mesma. Meu marido está doente, de mau humor e não me ama. Contava com isso, mas não pensava que fosse tão horroroso. Quem se preocupa com minha felicidade? Ninguém duvida de que essa felicidade eu não a sei criar, nem para êle nem para mim. Nas minhas horas de tristeza acontece-me perguntar: para que viver quando as coisas vão tão mal para mim como para os outros! É estranho, mas esta idéia me obsidia. Êle vai-se tornando dia a dia mais frio ao passo que eu, ao contrário, amo-o cada vez mais... Evoco a lembrança dos meus. Como a vida era fácil então! Ao passo que agora, meu Deus, tenho a alma ferida! Ninguém me ama... Querida mamãe, querida Tânia, como eram gentis!

Por que as deixei? É triste, é horrível! Entretanto Liovotchka é excelente... Outrora eu punha ardor em viver, trabalhar, atender aos cuidados da casa. Agora, acabou: poderia permanecer silenciosa dias inteiros, de braços cruzados a remover meus anos passados. Gostaria de trabalhar, mas não posso... Tocar piano ter-me-ia agrado, mas aqui é muito incômodo... Liovotchka propusera-me ficar em casa hoje enquanto êle ia a Nikolskoie. Eu deveria ter consentido para libertá-lo de mim, mas não tive forças para tanto... Pobre! Procura distrações por toda parte e pretextos para me evitar. Por que estou no mundo?

13 de novembro de 1863: Confesso que não sei com que me ocupar. Liovotchka é feliz porque tem inteligência e talento, enquanto eu não tenho nem uma coisa nem outra. Não é difícil encontrar alguma coisa para fazer, trabalho não falta. Mas é preciso interessar-me por essas pequenas tarefas, acostumar-me a apreciá-las: cuidar do galinheiro, arranhar o piano, ler muitas tolices e poucas coisas interessantes, salgar os pepinos... Tornei-me tão profundamente abúlica, que nem nossa viagem a Moscou nem a perspectiva de um filho me causam a menor emoção, a mais insignificante alegria, nada. Quem me indicará o meio de despertar, de me reanimar? Esta solidão acabrunha-me. Não estou habituada a isto. Em casa havia tanta

animação e aqui na sua ausência tudo é insípido. A solidão é-lhe familiar. Êle não aufere como eu prazer de seus amigos íntimos mas sim de suas atividades. . . Cresceu sem família.

23 de novembro: Sou sem dúvida inativa, mas não por natureza. Não sei simplesmente que trabalho empreender. Por vezes sinto uma vontade louca de escapar de sua influência. . . por que sua influência me pesa? Contenho-me, mas não me tornarei êle. Com isso só perderia minha personalidade. Já não sou mais a mesma, o que me torna a vida mais difícil ainda.

1.º de abril: Tenho o grande defeito de não encontrar recursos em mim mesma. . . Liova está muito absorvido por seu trabalho e pela administração da propriedade, ao passo que eu não tenho nenhuma preocupação. Não tenho jeito para nada. Gostaria de ter mais trabalho, um trabalho de verdade porém. Outrora, nesses belos dias de primavera, sentia a necessidade, a vontade de alguma coisa. Deus sabe de meus sonhos! Hoje não tenho necessidade de nada, não sinto mais essa vaga e estúpida aspiração a não sei quê, pois tendo tudo encontrado, nada tenho que procurar. Todavia, aborreço-me.

20 de abril: Liova afasta-se cada vez mais de mim. O lado físico do amor desempenha um papel muito importante para êle, ao passo que para mim não desempenha nenhum.

Vê-se que essa jovem mulher sofre, no decorrer desses primeiros seis meses, de estar separada dos seus, de sua solidão, do aspecto definitivo que assumiu seu destino; detesta as relações físicas com o marido e se aborrece. É também esse tédio que sente, até às lágrimas, a mãe de Colette (*La Maison de Claudine*) após o primeiro casamento imposto pelos irmãos:

Ela deixou pois a tépida casa belga, a cozinha de porão que cheirava a gás, o pão quente e o café, deixou o piano, o violino, o grande Salvador Rosa, herança do pai, o pote de fumo, os finos e compridos cachimbos de barro... os livros abertos e os jornais amarratados para entrar, recém-casada, na casa de escadaria que cercava o duro inverno das regiões de florestas. Aí encontrou um inesperado salão branco e dourado, no térreo, mas um primeiro andar apenas rebocado, abandonado como um sótão. . . os quartos de dormir gelados não falavam nem de amor nem de doce sono. . . Sido, que almejava amigos, uma sociabilidade inocente e alegre, só encontrou em sua própria casa criados e meeiros cautelosos. . . Encheu a casa de flores, mandou cair a cozinha sombria, cuidou ela própria dos pratos flamengos, preparou bolos de uvas e ficou à espera do primeiro filho. Le Sauvage sorria-lhe entre dois passeios e partia novamente. . . Cansada de receitas apertosas, de paciência e da encáustica, Sido, exaurida de solidão, chorou. . .

Marcel Prévost descreve em *Lettres à Françoise mariée* o desatino da jovem de volta de sua viagem de núpcias.

Ela pensa no apartamento materno com seus móveis Napoleão III e Mac-Mahon, suas pelúcias nos espelhos, seus armários de pereira escura, tudo o que julgava tão fora de moda, tão ridículo... Tudo isso é evocado durante um instante ante sua memória como um asilo real, um verdadeiro *ninho*, o ninho em que foi acalentada por uma ternura desinteressada, ao abrigo de toda intempérie e de todo perigo. O apartamento de agora, com seu cheiro de tapete novo, suas janelas desguarnecidas, a sarabanda das cadeiras, todo seu ar de improvisação, de ameaça de viagem, não, não é um ninho. É apenas o lugar do ninho que cumpre construir... Sentir-se-á súbita e horivelmente triste, triste como se a tivessem abandonado num deserto.

A partir desse desatino, surgem amiúde na jovem esposa longas melancolias e diversas psicoses. Ela sente, em particular, sob a forma de diferentes obsessões psicastênicas e vertigem de sua liberdade vazia; assim é que, por exemplo, cria e alimenta esses fantasmas de prostituição que já encontramos na jovem. Pierre Janet (*Les Obsessions et la Psychasthénie*) cita o caso de uma recém-casada que não podia suportar a solidão em seu apartamento porque se sentia tentada a ir para a janela e grelar os passantes. Outras permanecem abúlicas em face de um universo que "não tem cara de verdadeiro", que se povoa tão-sómente de fantasmas e de cenários de papelão. Algumas há que se esforçam por negar sua condição de adulto, que se obstinam a negá-la durante a vida inteira. Assim a paciente que Janet designa pelas iniciais Qi.

Qi, mulher de 36 anos, achava-se obsidiada pela idéia de que é uma menina de 10 a 12 anos; principalmente quando fica só, põe-se a pular, a rir, a dançar, desfaz os cabelos, solta-os sobre os ombros, corta-os, pelo menos parcialmente. Gostaria de poder entregar-se completamente a esse sonho de ser criança: "É tão lamentável não poder brincar de esconde-esconde diante de todos, pregar peças... Desejaria que me achessem gentil, tenho medo de ser feia como um piolho, gostaria que me quisessem bem, conversassem comigo, me acarinhassem, me dissessem sempre que gostam de mim como gostam das crianças... Gosta-se de uma criança por causa de suas travessuras, de seu coraçãozinho bom, de suas gentilezas, e que lhe pedem em troca? Que gostem também, nada mais. É isso que é bom, mas não posso dizer-lo a meu marido. Bem, gostaria de ser uma 'menina, de ter um pai ou uma mãe que me pusesse nos joelhos, que me acariciasse os cabelos... mas não, sou uma senhora, mãe de família; é preciso cuidar de uma casa, ser séria refletir sozinha, que vida!"

Para o homem, também o casamento é por vezes uma crise: a prova está em que muitas psicoses masculinas têm início durante

um noivado ou durante os primeiros tempos da vida conjugal. Menos apegado à família do que as irmãs, o jovem pertencia a alguma confraria: colégio superior, universidade, *atelier* de aprendizagem, equipe, bando, que o protegia contra a solidão; larga-a para começar sua verdadeira existência de adulto; teme a solidão futura e é muitas vezes para conjurá-la que se casa. Mas é vítima dessa ilusão que a coletividade alimenta e que apresenta o casal como uma "*sociedade* conjugal". A não ser durante o rápido incêndio de uma paixão amorosa, dois indivíduos não podem constituir um mundo que os proteja a ambos contra o mundo: é o que ambos sentem após as núpcias. A mulher, desde logo familiar, escravizada, não mascara a liberdade do marido; ela é um fardo, não um *álibi*; não o exime do peso de suas responsabilidades, agrava-o, ao contrário. A diferença dos sexos implica amiúde diferenças de idade, educação, situação que não permitem nenhum entendimento real: embora familiares, são os esposos estranhos. Outrora, havia muitas vezes entre eles um verdadeiro abismo: a jovem, educada em um estado de ignorância, de inocência, não tinha nenhum "passado", ao passo que o noivo "vivera", a êle cabia iniciá-la na realidade da existência. Certos homens sentiam-se lisonjeados com essa tarefa delicada; mais lúcidos, mediam com inquietação a distância que os separava da futura companheira. Edith Wharton descreveu, em seu romance *This age of innocence*, os escrúpulos de um jovem norte-americano de 1870 em face da moça que lhe era destinada:

Com uma espécie de respeitoso terror, êle contemplou a fronte pura, os olhos sérios, a boca inocente e alegre da jovem criatura que lhe ia confiar a alma. Esse produto temível do sistema social de que êle participava e em que acreditava — a jovem que tudo ignorando tudo esperava — apresentava-se agora a êle como uma estranha... Em verdade, que sabiam eles um do outro, posto que era de seu dever de homem distinto esconder o passado à noiva e dever desta não o ter?... A moça, centro desse sistema de mistificação superiormente elaborado, revelava-se, por sua própria fraqueza e coragem, um enigma ainda mais indecifrável. Era franca, a pobre querida, porque não tinha o que esconder; confiante, porque não imaginava que se devesse defender; e sem maior preparação, ia ser mergulhada, numa noite, nisso que chamam "as realidades da vida"... Tendo feito pela centésima vez um exame completo daquela alma sucinta, voltou desanimado ao pensamento de que aquela pureza factícia, tão habilmente fabricada pela conspiração das mães, das tias, das avós, até às remotas antepassadas puritanas, só existia para a satisfação de seus gostos pessoais, para que êle pudesse exercer sobre ela seu direito de senhor e destruí-la como uma estátua de neve.

Hoje o fosso é menos profundo porque a jovem é um ser menos factício; está mais bem informada, mais bem armada para a vida. Mas muitas vezes é ela ainda muito mais jovem do que o marido. É um ponto cuja importância não se acentuou suficientemente; tomam-se amiúde por diferenças de sexo as conseqüências de uma maturidade desigual; em muitos casos, a mulher é uma criança, não porque seja mulher, mas porque é realmente muito jovem. A seriedade do marido e dos amigos do marido acabrunham-na. Sofia Tolstoi escrevia, cerca de um ano depois do dia das núpcias:

Ele é velho, por demais concentrado, e eu sinto-me hoje tão moça e teria tamanha vontade de fazer loucuras! Ao invés de me deitar, gostaria de fazer piruêtas, mas com quem?

Uma atmosfera de velhice me envolve, toda a minha coragem é velha. Esforço-me por reprimir todo impulso de mocidade, a tal ponto parece deslocado neste meio de sensatez.

Por seu lado, o marido vê em sua mulher um "bebê"; ela não é a companheira que esperava e êle lho faz sentir; ela se humilha. Sem dúvida, ao sair da casa paterna, ela gosta de encontrar um guia, mas quer também ser encarada como uma adulta; deseja permanecer criança mas quer tornar-se mulher; o marido mais idoso nunca a pode tratar de maneira a satisfazê-la inteiramente.

Mesmo que a diferença de idade seja insignificante, há que considerar que a moça e o rapaz foram em geral educados de modo bem diverso; ela emerge de um universo feminino em que lhe inculcaram uma sabedoria feminina, e respeito aos valores femininos, ao passo que êle está imbuído dos princípios da ética masculina. É-lhes muitas vezes difícil compreenderem-se e os conflitos não tardam.

Pelo fato de, em geral, o casamento subordinar a mulher ao marido, é principalmente a ela que se apresenta em toda a sua acuidade o problema das relações conjugais. O paradoxo do casamento está em que é, a um tempo, uma função erótica e uma função social: essa ambivalência reflete-se na figura que o marido assume para a jovem mulher. É um semideus dotado de prestígio viril e destinado a substituir o pai: protetor, provedor, tutor, guia; é à sombra dele que a vida da esposa deve desabrochar; êle é o detentor dos valores, o fiador da verdade, a justificação ética do casal. Mas é também um macho com quem cumpre partilhar uma experiência amiúde vergonhosa, barroca,

odiosa, ou revolucionante, contingente em todo caso; êle convida a mulher a chafurdar consigo na bestialidade, ao mesmo tempo que a dirige com firmeza para o ideal.

Uma noite, em Paris, de volta a casa, eles se detiveram, Bernard deixou ostensivamente um *music-hall* cujo espetáculo o chocara: "Dizer que os estrangeiros vêem isto! Que vergonha, e é por isso que nos julgam..." Thérèse admirava que esse homem pudico fosse o mesmo cujas pacientes invenções da escuridão lhe seria necessário suportar dentro de menos de uma hora (Cf. Mauriac, *Thérèse Desqueyroux*).

Entre o mentor e o fauno numerosas formas híbridas são possíveis. Por vezes, o homem é ao mesmo tempo pai e amante, o ato sexual torna-se uma orgia sagrada e a esposa uma amorosa que encontra nos braços do esposo uma salvação definitiva alcançada através de uma demissão total. Este amor-paixão dentro da vida conjugai é muito raro. Por vezes, também, a mulher amará platonicamente seu marido mas recusar-se-á a entregar-se aos braços de um homem respeitado demais. É o caso dessa mulher de que fala Stekel: "Mme D. S., viúva de um grande artista, tem agora 40 anos. Embora adorando o marido, foi com êle inteiramente fria". Ao contrário, pode ela ter com êle um prazer que suporta como uma diminuição e mata nela estima e respeito. Por outro lado, um malogro erótico coloca para sempre o marido ao nível do animal: odiado em sua carne, êle será desprezado em seu espírito; inversamente, verificamos como desprezo, antipatia, rancor determinavam a frieza na mulher. O que acontece em um número assaz grande de vezes é que o marido permanece, após a experiência sexual, um superior respeitado, cujas fraquezas animais se desculpam; parece que foi, entre outros, o caso de Adèle Hugo. Ou então fica êle sendo um agradável parceiro sem prestígio. K. Mansfield descreveu na novela *Pre-lúdio* uma das formas que pode assumir essa ambivalência:

Ela amava-o realmente. Adorava-o, admirava-o e respeitava-o enormemente. Sim, mais do que qualquer pessoa no mundo. Conhecia-o a fundo. Êle era a franqueza, a própria respeitabilidade e, apesar de toda a sua experiência prática, continuava simples, absolutamente ingênuo, contente com pouca coisa e vexado com pouca coisa. Se ao menos não saltasse assim nela, gritando tanto, olhando-a com olhos tão ávidos, tão amorosos! Era forte demais para ela. Desde a infância detestava as coisas que se precipitavam sobre ela. Havia momentos em que êle se tornava terrificante, realmente terrificante, em que ela quase gritava com toda a força: vais matar-me! E então ela tinha vontade de dizer coisas duras, coisas detestáveis... Sim, sim, era verdade; com todo o seu amor, todo o seu respeito e a sua admiração por Stanley, ela o detestava. Nunca sentira isso tão claramente; todos

esses sentimentos por êle eram claros, definidos, tão verdadeiros uns como outros. E esse ódio, bem real, como o resto. Teria podido fazer pacotinhos com eles e dá-los a Stanley. Tinha vontade de entregar-lhe o último como surpresa e imaginava os olhos dele quando o abrisse.

A jovem mulher está longe de se confessar sempre seus sentimentos com essa sinceridade. Amar o marido, ser feliz, é um dever para consigo mesma e para com a sociedade; é o que sua família espera dela; ou, se os pais se mostraram hostis ao casamento, é um desmentido que lhes quer infligir. Em geral ela começa vivendo sua situação conjugal de má-fé; persuade-se de bom grado de que sente pelo marido um grande amor; e essa paixão assume uma forma tanto mais maníaca, possessiva, ciumenta quanto menos satisfeita sexualmente é a mulher; para se consolar da decepção, que a princípio se recusa a confessar, ela tem insaciavelmente necessidade da presença do marido. Stekel cita numerosos exemplos desses apelos doentios.

Em consequência de fixações infantis, uma mulher permanecerá fria durante os primeiros anos do casamento. Desenvolveu-se então nela um amor hipertrofiado como acontece freqüentemente com mulheres que não querem ver que o marido é indiferente em relação a elas. Ela só vivia e pensava no marido. Não tinha mais vontade. Êle devia, pela manhã, fazer o programa do dia dela, dizer-lhe o que lhe cabia comprar etc. Ela executava tudo conscienciosamente. Se êle não lhe indicava nada, ela ficava no quarto sem fazer nada, com saudade dele. Não podia deixá-lo ir a parte alguma sem o acompanhar. Não podia ficar sozinha e gostava de lhe segurar a mão... Era infeliz, chorava durante horas, tremia por êle e, quando não havia motivo para tremer, ela o criava.

Meu segundo caso é o de uma mulher encerrada num quarto como numa prisão, de medo de sair sozinha. Encontrava-a segurando as mãos do marido, conjurando-o a permanecer sempre perto dela... Casada há sete anos, nunca êle pudera ter relações com ela.

O caso de Sofia Tolstoi é análogo; conclui-se evidentemente, dos trechos que citei e de todo o diário, que logo depois de casar ela percebeu que não amava o marido. As relações carnavais que tinha com êle enojavam-na; censurava-lhe o passado, achava-o velho e aborrecido, só manifestava hostilidade às idéias dele; parece, de resto, que ávido e brutal na cama, êle a negligenciava e tratava duramente. Aos gritos de desespero, às confissões de tédio, de tristeza, de indiferença, misturam-se, entretanto, em Sonna, protestos de amor apaixonado: ela quer sempre ter a seu lado

o esposo bem-amado; mal êle se afasta, ela fica torturada pelo ciúme. Eis o que escreve:

11-1-1863: Meu ciúme é uma doença inata. Talvez provenha de que, amando somente a êle, não posso ser feliz senão com êle, por êle.

15-1-1863: Gostaria que êle só sonhasse comigo e pensasse em mim, só amasse a mim. Mal acabo de afirmar que gosto disto ou daquilo e me retrato: sinto que não amo outra coisa além de Liovotchka. No entanto, deveria gostar absolutamente de outra coisa, como êle gosta de seu trabalho... Sinto, porém tal angústia sem êle! Sinto aumentar dia a dia a necessidade de não o deixar...

17-10-1863: Sinto-me incapaz de compreendê-lo bem, eis por que o vigio tão ciumentamente...

31-7-1868: Como é engraçado reler um diário! Quantas contradições! Como se eu fosse uma mulher infeliz! Existirão casais mais unidos e felizes do que nós? Meu amor aumenta sempre. Amo-o sempre com o mesmo amor inquieto, apaixonado, ciumento, poético. Sua calma e sua segurança irritam-me por vezes.

16-9-1876: Procuro avidamente em seu diário as páginas em que trata de amor e logo que as encontro sou devorada pelo ciúme. Quero mal a Liovotchka por ter partido. Não durmo, não como quase nada, engulo minhas lágrimas ou choro escondida. Tenho todos os dias um pouco de febre e arrepios à noite... Estarei sendo punida por ter amado tanto?

Sentimos, através de todas essas páginas, um inútil esforço para compensar, pela exaltação moral ou "poética", a ausência de um amor verdadeiro; é esse vazio do coração que as exigências, a ansiedade, o ciúme traduzem. Muitos ciúmes mórbitos desenvolvem-se em condições semelhantes; o ciúme traduz de uma maneira indireta uma insatisfação que a mulher objetiva inventando uma rival; não experimentando nunca junto do marido um sentimento de plenitude, ela de certo modo racionaliza sua decepção imaginando que êle a engana.

Muitas vezes, por moralidade, hipocrisia, orgulho, timidez, a mulher obstina-se em sua mentira. "Muitas vezes, uma aversão pelo marido querido não foi percebida durante toda uma vida: chamam-na melancolia ou lhe dão qualquer outro nome", escreve Chardonne (Cf. *Eve*). Mas não é por não ser nomeada, que a hostilidade deixa de ser vivida. Emprime-se, com maior ou menor violência, pelo esforço que faz a mulher para recusar o domínio do esposo. Depois da lua de mel e do período de desatino que muitas vezes se lhe segue, ela tenta reconquistar a autonomia. Não é empresa fácil. Por ser amiúde mais idoso do que ela, por possuir em todo caso um prestígio viril, por ser por lei o

"chefe da família", o marido detém uma superioridade moral e social; muitas vezes possui também, pelo menos aparentemente, uma superioridade intelectual. Tem sobre a mulher a vantagem da cultura ou pelo menos da formação profissional; desde a adolescência interessa-se pelos negócios do mundo; são seus negócios; conhece um pouco de direito, está a par da política, pertence a um partido, a um sindicato, a associações; trabalhador, cidadão, seu pensamento está empenhado na ação; enfrenta a prova da realidade contra a qual não se pode trapacear: isso equivale a dizer que o homem médio tem a técnica do raciocínio o gosto dos fatos e da experiência, certo senso crítico; é o de que ainda carecem numerosas jovens; mesmo se leram, assistiram a conferências, se se dedicaram por distração a alguma arte, seus conhecimentos acumulados mais ou menos ao acaso não constituem uma cultura; não é em consequência de um vício cerebral que raciocinam mal: é porque a prática não as obrigou a fazê-lo bem. Para elas, o pensamento é antes um jogo do que um instrumento; mesmo inteligentes, sensíveis, sinceras, elas não sabem, por falta de técnica intelectual, demonstrar suas opiniões, tirar as consequências que comportem. É por esse lado que um marido — mesmo mais medíocre — as dominará facilmente: saberá provar que tem razão ainda que não tendo. Nas mãos de um homem, a lógica é muitas vezes violência. Chardonne descreveu em *Epithalame* essa forma matreira de opressão. Mais idoso, mais culto e mais instruído do que Berthe, Albert vale-se da superioridade para negar qualquer valor às opiniões da mulher, quando não as partilha; *prova-lhe* infatigavelmente que tem razão; ela por seu lado obstina-se e recusa-se a outorgar qualquer conteúdo aos raciocínios do marido: êle aferra-se igualmente a suas idéias, eis tudo. Assim se agrava entre eles um mal-entendido sério. Êle não procura compreender sentimentos, reações que ela não sabe justificar habilmente mas que têm nela raízes profundas; ela não compreende o que pode haver de vivo sob a lógica pedante com que o marido a esmaga. Êle chega a irritar-se com uma ignorância que, entretanto, ela nunca lhe dissimulou e faz-lhe, como para desafiá-la, perguntas de astronomia; no entanto, sente-se lisonjeado por lhe orientar as leituras, por encontrar nela um auditor que domina sem dificuldade. Em uma luta em que a insuficiência intelectual a condena a ser sempre vencida, a jovem esposa não apela senão para o silêncio, ou as lágrimas, ou a violência:

Com o cérebro ensurdecido, abatido pelos choques, Berthe não podia mais pensar quando ouvia alguma voz sincopada e estridente e Albert continuava a envolvê-la num zunido imperioso para estonteá-la, feri-la no desatino de seu espirito humilhado... Ela sentia-se vencida, desamparada ante as asperezas de uma argumentação inconcebível e para se livrar desse injusto poder gritou: Deixa-me em paz! Tais palavras pareciam-lhe fracas demais; deparou com um frasco de cristal na penteadeira e subitamente atirou-o em Albert..

Por vezes a mulher procura lutar. Mas, amiúde, ela aceita por bem ou por mal, como a Nora de *A Casa das Bonecas*¹ que o homem pense por ela; êle é que será a consciência do casal. Por timidez, inabilidade, preguiça, ela deixa ao homem o cuidado de forjar as opiniões que lhes serão comuns acerca de todos os assuntos gerais e abstratos. Uma mulher inteligente, culta, independente mas que admirara durante quinze anos um marido que julgava superior, dizia-me transtornada, depois da morte dele, que se vira, obrigada a decidir ela própria de suas convicções e de sua conduta: tenta ainda adivinhar o que êle teria pensado em cada circunstância. O marido compraz-se geralmente nesse papel de mentor e chefe². Ao fim de um dia em que conhece dificuldades em suas relações com iguais, em que tem de submeter-se a superiores, êle gosta de se sentir um superior absoluto e oferecer verdades incontestadas³. Narra os aconteci-

(1) "Quando estava em casa de meu pai, êle dizia-me todas as suas maneiras de ver e eu tinha então as mesmas; e se tinha outras, escondia-as, pois êle não teria gostado disso... Das 'mãos de papai passei para as tuas... Tudo arranjavas como querias e eu tive o mesmo gosto ou fingi tê-lo; não sei bem; creio que houve as duas coisas, ora uma, ora outra. Meu pai e tu prejudicaram-me muito. É culpa vossa, se não fui capaz de nada."

(2) Helmer diz a Nora: "Acreditas que me sejas menos cara porque não sabes agir com tua própria cabeça? Não, não; basta que te apoies em mim; eu te aconselharei, eu te dirigirei. Não seria um homem, se essa incapacidade feminina, precisamente, não te tornasse duplamente sedutora a meus olhos... Descansa bem e sossega: tenho asas bastante grandes para te proteger... Há para o homem uma doçura e uma satisfação indizíveis na plena consciência de ter perdoado a mulher... Ela torna-se assim, a um tempo, sua mulher e sua filha. É o que serás para mim doravante, pequeno ser desesperado e desnor-teado. Não te preocupes com nada, Nora; fala-me tão-sòmente com o coração na mão e eu serei ao mesmo tempo tua vontade e tua consciência".

(3) Cf. Lawrence, *Fantasia do Inconsciente*: "Você deve lutar para que sua mulher veja em você um homem de verdade, um pioneiro de verdade. Ninguém é homem, se a mulher nele não vê um pionei-

mentos do dia, dá razão a si mesmo contra seus adversários, feliz por encontrar na esposa um duplo que o confirma a si próprio; comenta o jornal e as notícias políticas, de bom grado lê em voz alta para a mulher, a fim de que a relação dela com a cultura não seja autônoma. Para ampliar sua autoridade, exagera com prazer a incapacidade feminina; ela aceita mais ou menos dócilmente esse papel de subordinada. Sabe-se com que prazer espantado mulheres que lamentam sinceramente a ausência do marido descobrem em si mesmas, nessa oportunidade, possibilidades insuspeitadas; gerem os negócios, educam os filhos, decidem, administram sem qualquer auxílio. Sofrem quando a volta do marido as relega novamente à incompetência.

O casamento incita o homem a um imperialismo caprichoso: a tentação de dominar é a mais universal, a mais irresistível que existe; entregar o filho à mãe, entregar a mulher ao marido é cultivar a tirania na terra; muitas vezes não basta ao esposo ser aprovado, admirado, aconselhar, guiar: êle ordena, representa o papel de soberano. Todos os rancores acumulados em sua infância, durante sua vida, acumulados quotidianamente entre os outros homens cuja existência o freia e fere, êle descarrega em casa, acenando para a mulher com sua autoridade; mima a violência, a força, a intransigência: dá ordens com voz severa, ou grita, bate na mesa; essa comédia é para a mulher uma realidade quotidiana. Êle se acha tão convencido de seus direitos que a menor autonomia conservada pela mulher lhe parece uma rebeldia; gostaria de impedi-la de respirar sem êle. Ela, entretanto, revolta-se. Mesmo se começou reconhecendo o prestígio viril, seu deslumbramento dissipa-se depressa. O filho percebe um dia que o pai não é senão um indivíduo contingente; a esposa descobre logo que não tem diante de si a grande figura do suserano, do chefe, do senhor e sim um homem; não vê nenhuma razão para se escravizar; a seus olhos êle não representa senão um ingrato e injusto dever. Por vezes, a mulher se submete com uma complacência masoquista; assume um papel de vítima e sua resignação não passa de uma censura silenciosa; mas mui-

ro. . . E deve lutar duramente para que sua mulher submeta, ao seu, o objetivo dela. . . Que vida maravilhosa então! Que delícia voltar à noite para junto dela e encontrá-la ansiosa à sua espera! Que doçura voltar para casa e sentar-se ao lado dela. . . Como a gente se sente rico e pleno com todo o labor do dia nos rins pelo caminho da volta. . . Expenmenta-se uma gratidão insondável pela mulher que ama, que acredita na tarefa da gente".

tas vezes, também, ela luta abertamente contra seu senhor, e por seu turno esforça-se por tiranizá-lo.

O homem é ingênuo quando imagina que submeterá facilmente a mulher a suas vontades e a "formará" como quiser. "A mulher é o que dela faz o marido", diz Balzac; mas diz o contrário algumas páginas adiante. No terreno da abstração e da lógica, a mulher resigna-se amiúde a aceitar a autoridade masculina; mas quando se trata de idéias, de hábitos que a interessam realmente, ela lhe opõe uma tenacidade matreira. A influência da infância e da juventude é muito mais profunda nela do que no homem, pelo fato de que ela permanece mais encerrada em sua história individual. Do que adquiriu nesses períodos, não se desfaz nunca, o mais das vezes. O marido imporá à mulher uma opinião política, não lhe modificará as convicções religiosas, não lhe abalará as superstições: é o que verifica Jean Barois que imaginava conquistar uma influência real sobre a pequena devota que associou a sua vida. Diz, acabrunhado: "Um cérebro de menina cristalizado à sombra de uma cidade provinciana: todas as afirmações da tolice ignorante: não se arranca essa crosta". A despeito das opiniões aceitas, a despeito dos princípios que repete como um papagaio, a mulher conserva sua visão pessoal do mundo. Essa resistência pode torná-la incapaz de compreender um marido mais inteligente do que ela; ou, ao contrário, ela o erguerá acima da seriedade masculina, como acontece com as heroínas de Stendhai ou Ibsen. Por vezes — ou porque êle a tenha desiludido sexualmente, ou, ao contrário, porque a domine e ela queira vingar-se, — a mulher deliberadamente apegase por hostilidade ao homem, a valores que não são os dele; apóia-se na autoridade da mãe, do pai, de um irmão, de qualquer personalidade masculina que se lhe afigure "superior", de um confessor, de uma irmã de caridade, tão-sòmente para o enfrentar. Ou, sem lhe opor nada de positivo, ela se esforça por contradizê-lo sistematicamente, atacá-lo, magoá-lo; esforça-se por inculcar-lhe um complexo de inferioridade. Naturalmente, tendo as capacidades necessárias, comprazer-se-á em deslumbrar o marido, em lhe impor seus palpites, suas opiniões, suas diretrizes; apossar-se-á de toda a autoridade moral. Nos casos em que lhe fôr impossível contestar a supremacia espiritual do marido, tentará conseguir seu revide no terreno sexual. Ou recusa-se a êle, como Mme Michelet, de quem Halévy nos diz:

Queria dominar em tudo; na cama, porquanto era forçoso suportá-lo e à mesa de trabalho. Era a mesa que ela visava e Michelet a vedou enquanto ela vedava a cama. Durante muitos meses o casal foi casto. Finalmente, Michelet teve a cama e Athénais Mialaret logo depois teve a mesa: nascera escritora e era em verdade seu lugar. . .

Ou ela se retesa nos braços masculinos e lhe inflige a afronta da frigidez; ou mostra-se caprichosa, coquete, impondo-lhe uma atitude de suplicante; flerta, provoca ciúmes, engana-o: de uma maneira ou de outra tenta humilhá-lo em sua virilidade. Se a prudência a impede de ir até o fim, encerra ela, pelo menos orgulhosamente em seu coração, o segredo de sua frieza ativa. Confia-o, por vezes, a um diário, de preferência a suas amigas: numerosas mulheres casadas divertem-se em se contar mutuamente "truques" de que se valem para fingir experimentar um prazer que pretendem não sentir; riem-se ferozmente da vaidosa ingenuidade de suas vítimas; tais confidencias talvez sejam igualmente uma comédia: entre a frigidez e a vontade de frigidez, a fronteira não é muito precisa. Em todo caso, elas se imaginam insensíveis e assim satisfazem seu ressentimento. Há mulheres — as que se assemelham à fêmea do louva-a-deus — que querem triunfar tanto à noite como de dia: são frias no amor, desdenhosas nas conversas, tirânicas nas condutas. Assim é que — segundo o testemunho de Mabel Dodge — Frieda se conduzia com Lawrence. Não podendo negar a superioridade intelectual dele, pretendia impor-lhe sua própria visão do mundo, em que só os valores sexuais contavam.

Ele tinha de encarar a vida através dela e era o papel dela vê-la do ponto de vista do sexo. Era deste ponto de vista que ela se colocava para aceitar ou condenar a vida.

Ela declarou um dia a Mabel Dodge:

É preciso que ele receba tudo de mim. Quando eu não estou presente ele não sente nada; nada, e é de mim que recebe seus livros, continuou ela com ostentação. Ninguém o sabe. Fiz páginas inteiras desses livros para ele.

Entretanto, Frieda tem necessidade premente de provar a si mesma que ela lhe é necessária; exige que ele se ocupe dela incessantemente: se não o faz espontaneamente, força-o a fazê-lo:

Frieda muito conscienciosamente aplicava-se a nunca permitir que suas relações com Lawrence se desenvolvessem na calma que se estabelece geralmente entre casados. Logo que o sentia entregar-se ao hábito, lançava-lhe uma bomba. Fazia de modo que ele não a esque-

cesse nunca. Essa necessidade de uma atenção perpétua... a arma de que a gente se serve contra um inimigo. Frieda sabia feri-lo nos lugares sensíveis... Se durante o dia não lhe dava atenção, ela ia à noite até o insulto.

A vida conjugal tornara-se para eles uma série de cenas indefinidamente recomeçadas e nas quais nenhum deles queria ceder, dando à menor alteração o aspecto titânico de um duelo entre o Homem e a Mulher.

De uma maneira diferente, encontra-se também em Elise, que nos descreve Jouhandeau (*Chroniques maritales* e *Nouvelles Chroniques maritales*) uma vontade feroz de domínio que a leva a diminuir o mais possível o marido:

ELISE: Para começar, diminuo tudo em torno de mim. Fico então bem tranqüila. Só tenho que tratar com monos e grotescos.

Ao despertar, ela me chama:

— Meu monstrinho.

Ê uma política.

Quer humilhar-me.

Com que indisfarçável alegria se dedicou a fazer que eu renunciasse a todas as minhas ilusões, uma após outra. Ela nunca perdeu uma oportunidade de dizer que sou isto, que sou aquilo, um pobre diabo, diante de meus amigos espantados ou de nossos criados embaraçados. Acabei assim acreditando nela... Para desprezar-me, não há ocasião em que deixe de me fazer sentir que minha obra a interessa menos do que o bem-estar que nos poderia dar.

Foi ela quem secou a fonte de meus pensamentos, desanimando-me paciente, lenta e pertinentemente, humilhando-me com método, levando-me a renunciar contra minha vontade, pouco a pouco, com uma lógica precisa, imperturbável, implacável, a meu orgulho.

— Em suma, ganhas menos do que um operário — disse-me um dia diante do encerador...

...Quer diminuir-me para parecer superior ou pelo menos igual, e que esse desdém a mantenha diante de mim em sua superioridade... Só tem estima por mim na medida em que o que faço lhe serve de estribo ou de mercadoria.

Para se apresentar em face do macho como o sujeito essencial, Frieda e Elise empregam uma tática que os homens denunciaram muitas vezes: esforçam-se por negar-lhes a transcendência. Os homens supõem facilmente que a mulher alimenta sonhos de castração em relação a eles; em verdade, a atitude dela é ambígua: deseja humilhar, mais do que suprimir o sexo masculino. O que é mais exato é que ela quer mutilar o homem em seus projetos, em seu futuro. Triunfa quando o marido ou o filho estão doentes, cansados, reduzidos a sua presença de carne.

Então eles não se apresentam mais, na casa em que ela reina, senão como um objeto entre outros objetos; ela trata-o com uma competência de dona de casa; pensa-o como se cola um prato quebrado, limpa-o como se limpa um pote; nada repugna às suas mãos angélicas, amigas das alimpaduras e da lixívia. Lawrence dizia a Mabel Dodge, falando de Frieda: "Você não pode saber o que é sentir a mão dessa mulher quando se está doente. Mão pesada, alemã da carne". Conscientemente, a mulher impõe essa mão como todo o seu peso, para que o homem sinta que também é apenas um ser de carne. Não é possível levar mais longe do que Elise essa atitude, como conta Jouhandeau:

Lembro-me, por exemplo, do piolho Tchang Tsen no início de nosso casamento... Só conheci realmente a intimidade com uma mulher graças a êle, no dia em que Elise me botou nu em pêlo a seus joelhos para me tosquiar como um carneiro, iluminando até os meus recantos recônditos com uma vela que passeava à volta de meu corpo. Ah! sua lenta inspecção de minhas axilas, de meu peito, de meu umbigo, da pele de meus testículos esticada entre seus dedos como um tambor, suas paradas prolongadas ao longo de minhas coxas, entre meus pés e a passagem da navalha em tomo do eu; a queda enfim no cestinho de um punhado de pêlos louros em que o piolho se escondia e que ela queimou, abandonando-me, ao mesmo tempo que me livrava dele e de seus esconderijos, a uma nova nudez e ao deserto do isolamento.

A mulher gosta que o homem seja não um corpo em que se exprime uma subjetividade, mas sim uma carne passiva. Ela afirma a vida contra a existência, os valores carnaís contra os valores espirituais; ela adota de bom grado em relação às empresas masculinas a atitude humorística de Pascal; pensa também "que toda a infelicidade do homem provém de não saber ficar descansando num quarto"; ela o fecharia com prazer dentro de casa; toda atividade que não beneficia a vida familiar provoca sua hostilidade; a mulher de Bernard Palissy mostra-se indignada por êle queimar os móveis para inventar um noivo esmalte de que até então o mundo prescindira; Mme Racine leva o marido a interessar-se pelas groselhas do jardim e recusa-se a ler suas tragédias. Jouhandeau mostra-se muitas vezes exasperado em suas *Chroniques maritales* porque Elise se obstina em não considerar seu trabalho literário senão como uma, fonte de proveitos materiais.

Disse-lhe: minha última novela sai esta manhã. Sem querer ser cínica, mas porque só isso a interessa de fato, respondeu-me: serão, ao menos, trezentos francos a mais para este mês.

Tais conflitos podem exasperar até provocarem uma ruptura. Mas, geralmente, embora recusando-lhe o domínio, a mulher deseja "conservar" o marido. Luta contra êle para defender sua própria autonomia, e combate contra o resto do mundo para conservar a "situação" que a obriga à dependência. Esse duplo jogo realiza-se com dificuldade, o que explica em parte o estado de inquietação e nervosismo em que numerosas mulheres passam a vida. Stekel dá-nos um exemplo muito significativo:

Mme Z. T., que não gozou nunca, é casada com um homem muito culto. Mas ela não pode suportar-lhe a superioridade e começou a querer igualá-lo estudando a mesma especialidade. Como era muito penoso, abandonou os estudos ao ficar noiva. O homem é muito conhecido e numerosas alunas o cortejam. Ela propõe-se não se entregar a esse culto ridículo. Na intimidade, foi insensível desde o principio e assim permaneceu. Só atingia o orgasmo pelo onanismo e lho dizia. Recusava as tentativas dele de excitá-la com carícias... Muito breve começou a ridicularizá-lo e a menosprezar o trabalho do marido. Não conseguia "compreender essas tolas que andam atrás dele, ela que conhecia os bastidores da vida privada do grande homem". Em suas disputas quotidianas ocorriam-lhe expressões como: "a mim é que não vais impor os teus rabiscos, ou pensas que podes fazer de mim o que quiseses só porque és um escritorzinho". O marido ocupava-se cada vez mais de suas alunas, ela cercava-se de rapazes. Assim continuou durante anos, até que o marido se apaixonou por outra mulher. Ela sempre suportara as pequenas aventuras dele, tornava-se até amiga das "bobinhas" abandonadas... Mas, então, mudou de atitude e entregou-se sem orgasmo ao primeiro rapaz que surgiu. Confessou ao marido que o enganara, êle o admitiu perfeitamente. Podiam separar-se tranqüilamente... Ela recusou o divórcio. Houve uma longa explicação e uma reconciliação... Entregou-se chorando e alcançou seu primeiro orgasmo intenso...

Vê-se que, em sua luta contra o marido, ela nunca pensou em deixá-lo.

"Pegar um marido" é uma arte, "retê-lo" é um ofício. É preciso muito jeito. A uma jovem mulher rabugenta, dizia a irmã prudente: "Cuidado, à força de fazer cenas a Marcel vais perder tua *situação*". Joga-se o que há de mais sério: a segurança material e moral, um lar próprio, a dignidade de esposa, um sucedâneo mais ou menos feliz do amor, a felicidade. A mulher aprende depressa que sua atração sexual é apenas a mais frágil de suas armas; dissipa-se com o hábito e, infelizmente, há outras mulheres desejáveis no mundo! Ela se esforça contudo por ser sedutora, por agradar: amiúde é ela dividida entre o orgulho que a impele para a frieza e a idéia de que com seu ardor sensual lisonjeará e prenderá o marido. Ela conta também com a força do hábito, com o encanto que êle encontra

numa casa agradável, com seu pendor pela boa cozinha, sua ternura pelos filhos; ela se aplica em torná-lo orgulhoso dela pela maneira de receber, de se vestir e em conquistar ascendência sobre êle com conselhos, influência; na medida de suas forças ela se tornará indispensável a êle, ou ao seu êxito mundano, ou ao trabalho. Mas, principalmente, toda uma tradição ensina à mulher a "arte de saber segurar um homem"; é preciso descobrir e lisonjear-lhe as fraquezas, dosar habilmente a adulação e o desdém, a docilidade e a resistência, a vigilância e a indulgência. Esta última mistura é particularmente delicada. Não deve dar ao marido nem uma liberdade excessiva nem uma liberdade insuficiente. Demasiado complacente, a mulher vê o marido escapar-lhe; frustra-a do dinheiro, do ardor amoroso que gasta com outras mulheres; ela corre o risco de que uma amante adquira força bastante para obter um divórcio ou, pelo menos, para ocupar o primeiro lugar em sua vida. Entretanto, se lhe proíbe toda aventura, se o agasta com sua vigilância, suas cenas, suas exigências, pode indispor-lo contra ela gravemente. Trata-se de saber "fazer concessões" com conhecimento de causa; cumprir fechar os olhos se o marido não "obedece à risca ao contrato", e em outros momentos abri-los bem; a mulher casada desconfia, em particular, das moças que se sentiriam por demais felizes, pensa, em roubar-lhe a "posição". Para arrancar o marido de uma rival inquietante tentará distraí-lo, fazê-lo viajar; se necessário — tomando por modelo Mme de Pompadour — suscitará outra rival menos perigosa; se nada der resultado, recorrerá às crises de choro, de nervos, às tentativas de suicídio etc, mas o abuso das cenas e recriminações expulsará o marido do lar; a mulher tornar-se-á insuportável no momento em que maior será a necessidade de seduzi-lo; se quiser ganhar a partida, dosará habilmente lágrimas comovedoras e sorrisos heróicos, chantagem e coquetismo. Dissimular, negacear, odiar e temer em silêncio, apostar na vaidade e nas fraquezas do homem, aprender a não cair nas tramas dele, a enganá-lo, a manobrá-lo, é uma triste ciência. A grande desculpa da mulher está em que lhe impuseram empenhar-se completamente no casamento: ela não tem ofício, não tem capacidades, não tem relações pessoais, seu nome mesmo não lhe pertence; é apenas a "metade" de seu marido. Se ele a abandonar, não encontrará nenhum recurso nem em si nem fora de si. É fácil condenar Sofia Tolstoi, como o fazem A. de Monzie e Montherlant: mas, se tivesse recusado a hipocrisia da vida conjugal, para onde teria ido? Que destino a

aguardava? Sem dúvida ela parece ter sido uma megera odiosa: mas pode-se pedir-lhe que amasse seu tirano e abençoasse sua escravidão? Para que haja entre esposos lealdade e amizade, a condição *sine qua non* está em que sejam ambos livres em relação um ao outro, e concretamente iguais. Enquanto o homem possui sozinho a autonomia econômica e que detém — pela lei e os costumes — os privilégios que a virilidade confere, é natural que se apresente tantas vezes como tirano, o que incita a mulher à revolta e à astúcia.

Ninguém pensa em negar as tragédias e as mesquinhas conjugais: mas o que sustentam os defensores do casamento é que os conflitos entre esposos provêm da má vontade dos indivíduos e não da instituição. Tolstoi, entre outros, descreveu o casal ideal do epílogo de *Guerra e Paz*: Pierre e Natacha. Esta foi uma moça coquete e romanesca; casada, espanta todo o seu círculo de relações porque renuncia aos vestidos, à sociedade, a toda distração para se consagrar exclusivamente ao marido e aos filhos; torna-se o tipo da matrona.

Ela não tinha mais aquela chama de vida sempre acesa que lhe dava encanto outrora. Agora, muitas vezes, só se percebia dela o rosto e o corpo, não se lhe via mais a alma, mas somente a mulher forte, bela e fecunda.

Ela exige de Pierre um amor tão exclusivo quanto o que lhe dedica; tem ciúmes dele; êle renuncia às saídas, às amizades, para se dedicar, êle também, inteiramente à família.

Não ousava ir jantar nos clubes nem empreender uma longa viagem salvo para seus negócios, entre os quais a mulher incluía os trabalhos científicos a que, sem nada entender, atribuía uma importância extrema.

Pierre era dominado pela mulher, mas em compensação:

Natacha na intimidade fizera-se a escrava do marido. Toda a casa era gerida pelas ditas ordens do marido, isto é, pelos desejos de Pierre que Natacha se esforçava por adivinhar.

Quando Pierre se encontra longe dela, Natacha acolhe-o, na volta, com impaciência porque sofreu com sua ausência; mas reina entre os esposos um maravilhoso entendimento; compreendem-se por meias palavras. Entre os filhos, a casa, o marido amado e respeitado, ela experimenta uma felicidade quase sem mácula.

Esse quadro idílico merece ser estudado de mais perto. Natacha e Pierre estão unidos, diz Tolstoi, como a alma ao corpo; mas quando a alma deixa o corpo, a morte é uma só; que acon-

tecera se Pierre deixasse de amar Natacha? Lawrence também recusa a hipótese da inconstância masculina: Don Ramon amará sempre a pequena índia Teresa que lhe fêz dom da alma. Entretanto, um dos mais ardentes defensores do amor único, absoluto, eterno, André Breton, é forçado a admitir que, pelo menos nas circunstâncias atuais, esse amor pode enganar-se de objeto: erro ou inconstância, trata-se para a mulher do mesmo abandono. Pierre, robusto e sensual, será atraído carnalmente por outras mulheres; Natacha tem ciúmes: dentro em breve as relações se aze-darão; ou êle a deixará, o que arruinará a vida dela, ou êle men-tirá e a suportará com rancor, o que estragará a vida dele, ou ambos viverão de compromissos e meias medidas, o que fará infelizes ambos. Objetar-se-á que Natacha terá pelo menos os filhos: mas os filhos só são uma fonte de alegria no seio de uma forma equilibrada em que o marido é um dos ápices; para a esposa abandonada, ciumenta, tornam-se um fardo ingrato. Tolstoi admira o devotamento cego de Natacha às idéias de Pierre; mas um outro homem, Lawrence, que também exige da mulher um devo-tamento cego, zomba de Pierre e de Natacha; um homem pode, portanto, na opinião de outros homens, ser um ídolo de barro e não um deus verdadeiro; em lhe rendendo um culto, perde-se sua vida em lugar de salvá-lo; como sabê-lo? As pretensões mas-culinas se contestam: a autoridade não funciona mais. É preciso que a mulher julgue e critique, não pode ser apenas um eco dócil. E aviltá-la, de resto, impor-lhe princípios e valores a que não adira de livre e espontânea vontade; o que ela pode partilhar do pensamento do marido, não pode senão através de um juízo autô-nomo; o que lhe é estranho, não deve ser obrigada nem a apro-var nem a recusar; não pode tomar de empréstimo a outra pes-soa suas próprias razões de existir.

A condenação mais radical do mito Pierre-Natacha, é dada pelo casal Leon-Sofia. Sofia sente repulsa pelo marido, acha-o "cacete"; êle engana-a com todas as camponesas das cercanias, ela tem ciúme e se aborrece; vive no nervosismo de sua repetida gravidez e seus filhos não enchem o vazio de seu coração nem o de seus dias; o lar é para ela um deserto árido; para êle um inferno. E isso termina com essa velha histérica deitando-se seminua na noite úmida da floresta e esse ancião acuado que foge, rene-gando enfim a "união" de toda uma vida.

O caso de Tolstoi é por certo excepcional; há numerosas uniões em que tudo "funciona bem", isto é, em que os esposos

chegam a um entendimento; vivem um ao lado do outro sem muito se disputar, sem muito se mentir. Mas há uma maldição a que escapam raramente: o tédio. Que o marido consiga fazer da mulher um eco de si mesmo, ou que cada qual se entrincheire em seu universo, ao fim de alguns meses ou de alguns anos nada mais têm a se comunicar. O casal é uma comunidade cujos membros perderam sua autonomia sem se livrar da solidão; estão esteticamente assimilados um ao outro, ao invés de sustentar um com o outro uma relação dinâmica e viva; eis por que, no terreno espiritual como no terreno erótico, nada podem dar-se, nada podem trocar. Em uma de suas melhores novelas, *Too bad!*, Dorothy Parker resumiu o triste romance de muitas vidas conjugais; é noite e Mr. Welton volta para casa:

Mrs. Welton abriu a porta ao toque da campainha.

— Então! — disse alegremente.

Sorriam-se animados.

— Alô! — disse êle. — Ficaste em casa?

Beijaram-se ligeiramente. Com um interesse cortês, ela olhou-o pendurar o sobretudo, o chapéu, tirar os jornais do bolso e oferecer-lhe um.

— Trouxeste os jornais! — disse ela, pegando-o.

— Então? Que fizeste durante o dia inteiro? — perguntou êle.

Ela esperara a pergunta; imaginara antes da chegada dele como lhe contaria todos os pequenos incidentes do dia... Mas agora aquilo se lhe afigurava uma longa e insípida história.

— Oh, nada — disse com um risinho alegre. — Tiveste uma boa tarde?

— Bem, começou êle... — Mas seu interesse dissipou-se antes que começasse a falar... Demais, ela estava ocupada com arrancar um fio de uma franja de lã de uma das almofadas.

— Foi mais ou menos bem — disse êle.

...Ela sabia falar bastante bem com as outras pessoas... Ernest também era bastante loquaz em sociedade... Ela tentou lembrar-se do que falavam antes do casamento, durante o noivado. Nunca tinham tido grande coisa a dizer-se. Mas ela não se inquietara com isso... Houvera os beijos e coisas que ocupam o espírito. Mas não se pode contar com os beijos e o resto para passar as noites ao fim de sete anos.

Poder-se-ia acreditar que a gente se habitua em sete anos, que se dá conta de que é assim e se resigna. Não. Acaba dando nos nervos. Não é um desses silêncios macios que caem por vezes entre as pessoas. Dá a impressão de que há algo a fazer e que a gente não está cumprindo seu dever. Como uma dona de casa quando a recepção não vai bem... Ernest leria laboriosamente e, mais ou menos na metade do jornal, começaria a bocejar. Alguma coisa se passava dentro de Mrs. Welton quando êle fazia isso. Murmuraria que

tinha de falar com Delia e precipitar-se-ia para a cozinha. Aí ficaria durante um longo momento, olhando vagamente os postes, verificando o rol da lavanderia e quando voltasse êle estaria fazendo sua *toilette* noturna.

Em um ano, trezentas de suas noites assim se passavam. Sete vezes trezentas eram mais de duas mil.

Pretende-se por vezes que o próprio silêncio é sinal de uma intimidade mais profunda do que qualquer palavra; e por certo ninguém pensa em negar que a vida conjugai crie uma intimidade: é o que ocorre com todas as relações de família, que nem por isso deixam de cobrir ódios, ciúmes, rancores. Jouhandeau acentua fortemente a diferença entre essa intimidade e uma fraternidade humana verdadeira quando escreve:

Elise é minha mulher; sem dúvida nenhum de meus amigos, nenhum dos membros de minha família, nenhum de meus próprios membros é mais íntimo de mim do que ela, mas, por mais próximo de mim que seja o lugar que ela conquistou, que eu lhe dei em meu universo mais privado, por enraizada que esteja ao inextricável tecido de minha carne e de minha alma (e esse é todo o mistério e todo o drama de nossa indissolúvel união), o desconhecido que passa neste momento na rua e que eu mal percebo de minha janela, qualquer que seja, é menos estranho a mim do que ela.

Diz alhures:

Percebemos que somos vítimas de um veneno, mas ao qual nos habituamos. Como renunciar a êle, desde então, sem renunciar a nós mesmos?

E ainda:

Quando penso nela, sinto que o amor conjugai não tem nenhuma relação nem com a simpatia nem com a sensualidade, nem com a paixão, nem com a amizade, nem com o amor. Adequado a si só, não redutível a nenhum desses diversos sentimentos, tem sua natureza própria, sua essência particular e seu modo único, segundo o casal que reúne.

Os advogados do amor conjugai¹ comprazem-se em dizer que não é um amor e é exatamente isso que lhe dá um caráter maravilhoso. Porque a burguesia inventou nestes últimos anos um estilo épico: a rotina assume aspecto de aventura, a fidelidade

(¹) Pode haver amor dentro do casamento; mas então não se fala amor conjugai"; quando se pronunciam estas palavras, o amor está

o de uma loucura sublime, e tédio torna-se sabedoria e os ódios familiares são a forma mais profunda do amor. Em verdade, que dois indivíduos se detestem sem poder, entretanto, prescindir um do outro, não é, de todas as relações humanas, a mais verdadeira, a mais comovente: é a mais lamentável. O "ideal seria, ao contrário, que dois seres humanos, cada um deles se bastando a si próprio perfeitamente, se amarrassem um a outro por espontânea vontade. Tolstoi admira que o laço que une Natacha e Pierre seja algo "indefinível, mas firme, sólido, como a união de sua própria alma a seu corpo". Se se aceita a hipótese dualista, o corpo só representa para a alma uma simples facticidade; assim, na união conjugai, cada um teria para o outro o inelutável peso do dado contingente; é enquanto presença absurda e não escolhida, condição necessária e matéria mesma da existência que seria preciso assumi-lo e amá-lo. Estabelece-se uma confusão voluntária entre essas duas palavras e é daí que nasce a mistificação: o que se assume não se ama. Assume-se o corpo, o passado, a situação presente: mas o amor é movimento para um outro, para uma existência separada da própria, para um fim, um futuro; a maneira de assumir um fardo, uma tirania, não consiste em amá-lo e sim em se revoltar. Uma relação humana não tem valor enquanto é suportada no imediato; as relações dos filhos com os pais, por exemplo, só adquirem valor quando se refletem numa consciência; não se pode admirar nas relações conjugais que recaiam no imediato e que neste os cônjuges enterrem sua liberdade. Essa mistura complexa de apego, rancor, ódio, normas, resignação, preguiça, hipocrisia, que se chama amor conjugai, só o pretendem respeitar porque serve de *álibi*. Mas a amizade é como o amor físico, para que seja autêntica é preciso primeiramente que seja livre. Liberdade não quer dizer capricho: um sentimento é um compromisso que ultrapassa o instante; mas só ao indivíduo cabe confrontar sua vontade geral e suas condutas particulares de modo a manter sua decisão ou, ao contrário, quebrá-la; o sentimento é livre quando não depende de nenhuma palavra de ordem exterior, quando é vivido sem medo em uma sinceridade. A palavra de ordem do "amor conjugal" incita, ao contrário, a todos os recalques, a todas as mentiras. Antes de tudo, impede que os espo-

ausente; do mesmo modo quando se diz de um homem que ele é "muito comunista" já se está dizendo que não é um comunista; um "homem muito honesto" é um homem que não pertence à simples categoria dos homens honestos etc.

sos se conheçam realmente. A intimidade quotidiana não cria compreensão nem simpatia. O marido respeita demais a mulher para se interessar pelos avatares da vida psicológica que ela vive; seria reconhecer-lhe uma autonomia secreta que poderia evidenciar-se incômoda, perigosa; tem ela realmente prazer na cama? Gosta realmente do marido? Sente-se realmente feliz em lhe obedecer? Êle prefere não se interrogar a esse respeito; tais problemas parecem-lhe até chocantes. Desposou uma "mulher honesta", que é por essência virtuosa, devotada, fiel, pura, feliz e que pensa o que se deve pensar. Um doente, depois de ter agradecido seus amigos, seus parentes, suas enfermeiras, disse a sua jovem mulher que durante seis meses não saíra de sua cabeceira: "A ti não agradeço, cumpriste apenas teu dever". O marido não atribui nenhum mérito a nenhuma das qualidades da mulher; são garantidas pela sociedade, estão implícitas na própria instituição do casamento; êle não percebe que a mulher não sai de um livro de Bonald, que é um indivíduo de carne e osso; encara como dada a fidelidade dela às normas que ela se impõe: que tenha de vencer tentações, que talvez fraqueje, que em todo caso sua paciência, sua castidade, sua decência sejam conquistas difíceis, não o leva em conta; ignora mais radicalmente ainda os sonhos dela, seus fantasmas, suas nostalgias, o clima afetivo em que vive seus dias. Chardonne mostra-nos em *Eve* um marido que durante anos escreve um diário de sua vida conjugal: fala da mulher com matizes delicados, mas somente da mulher tal qual a vê, tal qual é para êle, sem nunca lhe restituir sua dimensão de indivíduo livre: é fulminado quando vem a saber de repente que ela não o ama, que o abandona. Falou-se amiúde da desilusão do homem ingênuo e leal diante da perfídia feminina; é escandalizados que os maridos de Bernstein descobrem que a companheira de sua existência é ladra, má, adúltera; recebem o golpe com uma coragem viril mas nem por isso deixa o autor de malograr em apresentá-los como generosos e fortes; eles se nos afiguram principalmente uns estúpidos isentos de sensibilidade e de boa vontade; o homem condena a dissimulação nas mulheres, mas é preciso muita complacência para se deixar ludibriar com tanta constância. A mulher está votada à imoralidade porque a moral consiste para ela em encarnar uma entidade inumana: a mulher forte, a mãe admirável, a mulher de bem etc. Desde que pense, que sonhe, que deseje, que respire sem palavra de ordem, está traindo o ideal masculino. É por isso que tantas mulheres só se permitem

"ser autênticas" na ausência do marido. Reciprocamente, a mulher não conhece o marido; crê perceber-lhe a fisionomia verdadeira porquê o apreende em sua contingência quotidiana: mas o homem é antes de mais nada o que *faz* no mundo, entre outros homens. Recusar compreender o movimento de sua transcendência é desnaturá-lo. "A gente casa com um poeta, diz Elise, e, quando se é mulher dele, o que se observa primeiramente é que esquece de puxar o cordão da privada" (cf. Jouhandeau, *Chroniques maritales*). Nem por isso é êle menos poeta e a mulher que não se interessa pelas suas obras conhece-o menos do que um leitor qualquer. Muitas vezes, a mulher não tem culpa de que essa cumplicidade lhe seja proibida: ela não pode pôr-se a par dos negócios do marido, não tem a experiência, a cultura necessária para "seguir-lo": malogra em se unir a êle através dos projetos bem mais essenciais para êle do que a repetição monótona dos dias. Em certos casos privilegiados, a mulher pode conseguir tornar-se uma verdadeira companheira para o marido: discute-lhe os projetos, aconselha-o, participa dos trabalhos dele. Mas embala-se com ilusões se acredita realizar assim uma obra pessoal: êle continua sendo a única liberdade atuante e responsável. É preciso que ela o ame para encontrar alegria em servi-lo; sem amor só terá despeito porque se sentirá frustrada do produto de seus esforços. Os homens — fiéis ao conselho de Balzac, de tratar a mulher como escrava embora a persuadindo de que é rainha — exageraram propositadamente a importância da influência exercida pelas mulheres; no fundo sabem muito bem que mentem. Georgette Leblanc foi vítima dessa mistificação quando reclamou de Maeterlinck que inscrevesse os nomes de ambos no livro que ela acreditava terem escrito juntos. No prefácio dos *Souvenirs* da cantora, Grasset explica-lhe sem cerimônia que todo homem concorda em saudar, na mulher com quem partilha a vida, uma associada, uma inspiradora, mas não encara menos por isso seu trabalho como lhe pertencendo pessoalmente; e com razão. Em toda ação, em toda obra é o momento da escolha e da decisão que conta. A mulher desempenha geralmente o papel da bola de cristal que os videntes consultam: qualquer uma serviria. E a prova está em que muitas vezes o homem acolhe com a mesma confiança outra conselheira, outra colaboradora. Sofia Tolstoi copiava os manuscritos do marido, passava-os a limpo: mais tarde êle encarregou uma das filhas do trabalho; Sofia compreendeu então que nem o seu zelo a tornara indispensável. Só um tra-

balho autônomo pode assegurar à mulher uma autonomia autêntica¹.

A vida conjugal assume, segundo os casos, aspectos diferentes. Para numerosas mulheres o dia desenrola-se da mesma maneira mais ou menos. Pela manhã, o marido deixa a esposa apressadamente: é com prazer que ela ouve a porta fechar-se atrás dele; gosta de reencontrar-se livre, sem ordens, soberana em sua casa. Os filhos partem por sua vez para a escola: ela ficará sozinha durante o dia todo; o bebê que se agita no berço ou brinca no parque não é uma companhia. Ela dedica um tempo mais ou menos demorado à *toilette*, à casa; se tem criada, dá-lhe ordens, mexe um pouco na cozinha tagarelando; ou dá um giro na feira, troca algumas palavras sobre o custo de vida com as vizinhas ou os fornecedores. Se o marido e os filhos voltam para almoçar, ela não aproveita muito a presença deles; tem mais que fazer, preparar a refeição, servir, tirar a mesa; o mais das vezes eles não voltam. De qualquer maneira tem diante de si uma tarde longa e vazia. Leva os filhos mais novos ao jardim público, faz tricô ou cose enquanto os vigia; ou sentada à janela, em casa, conserta roupa; suas mãos trabalham, seu espírito não; remói preocupações, esboça projetos; devaneia, aborrece-se; nenhuma de suas ocupações se basta a si mesma; seu pensamento está voltado para o marido, para os filhos que usarão as camisas consertadas, que comerão a comida que ela prepara; vive só para eles; em que lhe são eles gratos? Pouco a pouco seu tédio vira impaciência, ela começa a esperar com ansiedade a volta deles. Os filhos chegam da escola, ela beija-os, interroga-os, mas eles precisam fazer suas lições, têm vontade de brincar, escapam, não são uma distração. Depois, tiveram notas más, perderam um lenço, fazem barulho, desordem, brigam; é sempre mais ou menos preciso ralar com eles; a presença deles cansa mais a mãe do que a acalma. Ela espera cada vez mais imperiosamente o marido. Que estará fazendo? Por que não voltou ainda? Ele trabalhou, viu gente, conversou, não pensou nela; põe-se a ruminar com nervo-

(¹) Há, por vezes, uma colaboração *verdadeira* entre o homem e a mulher, colaboração em que os dois são igualmente autônomos: como, por exemplo, no caso do casal Joliot-Curie. Mas então a mulher, tao competente quanto o marido, larga o papel de esposa; as relações entre ambos não são mais de ordem conjugal. Há também mulheres que se valem do marido para atingir objetivos mais pessoais; escapam assim à condição de mulher casada.

sismo que é tola por lhe sacrificar a mocidade, não lhe será grato. O marido, a caminho da casa onde a mulher se encerrou, sente que é vagamente culpado; nos primeiros tempos de casado, trazia umas flores, um presentezinho; mas esse rito logo carece de sentido; agora êle chega de mãos abanando e tem tanto menos pressa em chegar quanto apreende o acolhimento quotidiano. Com efeito, muitas vezes a mulher vinga-se do tédio com uma cena, vinga-se da espera do dia; com isso previne-se também contra a decepção que não satisfará as esperanças da espera. Mesmo se cala suas queixas, o marido desilude-se por sua vez. Não se diverteu no escritório, está cansado; tem um desejo contraditório de excitação e repouso. A fisionomia demasiado familiar da mulher não o arranca de si mesmo; sente que ela gostaria que êle partilhasse as preocupações dela, que espera também distração e relaxamento: sua presença pesa-lhe sem lhe dar satisfação ou descanso verdadeiro. Os filhos não trazem tampouco divertimento ou paz: refeição e noite decorrem em meio a um vago mau humor; lendo, ouvindo o rádio, conversando molemente. Sob a intimidade aparente, continuarão sós. Entretanto, a mulher pergunta-se com uma esperança ansiosa — ou uma apreensão não menos ansiosa — se nessa noite (finalmente! ainda!) alguma coisa acontecerá. Adormece, desiludida, irritada ou aliviada; é com prazer que ouvirá a porta bater amanhã cedo. A sorte das mulheres é tanto mais dura quanto mais pobres e sobrecarregadas de trabalho; melhora quando têm lazeres e distrações ao mesmo tempo. Mas este esquema — tédio, espera, decepção — se encontra em muitos casos.

Certas evasões¹ apresentam-se à mulher; mas na prática não são permitidas a todas. Na província particularmente, as cadeias do matrimônio são pesadas; é preciso que a mulher encontre uma maneira de assumir uma situação a que não pode fugir. Algumas há, já o vimos, que se enchem de importância e tornam-se matronas tirânicas, megeras. Outras comprazem-se no papel de vítimas, fazem-se escravas infelizes do marido, dos filhos, e tiram disso uma alegria masoquista. Outras perpetuam as condutas narcisistas que descrevemos a propósito da jovem; sofrem, elas também, de não se realizar em nenhuma empresa e de, não se "fazendo ser nada", não serem nada. Indefinidas, sentem-se ilimitadas e se imaginam menosprezadas; rendem-se a si mesmas

(¹) Cf. cap. VII.

um culto melancólico; refugiam-se em sonhos, em comédias, doenças, manias, cenas; criam dramas em torno de si ou se encerram em um mundo imaginário; a "sorridente Mme Beudet" que Amiel pintou, é dessa espécie. Encerrada na monotonia de uma vida provinciana, ao lado de um marido grosseiro, não tendo oportunidade de agir nem de amar, é corroída pelo sentimento do vazio e da inutilidade de sua vida; tenta encontrar uma compensação em devaneios romanescos, nas flores de que se cerca, nos vestidos, em sua personagem: até esses jogos o marido perturba. Ela acaba tentando matá-lo. As condutas simbólicas com que a mulher se evade podem acarretar perversões, suas obsessões levar ao crime. Há crimes conjugais que são ditados menos por interesse do que por puro ódio. Assim é que Mauriac nos mostra Thérèse Desqueyroux tentando envenenar o marido como o fez outrora Mme Lafarge. Absolveu-se ultimamente uma mulher de 40 anos que durante vinte suportara um marido odioso e que um dia, friamente, o estrangulara com a ajuda do filho mais velho. Não havia para ela outro meio de se libertar de uma situação intolerável.

A uma mulher que intenta viver sua situação com lucidez e autenticidade não sobra muitas vezes senão o recorrer a um orgulho estoico. Como depende de tudo e de todos, só pode conhecer uma liberdade toda interior, logo abstrata; recusa os princípios e os valores convencionais, julga, interroga e assim escapa da escravidão conjugai; mas sua reserva altiva, sua adesão à fórmula "suporta e abstém-te" não constituem senão uma atitude negativa. Retesada na renúncia, no cinismo, carece de um emprego positivo de suas forças; enquanto é entusiasta, viva, esforça-se engenhosamente por utilizá-las: auxilia os outros, consola, protege, dá, multiplica suas ocupações; mas sofre por não encontrar nenhuma tarefa que realmente a solicite, por não consagrar sua atividade a nenhum fim. Corroída, muitas vezes, pela solidão e pela esterilidade, acaba por se renegar, se destruir. Exemplo notável de um tal destino é-nos dado por Mme de Charrière. No atraente livro que lhe dedicou (*O Retrato de Zélida*), Geoffrey Scott no-la apresenta com "traços de fogo, fronte de gelo". Mas não foi a razão que apagou nela essa chama de vida que, no dizer de Hermenches teria "aquecido um coração de lapão"; foi o casamento que lentamente assassinou a deslumbrante Bela de Zuylen; fez de sua resignação razão: fora preciso heroísmo ou gênio para inventar outra saída. Que suas grandes e raras qualidades não tenham bastado para salvá-la, é uma das mais

irrecusáveis condenações da instituição conjugai que se nos depa-
param na história.

Brilhante, culta, inteligente, ardente, Mlle de Tuyle espantava a Europa; assustava os pretendentes; recusou contudo mais de doze, mas outros, talvez mais aceitáveis, recuaram. O único homem que a interessava, Hermenches, não havia como pensar em tê-lo por marido. Manteve, com êle, correspondência durante doze anos, mas essa amizade, seus estudos, acabaram não lhe bastando mais; "virgem e mártir" é um pleonasma, dizia; e as limitações da vida em Zuylen eram-lhe insuportáveis; queria tornar-se mulher, ser livre; com 30 anos, desposou M. de Charrière; apreciava a "honestidade de coração" que encontrava nele, "seu espírito de justiça" e resolveu a princípio fazer dele "o marido mais ternamente amado do mundo". Benjamin Constant contará mais tarde que ela "o atormentara muito para imprimir -lhe um ritmo igual ao seu"; não conseguiu vencer a fleuma metódica dele; encerrada, em Colombier, entre esse marido honesto e melancólico, um sogro senil, duas cunhadas sem encantos, Mme de Charrière começou a entediar-se. A sociedade provinciana de Neufchâtel desagradava-lhe pelo espírito estreito e a chatice; passava os dias lavando a roupa da casa e as noites a jogar *comète*. Um jovem passou pela sua vida, rapidamente, e deixou-a mais só ainda do que antes. "Valendo-se do tédio como musa", escreveu quatro romances sobre os costumes de Neufchâtel, e o círculo de amigos diminuiu mais ainda. Em uma de suas obras, ela pinta a prolongada desgraça de um casamento de uma mulher viva e sensível com um homem bom mas frio e pesadão: a vida conjugai apresentava-se a ela como uma seqüência de mal-entendidos, decepções, mesquinhos rancores. Era visível que ela própria era infeliz; caiu doente, restabeleceu-se, retornou à longa solidão de sua vida a dois. "É evidente que a rotina da vida em Colombier e a doçura negativa e cordata do marido abriam vazios que nenhuma atividade podia encher", escreve seu biógrafo, Foi então que surgiu Benjamin Constant que a ocupou apaixonadamente durante oito anos. Quando, demasiado altiva para disputá-lo a Mme de Staël, renunciou a êle, seu orgulho consolidou-se. Escrevera-lhe um dia: "Ficar em Colombier era-me odioso e nunca lá voltava sem desespero. Não quis mais deixá-lo e tornei-o suportável". Ali se fechou e não saiu de seu jardim durante quinze anos: assim aplicava ela o preceito estóico: procurar dominar o coração ao invés da sorte. Prisioneira, só podia encontrar a liberdade escolhendo sua prisão.

"Aceitava a presença de M. de Charrière a seu lado como aceitava a dos Alpes", diz Scott. Mas era demasiado lúcida para não compreender que essa resignação não passava afinal de uma ilusão; tomou-se tão inacessível, tão dura(adivinhavam-na tão desesperada que assustava. Abrira sua casa aos emigrados que afluíam a Neufchâtel, protegia-os, socorria-os, orientava-os; escrevia obras elegantes e desencantadas que Hüber, filósofo alemão na miséria, traduzia; prodigalizava seus conselhos a um grupo de jovens senhoras e ensinava Locke a Henriette, sua predileta; gostava de desempenhar o papel de providência junto aos camponeses dos arredores; evitando dia a dia mais cuidadosamente a sociedade de Neufchâtel, restringia orgulhosamente sua vida; "esforçava-se tão somente por criar rotina e suportá-la. Mesmo seus gestos de infinita bondade comportavam algo assustador, a tal ponto era enregelante o sangue-frio que os determinava... Deu a impressão aos que a cercavam de uma sombra que passa num quarto vazio" (G. Scott). Em raras ocasiões — uma visita, por exemplo — a chama de vida acendia-se. Mas "os anos passavam de um modo árido. M. e Mme de Charrière envelheciam juntos, separados entretanto por um mundo, e mais de um visitante, dando um suspiro de alívio ao deixar a casa, teve a impressão de escapar de um túmulo fechado... A pêndula batia seu tique-taque, M. de Charrière, embaixo, entregava-se a suas matemáticas; da granja subia o som ritmado dos manguais. . . A vida continuava embora os manguais lhe tivessem arrancado o grão. . . Uma vida de pequenos fatos, desesperadamente reduzidos a encher as fendas do dia, eis a que chegara essa Zélida que detestava a mesquinharia".

Dir-se-á talvez que a vida de M. de Charrière não foi muito mais alegre que a da mulher; escolhera-a, pelo menos; e parece que convinha à sua mediocridade. Imagine-se porém um homem dotado das qualidades excepcionais da Bela de Tuyle: é certo que não se teria consumido na árida solidão de Colombier. Teria conquistado seu lugar no mundo em que houvesse empreendido, lutado, agido, vivido. Quantas mulheres, tragadas pelo casamento, foram, no dizer de Stendhal, "perdidas para a humanidade"! Disseram que o casamento diminui o homem: é muitas vezes verdade; mas aniquila sempre a mulher. O próprio Marcel Prévost, defensor do casamento, o admite:

Cem vêzes, ao reencontrar ao fim de alguns anos uma jovem mulher que eu conhecera solteira, ficava impressionado com a banalidade de seu caráter, com a insignificância de sua vida.

São palavras idênticas às que encontramos em Sofia Tolstoi, seis meses depois das núpcias.

Minha existência é de uma tal banalidade, é uma morte. Ao passo que êle tem uma vida plena, uma vida interior, talento e imortalidade (23-12-1863).

Dias antes deixara escapar outra queixa:

Como poderia uma mulher contentar-se com ficar sentada durante todo o dia, com uma agulha na mão, ou a tocar piano, sozinha, absolutamente só, se pensa que o marido não a ama e a reduziu para sempre à escravidão? (9 de maio de 1863).

Onze anos mais tarde escreve estas palavras que, ainda agora, muitas mulheres casadas subscrevem (22-10-1875):

Hoje, amanhã, meses, anos, é sempre a mesma coisa. Acordo de manhã e não tenho coragem de sair da cama. Quem me ajudará a me sacudir? Que é que me espera? Sim, eu sei, o cozinheiro vai chegar e depois será a vez de Niannia. Em seguida vou sentar-me em silêncio com um bordado inglês, depois, gramática e escalas. Ao cair da noite voltarei a meu bordado inglês, enquanto titia e Pierre farão suas eternas paciências. . .

A queixa de Mme Proudhon tem exatamente o mesmo tom. "Você tem suas idéias, dizia ao marido. Mas eu, quando você trabalha, quando os filhos estão na escola, não tenho nada."

Muitas vezes, durante os primeiros anos, a mulher cultiva ilusões, tenta admirar incondicionalmente o marido, amá-lo sem restrições, sentir-se indispensável a êle e aos filhos; depois, seus verdadeiros sentimentos se revelam; percebe que o marido poderia viver sem ela, que os filhos são feitos para se desprenderem dela: são sempre mais ou menos ingratos. O lar não a protege mais contra sua liberdade vazia; reencontra-se solitária, abandonada, um objeto; não sabe o que fazer de si mesma. Afeições, hábitos podem ser-lhe de grande auxílio, não uma salvação. Todas as escritoras sinceras notaram essa melancolia que habita o coração das "mulheres de trinta anos"; é um traço comum às heroínas de Katherine Mansfield, de Dorothy Park, de Virgínia Woolf. Cécile Sauvage, que cantou tão alegremente, no início da vida, o casamento e a maternidade, exprime posteriormente uma delicada angústia. É de notar, comparando o número de suicídios femininos perpetrados por celibatárias e mulheres casadas, que estas se acham sòlidamente protegidas contra o desgosto de viver entre 20 e 30 anos (principalmente entre 25 e

30), mas não nos anos seguintes. "Quanto ao casamento, escreve Halbwachs¹, protege as mulheres da província tanto quanto as de Paris, principalmente até os trinta anos, mas de menos em menos nas idades seguintes."

O drama do casamento não está no fato de que não assegura à mulher a felicidade que promete — não há seguro de felicidade — e sim no fato de que a mutila; obriga a mulher à repetição e à rotina. Os vinte primeiros anos da vida feminina são de extraordinária riqueza; a mulher passa pelas experiências da menstruação, da sexualidade, do casamento, da maternidade; descobre o mundo em seu destino. Com vinte anos, dona de um lar, presa para sempre a um homem, com um filho nos braços, eis a vida acabada definitivamente. As ações verdadeiras, o verdadeiro trabalho são apanágio do homem; ela só tem ocupações que são por vezes exaustivas mas que não a satisfazem. Louvaram-lhe a renúncia, a dedicação; mas parece-lhe muitas vezes inteiramente vão consagrar-se "ao cuidado de dois seres quaisquer até o fim da vida deles". É muito bonito esquecer-se, cumprir porém saber para quem e por quê. O pior é que até sua dedicação se apresenta como importuna; converte-se aos olhos do marido era uma tirania a que êle tenta escapar; é no entanto êle que a impõe à mulher como sua suprema e única justificação. Desposando-a, obriga-a a entregar-se totalmente a êle; não aceita a obrigação recíproca, que é aceitar o dom. As palavras de Sofia Tolstoi: "Vivo por êle, para êle; exijo a mesma coisa para mim", são certamente revoltantes; mas Tolstoi exigia com efeito que ela só vivesse por êle e para êle, atitude que só a reciprocidade pode justificar. É a duplicidade do marido que destina a mulher a uma infelicidade de que êle se queixa de ser vítima em seguida. Assim como na cama êle a quer quente e fria a um tempo, êle a reclama totalmente entregue e no entanto sem peso; pede que o amarre ao chão e que o deixe livre, que lhe garanta a repetição monótona dos dias e que não o aborreça, que esteja sempre presente mas não seja importuna; quer tê-la inteiramente para êle mas não lhe pertencer; viver junto mas continuar sozinho. Assim, desde o momento em que a desposa, mistifica-a. Ela passa a existência medindo a extensão dessa traição; O que diz D. H. Lawrence do amor sexual é geralmente válido: a união de dois seres humanos é destinada ao malogro,

(¹) *Les Causes du Suicide*, págs. 195-239. A observação citada aplica-se a França e à Suíça mas não à Hungria nem ao Oldenburgo.

se constitui um esforço para se completarem mutuamente, o que supõe uma mutilação original; seria preciso que o casamento fosse a união de duas existências autônomas, não uma abdicação, uma anexação, uma fuga, um remédio. É o que compreende Nora (Ibsen, *A Casa das Bonecas*) quando decide que, antes de poder ser uma esposa e mãe, precisa tornar-se uma pessoa. Seria necessário que o casal não se considerasse como uma comunidade, uma célula inconsútil, e sim que o indivíduo fosse, enquanto indivíduo, integrado numa sociedade no seio da qual pudesse desabrochar sem ajuda; ser-lhe-ia então permitido, dentro de uma generosidade pura, criar laços com outro indivíduo igualmente adaptado à coletividade, laços que teriam fundamentos no reconhecimento de duas liberdades.

Esse casal equilibrado não é uma utopia; existe por vezes dentro do quadro do casamento, o mais das vezes fora. Alguns são unidos por um grande amor sexual que os deixa livres em suas amizades e ocupações; outros são ligados por uma amizade que não entrava sua liberdade sexual; há, mais raramente, os que são ao mesmo tempo amigos e amantes, mas sem procurar um no outro sua razão exclusiva de viver. Numerosos matizes são possíveis nas relações de um homem com uma mulher: na camaradagem, no prazer, na confiança, na ternura, na cumplicidade, no amor, podem ser um para o outro a mais fecunda fonte de alegria, de riqueza, de força que se propõe um ser humano. Não são os indivíduos os responsáveis pelo malogro do casamento: é — ao contrário do que pretendem Bonald, Comte, Tolstoi — a própria instituição, desde a origem, pervertida. Declarar que um homem e uma mulher, que não se escolheram sequer, *devem* bastar-se de todas as maneiras ao mesmo tempo durante toda a vida é uma monstruosidade que engendra necessariamente hipocrisia, mentira, hostilidade, infelicidade.

A forma tradicional do casamento vem sofrendo modificações, mas o casamento continua ainda a constituir uma opressão que os dois cônjuges sentem de maneira diferente. Considerando-se apenas os direitos abstratos de que gozam, são ambos quase iguais hoje; escolhem-se mais livremente do que outrora, podem muito mais facilmente separar-se, sobretudo na América do Norte onde o divórcio é comum; há entre os esposos menor diferença de idade e de cultura do que antes; o marido reconhece com maior boa vontade a autonomia que a mulher reivindica; algumas vezes partilham em igualdade de condições os cuidados da casa; suas distrações são comuns: *camping*, bicicleta, natação etc. Ela não passa

os dias a aguardar a volta do marido: pratica esporte, filia-se a associações, a clubes, tem ocupações fora de casa, tem até, às vezes, uma pequena atividade que lhe dá algum dinheiro. Muitos jovens casais dão a impressão de uma perfeita igualdade. Mas, enquanto o homem conserva a responsabilidade econômica do casal isso não passa de ilusão. Ele é quem fixa o domicílio conjugai segundo as exigências de seu trabalho: ela *acompanha-o* da província para Paris, de Paris para a província, às colônias, ao estrangeiro; o nível de vida estabelece-se de acordo com o que ele ganha; o ritmo dos dias, das semanas do ano regula-se em obediência às ocupações dele e de sua profissão dependem as relações e amizades. Estando mais positivamente integrado na sociedade do que a mulher, conserva o marido a direção do casal nas coisas intelectuais, políticas e morais. O divórcio para a mulher é apenas uma possibilidade abstrata, em não tendo ela meios de ganhar a própria vida: se na América do Norte o *alimony* é um pesado encargo para o homem, em França a sorte da mulher, da mãe abandonada com uma mesada irrisória, é um escândalo. Mas a desigualdade profunda vem do fato de que o homem se realiza concretamente no trabalho ou na ação, ao passo que, para a esposa, enquanto esposa, a liberdade tem apenas um aspecto negativo: a situação das jovens norte-americanas lembra a das romanas emancipadas da decadência. Vimos que estas tinham a escolha entre dois tipos de conduta: umas perpetuavam o modo de vida e as virtudes das avós; outras passavam a vida numa agitação vã; assim também numerosas norte-americanas permanecem "mulheres do lar" segundo o modelo tradicional; outras, em sua maioria, não fazem senão dissipar suas forças e seu tempo. Em França, por maior que seja a boa vontade do marido, os encargos do lar não acabrunham menos que outrora a mulher casada, desde que se torne mãe.

É lugar-comum declarar que nos lares modernos, e principalmente nos Estados Unidos, a mulher reduz o homem à escravidão. O fato não é novo. Desde os gregos os homens se queixam da tirania de Xantipa; a verdade é que a mulher intervém agora em terrenos que lhe eram outrora proibidos; conheço, por exemplo, mulheres de estudantes que dedicam ao êxito de seu homem uma obstinação frenética; regulam o emprego do tempo, o regime, vigiam o trabalho dele, coíbem-lhe as distrações, pouco falta para que o fechem a chave. É verdade também que o homem se encontra mais desarmado do que outrora ante esse despotismo; ele reconhece direitos abstratos à mulher e compreende

que ela só os pode tornar concretos através dele: é a expensas próprias que êle compensa a impotência, a esterilidade a que a mulher é condenada. Para que na associação de ambos se realize uma aparente igualdade, é preciso que seja êle quem dê mais, pelo fato de possuir mais. Porém, precisamente, se ela recebe, toma, exige, é porque é a mais pobre. A dialética do senhor e do escravo encontra aqui sua aplicação mais concreta: oprimindo, torna-se o opressor oprimido. É por sua própria soberania que os homens estão encadeados; é porque só eles ganham dinheiro que a esposa exige cheques, porque só eles exercem uma profissão é que a esposa exige que tenham êxito, porque só eles encarnam a transcendência é que ela a quer roubar-lhe fazendo seus os projetos e os êxitos do marido. Inversamente, a tirania exercida pela mulher não faz mais do que manifestar sua dependência: ela sabe que o êxito do casal, seu futuro, sua felicidade e justificação dependem do outro; se procura com afincos submetê-lo à sua vontade, é porque está alienada nele. É de sua fraqueza que faz uma arma; mas na realidade é fraca. A escravidão conjugal é mais quotidiana e mais irritante para o marido; mas é mais profunda para a mulher; a mulher que retém o marido junto de si durante horas porque se aborrece, cerceia-o e pesa-lhe; mas, afinal de contas, êle pode mais facilmente viver sem ela do que ela sem êle; se a abandona, ela é que fica com a vida arruinada. A grande diferença está em que, na mulher, a dependência é interiorizada: ela é escrava, mesmo quando se conduz com aparente liberdade; ao passo que o homem é essencialmente autônomo e é de fora que se acorrenta. Se tem a impressão de ser a vítima, é porque os encargos que suporta são mais evidentes: a mulher alimenta-se dele como um parasito, e um parasito não é um senhor triunfante. Em verdade, assim como biologicamente machos e fêmeas nunca são vítimas um do outro mas, juntos, da espécie, assim também os esposos suportam juntos a opressão de uma instituição que não criaram. Se se diz que os *homens* oprimem as *mulheres*, indigna-se o marido; êle é que se sente oprimido: êle o é. Mas, na realidade, é o código masculino, é a sociedade elaborada pelos homens em obediência a seu interesse, que definem a condição feminina sob uma forma que é, presentemente, uma fonte de tormentos para ambos os sexos.

É tendo em vista o interesse comum deles que seria preciso modificar a situação, proibindo que o casamento seja para a mulher uma "carreira". Os homens que se declaram antifeministas, a pretexto de que "as mulheres já são bastante infernais, assim

como são", raciocinam sem muita lógica: é exatamente porque o casamento faz delas "fêmeas de louva-a-deus", "sanguessugas", "megeras" que é necessário modificar o casamento e, conseqüentemente, a condição feminina em geral. A mulher pesa tão fortemente ao homem porque lhe proibiram de se apoiar em si mesma: êle se libertará libertando-a, isto é, dando-lhe alguma coisa que *fazer* neste mundo.

Há jovens mulheres que já tentam conquistar essa liberdade positiva; mas raras são as que perseveram durante muito tempo em seus estudos ou sua profissão; o mais das vezes sabem que o interesse de seu trabalho será sacrificado à carreira do marido; só trarão para o lar um salário suplementar; só se empenham timidamente numa empresa que não as arranque à servidão conjugal. As que têm uma profissão séria não tiram dela os mesmos benefícios sociais que os homens: as mulheres de advogados, por exemplo, têm direito a uma pensão quando do falecimento do marido, mas recusou-se às advogadas o direito simétrico de uma pensão ao marido no caso de falecimento delas. Isso significa que não se considera que a mulher que trabalha sustente o casal em pé de igualdade com o homem. Há mulheres que encontram em sua profissão uma independência verdadeira; mas são numerosas aquelas para quem o trabalho "fora de casa" não representa no quadro do casamento senão uma fadiga a mais. Aliás, amiúde, o nascimento de um filho obriga-as a confinarem-se em seu papel de matrona; é atualmente muito difícil conciliar trabalho com maternidade.

É precisamente o filho que, segundo a tradição, deve assegurar à mulher uma autonomia concreta que a dispense de se dedicar a qualquer outro fim. Se como esposa não é um indivíduo completo, ela se torna esse indivíduo como mãe: o filho é sua alegria e sua justificação. É por êle que ela acaba de se realizar sexual e socialmente; é, pois, por êle que a instituição do casamento assume um sentido e atinge seu objetivo. Examinemos, portanto, essa suprema etapa do desenvolvimento da mulher.

CAPÍTULO II

A MÃE

/

E PELA MATERNIDADE que a mulher realiza integralmente seu destino fisiológico; é a maternidade sua vocação "natural", porquanto todo o seu organismo se acha voltado para a perpetuação da espécie. Mas já se disse que a sociedade humana nunca é abandonada à natureza. E, particularmente, há um século, mais ou menos, a função reprodutora não é mais comandada pelo simples acaso biológico: é controlada pela vontade¹. Certos países adotaram oficialmente métodos precisos de *birth-control*; nas nações submetidas à influência do catolicismo, esse controle realiza-se clandestinamente: ou o homem pratica o *coitus interruptus* ou a mulher expulsa os espermatozóides do corpo após o ato amoroso. Isso constitui, amiúde, uma fonte de conflitos e rancores entre amantes ou esposos; o homem irrita-se com ter de vigiar seu prazer; a mulher detesta a tarefa da lavagem; êle se ressentido com a fecundidade do ventre da mulher; ela receia esses germes de vida que êle arrisca depositar nela. E é uma consternação para ambos quando, apesar das precauções, ela "pega" um filho. O caso é freqüente nos países em que os métodos anti-concepcionais são rudimentares. Então o *anti-phisis* assume uma forma particularmente grave: o aborto. Igualmente proibido nos países que autorizam o *birth-control*, tem muito menor número de oportunidades de se propor. Mas na França é uma operação a que numerosas mulheres se vêem obrigadas a recorrer e que obsidia a vida amorosa da maioria delas.

Há poucos assuntos a cujo respeito a sociedade burguesa demonstre maior hipocrisia: o aborto é um crime repugnante a que

(¹) Cf. vol. I, págs. 152 e segs., em que se encontrará um histórico da questão do *birth-control* e do aborto.

é indecente aludir. Que um escritor descreva as alegrias e os sofrimentos de uma parturiente, é perfeito; que fale de uma abortante e logo o acusarão de chafurdar na imundície e de descrever a humanidade sob um aspecto abjeto: ora, há na França anualmente número igual de abortos e de nascimentos. É um fenômeno tão expandido que cumpre considerá-lo como um dos riscos normalmente implicados na condição feminina. O código obstina-se entretanto a fazer dele um delito: exige que essa operação delicada seja executada clandestinamente. Nada mais absurdo do que os argumentos invocados contra a legislação do aborto. Pretende-se que se trata de uma intervenção perigosa. Mas os médicos honestos reconhecem, como o Dr. Magnus Hirschfeld, que "o aborto feito pela mão de um médico especialista, numa clínica e com as medidas preventivas necessárias, não comporta esses graves perigos cuja existência a lei afirma". É, ao contrário, em sua forma atual que êle faz a mulher correr grandes riscos. A falta de competência das "fazedoras de anjos", as condições em que operam, engendram muitos acidentes, por vezes mortais. A maternidade forçada leva a deitar no mundo crianças doentias, que os pais serão incapazes de alimentar, que se tornarão vítimas da Assistência Pública, ou crianças mártires. Cabe observar, ademais, que a sociedade tão encarniçada na defesa dos direitos do embrião se desinteressa da criança a partir do nascimento; perseguem as praticantes do aborto ao invés de procurarem reformar essa escandalosa instituição que chamam Assistência Pública; deixam em liberdade os responsáveis que entregam os pupilos a verdugos; fecham os olhos à horrível tirania que exercem "em casas de educação" ou em residências privadas os carrascos de crianças; e, se recusam admitir que o feto pertence à mulher que o traz no ventre, asseguram por outro lado que o filho é coisa dos pais; acabamos de ver na mesma semana um cirurgião condenado por práticas abortivas suicidar-se e um pai, que batera no filho até quase mata-lo, ser condenado a apenas três meses de prisão *com sursis*. recentemente, um pai deixou o filho morrer de difteria por falta

de cuidados; uma mãe recusou chamar um médico para a filha, em nome de seu abandono incondicionado à vontade divina: crianças jogaram-lhe pedras no cemitério, mas com a indignação

de alguns jornalistas, uma coorte de pessoas de bem protestou declarando que os filhos pertenciam aos pais, que qualquer controle estranho era inaceitável. Há hoje "um milhão de crianças em perigo" diz o jornal *Ce Soir*; e o *France-Soir* imprime que "qui-

nhentas mil crianças se encontram em perigo físico ou moral". Na África do Norte, a mulher árabe não tem a possibilidade de provocar voluntariamente o aborto: em cada dez filhos que concebe, sete ou oito morrem e ninguém se incomoda com as penosas e difíceis maternidades matarem o sentimento materno. Se a moral se satisfaz com isso, que pensar de tal moral? É preciso acrescentar que os homens que mais respeitam a vida embrionária são também os que se mostram mais diligentes quando se trata de condenar adultos a uma morte militar.

As razões práticas invocadas contra o aborto legal não têm nenhum peso; quanto às razões morais, reduzem-se ao velho argumento católico: o feto possui uma alma a que se veda o paraíso, suprimindo-o antes do batismo. É de observar que a Igreja autoriza ocasionalmente a morte de homens feitos: nas guerras ou quando se trata de condenados à morte; reserva porém para o feto um humanitarismo intransigente. Não é êle resgatado pelo batismo, mas, na época das guerras santas contra os infiéis, estes não o eram tampouco e o massacre deles era fortemente encorajado. As vítimas da Inquisição não se achavam sem dúvida todas em estado de graça, como hoje o criminoso que é guilhotinado ou os soldados que morrem no campo de batalha. Em todos esses casos, a Igreja confia a decisão a Deus; ela admite que o homem não passa de um instrumento na mão dele e que a salvação de uma alma se resolve entre essa alma e Deus. Por que proibir então a Deus que acolha uma alma embrionária em seu Céu? Se um concílio lho autorizasse, êle não protestaria como não o fêz na bela época do piedoso massacre dos índios. Em verdade, chocamo-nos aqui contra uma velha tradição obstinada que nada tem com a moral. É preciso contar também com esse sadismo masculino de que já tive a oportunidade de falar. O livro que o Dr. Roy dedicou a Pétain em 1943 é um exemplo edificante; é um monumento de má-fé. Insiste êle, paternalmente, nos perigos do aborto, mas nada lhe parece mais higiênico do que uma cesariana. Êle quer que o aborto seja considerado um crime e não um delito; deseja que seja proibido mesmo em sua forma terapêutica, isto é, quando a gravidez põe em perigo a vida ou a saúde da mãe: é imoral escolher entre uma vida e outra, declara, e apoiando-se nesse argumento aconselha sacrificar a mãe. Declara que o feto não pertence à mãe, que é um ser autônomo. Entretanto, quando esses mesmos médicos bem pensantes exaltam a maternidade, afirmam que o feto faz parte do corpo materno, que não é um

parasito alimentando-se a expensas dele. Vê-se a que ponto o antifeminismo é ainda vivo pela obstinação de certos homens em recusar tudo o que pode libertar a mulher.

Demais, a lei, que condena à morte, à esterilidade, à doença muitas jovens mulheres, é totalmente impotente em assegurar um aumento da natalidade. Um ponto acerca do qual concordam partidários e inimigos do aborto legal, é o malogro radical da repressão. Segundo os professores Doléris, Bathazard, Lacassaane, teria havido na França 500.000 abortos por ano, por volta de 1933; uma estatística (citada pelo Dr. Roy), de 1938, calculava o número em um milhão. Em 1941, o Dr. Aubertin, de Bordéus, hesitava entre 800.000 e um milhão. Esta última cifra parece a mais próxima da verdade. Em um artigo de *Combat*, datado de março de 1948, o Dr. Desplas escreve:

O aborto entrou nos costumes... A repressão praticamente malogrou. .. No Seine, em 1943, 1.300 inquéritos acarretaram 750 inculpações com 360 mulheres detidas, 513 condenações de menos de um ano a mais de cinco, o que é pouco em relação aos 15.000 abortos presumidos no departamento. Em todo o território contam-se 10.000 processos.

E acrescenta:

O aborto dito criminoso é tão familiar a todas as classes sociais quanto as políticas anticoncepcionais aceitas pela nossa sociedade hipócrita. Dois terços das abortadas são mulheres casadas. . . Pode-se estimar aproximativamente que há na França o mesmo número de abortos que de nascimentos.

Em consequência de ser a operação praticada em condições amiúde desastrosas, muitos abortos terminam com a morte da abortada.

Dois cadáveres de mulheres abortadas chegam por semana ao instituto médico-legal de Paris; muitos abortos provocam doenças definitivas.

Disseram às vezes que o aborto era um "crime de classe" e é em grande parte verdade. As práticas anticoncepcionais são muito mais espalhadas na burguesia; a existência do banheiro torna sua aplicação mais fácil do que entre os operários e camponeses privados de água corrente; as moças da burguesia são mais prudentes do que as outras; os filhos representam um fardo menos pesado para o casal: a pobreza, a crise de habitação, a necessidade para a mulher de trabalhar fora de casa figuram entre as causas mais freqüentes do aborto. Parece que é muitas

vezes depois de duas maternidades que o casal resolve restringir os nascimentos; de modo que a abortada de traços horríveis é também a mãe magnífica que embala nos braços dois anjos louros: a mesma mulher. Em um documento publicado em *Temps Modernes* de outubro de 1945, sob o título de "Sala Comum", Mme Geneviève Sarreau descreve uma sala de hospital em que teve a oportunidade de ficar algum tempo e onde muitas das doentes acabavam de sofrer raspagens: 15 em 18 tinham tido abortos, sendo que mais de metade provocados. O número 9 era mulher de um carregador do mercado; de dois casamentos tivera 10 filhos vivos, de que restavam 3, e sete abortos sendo cinco provocados; empregava de bom grado a técnica do "gancho", que expunha com complacência, e também comprimidos que indicava às companheiras. O número 16, com 16 anos, casada, tivera aventuras e sofria de uma salpingite em consequência de um aborto. O número 7, de 35 anos, explicava: "Faz quinze anos que estou casada, nunca o amei; durante vinte anos conduzi-me decentemente. Há três meses foi que tive um amante. Uma só vez num quarto de hotel. Fiquei grávida.... Então foi preciso, não é? Pus para fora. Ninguém sabe, nem meu marido, nem... êle. Agora acabou, nunca mais recomeçarei. Sofre-se demais... Não me refiro à raspagem... Não, não, é outra coisa: é... amor-próprio, compreende". O número 14 tivera cinco filhos em cinco anos; com 40 anos tinha um ar de mulher velha. Era todas havia uma resignação feita de desespero: "a mulher foi feita para sofrer", diziam tristemente.

A gravidade dessa experiência varia muito segundo as circunstâncias. A mulher burguesamente casada ou confortavelmente sustentada, apoiada num homem, com dinheiro e relações sociais leva grande vantagem; primeiramente obtém muito mais facilmente uma licença para um aborto "terapêutico"; se necessário, tem os meios de pagar uma viagem à Suíça onde o aborto é deliberadamente tolerado; nas condições atuais da ginecologia, é uma operação benigna quando executada por especialista, com todas as garantias da higiene e, se preciso, os recursos da anestesia. Na ausência da cumplicidade oficial, ela encontra ajudas officiosas igualmente seguras: conhece bons endereços, tem bastante dinheiro para pagar cuidados conscienciosos e sem esperar que a gravidez se ache adiantada: tratá-la-ão com consideração; algumas dessas privilegiadas pretendem que esse pequeno acidente faz bem à saúde e dá brilho à tez. Inversamente há poucas desgraças mais lamentáveis do que a de uma moça sozinha, sem dinheiro

que se vê acuada a um "crime" a fim de apagar a mancha de um "erro" que os seus não perdoariam: é anualmente na França o caso de cerca de trezentas mil empregadas, secretárias, estudantes, operárias, camponesas; a maternidade ilegítima é ainda uma tara tão horrível que muitas preferem o suicídio ou o infanticídio à condição de mãe solteira: isso quer dizer que nenhuma penalidade a impediria de "botar para fora o filho". Caso banal e que se encontra amiúde é o que vem relatado numa confissão recolhida pelo Dr. Liepmann (*Jeunesse et sexualité*). Trata-se de uma berlinense, filha natural de um sapateiro e de uma doméstica:

Travei relações com o filho de um vizinho, dez anos mais velho do que eu... As carícias me pareceram tão inéditas que, meu Deus, deixei correr a coisa. Entretanto, de modo nenhum aquilo era amor. Êle continuou porém a iniciar-me, dando-me a ler livros sobre a mulher; finalmente dei-lhe a minha virgindade. Quando, depois de uma espera de dois meses, aceitei um lugar de preceptora na escola maternal de Speuze, estava grávida. Não tive mais regras durante dois outros meses. Meu sedutor escrevia-me que era absolutamente necessário fazê-las voltar bebendo petróleo e comendo sabão de cinza. Não sou capaz agora de descrever-lhe os tormentos que sofri... Tive que ir sozinha até o fim dessa miséria. O medo de ter um filho levou-me a fazer a coisa horrorosa. Foi então que aprendi a odiar o homem.

O pastor da escola tendo sabido da história por uma carta perdida, prega-lhe um sermão e ela separa-se do rapaz; tratam-na como ovelha negra.

Foi como se tivesse vivido dezoito meses numa casa de correção.

Em seguida ela se emprega como pagem na casa de um professor e aí permanece quatro anos.

Nessa época aprendi a conhecer um magistrado. Senti-me feliz por ter um homem de verdade a amar. Com meu amor dei-lhe tudo. Como consequência de nossas relações, aos 24 anos dei à luz um menino bem constituído. Tem êle hoje dezoito anos. Há nove anos e meio que nao revejo o pai... como achasse insuficiente a importância de 2.500 marcos e como, por seu lado, recusando dar um nome ao filho, renegasse sua paternidade, tudo terminou entre nós. Nenhum homem me inspira mais desejo.

E muitas vezes o próprio sedutor que convence a mulher a se desembaraçar do filho. Ou ele já a abandonou quando fica grávida, ou ela quer generosamente esconder-lhe a desgraça, ou nao encontra nenhum auxílio nele. Por vezes não é sem o lamentar que recusa o filho; ou porque não resolve logo supri-

mi-lo, ou porque não conhece nenhum endereço, ou ainda porque não tem dinheiro disponível e perdeu tempo tentando drogas ineficientes; já chegou ao terceiro, quarto, quinto mês da gravidez quando decide livrar-se do feto; o aborto será então infinitamente mais perigoso, mais comprometedor do que durante as primeiras semanas. A mulher sabe-o; é com angústia e desespero que o tenta; no campo o emprego da sonda não é muito conhecido; a camponesa que "errou" deixa-se cair da escada do celeiro, rola pelos degraus da escadaria, e muitas vezes machuca-se sem resultado; por isso acontece que se encontre nas cercas, nos cerrados, nas latrinas, algum cadáverzinho estrangulado. Na cidade, as mulheres auxiliam-se mutuamente. Mas nem sempre é fácil descobrir uma "fazedora de anjos" e menos ainda juntar a importância exigida; a mulher grávida pede socorro a um amiga ou opera-se a si mesma; essas cirurgias ocasionais são muitas vezes pouco competentes; facilmente se perfuram com gancho ou a agulha de tricô; um médico contou-me que uma cozinheira ignorante, querendo injetar vinagre no útero, injetou-o na bexiga, o que provocou horríveis sofrimentos. Brutalmente executado e mal tratado, o aborto, muitas vezes mais penoso do que um parto normal, é seguido de perturbações nervosas podendo ir até à beira do ataque epilético, provoca às vezes graves moléstias internas e pode desencadear uma hemorragia mortal. Colette contou em *Gribiche* a dura agonia de uma pequena dançarina de *music-hall* entregue às mãos ignorantes da mãe; um remédio habitual era, diz, beber uma solução concentrada de sabão e correr em seguida durante um quarto de hora: com tais tratamentos é muitas vezes matando a mãe que se suprime o filho. Falaram-me de uma datilógrafa que ficou durante quatro dias no quarto, banhada em sangue, sem comer nem beber, porque não ousara pedir socorro. É difícil imaginar abandono mais horrível do que esse em que a ameaça da morte se confunde com a do crime e da vergonha. A provação é menos rude [no caso de mulheres pobres, mas casadas, que agem de acordo com o marido e sem se atormentarem com escrúpulos inúteis: uma assistente social disse-me que nas favelas elas se aconselham mutuamente, emprestam instrumentos e se assistem tão simplesmente quanto se tratasse de extirpar calos. Mas suportam duros sofrimentos físicos; nos hospitais são obrigados a receber a mulher cujo abortamento se acha iniciado; mas *castigam-na* sãdicamente recusando-lhe qualquer calmante durante a operação final da raspagem. Como se vê do testemunho recolhido por G. Sarreau, tais

perseguições não indignam sequer as mulheres, demasiado habituadas ao sofrimento: mas elas são sensíveis às humilhações de que as cumulam. O fato de ser a operação clandestina e criminosa, multiplica-lhe os perigos e dá-lhe um caráter abjeto e angustiante. Dor, doença, morte assumem um aspecto de castigo: sabe-se que distância separa o sofrimento da tortura, o acidente da punição; através dos riscos que assume, a mulher apreende-se como culpada — é essa interpenetração da dor e do erro que se apresenta como singularmente penosa.

Esse aspecto moral do drama é sentido com maior ou menor intensidade segundo as circunstâncias. Para as mulheres muito livres de preconceitos, graças à sua fortuna, à sua situação social, ao meio a que pertencem, e para aquelas a quem a pobreza ou a miséria ensinaram o desdém da moral burguesa, quase não há problema: há um momento mais ou menos desagradável a passar, e é preciso passar por êle, eis tudo. Mas numerosas mulheres são intimidadas por uma moral que guarda seu prestígio a seus olhos, embora não possam adaptar sua conduta a ela; respeitam interiormente a lei que infringem e sofrem com cometer um delito; sofrem ainda mais por terem de apelar para cúmplices. Supor-tam primeiramente a humilhação de mendigar: mendigam um endereço, os cuidados do médico, da parteira; arriscam-se a ser maltratadas com altivez ou se expõem a uma convivência degradante. Convidar deliberadamente outrem a cometer um delito é uma situação que, em sua maioria, os homens ignoram e que a mulher vive num misto de medo e vergonha. Essa intervenção que reclama, muitas vezes, em seu coração, ela a rechaça. Acha-se dividida no interior de si mesma. É possível que seu desejo espontâneo seja conservar o filho que impede de nascer; mesmo que não deseje positivamente a maternidade, sente com mal-estar a ambigüidade do ato que pratica. Pois se não é verdade que o aborto seja um assassinio, não pode contudo ser assimilado a uma simples prática anticoncepcional; houve um acontecimento que e um começo absoluto e cujo desenvolvimento se detém. Certas mulheres serão obsidiadas pela recordação desse filho que não houve. Helen Deutsch (*Psychology of Women*) cita o caso de uma mulher casada, psicologicamente normal, que tendo, por causa de sua condição física, perdido duas vezes fetos de três meses, mandou erguer-lhes dois pequenos túmulos de que cuidou com grande devoção, mesmo depois do nascimento de numerosos unos. Com muito mais razão, em sendo o aborto provocado, terá muitas vezes a mulher o sentimento de ter cometido um pe-

cado. O remorso, que acompanha na infância o desejo ciumento da morte do irmãozinho recém-nascido, ressuscita e a mulher se sente culpada de ter realmente matado um filho. Melancolias patológicas podem exprimir esse sentimento de culpa. Ao lado das mulheres que pensam ter atentado contra uma vida estranha, muitas há que pensam ter sido mutiladas de uma parte de si mesmas; nasce disso um rancor contra o homem que aceitou ou solicitou a mutilação. H. Deutsch, mais uma vez, cita o caso de uma moça profundamente apaixonada pelo amante, que insistiu ela própria em fazer desaparecer um filho que seria um obstáculo à felicidade de ambos; ao deixar o hospital, recusou-se, e para sempre, a rever o homem que amava. Se uma ruptura tão definitiva é rara, em compensação é freqüente que a mulher se torne fria, seja com todos os homens, seja com o que a engravidou.

Os homens tendem a encarar o aborto com displicência; consideram-no como um desses numerosos acidentes a que a malignidade da natureza condenou as mulheres: não medem os valores que se acham empenhados no aborto. A mulher renega os valores da feminilidade, seus valores, no momento em que a ética masculina se contesta da maneira mais radical. Todo o universo moral dela é abalado. Com efeito, repetem à mulher desde a infância que ela é feita para engendrar e cantam-lhe o esplendor da maternidade; os inconvenientes de sua condição — regras, doenças etc. — o tédio das tarefas caseiras, tudo é justificado por esse maravilhoso privilégio de pôr filhos no mundo. E eis que o homem, para conservar sua liberdade, para não prejudicar seu futuro, no interesse de sua profissão, pede à mulher que renuncie a seu triunfo de fêmea. O filho não é mais um tesouro imensurável: engendrar não é mais uma função sagrada: essa proliferação torna-se contingente, importuna, é mais uma das taras da feminilidade. O aborrecimento mensal da menstruação apresenta-se, comparativamente, como abençoado: eis que se aguarda ansiosamente a volta do escorrimento vermelho que mergulhara a menina no desespero; foi prometendo as alegrias do parto que a tinham consolado. Mesmo consentindo no aborto, desejando-o, a mulher sente-o como um sacrifício de sua feminilidade: é preciso que ela veja em seu sexo, definitivamente, uma maldição, uma espécie de enfermidade, um perigo. Indo até o fim dessa renúncia, certas mulheres tornam-se homossexuais em consequência do traumatismo do aborto. Entretanto, no mesmo momento em que, para melhor realizar seu destino, o homem

pede à mulher que sacrifique suas possibilidades carnaais, denuncia a hipocrisia do código moral dos homens. Estes proíbem universalmente o aborto; mas aceitam-no singularmente como solução cômoda; é-lhes possível contradizerem-se com um cinismo absurdo; mas a mulher experimenta essas contradições em sua carne ferida; ela é geralmente demasiado tímida para se revoltar deliberadamente contra a má-fé masculina; conquanto considerando-se vítima de uma injustiça que a decreta criminosa à força, sente-se humilhada, maculada; ela é que encarna, numa figura concreta e imediata, em si, a falta do homem; êle comete a falta, mas livra-se dela na mulher; êle diz somente palavras, num tom suplicante, ameaçador, sensato, furioso: esquece-as depressa; cabe a ela traduzir essas frases na dor e no sangue. Algumas vezes, êle não diz nada, vai-se embora; mas seu silêncio e sua fuga são um desmentido ainda mais evidente de todo o código moral instituído pelos homens. Não nos devemos espantar com isso que chamam "a imoralidade" das mulheres, tema predileto dos misóginos; como não teriam elas uma íntima desconfiança em relação aos princípios arrogantes que os homens afirmam publicamente e em segredo denunciam? Elas aprendem a não mais acreditar no que dizem os homens quando exaltam a mulher, nem quando exaltam o homem: a única coisa certa é esse ventre revolvido e sangrento, esses molambos de vida vermelha, essa ausência do filho. É com o primeiro aborto que a mulher começa a "compreender". Para muitas delas o mundo nunca mais terá a mesma figura. E, no entanto, por falta de difusão dos métodos anticoncepcionais, o aborto é hoje na França o único caminho aberto à mulher que não quer pôr no mundo filhos destinados a morrer na miséria. Stekel (*A Mulher Fria*) disse-o muito justamente: "A proibição do aborto é uma lei imoral, porquanto deve ser obrigatoriamente violada, todos os dias, a todas as horas".

*
* *

O *birth-control* e o aborto legal permitiriam à mulher assumir livremente suas maternidades. Na realidade, são em parte uma vontade deliberada e em parte o acaso que decidem da fecundidade feminina. Em não sendo por ora a inseminação artificial uma prática corrente, acontece à mulher desejar a maternidade sem a poder obter — seja por não ter comércio com os homens, por ter um marido estéril, ou por ser mal conformada. Mas acontece, em compensação, que se ache muitas vezes cons-

trangida a engendrar contra a sua vontade. Gravidez e maternidade são vividas de maneira muito diferente, segundo se desenvolvam na revolta, na resignação, na satisfação, no entusiasmo. É preciso considerar que as decisões e os sentimentos confessados da jovem mãe nem sempre correspondem a seus desejos profundos. Uma mãe solteira pode estar materialmente acabrunhada pelo fardo que lhe é repentinamente imposto, desolar-se abertamente e, no entanto, encontrar no filho a realização de sonhos secretamente acarinhados; inversamente, uma jovem recém-casada que acolhe com alegria e orgulho sua gravidez, pode receá-la em silêncio, detestá-la, através de obsessões, de alucinações, de recordações de infância que ela própria se recusa a admitir. É uma das razões que tornam as mulheres tão discretas a esse respeito. Seu silêncio vem em parte de que se comprazem em cercar de mistério uma experiência que é apanágio exclusivamente delas; mas vêem-se igualmente desnorteadas pelas contradições e os conflitos que nelas ocorrem. "As preocupações da gravidez são um sonho que é tão completamente esquecido quanto o sonho das dores do parto", disse uma mulher (N. Hale). São as verdades complexas que então se revelam a elas, que procuram envolver no esquecimento.

Vimos que na infância e na adolescência a mulher passa por diversas fases em relação à maternidade. Menina, a coisa é milagre e jogo: ela encontra na boneca, ela pressente, no filho que virá, um objeto a possuir e dominar. Adolescente, vê na ocorrência, ao contrário, uma ameaça contra a integridade de sua preciosa pessoa. Ou então recusa-a ferozmente como a heroína de Colette Audry (*On joue perdant*, "l'Enfant"), que nos confia:

Cada criancinha que brincava na areia, eu a detestava por ter saído de uma mulher. . . Os adultos eu também os execrava por mandarem nessas crianças, por lhes darem purgantes, palmadas, vestirem-nas, humilharem-nas de todas as maneiras: as mulheres com seus corpos sempre a germinarem novos filhos, os homens que olhavam toda essa polpa de mulheres e filhos deles com um ar satisfeito e independente. Meu corpo pertencia-me, a mim somente, gostava dele queimado, incrustado de sal do mar, arranhado pelas plantas. Devia permanecer duro e selado.

Ou ela receia ter um filho, embora desejando-o, o que conduz a alucinações de gravidez e a toda espécie de angústias. Há jovens que se comprazem em exercer a autoridade que a maternidade confere, mas não estão dispostas a assegurar-lhe plenamente as responsabilidades. É o caso dessa Lídia, citada por H.

Deutsch, que, com a idade de 16 anos, empregada como criada em casa de desconhecidos, se ocupava das crianças entregues a seus cuidados com a mais extraordinária dedicação: era um prolongamento dos devaneios infantis quando constituía um par com sua mãe a fim de educar um filho; repentinamente pôs-se a negligenciar o serviço, a mostrar-se indiferente às crianças, a sair, a namorar; a época dos jogos terminara e ela começava a preocupar-se com sua verdadeira vida em que o desejo de maternidade ocupava pequeno lugar. Certas mulheres alimentam durante toda a vida o desejo de dominar crianças, mas conservam um sentimento de horror ao trabalho biológico do parto; fazem-se parteiras, enfermeiras, preceptoras; são tias dedicadas, mas recusam-se a ter filhos. Algumas também, sem rechaçar com desgosto a maternidade, são por demais absorvidas pela sua vida amorosa ou por uma carreira, para que lhe reservem um lugar na existência. Têm medo do fardo que o filho representaria para elas ou para o marido.

Muitas vezes, a mulher garante deliberadamente sua esterilidade, seja esquivando-se a quaisquer relações sexuais, seja mediante práticas de *birth-control*; mas há também casos em que ela não confessa seu temor do filho, e é um processo psíquico que impede a concepção; ocorrem com ela perturbações funcionais reveláveis a um exame médico, mas de origem nervosa. O Dr. Arthus (*Le Mariage*) cita, entre outros, um exemplo impressionante :

Mme H. . . fora muito mal preparada pela mãe para sua vida de mulher; a mãe sempre predissera as piores catástrofes se lhe acontecesse ficar grávida. . . Quando Mme H. . . se casou, imaginou-se grávida no mes seguinte; verificou o engano; acreditou-o novamente ao fim de três meses: novo engano. Ao fim de um ano foi consultar um ginecologista que se recusou a reconhecer, nela ou no marido, uma causa qualquer de infecundidade. Três anos depois, ela viu outro médico, que lhe disse: "Você ficará grávida quando falar menos disso..." Após cinco anos de casados, Mme H. . . e o marido haviam admitido que não teriam mais filhos. O bebê nasceu ao fim de seis anos.

A aceitação ou a recusa de concepção são influenciadas pelos mesmos fatores que a gravidez em geral. No decurso desta, reavivam-se os sonhos infantis do sujeito e suas angústias de adolescente; a gravidez é vivida de maneira muito diferente segundo as relações que a mulher mantém com a mãe, com o marido e consigo mesma.

Tornando-se mãe por sua vez, a mulher toma, de certo modo, o lugar daquela que a engendrou; isso representa para ela uma emancipação total. Se a deseja sinceramente, alegra-se com a gravidez e faz questão de conduzi-la sem ajuda; dominada ainda e consentindo na concepção, entrega-se, ao contrário, às mãos maternas: o recém-nascido se lhe afigurará antes um irmão ou uma irmã do que seu próprio fruto; se, ao mesmo tempo, quer e não ousa libertar-se, teme que o filho, ao invés de salvá-la, a faça recair sob o jugo: esta angústia pode provocar um aborto; H. Deutsch cita o caso de uma jovem mulher que, devendo acompanhar o marido e deixar o filho com a mãe, deu à luz uma criança morta; espantou-se por não o lamentar excessivamente, porque o desejara muito; mas teria tido horror de a entregar à mãe, que a teria dominado através da criança. Vimos que o sentimento de culpa em relação à mãe é freqüente na adolescente; se ainda se mantém vivo, a mulher imagina que uma maldição pesa sobre sua progenitura ou sobre si mesma: o filho matá-la-á ou morrerá ao nascer. É o remorso que amiúde provoca essa angústia, tão freqüente nas mulheres jovens, de não conduzir a termo a gravidez. Vê-se neste exemplo, fornecido por H. Deutsch, a que ponto a relação da filha com a mãe pode assumir uma importância nefasta:

Mrs. Smith, caçula de uma família numerosa que só contava um rapaz, fora acolhida com despeito pela mãe, que queria um filho; não, sofreu muito com isso graças à afeição do pai e de uma irmã mais velha. Mas esperando um filho depois de casada, embora o desejasse ardentemente, o ódio que sentira outrora pela mãe tornou-lhe detestável a idéia de ser mãe; deu à luz um mês antes do termo uma criança morta. Grávida pela segunda vez, teve receio de novo acidente; felizmente uma de suas amigas íntimas engravidou ao mesmo tempo; esta tinha uma mãe muito afetuosa que protegeu as duas mulheres durante a gravidez; mas a amiga concebera um mês antes de Mrs. Smith, que ficou apavorada com a idéia de terminar sua gravidez sozinha; ante a surpresa de todos, a amiga continuou grávida durante um mês ainda após a data prevista¹ do parto e as duas deram à luz no mesmo dia. As duas amigas resolveram conceber no mesmo dia o outro filho e Mrs. Smith iniciou sem inquietação a nova gravidez. Mas, no terceiro mês, a amiga precisou sair da cidade; no dia em que o soube, Mrs. Smith abortou. Nunca mais pôde ter outro filho; a lembrança da mãe pesava demasiado sobre ela.

(¹) H. Deutsch afirma ter verificado que a criança nasceu realmente dez meses depois de concebida.

Relação não menos importante é a que a mulher mantém com o pai de seu filho. Uma mulher já madura, independente, pode querer um filho que só pertença a ela: conheci uma cujos olhos brilhavam à vista de um belo macho, não por desejo sexual mas porque julgava suas qualidades de reprodutor; são essas amazonas maternas que saúdam com entusiasmo o milagre da inseminação artificial. Se o pai da criança partilha a vida delas, recusam-lhe qualquer direito sobre a progenitura, tentam —, como a mãe de Paul em *Amantes e Filhos* — constituir um casal isolado com o filhote. Mas, na maioria dos casos, a mulher tem necessidade de um apoio masculino para aceitar suas novas responsabilidades; ela só se devotará alegremente ao recém-nascido se um homem se devotar a ela.

Quanto mais infantil e tímida é ela, mais essa necessidade é urgente. H. Deutsch conta a história de uma jovem mulher que aos 15 anos se casou com um rapaz de 16 que a engravidara. Quando menina, sempre gostara dos bebês e assistira a mãe nos cuidados que prodigalizava a seus irmãos e irmãs. Mas, uma vez mãe de dois filhos, foi tomada de pânico. Exigia que o marido permanecesse sem cessar junto dela; teve que arranjar um trabalho que lhe permitisse ficar durante longas horas no lar. Vivia numa constante ansiedade, exagerando as brigas dos filhos, dando excessiva importância aos menores incidentes do dia. Muitas jovens mães pedem assim socorro ao marido, que por vezes expulsam do lar, acabrunhando-os com as preocupações delas. H. Deutsch cita, entre outros casos curiosos, este:

Uma jovem mulher casada imaginou que estava grávida e ficou extremamente feliz; separada do marido por uma viagem, teve uma aventura muito rápida que aceitou precisamente porque, satisfeita com a maternidade, nada lhe parecia ter qualquer consequência; voltando ao marido, soube mais tarde que, na verdade, se enganara acerca da data da concepção: esta datava do momento da viagem. Quando a criança nasceu, ela pôs-se subitamente a indagar se era filho do marido ou do amante ocasional; tornou-se incapaz de sentimento em relação ao filho desejado; angustiada, infeliz, recorreu a um psiquiatra e só se interessou pela criança depois que se decidiu a considerar o marido como pai do recém-nascido.

Uma mulher que tem afeição pelo marido modela seus sentimentos pelos dele; acolhe a gravidez e a maternidade com alegria ou mau humor segundo ele se sinta orgulhoso ou aborrecido. Por vezes, o filho é desejado, a fim de consolidar uma ligação, um casamento, e o apego que lhe dedica a mãe depende do êxito ou do malogro de seus planos. Se é hostilidade que

sente em relação ao marido, a situação é ainda diferente: pode dedicar-se asperamente ao filho cuja posse nega ao pai ou, ao contrário, encarar com ódio o descendente do homem detestado. Mme H. N... cuja noite de núpcias contamos, segundo Stekel, ficou grávida desde logo e detestou durante toda a vida a filha concebida no horror da iniciação brutal. Vê-se também no diário de Sofia Tolstoi que a ambivalência de seus sentimentos em relação ao marido se reflete na primeira gravidez. Escreve:

Este estado é-me insuportável física e moralmente. Fisicamente, estou sempre doente e, moralmente, sinto um tédio, um vazio, uma angústia terrível. E para Liova deixei de existir... Não posso dar-lhe nenhuma alegria, posto que estou grávida.

O único prazer que encontra nesse estado é de ordem masoquista: foi sem dúvida o malogro de suas relações amorosas que lhe deu uma necessidade infantil de autopunição.

Desde ontem estou inteiramente doente, tenho medo de um aborto. Essa dor no ventre dá-me um gozo. É como em criança quando fazia uma travessura; mamãe perdoava-me, mas eu não me perdoava. Beliscava ou picava fortemente a mão até que a dor se tornasse intolerável. No entanto, suportava-a e sentia nisso um imenso prazer... Quando... a criança chegar, *isso* recomeçará, é repugnante! Tudo me parece fastidioso. As horas soam tão tristemente. Tudo é morno. Ah! se Liova...

Mas a gravidez é principalmente um drama que se desenrola na mulher entre si e si; ela sente-o a um tempo como um enriquecimento e uma mutilação; o feto é uma parte de seu corpo e um parasito que a explora; ela o possui e é por êle possuída; êle resume todo o futuro e, carregando-o, ela sente-se ampla como o mundo; mas essa própria riqueza a aniquila: tem a impressão de não ser mais nada. Uma existência nova vai manifestar-se e justificar sua própria existência; disso ela se orgulha, mas sente-se também o juguete de forças obscuras, sacudida, violentada. O que há de singular na mulher grávida é que, no mesmo momento em que se transcende, seu corpo é apreendido como imanente: encolhe-se em si mesmo, em suas náuseas e seus incômodos; deixa de existir para si só e é quando se faz mais volumoso do que nunca. A transcendência do artesão, do homem de ação é habitada por uma subjetividade, mas na futura mãe abole-se a oposição sujeito e objeto; ela forma, com esse filho de que se acha prenhe, um casal equívoco que a vida submerge; presa às malhas da Natureza, ela é planta e animal, uma reserva de colóides, uma poedeira, um ôvo; assusta as crianças

de corpo egoísta e faz que os jovens escarneçam, pois ela é um ser humano, consciência e liberdade, que se tornou um instrumento passivo da vida. A vida habitualmente é apenas uma condição da existência; na gestação ela se apresenta como criadora; mas é uma estranha criação que se realiza na contingência e na facticidade. Há mulheres para quem as alegrias da gravidez e da amamentação são tão fortes que as querem repetir indefinidamente; sentem-se frustradas a partir do momento em que a criança é desmamada. Essas mulheres, que são "poedeiras" mais do que mães, procuram avidamente a possibilidade de alienar sua liberdade em proveito da carne: sua existência aparece-lhes tranquilamente justificada pela passiva fertilidade do corpo. Se a carne é pura inércia, não pode encarnar a transcendência, ainda que sob uma forma degradada; é preguiça e tédio, mas torna-se, desde que brota, raiz, fonte, flor; ela se ultrapassa, é movimento para o futuro, ao mesmo tempo que uma presença espessa. A separação que a mulher sofreu antes, no momento da desmama, é compensada; ela é novamente mergulhada na corrente da vida, reintegrada no todo, elo na cadeia das gerações, carne que existe por e para outra carne. A fusão procurada nos braços do homem e que é recusada, logo que concedida a mãe a realiza quando sente o filho no ventre pesado ou que o aperta contra os seios túmidos. Ela não é mais um objeto submetido a um sujeito; não é tampouco um sujeito angustiado por sua liberdade, é essa liberdade equívoca: a vida. O corpo é enfim dela, posto que é do filho que lhe pertence. A sociedade reconhece-lhe a posse desse corpo e ainda o reveste de um caráter sagrado. O seio, antes objeto erótico, ela o pode exibir, é uma fonte de vida: a tal ponto que quadros piedosos nos mostram a Virgem Mãe descobrindo o peito para suplicar ao Filho que poupe a humanidade. Alienada em seu corpo e em sua dignidade social, a mãe tem a ilusão pacificante de se sentir um ser em *si*, um *valor* completo.

Mas é apenas uma ilusão. Porque ela não fez realmente o filho: êle se fez nela; sua carne só engendra carne: ela é incapaz de fundar uma existência, que se terá de fundar ela própria; as criações que emanam da liberdade põem o objeto como valor e o revestem de uma necessidade; no seio materno o filho é injustificado, não passa ainda de uma proliferação gratuita, um fato bruto cuja contingência é simétrica à da morte. A mãe pode ter *suas* razões de querer *um* filho, mas não poderá dar, a *esse* outro que vai ser amanhã, suas próprias razões de ser; ela en-

gendra-o na generalidade de seu corpo, não na singularidade de sua existência. É o que compreende a heroína de Colette Audry quando diz:

Nunca pensara que êle pudesse dar um sentido a minha vida... Seu ser germinara em mim; o que quer que acontecesse, tinha de conduzi-lo a bom termo, até o fim, sem poder apressar as coisas, ainda que fosse preciso morrer. Depois ali estivera, nascido de mim; assim, assemelhava-se à obra que eu teria podido realizar na vida... mas afinal não o era (*cf. On joue perdant, "l'Enfant"*).

Em certo sentido, o mistério da encarnação repete-se em cada *mulher*; toda criança que nasce é um deus que se faz homem: não poderia realizar-se como consciência e liberdade se não viesse ao mundo; a mãe presta-se a esse mistério, mas não o comanda; a suprema verdade desse ser que se forma em seu ventre escapa-lhe. É esse equívoco que ela traduz por dois fantasmas contraditórios: toda mãe tem a idéia de que o filho será um herói; exprime assim seu deslumbramento à idéia de engendrar uma consciência e uma liberdade; mas teme também dar à luz um enfermo, um monstro, porque conhece a horrível contingência da carne e esse embrião que a habita é somente carne. Há casos em que tal ou tal mito vence, mas muitas vezes a mulher oscila entre um e outro. Ela é sensível também a outro equívoco. Presa no grande ciclo da espécie, afirma a vida contra o tempo e a morte: com isso tem a promessa da imortalidade; mas experimenta também na carne a realidade da afirmação de Hegel: "O nascimento dos filhos é a morte dos pais". O filho, diz êle ainda, é para os pais "o ser para si do amor deles que cai fora deles", e inversamente, êle obterá seu ser para si "na separação da fonte, uma separação em que essa fonte seca". Essa superação de si é também para a mulher prefiguração da morte. Ela traduz essa verdade pelo medo que sente quando imagina o parto; receia nele perder a própria vida.

Sendo assim ambígua a significação da gravidez, é natural que a atitude da mulher seja ambivalente: de resto, modifica-se, nos diversos estádios da evolução do feto. É preciso sublinhar primeiramente que, no início do processo, o filho não está presente; êle ainda não tem senão uma existência imaginária; a mãe pode sonhar com esse pequeno indivíduo *que* nascerá dentro de meses, pode diligenciar para preparar-lhe um berço, uma fralda: só apreende concretamente os turvos fenômenos orgânicos que nela se verificam. Certos incensadores da Vida e da Fecundidade pretendem misticamente que a mulher reconhece pela quali-

dade de seu prazer que o homem acaba de torná-la mãe: trata-se de um desses mitos que cumpre abandonar. Ela nunca tem uma intuição decisiva do acontecimento: ela o induz partindo de sinais incertos. Cessam as regras, engorda, os seios tornam-se pesados e doem, ocorrem vertigens e náuseas; por vezes, ela acredita simplesmente estar doente e é um médico que a informa. Sabe então que seu corpo recebeu um destino que o transcende; dia após dia, um pólipo nascido de sua carne e estranho a sua carne vai crescer nela; a mulher torna-se presa da espécie que lhe impõe suas misteriosas leis e, geralmente, essa alienação a amedronta: seu medo traduz-se por vômitos. Estes são parcialmente provocados pelas modificações das secreções gástricas que então se produzem; mas se essa reação, que outras fêmeas mamíferas ignoram, assume importância é por motivos psíquicos: manifesta o caráter agudo que o conflito entre a espécie e o indivíduo (Cf *vol. I*, cap. 1) reveste na fêmea humana. Ainda que a mulher deseje profundamente o filho, seu corpo revolta-se primeiramente quando lhe cumpre parir. Nos *Estados Nervosos de Angústia*, Stekel afirma que o vômito da mulher grávida exprime sempre certa recusa ao filho; se este é acolhido com hostilidade — por motivos amiúde inconfessados — as perturbações estomacais exageram-se.

"A psicanálise ensinou-nos que a exageração psíquica dos sintomas do vômito só se observa no caso em que a expulsão oral traduz emoções de hostilidade em relação à gravidez ou ao feto", diz H. Deutsch. E ela acrescenta: "Muitas vezes o conteúdo psíquico do vômito da gravidez é exatamente o mesmo que nos vômitos histéricos das moças, provenientes de um fantasma de gravidez ¹". Em ambos os casos reaviva-se a velha idéia da fecundação pela boca que se encontra nas crianças. Para as mulheres infantis, em particular, a gravidez é, como no passado, assimilada a uma doença do aparelho digestivo. H. Deutsch cita o caso de uma doente que estudava, com ansiedade, seus vômitos para verificar se não encontrava neles fragmentos de embrião; *sabia*, no entanto, pelo que afirmava, que a obsessão era absurda. A bulimia, a falta de apetite, as repugnâncias

(¹) Citaram-me precisamente o caso de um homem que, durante os primeiros meses da gravidez da mulher — que no entanto êie amava pouco — apresentou exatamente os mesmos sintomas de náusea, de vertigem e de vômitos que se observam nas mulheres grávidas. Tra-
-ziam evidentemente, de uma maneira histérica, conflitos conscientes.

assinalam a mesma hesitação entre o desejo de conservar e o de destruir o embrião. Conheci uma jovem mulher que sofria ao mesmo tempo de vômitos exasperados e de uma constipação fe-roz; disse-me, ela própria, que tinha a impressão de procurar expulsar o feto e ao mesmo tempo reê-lo; o que correspondia exatamente a seus desejos confessados.

O Dr. Arthus (*Le Mariage*) cita o exemplo seguinte, que resumo:

Mme T. apresenta graves perturbações de gravidez, com vômitos incoercíveis... A situação é tão inquietante que se deve pensar em praticar uma interrupção da gravidez em processo... A mulher está desolada... A rápida análise que pôde ser praticada revela (que): Mme T. procedeu a uma identificação inconsciente com uma de suas antigas amigas de pensão que desempenhou papel muito grande em sua vida afetiva e morreu em consequência de sua primeira gravidez. Logo que a causa pode ser revelada, os sintomas melhoram; depois de uma quinzena de dias verificam-se ainda vômitos, porém sem mais nenhum perigo.

Constipação, diarréias, trabalho de expulsão manifestam sempre a mesma mistura de desejo e de angústia; disso resulta, por vezes, um aborto: quase todos os abortos espontâneos têm uma origem psíquica. Tais incômodos se acentuam tanto mais quanto a mulher lhes dá maior importância e "se ouve" mais. Em particular, os famosos "desejos" das mulheres grávidas são obsessões de origem infantil complacentemente acariciadas: relacionam-se sempre aos alimentos, em virtude da velha idéia da fecundação alimentar; sentindo perturbações em seu corpo, a mulher traduz, como acontece muitas vezes nas psicastenias, esse sentimento de estranheza por um desejo que por vezes a fascina. Há, de resto, uma "cultura" desses desejos pela tradição, como houve outrora uma cultura da histeria; a mulher, na expectativa de ter desejos, espera por eles, inventa-os. Relataram-me o caso de uma mãe solteira que tinha um desejo tão frenético de espinafres que corria a comprá-los no mercado e ficava numa terrível impaciência a olhá-los enquanto os cozinhava: exprimia assim a angústia de sua solidão; sabendo que só podia contar consigo mesma, era com pressa febril que diligenciava para satisfazer seus desejos. A Duquesa de Abrantes descreveu de maneira muito divertida, em suas *Mémoires*, um caso em que o desejo é imperiosamente sugerido pelo ambiente da mulher. Queixa-se de ter sido cercada de excessiva solicitude durante a gravidez.

Esses cuidados, essas atenções aumentam o mal-estar, o enjôo, o nervosismo, os mil e um sofrimentos que quase sempre acompanham a primeira gravidez. Senti-o. . . Foi minha mãe quem começou, um dia em que jantava em casa dela. . . "Ah! Meu Deus, disse-me de repente largando o garfo e encarando-me com um ar consternado, ah! meu Deus, não pensei em perguntar qual era *teu desejo*."

— Mas não tenho nenhum — respondi.

— Não tens desejo — disse minha mãe... — Não tens desejo! Mas nunca se viu isso! Tu te enganas. É que não prestas atenção. Falarei com tua sogra.

E eis minhas duas mães se consultando, e eis meu Junot que, com medo de que lhe desse um filho com cabeça de javali. . . me perguntava todas as manhãs: "Laure, de que tens vontade?" Minha cunhada, que voltou de Versalhes ampliou o coro das perguntas. . . nem podia enumerar quantas pessoas vira desfiguradas por desejos não satisfeitos. . . Acabei assustando-me também. . . Procurei em minha imaginação algo de que gostasse especialmente e não encontrei nada. Enfim, um dia, aconteceu-me, comendo uma pastilha de ananás, refletir que um ananás deveria ser uma coisa excelente. . . Uma vez persuadida de que tinha *desejo* de ananás, senti uma vontade muito grande, que aumentou quando Corcelet declarou que não estava no tempo. Oh! Então experimentei esse sofrimento que participa do desespero e põe a gente num estado de morrer ou satisfazê-lo.

(Junot, após numerosas gestões, acaba recebendo um ananás das mãos de Mme Bonaparte. A Duquesa de Abrantes acolheu-o alegremente e passou a noite a cheirá-lo e tocá-lo, por lhe ter o médico ordenado que só o comesse pela manhã. Quando finalmente Junot lho serviu) :

Empurrei o prato para longe de mim, "Não sei o que tenho, não posso comer ananás." Ele punha-me o nariz no maldito prato, o que provocou uma asserção positiva de que não podia comer ananás. Foi preciso não somente levá-lo, mas ainda abrir as janelas, perfumar meu quarto para tirar o menor vestígio de um odor que um segundo bastara para tornar odioso. O que há de mais singular neste fato é que, desde então, nunca pude comer ananás sem um esforço violento. . .

São as mulheres de quem se ocupam demasiado ou que se ocupam demasiado consigo mesmas que apresentam maior número de fenômenos mórbidos. As que vencem mais facilmente a prova da gravidez são, por um lado, as matronas totalmente entregues a sua função de poedeiras e, por outro lado, as mulheres viris que as aventuras do corpo não fascinam e que fazem questão de sobrepujá-las com desembaraço; Mme de Stael conduzia uma gravidez com tanta vivacidade e displicência quanto uma conversação.

Quando a gravidez prossegue, a relação entre a mãe e o feto muda. Este acha-se sòlidamente instalado no ventre materno,

os dois organismos se adaptaram um ao outro e há entre ambos trocas biológicas que permitem à mulher reencontrar seu equilíbrio. Ela não se sente mais possuída pela espécie: ela é que possui o fruto de suas entranhas. Durante os primeiros meses era uma mulher qualquer e diminuída pelo trabalho secreto que se realizava no seu interior; posteriormente torna-se, com evidência, uma mãe e suas fraquezas são o reverso de sua glória. A impotência de que sofria torna-se, acentuando-se, um *álibi*. Muitas mulheres encontram, então, em sua gravidez uma maravilhosa paz: sentem-se justificadas; tinham sempre tido prazer em se observar, em espiar o corpo; não ousavam, por senso de seus deveres sociais, interessar-se por êle com demasiada complacência: agora têm o direito de fazê-lo, porque tudo o que fazem para seu próprio bem-estar fazem para o filho. Não se lhes pede mais trabalho, nem esforço; não têm mais que se preocupar com o resto do mundo; os sonhos de futuro que acariciam dão' um sentido ao momento presente; basta-lhes se deixarem viver, estão de férias. A razão de sua existência está em seu ventre e dá-lhes uma impressão perfeita de plenitude. "É como um pequeno aquecedor no inverno, sempre aceso e que só para você existe, inteiramente submetido à sua vontade. É também uma ducha fresca, escorrendo sem cessar durante o verão. Está ali", diz uma mulher citada por H. Deutsch. Satisfeita, a mulher conhece também o prazer de se sentir "interessante", o que constituiu seu maior desejo desde a adolescência; como esposa, sofria com sua dependência em relação ao homem; agora não é mais um objeto sexual, uma serva; encarna a espécie, é promessa de vida, de eternidade; os que a cercam, respeitam-na; até seus caprichos tornam-se sagrados: o que a incita, já o vimos, a inventar "desejos". "A gravidez permite à mulher racionalizar atos que de outro modo pareceriam absurdos", afirma Helen Deutsch. Justificada pela presença de um outro em seu seio, ela goza enfim plenamente de ser ela própria.

Colette descreve em *L'Étoile Vesper* essa fase da gravidez.

Insidiosamente, sem pressa, a beatitude das mulheres grávidas me invadia. Eu não era mais tributária de nenhum mal-estar, de nenhuma desgraça. Euforia, ronrom, que nome — o científico ou o familiar — dar a essa preservação? E por certo me satisfiz inteiramente, eis que não a esqueço. A gente se cansa de calar o que nunca disse, no caso o estado de orgulho, de magnificência trivial que experimentava a preparar meu fruto... Cada noite dizia um pouco adeus a um dos bons momentos de minha vida. Bem sabia que os lamentaria, Mas a ale-

gria o ronrom, a euforia submergiam tudo e reinavam em mim a doce animalidade a indolência com que meu peso maior e os surdos apelos da criatura que eu formava me cumulavam.

Sexto, sétimo mês. . . Primeiros morangos, primeiras rosas. Posso considerar minha gravidez de outra forma senão como uma longa festa? Esquecem-se as torturas do fim, não se esquece a longa festa única; eu nada esqueci. Lembro-me principalmente de que o sono, em horas caprichosas, se apoderava de mim e eu era re-solicitada, como na minha infância, pela necessidade de dormir no chão, na relva, na terra quente. Único "desejo", desejo sadio.

Ao chegar ao fim, tinha um ar de um rato carregando um ovo roubado. Incômoda a mim mesma, sentia-me por vezes demasiado cansada para deitar-me. . . Sob o peso, sob a fadiga, minha longa festa não se interrompia ainda. Carregavam-me sobre um broquel de privilégios e cuidados. . .

Essa gravidez feliz, diz-nos Colette. uma de suas amigas a denominou "gravidez de homem". Ela se apresenta, com efeito, como o tipo dessas mulheres que suportam corajosamente seu estado, porque nele não se absorvem. Continuava ao mesmo tempo a trabalhar como escritora. "O filho manifestou que chegaria em primeiro lugar e eu aparafusei a tampa de minha caneta-tinteiro."

Outras mulheres sentem mais pesadamente a gravidez; ruminam indefinidamente sua nova importância. Por pouco que as encoragem, retomam por sua conta os mitos masculinos: opõem à lucidez do espírito a noite fecunda da Vida, à consciência clara os mistérios da interioridade, à liberdade fértil o peso do ventre em sua enorme facticidade; a futura mãe sente-se humo e gleba, fonte e raiz; quando adormece, seu sono é o do caos em que fermentam mundos. Outras há que, mais desprendidas de si, se encantam principalmente com o tesouro de vida que cresce nelas. É essa alegria que exprime Cécile Sauvage em seus poemas *l'Âme en Bourgeon*:

*Tu me pertences como a aurora à planície
Ao redor de ti a vida é uma lã quente
Em que teus membros friorentos crescem em segredo.*

E mais adiante:

*O tu que acarinho com temor em acolchoado
Pequena alma em botão presa a minha flor*

*Com um pedaço de meu coração formo teu coração
Ó meu fruto macio, pequena boca úmida¹.*

E numa carta ao marido:

É engraçado, parece-me que assisto à formação de um ínfimo planeta e lhe modelo o globo frágil. Nunca estive tão perto da vida. Nunca senti tão bem que sou irmã da terra com as vegetações e as seivas. Meus pés andam sobre a terra como sobre um animal vivo. Penso no dia cheio de flautas, de abelhas acordadas, de orvalho, pois eis que êle se retesa e agita em mim. Se soubesses que frescor de primavera e de juventude essa alma em botão põe em meu coração. E dizer que é a alma infantil de Pierrot e que ela elabora na noite de meu ser dois grandes olhos de infinito semelhantes aos dele.

Em compensação, as mulheres que são profundamente coquetes, que se apreendem essencialmente como objeto erótico, que se amam na beleza de seu corpo, sofrem ao se verem deformadas, feias, incapazes de suscitar o desejo. A gravidez não se apresenta a elas como uma festa ou um enriquecimento e sim como uma diminuição de seu eu.

Lê-se, entre outras coisas, em *Minha Vida* de Isadora Duncan:

O filho dava agora sinais de sua presença... Meu belo corpo de mármore distendia-se, quebrava-se, deformava-se... Andando à beira-mar, eu sentia por vezes um excesso de força e de vigor e dizia a mim mesma por vezes que essa criaturinha seria minha, só minha; mas outros dias... tinha a impressão de ser um pobre animal caído numa armadilha... Com alternativas de esperança e de desespero, pensava muitas vezes nas peregrinações de minha mocidade, meus passeios sem objetivo, minhas descobertas da arte e tudo isso que não passava de um prólogo antigo, perdido na bruma que levava à espera de um filho, obra-prima ao alcance de qualquer camponesa... Comecei a ser vítima de toda espécie de temores. Em vão eu me dizia que todas as mulheres têm filhos. Era algo natural e no entanto eu tinha medo. Medo de quê? Não da morte por certo, nem dos sofrimentos, tinha um medo desconhecido do que não conhecia. Cada vez mais meu corpo

(¹) *Tu m'appartiens ainsi que l'aurore à la plaine
Autour de toi rna vie est une chaude laine
Où tes membres frileux poussent dans le secret.*

*O toi que je cajole avec crainte dans l'ouate
Petite âme en bourgeon attachée à ma fleur
D'un morceau de mon coeur je façonne ton coeur
O mon fruit cotonneux, petite bouche moite.*

se deformava ante meus olhos espantados. Onde minhas graciosas formas juvenis de náíade? Onde minha ambição, meu renome? Amiúde, a despeito de mim mesma, sentia-me miserável e vencida. A luta contra a vida esta gigante, era desigual; mas então pensava no filho que ia nascer e toda a minha tristeza se dissipava. Horas cruéis de espera dentro da noite. Como pagamos caro a glória de ser mãe!...

No último estágio da gravidez, esboça-se a separação entre a mãe e o filho. As mulheres sentem de maneira diferente seu primeiro movimento, o pontapé dado às portas do mundo, contra a parede do ventre que o encerra longe do mundo. Algumas acolhem com deslumbramento esse sinal que anuncia a presença de uma vida autônoma; outras se imaginam com repugnância como o receptáculo de um indivíduo estranho a elas. Novamente, a união do feto com o corpo materno perturba-se: o útero desce, a mulher tem uma sensação de pressão, de tensão, de dificuldades respiratórias. É possuída, dessa feita, não pela espécie indistinta, mas pelo filho que vai nascer; não passava até então de uma imagem, uma esperança e eis que se torna pesadamente presente. Sua realidade cria novos problemas. Toda passagem é angustiante: o parto apresenta-se particularmente assustador. Quando a mulher se aproxima da data final, todos os seus terrores infantis se reanimam; se em virtude de um sentimento de culpa ela se acredita amaldiçoada pela mãe, persuade-se de que vai morrer ou de que o filho morrerá. Tolstoi pintou em *Guerra e Paz*, sob os traços de Lise, uma dessas mulheres infantis que vêem no parto uma condenação à morte: e morre, com efeito.

O parto assumirá, segundo os casos, um caráter muito diferente: a mãe almeja ao mesmo tempo guardar no ventre o tesouro de carne que é um pedaço preciso de seu eu e desembaraçar-se de um importuno; quer seu sonho nas mãos, mas tem medo das novas responsabilidades que vai criar essa materialização: um ou outro desejo pode vencer, mas muitas vezes ela se divide. Muitas vezes também não é com resolução firme que enfrenta a angustiante experiência: quer provar a si mesma e provar aos seus — mãe, marido — que é capaz de superá-la sem ajuda; mas, ao mesmo tempo, odeia o mundo, a vida, os parentes, por causa dos sofrimentos que lhe são infligidos, e adota, como protesto, uma conduta passiva. As mulheres independentes — matronas ou muneris viris — fazem questão de desempenhar um papel ativo nos momentos que precedem o parto e durante o próprio parto. As muito infantis abandonam-se passivamente à parteira, à mãe; algumas põem seu orgulho em não gritar; outras recusam quais-

quer conselhos. De maneira geral pode-se dizer que exprimem nessa crise sua atitude profunda em relação ao mundo em geral, e sua maternidade em particular: são estóicas, resignadas, reivindicadoras, imperiosas, revoltadas, inertes, tensas. . . Tais disposições psicológicas têm enorme influência na duração e na dificuldade do parto (que dependem também, naturalmente, de fatores puramente orgânicos). O que é significativo é que, normalmente, a mulher — como certas fêmeas de animais domésticos — precisa de auxílio para cumprir a função a que a natureza a destina; há porém camponesas de hábitos rudes e mães solteiras que dão à luz sozinhas: mas sua solidão acarreta muitas vezes a morte do filho ou doenças incuráveis na mãe. No próprio momento em que acaba de realizar seu destino feminino é ainda a mulher dependente: o que prova que também na espécie humana a natureza não se distingue nunca do artifício. Naturalmente o conflito entre o interesse do indivíduo feminino e o da espécie é tão agudo que acarreta às vezes a morte da mãe ou a do filho: são as intervenções humanas da medicina, da cirurgia, que diminuíram consideravelmente (quase eliminaram) os acidentes antes tão freqüentes. Os métodos da anestesia estão desmentindo a afirmação bíblica: "Conceberás na dor"; correntemente utilizados na América do Norte, começam a vulgarizar-se na França; em março de 1949, um decreto tornou-os obrigatórios na Inglaterra¹.

É difícil saber quais são os sofrimentos que poupam exatamente à mulher. O fato de o parto durar por vezes mais de vinte e quatro horas e, por vezes, terminar em duas ou três horas, impede qualquer generalização. Para certas mulheres, o parto é um martírio. É o caso de Isadora Duncan: ela vivera sua gravidez na angústia e sem dúvida resistências psíquicas agravaram ainda mais as dores do parto. Eis o que escreve:

Pode-se dizer o que se quiser da Inquisição espanhola, nenhuma mulher que teve um filho poderia temê-la. Era um brinquedo em comparação. Sem trégua, sem parada, sem piedade, esse gênio invisível e cruel me tinha em suas garras, partia-me ossos e nervos. Dizem que tais sofrimentos são rapidamente esquecidos. Tudo o que posso responder é que me basta fechar os olhos para ouvir de novo meus gritos e minlías queixas.

(¹) Já disse que certos antifeministas se indignavam em nome da Natureza e da Bíblia por pretenderem suprimir os sofrimentos do parto; tais sofrimentos seriam uma das fontes do "instinto" materno. H. Deutsch parece seduzida por essa opinião; quando a mãe não sentiu o

Certas mulheres consideram ao contrário que é uma prova relativamente fácil de suportar. Pequeno número encontra nela um prazer sensual.

Sou um ser tão sexual que até o parto é para mim um ato sexual, escreve uma¹. Tinha uma "Madame" muito bonita. Ela me banhava e dava-me injeções. Bastava isso para me pôr num estado de grande excitação, com arrepios nervosos.

Algumas há que dizem ter experimentado durante o parto uma impressão de poder criador; realizaram realmente um trabalho voluntário e produtor; muitas, ao contrário, sentiram-se passivas, instrumento sofrido, torturado.

As primeiras relações da mãe com o recém-nascido são igualmente variáveis. Certas mulheres sofrem desse vazio que depois sentem em seu corpo: parece-lhes que lhes roubaram seu tesouro.

*Sou a colmeia sem palavras
cujo enxame alçou vôo
Não trago mais o alimento
De meu. sangue para teu frágil corpo
Meu ser é a casa fechada
De que acabam de tirar um morto²,*

trabalho do parto, não reconhece profundamente o filho como seu no momento em que lhe apresentam, diz ela; entretanto reconhece que o mesmo sentimento de vazio e estranheza se encontra também nas parturientes que sofreram; e sustenta em seu livro que o amor materno é um sentimento, uma atitude consciente e não um instinto: que não está necessariamente ligado à gravidez; a seu ver, uma mulher pode amar maternalmente um filho adotivo, o filho que o marido teve do primeiro casamento etc. Essa contradição provém evidentemente do fato de ter ela destinado a mulher ao masoquismo e de que sua tese a obriga a conceder um grande valor aos sofrimentos femininos.

(¹) Paciente cuja confissão, que parcialmente resumimos, foi recolhida por Stekel.

(²) *Je suis la ruche sans parole
Dont l'essaim est parti dans l'air
Je n'apporte plus la becquée
De mon sang à ton frêle corps
Mon être est la maison fermée
Dont on vient d'enlever un mort.*

escreve Cécile Sauvage. E também:

*Não és mais inteiramente meu. Tua cabeça
Reflete outros céus¹.*

E ainda:

*Nasceu, perdi meu jovem bem-amado
Agora nasceu, estou só, sinto
Apavorar-se em mim o vazio de meu sangue...².*

Ao mesmo tempo, entretanto, há em toda jovem mãe uma curiosidade maravilhada. É um estranho milagre ver, ter em mãos um ser vivo formado em si, saído de si. Mas que parte teve exatamente a mãe no acontecimento extraordinário que põe na terra uma nova existência? Ela o ignora. Não existiria sem ela e no entanto êle lhe escapa. Há uma tristeza espantada em vê-lo fora, separado de si. E quase sempre uma decepção. A mulher gostaria de senti-lo *seu* tão seguramente quanto a própria mão: mas tudo o que êle experimenta está encerrado nêles, êle é opaco, impenetrável, separado; ela não o reconhece sequer, porquanto não o conhece; sua gravidez, ela a viveu sem êle: não tem nenhum passado comum com esse pequeno estranho; esperava que êle lhe fosse de imediato familiar: não, é um desconhecido e ela fica estupefata com a indiferença com que o acolhe. Durante os devaneios da gravidez, êle era uma imagem, era infinito e a mãe representava em pensamento sua maternidade futura; agora é um individuozinho finito e presente de verdade, contingente, frágil, exigente. A alegria de enfim vê-lo presente, bem real, mistura-se à tristeza de que seja apenas isso.

É pela amamentação que muitas jovens mães reencontram, para além da separação, uma íntima relação animal com o filho; é uma fadiga mais exaustiva que a da gravidez, mas que permite à ama perpetuar o estado de folga, de paz, de plenitude saborosa da mulher grávida.

(¹) *Tu n'es plus tout à moi. Ta tête
Réfléchit déjà d'autres cieux.*

(²) *Il est né, j'ai perdu mon jeune bien-aimé
Maintenant il est né, je suis seule, je sens
S'épouvanter en moi le vide de mon sang. .*

Quando o bebê mamava, diz Colette Audry a propósito de uma de suas heroínas, não havia mais nada que fazer e isso poderia ter durado horas" ela não pensava sequer no que viria depois. Tinha-se que esperar que êle se destacasse do seio como uma grande abelha (*On joue perdant*).

Mas há mulheres que não podem amamentar e em quem a indiferença espantada das primeiras horas se perpetua enquanto não reencontram laços concretos com o filho. É o caso, entre outros, de Colette, a quem não foi possível amamentar a filha e que descreve, com sua habitual sinceridade, seus primeiros sentimentos maternos (Colette, *L'Étoile Vesper*).

O que se segue é a contemplação de uma nova pessoa, que entrou na casa sem vir de fora. . . Punha eu suficiente amor em minha contemplação? Não ousou afirmá-lo. Sem dúvida tinha o hábito — tenho-o ainda — do deslumbramento. Exercia-o sobre o conjunto de prodígios que é um recém-nascido: as unhas, semelhantes em transparência à escama convexa do camarão rosado, a planta dos pés vinda a nós sem ter tocado o solo. A ligeira plumagem dos cílios baixando sobre o rosto, interpostos entre as paisagens terrestres e o sonho azulado do olho. O pequeno sexo, amêndoa apenas incisa, bívulve, exatamente fechado lábio a lábio. Mas a minuciosa admiração que eu dedicava à minha filha não a chamava amor, não a sentia como tal. Espiava... Não hauria, em espetáculos que minha vida tão longamente esperara a vigilância e a emulação das mães maravilhadas. Quando surgiria para mim o sinal que realiza uma segunda, uma mais difícil violentação? Tive que aceitar que uma soma de advertências, de furtivas revoltas ciumentas, de premonições falsas, e até verdadeiras, o orgulho de dispor de uma vida de que eu era a humilde credora, a consciência algo pérfida de dar ao outro uma lição de modéstia, me transformassem enfim em uma mãe comum. Ainda assim só me tranqüilizei quando a linguagem inteligível floriu em lábios encantadores, quando o conhecimento, a malícia e mesmo a ternura fizeram de um pequerrucho *standard* uma menina, e de uma menina minha filha!

Há também muitas mães que se assustam com suas novas responsabilidades. Durante a gravidez, só lhes cabia entregarem-se a sua carne; nenhuma iniciativa lhes era exigida. Agora há em face delas uma pessoa com direitos sobre elas. Certas mulheres acariciam alegremente o filho enquanto se acham no hospital, ainda joviais e despreocupadas, mas começam a encará-lo como um fardo quando voltam para casa. Nem mesmo a amamentação lhes dá alguma alegria, ao contrário, receiam estragar os seios ; e com rancor que os sentem partidos, com as glândulas doloridas; fere-os a boca do filho: parece-lhes que êle aspira-lhes as forças, a vida, a felicidade. Êle inflige-lhes uma dura servidão e não faz mais parte delas: apresenta-se como um tirano;

elas olham com hostilidade esse pequeno indivíduo estranho a elas e que constitui uma ameaça à carne, à liberdade, ao seu eu inteiro.

Muitos outros fatores intervêm. As relações com a mãe conservam toda a sua importância. H. Deutsch cita o caso de uma jovem ama cujo leite secava todas as vezes que a mãe a visitava; muitas vezes ela pede auxílio, mas tem ciúme dos cuidados que outra dá ao bebê e com mau humor o encara. As relações com o pai da criança, os sentimentos que êle próprio alimenta têm também grande influência. Todo um conjunto de razões econômicas, sentimentais, define a criança como um fardo, uma cadeia, ou uma libertação, uma jóia, uma segurança. Há casos em que a hostilidade se torna ódio declarado que se traduz por uma negligência extrema ou maus tratos. O mais das vezes, a mãe, consciente de seus deveres, combate-a; com isso sente um remorso que engendra angústias em que se prolongam as apreensões da gravidez. Todos os psicanalistas admitem que todas as mães que vivem obsidiadas pela idéia de que podem fazer mal aos filhos, todas as que imaginam horríveis acidentes, experimentam em relação a eles uma inimizade que buscam recalcar. O que, em todo caso, é de notar, e distingue essa relação de qualquer outra relação humana, é o fato de que nos primeiros tempos o filho, êle próprio, não intervêm: seus sorrisos, seus balbucios só têm o sentido que lhes empresta a mãe; quer lhe pareça encantador, único, ou aborrecido, vulgar, odioso, êle depende dela e não de si mesmo. É por isso que as mulheres frias, insatisfeitas, melancólicas, que esperavam do filho uma companhia, um calor, uma excitação capaz de arrancá-las de si mesmas, ficam sempre profundamente desapontadas. Como a "passagem" da puberdade, da iniciação sexual, do casamento, a da maternidade engendra uma decepção melancólica nos sujeitos que esperam que um acontecimento exterior possa renovar-lhes e justificar-lhes a vida. É o sentimento que se encontra em Sofia Tolstoi. Eis que escreve:

Estes nove meses foram os mais terríveis de minha vida. Quanto ao décimo, é melhor não falar.

Em vão se esforça ela por inscrever no diário uma alegria convencional: é sua tristeza, seu medo das responsabilidades que nos impressionam.

Tudo aconteceu. Dei à luz, tive minha parte de sofrimentos, tive alta e pouco a pouco volto à vida com um medo e uma inquietude constantes acerca de meu filho e principalmente de meu marido. Al-

guma coisa partiu-se em mim. Algo me diz que sofrerei constantemente, creio que é o temor de não desempenhar meus deveres para com *minha família*. Deixei de ser natural porque tenho receio desse amor vulgar de uma fêmea pelos filhotes e medo de amar exageradamente meu marido. Afirmam que é uma virtude amar o marido e os filhos. Por vezes esta idéia consola-me... Como o sentimento materno é forte e como me parece natural ser mãe! É o filho de Liova, eis por que o amo.

Mas sabe-se que ela só exhibe tamanho amor pelo marido porque não o ama; essa antipatia recai no filho concebido em atos que lhe repugnavam.

K. Mansfield descreveu a hesitação de uma jovem mãe que adora o marido mas suporta com repulsa suas carícias. Ela sente perante os filhos ternura e ao mesmo tempo uma impressão de vazio que interpreta melancolicamente como uma indiferença completa. Linda, descansando no jardim junto do último filho, pensa no marido, Stanley (*Na Baía*).

Agora, tinha-o desposado; e até o amava. Não o Stanley que todo mundo conhecia, não o Stanley quotidiano; mas um Stanley tímido, sensível, inocente, que se ajoelhava todas as noites para rezar. Mas a desgraça era... que via *seu* Stanley tão raramente. Havia momentos de beleza e calma, mas o resto do tempo ela tinha a impressão de viver numa casa sempre ameaçada de incêndio, num navio que todos os dias naufragava. E era sempre Stanley que se achava em perigo. Ela passava todo o tempo a salvá-lo, a tratar dele, a acalmá-lo e ouvir-lhe a história. O tempo que sobrava, vivia-o com medo de ter filhos... Era muito bonito dizer que ter filhos é a sorte comum das mulheres. Não era verdade. Ela, por exemplo, poderia provar que era falso. Estava quebrada, enfraquecida, desanimada com tanta gravidez. E o mais duro de suportar era que não gostava dos filhos. Não vale a pena fingir... Não, era como se um vento frio a tivesse enregelado em cada uma daquelas terríveis viagens; não lhe restava mais calor para dar-lhes. Quanto ao menininho, graças aos céus pertencia à sua mãe, a Beryl, a quem quisesse. Mal o tivera nos braços. Era-lhe tão indiferente enquanto repousava a seus pés. Baixou o olhar... Havia algo tão estranho, tão inesperado no sorriso dele que Linda sorriu também. Mas dominou-se e disse à criança: "Não gosto de bebês. — Não gostas de bebês?" Ele não podia acreditar. "Não gostas de mim?" Agitava estupidamente os braços para a mãe. Linda deixou-se cair na relva. "Por que continuas a sorrir?", disse severamente. Se soubesses o que estava pensando não ririas..." Linda estava tão espantada com a confiança daquela criaturinha. Ah, não, sê sincera. Não era o que sentia; era algo inteiramente diferente, algo tão novo, tão... Lágrimas dançaram-lhe nos olhos; murmurou docemente para o filho: "Bom dia, meu estranho menino..."

Todos esses exemplos bastam para mostrar que não existe instinto materno: a palavra não se aplica em nenhum caso à

espécie humana. A atitude da mãe é definida pelo conjunto de sua situação e pela maneira por que a assume. É, como se acaba de ver, extremamente variável.

Entretanto, não sendo as circunstâncias inteiramente desfavoráveis, a mãe encontrará no filho um enriquecimento.

Era como uma resposta à realidade de sua própria existência. . . Por êle tinha a possibilidade de aprender todas as coisas e a si mesma para começar,

escreve C. Audry a propósito de uma jovem mãe.

E empresta a outra estas palavras:

Pesava em meus braços, no meu peito como o que há de mais pesado no mundo, até o limite de minhas forças. Afundava-me na terra, no silêncio e na noite. De uma só vez jogara-me o peso do mundo sobre os ombros. É bem por isso que o quisera. Sozinha eu era leve demais.

Se certas mulheres, que são mais "poedeiras" do que mães, se desinteressam do filho logo depois da desmama, logo depois do nascimento, e não desejam senão uma nova gravidez, muitas, ao contrário, consideram que é a própria separação que lhes dá o filho; este não é mais um pedaço indistinto de seu eu e sim uma parcela do mundo; não lhes habita mais surdamente o corpo, mas pode-se vê-lo, tocá-lo; após a melancolia do parto, Cécile Sauvage exprime a alegria da maternidade possessiva

*Eis-te meu pequeno amante
No grande leito de tua mamãe
Posso beijar-te, abraçar-te,
Ponderar teu belo futuro;
Bom dia, minha pequena estátua
De sangue, de alegria e de carne nua,
Meu pequeno duplo, minha emoção. . . ¹.*

(¹) *Te voilà mon petit amant
Sur le grand lit de ta maman
Je peux t'embrasser, te tenir,
Soupeser ton bel avenir;
Bonjour ma petite statue
De sang, de joie et de chair nue,
Mon petit double, mon émoi. . .*

Já se disse e repetiu que a mulher encontra felizmente no filho uma equivalência do pênis: é inteiramente inexato. Na realidade, o homem adulto deixou de ver no pênis um brinquedo maravilhoso; o valor que seu órgão conserva é o dos objetos desejáveis cuja posse êle assegura; do mesmo modo, a mulher adulta inveja ao homem a presa que êle anexa, não o instrumento da anexação; o filho satisfaz esse erotismo agressivo que o amplexo masculino não satisfaz: é o homólogo dessa amante que ela entrega ao homem e que este não é para ela; bem entendido não há equivalência exata: toda relação é original; mas a mãe encontra no filho — como o amante na amada — uma plenitude carnal e isso não na rendição mas no domínio; ela apreende nele o que o homem procura na mulher: um outro, a um tempo natureza e consciência, que seja sua presa, seu *duplo*. Êle encarna toda a natureza. A heroína de C. Audry diz-nos que encontrava no filho

A pele que era para meus dedos, que cumprira a promessa de todos os gatinhos, de todas as flores...

A carne dele tem essa doçura, essa elasticidade morna que, em criança, a mulher desejara através da carne materna, e mais tarde por toda parte no mundo. Êle é planta, bicho, há em seus olhos chuvas e riachos, o azul do céu e do mar, as unhas são de coral, os cabelos uma vegetação sedosa, é uma boneca viva, um pássaro, um gatinho; minha flor, minha pérola, meu pintinho, meu cordeirinho... a mãe murmura as palavras do amante e, como êle, serve-se avidamente do adjetivo possessivo; emprega os mesmos modos de apropriação: carícias, beijos; aperta o filho contra o corpo, envolve-o no calor dos braços, do leito. Por vezes essas relações revestem-se de um caráter nitidamente sexual. Assim é que se lê na confissão recolhida por Stekel e já citada.

A.mamentava meu filho, mas sem alegria porque não crescia e ambos perdíamos peso. Isso representava algo sexual para mim e eu experimentava um sentimento de pudor dando-lhe o seio. Tinha a sensação adorável de sentir o corpinho quente que se achegava ao meu; arrepia-me quando sentia suas mãozinhas me tocarem... Todo o meu amor se destacava de meu eu para se voltar para meu filho... O filho estava demasiado comigo. Logo que me via na cama, e tinha então dois anos, arrastava-se para o leito, tentando colocar-se sobre mim.

Acariciava-me os seios com suas mãozinhas e queria descer com o dedo; o que me dava tanto prazer que tinha dificuldade em afastá-lo. Muitas vezes tive de lutar contra a tentação de brincar com o pênis dele...

A maternidade assume novo aspecto quando o filho cresce; nos primeiros tempos, êle não passa de um "pequerrucho-*standard*", só existe em sua generalidade: pouco a pouco, individualiza-se. As mulheres muito dominadoras ou muito carnaís esfriam-se então; é nesse momento, ao contrário, que outras — como Colette — começam a se interessar por êle. A relação entre mãe e filho torna-se cada vez mais complexa: êle é um duplo e por vezes ela é tentada a alienar-se inteiramente nele, mas êle é um sujeito autônomo, logo rebelde; é hoje vivamente real, mas no fundo do futuro um adolescente, um adulto imaginário, uma riqueza, um tesouro; é também um fardo, um tirano. A alegria que a mãe pode encontrar nele é uma alegria de generosidade; é preciso que ela se compraza em servir, em dar, em criar felicidade, como a mãe que pinta C. Audry:

Êle tinha pois uma infância feliz como nos livros, mas que estava para a infância dos livros como as rosas de verdade estão para as rosas dos cartões-postais. E essa felicidade dele saía de mim como o leite com que o amamentara.

Como a amorosa, a mãe encanta-se ao sentir-se necessária; é justificada pelas exigências a que atende; mas o que faz a dificuldade e a grandeza do amor materno é o fato de que não implica uma reciprocidade; a mulher não tem diante de si um homem, um herói, um semideus, e sim uma pequena consciência balbuciante, afogada em um corpo frágil e contingente; o filho não detém valor algum, nem pode conferir nenhum; diante dele a mulher permanece só; ela não espera nenhuma recompensa em troca de seus dons, cabe a sua própria liberdade justificá-los. Essa generosidade merece os louvores que os homens incansavelmente lhe outorgam; mas a mistificação começa quando a religião da maternidade proclama que toda mãe é exemplar. Porque o devotamento materno pode ser vivido numa perfeita autenticidade; mas o caso é raro, na realidade. De costume, maternidade é um estranho compromisso de narcisismo, de altruísmo, de sonho, de sinceridade, de má-fé, dedicação e cinismo.

O grande perigo que nossos costumes fazem o filho correr é que a mãe, a quem o confiam de pés e mãos amarrados, é quase sempre uma mulher insatisfeita: sexualmente é fria ou irrealizada; socialmente, sente-se inferior ao homem; não tem domínio sobre o mundo e o futuro; procurará compensar através do filho todas as suas frustrações; quando se compreendeu a que ponto a situação atual da mulher lhe torna difícil sua plena rea-

lização, quantos desejos, revoltas, pretensões, reivindicações a habitam surdamente, espanta-nos que filhos sem defesa lhe sejam entregues. Suas condutas são simbólicas como no tempo que ora embalava a boneca, ora a torturava: mas esses símbolos tornam-se uma áspera realidade para o filho. Uma mãe que bate no filho não bate somente nele, em certo sentido não bate absolutamente na criança: vinga-se de um homem, do mundo, de si mesma; mas é o filho que recebe as pancadas. Mouloudji fêz-nos sentir em *Enrico* esse mal-entendido penoso: Enrico compreende muito bem que não é nele que a mãe bate tão loucamente; e, despertando de seu delírio, ela soluça de remorso e de ternura; êle não guarda rancor, mas nem por isso é menos desfigurado pelas pancadas. Do mesmo modo, a mãe descrita em *L'Asphyxie*, de Violette Leduc, desencadeando-se contra a filha, vinga-se do sedutor que a abandonou, da vida que a humilhou e venceu. Sempre se conheceu esse aspecto cruel da maternidade; mas com um pudor hipócrita desfêz-se a idéia de "mãe má", inventando o tipo da madrastra; é a esposa de segundas núpcias que atormenta o filho de uma "boa mãe" defunta. Em verdade, em Mme Fichini, é uma mãe, exatamente igual à edificante Mme de Fleurville, que Mme de Ségur nos descreve. Depois de *Poil de carotte*, de Jules Renard, os atos de acusação multiplicaram-se: *Enrico*, *L'Asphyxie*, *La Haine maternelle*, de S. de Tervagnes, *Vi-père au poing* de Hervé Bazin. Se os tipos descritos nesses romances são algo excepcionais, é porque em sua maioria as mulheres recalcam por moralidade e decência seus impulsos espontâneos; mas estes manifestam-se por momentos através de cenas, tapas, raivas, insultos, castigos etc. Ao lado das mães francamente sádicas, muitas há simplesmente caprichosas; o que as encanta é dominar; bem pequenino, o bebê é um brinquedo; se é menino, elas divertem-se sem escrúpulo com o sexo dele; se é menina, fazem dela uma boneca; mais tarde querem que um pequeno escravo lhes obedeça cegamente; vaidosas, exibem a criança como um animal ensinado; ciumentas e exclusivas, isolam-no do resto do mundo. Muitas vezes também a mulher não renuncia a uma recompensa pelos cuidados que deu à criança; modela através dela um ser imaginário que a reconhecerá com gratidão como uma mãe admirável e em quem esta se reconhecerá. Quando Cornélia, mostrando os filhos, dizia com orgulho: "Eis minhas jóias dava o mais nefasto exemplo à posteridade; número demasiado grande de mães vivem na esperança de repetir um dia esse gesto orgulhoso; e não hesitam em sacrificar a esse objetivo

o pequeno indivíduo de carne e osso cuja existência contingente, indecisa, não as satisfaz. Impõem-lhe que se assemelhe ao marido ou, ao contrário, que não se lhe assemelhe em nada, ou que reencarne um pai, uma mãe, um antepassado venerado; imitam um modelo prestigioso: uma socialista alemã admirava profundamente Lily Braun, conta H. Deutsch; a célebre agitadora tinha um filho genial e que morreu moço; sua imitadora obstinou-se em tratar o próprio filho como um futuro gênio e o resultado foi tornar-se êle um bandido. Nociva à criança, essa tirania desadaptada é sempre uma fonte de decepção para a mãe. H. Deutsch cita outro exemplo impressionante, o de uma italiana cuja história acompanhou durante vários anos.

A Sra. Mazetti tinha numerosos filhos e queixava-se sem cessar de se achar em dificuldade com um ou outro; pedia ajuda 'mas era difícil auxiliá-la porque ela se imaginava superior a todo mundo e principalmente ao marido e aos filhos; fora da família, conduzia-se com muita ponderação e altivez, mas em casa, ao contrário, mostrava-se muito excitada e fazia cenas violentas. Saíra de um meio pobre, inculto e sempre quisera "subir"; freqüentava cursos noturnos e talvez houvesse realizado suas ambições se não se tivesse casado aos 16 anos com um homem que a atraía sexualmente e que a fizera mãe. Continuou a tentar sair de seu meio indo a cursos etc.; o marido era um bom operário especializado que a atitude agressiva e superior da mulher levou, como reação, ao alcoolismo; para vingar-se, talvez, foi que a engravidou tantas vezes. Separada do marido, após um período em que se resignou a sua situação, começou a tratar os filhos da mesma maneira que o pai; nos primeiros tempos, eles lhe deram satisfação: trabalhavam direito, tinham boas notas na escola etc. Mas quando Luísa, a mais velha, fêz 16 anos, ela teve medo de que repetisse sua própria experiência: tornou-se tão severa e dura que Luísa, com efeito, teve, por vingança, um filho ilegítimo. Em conjunto, os filhos tomavam o partido do pai contra a mãe, que os aborrecia com suas exageradas exigências morais; ela era incapaz de se apegar ternamente a mais de um filho cada vez, nele pondo todas as suas esperanças; depois mudava de predileção, o que tornava os outros furiosos e ciumentos. Uma após outra, as filhas puseram-se a receber homens, a pegar sífilis e a trazer filhos ilegítimos para casa; os filhos tornaram-se ladrões. E a mãe não queria compreender que suas exigências ideais é que os haviam impelido a esse caminho.

Essa obstinação educadora e o sadismo caprichoso de que falei misturam-se muitas vezes; como pretexto para suas cóleras, a mãe afirma que deseja "formar" o filho; e, inversamente, o malogro do empreendimento exaspera-lhe a hostilidade.

Outra atitude assaz freqüente, e não menos nefasta à criança, é a dedicação masoquista; certas mães, para compensar o vazio

de seu coração e se punir de uma hostilidade que não querem confessar, tornam-se escravas da progenitura; cultivam indefinidamente uma ansiedade mórbida, não suportam que o filho se afaste delas; renunciam a quaisquer prazeres, a toda vida pessoal, o que lhes permite assumirem atitudes de vítima; e tiram desse sacrifício o direito de negar ao filho toda independência; essa renúncia concilia-se facilmente com uma vontade tirânica de domínio; a *mater dolorosa* faz de seus sofrimentos uma arma que emprega sàdicamente; suas cenas de resignação engendram na criança sentimentos de culpa que muitas vezes pesarão em toda a sua vida e que são mais nocivos ainda do que as cenas agressivas. Hesitante, desnordeada, a criança não encontra nenhuma atitude de defesa: ora as pancadas, ora as lágrimas a denunciam como criminosa. A grande desculpa da mãe está em que o filho não lhe proporciona nem de longe a feliz realização de si mesma que lhe prometeram desde a infância: culpa-o da mistificação de que foi vítima e que inocentemente êle denuncia. Ela dispunha das suas bonecas à vontade; e quando ajudava a cuidar do bebê de uma irmã, era sem responsabilidade que o fazia.

Agora a sociedade, o marido, a mãe e seu próprio orgulho exigem que preste contas daquela pequena vida estranha como se fosse obra sua: o marido em particular irrita-se com os defeitos do filho como se irritaria com um mau jantar ou com a má conduta da mulher; suas exigências abstratas pesam muitas vezes fortemente nas relações entre mãe e filho; uma mulher independente — graças à sua solidão, sua despreocupação ou sua autoridade no lar — será muito mais serena do que aqueles sobre quem pesam vontades dominadoras a que devem, queiram ou não, obedecer, fazendo o filho obedecer. Pois a grande dificuldade consiste em encerrar em quadros previstos uma existência misteriosa como a dos animais, turbulenta e desordenada como a das forças naturais, e no entanto, humana; não se pode educar a criança em silêncio, como se faz com um cão, nem persuadi-la com palavras de adulto; ela joga com esse equívoco, opondo às palavras a animalidade de seus soluços e de suas convulsões e, aos constrangimentos, a insolência da linguagem. Sem duvida o problema assim posto é apaixonante e, quando tem lazes, a mãe compraz-se em ser uma educadora: tranqüilamente instalado no jardim público, o bebê é ainda um *álibi*, como no tempo em que se aninhava no ventre materno; muitas vezes, tendo permanecido mais ou menos infantil, a mãe se encanta com nncar com êle, ressuscitando os jogos, as palavras, as preocupa-

ções, as alegrias dos tempos idos. Mas quando ela lava, cozinha, amamenta outro filho, vai à feira, recebe visitas e principalmente quando se ocupa do marido, o filho já se torna uma presença importuna, exaustiva; ela não tem tempo para "formá-lo", cumpre antes de tudo impedi-lo de perturbar, pois êle quebra, rasga, suja, é um perigo constante para os objetos e para si próprio; agita-se, grita, fala, faz barulho: vive por sua conta e essa vida atrapalha a dos pais. Os interesses de uns e outro não se ajustam, daí o drama. Atormentados incessantemente por êle, os pais lhe infligem sem cessar sacrifícios cujas razões êle não compreende: sacrificam-no à sua tranqüilidade e também ao futuro dele. É natural que êle se revolte. Não entende as explicações que a mãe tenta dar-lhe: não pode penetrar na consciência do filho, cujos sonhos, fobias, obsessões, desejos formam um mundo opaco: a mãe só pode regulamentar de fora, às apalpadelas, um ser que sente essas leis abstratas como uma violência absurda. Quando o filho cresce, a incompreensão continua: êle entra em um mundo de interesses, de valores, de que a mãe se acha excluída; muitas vezes, êle a despreza. O menino, particularmente, orgulhoso de suas prerrogativas masculinas, zomba das ordens de uma mulher: ela exige que faça suas lições, mas não poderia resolver os problemas do filho, nem traduzir um texto em latim; não pode "acompanhá-lo". A mãe enerva-se por vezes até às lágrimas nessa tarefa ingrata cuja dificuldade o marido raramente mede: governar um ser com quem não se comunica e que no entanto é um ser humano; imiscuir-se numa liberdade estranha que não se define e afirma senão pela revolta.

A situação é diferente segundo o sexo da criança e, embora no caso de um menino a coisa seja mais "difícil", em geral a mãe a ela se ajeita melhor. Por causa do prestígio de que a mulher reveste os homens, e também dos privilégios que estes detêm concretamente, muitas mulheres desejam filhos de preferência a filhas. "É maravilhoso pôr no mundo um homem!", dizem; vimos que sonham com engendrar um "herói" e o herói é evidentemente do sexo masculino. O filho será um chefe, um condutor de homens, um soldado, um criador; imporá sua vontade sobre a terra e a mãe participará de sua imortalidade. As casas que ela não construiu, os países que não explorou, os livros que não leu, êle lhos dará. Através dele ela possuirá o mundo: mas à condição de dominá-lo. Daí o paradoxo de sua atitude. Freud considera que a relação da mãe com o filho é a que comporta menos ambivalência; mas, em verdade, na maternidade,

como no casamento e no amor, a mulher tem uma atitude equívoca em relação à transcendência masculina; se sua vida conjugal ou amorosa a tornou hostil aos homens, será para ela uma satisfação dominar o macho reduzido a sua figura infantil. Ela tratará com uma familiaridade irônica o sexo de pretensões arrogantes: por vezes assustará a criança, anunciando-lhe que o arrancarão, se ele não se comportar direito. Mesmo que, mais humilde, mais pacífica, respeite no filho o futuro herói, a fim de que seja realmente seu, ela se esforça para reduzi-lo à sua realidade iminente: assim como trata o marido como criança, trata o filho como bebê. É demasiado racional, demasiado simples pensar que deseja castrar o filho; seu sonho é mais contraditório: ela o quer infinito e, no entanto, cabendo na palma da mão, dominando o mundo inteiro, mas de joelhos diante dela. Incita-o a mostrar-se sensível, guloso, generoso, tímido, sedentário, proíbe-lhe a prática dos esportes, a camaradagem, torna-o desconfiado de si mesmo, porque pretende tê-lo para si; mas fica decepcionada se ele não se torna ao mesmo tempo um aventureiro, um campeão, um gênio de que pudesse orgulhar-se. Que sua influência seja amiúde nefasta — como o afirmou Montherjant, como mostrou Mauriac em *Génitrix* — é fato indiscutível. Felizmente, para ele, o menino pode assaz facilmente escapar a esse domínio; os costumes, a sociedade encorajam-no, e a própria mãe se resigna a isso: sabe que a luta contra o homem é desigual. Consola-se fazendo-se de *mater dolorosa* ou ruminando o orgulho de ter engendrado um de seus vencedores.

A menina é mais totalmente dependente da mãe: com isso, as pretensões desta aumentam. Suas relações assumem um caráter muito mais dramático. Na filha, a mulher não saúda um membro da casta eleita; nela procura seu duplo. Projeta nela toda a ambigüidade de sua relação própria; e quando se afirma a alteridade desse *alter ego*, sente-se traída. É entre mãe e filha que os conflitos de que falamos assumem formas exasperadas.

Há mulheres que se acham suficientemente satisfeitas com a vida para desejar reencarnar-se numa filha ou, pelo menos, acolhe-la sem decepção; desejarão dar à filha as possibilidades que tiveram e também as que não tiveram: proporcionar-lhe-ão uma juventude feliz. Colette deu-nos o retrato de uma dessas mães equilibradas, generosas: Sido ama a filha em sua liberdade, cumula-a de satisfações sem nada exigir, porque tira sua alegria de seu próprio coração. É possível que, dedicando-se a esse duplo em quem se reconhece e se ultrapassa, a mãe acabe por se

alienar inteiramente nele; renuncia a seu eu, sua única preocupação é a felicidade da filha; mostrar-se-á mesmo egoísta e dura para com o resto do mundo; o perigo que corre é de se tornar importuna a quem adora, como Mme de Sévigné o foi para Mme de Grignan; a filha tentará, com mau humor, desembaraçar-se de uma dedicação tirânica; muitas vezes não o consegue e fica a vida inteira infantil, tímida ante suas responsabilidades por ter sido demasiado "mimada". Mas é principalmente certa forma masoquista da maternidade que ameaça pesar fortemente sobre a jovem. Certas mulheres sentem sua feminilidade como uma maldição absoluta: desejam ou acolhem uma filha com o amargo prazer de se reencontrar em outra vítima; e, ao mesmo tempo, julgam-se culpadas de a ter dado à luz; seus remorsos, a piedade que sentem por si mesmas através da filha traduzem-se por ansiedades infinitas; não largarão essa filha um só instante; dormirão na mesma cama durante quinze, vinte anos; a menina será aniquilada pelo fogo dessa paixão inquieta.

Em sua maioria, as mulheres reivindicam, e ao mesmo tempo detestam, sua condição feminina; é no ressentimento que vivem. O nojo que experimentam por seu sexo poderia incitá-las a dar a suas filhas uma educação viril: raramente são bastante generosas. Irritada por ter engendrado uma mulher, a mãe acolhe-a com esta equívoca maldição: "Serás uma mulher". Espera resgatar sua inferioridade fazendo de quem encara como seu duplo uma criatura superior; tende também a infligir-lhe a tara de que sofreu. Por vezes procura impor à filha exatamente o seu próprio destino: "O que foi bastante bom para mim, sê-lo-á igualmente para ti; assim foi que me educaram, terás a mesma sorte". Outras vezes, ao contrário, proíbe-lhe que se assemelhe a ela: quer que sua experiência sirva, é uma maneira de refazer a vida. A mulher galante põe a filha *num* convento, a ignorante faz a filha instruir-se. Em *L'Asphyxie*, a mãe, que vê na filha a consequência detestada de um erro de mocidade, diz-lhe com furor:

Vê se compreendes. Se te acontecesse coisa igual, eu te renegaria. Eu não sabia nada. O pecado! É vago o pecado! Se um homem te chamar, não vás. Segue teu caminho. Não te voltes. Compreendes? Estás prevenida, é preciso que isso não te aconteça e se te acontecesse eu não teria nenhuma piedade, te largaria na sarjeta.

Vimos que a Sra. Mazetti levava a filha ao erro à força de querer poupar-lhe a falta que ela própria cometera. Stekel conta um caso complexo de ódio materno para com uma filha:

Conhecia uma mãe que, desde o momento do nascimento, não podia suportar sua quarta filha, uma criaturinha encantadora e gentil... Acusava-se de ter herdado todos os defeitos do marido... A menina nascera numa época em que outro homem a cortejara, um poeta por quem se apaixonara perdidamente; esperava que, como nas *Afinidades Eletivas* de Goethe, a criança tivesse os traços do homem amado. Mas desde o nascimento a menina pareceu-se com o pai. Demais, a mãe via na criança seu próprio reflexo: o entusiasmo, a doçura, a dedicação, a sensualidade. Gostaria de ser forte, inflexível, dura, casta, enérgica. Na filha, detestava-se muito mais a si mesma do que ao marido.

É quando a menina cresce que nascem verdadeiros conflitos; vimos que ela desejava afirmar sua autonomia contra a mãe: aos olhos desta há nisso um traço de ingratidão odiosa; obstina-se em "subjugar" essa vontade que lhe foge; não aceita que seu duplo se torne *uma outra*. O prazer de se sentir absolutamente superior, que o homem experimenta junto das mulheres, a mulher só o conhece junto dos filhos e em particular das filhas; sente-se frustrada se precisa renunciar a seus privilégios, à sua autoridade. Mãe apaixonada ou mãe hostil, a independência dos filhos arruina-lhe as esperanças. É duplamente ciumenta: do mundo que lhe toma a filha, da filha que, conquistando uma parte do mundo, lhe rouba. Esse ciúme volta-se primeiramente para as relações da menina com o pai; amiúde a mãe vale-se da filha para prender o marido ao lar: em caso de malogro, fica despeitada, mas se a manobra dá certo ela é tentada a reavivar, sob uma forma invertida, seu complexo infantil: irrita-se contra a filha como outrora contra a própria mãe; emburra, imagina-se abandonada e incompreendida. Uma francesa, casada com um estrangeiro e que gostava muito das filhas, disse um dia com raiva: "Estou farta de viver com metecos!" Muitas vezes a mais velha, predileta do pai, é particularmente alvo das perseguições maternas. A mãe acabrunha-a com tarefas ingratas, exige dela uma seriedade acima da idade; uma vez que é uma rival, será tratada como adulta; ficará sabendo, ela também, "que a vida não é um romance, que nem tudo é côr-de-rosa, que não se faz o que se quer, que não se está no mundo para se divertir. . ." Frequentemente, a mãe estapeia a criança por um sim e por um não, simplesmente "para ensinar-lhe"; entre outras coisas, faz questão de provar que continua a ser quem manda; o que mais a irrita é não ter nenhuma superioridade verdadeira a opor a uma criança de 11 a 12 anos; esta já está apta a desincumbir-se das tarefas caseiras; é "uma mulherzinha"; tem mesmo uma vivacidade, uma curiosidade, uma lucidez que a tornam, sob muitos

aspectos, superior às mulheres adultas. A mãe compraz-se em reinar sem contestação sobre seu universo feminino; quer-se a si mesma única, insubstituível e eis que a jovem assistente a reduz à pura generalidade de suas funções. Ralha duramente com a filha se, após dois dias de ausência, encontra a casa em desordem, mas cai furiosamente em transe se verifica que a vida familiar prosseguiu perfeitamente sem ela. Não aceita que a filha se torne verdadeiramente um duplo, uma substituta. Entretanto, é-lhe muito mais intolerável ainda que a filha se afirme francamente como outra. Detesta sistematicamente as amigas em que a filha busca auxílio contra a opressão familiar e que "lhe encham a cabeça"; ou, tomando como pretexto a "má influência" delas, proíbe-lhe radicalmente que as frequente. Toda influência que não fôr a sua é má; tem uma animosidade particular contra as mulheres da mesma idade que ela — professoras, outras mães — para as quais a menina volta sua afeição; declara que tais sentimentos são absurdos ou perniciosos. Basta para a exasperar, por vezes, a alegria, a despreocupação dos jogos e risos da criança; perdoa-os com mais boa vontade aos meninos; estes aproveitam seu privilégio de machos, é natural, ela já renunciou de há muito a uma impossível competição. Mas por que essa outra mulher gozaria de vantagens que lhe são recusadas? Presa às armadilhas da seriedade, inveja todas as ocupações e os divertimentos que arrancam a menina ao tédio do lar; essa evasão é um desmentido a todos os valores pelos quais se sacrificou. Quanto mais a filha cresce, mais o rancor rói o coração materno; cada ano encaminha a mãe para seu declínio; de ano em ano o corpo juvenil se afirma, desabrocha, esse futuro que se abre à frente da filha, parece à mãe que lho roubam; daí é que vem a irritação de certas mulheres quando as filhas têm as primeiras regras; querem-lhes mal por se acharem desde então mulheres. A essa recém-chegada oferecem-se, contra a repetição e a rotina que são o quinhão da mais velha, possibilidades ainda indefinidas: são estas oportunidades que a mãe inveja e detesta; não podendo fazê-las suas, tenta constantemente diminuí-las, suprimi-las: prende a filha em casa, vigia-a, tiraniza-a, recusa-lhe todos os lazeres, propositadamente veste-a de modo ridículo, fica furiosa se a adolescente se pinta, se "sai"; todo seu rancor contra o mundo, ela o dirige contra essa jovem vida que se lança para um futuro novo; tenta humilhar a jovem, ridiculariza suas iniciativas, amarra-a. Uma luta aberta declara-se muitas vezes entre ambas; é normalmente a mais jovem que ganha, pois o tempo

trabalha por ela; mas a vitória tem um gosto de pecado: a atitude da mãe engendra na filha revolta e remorso ao mesmo tempo; a simples presença da mãe faz dela uma culpada e vimos que esse sentimento pode agravar pesadamente a derrota; de boa ou má vontade, a mãe termina por aceitar sua derrota; quando a filha se torna adulta, uma amizade mais ou menos atormentada restabelece-se entre elas. Mas uma permanece desiludida, frustrada para sempre; a outra, muitas vezes, acredita-se perseguida por uma maldição.

Voltaremos a tratar das relações que uma mulher idosa mantém com seus filhos adultos: mas é evidentemente durante os vinte primeiros anos que eles ocupam maior lugar na vida da mãe. A perigosa falsidade dos dois preconceitos geralmente admitidos decorre claramente da descrição que acabamos de fazer. O primeiro consiste em imaginar que a maternidade basta, em qualquer caso, para satisfazer uma mulher: não é verdade. Há muitas mulheres que são infelizes, azedas, insatisfeitas. O exemplo de Sofia Tolstoi, que teve doze partos, é significativo; não pára de repetir em seu diário que tudo lhe parece inútil e vazio no mundo e em si mesma. Os filhos dão-lhe uma espécie de paz masoquista. "Com os filhos, não tenho mais o sentimento de ser jovem. Estou calma e feliz." Renunciar à sua mocidade, à sua beleza, à sua vida pessoal traz-lhe um pouco de calma; sente-se envelhecida, justificada. "O sentimento de lhes ser indispensável é para mim uma grande felicidade." Eles são uma arma que lhe permite recusar a superioridade do marido. "Meus únicos recursos, minhas únicas armas para restabelecer a igualdade entre nós, são os filhos, a energia, a alegria, a saúde..." Mas eles não bastam absolutamente para dar um sentido a uma existência corroída pelo tédio. A 25 de janeiro de 1905, após um momento de exaltação, ela escreve:

*Eu também quero e posso tudo*¹. Mas logo que esse sentimento passa, verifico que não quero nem posso nada, nada senão cuidar dos bebês, comer, beber, dormir, amar meu marido e meus filhos, o que em definitivo deveria ser a felicidade mas que me entristece e, como ontem, me dá vontade de chorar.

E onze anos mais tarde:

— Consagro-me energicamente e com ardente desejo de acertar à educação dos filhos. Deus meu! Como sou impaciente, irascível, como grito!... Como é triste esta eterna luta com os filhos!

(¹) O grifo é de Sofia Tolstoi.

A relação da mãe com os filhos define-se no seio da forma global que é a sua vida; depende de suas relações com o marido, com o passado, com suas ocupações e consigo mesma — é um erro nefasto tanto quanto absurdo pretender ver no filho uma panacéia universal. É a conclusão a que também chega H. Deutsch, na obra que citei muitas vezes e em que estuda, através de sua experiência de psiquiatra, os fenômenos da maternidade. Ela coloca muito alto essa função pela qual considera que a mulher se realiza totalmente; mas com a condição de que seja *livremente* assumida e *sinceramente* desejada; é preciso que a jovem mulher se encontre numa situação psicológica, moral e material que lhe permita suportar-lhe o fardo, sem o quê as conseqüências serão desastrosas. É criminoso, em particular, aconselhar o filho como remédio a melancólicas ou neuróticas; faz-se com isso a infelicidade da mulher e da criança. A mulher equilibrada, sadia, consciente de suas responsabilidades é a única capaz de se tornar uma "boa mãe".

Disse que a maldição que pesa sobre o casamento provém de que muito freqüentemente os indivíduos nele se juntam em sua fraqueza, não em sua força, cada qual solicitando do outro ao invés de dar. É um engano ainda mais decepcionante do que sonhar em alcançar, pelo filho, uma plenitude, um calor, um valor que não se soube criar por si mesmo; o casamento só dá alegria a uma mulher capaz de querer desinteressadamente a felicidade de outro, àquela que, sem se voltar para si mesma, busca uma superação de sua própria existência. O filho é, sem dúvida, uma empresa a que se pode válidamente destinar; mas tal como outras não representa uma justificação em si; e é preciso que seja desejada pelo que é e não por benefícios hipotéticos. Stekel diz muito justamente:

Os filhos não são sucedâneos do amor; não substituem uma meta de vida falhada; não são material destinado a encher o vazio de nossa vida; são uma responsabilidade e um pesado dever; são os florões mais generosos do amor livre. Não são nem o brinquedo dos pais, nem a realização de sua necessidade de viver, nem sucedâneos de suas ambições insatisfeitas. Os filhos representam a obrigação de formar seres felizes.

Uma tal obrigação nada tem de *natural*: a Natureza não poderá nunca ditar uma escolha moral; esta implica um compromisso; dar à luz é assumir um compromisso; se a mãe não o cumpre a seguir, comete um erro contra uma existência humana, contra uma liberdade; mas ninguém lho pode impor.

A relação dos pais com os filhos, como a relação da mulher com o marido, deveria ser livremente desejada. Nem sequer é verdade que o filho seja para a mulher uma realização privilegiada; diz-se de bom grado que uma mulher é coquete, amorosa, lésbica, ambiciosa por "não ter filho"; sua vida sexual, seus objetivos, seus valores seriam sucedâneos do filho. Na realidade, há primitivamente indeterminação: pode-se dizer também que é por falta de amor, de ocupação, de satisfação de suas tendências homossexuais que a mulher deseja um filho. Sob esse pseudo-naturalismo esconde-se uma moral social e artificial. Afirmar que o filho é o fim supremo da mulher tem exatamente o valor de um *slogan* publicitário.

O segundo preconceito imediatamente implicado pelo primeiro, consiste em dizer que o filho encontra uma felicidade segura nos braços maternos. Não há mãe "desnaturada", posto que o amor materno nada tem de natural: mas precisamente por causa disso há mães más. E uma das grandes verdades que a psicanálise proclamou é o perigo que constituem para o filho os próprios pais "normais". Os complexos, as obsessões, as neuroses de que sofrem os adultos têm sua raiz no passado familiar; os pais, que têm seus próprios conflitos, suas dissensões, seus dramas, são para o filho a companhia menos desejável. Profundamente marcados pela vida do lar paterno, abordam os próprios filhos através de complexos e frustrações e essa cadeia de miséria perpetuar-se-á indefinidamente. O sado-masiquismo materno, em particular, cria na jovem um sentimento de culpa que se traduzirá sempre por condutas sado-masiquistas para com os filhos. Há uma má-fé extravagante na conciliação do desprezo que se dedica às mulheres com o respeito com que são cercadas as mães. É um paradoxo criminoso recusar à mulher toda atividade pública, vedar-lhe as carreiras masculinas, proclamar sua incapacidade em todos os terrenos e confiar-lhe a empresa mais delicada, mais grave que existe: a formação de um ser humano. Há muitas mulheres a quem os costumes, a tradição recusam ainda a educação, a cultura, as responsabilidades, as atividades que são privilégio dos homens e a quem, no entanto, entregam sem escrúpulos os filhos, como outrora as consolavam com bonecas de sua inferioridade em relação aos meninos; impedem-nas de viver; em compensação, autorizam-nas a brincar com brinquedos de carne e osso. Seria preciso que a mulher fosse perfeitamente feliz, ou uma santa, para resistir à tentação de abusar de seus direitos. Montesquieu talvez tivesse razão quando dizia

que fora preferível confiar o governo do Estado a uma mulher a entregar-lhe o da família, porque, desde que se lhe dê a oportunidade, a mulher mostra-se tão sensata, tão eficiente quanto o homem: é no pensamento abstrato, na ação concertada que ela supera mais facilmente seu sexo; é-lhe bem mais difícil, *atualmente*, libertar-se de seu passado de mulher, encontrar um equilíbrio afetivo que nada em sua situação favorece. O homem também é muito mais equilibrado, sensato em seu trabalho do que no lar; conduz seus cálculos com uma precisão matemática: torna-se ilógico, mentiroso, caprichoso junto da mulher com quem "se abandona"; o mesmo ocorre com ela em relação ao filho. E essa complacência é mais perigosa, porque ela pode defender-se melhor contra o marido do que o filho contra ela. Naturalmente seria desejável para o bem da criança que a mãe fosse uma pessoa completa e não mutilada, uma mulher que encontra em seu trabalho, em sua relação com a coletividade, uma realização de si que não buscasse alcançar através do filho, tirânicamente. E seria desejável também que êle fosse menos abandonado aos pais do que o é atualmente, que seus estudos e distrações se desenrolassem no meio de outras crianças, sob o controle de adultos que só tivessem com êle relações impessoais e puras.

Mesmo no caso em que o filho se apresenta como uma riqueza no seio de uma vida feliz, ou pelo menos equilibrada, não pode limitar o horizonte da mãe. Não a arranca da imanência; ela modela-lhe a carne, cuida dele, sustenta-o: só pode criar uma situação de fato que cabe tão somente à liberdade do filho ultrapassar; quando ela joga no futuro dele, é ainda por procuração que se transcende através do universo e do tempo, isto é, uma vez mais ela se amarra à dependência. Não somente a ingratidão, mas o malogro do filho será o desmentido de todas as esperanças: como no casamento ou no amor, ela entrega a outro o cuidado de lhe justificar a vida, quando a única conduta autêntica consiste em a assumir livremente. Vimos que a inferioridade da mulher provinha originalmente de se ter ela limitado a repetir a vida, enquanto o homem inventava razões de viver, a seus olhos mais essenciais do que a pura facticidade da existência; encerrar a mulher na maternidade seria perpetuar essa situação. Ela reclama hoje o direito de participar do movimento pelo qual a humanidade tenta incessantemente justificar-se, em se superando; ela só pode consentir em dar vida se a vida tem um sentido; não poderia ser mãe sem tentar desempenhar um papel na vida econômica, política, social. Não, é a mesma coisa engendrar

carne para canhão, escravos, vítimas ou homens livres. Numa sociedade convenientemente organizada, em que o filho estivesse até certo ponto a cargo da coletividade, a mãe tratada e auxiliada, a maternidade não seria absolutamente incompatível com o trabalho feminino. Ao contrário: é a mulher que trabalha — camponesa, química ou escritora — que tem o parto mais fácil, pelo fato de não se fascinar com sua própria pessoa. A mulher de vida pessoal mais rica será a que mais dará ao filho e menos lhe pedirá; será quem adquire no esforço e na luta o conhecimento dos verdadeiros valores humanos, será a melhor educadora. Se atualmente muitas vezes a mulher tem dificuldade em conciliar o ofício, que a retém durante horas fora do lar e lhe toma todas as forças, com o interesse de seus filhos, é porque, por um lado, o trabalho feminino é ainda freqüentemente uma escravidão, e, por outro, porque nenhum esforço se fez para assegurar o cuidado, a guarda, a educação das crianças fora do lar. Trata-se de uma carência social; mas é um sofisma justificá-la alegando que uma lei inscrita no céu ou nas entranhas da terra determina que a mãe e o filho se pertençam exclusivamente um ao outro; essa mútua pertinência não constitui, na verdade, senão uma dupla e nefasta opressão.

É uma mistificação sustentar que a mulher se torna, pela maternidade, a igual concreta do homem. Os psicanalistas esforçaram-se muito por demonstrar que o filho lhe trazia um equivalente do pênis; mas, por invejável que seja esse atributo, ninguém pretende que sua simples posse seja capaz de justificar uma existência nem que seja o fim supremo desta. Falou-se também muitíssimo dos direitos sagrados da mãe, mas não foi como mãe que as mulheres conquistaram o direito de voto; a mãe solteira é ainda desprezada; é somente no casamento que a mãe é glorificada, isto é, na medida em que permanece subordinada ao marido. Enquanto este permanece o chefe econômico da família, embora ela se ocupe muito mais dos filhos, eles dependem muito mais dele do que dela. É por isso que, como vimos, a relação da mãe com os filhos se acha estreitamente comandada pela que mantém com o esposo.

As relações conjugais, a vida caseira, a maternidade formam assim um conjunto em que todos os momentos se determinam; ternamente unida ao marido, a mulher pode assumir com alegria os encargos do lar; feliz com os filhos, será indulgente com o marido. Mas essa harmonia não é facilmente realizável porque as diferentes funções consignadas à mulher se conjugam mal entre

si. Os jornais femininos ensinam abundantemente à dona de casa a arte de conservar sua atração sexual embora lavando a louça, a permanecer elegante durante a gravidez, a conciliar o coquetismo com a maternidade e a economia; mas aquela que se sujeitasse a seguir atentamente esses conselhos logo se veria atormentada e desfigurada pelas preocupações; é-lhe muito difícil permanecer desejável quando tem as mãos inchadas e o corpo deformado pelas maternidades; eis por que uma mulher amorosa experimenta muitas vezes certo rancor contra os filhos que lhe arruinam a sedução e a privam das carícias do marido; se, ao contrário, é profundamente mãe, ela tem ciúme do homem que reivindica igualmente os filhos. Por outro lado, o ideal caseiro contradiz, como vimos, o movimento da vida; a criança é inimiga dos assoalhos encerados. O amor materno perde-se, amiúde, nas repressões e cóleras ditadas pela preocupação de um lar bem arranjado. Não é de espantar que a mulher que se debate em meio a essas contradições viva muitas vezes seus dias em estado de nervosismo e azedume; ela perde sempre, no que quer que aposte, e seus ganhos são precários, não se inscrevem em nenhum êxito seguro. Nunca é por seu próprio trabalho que se pode salvar; esse trabalho ocupa-a, mas não constitui uma justificação: esta assenta em liberdade alheias. A mulher encerrada no lar não pode fundar ela própria sua existência; não tem os meios de se afirmar em sua singularidade e esta, por conseguinte, não lhe é reconhecida. Entre os árabes, os índios e muitas populações rurais, a mulher é apenas uma criada, apreciada segundo o trabalho que fornece e substituída sem lamentações caso desapareça. Na civilização moderna, ela é, aos olhos do marido, mais ou menos individualizada; mas, a menos que renuncie inteiramente a seu eu, abismando-se como Natacha numa dedicação apaixonada e tirânica pela família, ela sofre por se ver reduzida à sua pura generalidade. É a dona de casa, a esposa, a mãe única e indistinta; Natacha compraz-se nesse aniquilamento soberano e, rechaçando qualquer confronto, nega os *outros*. Mas a mulher ocidental moderna almeja, ao contrário, ser notada por outrem como *essa* dona de casa, *essa* esposa, *essa* mãe, *essa* mulher. É a satisfação que procurará na vida social.

CAPITULO III

A VIDA SOCIAL

A FAMÍLIA não é uma comunidade fechada em si mesma: para além de sua separação ela estabelece comunicações com outras células sociais; o lar não é apenas "um interior" em que se confina o casal; é também a expressão de seu padrão de vida, de sua fortuna, de seu gosto: deve ser exibido aos olhos de outrem. É essencialmente a mulher que ordena essa vida mundana. O homem acha-se ligado à coletividade, enquanto produtor e cidadão, por laços de uma solidariedade orgânica baseada na divisão do trabalho: o casal é uma pessoa social, definida pela família, a classe, o meio, a raça a que pertence, presa por laços de uma solidariedade mecânica aos grupos que se situam socialmente de maneira análoga; a mulher é que é susceptível de encarná-lo com mais pureza: as relações profissionais do marido muitas vezes não coincidem com a afirmação de seu valor social; ao passo que a mulher, não solicitada por algum trabalho, pode confinar-se na convivência com seus pares; demais, tem ela os laçeres de assegurar em suas "visitas" e suas recepções ' essas relações praticamente inúteis e que, bem entendido, só têm importância nas categorias aplicadas em manter sua posição na hierarquia social, isto é, que se julgam superiores a certas outras. Seu interior, sua própria figura que marido e filhos não vêem, por neles se acharem envolvidos, ela se encanta com os exibir. Seu dever mundano, que é "representar", confunde-se com o prazer que sente em se mostrar.

E, primeiramente, é preciso que ela se represente a si mesma; em casa, atenta a suas ocupações, ela está simplesmente vestida: para sair, para receber ela "se arranja". A *toilette* tem um duplo caráter: destina-se a manifestar a dignidade social da mulher (padrão de vida, fortuna, o meio a que pertence), mas ao mesmo tempo concretiza o narcisismo feminino; é uma libré e

um adorno; através dela, a mulher que sofre por não *fazer* nada, acredita exprimir o seu *ser*. Cuidar de sua beleza, arranjar-se é uma espécie de trabalho que lhe permite apropriar-se de sua pessoa como se apropria do lar pelo seu trabalho caseiro; seu eu parece-lhe, então, escolhido e recriado por si mesma. Os costumes incitam-na a alienar-se assim em sua imagem. As roupas do homem, como seu corpo, devem indicar sua transcendência e não deter o olhar¹; para êle, nem a elegância nem a beleza consistem em se constituir em objeto; por isso não considera, normalmente, sua aparência como reflexo de seu ser. Ao contrário, a própria sociedade pede à mulher que se faça objeto erótico. O objetivo das modas, às quais está escravizada, não é revelá-la como um indivíduo autônomo, mas ao contrário privá-la de sua transcendência para oferecê-la como uma presa aos desejos masculinos; não se procura servir seus projetos mas, ao contrário, entravá-los. A saia é menos cômoda do que as calças, os sapatos de salto alto atrapalham o andar; os vestidos e os escarpins menos práticos, os chapéus e as meias mais frágeis é que são os mais elegantes; o vestido, quer fantasie, deforme ou modele o corpo, em todo caso o expõe aos olhares. Por isso é a *toilette* um jogo encantador para a menina que almeja contemplar-se; mais tarde, sua autonomia de criança insurge-se contra os constrangimentos das musselinas claras e dos sapatos de verniz; na idade ingrata ela hesita entre o desejo e a recusa de se exhibir; quando aceita sua vocação de objeto sexual, compraz-se em se enfeitar.

Pelo adorno, dissemo-lo (Vol. I), a mulher aparenta-se à natureza, embora emprestando-lhe a necessidade do artifício; torna-se, para o homem, a flor e a gema: e também para si mesma. Antes de dar-lhe as ondulações da água, a doçura quente das peles, delas se apropria. Mais intimamente do que sobre os bibelôs, os tapetes, as almofadas, os ramilhetes, ela reina sobre as plumas, as pérolas, os brocados, as sedas que mistura à sua carne; seu aspecto cambiante, seu doce contato compensam a aspereza do universo erótico que é seu quinhão: dá a tais coisas um valor tanto maior quanto mais insatisfeita sua sensualidade. Se muitas

(¹) Ver vol. I. Há exceção para os pederastas que, precisamente, se apreendem como objetos sexuais; e também para os dândis, que deveríamos estudar em separado. Hoje, em particular, o *zuitsuitismo* dos negros dos Estados Unidos, que se vestem com roupas claras de corte extravagante, explica-se por motivos muito complexos.

lésbicas se vestem virilmente não é somente para imitar o homem e desafiar a sociedade: elas não precisam das carícias do veludo e do cetim porque lhes apreendem as qualidades passivas em um corpo feminino¹. A mulher votada ao rude amplexo masculino — ainda que o aprecie e, mais ainda, se o suporta sem prazer — não pode abraçar outra presa carnal que não seu próprio corpo: perfuma-o para mudá-lo em flor e o brilho dos diamantes que pendura ao pescoço não se distingue do de sua carne; a fim de os possuir, identifica-se com todas as riquezas do mundo. E não visa somente os tesouros sensuais, mas também, por vezes, os valores sentimentais, ideais. Tal jóia é uma recordação, tal outra um símbolo. Há mulheres que se fazem ramilhete, outras viveiros de pássaros, outras são museus, outras hieróglifos. Georgette Leblanc diz-nos, em suas *Mémoires*, evocando os anos de sua juventude:

Andava sempre vestida como um quadro. Passeava de Van Eyck, alegoria de Rubens ou Virgem de Memling. Vejo-me ainda atravessando uma rua de Bruxelas, num dia de inverno, com um vestido de veludo cor de ametista ornado de galões e prata tirados de uma casula. Arrastando uma cauda comprida de que me houvera parecido desprezível cuidar, varria conscienciosamente as calçadas. Minha touca amarela de pele enquadrava meus cabelos louros, mas o mais insólito era o diamante incrustado em cadeia de ouro que usava na fronte. Por que tudo isso? Simplesmente porque me agradava e porque, desse modo, eu acreditava viver à margem de qualquer convenção. Quanto mais riam quando eu passava, mais eu me despendia em invenções grotescas. Teria tido vergonha de mudar qualquer coisa em meu aspecto porque zombavam dele. Isso se me afigurava uma capitulação degradante. . . Em casa era ainda mais. Os anjos de Gozzoli, de Fra Angelico, os Burne Jones, os Watts eram meus modelos. Andava sempre vestida de azul e de aurora; 'meus vestidos amplos espalhavam-se em múltiplas caudas em torno de mim.

É nos hospícios que se encontram os mais belos exemplos dessa apropriação mágica do universo. A mulher, que não controla seu amor pelos objetos preciosos e pelos símbolos, esquece sua própria imagem e arrisca-se a vestir-se com extravagância. Assim é que a menina vê principalmente em sua toalete uma fantasia que a transforma em fada, em rainha, em flor; acredita ser bela quando se sobrecarrega de guirlandas e de fitas porque se identifica com esses ouropéis maravilhosos; encantada

(¹) Sandor, cujo caso Krafft-Ebbing relatou, adorava as mulheres vestidas, mas não "se arranjava".

com a côr de um tecido, a moça ingênua não nota o tom lívido que se reflete em seu rosto. Depara-se também com esse mau gosto generoso em adultas artistas ou intelectuais mais fascinadas pelo mundo exterior do que conscientes de sua própria figura: apaixonadas por esses tecidos antigos, por essas jóias velhas encantam-se com evocar a China ou a Idade Média e só deitam ao espelho um olhar rápido ou prevenido. Espantamo-nos, por vezes, com os estranhos e ridículos atavios que tanto agradam às mulheres idosas: diademas, rendas, vestidos provocantes, colares barrocos, chamam desagradavelmente a atenção para a ruína dos rostos. Isso ocorre amiúde porque, tendo renunciado a seduzir, a toalete se torna para elas um jogo gratuito como na infância. Uma mulher elegante, ao contrário, pode a rigor tirar da toalete prazeres sensuais ou estéticos, mas é preciso que os concilie com a harmonia de sua imagem. A côr do vestido tem que lhe favorecer a tez, o corte acentuar ou retificar a linha; é dela própria enfeitada que gosta com complacência e não dos objetos que a enfeitam.

A toalete não é simplesmente um adorno: exprime, já o dissemos, a situação social da mulher. Somente a prostituta, cuja função é exclusivamente a de um objeto erótico, deve manifestar-se sob esse aspecto único; como outrora, os cabelos côr de açafraão e as flores do vestido, boje os saltos altos, os cetins colantes, a maquilagem violenta, os perfumes pesados anunciam-lhe a profissão. A qualquer outra mulher censuram-lhe "vestir-se como uma puta". Suas virtudes eróticas acham-se integradas na vida social e não devem apresentar-se senão sob esse aspecto bem comportado. Mas é preciso acentuar que a decência não consiste em se vestir com rigoroso recato. Uma mulher que solicita por demais abertamente o desejo do macho é mal vista; mas a que parece repudiá-lo não é muito mais recomendável: pensam que ela quer masculinizar-se, que é uma lésbica; ou singularizar-se: é uma excêntrica; recusando seu papel de objeto, desafia a sociedade: é uma anarquista. Se deseja tão somente não ser notada, cumpre que conserve sua feminilidade. São os costumes que regulamentam o compromisso entre o exibicionismo e o pudor; ora é o colo, ora o tornozelo que a mulher honesta deve esconder; ora a moça tem o direito de acentuar seus encantos a fim de atrair os pretendentes, enquanto a mulher casada renuncia a quaisquer adornos, ora impõem-se às moças toaletes vaporosas, de cores delicadas e corte discreto, enquanto as mais velhas têm direito a vestidos colantes, tecidos pesados de

cores vivas, de cortes provocantes. Num corpo de 16 anos o preto parece vistoso porque a regra é não usá-lo¹. É naturalmente necessário dobrar-se a tais leis; mas em todo caso, mesmo nos meios mais austeros, o caráter sexual da mulher será acentuado; uma mulher de pastor protestante ondula os cabelos, pinta-se ligeiramente, segue a moda com discrição, assinalando, com preocupação de seu encanto físico, que aceita seu papel de fêmea. Essa integração do erotismo na vida social é particularmente evidente nos "vestidos de noite". Para significar que há festa, isto é, luxo e desperdício, esses vestidos devem ser caros e frágeis, tão incômodos quanto possível; as saias são tão compridas, tão largas ou tão estreitas que atrapalham o andar; por baixo das jóias, das anáguas, das lantejoulas, das flores, das plumas, das perucas, a mulher é transformada em boneca de carne; mesmo essa carne se exhibe; assim como gratuitamente desabrocham as flores, a mulher exhibe os ombros, o dorso, o seio; a não ser em orgias, o homem não deve mostrar que a deseja: só tem direito aos olhares e aos amplexos da dança; mas pode encantar-se com ser o rei de um mundo de tão doces tesouros. De homem para homem, a festa assume então um ar de *potlatch*; cada qual oferece como presente, a todos os outros, a visão desse corpo de sua propriedade. Em vestido de noite, a mulher fantasia-se de mulher para o prazer de todos os machos, e o orgulho de seu proprietário.

Essa significação social da toalete permite à mulher exprimir pela sua maneira de vestir-se sua atitude em relação à sociedade; submetida à ordem estabelecida, ela confere a si mesma uma personalidade discreta e de bom-tom; muitos matizes são possíveis: ela se fará frágil, infantil, misteriosa, cândida, austera, alegre, distinta, algo ousada, apagada, segundo sua vontade. Ou, ao contrário, ela se afirmará pela originalidade, hostilidade as convenções. É de notar que em muitos romances a mulher "livre" se singularize por uma ousadia de toalete que lhe acentua o caráter de objeto sexual e portanto de dependência. Assim, em *This age of innocence*, de Edith Wharton, a jovem divorciada de passado aventuroso, de coração audacioso, é primeiramente apresentada como exageradamente decotada; o ar-

. (1) Em um filme, por sinal estúpido, que se passa no século passado Bette Davis scandalizava indo ao baile com um vestido vermelho quando o branco é que é de rigor até o casamento. Seu gesto era encarado como uma revolta contra a ordem estabelecida.

repio de escândalo que suscita devolve-lhe o reflexo tangível de seu desprezo ao conformismo. Assim, a jovem divertir-se-á em vestir-se como mulher, a mulher idosa como menina, a cortesã como mulher da sociedade e esta como *vamp*, Ainda que cada qual se vista segundo sua condição, há nisso, também, um jogo. O artifício, como a arte, situa-se no imaginário. Não somente bainhas, porta-seios, tingimentos, maquilagens fantasiam corpo e rosto, mas a mulher menos sofisticada, desde que se "vista", não se propõe à percepção: é como o quadro, a estátua, como o ator no palco, um *analogon* através do qual é sugerido um objeto ausente que é sua personagem mas que ela não é. É essa confusão com um objeto irreal, necessário, perfeito como um herói de romance, como um retrato ou um busto que a lisonjeia; ela se esforça por se alienar nele ou se apresentar a si mesma petrificada, justificada.

É assim que, através dos *Écrits intimes*, de Maria Bashkirtseff, nós a vemos em cada página multiplicar infatigavelmente sua imagem. Não nos poupa nenhum de seus vestidos: a cada nova toalete ela se acredita diferente e se adora novamente.

Peguei um xale grande de mamãe, abri uma fenda para a cabeça e costurei-o de ambos os lados. Esse xale que cai em pregas clássicas dá-me um ar oriental, bíblico, estranho.

Vou ao Laferrière e Carolina em três horas faz-me um vestido dentro do qual pareço estar envolvida numa nuvem. É tudo uma peça de crepe inglês com que ela me envolve e que me torna esbelta, elegante, alongada.

Envolta num vestido de lã quente de pregas harmônicas, uma figura de Lefebvre, que tão bem sabe desenhar esses corpos flexíveis e jovens em roupagens pudicas.

Esse estribilho repete-se diariamente: "Estava encantadora de preto. .. Estava encantadora de cinza. .. Estava de branco, encantadora".

Mme de Noailles, que dava também muita importância a seus adornos, evoca com tristeza em suas *Mémoires* o drama de um vestido falhado.

Gostava da vivacidade das cores, de seu contraste audacioso, um vestido parecia-me uma paisagem, uma isca para o destino, uma promessa de aventura. No momento de vestir o vestido executado por mãos hesitantes, não deixava nunca de sofrer com todos os defeitos que me eram revelados.

Se a toalete tem, para muitas mulheres, importância tão considerável é porque ela lhes entrega ilusoriamente, e ao mesmo

tempo, o mundo e seu próprio eu. Um romance alemão, *A Moça em Seda Artificial*, de I. Keun, conta a paixão de uma moça pobre por um casaco de petigris; aprecia-lhe com sensualidade o calor acarinhante, a ternura forrada; sob as peles preciosas é a si própria transfigurada que ama; possui enfim a beleza do inundo que nunca abraçara e o destino radioso que nunca fora o seu.

E eis que vi um casaco suspenso a um gancho, uma pele tão mole, tão doce, tão terna, tão cinzenta, tão tímida; tinha vontade de beijá-la, a tal ponto a amava. Ela tinha um ar de consolo e de Todos os Santos e de segurança completa, como um céu. Era um petigris verdadeiro. Silenciosamente tirei o impermeável e enverguei o petigris. Essa pele era como um diamante para minha pele que a amava e o que se ama não se devolve quando se tem. Por dentro, um forro de crepe marroquino, pura seda, com bordados a mão. O casaco envolvia-me e falava mais do que eu ao coração de Hubert... Fico tão elegante com essa pele. É como um homem raro, que me tornaria preciosa através de seu amor por mim. Esse casaco me quer e eu o quero: nós nos possuímos.

Sendo a mulher um objeto, compreende-se que a maneira pela qual se enfeita e se veste modifica seu valor intrínseco. Já não é mais pura futilidade se dá tamanha importância à meia de seda, às luvas, ao chapéu: sustentar sua posição é uma obrigação imperiosa. Nos Estados Unidos, uma enorme parte do orçamento da trabalhadora é consagrada aos cuidados com a beleza e os vestidos; na França, esse fardo é menos pesado; entretanto, a mulher é tanto mais respeitada quanto melhor "representa". Quanto maior sua necessidade de achar trabalho, mais lhe é útil ter um aspecto confortável: a elegância é uma arma, um cartaz, um motivo de respeito, uma carta de recomendação.

É uma servidão; os valores que conferem, pagam-se; pagam-se tão caro que, por vezes, um inspetor de polícia surpreende nas grandes lojas uma mulher da sociedade ou uma atriz roubando perfumes, meias de seda, roupa branca. É para se vestir que muitas mulheres se prostituem ou arranjam quem "as ajude"; e a toaleie que lhes determina as necessidades de dinheiro. Andar bem vestida reclama também tempo e cuidados; é uma tarefa que é, por vezes, fonte de alegrias positivas: neste terreno também há descoberta de "tesouros escondidos", pechinchas, ardis, combinações, invenção; hábil, pode a mulher tornar-se até criadora. Os dias de exposição, de liquidações principalmente, são aventuras frenéticas. Um vestido novo é por si só uma festa. A maquilagem, o penteado são o sucedâneo de uma obra de arte.

Hoje, mais do que outrora, a mulher conhece a alegria de modelar o corpo pelos esportes¹, a ginástica, os banhos, as massagens, os regimes; ela decide de seu peso, de sua linha, da cor de sua pele; a estética moderna permite-lhe integrar qualidades ativas em sua beleza: tem o direito a músculos exercitados, impede a invasão da gordura; na cultura física ela se afirma como uma pessoa; há, para ela, uma espécie de libertação da carne contingente; mas essa libertação retorna facilmente à dependência. A "estrela" de Hollywood triunfa sobre a natureza, mas reencontra-se como objeto passivo nas mãos do produtor.

Ao lado dessas vitórias em que a mulher pode com razão comprazer-se, o coquetismo implica — como os cuidados caseiros — uma luta contra o tempo; pois seu corpo é também um objeto que a duração rói. Colette Audry descreve esse combate simétrico desse corpo que, em sua casa, a mulher entrega à poeira (*On joue perdant*).

Já não era mais a carne compacta da mocidade; ao longo dos braços e das coxas o desenho dos músculos acentuava-se sob a camada de gordura e de pele um pouco distendida. Inquieta, ela modificou novamente o emprego do tempo: o dia começaria com uma hora de ginástica e à noite, antes de se deitar, haveria um quarto de hora de massagem. Pôs-se a consultar manuais de medicina, jornais de modas, a controlar a cintura. Preparou sucos de frutas, purgou-se de quando em quando, lavou a louça com luvas de borracha. Suas duas preocupações fizeram-se uma só: rejuvenescer tão bem o corpo, polir tão bem a casa que chegaria, um dia, a um período de calma absoluta, a uma espécie de ponto morto. . . O mundo estaria parado, suspenso fora do envelhecimento e do desgaste. . . Tomava agora na piscina verdadeiras lições para melhorar o estilo e as revistas de beleza mantinham-na numa expectativa inquieta com receitas indefinidamente renovadas. Ginger Rogers confia-nos: "Dou, todas as manhãs, cem escovadelas em mim mesma, leva exatamente dois minutos e meio e tenho cabelos de seda". . . Como adeigçar os tornozelos? Erga-se todos os dias trinta vezes nas pontas dos pés sem apoiar os calcanhares, o exercício exige apenas um minuto; que é um minuto por dia? De outra feita, era o banho de óleo para as unhas, o creme de limão para as mãos, morangos esmagados para as faces.

Também aqui a rotina transforma em corvéias os cuidados com a beleza, o trato das roupas e vestidos. O horror à degra-

(¹) Parece entretanto, segundo inquéritos recentes, que na França os ginásios femininos se acham hoje quase desertos; foi principalmente em 1920-1940 que as francesas se entregaram à cultura física. Atualmente as dificuldades caseiras pesam demais sobre elas.

dação, que todo vir-a-ser vivo acarreta, suscita em certas mulheres frias ou frustradas o horror à própria vida: elas procuram conservar-se como outras conservam os móveis e as geléias; essa obstinação negativa torna-as inimigas de sua própria existência e hostis a outrem: as boas refeições deformam a linha, o vinho estraga a tez, sorrir demais enrugam o rosto, o sol mancha a pele, o repouso engorda, o trabalho desgasta, o amor dá olheiras, os beijos inflamam as faces, as carícias deformam os seios, os abraços fazem a pele murchar, maternidade enfeia o rosto e o corpo; sabe-se quantas mães afastam com raiva o filho maravilhado com o vestido de baile. "Não me toques, estás com as mãos suadas, vais sujar-me"; a coquete opõe as mesmas advertências às atenções do marido ou do amante. Assim como se cobrem os móveis com capas de pano, ela gostaria de se subtrair aos homens, ao mundo, ao tempo. Mas todas essas precauções não impedem o aparecimento de cabelos brancos, de pés-de-galinha. Desde a mocidade, a mulher sabe que esse destino é inelutável. E apesar de toda a sua prudência, é vítima de acidentes: uma gota de vinho cai no vestido, um cigarro queima-o; então desaparece a criatura de luxo e festa que se pavoneava sorridente no salão: seu rosto toma o ar sério e duro da dona de casa; descobre-se repentinamente que sua toalete não era uma girândola, um fogo de artifício, um esplendor gratuito e perecível destinado a iluminar generosamente um instante: é uma riqueza, um capital, um investimento; custou sacrifícios, sua perda é um desastre irreparável. Manchas, rasgões, vestidos falhados, permanentes mal feitas são catástrofes ainda mais graves do que um assado queimado ou um vaso quebrado: porque a coquete não se alienou somente nas coisas, ela se quis coisa, e é sem intermediário que se sente em perigo no mundo. As relações que mantém com a costureira e a modista, suas impaciências, suas exigências revelam seu espírito de seriedade e de insegurança. O vestido bem feito cria nela a personagem de seu sonho; mas numa toalete sem viço, falhada, ela sente-se degradada.

Do vestido dependia meu humor, minha atitude, a expressão de meu rosto, tudo... escreve Maria Bashkirtseff. E ainda: Ou cumpre passear nua ou vestir-se de acordo com o físico, o gosto e o caráter. Quando não me acho nessas condições, sinto-me desajeitada, vulgar e, por conseguinte, humilhada. Que acontece ao humor e ao espírito? Pensam nos trapos e a gente fica tola, aborrecida, não sabe onde se enfiar.

Muitas mulheres preferem renunciar a uma festa a se apresentarem mal vestidas, ainda que não devam ser notadas.

Entretanto, embora algumas afirmem: "Eu me visto só para mim mesma, vimos que o olhar de outrem se acha implicado no narcisismo. É quase que somente nos hospícios que as coquetes nutrem obstinadamente uma fé total em olhares ausentes; normalmente, elas reclamam testemunhas.

Gostaria de agradar, que dissessem que sou bela e que Liova o visse e ouvisse... Para que serviria ser bela? Meu encantador pequeno Petia gosta de sua velha "niannia" como se amasse uma beleza e Liovotchka se teria acostumado ao rosto mais horrível... Tenho vontade de ondular meus cabelos. Ninguém o saberá mas nem por isso será menos delicioso. Que necessidade tenho de que me vejam? As fitas e os laços me agradam, gostaria de ter um novo cinto de couro e agora que escrevi isto tenho vontade de chorar, escreve Sofia Tolstoi, depois de dez anos de casada.

O marido desobriga-se mal do que a mulher espera dele. Suas exigências são dúplices. Se a mulher é demasiado atraente, êle tem ciúme; entretanto, todo marido é mais ou menos o Rei Candaule; quer orgulhar-se da mulher; quer que seja elegante, bonita, "*bem*" pelo menos; sem o quê, dir-lhe-á agastado as palavras do Pai Ubu: "Estás bem feia, hoje! Será porque temos visitas?" No casamento, já o vimos, os valores eróticos e sociais conciliam-se mal. Esse antagonismo reflete-se aqui. A mulher que acentua seu encanto sexual conduz-se mal aos olhos do marido; êle censura ousadias que o seduziram numa estranha e essa censura mata nele todo desejo; se a mulher se veste com decência, êle a aprova, mas com frieza: não a acha bastante atraente e como que lho censura de modo vago. Por causa disso, olha-a raramente por sua própria conta, é através de olhos alheios que a inspeciona. "Que dirão dela?" Prevê mal, porque atribui a outrem sua perspectiva de marido. Nada mais irritante para uma mulher do que o ver apreciar numa outra as atitudes que critica nela. Espontaneamente, de resto, está próximo demais dela para vê-la; ela tem para êle uma fisionomia imutável; êle não nota nem as novas toaletes nem as mudanças de penteado. Mesmo um marido amoroso ou um amante apaixonado são indiferentes à toaleta da mulher. Se a amam ardentemente em sua nudez, os mais belos adornos não fazem senão mascarar-la; eles a amarão mal vestida, cansada tanto quanto brilhante. Se não mais a amam, os mais lisonjeiros vestidos serão sem promessas. A toaleta pode ser um instrumento de conquista, mas não uma arma defensiva; sua arte consiste em criar miragens, oferece ao olhar um objeto imaginário: no amplexo carnal, na convivência quotidiana, toda miragem se dissipa; os sentimentos conjugais,

como o amor físico, situam-se no terreno da realidade. Não é para o homem amado que a mulher se veste. Dorothy Parker, em uma de suas novelas, *The lovely leave*, descreve uma jovem mulher que, esperando com impaciência o marido que chega de licença, resolve fazer-se bela para recebê-lo:

Comprou um vestido novo; preto; êle gostava de vestidos pretos; simples, êle gostava de vestidos simples; e tão caro que não queria pensar no preço. . .

— ... Gostas de meu vestido?

— Sim! — disse êle. — Sempre gostei de você com esse vestido.

Foi como se ela se tivesse transformado num pedaço de pau.

— Este vestido — respondeu ela, articulando com uma nitidez insultante — é novo em folha. Nunca o usei. Caso te interesse, comprei-o de propósito para esta circunstância.

— Desculpa, querida. Naturalmente, vejo agora que não se assemelha absolutamente ao outro; é magnífico; gosto de você sempre de preto.

— Em momentos como este — disse ela — quase desejo ter outro motivo para me vestir de preto.

Afirmou-se muitas vezes que a mulher se vestia para excitar o ciúme das outras mulheres: este ciúme é com efeito um sinal visível de triunfo; mas não é a única coisa visada. Através dos sufrágios de inveja ou admiração, a mulher busca uma afirmação absoluta de sua beleza, de sua elegância, de seu gosto: de si mesma. Veste-se para se mostrar: mostra-se para se fazer *ser*. Submete-se assim a uma dolorosa dependência; a dedicação da dona de casa é útil mas não é reconhecida; o esforço da coquete é vão, se não se inscreve em alguma consciência. Ela procura uma valorização definitiva de si mesma; é uma pretensão ao absoluto que torna sua busca tão exaustiva; condenado por uma só opinião, este chapéu *não* é bonito; um cumprimento a lisonjeia mas um desmentido a arruina; e como o absoluto só se manifesta por uma série indefinida de aparições, ela vencerá completamente; eis por que a coquete é tão suscetível; eis por que também certas mulheres bonitas e aduladas podem estar convencidas de que não são nem belas nem elegantes, que lhes falta precisamente a aprovação suprema de um juiz que não conhecem: visam um em-si que é irrealizável. Raras são as coquetes soberbas que encarnam elas próprias as leis da elegância, que ninguém pode surpreender em erro porque são elas que definem, por decretos, o êxito e o malogro; essas, durante seu reinado, podem pensar-se como um êxito exemplar. A desgraça está em que esse êxito não serve para nada nem para ninguém.

A toalete implica desde logo passeios e recepções, está nisso aliás seu destino original. A mulher passeia de salão em salão seu *tailleur* novo e convida outras mulheres para vê-la reinar em seu "interior". Em certos casos particularmente solenes o marido acompanha-a em suas "visitas"; porém mais frequentemente, é enquanto o marido trabalha que ela cumpre seus "deveres mundanos". Descreveu-se mil vezes o tédio implacável dessas reuniões. Êle provém do fato de que essas mulheres reunidas pelas "obrigações mundanas" nada têm a se comunicar. Nenhum interesse comum liga a mulher do advogado à mulher do médico — nem tampouco a do Dr. Dupont à do Dr. Durant. Não é de bom-tom, numa reunião, numa conversa de ordem geral falar das travessuras dos filhos ou das preocupações domésticas. Fica-se, portanto, limitada a considerações sobre o tempo, o último romance em voga, algumas idéias gerais tiradas dos maridos. O hábito do dia "de Madame" tende sempre mais a desaparecer; mas sob diversas formas a obrigação da "visita" sobrevive na França. As norte-americanas substituem de bom grado a conversa pelo bridge, o que só constitui uma vantagem para as mulheres que gostam desse jogo.

Entretanto, a vida mundana reveste formas mais atraentes do que essa ociosa execução de um dever de polidez. Receber não é apenas acolher os outros em sua residência particular; é transformar esta em um recanto encantado; a manifestação mundana é ao mesmo tempo festa e *poirlatch*. A dona de casa expõe seus tesouros: prataria, toalhas, cristais; enche de flores o lar: efêmeras, inúteis, as flores encarnam a gratuidade das festas que são despesas e luxo; desabrochadas nos vasos, condenadas a uma morte rápida, são fogo de artifício, incenso e mirra, libação, sacrifício. A mesa enche-se de pratos requintados, de vinhos preciosos. Trata-se, satisfazendo as necessidades dos convivas, de inventar dons graciosos que lhes previnem os desejos; a refeição transmuda-se em misteriosa cerimônia. V. Woolf acentua esse caráter neste trecho de *Mrs Dalloway*:

Então começou pelas portas de vento o vaivém silencioso e encantador das criadinhas de avental e boné brancos, não serventes necessárias porém sacerdotisas de um mistério, da grande mistificação operada pelas donas de casa de Mayfair de uma hora e meia a duas. A um gesto de mão, o movimento da rua cessa e em seu lugar ergue-se essa ilusão enganadora: primeiramente, eis os alimentos oferecidos de graça, depois a mesa cobre-se sozinha de cristais e prataria, de cestos, de gamelas com frutos vermelhos; um véu de creme escuro esconde o peixe; frangos destrinchados nadam em caçarolas, o fogo flameja cen-

monioso; e com o vinho e o café —• dados de graça — alegres visões erguem-se ante os olhos sonhadores, os olhos que meditam docemente, aos quais a vida se apresenta musical, misteriosa. . .

A mulher que preside tais mistérios está orgulhosa de se sentir criadora de um momento perfeito, dispensadora da felicidade, da alegria. É através dela que os convivas se encontram reunidos, que um acontecimento ocorre, ela é fonte gratuita de alegria, de harmonia.

É exatamente o que sente Mrs. Dalloway:

Mas suponhamos que Peter lhe diga: Bem! Bem! Mas suas noites, qual a razão delas? Tudo o que pode responder é isto (tanto pior se ninguém entende): São uma oferenda. .. Eis Fulano que mora em South Kennington, Beltrano que vive em Bayswater e Sicrano, digamos no Mayfair. Ela tem sempre o sentimento da existência deles; ela se diz: Que pena! Que saudade! E ela se diz: Por que não os reunir? E os reúne. É uma oferenda; é combinar, criar. Mas para quem?

Uma oferenda pela alegria de oferecer, talvez. Em todo caso é seu presente. Ela não tem outra coisa. . .

Outra pessoa, qualquer uma, poderia ter estado ali, fazer tão bem. Entretanto era um pouco admirável, pensava. Fizera com que assim fosse.

Se há nessa homenagem prestada a outrem pura generosidade, a festa é realmente uma festa. Mas a rotina social dentro em pouco transforma o *potlatch* em instituição, o dom em obrigação e a festa em rito. Enquanto saboreia o jantar, a convidada pensa que será preciso pagá-lo: queixa-se amiúde de ter sido bem recebida demais. "Os X... quiseram embasbacar-nos", diz com azedume ao marido. Contaram-me, entre outras coisas, que durante a última guerra os chás se tinham tornado, numa pequena cidade de Portugal, o mais caro dos *potlatches*: em cada reunião devia a dona da casa servir uma variedade e uma quantidade de doces maiores do que na reunião precedente; o fardo tornou-se tao pesado que um dia as mulheres decidiram de comum acordo nada mais oferecer com o chá. A festa em tais circunstâncias perde seu caráter generoso e magnífico; é uma corvéia entre outras; os acessórios que exprimem a festividade não passam de uma fonte de preocupações: é preciso tomar conta dos cristais, da toalha, medir o champanha e os doces; uma xícara quebrada, a seda de uma poltrona queimada são desastres; amanhã será preciso limpar, arrumar, pôr em ordem: a mulher teme esse excesso de trabalho. Sente essa múltipla dependência que define

o destino da dona de casa; depende do *soufflé*, do assado, do açougueiro, da cozinheira, do criado extra; depende do marido que franze o sobrolho, quando alguma coisa falha; depende dos convidados que avaliam os móveis, os vinhos e julgam se a noitada foi um êxito ou não. Somente as mulheres generosas ou seguras de si passarão serenamente por tal prova. Um triunfo pode dar-lhes uma grande satisfação. Mas muitas assemelham-se nesse ponto a Mrs. Dalloway, a propósito de quem V. Woolf nos diz: "Embora gostando desses triunfos... de seu brilho e da excitação que dão, sentia-lhes também o vazio, o artifício". A mulher só pode realmente comprazer-se nisso se não lhe empresta grande importância; sem o quê, conhecerá os tormentos da vaidade nunca satisfeita. Há, de resto, poucas mulheres suficientemente ricas para encontrar no "mundanismo" um emprego para sua vida. As que a êle se consagram inteiramente tentam em geral não somente render um culto a si mesmas como ainda ultrapassar essa vida mundana com vistas a outros fins: os verdadeiros "salões" têm um caráter literário ou político. Elas se esforçam através desse meio por adquirir ascendência sobre os homens e desempenhar um papel pessoal. Evadem-se de sua condição de mulher casada. Esta, em geral, não encontra satisfação nos prazeres, nos triunfos efêmeros que lhes dispensam raramente e que muitas vezes representam para elas uma fadiga tanto quanto uma distração. A vida mundana exige que ela "represente", que se exhiba, mas não cria entre ela e outrem uma verdadeira comunicação. Não a tira de sua solidão.

"É doloroso pensar, escreve Michelet, que a mulher, o ser relativo que só pode viver a dois, se ache mais amiúde só do que o homem. Êle encontra a sociedade por toda parte, cria relações novas para si. Ela não é nada sem a família. E a família acabrunha-a; todo o peso lhe cai em cima." E, com efeito, a mulher encarcerada, separada, não conhece as alegrias da camaradagem que implica no esforço em comum para alcançar certos objetivos; seu trabalho não ocupa o espírito, sua formação não lhe deu nem o gosto nem o hábito da independência e, no entanto, ela passa os dias na solidão; vimos que era uma das desgraças de que se queixava Sofia Tolstoi. Seu casamento afastou-a amiúde do lar paterno, das amizades da juventude. Colette descreveu em *Mes Apprentissages* o desarraigamento de uma mulher casada transportada da província para Paris: não encontra apoio senão na longa correspondência que troca com a mãe;

mas as cartas não substituem uma presença e ela não pode confessar suas decepções a Sido. Geralmente não há verdadeira intimidade entre a jovem mulher e sua família: nem sua mãe nem suas irmãs são suas amigas. Hoje, em virtude da crise de habitação, muitas jovens recém-casadas vivem com a família ou a família do marido; mas essas presenças impostas estão longe de constituir uma verdadeira companhia para elas.

As amizades femininas que a mulher consegue conservar ou criar ser-lhe-ão preciosas; têm um caráter muito diferente das relações que os homens conhecem; estes comunicam entre si, como indivíduos, através das idéias, os projetos que lhes são pessoais; as mulheres, encerradas na generalidade de seu destino, acham-se unidas por uma espécie de cumplicidade imanente. O que primeiramente procuram, umas junto de outras, é a afirmação do universo que lhes é comum. Não discutem opiniões: trocam confidências e receitas; ligam-se para criar uma espécie de contra-universo cujos valores superem os valores masculinos; reunidas, encontram força para sacudir suas cadeias; negam o domínio sexual do homem, confiando umas às outras sua frieza, zombando cinicamente dos apetites do macho ou de sua inabilidade; contestam também com ironia a superioridade moral e intelectual do marido e dos homens em geral. Confrontam suas experiências; gravidez, partos, doenças dos filhos, doenças pessoais, cuidados caseiros tornam-se os acontecimentos essenciais da história humana. Seu trabalho não é uma técnica: transmitindo-se receitas de cozinha, receitas caseiras, dão-lhes a dignidade de uma ciência secreta baseada em tradições orais. Por vezes, examinam juntas problemas morais. A "pequena correspondência" dos jornais femininos oferece uma boa amostra dessas trocas; não há como imaginar uma "correspondência amorosa" reservada aos homens; eles se encontram no mundo, que é o mundo *deles*; ao passo que as mulheres têm que definir, medir, explorar seus domínios; comunicam principalmente conselhos de beleza, receitas de cozinha e de tricô, pedem opiniões; através de seu gosto pela tagarelice e pela exibição sentimos, por vezes, surgirem verdadeiras angústias. A mulher sabe que o código masculino não é o seu, que o próprio homem espera que ela não o observará, posto que a impele a abortos, a adultérios, a erros, a traições, a mentiras que oficialmente condena. Ela pede, portanto, às outras mulheres, que a ajudem a definir uma espécie de "lei" de seu meio, um código moral propriamente feminino. Não é somente por maldade que as mulheres comentam e criticam tão longamente as

condutas das amigas: para julgá-las e para se orientarem é-lhes necessária muito mais invenção moral do que aos homens.

O que dá valor a tais relações é a verdade que comportam. Diante do homem, a mulher está sempre representando; mente, fingindo aceitar-se como o outro inessencial, mente erguendo, à frente dele, mediante mímicas, toaletes, frases preparadas, uma personagem imaginária; essa comédia exige uma constante tensão; perto do marido, perto do amante, toda mulher pensa mais ou menos: não sou eu mesma. O mundo masculino é duro, tem arestas afiadas, as vozes são demasiado sonoras, as luzes demasiado cruas, os contatos rudes. Perto das outras mulheres, a mulher fica atrás do cenário; forja suas armas, não combate; combina a toaleta, inventa uma maquilagem, prepara seus ardis: arrasta-se de chinelos e roupão pelos bastidores antes de subir ao palco; gosta dessa atmosfera morna, doce, repousante. Colette (*Le Képi*) descreve assim os momentos que passava com sua amiga Marco:

Confidências rápidas, divertimentos de reclusas, horas que por vezes se assemelham às de uma reunião, por vezes aos lazeres de uma convalescença.

Comprazia-se em desempenhar o papel de conselheira junto da mulher mais idosa:

Nas tardes quentes, sob o estore do balcão, Marco cuidava de suas roupas. Cozia mal mas com cuidado e eu me envaidecia com os conselhos que lhe dava... "Não se deve colocar fita azul-celeste nas camisas, o côr-de-rosa é mais bonito na roupa e junto da pele." Não tardei em dar-lhe outros conselhos acerca do pó de arroz, da côr do bâton, do traço duro e negro com que cercava o belo desenho de sua pálpebra. "Acha? Acha?", dizia-me ela. Minha jovem autoridade não cedia. Pegava do pente, abria uma pequena brecha graciosa na sua franja fofa, mostrava-me perita em dar brilho a seu olhar, em acender uma aurora vermelha no alto de suas faces, perto das têmporas.

Mais adiante mostra-nos Marco preparando-se ansiosamente para defrontar-se com um rapaz que desejava conquistar:

... Queria enxugar os olhos molhados, eu a impedia.

— Deixa-me fazê-lo.

Com os polegares, ergui as pálpebras superiores a fim de que as duas lágrimas prestes a escorrer se reabsorvessem e a pintura dos cílios não fundisse ao seu contato.

— Bem. Espera, não terminou ainda.

Retoquei todos os traços. A boca tremia um pouco. Deixou-se retocar pacientemente, suspirando como se a pensasse. Para acabar,

enchi-lhe o arminho com um pó de arroz mais rosado. Não falávamos, nem uma nem outra.

— . . . Que quer que aconteça — disse-lhe — não chore. De jeito nenhum te deixes dominar pelas lágrimas.

. . . Ela passou a mão entre a franja e a fronte.

— Eu devia ter comprado sábado último aquele vestido preto que vi no revendedor. . . Escuta, não poderias emprestar-me meias muito finas? Nesta hora, não tenho mais tempo.

— Mas naturalmente, naturalmente.

— Obrigada. Não achas que uma flor pode clarear o vestido? Não, nada de flor na blusa. É verdade que o perfume de íris não está mais na moda? Parece-me que teria uma porção de coisas para te perguntar, uma porção de coisas. . .

E em outro de seus livros, *Le Toutounier*, Colette evocou esse reverso da vida das mulheres. Três irmãs infelizes ou inquietas era seus amores reúnem-se todas as noites ao redor de um velho sofá de sua infância; aí se relaxam, ruminando as preocupações do dia, degustando os prazeres fugidios de uma refeição bem preparada, de um bom sono, de um banho quente, de uma crise de lágrimas; não se falam quase, mas cada uma cria para as outras uma espécie de ninho; e tudo o que ocorre entre elas é verdadeiro.

Para certas mulheres essa intimidade frívola, cálida é mais preciosa do que a pompa séria das relações com os homens. É em outra mulher que a narcisista encontra, como no tempo de sua adolescência, um duplo privilegiado; é em seus olhos atentos e competentes que poderá admirar o vestido bem cortado, o interior requintado. Para além do casamento, a amiga íntima permanece uma testemunha de escol: pode também continuar a apresentar-se como um objeto desejável, desejado. Em quase toda moça, dissemos, há tendências homossexuais: os amplexos muitas vezes inábeis do marido não as dissipam; daí essa doçura sensual que a mulher conhece junto de suas semelhantes e que não tem equivalência entre os homens normais. Entre as duas amigas, o apego sensual pode sublimar-se em sentimentalismo exaltado, ou se traduzir por carícias difusas ou precisas. Seus amplexos podem também não passar de um jogo que ocupa seus lazeres — é o caso das mulheres de harém, cuja principal preocupação consiste em matar o tempo — e que podem assumir uma importância capital.

Entretanto, é raro que a cumplicidade feminina chegue a uma verdadeira amizade; as mulheres sentem-se mais espontaneamente solidárias do que os homens, mas no seio dessa solidariedade

não é uma para a outra que se superam; juntas, voltam-se para o mundo masculino, cujos valores cada qual busca açambarcar para si. Suas relações não se constroem sobre sua singularidade, mas são imediatamente vividas em sua generalidade e, com isso, introduz-se, desde logo, um elemento de hostilidade. Natacha (cf. Tolstoi, *Guerra e Paz*), que adorava as mulheres de sua família porque lhes podia exibir os partos, entretanto tinha ciúmes delas: em cada uma podia encarnar-se a mulher aos olhos de Pierre. O entendimento das mulheres entre si provém do fato de que se identificam umas às outras: mas por isso mesmo cada uma contesta a companheira. Uma dona de casa tem com a criada relações muito mais íntimas do que um homem — a não ser que seja pederasta — com seu criado ou seu motorista; trocam confidências, são cúmplices por vezes; mas há também entre elas uma rivalidade hostil, pois a patroa, embora livrando-se do fardo da execução do trabalho, quer ter a responsabilidade dele e o mérito; ela quer imaginar-se insubstituível, indispensável. "Basta não estar presente para que tudo vá mal." Ela tenta asperamente surpreender a criada em falta; se esta desempenha bem demais suas tarefas, a outra não pode mais conhecer o orgulho de ser a única. Da mesma maneira irrita-se sistematicamente contra as preceptoras, governantas, amas, pajens que se ocupam de sua progênie, contra os pais e as amigas que a auxiliam; dá como pretexto o fato de que não respeitam "sua vontade", que não se conduzem de acordo com "suas idéias"; na verdade, não tem nem vontade nem idéias particulares; o que a agasta, ao contrário, é que outras desempenhem suas funções exatamente da maneira como ela o faria. Aí se encontra uma das fontes principais de todas as discussões familiares e domésticas que envenenam a vida do lar: a mulher exige tanto mais asperamente ser a soberana quanto não tem nenhum meio de fazer com que lhe reconheçam os méritos pessoais. Mas é principalmente no terreno do coquetismo e do amor que cada uma vê na outra uma inimiga; assinala essa rivalidade nas moças; pois perpetua-se muitas vezes durante a vida toda. Vimos que o ideal da elegante, da mundana, é uma valorização absoluta; ela sofre por não sentir uma auréola em volta da cabeça; é-lhe odioso perceber o mais tênue halo noutra fronte; todos os sufrágios que outra recolhe lhe são roubados; e em que consiste um absoluto que não seja único? Uma amante sincera contenta-se com ser glorificada num coração; não inveja os êxitos superficiais de suas amigas mas sente-se em perigo no seu próprio amor. Na verda-

de, o tema da mulher enganada pela sua melhor amiga não é apenas um lugar-comum literário; quanto mais duas mulheres são amigas, mais perigosa se torna sua dualidade. A confidente é convidada a ver através dos olhos da apaixonada, a sentir com seu coração, com sua carne: é atraída pelo amante, fascinada pelo homem que seduz a amiga; acredita-se suficientemente protegida pela sua lealdade para não temer os próprios sentimentos; agasta-se também com desempenhar somente um papel inessencial: logo estará prestes a ceder, a oferecer-se. Prudentes, muitas mulheres, quando amam, evitam "as amigas íntimas". Essa ambivalência quase não permite às mulheres que confiem em seus sentimentos recíprocos. A sombra do macho lhes pesa sempre fortemente; mesmo quando não falam dele pode-se-lhes aplicar o verso de St.-John Perse:

*E o sol não é nomeado, mas sua presença está entre nós*¹.

Juntas vingam-se dele, armam-lhe armadilhas, amaldiçoam-no, insultam-no: mas esperam-no. Enquanto estagnam no gineceu, banham-se na contingência, no insulto e no tédio; esses limbos retiveram um pouco do calor do seio materno: mas são limbos. A mulher só se detém neles com prazer sob a condição de esperar emergir sem demora. Assim só se compraz na umidade morna do quarto de banho imaginando o salão iluminado em que logo entrará. As mulheres são companheiras de cativeiro, umas das outras, ajudam-se a suportar a prisão e até a preparar a fuga: mas o libertador virá do mundo masculino.

Para a grande maioria das mulheres, este mundo conserva seu brilho depois do casamento; só o marido perde seu prestígio; a mulher descobre que a pura essência de homem nele se degradou. Contudo o homem continua sendo a verdade do universo, a autoridade suprema, a maravilhosa aventura, o senhor, o olhar, a presa, a salvação, o prazer; encarna ainda a transcendência, é a resposta a todas as perguntas. E a mais leal das esposas nunca consente em renunciar inteiramente a êle para se encerrar na morna companhia de um indivíduo contingente. Sua infância deixou-lhe a necessidade imperiosa de um guia; quando o marido malogra no desempenho desse papel, ela volta-se para outro homem. Às vezes o pai, um irmão, um tio, um parente, um

(¹) *Et le soleil n'est pas nommé, mais sa présence est parmi nous.*

velho amigo conservou seu antigo prestígio: nele é que ela se apoiará. Há duas categorias de homens cuja profissão os destina a tornarem-se confidentes e mentores: os padres e os médicos. Os primeiros têm a grande vantagem de não cobrar as consultas; o confessor entrega-os sem defesa à tagarelice das devotas; fogem o quanto possível das "ratas de sacristia", das "rãs de água benta", mas seu dever é orientar as ovelhas pelo caminho da moral, dever tanto mais urgente quanto maior importância social e política têm as mulheres, pois a Igreja se esforça por fazer delas seu instrumento. O "diretor de consciência" dita à penitente suas opiniões políticas, manda em seu voto; e muitos maridos se irritam ao vê-lo imiscuir-se em sua vida conjugal: a êle é que cabe definir as práticas que são lícitas ou ilícitas no segredo da alcova; êle se interessa pela educação dos filhos, aconselha a mulher no que concerne ao conjunto das condutas com o marido. E aquela que sempre saudou no homem um deus, ajoelha-se delicada aos pés do macho que é o substituto terrestre de Deus. O médico defende-se melhor pelo fato de reclamar emolumentos; e pode fechar a porta às clientes por demais indiscretas; mas são alvo de perseguições mais precisas, mais obstinadas; três quartos dos homens que as erotômanas perseguem são médicos; pôr-se nua diante de um homem representa para muitas mulheres um grande prazer exibicionista.

Conheço algumas mulheres, diz Stekel, que encontram sua única satisfação em ser examinadas por um médico que lhes é simpático. É particularmente entre as solteironas que se encontra grande número de doentes que vão ver o médico para serem examinadas "cuidadosamente" por causa de fluxos de sangue sem importância ou de uma perturbação qualquer. Outras sofrem da fobia do câncer ou das infecções (nos W. C.) e tais fobias são um pretexto para se fazerem examinar.

Stekel cita, entre outros, os dois casos seguintes:

Uma solteirona, B. V., de 43 anos, rica, vai ao médico uma vez por mês, depois das regras, exigindo um exame muito cuidadoso porque acredita que algo não vai bem. Muda todos os meses de médico e apresenta todas as vezes a mesma comédia. O médico pede-lhe que se dispa e se deite sobre a mesa ou o sofá. Ela recusa, dizendo que é muito pudica, que não pode fazer semelhante coisa, que é antinatural. O médico insiste, persuade-a docemente, ela despe-se afinal, explicando que é virgem e que êle não deve machucá-la. Êle promete-lhe fazer um toque retal. Muitas vezes o orgasmo ocorre logo no início do exame; repete-se, mais intenso, durante o toque retal. Ela apresenta-se sempre sob um nome falso e paga imediatamente... Confessa que agiu com a esperança de ser violentada por um médico.

Mme L. M., 38 anos, casada, diz-me ser completamente insensível com o marido. Acaba de se fazer analisar. Depois de apenas duas sessões, confessa ter um amante. Mas êle não consegue fazê-la alcançar o orgasmo. Só o alcançava fazendo-se examinar por um ginecologista. (O pai era ginecologista!) Depois de aproximadamente duas ou três sessões, ela se sentiu na necessidade de ir a um médico para solicitar um exame. De tempos em tempos, pedia um tratamento e eram seus momentos 'mais felizes. Da última vez, um ginecologista fizera-lhe longa massagem por causa de uma pretensa queda da matriz. Cada massagem acarretara vários orgasmos. Ela explica sua paixão por esses exames pelo primeiro toque que provocara o primeiro orgasmo de sua vida.

A mulher imagina facilmente que o homem a quem se exibiu ficou impressionado com seu encanto físico ou a beleza de sua alma e assim se persuade, nos casos patológicos, de que é amada por um padre ou um médico. Mesmo normal, tem a impressão de que entre ela e êle existe um laço sutil; compraz-se em uma obediência respeitosa; por vezes, aliás, nisso encontra uma segurança que a ajuda a aceitar a vida.

Há mulheres, entretanto, que não se contentam com alicerçar a existência numa autoridade moral; têm também necessidade de exaltação romântica no seio dessa existência. Se não querem nem enganar nem abandonar o marido, recorrem à mesma manobra que a moça assustada com os machos de carne e osso: entregam-se a paixões imaginárias. Stekel (*Mulher Fria*) dá-nos vários exemplos:

Uma mulher casada, muito decente, da melhor sociedade, queixa-se de seu estado nervoso e de depressões. Uma noite, na ópera, dá-se conta de que está loucamente apaixonada pelo tenor. Sente-se profundamente agitada ao ouvi-lo. Torna-se uma admiradora fervorosa do cantor. Não perde nenhuma representação, compra a fotografia dele, sonha com êle, manda-lhe flores com esta dedicatória; "De uma desconhecida reconhecida". Resolve mesmo escrever-lhe uma carta (assinada igualmente por uma "desconhecida"). Mas permanece longe dele. Apresenta-se uma oportunidade de travar conhecimento com o cantor. Sabe de imediato que não irá. Não quer conhecê-lo de perto. Não precisa de sua presença. É feliz amando com entusiasmo e permanecendo uma esposa fiel.

Uma senhora entregava-se ao culto de Kainz, ator muito célebre em Viena. Instalara em seu apartamento um quarto de Kainz com numerosas fotografias do grande artista. Em um canto, havia uma biblioteca de Kainz. Tudo o que pudera colecionar: livros, brochuras ou jornais falando de seu herói, era cuidadosamente conservado assim como uma coleção de programas de teatro, de estréias ou de jubileus de Kainz. O tabernáculo era uma fotografia assinada pelo grande artista. Quando seu ídolo morreu, a mulher pôs luto durante um ano e empreen-

deu longas viagens para ouvir conferências sobre Kainz. O culto de Kainz imunizara seu erotismo e sua sensualidade.

Todos recordam com que lágrimas foi recebida a notícia da morte de Rodolfo Valentino. Tanto mulheres casadas como moças rendem culto a heróis de cinema. São, amiúde, as imagens deles que evocam em seus prazeres solitários ou quando, em seus amplexos conjugais, apelam para fantasmas; estes ressuscitam também muitas vezes sob a figura de um avô, um irmão, um professor etc, alguma recordação infantil.

Entretanto há também homens de carne e osso no ambiente da mulher; sexualmente satisfeita, fria ou frustrada — salvo no caso muito raro de um amor completo, absoluto, exclusivo — ela empresta grande valor aos sufrágios deles. O olhar demasiado quotidiano do marido não consegue mais animar-lhe a imagem; ela tem necessidade de que olhos ainda cheios de mistérios a descubram ela própria como um mistério; é preciso uma consciência soberana em face dela para recolher-lhe as confidências, despertar as fotografias apagadas, fazer com que exista a covinha do canto da boca, esse bater de cílios que só a ela pertence; ela só é desejável, amável se a desejam, se a amam. Acomoda-se mais ou menos a seu casamento, mas são principalmente satisfações de vaidade que busca junto dos outros homens: convida-os a participarem do culto que rende a si mesma; seduz, agrada, contente com sonhar amores proibidos, com pensar: "Se eu quisesse..."; gosta mais de encantar numerosos admiradores do que se apegar profundamente a um deles; mais ardente, mais arisca do que uma moça, seu coquetismo pede aos homens que a confirmem na consciência de seu valor e de seu poder; é muitas vezes tanto mais ousada quanto ancorada em seu lar, e tendo conseguido conquistar um homem, joga sem grandes esperanças nem grandes riscos.

Acontece que, após um período de fidelidade mais ou menos longo, a mulher não se detenha mais nesses namoros e nesses coquetismos. Frequentemente é por rancor que se decide a enganar o marido. Adler pretende que a infidelidade da mulher é sempre uma vingança; é ir longe demais; mas o fato é que amiúde ela cede menos à sedução do amante do que a um desejo de desafiar o marido: "Não é o único homem no mundo — há outros a quem posso agradar — não sou sua escrava, acredita-se muito esperto e deixa-se enganar". É possível que o marido insultado conserve aos olhos da mulher uma importância primordial; assim como a moça, por vezes, arranja um amante como revolta contra

a mãe, como queixa contra os pais, para desobedecer-lhes, afirmar-se, uma mulher que seus próprios rancores prendem ao marido procura no amante um confidente, uma testemunha que contemple seu personagem de vítima, um cúmplice que a ajude a diminuir o marido? fala-lhe deste sem cessar, a pretexto de entregá-lo a seu desprezo; se o amante não desempenha bem seu papel, ela se afasta dele aborrecida, seja para voltar ao marido, seja para procurar outro consolador. Mas é muitas vezes menos o rancor do que a decepção que a joga nos braços de um amante; não encontra o amor no casamento e resigna-se dificilmente a não conhecer jamais as volúpias e as alegrias cuja espera lhe encantou a juventude. O casamento, frustrando a mulher de toda satisfação erótica, denegando-lhe a liberdade e a singularidade de seus sentimentos, a conduz, através de uma dialética necessária e irônica, ao adultério.

Educamo-las desde a infância para as empresas do amor, diz Montaigne; sua graça, seus adornos, sua ciência, sua palavra, toda a instrução que se lhes dá, visam tão somente a esse fim. Suas governantas só lhe apresentam a imagem do amor, ainda que apenas para desgostá-las dela. . .

E acrescenta mais adiante:

É portanto loucura tentar reprimir nas mulheres um desejo que lhes é tão picante e tão natural.

E Engels declara:

Com a monogamia aparecem de maneira permanente duas figuras sociais características: o amante da mulher e o cornudo. . . Ao lado da monogamia e do hetairismo, o adultério torna-se uma instituição social inelutável, prescrita, rigorosamente punida, mas impossível de ser suprimida.

Se os amplexos conjugais excitaram a curiosidade da mulher sem lhe satisfazer os sentidos, como *L'Ingénue libertine* de Colette, ela procura terminar sua educação nos leitos alheios. Se o marido conseguiu despertar-lhe a sexualidade, não tendo um apego especial por êle, desejará gozar com outros os prazeres que êle lhe revelou.

Moralistas indignaram-se com a preferência dada ao amante, e assinalei o esforço da literatura burguesa para reabilitar a figura do marido; mas é absurdo defendê-lo mostrando que constantemente aos olhos da sociedade — isto é, dos outros homens — tem êle mais valor do que o rival: o importante aqui é o que êle

representa para a mulher. Ora, há dois traços essenciais que o tornam odioso. Primeiramente, é ele que assume o papel ingrato de iniciador. As exigências contraditórias da virgem que sonha, ao mesmo tempo, com ser violentada e respeitada, condenam-no quase necessariamente a um malogro; ela permanece fria para sempre nos braços dêle; junto do amante não conhece ela as angústias do defloramento, nem as primeiras humilhações do pudor vencido; é-lhe poupado o trauma da surpresa; ela sabe mais ou menos o que a espera; mais sincera, menos suscetível, menos ingênua do que na noite de núpcias, não confunde mais o amor ideal com o apetite físico, o sentimento com a turvação dos sentidos: quando arranja um amante é exatamente um amante que quer. Essa lucidez é um aspecto da liberdade de sua escolha. Pois aí está a outra tara que pesa sobre o marido: ele em geral foi suportado, não eleito. Ou ela o aceitou resignada, ou ela lhe foi entregue pela família. E ainda que o tivesse desposado por amor, em se casando fez dêle seu senhor; suas relações tornaram-se um dever e muitas vezes ele se apresentou a ela sob a figura de um tirano. Sem dúvida a escolha de um amante é limitada pelas circunstâncias, mas há nessa relação uma dimensão de liberdade; casar-se é uma obrigação, ter um amante um luxo; é porque ele a solicitou que a mulher cede; tem certeza, senão do amor, ao menos do desejo dêle; não é para obedecer às leis que ele se executa. Tem ele também o privilégio de não desgastar suas seduções nem seu prestígio no roçar da vida quotidiana: permanece a distância: um *outro*. Por isso tem a mulher, em seus encontros, a impressão de sair de si, de atingir riquezas novas: ela sente-se outra. É sobretudo o que certas mulheres procuram numa ligação: ser ocupadas, surpreendidas, arrancadas de si mesmas pelo outro. Uma ruptura deixa nelas um sentimento desesperado de vazio. Janet (cf. *Les Obsessions et la Psychasthénie*) cita um caso dessas melancolias que nos mostram em profundidade o que a mulher procurava e encontrava no amante:

Uma mulher de 39 anos, desesperada por ter sido abandonada por um escritor que durante cinco anos a tinha associado a seus trabalhos, escreve a Janet: "Ele tinha uma vida tão rica e era tão tirânico que eu não podia ocupar-me senão dêle e não podia pensar em outra coisa".

Outra, de 31 anos, ficara doente em consequência de uma ruptura com um amante que adorava. "Desejaria ser um tinteiro de sua escrivania para vê-lo e ouvi-lo", diz ela. E explica: "Sozinha eu me aborreço, meu marido não faz minha cabeça trabalhar suficientemente, não sabe nada, não me ensina nada, não *me surpreende*... só tem bom

senso vulgar, caceteia-me". Do amante, ao contrário, escrevia: "É um homem *surpreendente*, nunca o vi perturbado um só minuto, comovido, alegre, relaxado; sempre senhor de si, zombeteiro, de uma frieza capaz de matar de tristeza. Ao lado disso, um topete, um sangue frio, uma finura de espírito, uma vivacidade de inteligência que me faziam perder a cabeça..."

Há mulheres que só experimentam esse sentimento de plenitude e de excitação alegie nos primeiros momentos da ligação; se o amante não lhes dá prazer imediatamente — o que acontece freqüentemente na primeira vez, já que os parceiros se encontram intimidados e inadaptados um ao outro — elas sentem rancor e repugnância contra êle; essas "Messalinas" multiplicara as experiências e passam de um amante a outro. Mas acontece também que a mulher esclarecida pelo malogro conjugai seja atraída então pelo homem que precisamente lhe convém e assim se crie entre ambos uma ligação duradoura. Muitas vezes êle lhe agradará por ser um tipo radicalmente oposto ao do marido. Foi sem dúvida o contraste, que Sainte-Beuve oferecia em relação a Victor Hugo, que seduziu Adèle. Stekel cita o caso seguinte:

Mme P. H. está casada há oito anos com um sócio de um clube de atletismo. Vai a uma clínica ginecológica em virtude de uma ligeira salpingite, queixando-se de que o marido não a deixa sossegada. .. sente somente dores. O homem é rude e brutal. Êle acaba arranjando uma amante e a esposa fica feliz com isso. Quer divorciar-se e no escritório do advogado conhece um secretário que é exatamente o contrário do marido. É esbelto, frágil, mas muito amável e terno. Tornam-se íntimos; o homem procura seu amor, escreve-lhe muitas cartas cheias de ternura, tem mil gentilezas para com ela. Descobrem interesses espirituais comuns... O primeiro beijo faz que desapareça sua anestesia... A potência relativamente fraca do homem acarreta os mais intensos orgasmos na mulher... Depois do divórcio, casaram-se e viveram muito felizes... Êle conseguia provocar o orgasmo com beijos e carícias. Era essa mesma mulher que o marido extremamente potente acusava de frieza!

Nem todas as ligações acabam assim em conto de fadas. Tal como a moça, que sonha com um libertador que a arranque do lar paterno, a mulher espera que o amante a livre do jugo conjugal; é um tema amiúde explorado o do amante ardoroso que esfria e foge quando a amante começa a falar de casamento; muitas vezes ela se sente magoada pelas reticências dele e essas relações são por sua vez pervertidas pelo rancor e pela hostilidade. Ao se estabilizar, freqüentemente, uma ligação acaba assumindo

um caráter familiar e conjugal; nela se reencontram o tédio, o ciúme, a prudência, o ardil, todos os vícios da casamento. E a mulher sonha com outro homem que a tire dessa rotina.

O adultério reveste aliás caracteres muito diferentes, segundo os costumes e as circunstâncias. A infidelidade conjugal apresenta-se ainda, em nossa civilização, em que as tradições patriarcais sobrevivem, como muito mais grave para a mulher do que para o homem:

Iníqua avaliação dos vícios!, diz Montaigne. Encaramos e pesamos os vícios não de acordo com sua natureza mas segundo o nosso interesse, por isso assumem eles tantas formas desiguais. A aspereza de nossos juizes torna a aplicação das mulheres a esses vícios mais obstinada e viciosa do que comporta a realidade e as impele a conseqüências piores do que a causa.

Vimos quais as razões originais dessa severidade: o adultério da mulher, introduzindo na família o filho de um estranho, comporta o risco de frustrar os herdeiros legítimos; o marido é o senhor, a mulher sua propriedade. As mudanças sociais, a prática do *birth-control* enfraqueceram bastante esses motivos. Mas a vontade de manter a mulher em estado de dependência perpetua as proibições de que a cercam ainda. Muitas vezes ela as interioriza; e fecha os olhos às estroinices conjugais sem que sua religião, moralidade e "virtude" lhe permitam encarar qualquer reciprocidade. O controle exercido pelo ambiente — em particular nas "cidadezinhas" do Velho como do Novo Mundo — é muito mais severo do que o que pesa sobre o marido: êle sai mais, viaja, toleram-se os seus erros com muito mais indulgência, ao passo que ela se arrisca a perder sua reputação e sua situação de mulher casada. Descreveram-se amiúde os ardis através dos quais a mulher consegue obviar a tais vigilâncias: conheço uma cidadezinha portuguesa de uma severidade à moda antiga, em que as jovens só saem acompanhadas pela sogra ou pela cunhada; mas o cabeleireiro aluga quartos localizados em cima de sua loja; entre a "permanente" e um toque de pente, os amantes se encontram apressadamente. Nas grandes cidades a mulher tem menor número de carcereiros: mas os encontros "de cinco a sete" que se praticavam outrora não permitiam, tampouco, os sentimentos ilegítimos desabrocharem com êxito. Rápido, clandestino, o adultério não cria relações humanas e livres; as mentiras que implica acabam denegando toda dignidade às relações conjugais.

Em muitos meios, as mulheres conquistaram hoje parcialmente sua liberdade sexual. Mas é ainda, para elas, um problema difícil conciliar a vida conjugal com satisfações eróticas. Não implicando o casamento geralmente amor físico, pareceria razoável dissociar francamente um do outro. Admite-se que o homem possa ser excelente marido e no entanto volúvel: seus caprichos sexuais não o impedem, com efeito, de orientar amigavelmente com a mulher a empresa de uma vida comum; essa amizade será mesmo tanto mais pura, menos ambivalente, quanto menos represente uma prisão. Poder-se-ia admitir que seja a mesma coisa para a esposa; ela deseja muitas vezes partilhar a existência do marido, criar com êle um lar para os filhos e contudo conhecer outras carícias. São os compromissos de prudência e de hipocrisia que tornam o adultério degradante; um pacto de liberdade e de sinceridade aboliria uma das taras do casamento. Entretanto, é preciso reconhecer que *hoje* a fórmula irritante que inspirou a Francillon de Dumas Filho: "Para a mulher não é a mesma coisa", é parcialmente verdadeira. A diferença nada tem de *natural*. Pretende-se que a mulher tem menos necessidade sexual do que o homem: nada é menos certo; as mulheres recalcadas são esposas rabugentas, mães sádicas, donas de casa maníacas, criaturas infelizes e perigosas; mas ainda que seus desejos fossem mais raros não seria uma razão para achar supérfluo que os satisfizesse. A diferença vem do conjunto da situação erótica do homem e da mulher, tal qual a tradição e a sociedade a definem. Considera-se ainda o ato amoroso na mulher como um *serviço* prestado ao homem e que faz que este se apresente como seu senhor; vimos que êle pode sempre *arranjar* uma inferior, mas que ela se degrada entregando-se a um homem que não é de seu nível. Seu consentimento tem, em todo caso, o caráter de uma rendição, de uma queda. Uma mulher aceita de bom grado que o marido possua outras mulheres: sente-se até lisonjeada com isso; parece que Adèle Hugo viu, sem o lamentar, o marido feroso orientar seu ardor para outros leitos; algumas mesmo, imitando a Pompadour, aceitam tornar-se alcoviteiras¹. Ao contrário, no amplexo, a mulher é transformada em objeto, em presa; afigura-se ao marido que ela se impregnou de um mane estranho, deixou de ser sua, roubaram-lha. E o fato é que, na cama, a mulher muitas vezes sente-se, quer-se, e por

(¹) Falo aqui do casamento. Veremos que no amor a atitude do casal é invertida.

consequinte, é dominada; é verdade também que por causa do prestígio viril ela tende a aprovar, a imitar o homem que, tendo-a possuído, encarna a seus olhos o homem na sua totalidade. O marido irrita-se, não sem razão, de ouvir numa boca familiar o eco de um pensamento estranho; parece-lhe um pouco que êle é que foi possuído, violentado. Se Mme de Charrière rompeu com o jovem Benjamin Constant — que entre duas mulheres viris representava um papel feminino — foi porque não suportava senti-lo marcado pela influência detestada de Mme de Staël. Enquanto a mulher se faz escrava e reflexo do homem a quem se "entrega", deve reconhecer que suas infidelidades a arrancam mais radicalmente do marido do que infidelidades recíprocas.

Se ela conserva sua integridade, pode entretanto temer que o marido se haja comprometido na consciência do amante. Uma mulher pode mesmo imaginar que deitando com um homem — embora uma só vez, às pressas, num sofá — adquire uma superioridade sobre a esposa legítima; com muito mais razão um homem que acredita possuir a amante considera que prega uma peça no marido dela. É por isso que em *Tendresse*, de Bataille, em *Belle de Nuit* de Kessel, a mulher tem o cuidado de escolher amantes de baixa condição: ela procura satisfações sexuais com eles, mas não quer dar-lhes ascendência sobre o marido respeitado. Em *Condition Humaine*, Malraux mostra-nos um casal em que marido e mulher fizeram um pacto de liberdade recíproca: entretanto, quando May conta a Kyo que dormiu com um camarada, êle sofre, pensando que esse homem imaginou tê-la "tido"; êle escolheu respeitar-lhe a independência porque sabe que nunca se tem ninguém; mas as idéias complacentes por outro acariciadas magoam-no e humilham-no através de May. A sociedade confunde a mulher livre com a mulher fácil; o próprio amante não reconhece de bom grado a liberdade de que se aproveita; prefere acreditar que a amante cedeu, deixou-se arrastar, que êle a conquistou, seduziu. Uma mulher orgulhosa pode suportar pessoalmente a vaidade do parceiro; mas ser-lhe-á odioso que um marido estimado suporte a arrogância dele. É muito difícil a uma mulher agir como uma igual ao homem quando essa igualdade não está universalmente reconhecida e concretamente realizada.

Como quer que seja, adultério, amizades, vida mundana não constituem, na vida conjugai, senão divertimentos; podem ajudar a suportar seus constrangimentos mas não os destroem. São falsas evasões que não permitem em absoluto à mulher ser autenticamente dona de seu destino.

CAPÍTULO IV

PROSTITUTAS E HETAIRAS

VIMOS que o casamento¹ tem como correlativo imediato a prostituição. "O hetairismo, diz Morgan, acompanha a humanidade até em sua civilização como uma sombra projetada sobre a família." Por prudência, o homem obriga a esposa à castidade, mas não se satisfaz com o regime que lhe impõe.

Os reis da Pérsia, conta Montaigne, que lhes aprova a sabedoria, convidavam suas mulheres para lhes fazerem companhia em seus festins; mas, quando o vinho principiava a esquentá-los de verdade e lhes era preciso dar rédeas à volúpia, mandavam-nas de volta a seus lares para que não participassem de seus imoderados apetites e ordenavam que em seu lugar viessem mulheres que não tivessem a obrigação de respeitar.

É preciso que haja esgotos para assegurar a salubridade dos palácios, diziam os Padres da Igreja. E Mandeville, em uma obra que teve repercussão: "É evidente que existe uma necessidade de sacrificar uma parte das mulheres para conservar a outra e evitar uma sujeira de natureza mais repugnante". Um dos argumentos dos escravocratas norte-americanos em favor da escravidão era que, estando os brancos do Sul desobrigados das tarefas servis, podiam manter entre si as relações mais democráticas, mais requintadas; do mesmo modo, a existência de uma casta de "mulheres perdidas" permite tratar as "mulheres honestas" com o mais cavalheiresco respeito. A prostituta é o bode expiatório; o homem liberta-se nela de sua turpitude e a renega. Quer um estatuto legal a coloque sob a fiscalização policial, quer trabalhe na clandestinidade, é ela sempre tratada como pária.

(¹) Vol. I, 2ª. parte.

Do ponto de vista econômico, sua situação é simétrica à da mulher casada. "Entre as que se vendem pela prostituição e as que se vendem pelo casamento, a única diferença consiste no preço e na duração do contrato", diz Marro (*La Puberté*). Para ambas, o ato sexual é um serviço; a segunda é contratada pela vida inteira por um só homem; a primeira tem vários clientes que lhe pagam tanto por vez. Aquela é protegida por um homem contra os outros, esta é defendida por todos contra a tirania exclusiva de cada um. Em todo caso, os benefícios que tiram de seu corpo são limitados pela concorrência; o marido sabe que poderia ter tido outra esposa: o cumprimento dos "deveres conjugais" não é uma graça, é a execução de um contrato. Na prostituição, o desejo masculino, sendo específico e não singular, pode satisfazer-se com qualquer corpo. Esposa ou hetaira só conseguem explorar o homem se assumem uma ascendência singular sobre êle. A grande diferença existente entre elas está em que a mulher legítima, oprimida enquanto mulher casada, é respeitada como pessoa humana; esse respeito começa a pôr seriamente em xeque a opressão. Ao passo que a prostituta não tem os direitos de uma pessoa; nela se resumem, ao mesmo tempo, todas as figuras da escravidão feminina.

É ingênuo perguntar que motivos levam a mulher à prostituição; não se acredita mais hoje na teoria de Lombroso, que assimilava as prostitutas aos criminosos e via em ambos degenerados; é possível, como afirmam as estatísticas, que de uma maneira geral o nível mental das prostitutas esteja um pouco abaixo da média e que algumas sejam francamente débeis mentais: as mulheres cujas faculdades mentais são retardadas escolhem amiúde um ofício que não exija delas nenhuma especialização; mas em sua maioria elas são normais, algumas muito inteligentes. Nenhuma fatalidade hereditária, nenhuma tara fisiológica pesa sobre elas. Na verdade, em um mundo atormentado pela miséria e pela falta de trabalho, desde que se ofereça uma profissão, há quem a siga; enquanto houver polícia e prostituição, haverá policiais e prostitutas. Tanto mais quanto tais profissões rendem muito mais do que outras. É muita hipocrisia espantar-se com as ofertas que suscita a procura masculina; trata-se de um processo econômico rudimentar e universal. "De todas as causas da prostituição, escrevia em 1857 Parent-Duchâtelet durante um inquérito, nenhuma é mais ativa do que a falta de trabalho e a miséria, consequência inevitável dos salários insuficientes." Os

moralistas bem pensantes respondem, escarnecendo, que as histórias comoventes das prostitutas são romances para uso do cliente ingênuo. Com efeito, em muitos casos, a prostituta teria podido ganhar a vida de outro modo: mas, se o que escolheu não lhe parece o pior, não é prova de que tenha o vício no sangue; isso antes condena uma sociedade em que tal profissão é ainda uma das que parecem menos rebarbativas a muitas mulheres. Perguntam: Por que a escolheu ela? A pergunta deveria ser antes: Por que não a teria escolhido? Observou-se, entre outras coisas, que boa parte das prostitutas se recrutava entre as domésticas; foi o que estabeleceu Parent-Duchâtelet para todos os países, o que Lily Braun notava na Alemanha e Rickère na Bélgica. 50% mais ou menos das prostitutas foram primeiramente criadas. Um olhar nos "quartos de criadas" basta para explicar o fato. Explorada, escravizada, tratada como objeto mais do que como pessoa, a arrumadeira, a criada de quarto, não espera nenhuma melhoria da sorte no futuro; por vezes, é-lhe necessário suportar os caprichos do dono da casa: da escravidão doméstica, dos amores ancilares, ela desliza para uma escravidão que não pode ser mais degradante e que ela imagina mais feliz. Demais, as empregadas domésticas são o mais das vezes desarraigadas: calcula-se que 80% das prostitutas parisienses vêm da província ou do campo. A proximidade da família, a preocupação com a reputação impediriam a mulher de abraçar uma profissão geralmente desconsiderada; mas, perdida na cidade grande, não estando mais integrada na sociedade, a idéia abstrata de moralidade não lhe opõe nenhum obstáculo. Assim como a burguesia cerca o ato sexual — e principalmente a virgindade — de tabus temíveis, em muitos meios camponeses e operários isso tudo se afigura indiferente. Muitos inquéritos concordam a esse respeito: há muitas mulheres que se deixam deflorar pelo primeiro que aparece e que acharão em seguida natural entregar-se ao primeiro que surgir. Em um inquérito realizado com cem prostitutas, o Dr. Bizard salientou os fatos seguintes: uma fora deflorada aos 11 anos, duas aos 12, duas aos 13, seis aos 14, sete aos 15, vinte e uma aos 16, dezenove aos 17, dezessete aos 18, seis aos 19; as outras depois dos 21 anos. Havia portanto 5% que tinham sido violentadas antes de formadas. Mais de metade dizia ter-se entregue por amor; as outras tinham consentido por ignorância. O primeiro sedutor é muitas vezes jovem. É freqüentemente um camarada de oficina, um colega de escritório, um amigo de infância; vêm a seguir os militares, os contramestres, os criados,

os estudantes; a lista do Dr. Bizard comportava, ademais, dois advogados, um arquiteto, um médico, um farmacêutico. É bastante raro que seja, como quer a lenda, o próprio patrão quem desempenhe esse papel de iniciador: mas é o filho dele, muitas vezes, ou o sobrinho, ou um amigo. Commenge, em seu estudo, assinala também quarenta e cinco jovens de 12 a 17 anos, que teriam sido defloradas por desconhecidos que nunca mais teriam visto; tinham consentido com indiferença, sem experimentar nenhum prazer. Entre outros casos, o Dr. Bizard assinala mais precisamente os seguintes:

Mlle G., de Bordéus, voltando do convento aos 18 anos, deixa-se arrastar, sem pensar nas conseqüências, para um carro de saltimbancos, onde é deflorada por u'm cigano desconhecido.

Uma menina de 13 anos entrega-se sem refletir a um senhor que encontrou na rua e que nunca mais verá.

M... conta-nos textualmente que foi deflorada aos 17 anos por um rapaz que não conhecia... deixou-o fazer por completa ignorância.

R... deflorada com 17 anos e 1/2 por um homem que nunca vira e que, por acaso, encontrara no consultório de um médico da vizinhança, que fora chamar para a irmã doente, um homem que a ia conduzir de automóvel para que chegasse mais depressa e, na realidade, a largara em plena rua.

B... deflorada com 15 anos e 1/2, "sem pensar no que fazia", diz textualmente nossa cliente, por um jovem que nunca tornou a ver; nove meses depois, deu à luz um filho com boa saúde.

S... deflorada aos 14 anos por um rapaz que a levou para casa a pretexto de lhe apresentar a irmã. O rapaz na realidade não tinha irmã, mas tinha sífilis e contaminou a menina.

R... deflorada aos 18 anos, numa antiga trincheira da frente, por um primo casado e com quem visitava os campos de batalha. Pô-la grávida, o que a obrigou a abandonar a família.

C... deflorada aos 17 anos, na praia, numa noite de verão, por um jovem que acabara de conhecer no hotel, a cem metros das duas mães que falam de frivolidades. Contaminada por blenorragia.

L... deflorada com 13 anos, pelo tio, ouvindo rádio, enquanto a tia, que gostava de dormir cedo, repousava tranqüilamente no quarto ao lado.

Essas jovens, que cederam passivamente, nem por isso deixaram de sofrer o traumatismo do defloramento; desejaríamos saber que influência psicológica teve essa experiência brutal no

futuro delas; mas não se psicanalisam prostitutas: são inábeis na descrição de si mesmas e escondem-se atrás de lugares-comuns. Em algumas, a facilidade de se entregar a qualquer um explica-se pela existência de fantasmas de prostituição de que falamos: por rancor familiar, horror à sexualidade nascente, desejo de desempenhar o papel de adulto; há moças que imitam as prostitutas: pintam-se exageradamente, recebem rapazes, mostram-se coquetes e provocantes; ainda infantis, assexuadas, frias, acreditam poder brincar com o fogo impunemente; um dia um homem as toma a sério e elas passam dos sonhos aos atos.

"Quando uma porta foi arrombada, é difícil depois mantê-la fechada", dizia uma jovem prostituta de 14 anos¹. Entretanto a moça raramente se decide a "fazer o *trottoir*" logo depois do defloramento. Em certos casos, continua apegada ao primeiro amante e a viver com êle; arranja um ofício "honesto"; quando o amante a abandona, outro a consola; como não pertence a um homem só, acha que pode dar-se a todos; por vezes é o amante — o primeiro ou o segundo — que sugere esse meio de ganhar dinheiro. Há também muitas moças que são prostituídas pelos pais: em certas famílias — como na célebre família norte-americana dos Juke — todas as mulheres são destinadas a essa profissão. Entre as jovens vagabundas, numerosas meninas abandonadas pelos seus começam pela mendicância e deslizam para a prostituição. Em 1857, Parent-Duchâtelet verificara que, em 5.000 prostitutas, 1.441 tinham sido influenciadas pela pobreza, 1.425 seduzidas e abandonadas, 1.255 abandonadas e deixadas sem recursos pelos pais. Os inquéritos modernos sugerem mais ou menos as mesmas conclusões. A doença leva muitas vezes à prostituição a mulher incapacitada para um trabalho verdadeiro, ou que perdeu seu lugar; ela destrói o equilíbrio precário do orçamento, obriga a mulher a inventar apressadamente novos recursos. De igual modo, o nascimento de um filho. Mais de metade das mulheres de Saint-Lazare tiveram um filho pelo menos; muitas criaram de três a seis; o Dr. Bizard refere-se a uma que deu à luz quatorze, oito dos quais viviam ainda quando êle a conheceu. Poucas há, diz êle, que abandonam o filho; e acontece ser para alimentá-lo que se fazem prostitutas. Êle cita este caso entre outros:

(¹) Citado por Marro, *La Puberté*.

Deflorada na província, com a idade de 19 anos, por um patrão de 60 quando ainda vivia com a família, foi obrigada, estando grávida, a abandonar os seus para dar à luz uma menina com boa saúde e que educou muito corretamente. Depois do parto veio para Paris, onde trabalhou como ama, tendo começado a prostituir-se aos 29 anos. Prostitui-se, portanto, há 33 anos. Sem mais forças nem coragem, pede agora para ser hospitalizada em Saint-Lazare.

Sabe-se que há recrudescência da prostituição durante as guerras e as crises que a elas se seguem.

O autor de *La vie d'une prostituée*, publicada em parte em *Temps Modernes*¹, assim conta o início de sua carreira:

Casei-me aos 16 anos com um homem treze anos mais velho do que eu. Foi para sair de casa de meus pais que me casei. Meu marido só pensava em me fazer filhos. "Assim ficarás em casa, não sairás", dizia-me. Não queria que eu me pintasse, não queria levar-me ao cinema. Eu tinha que suportar a sogra, que vinha a nossa casa todos os dias e dava sempre razão ao salafrário do filho. Meu primeiro filho era um menino, Jacques; quatorze meses depois, dei à luz mais um menino, Pierre... Como me aborrecia muito, resolvi seguir um curso de enfermagem, isso me agradava muito... Entrei para um hospital, seção de mulheres, nos subúrbios de Paris. Uma enfermeira, que era ainda uma criança, ensinou-me coisas que eu não conhecia antes. Dormir com o marido era mais uma tarefa do que outra coisa. Na seção dos homens fiquei seis meses sem interessar ninguém. Eis que um dia um verdadeiro "duro", tipo de malandro, mas bonitão, entra no meu quarto particular... Dá-me a entender que poderia mudar de vida, que iria com êle para Paris, que não trabalharia mais... Durante um mês fui realmente feliz... Um dia êle trouxe uma mulher bem vestida, elegante, dizendo: "Esta sabe defender-se". A princípio não quis. Arranjei mesmo um lugar de enfermeira numa clínica de bairro para mostrar-lhe que não queria prostituir-me, mas não podia resistir muito tempo. Êle me dizia: "Não me amas. Quando uma mulher ama seu homem, trabalha para êle". Eu chorava. Na clínica, andava triste. Finalmente deixei que me conduzisse ao ca-beleireiro... Comecei a aceitar encontros. Julot seguia-me, para ver se eu sabia me defender direito e para me avisar no caso de surgirem tiras...

Por certos aspectos, esta história está de acordo com a história clássica da mulher entregue à prostituição por um cáften. Acontece ser este papel desempenhado pelo marido. Em alguns casos por uma mulher. L. Faivre realizou em 1931 um inquérito entre 510 prostitutas (*Les Jeunes Prostituées vagabondes en prison*); verificou que 284 viviam sós, 132 tinham um amigo,

(¹) Esta narrativa foi publicada clandestinamente sob o pseudônimo de Marie Thérèse; por este nome é que a designarei.

94 uma amiga a quem se achavam ordinariamente unidas por laços homossexuais. Êle cita trechos das cartas seguintes:

Suzanne, 17 anos. Entreguei-me à prostituição principalmente com prostitutas. Uma que ficou comigo muito tempo era muito ciumenta, por isso saí da rua. . .

Andrée, 15 anos e 1/2. Deixei meus pais para morar com uma amiga que encontrei num baile. Percebi logo que queria me amar como um homem, fiquei com ela quatro meses, depois. . .

Jeanne, 14 anos. Meu pobre paizinho chamava-se X. . . Morreu, em consequência da guerra, no hospital, em 1922. Minha mãe tornou a casar-se. Eu ia à escola para obter meu diploma, e tendo-o conseguido tive que aprender a costurar. . . depois, ganhando muito pouco, começaram as discussões com meu padrasto. . . Tive que ser colocada como criada em casa 'de Mme X. . . Estava sozinha há dez dias com a filha dela, que podia ter cerca de 25 anos, quando notei uma grande mudança nesta. E um dia, como um rapaz, ela me confessou seu grande amor. Hesitei e depois, com medo de ser despedida, cedi; compreendi então certas coisas. . . Trabalhei e depois, ficando sem trabalho, tive que ir ao *Bois* para me prostituir com mulheres. Conheci uma senhora muito generosa etc.

Muitas vezes a mulher encara a prostituição como um meio provisório de aumentar seus recursos. Mas já se descreveu mais de uma vez como se vê amarrada a seguir. Se os casos de "tráfico de brancas" em que ela é arrastada para a engrenagem pela violência, falsas promessas, mistificações etc, são relativamente raros, é freqüente entretanto que fique retida na carreira contra sua vontade. O capital necessário ao início foi-lhe fornecido por um cáften, ou uma caftina, que assim adquiriu direitos sobre ela e recolhe a maior parte dos benefícios sem que ela possa libertar-se. Marie Thérèse lutou verdadeiramente durante anos antes de consegui-lo.

Compreendi finalmente que Julot só queria a "gaita" e pensei que, longe dele, poderia economizar algum dinheiro. . . No bordel, a princípio, eu era tímida, não ousava aproximar-me dos homens e dizer-lhes: Sobe comigo? A mulher de um amigo de Julot vigiava-me de perto e até contava meus encontros. . . Eis que Julot me escreve que devo entregar todas as noites meu dinheiro à patroa: "Assim não te roubarão..." Quando quis comprar um vestido, a patroa disse-me que Julot a proibira de me dar meu dinheiro. . . resolvi largar o mais depressa possível essa casa de tolerância. Quando a patroa soube que eu queria partir, não me deu o tampo¹ antes da visita, como das

(¹) Um tampo para adormecer os gonococos, que davam às mulheres antes da visita, de modo que o médico só deparava com uma mulher doente quando a proxeneta queria livrar-se dela.

outras vezes, e fui detida e recolhida a um hospital... Tive que retornar ao bordel para ganhar o dinheiro de minha viagem... Mas só fiquei lá durante quatro semanas... Trabalhei alguns dias em Barbès como antes, mas estava por demais ressentida com Julot para ficar em Paris: discutíamos, êle me batia, de uma feita quase me jogou pela janela... Arranjei-me com um intermediário para ir para a província. Quando me dei conta de que êle conhecia Julot, não fui ao encontro combinado. As duas mulheres dele encontraram-me posteriormente na Rua Belhomme e deram-me uma sova... No dia seguinte fiz minha maleta e fui sozinha para a Ilha de T... Ao fim de três semanas estava farta do bordel, escrevi ao médico a fim de que me mandasse sair quando viesse para a visita... Julot viu-me no Bulevar Magenta e bateu-me... Fiquei com o rosto marcado depois da sova no Bulevar Magenta. Estava farta de Julot. Assinei por isso um contrato para partir para a Alemanha...

A literatura popularizou a figura de "Julot". Êle desempenha na vida da prostituta um papel de protetor. Adianta-lhe dinheiro para que compre vestidos, defende-a contra a concorrência de outras mulheres, contra a polícia — é êle próprio, por vezes, um policial — contra os fregueses. Estes gostariam de poder consumir sem pagar; alguns satisfariam de bom grado seu sadismo com a mulher. Em Madri, há alguns anos, a juventude fascista e rica divertia-se jogando as prostitutas no rio, nas noites frias; na Franga os estudantes, de farra, levam por vezes mulheres para o campo a fim de abandoná-las, à noite, inteiramente nuas; para receber seu dinheiro, evitar os maus tratos, a prostituta tem necessidade de um homem. Êle lhe dá igualmente um apoio moral: "Sozinha, a gente trabalha menos bem, tem menos coragem, relaxa", dizem algumas. Muitas vezes ela tem amor por êle; é por amor que se dedica à profissão ou a justifica; há em seu meio uma enorme superioridade do homem sobre a mulher: essa distância favorece o amor-religião, o que explica a abnegação apaixonada de certas prostitutas. Na violência de seu homem, elas vêem um sinal de virilidade e tanto mais docilmente se submetem a êle. Conhecem com êle ciúmes, tormentos, mas também as alegrias da mulher apaixonada.

Entretanto, às vezes só têm por êle hostilidade, rancor: é por medo, é porque eles as têm nas mãos que permanecem submissas, como se viu no caso de Marie Thérèse. Muitas vezes, consolam-se então com um "amor" escolhido entre os fregueses.

Todas as mulheres, além de seu Julot, tinham "amores", eu também, escreve Marie Thérèse. Era um marinheiro bonito. Embora fizesse amor muito bem, eu não podia juntar-me com êle, mas tínhamos grande amizade um pelo outro. Muitas vezes êle subia comigo sem fazer amor,

só para conversar, dizia-me que eu devia sair dali, que meu lugar não era ali.

Elas também se consolam com mulheres. Numerosas prostitutas são homossexuais. Vimos que havia muitas vezes uma aventura homossexual no início da carreira delas. Segundo Anna Rueling, na Alemanha, cerca de 20% das prostitutas seriam homossexuais. Faivre observa que, na prisão, jovens detentas trocam cartas pornográficas e apaixonadas que assinam "Unidas para toda a vida". Tais cartas são homólogas às que se escrevem as jovens escolares que alimentam "chamas" em seus corações; estas são menos sabidas, mais tímidas; aquelas vão até o fim de seus sentimentos, tanto nas palavras como nos atos. Vê-se na vida de Marie Thérèse — que foi iniciada na volúpia por uma mulher — o papel privilegiado que desempenha a "amiguinha" em face do freguês desprezado, do cáften autoritário:

Julot trouxera uma mulher, uma pobre criadinha que não tinha sequer sapatos. Compraram-lhe tudo na feira de objetos usados, depois veio ela ter comigo para trabalhar. Era muito gentil e como, além disso, gostava de mulheres, entendíamos-nos muito bem. Lembrava-me tudo o que aprendi com a enfermeira. Divertíamos-nos muitas vezes e, ao invés de trabalhar, íamos ao cinema. Eu estava contente por tê-la conosco.

Vê-se que a amiguinha desempenha mais ou menos o mesmo papel que o amigo íntimo para a mulher honesta confinada entre mulheres: é um companheiro de prazeres, é com ela que as relações são livres, gratuitas, e que, por conseguinte, podem ser voluntárias; cansada dos homens, enojada deles ou desejando uma diversão, é nos braços de outra mulher que muitas vezes a prostituta procura relaxamento e prazer. Em todo caso, a cumplicidade de que falei, e que une imediatamente as mulheres, existe mais fortemente nesse caso do que em qualquer outro. Pelo fato de suas relações com metade da humanidade serem de natureza comercial, pelo fato de o conjunto da sociedade as tratar como párias, as prostitutas têm entre si uma solidariedade estreita; podem ser rivais, ter ciúmes, insultar-se, brigar, mas têm profunda necessidade umas das outras para construir um "contra-universo" em que reencontram sua dignidade humana; a companheira é a confidente e a testemunha privilegiada; ela é quem aprecia o vestido, o penteado — meios destinados a seduzir o homem mas que se apresentam como fins em si aos olhos invejosos ou admirativos das outras mulheres.

Quanto às relações da prostituta com os fregueses, as opiniões se dividem e os casos são, sem dúvida, variáveis. Observou-se, amiúde, que reserva para o amante do coração o beijo na boca, a expressão de uma livre ternura © que não estabelece nenhuma comparação entre os amplexos amorosos e os profissionais. Os testemunhos dos homens são suspeitos porque a vaidade incita-os a se deixarem iludir por comédias de gozo. Cumpre dizer que as circunstâncias são muito diferentes, segundo se trata de uma "matança", freqüentemente seguida de exaustão física, de um encontro rápido, de uma "dormida", ou de relações constantes com um freguês habitual. Marie Thérèse geralmente exercia a profissão com indiferença, mas evoca certas noites com delícia; teve "amores" e diz que todas as suas amigas também os tinham. Em certos casos a mulher recusa-se a receber dinheiro de um freguês que lhe agrada ou, às vezes, se êle está "apertado", oferece-lhe auxílio. Em geral, entretanto, a mulher trabalha "a frio". Algumas só têm, pelo conjunto de sua freguesia, uma indiferença matizada de desprezo. "Como os homens são bobos! As mulheres podem encher-lhes a cabeça com o que querem!" escreve Marie Thérèse. Mas muitas sentem um rancor enojado contra os homens; sentem-se principalmente repugnadas com seus vícios. Seja porque vão ao bordel a fim de satisfazer os vícios que não ousam revelar à mulher ou à amante, seja porque o fato de estar no bordel os incita a inventar vícios, muitos homens exigem "fantasias" da prostituta. Marie Thérèse queixava-se, em particular, de terem os franceses uma imaginação insaciável. As doentes tratadas pelo Dr. Bizard confiaram-lhe que todos os homens são mais ou menos viciados. Uma de minhas amigas conversou longamente com uma jovem prostituta no hospital Beaujon, mulher muito inteligente, que começara como doméstica e vivia com um câften que ela adorava. "*Todos os homens são viciados, menos o meu, dizia. É por isso que o amo. Se um dia lhe descobrir um vício, abandono-o. Da primeira vez, nem sempre o freguês ousa, parece normal; mas quando volta começa a querer coisas... A senhora diz que seu marido não tem vícios: verá um dia. Todos têm.*" Por causa dos vícios ela os detestava. Em 1943, em Fresnes, outra amiga minha tornara-se íntima de uma prostituta. Esta sustentava que 90% dos fregueses eram viciados, 50% eram pederastas envergonhados. Os que se mostravam demasiado imaginosos assustavam-na. Um oficial alemão pedira-lhe que passeasse nua pelo quarto com flores nos braços enquanto êle imitava o vôo de um pássaro: apesar da

cortesia e da generosidade dele, ela fugia quando o divisava. Marie Thérèse tinha horror à "fantasia", embora fosse tabelada muito mais caro do que o coito simples e não raro exigisse menor fadiga da mulher. Essas três mulheres eram particularmente inteligentes e sensíveis. Sem dúvida, percebiam que a partir do momento em que não eram mais protegidas pela rotina da profissão, a partir do momento em que o homem deixava de ser um freguês em geral e se individualizava, elas eram a presa de uma consciência, de uma liberdade caprichosa; não se tratava mais de um simples negócio. Certas prostitutas, entretanto, especializam-se na "fantasia", porque rende mais. Em sua hostilidade contra o freguês entra, muitas vezes, um ressentimento de classe. Helen Deutsch conta longamente a história de Ana, uma bonita prostituta loura, infantil, geralmente muito meiga, mas que tinha crises de excitação furiosa contra certos homens. Vinha de uma família operária; o pai bebia, a mãe era doente: o casal infeliz inspirou-lhe tal horror à vida familiar que nunca consentiu em se casar, embora em sua carreira lho tivessem proposto muitas vezes. Os rapazes do bairro perverteram-na; gostava da profissão; mas quando, por estar tuberculosa, a mandaram para um hospital, ela ficou com um ódio feroz contra os médicos; os homens "respeitáveis" eram-lhe odiosos, não suportava a cortesia, a solicitude de seu médico. "Pois não sabemos nós que esses homens deixam facilmente cair a máscara de sua amabilidade, de sua dignidade, de seu domínio sobre si e se conduzem como animais?", dizia. No restante, era mentalmente equilibrada. Afirmou mentirosamente que tinha um filho com uma ama, fora disso não mentia. Morreu de tuberculose. Outra jovem prostituta, Júlia, que desde a idade de 15 anos se entregava a todos os rapazes que encontrava, só gostava dos homens pobres e fracos; com eles era meiga e gentil; os outros, ela os considerava como "animais selvagens merecedores do pior tratamento". (Tinha um complexo muito acentuado que revelava uma vocação materna insatisfeita: caía furiosamente em transe quando pronunciavam diante dela as palavras mãe, filho, ou de sons semelhantes.)

Em sua maioria, as prostitutas acham-se moralmente adaptadas à sua condição; isto não quer dizer que sejam hereditárias ou congênitamente imorais, mas sim que se sentem, com razão, integradas numa sociedade que reclama seus serviços. Sabem que os discursos do policial que as identifica são simples palavreiro e os sentimentos elevados que seus fregueses exibem

fora do bordel intimidam-nas bem pouco. Marie Thérèse explica à padeira, em casa de quem reside, em Berlim:

Gosto de todo mundo. Quando se trata de "gaita", minha senhora. . . Sim, porque dormir com um homem, a troco de nada, de graça, êle diz a mesma coisa da gente, é uma puta, e quando se exige pagamento, êle julga a gente também como puta, mas esperta; porque, quando se pede dinheiro a um homem, pode-se estar certa de que êle diz logo depois: "Ah, não sabia que tinhas este ofício" ou "Tens um homem". É isso, paga ou não, para mim é a mesma coisa. "Ah, sim, responde ela, você tem razão." Porque, eu lhe digo, você vai fazer fila meia hora por dia para poder comprar um par de sapatos. Eu, numa meia hora, dou uma trepada. Tenho os sapatos. Para pagar? ao contrário, se conheço meu trabalho ainda sou paga por cima. A senhora vê então que tenho razão.

Não é a situação moral e psicológica que torna penosa a existência das prostitutas. Sua condição material é que é, na maioria dos casos, deplorável. Exploradas pelo cáften, pela proxeneta, vivem na insegurança e três quartos delas não têm dinheiro. Ao fim de cinco anos de profissão, cerca de 75% estão com sífilis, diz o Dr. Bizard, que tratou de tantas. Entre outras, as menos experientes são contaminadas com uma assustadora facilidade; cerca de 25% devem ser operadas, em consequência de complicações blenorragicas. Uma, em vinte, tem tuberculose, 60% tornam-se alcoólatras ou toxicômanas, 40% morrem antes dos 40 anos. É preciso acrescentar que, apesar das precauções, algumas vezes ficam grávidas e são operadas em más condições. A baixa prostituição é um ofício penoso em que a mulher oprimida sexual e economicamente, submetida à arbitrariedade da polícia, a uma humilhante fiscalização médica, aos caprichos dos fregueses, presa dos micróbios, da doença e da miséria, é realmente degradada ao nível de uma coisa¹.

Da baixa prostituição à grande hetaira, há numerosos degraus. A diferença essencial consiste em que a primeira negocia com sua pura generalidade, de modo que a concorrência a mantém num nível de vida miserável, ao passo que a segunda se esforça por se fazer reconhecer em sua singularidade: vencendo,

(¹) Não é evidentemente com medidas negativas e hipócritas que se pode modificar a situação. Para que a prostituição desapareça, são necessárias duas condições: que uma profissão decente seja assegurada a tôdas as mulheres; que os costumes não oponham nenhum obstáculo à liberdade do amor. É somente suprimindo as necessidades a que atende que se suprimirá a prostituição.

pode aspirar a um grande destino. A beleza, o encanto, o *sex-appeal* são necessários, mas não bastam: é preciso que a mulher seja *distinguida* pela opinião. É através de um desejo de homem que muitas vezes seu valor se desvendará; mas só será "lançada" quando o homem tiver proclamado seu valor aos olhos do mundo. No século passado, era o palacete, eram as pérolas que testemunhavam a ascendência conquistada por uma *cocotte* sobre seu protetor e que a elevavam à condição de *demi-mondaine*; seu mérito se afirmava na medida em que homens continuavam a arruinar-se por ela. As mudanças sociais e econômicas aboliram o tipo das Blanche d'Antigny. Não há mais um *demi-monde*, dentro do qual se possa afirmar uma reputação. É de outra maneira que uma mulher ambiciosa se esforçará por conquistar celebridade. É a "estrela" a última encarnação da hetaira. Com um marido ao lado — condição rigorosamente exigida por Hollywood — ou um amigo sério, ela se aparenta contudo a Frinéia, Impéria, Casque d'Or. A hetaira entrega a Mulher aos sonhos dos homens, que em troca lhe dão fortuna e glória.

Houve sempre entre a prostituição e a arte uma passagem incerta, em virtude de se associarem de maneira equívoca a beleza e a volúpia; na verdade não é a Beleza que engendra o desejo; mas a teoria platônica do amor propõe hipócritas justificações para a lubricidade. Frinéia desnudando o seio oferece ao areópago a contemplação de uma idéia pura. A exibição de um corpo sem véu torna-se um espetáculo de arte; os "burlescos" americanos fizeram um drama do despir-se. O "nu é casto", afirmam os velhos que, sob a denominação de "nus artísticos", colecionam fotografias obscenas. No bordel, o momento da "escolha" já é uma parada; ao complicar-se, têm-se os "quadros vivos", as "poses artísticas" que se oferecem aos fregueses. A prostituta que aspira a adquirir um valor singular não se limita mais a mostrar passivamente a carne; esforça-se por mostrar talentos particulares. As "tocadoras de flauta" gregas encantavam os homens com sua música e suas danças. As Uled-Nail executam a dança do ventre, as espanholas que dançam e cantam no Barrio-Chino não fazem senão oferecer-se de maneira requintada à escolha do apreciador. É para achar "protetores" que Nana sobe ao palco. Certos *music-halls*, como outrora certos cafés-concêrto, não passam de bordéis. Todos os ofícios em que a mulher se exhibe podem ser utilizados para fins galantes. Há, sem dúvida, *girls*, *taxi-girls*,

dançarinas nuas e outras, *pin-ups*, manequins, cantoras, que não permitem que sua vida erótica se imiscua em seu trabalho; quanto mais este implique em técnicas, invenção, mais poderá ser considerado como um fim em si; mas, freqüentemente, uma mulher que se apresenta em público para ganhar a vida é tentada a comerciar com seus encantos. Inversamente, a cortesã deseja um ofício que lhe sirva de *álibi*. Raras, como a Léa, de Colette, responderiam a um amigo que as chamasse "Cara artista": "Artistas? Realmente meus amantes são muito indiscretos". Dissemos que sua reputação é que lhe confere um valor comercial: é no palco ou na tela que se pode conquistar "nome", que se tornará um capital.

Cinderela nem sempre sonha com o Príncipe Encantado: teme que, marido ou amante, êle se transforme em tirano; prefere sonhar com sua própria imagem rindo às portas dos cinemas. Porém, o mais das vezes, é graças a "proteções" masculinas que ela alcança seu objetivo; e são os homens — marido, amante, pretendente — que lhe confirmam o triunfo, fazendo-a participar de seu renome ou de sua fortuna. É essa necessidade de *agradar* a indivíduos, à multidão, que aproxima a *vedette* da hetaira. Elas desempenham na sociedade um papel análogo: empregarei a palavra hetaira para designar todas as mulheres que tratam, não do corpo somente, mas também de sua pessoa como de um capital a ser explorado. Sua atitude é muito diferente da de um criador que, transcendendo-se em sua obra, supera o dado e apela em outrem para uma liberdade a que abre o futuro; a hetaira não desvenda o mundo, não abre nenhum caminho à transcendência humana¹: ao contrário, procura captá-la em proveito próprio; oferecendo-se aos sufrágios de seus admiradores, não renega sua feminilidade passiva que a destina ao homem: dota-a de um poder mágico que lhe permite pegar os homens na armadilha de sua presença e deles alimentar-se; arrasta-os consigo em sua imanência.

Por esse caminho, a mulher consegue conquistar certa independência. Entregando-se a vários homens, não pertence definitivamente a nenhum; o dinheiro que junta, o nome que "lança" como se lança um produto, asseguram-lhe uma autonomia eco-

(¹) Pode ela ser *também* uma artista que, procurando agradar, invente e crie. Pode então acumular as duas funções ou ultrapassar o estádio da galantaria e entrosar-se na categoria das mulheres atrizes, cantoras, dançarinas etc, de que falaremos adiante.

nômica. As mulheres mais livres da Antigüidade grega não eram nem as matronas nem as baixas prostitutas: eram as hetairas. As cortesãs do Renascimento, as gueixas japonesas gozam de uma liberdade infinitamente maior do que suas contemporâneas. Na França, a mulher que se nos afigura mais virilmente independente é talvez Ninon de Lenclos. Paradoxalmente, essas mulheres que exploram ao extremo sua feminilidade criam para si uma situação quase equivalente à de um homem; partindo desse sexo que as entrega aos homens como objeto, reencontram-se como sujeitos. Não somente ganham a vida como os homens, mas ainda vivem em uma companhia quase exclusivamente masculina; livres de costumes e de propósitos, podem elevar-se — como Ninon de Lenclos — à mais rara liberdade de espírito. As mais distintas vêem-se, amiúde, cercadas de artistas e escritores que as "mulheres honestas" aborrecem. É na hetaira que os mitos masculinos encontram sua mais sedutora encarnação; ela é, mais do que qualquer outra, carne e consciência, ídolo, inspiradora, musa; pintores e escultores querem-na como modelo; ela alimenta os sonhos dos poetas; é nela que o intelectual explora os tesouros da "intuição" feminina; ela é mais facilmente inteligente do que a matrona, menos afetada na hipocrisia. As que são superiormente dotadas não se contentarão com esse papel de Egéria; sentirão necessidade de manifestar, de maneira autônoma, o valor que o sufrágio alheio lhes confere; gostarão de transformar suas virtudes passivas em atividades. Emergindo no mundo como sujeitos soberanos, escrevem versos ou prosa, pintam, compõem. Assim, Impéria se tornou célebre entre as cortesãs italianas. Pode acontecer também que, utilizando o homem como instrumento, ela exerça funções viris por intermédio dele: as "grandes favoritas" participaram do governo do mundo através de seus poderosos amantes¹.

Essa libertação pode traduzir-se no terreno erótico, entre outros. No dinheiro ou nos serviços que presta ao homem, a mulher pode encontrar uma compensação para o complexo de inferioridade feminina; e dinheiro tem um papel purificador; abole a luta dos sexos. Se muitas mulheres que não são profissionais fazem questão de arrancar cheques e presentes do amante,

(¹) Assim como certas mulheres utilizam o casamento para alcançar certos fins, outras empregam os amantes como meios para atingir objetivos políticos, econômicos etc. Superam a situação de hetaira como as outras a de matrona.

não é somente por cupidez: fazer o homem pagar — pagar-lhe também como se verá adiante — é transformá-lo em instrumento. Com isso a mulher nega-se a sê-lo: talvez o homem pense *tê-la*, mas essa posse sexual é ilusória; ela é que o *tem* no terreno muito mais sólido da economia. Seu amor-próprio está satisfeito. Pode entregar-se aos amplexos do amante, não cede a uma vontade estranha, o prazer não lhe poderá ser "infligido", apresentar-se-á antes como um benefício suplementar; não será "tomada" porquanto é paga.

Entretanto, a cortesã tem a reputação de ser fria. É-lhe útil saber governar o coração e o ventre: sentimental ou sensual, arrisca-se a sofrer a ascendência de um homem que a explorará ou a açambarcará ou a fará sofrer. Entre as aventuras que aceita, muitas há — principalmente no início da carreira — que a humilham; sua revolta contra a arrogância masculina exprime-se pela frigidez. As hetairas, como as matronas, confiam-se de bom grado os "truques" que lhes permitem "fingir". Esse desprezo, esse nojo pelo homem mostra bem que no jogo explorador-explorado elas não estão inteiramente certas de ter ganho. Com efeito, na imensa maioria dos casos, é ainda a dependência seu quinhão.

Nenhum homem é definitivamente seu senhor. Mas elas têm a mais urgente necessidade do homem. A cortesã perde todos os seus meios de existência, se êle deixa de desejá-la; a estreante sabe que todo o seu futuro está nas mãos dele; a própria estrela, privada de apoio masculino, vê dissipar-se o seu prestígio: abandonada por Orson Welles, foi com um ar doentio de órfã que Rita Hayworth deambulou pela Europa antes de encontrar Ali Khan. A mais bela de todas nunca tem certeza do dia seguinte, porque suas armas são mágicas e a magia é caprichosa; ela está ligada a seu protetor — marido ou amante — quase tão estreitamente quanto uma esposa "honesta" ao seu esposo. Deve-lhe não somente o serviço da cama, mas precisa ainda suportar-lhe a presença, a conversa, os amigos e principalmente as exigências da vaidade dele. Pagando, à mulher que explora, sapatos de saltos altos, saias de cetim, o proxeneta faz um investimento que lhe dará uma renda; o industrial, o produtor, oferecendo pérolas e peles à amiga, afirma fortuna e poder através dela: que a mulher seja um meio para ganhar dinheiro ou um pretexto para gastá-lo, é sempre a mesma servidão. Os presentes com que a acumulam são cadeias. E esses vestidos, essas jóias que ela usa, pertencem-lhe realmente? O homem, por

vezes, reclama a restituição após a ruptura, como o fêz outrora, com elegância, Sacha Guitry. Para "conservar" seu protetor sem renunciar a seus prazeres, a mulher utilizará espertezas e manobras, mentiras e hipocrisias que aviltam a vida conjugal; ainda que apenas se finja subserviente, já essa comédia é servil. Bela, célebre, ela pode escolher outro senhor, se o do momento se lhe afigura odioso. Mas a beleza é uma preocupação, um tesouro frágil; a hetaira depende estreitamente de seu corpo que o tempo impiedosamente degrada; é para ela que a luta contra a velhice assume seu aspecto mais dramático. Sendo dotada de grande prestígio, poderá sobreviver a sua ruína, à ruína de seu rosto e de suas formas. Mas o cuidado desse renome, que é seu bem mais precioso, submete-a à mais dura das tiranias: a da opinião. Sabe-se em que escravidão caem as *vedettes* de Hollywood. Seu corpo não lhes pertence mais; o produtor decide da cor dos cabelos, do peso, da linha, do tipo; para modificar a curva de um semblante arrancam-lhe dentes. Regimes, ginástica, provas, maquilagem são uma aborrecida tarefa diária. Sob a rubrica *Personal appearance* são previstos saídas e namoros; a vida privada não é senão um momento da vida pública. Na França, não há regulamento escrito, mas uma mulher prudente e hábil sabe o que sua "publicidade" exige dela. A *vedette* que se recusa a se submeter a tais exigências conhecerá quedas brutais ou lentas, mas inelutáveis. A prostituta que só entrega o corpo é talvez menos escrava do que a mulher que tem por profissão agradar. Uma mulher "consagrada", que tem nas mãos um ofício de verdade e cujo talento é reconhecido — atriz, cantora, dançarina — escapa à condição de hetaira; pode conhecer uma verdadeira independência; mas a maioria continua em perigo durante toda a vida; é-lhe necessário sem descanso seduzir novamente o público e os homens.

Muitas e muitas vezes, a mulher que vive à custa de um amigo interioriza sua dependência; submetida à opinião, reconhece-lhe os valores; admira a sociedade elegante e adota-lhe os costumes; quer ser considerada segundo normas burguesas. Parasita da burguesia rica, adere às idéias dela; "pensa como se deve"; outrora punha amiúde as filhas num convento e, envelhecida, ia ela própria à missa, convertendo-se ruidosamente. Está do lado dos conservadores. É demasiado orgulhosa de ter conquistado um lugar neste mundo, para desejar que êle mude. A luta que trava para "vencer" não a predispõe a sentimentos de fraternidade e de solidariedade humana; pagou seus êxitos com

exageradas complacências de escrava para desejar sinceramente a liberdade universal. Zola acentuou esse traço em Nana:

Em matéria de livros e dramas, Nana tinha opiniões muito preciosas: queria obras ternas e nobres, coisas que a fizessem sonhar e lhe engrandecessem a alma... Exaltou-se contra os republicanos. Que queria então, essa gentinha que nunca se lavava? Não se era feliz? O Imperador não fizera tudo pelo povo? Uma bela porcaria, o povo! Conhecia-o, podia falar; não, vejamos, seria uma grande desgraça para todo mundo, essa república deles. Ah, que Deus proteja o Imperador o mais tempo possível.

Durante as guerras, ninguém exhibe um patriotismo tão agressivo quanto as grandes prostitutas; pela nobreza dos sentimentos que afetam, esperam erguer-se ao nível das duquesas. Lugares-comuns, clichês, preconceitos, emoções convencionais constituem o fundo de suas conversas públicas e, muitas vezes, ela tem toda sinceridade até no segredo do coração. Entre a mentira e a hipérbole, a linguagem se destrói. Toda a vida da hetaira é uma parada: suas palavras, suas mímicas destinam-se não a exprimir pensamentos e sim a produzir um efeito. Representa com seu protetor a comédia do amor: por momentos representa-a para si mesma. Para a opinião representa comédias de decência e de prestígio: acaba por se acreditar um modelo de virtude e um ídolo sagrado. Uma má-fé obstinada governa-lhe a vida interior e permite a suas mentiras concertadas aparentarem a naturalidade da verdade. Há, por vezes, em sua vida, impulsos espontâneos: não ignora inteiramente o amor, tem "xodós", "caprichos", às vezes chega a ser "fisgada". Mas quem dá muito lugar ao capricho, ao sentimento, ao prazer, depressa perde sua "situação". Geralmente, ela põe em suas fantasias a prudência da esposa adúltera; esconde-se de seu protetor e da opinião; não pode portanto dar muito de si mesma a "seus amantes prediletos"; eles são apenas uma distração, uma trégua. Demais, ela se encontra demasiado obcecada pela preocupação do êxito para se esquecer em um amor de verdade. Quanto às outras mulheres, as hetairas as amam sensualmente, assaz amiudadamente; inimiga dos homens que lhe impõem seu domínio, ela encontrará nos braços de uma amiga um descanso voluptuoso e, ao mesmo tempo, um revide: assim Nana ao lado de Satin. Do mesmo modo por que deseja desempenhar no mundo um papel ativo a fim de empregar positivamente sua liberdade, compraz-se, também, em possuir outros seres: rapazes muito jovens que ela se divertirá até em "ajudar" ou moças muito moças que de bom grado sustentará,

junto das quais, em todo caso, será um personagem viril. Seja ou não homossexual, terá com o conjunto das mulheres as relações complexas de que falei: precisa delas como juizes e testemunhas, como confidentes e cúmplices, para criar esse "contra-universo" que reclama toda mulher oprimida pelo homem. Mas a rivalidade feminina atinge aqui seu paroxismo. A prostituta que faz comércio de sua generalidade tem concorrentes; mas há bastante trabalho para todas e, mesmo através de suas disputas, elas se sentem solidárias. A hetaira que procura "distinguir-se" é *a priori* hostil a quem almeja, como ela, um lugar privilegiado. É neste caso que os temas conhecidos acerca das "maldades" femininas encontram toda a sua verdade.

A grande desgraça da hetaira provém de que não somente sua independência é o reverso mentiroso de mil dependências, mas ainda de que mesmo essa liberdade é negativa. Uma atriz como Raquel, uma dançarina como Isadora Duncan, ainda que auxiliadas por homens, têm um ofício que as exige e as justifica; elas alcançam, com um trabalho voluntário, querido, uma liberdade concreta. Mas, para a imensa maioria das mulheres, a arte, o ofício são apenas um meio; não empenham nisso projetos verdadeiros. O cinema, particularmente, que submete a *vedette* ao encenador, não lhe permite a invenção, os progressos de uma atividade criadora. *Exploram* o que ela *é*; ela não cria um objeto novo. E ainda, além disso, é muito difícil tornar-se uma *vedette*. Na "galanteria" propriamente dita, nenhum caminho se abre à transcendência. Aqui também o tédio acompanha o confinamento da mulher na imanência. Zola mostrou esse traço em Nana.

Entretanto, em seu luxo, no meio dessa corte, Nana aborrecia-se mortalmente. Tinha homens para todos os minutos da noite e dinheiro até nas gavetas da sala de banho, mas isso não a contentava mais, ela sentia como um vazio algures, um buraco que a fazia bocejar. Sua vida arrastava-se sem ocupação, trazendo de volta as mesmas horas monótonas... Essa certeza de que a alimentariam deixava-a deitada o dia inteiro, sem um esforço, adormecida no fundo desse temor e dessa submissão de convento, como que encerrada em seu ofício de prostituta. Matava o tempo com prazeres tolos, na sua única espera do homem.

A literatura norte-americana descreveu cem vezes esse tédio que esmaga Hollywood e que desde o dia da chegada sufoca o viajante; os atores e os figurantes aí se aborrecem, de resto, tanto quanto as mulheres cuja condição compartilham. Mesmo na França, as saídas oficiais assumem um caráter de corvêia. O

protetor que reina sobre a vida da *starlet* é um homem idoso, que tem por amigos homens de idade: suas preocupações são estranhas à jovem, suas conversas acabrunham-na; há um fosso muito mais profundo ainda do que no casamento burguês entre a estrepante de 20 anos e o banqueiro de 45, que passam dias e noites juntos.

O moloc a quem a hetaira sacrifica prazer, amor, liberdade, é sua carreira. O ideal da matrona é uma felicidade estática que envolve suas relações com o marido e os filhos. A "carreira" desenrola-se através do tempo, mas é contudo um objeto imane que se resume em um nome. O nome cresce nos cartazes é nas bocas na medida em que, na escala social, degraus cada vez mais altos são vencidos. Segundo seu temperamento, a mulher administra sua empresa com prudência ou com audácia. Uma experimenta nisso as satisfações de dona de casa dobrando uma bela roupa branca no armário, outra a embriaguez da aventura. Ora a mulher se limita a manter, sem cessar, em equilíbrio, uma situação ininterruptamente ameaçada e que por vezes desmorona, ora ela edifica indefinidamente sua fama como uma torre de Babel visando em vão ao céu. Algumas, misturando a galanteria a outras atividades, surgem como verdadeiras aventureiras: são espãs, como Mata Hari, ou agentes secretas; não têm, em geral, a iniciativa de seus projetos, são antes instrumentos nas mãos dos homens. Mas, em conjunto, a atitude da hetaira tem analogias com a do aventureiro; como este, ela se encontra muitas vezes a meio caminho entre a *seriedade* e a *aventura* propriamente dita, ela visa a valores feitos, convencionais: dinheiro, glória; mas dá ao fato de os conquistar tanta importância quanto a própria posse; e, finalmente, o valor supremo a seus olhos é seu êxito subjetivo. Justifica, ela também, esse individualismo por um niilismo mais ou menos sistemático, mas vivido coirí tanto maior convicção quanto é hostil aos homens e vê inimigas nas outras mulheres. Se é bastante inteligente para sentir a necessidade de uma justificação moral, invocará um nietzscheísmo mais ou menos bem assimilado; afirmará o direito do ser de elite sobre o vulgar. Sua pessoa apresenta-se-lhe como um tesouro cuja simples existência é um dom; de modo que, consagrando-se a si mesma, pretenderá servir a coletividade. O destino da mulher devotada ao homem é marcado pelo amor: a que explora o homem assenta no culto que rende a si mesma. Se atribui tanta importância a sua glória, não é somente por interesse econômico: procura nisso a apoteose de seu narcisismo.

CAPÍTULO V

DA MATURIDADE A VELHICE

A HISTÓRIA da mulher — pelo fato de se encontrar ainda encerrada em suas funções de fêmea — depende muito mais que a do homem de seu destino fisiológico. Todo período da vida feminina é calmo e monótono: mas as passagens de um estágio para outro são de uma perigosa brutalidade; evidenciam-se através de crises muito mais decisivas do que no homem: puberdade, iniciação sexual, menopausa. Enquanto êle envelhece de maneira contínua, a mulher é bruscamente despojada de sua feminilidade; perde, jovem ainda, o encanto erótico e a fecundidade de que tirava, aos olhos da sociedade e a seus próprios olhos, a justificação de sua existência e suas possibilidades de felicidade: cabe-lhe viver, privada de todo futuro, cerca de metade de sua vida de adulta.

"A idade perigosa" é caracterizada por certas perturbações orgânicas (cf. vol. I, cap. I), mas o que lhes dá importância é o valor simbólico de que se revestem. A crise é sentida de maneira muito menos aguda pelas mulheres que não apostaram particularmente na sua feminilidade; as que trabalham duramente — em seus lares ou fora deles — acolhem com alívio o desaparecimento da servidão menstrual; a camponesa, a mulher do operário, que uma nova gravidez ameaça sem cessar, sentem-se felizes quando vêm enfim esse risco evitado. Nessa conjuntura, como em muitas outras, é menos do próprio corpo que provêm os incômodos da mulher que da consciência angustiada que deles tem. O drama, moral inicia-se antes que os fenômenos fisiológicos se declarem e termina quando eles já de há muito desapareceram.

Muito antes da mutilação definitiva, a mulher sente-se obcecada pelo horror de envelhecer. O homem maduro acha-se empe-

nhado em empresas mais importantes que as do amor; seus ardores eróticos são menos vivos do que na mocidade; e como não lhe pedem as qualidades passivas de um objeto, as alterações de seu rosto e de seu corpo *não* arruinam suas possibilidades de sedução. Ao contrário, é geralmente por volta dos 35 anos que a mulher, tendo enfim superado suas inibições, atinge sua plena maturidade erótica: é então que seus desejos são mais violentos e que ela deseja mais asperamente satisfazê-los; muito mais do que o homem, ela apostou nos valores sexuais que detém; para reter o marido, para se assegurar proteções, é necessário que agrade na maior parte dos ofícios que exerce; não lhe permitiram ter algum domínio sobre o mundo, senão por intermédio do homem: que lhe acontecerá quando não tiver mais domínio sobre este? É o que se pergunta ansiosamente enquanto assiste impotente à degradação desse objeto de carne com o qual se confunde; luta, mas pintura, operações estéticas não podem senão prolongar sua juventude agonizante. Pode trapacear com o espelho, mas quando se esboça o processo fatal, irreversível, que vai destruir nela todo o edifício construído durante a puberdade, sente-se tocada pela própria fatalidade da morte.

Poder-se-ia acreditar que é a mulher que mais ardentemente se embriagou de sua beleza, de sua mocidade, quem conhece os piores desatinos; mas não; a narcisista preocupa-se demais com sua pessoa para não ter previsto a inelutável decadência e organizado posições de retirada. Sofrerá por certo com sua mutilação: mas não será pelo menos surpreendida e adaptar-se-á bastante depressa. A mulher que se esqueceu, que se dedicou, que se sacrificou será muito mais desnordeada pela súbita revelação: "Tinha só uma vida por viver; eis meu quinhão, agora!" Para espanto dos que a cercam, produz-se nela então uma mudança radical: desalojada de seus retiros, aTrancada a seus projetos, acha-se colocada subitamente, sem ter para que apelar, em face de si mesma. Ultrapassado este marco contra o qual s? chocou sem esperar, parece-lhe que não faz senão sobreviver a si mesma; seu corpo será sem promessa; os sonhos, os desejos que não realizou permanecerão para sempre insatisfeitos; é nesta nova perspectiva que se volta para o passado; é chegado o momento de traçar um risco, de fazer as contas; é a hora do balanço. Ela se apavora com as estreitas limitações que a vida lhe infligiu. Em face dessa história breve e decepcionante que foi a sua, reencontra as condutas da adolescente no limiar de um futuro ainda inacessível: recusa sua finidade; opõe à pobreza de sua existência

a riqueza nebulosa de sua personalidade. Pelo fato de que, sendo mulher, suportou mais ou menos passivamente seu destino, parece-lhe que lhe roubaram suas possibilidades, que a enganaram, que escorregou da juventude para a maturidade sem ter tomado consciência disso. Descobre que seu marido, meio e ocupações não eram dignos de si; sente-se incompreendida. Isola-se do meio a que se considera superior; encerra-se com o segredo que traz no coração e é a chave misteriosa de sua sorte; procura tornar a ponderar as possibilidades que não esgotou. Põe-se a escrever um diário íntimo; se encontra confidentes compreensivos, expande-se em conversas indefinidas; e ruma dias e noites suas queixas e seus ressentimentos. Como a moça que sonha com o que *será* seu futuro, ela evoca o que poderia *ter sido* o seu passado; revê as oportunidades que deixou escapar e forja belos romances retrospectivos. H. Deutsch cita o caso de uma mulher que rompera, muito jovem, um casamento infeliz e passara em seguida longos anos tranqüila ao lado de um segundo marido; com 45 anos, pôs-se a lamentar dolorosamente o primeiro marido e abismar-se na melancolia. As preocupações da infância e da puberdade reavivam-se, a mulher remói indefinidamente a história de seus jovens anos e sentimentos adormecidos pelos pais, os irmãos, as irmãs, amigos de infância, exaltam-se novamente. Por vezes, entrega-se a uma melancolia sonhadora e passiva. Mas, o mais das vezes, tenta bruscamente salvar sua existência falhada. Essa personalidade que acaba de descobrir por contraste com a mesquinhez de seu destino, ela a exhibe, louva-lhe os méritos, reclama imperiosamente que lhe façam justiça. Amadurecida pela experiência, pensa que é capaz enfim de se valorizar; gostaria de recomeçar. Antes de tudo, procura deter o tempo num esforço patético. Uma mulher maternal afirma que pode ainda conceber; procura apaixonadamente criar vida mais uma vez. Uma mulher sensual esforça-se por conquistar um novo amante. A coquete mostra-se, mais do que nunca, ávida de agradar. Declaram todas que nunca se sentiram tão jovens. Querem persuadir os outros de que a passagem do tempo não as atingiu efetivamente, põem-se a "vestir-se como jovens", adotam mímicas infantis. A mulher que envelhece sabe muito bem que se deixa de ser um objeto erótico não é somente porque sua carne não oferece mais ao homem riquezas frescas: é também porque seu passado, sua experiência fazem dela, queira ou não, uma pessoa; lutou, amou, quis, sofreu, gozou por sua conta: esta autonomia intimida-a; procura renegá-la; exagera sua feminilidade, enfei-

ta-se, perfuma-se, faz-se toda encanto, graça, pura imanência; admira com um olhar ingênuo e entonações infantis o interlocutor masculino, evoca com volubilidade suas recordações de menina; ao invés de falar, cacareja, bate palmas, ri às gargalhadas. É com uma espécie de sinceridade que representa essa comédia. Pois o interesse novo que dedica a si mesma, o desejo de se arrançar às antigas rotinas e de partir novamente dão-lhe a impressão de que recomeça.

Em verdade, não se trata de uma partida verdadeira; ela não descobre, no mundo, objetivos para os quais possa projetar-se num movimento livre e eficiente. Sua agitação assume uma forma excêntrica, incoerente e vã porque só se destina a compensar simbolicamente os erros e malogros do passado. Entre outras coisas, a mulher esforçar-se-á por realizar, antes que seja tarde demais, todos os seus desejos de criança e de adolescente: uma volta ao piano, outra à escultura, ou a escrever, a viajar, aprende a esquiar ou línguas estrangeiras. Tudo o que recusara voluntariamente até então, ela resolve — antes que seja tarde demais — acolher. Confessa sua repugnância por um marido que tolerava antes e torna-se fria nos seus braços; ou, ao contrário, entrega-se a ardores que refreava; acabrunha o marido com exigências, retorna à prática da masturbação, abandonada desde a infância. As tendências homossexuais — que existem de um modo larvar em quase todas as mulheres — manifestam-se. Muitas vezes, o alvo dessas tendências transfere-as para a filha; mas por vezes, também, é em relação a uma amiga que nascem sentimentos insólitos. Em sua obra *Sex, life and faith*, Rom Landau conta a história seguinte, que lhe foi confiada pela interessada:

Mme X. . . aproximava-se dos 50 anos; casada há vinte e cinco, mãe de três filhos adultos, ocupando uma posição proeminente nas organizações sociais e caritativas de sua cidade, encontrou em Londres uma mulher dez anos mais jovem e que, como ela, se dedicava a atividades sociais. Tornaram-se amigas e Mlle Y. . . ofereceu-lhe hospedagem para a viagem seguinte. Mme X. . . aceitou e, na segunda noite de sua estada, surpreendeu-se subitamente beijando apaixonadamente sua hospedeira: afirmou várias vezes não ter tido a menor idéia de como a coisa acontecera; passou a noite com a amiga e voltou para casa aterrorizada. Até então ignorava tudo da homossexualidade, não sabia sequer que "semelhante coisa" pudesse existir. Pensava em Mlle Y. . . com paixão e, pela primeira vez na vida, achou as carícias e o beijo quotidiano do marido pouco agradáveis. Resolveu rever a amiga para "tirar a limpo" as coisas e sua paixão aumentou ainda; essas relações enchiam-na de alegrias que jamais conhecera. Mas sentia-se

atormetada pela idéia de ter cometido um pecado e consultou um médico, a fim de saber se havia uma "explicação científica" para seu estado e se este podia ser justificado por algum argumento moral.

Neste caso, o sujeito cedeu a um impulso espontâneo e ficou êle próprio profundamente desorientado. Mas, muitas vezes, é deliberadamente que a mulher procura viver os romances que não conheceu, que dentro em breve não poderá mais conhecer. Afasta-se do lar, já porque lhe parece indigno dela, e que deseja a solidão, já porque busca a aventura. Se a encontra, lança-se a ela avidamente. Assim ocorre nesta história narrada por Stekel:

Mme B. Z. tinha 40 anos, três filhos e atrás de si vinte anos de vida conjugal, quando começou a pensar que era incompreendida, que malograra na vida; dedicou-se a diversas atividades novas e, entre outras, esquiar nas montanhas; aí encontrou um homem de 30 anos, de quem se tornou amante; mas, dentro em breve, êle se apaixonou pela filha de Mme B. Z.; ela consentiu em que se casassem, para guardar junto de si o amante; havia entre a mãe e a filha um amor homossexual inconfessado, mas muito vivo, que explica em parte a decisão. Entretanto, a situação logo se tornou intolerável, o amante deixando algumas vezes o leito da mãe durante a noite para ir ter com a filha. Mme B. Z. tentou suicidar-se. Foi então — tinha 46 anos — que se tratou com Stekel. Decidiu-se por uma ruptura e a filha, por seu turno, renunciou a seu projeto de casamento. Mme B. Z. voltou a ser então uma esposa exemplar e abismou-se na devoção.

A mulher sobre quem pesa uma tradição de decência e de honestidade nem sempre chega aos atos. Mas seus sonhos povoam-se de fantasmas eróticos que ela também suscita durante a vigília; manifesta uma ternura exaltada e sensual pelos filhos, nutre acerca do filho obsessões incestuosas, apaixonou-se secretamente por um rapaz após outro; como a adolescente, é obcecada por idéias de violação; conhece igualmente a vertigem da prostituição; nela também a ambivalência de seus desejos e temores engendra uma ansiedade que por vezes provoca neuroses: escandaliza seus parentes com condutas estranhas que, na verdade, traduzem sua vida imaginária.

A fronteira entre o imaginário e o real é ainda mais indecisa nesse período turvo do que na puberdade. Um dos traços mais marcados na mulher que envelhece é o sentimento de despersonalização que a faz perder todos os pontos de referência objetivos. As pessoas que, em plena saúde, viram a morte de muito perto, dizem ter experimentado uma curiosa impressão de desdobramento; quando a gente se sente consciência, atividade, liberdade, o objeto passivo cuja fatalidade se joga apresenta-se

necessariamente como um outro: não é meu *eu* que um automóvel atropela; não sou *eu* essa mulher velha que o espelho reflete. A mulher que "nunca se sentiu tão jovem" e que nunca se viu tão idosa, não consegue conciliar esses dois aspectos de si mesma; é em sonho que o tempo passa, que a duração a corrói. Assim, a realidade dissipa-se e se ameniza: ao mesmo tempo não se distingue muito bem da ilusão. A mulher confia em suas evidências interiores, mais do que nesse estranho mundo em que o tempo avança recuando, em que seu duplo não se parece mais com ela, em que os acontecimentos a traíam. Por isso, está ela predisposta aos êxtases, às iluminações, aos delírios. E como o amor é então mais do que nunca sua preocupação essencial, é normal que se entregue à ilusão de que é amada. Nove em dez dos erotômanos são mulheres, quase todas de 40 a 50 anos.

Entretanto, não é dado a toda gente transpor tão ousadamente o muro da realidade. Frustradas mesmo em seus sonhos, muitas mulheres procuram auxílio junto de Deus, contra todo o amor humano; é no momento da menopausa que a coquete, a apaixonada, a devassa se faz devota; as vagas idéias de destino, de segredo, de personalidade incompreendida, que a mulher acaricia à beira de seu outono, encontram na religião uma unidade racional. A devota considera sua vida malograda como uma provação enviada pelo Senhor; sua alma hauriu na desgraça méritos excepcionais que lhe outorgam a graça singular de ser visitada por Deus; ela acreditará de bom grado que o céu lhe envia iluminações ou até — como Mme Krüdener — que a encarrega piedosamente de uma missão. Tendo mais ou menos perdido o sentido do real, a mulher é acessível a todas as sugestões durante essa crise: um mentor está bem colocado para assumir uma ascendência profunda sobre sua alma. Ela colherá também com entusiasmo autoridades mais contestadas; é uma presa de antemão designada às seitas religiosas, aos espíritos, aos profetas, aos curandeiros, a todos os charlatães. Isso não somente porque perdeu todo senso crítico, ao perder o contato com o mundo dado, mas ainda porque é ávida de uma verdade definitiva. Precisa de um remédio, de uma fórmula, da chave que bruscamente a salvará, salvando o universo. Despreza mais do que nunca uma lógica que evidentemente não poderia aplicar-se a seu caso singular; só lhe parecem convincentes os argumentos que lhe são especialmente destinados: as revelações, as inspirações, as mensagens, os sinais, e até os milagres põem-se a florescer ao redor dela. Suas descobertas levam-na por vezes aos caminhos da ação:

lança-se a negócios, empresas, aventuras cuja idéia lhe foi insuflada por algum conselheiro ou alguma voz interior. Por vezes, limita-se a sagrar-se detentora da verdade e da sabedoria absoluta. Ativa ou contemplativa, sua atitude acompanha-se de exaltações febris. A crise da menopausa corta em dois, brutalmente, a vida feminina; é essa descontinuidade que dá à mulher a ilusão de uma "vida nova"; é *outro* tempo que se abre diante dela; aborda-o com o fervor da convertida, convertida ao amor, à vida, a Deus, à humanidade; nestas entidades, perde-se e magnifica-se. Morreu e ressuscitou, encara a terra com um olhar que desvendou os segredos do além e crê levantar vôo para píacaros intatos.

Mas a terra não muda; os cimos continuam inatingíveis; as mensagens recebidas — ainda que numa deslumbrante evidência — decifram-se mal; as luzes interiores apagam-se; sobra diante do espelho uma mulher que envelheceu de mais um dia desde a véspera. Aos momentos de fervor sucedem mornas horas de depressão. O organismo indica esse ritmo, pois a diminuição hormonal é compensada por uma superatividade da hipófise; mas é principalmente a situação psicológica que comanda essa alteração. Porque a agitação, as ilusões, o fervor são apenas uma defesa contra a fatalidade do que foi. Novamente a angústia sufoca quem já tem a vida consumida sem que a morte a acolha. Em lugar de lutar contra o desespero, ela escolhe frequentemente intoxicar-se com êle. Remói queixas, saudades e recriminações; imagina maquinações tenebrosas da parte dos vizinhos e dos parentes; se tem uma irmã ou uma amiga de sua idade associada a sua vida, constróem por vezes, em conjunto, delírios de perseguição. Mas principalmente põe-se a alimentar contra o marido um ciúme mórbido: tem ciúme dos amigos, das irmãs, do trabalho dele; e, com ou sem razão, acusa alguma rival de ser responsável por todos esses males. É entre 50 e 55 anos que os casos patológicos de ciúmes são mais numerosos.

As dificuldades da menopausa prolongam-se em certos casos até a morte, na mulher que não se conforma com envelhecer. Se não tiver outros recursos senão a exploração de seus encantos, lutará com unhas e dentes para os conservar; lutará também ferozmente, se seus desejos sexuais continuarem vivos. O caso não é raro. Perguntaram à princesa de Metternich em que idade uma mulher deixa de ser atormentada pela carne: "Não sei, respondeu, só tenho 65 anos". O casamento que, segundo Montaigne, apenas oferece à mulher "um ligeiro refresco", torna-se um remédio dia a dia mais insuficiente na medida em que ela

envelhece; muitas vezes a mulher paga na maturidade as resistências, a frieza da juventude; quando começa a conhecer, enfim, as febres do desejo, o marido de há muito já se resignou à sua indiferença: êle se arranjou. Despojada de seus atrativos pelo hábito e o tempo, a esposa tem bem poucas possibilidades de reacender a chama conjugal. Despeitada, decidida a "viver sua vida", terá menos escrúpulos do que antes — se jamais os teve — em arranjar amantes; mas ainda assim será preciso que eles queiram; é uma caça ao homem. Ela emprega mil ardis; fingindo oferecer-se, impõe-se; faz armadilhas da polidez, da amizade, da gratidão. Não é somente por gosto pela carne jovem que se volta para os rapazes; é deles somente que pode esperar essa ternura desinteressada que o adolescente experimenta por uma amante maternal; ela própria tornou-se agressiva, dominadora; é a docilidade de Chéri que satisfaz Léa, tanto quanto a beleza dele. Mme de Staël, depois dos quarenta, escolhia pajens que esmagava com seu prestígio; e, além disso, um homem tímido, noviço, é mais fácil de ser capturado. Quando sedução e ardis se revelam realmente ineficientes, resta um recurso à obstinada: pagar. O conto dos *cannivets*, popular durante a Idade Média, ilustra o destino dessas ograds insaciáveis: uma jovem mulher, em paga de seus favores, pedia a cada um de seus amantes um pequeno *cannivet* que colocava num armário; um dia o armário ficou cheio: mas nesse momento foram os amantes que se puseram a reclamar um *cannivet* depois de cada noite de amor; dentro de pouco tempo o armário esvaziou-se — todos os *cannivets* foram devolvidos e foi preciso comprar outros. Certas mulheres encaram a situação com cinismo; já deram o que podiam, cabe-lhes agora devolver os *cannivets*. O dinheiro pode mesmo desempenhar a seus olhos o papel inverso do que representa para a cortesã, mas igualmente purificador: transforma o homem em um instrumento e permite à mulher essa liberdade erótica que seu jovem orgulho recusava antes. Porém, mais romanesca do que lúcida, a amante-benfeitora tenta muitas vezes comprar uma miragem de ternura, admiração, respeito; persuade-se mesmo de que dá pelo prazer de dar, sem que nada lhe sej a pedido: aqui também um jovem é um amante ideal, porquanto pode ufanar-se com êle de uma generosidade maternal; e depois êle tem um pouco desse "mistério", que o homem também pede à mulher que êle "ajuda", porque assim a crueza do negócio se mascara de enigma. Mas é raro que a má-fé seja clemente durante muito tempo; a luta dos sexos transforma-se em duelo entre o explorador e o

explorado no qual a mulher, desiludida, humilhada, se arrisca a sofrer cruéis derrotas. Prudente, resignar-se-á a "depôr as armas", sem esperar demasiado, ainda que todos os seus ardores não tenham esmaecido.

A partir do dia em que a mulher consente em envelhecer, sua situação muda. Até então era uma mulher ainda jovem, encarniçada em lutar contra um mal que misteriosamente a enfeiava e deformava. Ela torna-se um ser diferente, assexuado mas acabado: uma mulher de idade. Pode-se considerar então que a crise da menopausa terminou. Mas não se deve concluir disso que lhe será fácil viver doravante. Quando renuncia a lutar contra a fatalidade do tempo, outra luta se inicia: é preciso que conserve um lugar na terra.

É em seu outono, em seu inverno, que a mulher se liberta de suas cadeias; invoca o pretexto da idade para obviar as tarefas que lhe pesam; conhece demasiado o marido para se deixar ainda intimidar por êle, evita-lhe os amplexos, ao seu lado na amizade, na indiferença ou na hostilidade, constrói uma vida própria. Se êle declina mais depressa, ela assume o comando. Pode também permitir-se enfrentar a moda, a opinião; furta-se às obrigações mundanas, aos regimes e às preocupações com a beleza: assim é Léa, que Chéri reencontra liberta das costureiras, dos cabeleireiros e beatamente instalada na gulodice. Quanto aos filhos, suficientemente grandes para prescindir dela, casam-se, deixam o lar. Infelizmente, na história de cada mulher repete-se o fato que constatamos durante a história da mulher: ela descobre essa liberdade no momento em que não tem mais que fazer dela. Essa repetição nada tem de um acaso: a sociedade patriarcal deu a todas as funções femininas a figura de uma servidão; a mulher só escapa da escravidão no momento em que perde toda eficiência. Por volta dos cinquenta anos, está em plena posse de suas forças, sente-se rica de experiências; é mais ou menos nessa idade que o homem ascende às mais altas posições, aos cargos mais importantes: quanto a ela, ei-la aposentada. Só lhe ensinaram a dedicar-se e ninguém reclama mais sua dedicação. Inútil, injustificada, contempla os longos anos sem promessa que lhe restam por viver e murmura: "Ninguém precisa de mim!"

Não se resigna imediatamente. Por vezes apega-se com desespero ao marido; acabrunha-o de cuidados mais imperiosamente do que nunca; mas a rotina da vida conjugal está melhor

estabelecida do que jamais; sabe que de há muito não é mais necessária ao marido, ou êle não lhe parece mais bastante precioso para justificá-la. Assegurar a manutenção da vida em comum é uma tarefa tão contingente quanto a de velar solitariamente sobre si mesma. É para os filhos que se voltará esperançosa: para eles o jogo ainda não está feito; o mundo, o futuro oferecem-se a eles; gostaria de precipitar-se com seus filhos nesse futuro. A mulher que teve a sorte de engendrar numa idade avançada acha-se privilegiada: é ainda uma jovem mãe no momento em que as outras se fazem avós. Mas em geral entre 40 e 50 anos a mãe vê seus filhos transformarem-se em adultos. É no instante em que lhe escapam que ela se esforça com paixão para sobreviver através deles.

Sua atitude é diferente, segundo espere sua salvação de um filho ou de uma filha; é naquele que põe geralmente sua mais ávida esperança. Ei-lo que vem finalmente a ela do fundo do passado, o homem cujo aparecimento maravilhoso ela escrutava no horizonte; desde os primeiros vagidos do recém-nascido, ela esperou esse dia em que êle lhe daria todos os tesouros com que o pai não a soube satisfazer. Entrementes, ela lhe deu bons tabefes e purgantes que esqueceu. O filho que tivera no ventre já era um desses semideuses que governam o mundo e o destino das mulheres: agora êle vai reconhecê-la na glória de sua maternidade. Vai defendê-la contra a supremacia do esposo, vingá-la dos amantes que teve e dos que não teve, será seu libertador, e quem a salvará. Ela reencontra diante dele as condutas de sedução da moça à espera do Príncipe Encantado; pensa, quando passeia ao lado dele, elegante, atraente ainda, que parece "uma irmã mais velha"; fica encantada se — tomando por modelo os heróis dos filmes norte-americanos — êle brinca com ela e a sacode um pouco, sorridente e respeitoso: é com orgulhosa humildade que reconhece a superioridade viril daquele que carregou em seus flancos. Até que ponto poder-se-á qualificar tais sentimentos de incestuosos? É certo que, quando se imagina complacentemente apoiada aos braços do filho, a expressão "irmã mais velha" traduz pudicamente fantasmas equívocos; quando dorme, quando não se controla, seus devaneios conduzem-na por vezes muito longe; mas já disse que sonhos e fantasmas estão muito longe de exprimir sempre o desejo escondido de um ato real: muitas vezes eles se bastam, são a realização acabada de um desejo que só reclama uma satisfação imaginária. Quando a mãe brinca de maneira mais ou menos velada de ver no filho um amante, tra-

ta-se unicamente de um jogo. O erotismo propriamente dito ocupa pouco lugar nesse casal. Mas é um casal; é no fundo de sua feminilidade que a mãe saúda no filho o homem soberano; entrega-se nas mãos dele com tanto fervor quanto a mulher apaixonada, e, em troca desse dom, espera ser içada à direita do Deus. Para obter essa assunção, a apaixonada invoca a liberdade do amante: assume generosamente um risco; paga-o com suas exigências ansiosas. A mãe estima que adquiriu direitos sagrados pelo simples fato de conceber; não espera que o filho se reconheça nela para encará-lo como sua criatura, seu bem; é menos exigente do que a amante porque é de uma má-fé mais tranqüila; tendo fabricado uma carne, faz sua uma existência de cujos atos, obras e méritos se apropria. E, exaltando seu fruto, é sua própria pessoa que ergue às nuvens.

Viver por procuração é sempre um expediente precário. As coisas podem não acontecer como se desejam. Ocorre muitas vezes que o filho não passe de um vagabundo, de um moleque, de um falhado, de um ingrato. A mãe tem suas idéias próprias acerca do herói que êle deve encarnar. Nada mais raro do que aquela que respeita autenticamente a pessoa humana no filho, que lhe reconhece a liberdade até nos malogros, que com êle assume os riscos que todo empenho implica. Encontram-se muito mais comumente êmulos daquela espartana demasiado incensada que condena displicentemente o filho à glória ou à morte; o que o filho tem que fazer na terra, é justificar a existência da mãe, aposando-se, em proveito de ambos, dos valores que ela própria respeita. A mãe exige que os projetos do filho-deus sejam conformes a seu próprio ideal e que o êxito lhe seja assegurado. Toda mulher quer engendrar um herói, um gênio; mas todas as mães de heróis, de gênios, começaram por proclamar que eles lhes partiam o coração. É contra sua mãe que o homem o mais das vezes conquista os troféus com que ela sonhava adornar-se e que ela não reconhece quando êle lhe joga aos pés. Mesmo se aprova em princípio os empreendimentos do filho, ela é atormentada por uma contradição análoga à que tortura a mulher que ama. "ara justificar sua vida — e a de sua mãe — é preciso que êle a supere no sentido de dados fins; para atingi-los, é levado a comprometer a saúde, a correr riscos: mas êle contesta o valor do dom que lhe fêz a mãe quando coloca certos objetos acima do simples fato de viver. Ela se scandaliza com isso; ela só reina sobre o homem como soberana se essa carne que engendrou é para êle o bem supremo: não tem o filho o direito de destruir

essa obra que ela realizou no sofrimento. "Vais te cansar, vais ficar doente, vai te acontecer uma desgraça", berra-lhe sem cessar aos ouvidos. Entretanto, ela bem sabe que viver não basta, de outro modo até procriar seria supérfluo; ela é a primeira a se irritar se o filho é um preguiçoso, um covarde. Nunca ela descansa. Quando êle parte para a guerra, a mãe quer que volte vivo mas condecorado. Deseja que tenha êxito na carreira, mas receia que se exceda. O que quer que êle faça, é sempre com preocupação que ela assistirá, impotente, ao desenrolar de uma história que é a sua própria mas que não comanda. Tem medo de que êle siga por caminho errado, medo de que não vença, medo de que, vencendo, caia doente. Ainda que tenha inteira confiança nele, a diferença de idade e de sexo não permite que estabeleça entre mãe e filho uma verdadeira cumplicidade; ela não está a par dos trabalhos dele; nenhuma colaboração lhe é solicitada.

Por isso, mesmo admirando o filho com orgulho desmedido, a mãe permanece insatisfeita. Acreditando ter engendrado não somente uma carne mas ainda fundado uma existência absolutamente necessária, ela sente-se retrospectivamente justificada; mas direitos não são uma ocupação: ela precisa, para encher seus dias, perpetuar sua ação benéfica; quer sentir-se indispensável a seu deus; a mistificação da dedicação acha-se neste caso denunciada da maneira mais brutal: a esposa vai despojá-la de suas funções. Descreveu-se muitas vezes a hostilidade que ela experimenta em relação a essa estranha que lhe "toma" o filho. A mãe ergueu a facticidade contingente do parto à altura de um mistério divino: recusa-se a admitir que uma decisão humana possa ter mais peso. A seus olhos os valores são feitos de antemão, procedem da natureza, do passado; ela desconhece o alcance de um livre empenho. Seu filho deve-lhe a vida; que deve a essa mulher que ainda ontem ignorava? Foi através de algum malefício que o persuadiu da existência de um laço que até então não *existia*; é intrigante, interesseira, perigosa. A mãe espera com impaciência que a impostura se descubra; encorajada pelo velho mito da boa mãe de mãos consoladoras, que pensa os ferimentos infligidos pela mulher má, ela espia no rosto do filho os sinais da desgraça; descobre-os mesmo quando êle os nega; queixa-se então de que êle não se queixa de nada; fiscaliza a nora, critica-a, a todas as inovações dela opõe o passado, o costume que condenam a própria presença da intrusa. Cada qual entende a seu modo a felicidade do bem-amado; a mulher quer ver nele um homem

através de quem dominará o mundo; a mãe tenta, para guardá-lo trazê-lo de volta à infância; aos projetos da jovem mulher que espera que o marido se *torne* rico ou importante, ela opõe as leis de sua imutável essência: *êle é frágil*, ela não deve esgotá-lo. O conflito entre o passado e o futuro exaspera-se quando a recém-chegada se acha grávida por sua vez. "O nascimento dos filhos é a morte dos pais"; é então que esta verdade assume toda a sua força cruel: a mãe que esperava sobreviver no filho compreende que *êle a condena à morte*. Ela deu a vida; a vida vai prosseguir sem ela; ela não é mais *a Mãe*: apenas um elo da cadeia; cai do céu dos ídolos intemporais; não passa mais de um indivíduo acabado, prescrito. É então que nos casos patológicos seu ódio se exaspera até acarretar uma neurose ou a conduz ao crime; foi quando a gravidez da nora se verificou que Mme Lefevbre, depois de a ter detestado durante muito tempo, resolveu assassiná-la ¹.

Normalmente a avó domina sua hostilidade; por vezes obstina-se em ver no recém-nascido o filho de seu filho, e ama-o tiranicamente; mas geralmente a jovem mãe e a mãe desta o reivindicam; ciumenta, a avó nutre, pelo bebê uma dessas afeições ambíguas em que a inimizada se dissimula sob a figura da ansiedade.

A atitude da mãe em relação à filha adulta é muito ambivalente: no filho é um deus que procura; na filha encontra um duplo. O "duplo" é um personagem ambíguo: assassina aquele de quem emana, como se vê nos contos de Poë, no *Retrato de Dorian Grey*, na história que conta Marecel Schwob. Assim a filha, tornando-se mulher, condena a mãe à morte; e, no entanto, permite-lhe sobreviver a si mesma. As condutas da mãe são

(¹) Em agosto de 1925, uma burguesa do Norte, Mme Lefevbre, de 60 anos, que vivia com o marido e os filhos, mata a nora grávida de seis meses durante um passeio de automóvel, enquanto o filho guiava. Condenada à morte, perdoada, terminou a vida numa casa correção sem manifestar nenhum remorso; pensava ter sido aprovada por Deus quando matou a nora "como se arranca erva daninha, coisa que nao presta, como se mata uma fera". Dessa selvageria dava como única explicação ter-lhe dito um dia a jovem mulher: "Você me tem agora, portanto será preciso contar comigo". Foi quando suspeitou da gravidez, da nora que comprou um revólver, para se defender contra os ladrões, disse. Depois da menopausa apegara-se desesperadamente à maternidade; durante doze anos sentira incômodos que exprimiam simbolicamente uma gravidez imaginária.

muito diferentes segundo apreende, no desenvolvimento do filho, uma promessa de ruína ou de ressurreição.

Muitas mães retesam-se na hostilidade; não aceitam ser suplantadas pela ingrata que lhes deve a vida; sublinhou-se o ciúme da coquete pela adolescente que lhe denuncia os artifícios: quem detesta uma rival em toda mulher, detestará a rival até em sua filha; afasta-se dela ou a seqüestra, ou se empenha em lhe recusar quaisquer possibilidades. Quem se glorificava de ser, de maneira exemplar e única, a Esposa, a Mãe, não recusa menos ferozmente deixar-se destronar; continua a afirmar que a filha é uma criança, considera os empreendimentos dela como um jogo pueril; é jovem demais para se casar, frágil demais para procriar; se se obstina em querer um marido, um lar, filhos, é simplesmente por afetação; incansavelmente, a mãe critica, zomba, ou vaticina desgraças. Se lhe permitem, condena a filha a uma eterna infância; se não lho permitem, tenta arruinar essa vida adulta que a outra se arroga. Vimos que amiúde o consegue: muitas jovens mulheres permanecem estéreis. Abortam, mostram-se incapazes de amamentar e educar os filhos, de dirigir a casa por causa dessa influência maléfica. Sua vida conjugal revela-se impossível. Infelizes, isoladas, só encontram refúgio nos braços soberanos da mãe. Se lhe resistem, um conflito perpétuo as oporá uma a outra; a mãe frustrada transporta em grande parte para o genro a irritação que provoca nela a insolente independência da filha.

A mãe que se identifica apaixonadamente com a filha não é menos tirânica; o que quer é, munida de sua experiência madura, recomençar a juventude; assim salvará seu passado em se salvando dele; escolherá ela própria um genro de acordo com o marido sonhado que não teve; coquete, meiga, imaginará de bom grado que é a ela que, em alguma região secreta do coração, êle desposa; através da filha satisfará seus velhos desejos de riqueza, de êxito, de glória. Foram muitas vezes descritas essas mulheres que "empurram" fogosamente as filhas pelos caminhos da galanteria, do cinema, do teatro; a pretexto de vigiá-las, apropriam-se de sua vida: citaram-me algumas que chegam a enfiar em suas camas os pretendentes à jovem. Mas é raro que esta suporte indefinidamente tal tutela; no dia em que tiver encontrado marido ou protetor sério, rebelar-se-á. A sogra que começara por adorar o genro torna-se então hostil a êle; geme sobre a ingratidão humana, apresenta-se como vítima; torna-se por sua vez uma mãe inimiga. Pressentindo essas decepções, muitas mulhe-

res encerram-se na indiferença quando vêem os filhos crescer, mas disso tiram então pouca alegria. É preciso à mãe uma mistura rara de generosidade e de desapego para encontrar na vida dos filhos um enriquecimento, sem se tornar tirana nem os transformar em carrascos.

Os sentimentos da avó em relação aos netos prolongam os que ela dedica à filha: freqüentemente transfere para eles sua hostilidade. Não é somente por preocupação com a opinião pública que tantas mulheres obrigam a filha seduzida a abortar, a abandonar o filho, a suprimi-lo: são muito felizes por proibí-lhes a maternidade; obstinam-se em querer deter para si mesmas esse privilégio. Mesmo à mãe legítima, aconselharão de bom grado a abortarem, a não amamentarem, a afastarem-no. Com sua indiferença, negarão essa pequena existência impudente; ou então estarão incessantemente ocupadas em ralhar com a criança, castigá-la e até maltratá-la. Ao contrário, a mãe que se identifica com a filha acolhe muitas vezes os filhos desta com maior ansiedade do que a jovem mulher: esta está desnorteada com a chegada do pequeno desconhecido; a avó reconhece-o: recua vinte anos no tempo, torna a ser uma jovem parturiente; todas as alegrias da posse e do domínio, que de há muito seus filhos não lhe davam mais, são-lhe devolvidas, todos os desejos de maternidade a que renunciara no momento da menopausa são milagrosamente satisfeitos; é ela a verdadeira mãe, assume o encargo do bebê com autoridade e, se lho entregarem, a êle se dedicará com paixão. Infelizmente para a avó, a jovem mãe faz questão de afirmar seus direitos: a avó é tão somente autorizada a desempenhar o papel de assistente que outrora as mais velhas desempenharam junto dela; sente-se destronada; e depois é preciso contar com a mãe do genro de quem, naturalmente, tem ciúmes. O despeito perverte muitas vezes o amor espontâneo que a princípio devotava à criança. A ansiedade que amiúde se observa nas avós traduz a ambivalência de seus sentimentos: adoram o bebê na medida em que lhes pertence, são hostis ao pequeno que também é estranho a elas, têm vergonha dessa inimizade. Entretanto se, renunciando a possuí-los inteiramente, a avó conserva pelos netos uma verdadeira afeição, pode desempenhar na vida deles um papel privilegiado de divindade tutelar: não se reconhecendo nem direitos nem responsabilidades, ama-os com uma generosidade pura; não acarinha sonhos narcisistas através deles, não lhes pede nada, não os sacrifica a um futuro a que não estará presente; o que adora são os pequenos seres de

carne e osso que hoje se acham à sua frente, em sua contingência e em sua gratuidade; não é uma educadora; não encarna a justiça abstrata, a lei. Daí é que virão os conflitos que por vezes a opõem aos pais.

Em certos casos a mulher não tem descendentes ou não se interessa pela posteridade; na ausência de laços naturais com filhos ou netos, ela tenta algumas vezes criar artificialmente homólogos. Propõe aos jovens uma ternura maternal; quer sua afeição permaneça platônica ou não, não é somente por hipocrisia que declara amar seu jovem protegido "como um filho": os sentimentos maternos, inversamente, são amorosos. É verdade que os êmulos de Mme de Warens se comprazem em satisfazer, em ajudar, em formar um homem com generosidade: querem ser fonte, condição necessária, fundamento de uma existência que as ultrapassa; fazem-se mães e buscam-se em seu amante muito mais sob esse aspecto do que sob o aspecto de uma amante. Também constantemente são as filhas que a mulher maternal adota: ainda assim suas relações revestem formas mais ou menos sexuais; mas, platônica ou carnalmente, o que ela procura em suas protegidas é um duplo milagrosamente rejuvenescido. A atriz, a dançarina, a cantora tornam-se pedagogas: formam alunas; a intelectual — como Mme de Charrière na solidão de Colombier — doutrina discípulos; a devota reúne filhas espirituais em torno de si. A mulher galante torna-se alcoviteira. Se emprestam a seu proselitismo tão ardoroso zelo, nunca é por simples interesse: procuram apaixonadamente reencarnar-se. Sua generosidade tirânica engendra mais ou menos os mesmos conflitos que entre a mãe e as filhas unidas pelos laços do sangue. É possível também adotar netos: as tias-avós, as madrinhas desempenham de bom grado um papel análogo ao das avós. Mas é, em todo caso, muito raro que a mulher encontre em sua posteridade — natural ou eleita — uma justificação para sua vida declinante: malogra em fazer sua a empresa de uma dessas jovens existências. Ou se obstina em seu esforço por anexá-la, ou se consome em lutas e dramas que a deixam desiludida, quebrada; ou se resigna a uma participação modesta. É o caso mais comum. A mãe envelhecida, a avó, reprimem seus desejos dominadores, dissimulam seus rancores; contentam-se com o que os filhos consentem em dar-lhes. Mas então não encontram mais socorro neles. Continuam disponíveis diante do deserto do futuro, presas da solidão, da saudade, do tédio.

Abordamos aqui a lamentável tragédia da mulher idosa: ela sabe-se inútil; durante toda a sua vida, a mulher burguesa teve amiúde que resolver o problema irrisório: como matar o tempo? Mas, uma vez educados os filhos, o marido instalado na vida, os dias não acabam mais. Os "trabalhos femininos" foram inventados a fim de dissimular essa horrível ociosidade; as mãos bordam, fazem tricô, mexem; não se trata de um trabalho de verdade porque o objeto produzido não é o fim visado; tem pouca importância e muitas vezes é um problema saber a que destiná-lo: livram-se dele dando-o a uma amiga, a uma organização de caridade, atopetando lareiras e cômodas; não é tampouco um jogo que revela, em sua gratuidade, a pura alegria de existir; e é apenas um *álibi*, porquanto o espírito permanece desocupado: é o divertimento absurdo tal qual o descreve Pascal; com a agulha ou o crochê, a mulher tece tristemente o próprio vazio de seus dias. A aquarela, a música, a leitura têm quase o mesmo papel; a mulher desocupada não tenta, entregando-se a isso, adquirir um domínio sobre o mundo, busca apenas desentediarse; uma atividade que não se abre para o futuro recai na vaidade da imanência; a ociosa abre um livro, larga-o, abre o piano, fecha-o, volta a seu bordado, boceja e acaba por ligar o telefone. Com efeito, é na vida mundana que ela prefere procurar socorro; sai, faz visitas, atribui — como Mrs. Dalloway — enorme importância a essas recepções; assiste a todos os casamentos, a todos os enterros; não tendo mais existência própria, nutre-se das presenças de outrem; de coquete, passa a comadre: observa, comenta; compensa sua inação dispersando em torno de si críticas e conselhos. Põe sua experiência a serviço de todos os que não lha pedem. Se tem meios organiza um salão: espera assim apropriar-se das empresas e êxitos estranhos; sabe-se com que despotismo Mme du Deffand, Mme Verdurin governavam seus súditos. Ser um centro de atração, uma encruzilhada, uma inspiradora, criar um "ambiente" já é um sucedâneo da ação. Há outras maneiras discretas de intervir no mundo; na França existem "obras" e algumas "associações" mas é principalmente na América do Norte que as mulheres se reúnem em clubes onde jogam bridge, distribuem prêmios literários e meditam sobre melhoramentos sociais. O que nos dois continentes caracteriza a maior parte dessas associações é que elas são, em si, sua própria razão de ser: os objetivos que pretendem visar são apenas pretextos. As coisas passam-se exatamente como no apólogo de Kafka (*As Armas da Cidade*): ninguém se preocupa com edificar a torre

de Babel; em torno de sua localização ideal constrói-se uma vasta aglomeração que consome todas as forças em se administrar, em se ampliar, em resolver questões intestinas. Assim vivem as senhoras que se ocupam de obras, organizando a maior parte do tempo sua organização; elegem uma diretoria, elaboram estatutos, discutem entre si e rivalizam com uma associação similar; é preciso que não lhes roubem *seus* pobres, *seus* doentes, *seus* feridos, *seus* órfãos; preferirão deixá-los que morram a cedê-los aos vizinhos. E estão muito longe de desejar um regime que, suprimindo as injustiças e os abusos, tornaria inútil sua dedicação; abençoam as guerras, as fomes que as transformam em benfeitoras da humanidade. É claro que, a seus olhos, xales e pacotes de presentes não se destinam aos soldados, nem aos esfaimados; estes é que são feitos de propósito para receber tricôs e pacotes.

Apesar de tudo, alguns desses grupos alcançam resultados positivos. Nos Estados Unidos, a influência das *Moms* veneradas é poderosa; explica-se pelos lares que lhes proporciona uma existência parasitária: por isso é nefasta. "Não conhecendo nada de medicina, arte, ciência, religião, direito, saúde, higiene. . ., diz Philipp Wyllie (*Generation of Vipers*), falando da *Mom* norte-americana, interessa-se raramente pelo que faz como membro de uma dessas inúmeras organizações: basta-lhe que seja *alguma coisa*." Seu esforço não se integra em um plano coerente e construtivo, não visa fins objetivos: tende apenas a manifestar seus gostos, preconceitos ou a servir seus interesses. No terreno cultural, por exemplo, desempenham um papel considerável: são elas que consomem maior número de livros; mas os lêem como jogam uma paciência; a literatura assume seu sentido e dignidade quando se endereça a indivíduos empenhados em projetos, quando os ajuda a se ultrapassarem para horizontes mais amplos; cumpre que ela seja integrada no movimento da transcendência humana; ao passo que a mulher degrada livros e obras de arte abismando-os em sua imanência; o quadro torna-se bibelô, a música refrão vulgar, o romance um devaneio tão vão quanto uma coifa de crochê. São as americanas as responsáveis pelo aviltamento dos *best-sellers*: estes não somente pretendem agradar, como ainda agradar a ociosas ávidas de evasão. Quanto ao conjunto de suas atividades, Philipp Wyllie assim as define:

Aterrorizam os políticos até os levarem a um servilismo choroso e terrificam os pastores; aborrecem os presidentes de bancos e pulverizam os diretores de escolas. A *Mom* multiplica as organizações cujo

fim real é reduzir seus próximos a uma abjeta complacência para com seus desejos egoístas... expulsa da cidade e, se possível, do Estado, as jovens prostitutas... consegue que o ônibus passe por onde lhe seja prático, 'mais do que ao operário... organiza quermesses e festas de caridade prodigiosas entregando a renda ao porteiro para que compre cerveja, a fim de tratar da ressaca dos membros da diretoria no dia seguinte... Os clubes fornecem à *Mom* oportunidades incalculáveis de enfiar o nariz nos negócios dos outros.

Há muita verdade nesta sátira agressiva. Não sendo especializadas nem em política, nem em economia, nem em qualquer disciplina técnica, as velhas senhoras não têm nenhuma influência concreta na sociedade; ignoram os problemas que a ação coloca; são incapazes de elaborar algum programa construtivo. Sua moral é abstrata e formal como os imperativos de Kant; decretam proibições ao invés de procurar descobrir os caminhos do progresso; não tentam criar positivamente situações novas; atacam as que já existem a fim de eliminar o mal que comportam; é o que explica que sempre se coliguem contra alguma coisa: contra o álcool, a prostituição, a pornografia; não compreendem que um esforço puramente negativo é destinado ao malogro como o provou na América o malogro da "lei seca" e na França a lei que Marthe Richard fêz votar. Enquanto a mulher permanecer parasita, não poderá eficientemente participar da elaboração de um mundo melhor.

Pode acontecer, apesar de tudo, que certas mulheres se empenhem de corpo e alma numa empresa e tornem-se realmente ativas; então não procuram mais ocupar-se tão somente, visam certos fins; produtoras autônomas, evadem-se da categoria parasitária que aqui consideramos: mas essa conversão é rara. A maioria das mulheres, em suas atividades privadas ou públicas, visa não a um resultado a atingir e sim a se ocupar; e toda ocupação é vã quando é apenas um passatempo. Muitas delas sofrem com isso; tendo atrás de si uma vida já acabada, conhecem o mesmo desnorteamento que os adolescentes cuja vida não se abriu ainda; nada as solicita, em torno de ambos é o deserto; em face de todas as ações murmuram: para quê? Mas o adolescente, queira ou não, é arrastado para uma vida de homem que lhe desvenda responsabilidades, objetivos, valores; é jogado no mundo, toma partido, empenha-se. A mulher idosa, se lhe sugerem que parta novamente para o futuro, responde: tarde demais. Não porque o tempo seja agora medido: uma mulher é aposentada muito cedo; mas falta-lhe o entusiasmo, a confiança, a esperança, a cólera que lhe permitiriam descobrir novos objetivos ao redor de si. Ela

se refugia na rotina que sempre constituiu seu quinhão; faz da repetição um sistema, entrega-se a manias caseiras; afunda cada vez mais profundamente na devoção; encerra-se no estoicismo como Mme de Charrière. Torna-se seca, indiferente, egoísta.

É justamente no fim da vida, quando renunciou à luta, quando a aproximação da morte a liberta da angústia do futuro que a mulher velha encontra geralmente a serenidade. Amiúde o marido é mais idoso, ela assiste à sua decadência com silenciosa complacência: é seu revide; se êle morre em primeiro lugar, ela suporta displicentemente o luto; observou-se mais de uma vez que os homens ficam muito mais acabrunhados com uma viuvez tardia, auferem do casamento maiores benefícios do que as mulheres, principalmente na velhice, porque então o universo se concentrou dentro dos limites do lar; os dias presentes não transbordam mais sobre o futuro; ela é quem lhes garante o ritmo monótono e sobre eles reina. Quando perde suas funções públicas, o homem torna-se totalmente inútil; a mulher conserva pelo menos a direção da casa; ela é necessária ao marido ao passo que êle é somente importuno. De sua independência, orgulham-se as mulheres; põem-se afinal a olhar o mundo com os próprios olhos; dão-se conta de que foram iludidas e mistificadas durante toda a vida; lúcidas, desconfiadas, atingem frequentemente um cinismo saboroso. Em particular, a mulher que "viveu" tem um conhecimento dos homens que nenhum homem compartilha; porque ela não viu sua figura pública e sim o indivíduo contingente, que cada qual resolve ser na ausência de seus semelhantes; ela conhece também as mulheres que só se mostram em sua espontaneidade a outras mulheres; conhece o inverso do cenário. Mas, se sua experiência permite-lhe denunciar mistificações e mentiras, não basta porém para lhe revelar a verdade. Divertida ou amarga, a sabedoria da mulher velha permanece ainda inteiramente negativa: é contestação, acusação, recusa; é estéril. Em seus pensamentos, como em seus atos, a mais alta forma de liberdade que a mulher parasita pode conhecer é o desafio estóico ou a ironia cética. Em nenhuma idade de sua vida ela consegue ser ao mesmo tempo eficiente e independente.

CAPÍTULO VI

SITUAÇÃO E CARÁTER DA MULHER

E-NOS POSSÍVEL *agora* compreender por que, nos requisitos-
rios contra a mulher, dos gregos aos nossos dias, se encontram tantos traços comuns; sua condição permaneceu a mesma através de mudanças superficiais e define isso que se chama o "caráter" da mulher: esta "chafurda na imanência", é prudente e mesquinha, tem espírito de contradição, não tem o senso da verdade nem da exatidão, carece de moralidade, é baixamente utilitária, mentirosa, comediante, interesseira... Há em todas estas afirmações uma verdade. Só que as condutas que se denunciam não são ditadas à mulher pelos seus hormônios nem prefiguradas nos compartimentos de seu cérebro: são marcadas pela sua situação. Dentro desta perspectiva, tentaremos esboçar um panorama sintético que nos obrigará a certas repetições, mas que nos permitirá apreender no conjunto de seu condicionamento econômico, social, histórico, "o eterno feminino".

Opõe-se por vezes o "mundo feminino" ao universo masculino, mas é preciso sublinhar mais uma vez que as mulheres nunca constituíram uma sociedade autônoma e fechada; estão integradas na coletividade governada pelos homens e na qual ocupam um lugar de subordinadas; estão unidas somente enquanto semelhantes por uma solidariedade mecânica: não há entre elas essa solidariedade orgânica em que assenta toda uma comunidade unificada; elas se esforçaram sempre —• nos tempos dos mistérios de Liéusis como hoje nos clubes, nos salões, nas reuniões beneficentes — por se ligar a fim de afirmarem um "contra-universo", mas é ainda no seio do universo masculino que o colocam. E daí vem o paradoxo de sua situação: elas pertencem ao mesmo tempo ao mundo masculino e a uma esfera em que esse mundo é contestado; encerradas nessa esfera, investidas por aquele mun-

do, não podem instalar-se em nenhum lugar com tranquilidade. Sua docilidade comporta sempre uma recusa, a recusa de uma aceitação; nisto sua atitude aproxima-se da atitude da moça; mas é mais difícil de sustentar porque não se trata somente para a mulher adulta de sonhar sua vida através de símbolos, e sim de vivê-la.

A própria mulher reconhece que o universo em seu conjunto é masculino; os homens modelaram-no, dirigiram-no e ainda hoje o dominam; ela não se considera responsável; está entendido que é inferior, dependente; não aprendeu as lições da violência, nunca emergiu, como um sujeito, em face dos outros membros da coletividade; fechada em sua carne, em sua casa, apreende-se como passiva em face desses deuses de figura humana que definem fins e valores. Neste sentido, há verdade no *slogan* que a condena a permanecer "uma eterna criança"; também se dizia dos operários, dos escravos negros, dos indígenas colonizados que eram "crianças grandes", enquanto não os temeram; isso significava que deviam aceitar, sem discussão, verdades e leis que outros homens lhes propunham. O quinhão da mulher é a obediência e o respeito. Ela não tem domínio, nem sequer em pensamento, sobre essa realidade que a cerca. É essa realidade a seus olhos uma presença opaca. Efetivamente, ela não fez a aprendizagem das técnicas que lhe permitiriam dominar a matéria; não é com a matéria que lhe cabe lutar, e sim com a vida e esta não se deixa dominar pelas ferramentas; não se pode senão suportar-lhe as leis secretas. O mundo não se apresenta à mulher como um "conjunto de utensílios" intermediário entre sua vontade e seus fins, tal qual o define Heidegger: é ao contrário uma resistência obstinada, indomável; êle é dominado pela fatalidade e cortado de caprichos misteriosos. Esse mistério de um morango de sangue que se transforma em um ser humano no ventre da mãe, nenhuma matemática o põe em equação, nenhuma máquina o poderá apressar ou retardar; ela experimenta a resistência da duração que os mais engenhosos aparelhos malogram em dividir ou multiplicar; experimenta-a em sua carne submetida ao ritmo da lua e que os anos amadurecem primeiramente e depois corroem. Quotidianamente, a cozinha ensina-lhe paciência e passividade; é uma alquimia; cabe-lhe obedecer ao fogo, à água; "esperar que o açúcar derreta", que a pasta fermenta e também que a roupa seque, que as frutas amadureçam. Os trabalhos caseiros aparentam-se a uma ativi-

dade técnica; mas são por demais rudimentares, por demais monótonos para convencer a mulher das leis da causalidade mecânica. Aliás mesmo nesse terreno, as coisas têm seus caprichos; há tecidos que encolhem e outros que não encolhem ao serem lavados manchas que desaparecem e outras que não, objetos que se quebram sozinhos, poeiras que germinam como plantas. A mentalidade da mulher perpetua a das civilizações agrícolas que adoram as virtudes mágicas da terra: ela acredita na magia. Seu erotismo passivo desvenda-lhe o desejo, não como vontade e agressão, mas como uma atração análoga à que faz oscilar a varinha do pesquisador de nascentes; a simples presença de sua carne incha e entesa o sexo do macho, porque uma água escondida não faria tremer a vara da avelaíra? Ela sente-se cercada de ondas, de radiações, de fluidos; acredita na telepatia, na astrologia, na radiestesia, na tina de Mesmer, na teosofia, nas mesas giratórias, nas videntes, nos curandeiros; introduz na religião as superstições primitivas: círios, ex-votos etc; encarna nos santos os antigos espíritos da natureza: este protege os viajantes, outro as parturientes, outro encontra os objetos perdidos; e naturalmente nenhum prodígio a espanta; sua atitude será a da conjuração e da prece; para obter determinado resultado, obedecerá a certos ritos comprovados. É fácil compreender por que é rotineira; o tempo não tem para ela uma dimensão de novidade, não é um jorro criador; como é destinada à repetição só vê no futuro uma duplicata do passado; conhecendo-se a palavra e a fórmula, a duração alia-se às forças da fecundidade: mas mesmo esta obedece ao ritmo dos meses, das estações; o ciclo de cada gravidez, de cada floração reproduz idênticamente o que o precedeu; neste movimento circular, o único devir do tempo é uma lenta degradação: êle corrói os móveis e as roupas, como estraga o rosto; as forças férteis são pouco a pouco destruídas pela fuga dos anos. Por isso, a mulher não confia nessa força que se obstina em desfazer.

Não somente ela ignora o que seja uma verdadeira ação, capaz de mudar a face do mundo, mas ainda perde-se no meio desse mundo como no coração de uma imensa e confusa nebulosa. Sabe servir-se mal da lógica masculina. Stendhal observava que a manjava tão espertamente quanto o homem, quando a necessidade a obrigava a isso, mas trata-se de um instrumento que quase não tem a oportunidade de utilizar. Um silogismo não serve nem para acertar uma maionese nem para acalmar o choro da criança; os raciocínios masculinos não são adequados à realidade de que tem experiência. E no reino dos homens, desde que

não *faz* nada, seu pensamento, não aderindo a nenhum projeto, não se distingue do sonho; por falta de eficiência, não tem o senso da verdade; só anda às voltas com imagens e palavras, eis por que acolhe sem embaraço as assertivas mais contraditórias; preocupa-se pouco com elucidar os mistérios de um campo que de toda maneira está fora de seu alcance, contenta-se, a respeito, com conhecimentos terrivelmente vagos: confunde os partidos, as opiniões, os lugares, as pessoas, os acontecimentos; há em sua cabeça uma estranha bagunça. Afinal, ver com clareza isso tudo não é de sua alçada: ensinaram-lhe a aceitar a autoridade masculina; renuncia pois a criticar, a examinar, a julgar por sua conta. Confia na casta superior. Eis por que o mundo masculino se apresenta a ela como uma realidade transcendente, um absoluto. "Os homens fazem os deuses, diz Frazer, as mulheres adoram-nos." Eles não podem ajoelhar-se com uma convicção total diante dos ídolos que forjaram; mas quando as mulheres encontram em seu caminho essas grandes estátuas, não imaginam que uma mão as fabricou e prosternam-se documente¹. Em particular, gostam que a Ordem, o Direito se encarnem em um chefe. Em todo Olimpo há um deus soberano; a prestigiosa essência viril deve reunir-se em um arquétipo de quem pai, marido, amantes são apenas um pálido reflexo. É algo humorístico dizer que o culto que rendem a esse grande totem é sexual; o que é verdade é que em face dele satisfazem plenamente o sonho infantil de demissão e de genuflexão. Na França os generais: Boulanger, Pétain, De Gaulle², sempre tiveram as mulheres por eles; cumpre lembrar com que frêmitos expressivos as jornalistas do *Humanité* evocavam outrora Tito e seu belo uniforme. O general,

(¹) Cf. J.-P. Sartre. *Les Mains sales*. "Hoederer: São cabeçadas, compreendes, aceitam as idéias convencionais, acreditam então nelas como no bom Deus. Somos nós que fazemos as idéias e conhecemos os segredos da cozinha; nunca estamos inteiramente convencidos de ter razão."

(²) "À passagem do general, o público era principalmente composto de mulheres e crianças" (Dos jornais, a propósito da viagem à Savóia, em setembro de 1948).

"Os homens aplaudiram o discurso do general, mas as mulheres distinguiram-se pelo entusiasmo. Observava-se que algumas estavam literalmente em êxtase, valorizando particularmente quase todas as palavras e aplaudindo, gritando com tal fervor que seu rosto como se tingia de vermelho-papoula." (*Aux Écoutes*, 11 de abril de 1947.)

o ditador — olhar de águia, mento voluntarioso — é o pai celeste que exige o universo da seriedade, garantia absoluta de todos os valores. É da própria ineficiência e da ignorância que nasce o respeito das mulheres pelos heróis e pelas leis do mundo masculino; reconhecem-nos não por um julgamento, mas por um ato de fé. A fé haure sua força fanática do fato de que não é um saber; o que ela afirma, ela o afirma incondicionalmente, contra a razão, contra a história, contra os desmentidos. Essa reverência obstinada pode assumir segundo as circunstâncias dois aspectos: ora é ao conteúdo da lei, ora unicamente à sua forma vazia que a mulher adere com paixão. Se pertence à elite privilegiada que tira benefícios da ordem social estabelecida, ela a quer inabalável e faz-se notar pela sua intransigência. O homem sabe que pode reconstruir outras instituições, outra ética, outro código; apreendendo-se como transcendência, encara também a história como um dever; o mais conservador sabe que certa evolução é fatal e que a ela deve adaptar sua ação e seu pensamento; a mulher, não participando da história, não lhe compreende as necessidades; desconfia do futuro e almeja sustar o tempo. Não pressente nenhum meio de repovoar o céu se abaterem os ídolos propostos por seu pai, seus irmãos, seu marido; esforça-se encarniçadamente por defendê-los. Durante a Guerra da Secessão ninguém entre os sulistas foi tão apaixonadamente escravocrata quanto as mulheres; na Inglaterra, no momento da guerra dos Bôeres, na França contra a Comuna, foram elas as mais ferozes; procuram compensar sua inação pela intensidade dos sentimentos que exibem; em caso de vitória, desencadeiam-se como hienas contra o inimigo abatido; em caso de derrota, recusam-se asperamente a qualquer conciliação; não passando suas idéias de atitudes, é-lhes indiferente defender causas obsoletas: podem ser legitimistas em 1914, czaristas em 1949. O homem encoraja-as por vezes sorrindo: agrada-lhe ver refletidas sob uma forma fanática as opiniões que exprime com mais medida; mas por vezes êle se agasta também com o aspecto estúpido e obstinado de que revestem então suas próprias idéias.

É somente nas civilizações e nas classes fortemente integradas que a mulher se apresenta assim irredutível. Geralmente, sendo sua fé cega, ela respeita a lei simplesmente por ser a lei; que a lei mude, ela conserva seu prestígio; aos olhos da mulher, a força cria o direito porquanto os direitos que reconhece aos homens decorrem da força masculina; eis por que, quando uma coletividade se decompõe, são elas as primeiras a se lançar aos pés dos vencedores. De uma maneira geral aceitam o que é.

Um dos traços que as caracterizam é a resignação. Quando desenterraram as estátuas de Pompéia, observaram que os homens estavam entesados em movimentos de revolta, desafiando o céu ou procurando fugir, ao passo que as mulheres, curvadas, encolhidas sobre si mesmas, voltavam o rosto para a terra. Elas sabem que são impotentes contra as coisas: os vulcões, os policiais, os patrões, os homens. "As mulheres são feitas para sofrer, dizem elas. É a vida... nada se pode contra ela." Essa resignação engendra a paciência que amiúde se admira nelas. Suportam muito melhor do que o homem o sofrimento físico: são capazes de uma coragem estóica quando as circunstâncias o exigem: sem a coragem agressiva do homem, muitas mulheres distinguem-se pela calma tenacidade de sua resistência passiva; enfrentam as crises, a miséria, a desgraça mais energicamente do que os maridos; respeitosas da duração que nenhuma pressa pode vencer, não medem seu tempo; quando aplicam sua obstinação serena a alguma empresa, obtêm, por vezes, resultados brilhantes. "O que a mulher quer...", diz o provérbio. Numa mulher generosa, a resignação assume a forma da indulgência: ela admite tudo, não condena ninguém porque estima que nem as pessoas nem as coisas podem ser diferentes do que são. Uma orgulhosa pode fazer disso uma virtude ativa, como Mme de Charrière entesada em seu estoicismo. Mas ela engendra também uma prudência estéril; as mulheres tentam sempre antes conservar, consertar, arranjar, de preferência a destruir e reconstruir. Preferem os compromissos e as transações às revoluções. No século XIX, constituíram um dos maiores obstáculos ao esforço de emancipação proletária; para uma Flora Tristan, uma Louise Michel, quantas donas de casa perdidas em sua timidez não suplicavam ao marido que não corresse nenhum risco! Tinham medo, não somente das greves mas ainda da falta de trabalho, da miséria: temiam que a revolta fosse um pecado. Compreende-se que, sofrimento por sofrimento, prefiram a rotina à aventura: alcançam mais facilmente sua parte de magra felicidade em casa do que nas estradas. Sua sorte confunde-se com a das coisas perecíveis; perdendo-as, perderiam tudo. Só um sujeito livre, afirmando-se para além da duração, pode vencer toda ruína; esse supremo recurso, proibiram-no à mulher. É essencialmente porque nunca experimentou os poderes da liberdade que ela não acredita na libertação: o mundo parece-lhe regido por um destino obscuro que seria presunçoso desafiar. Esses caminhos perigosos que a querem obrigar a seguir, ela não os abriu ela própria: é normal que neles não se precipite cora

entusiasmo¹. Que lhes franqueiem o futuro e ela não mais se agarrará ao passado. Quando incitam concretamente as mulheres à ação, quando elas se reconhecem nos objetivos que lhes designam, são tão ousadas e corajosas quanto os homens².

Muitos defeitos que lhes censuram — mediocridade, pequenez, timidez, mesquinharia, preguiça, frivolidade, servilismo — exprimem simplesmente o fato de que o horizonte lhes está barado. A mulher é, dizem, sensual, chafurda na imanência; mas antes de mais nada aí a encerraram. A escrava presa no harém não experimenta nenhuma paixão mórbida pela geléia de rosas, pelos banhos perfumados: precisa passar o tempo; na medida em que sufoca em um morno gineceu — bordel ou lar burguês — a mulher se refugiará no conforto e no bem-estar; demais, se busca avidamente a volúpia é muitas vezes porque dela se acha frustrada; sexualmente insatisfeita, votada à gana do macho, "condenada às feiúras masculinas", consola-se com molhos cremosos, vinhos capitosos, veludos, carícias da água, do sol, de uma amiga, de um jovem amante. Se se apresenta ao homem como um ser "tão físico", é porque sua condição a incita a dar extrema importância à própria animalidade. A carne não grita mais forte nela do que no homem: mas fica atenta aos seus mais insignificantes murmúrios e os amplia; a volúpia, como a dor do sofrimento, é o fulminante triunfo do imediato; pela violência do instante, o futuro e o universo são negados: fora da centelha carnal, o que existe não é nada; durante essa breve apoteose ela não é mutilada nem frustrada. Mas, digamo-lo mais uma vez, ela só empresta tão grande valor a esses triunfos porque a imanência é seu quinhão. Sua frivolidade tem a mesma causa que seu "materia-

(¹) Cf. Gide, *Journal*. "Créuse ou a mulher de Lot: uma se retarda, a outra olha para trás, o que é uma maneira de se retardar. Não há maior grito de paixão do que este:

*Et Phèdre, au Labyrinthe avec vous descendue
Se serait avec vous retrouvée ou perdue.*

Mas a paixão cega-a; ao fim de alguns passos, em verdade, ela ter-se-ia sentado, ou houvera querido voltar para trás — ou, enfim, ter-se-ia feito carregar."

(²) Assim é que a atitude das mulheres dos operários mudou profundamente num século; durante as últimas greves nas minas do Norte, em particular, elas deram provas de tanta paixão e energia quanto os homens, participando de manifestações e lutando ao lado deles.

lismo sórdido"; ela dá importância às pequenas coisas por não ter acesso às grandes: além disso, as futilidades que lhe enchem os dias são, muitas vezes, das mais sérias; à sua *toilette*, à sua beleza, deve seu encanto e possibilidades. Mostra-se freqüentemente indolente, preguiçosa, mas as ocupações que a ela se propõem são tão vãs quanto o simples escoar do tempo; se é tagarela, escrevinhadora, é para obviar a ociosidade: substitui palavras a atos impossíveis. O fato é que, quando se empenha numa empresa digna de um ser humano, a mulher sabe mostrar-se tão ativa, eficiente, silenciosa, ascética como um homem. Acusam-na de ser servil. Está sempre disposta, dizem, a deitar-se aos pés do senhor e a beijar a mão que a bateu; é verdade que carece geralmente de verdadeiro orgulho; os conselhos que os "consultórios sentimentais" dispensam às mulheres enganadas, às amantes abandonadas são inspirados em um espírito de abjeta submissão; a mulher esgota-se em cenas arrogantes e acaba colhendo as migalhas que o macho consente em deixar-lhe. Mas que pode fazer sem apoio masculino uma mulher para quem o homem é ao mesmo tempo o único meio e a única razão de viver? Bem que ela é obrigada a aceitar todas as humilhações; a escrava não pode ter o senso da dignidade humana; basta-lhe que dê um jeito. Enfim, se é "terra-a-terra", caseira, baixamente utilitária, é porque lhe impõem consagrar sua existência a preparar alimentos e limpar sujeiras: não é disso que pode tirar o sentido da grandeza. Ela deve assegurar a monótona repetição da vida em sua contingência e sua facticidade: é natural que ela própria repita, recomece, sem jamais inventar, que o tempo lhe pareça girar sobre si mesmo sem conduzir a nenhum lugar; ocupa-se sem nunca *fazer* nada; aliena-se pois no que *tem*; essa dependência em relação às coisas, conseqüências da dependência em relação aos homens, explica sua prudente economia, sua avareza. Sua vida não é mais dirigida para fins; absorve-se em produzir ou manter coisas que nunca passam de meios: alimento, roupas, residência; são intermediários inessenciais entre a vida animal e a livre existência; o único valor ligado ao meio inessencial e a utilidade; é no nível do útil que vive a dona de casa e ela só se vangloria de ser útil a seus parentes. Mas nenhum existente poderia satisfazer-se com um papel inessencial: logo transforma os meios em fins — como se verifica entre os políticos — e o valor dos meios torna-se a seus olhos valor absoluto. Assim a utilidade reina no céu da dona de casa mais alto do que a verdade, a beleza, a liberdade e é nessa perspectiva, que é a sua, que ela

encara todo o universo; e é porque adota a moral aristotélica do iusto meio-termo da mediocridade. Como encontraria em si audácia, ardor, desapego, grandeza? Tais qualidades só aparecem no caso em que uma liberdade se lança através de um futuro aberto emergindo além de todo o dado. Fecham a mulher numa cozinha ou num camarim e se espantam de que seu horizonte seja limitado; cortam-lhe as asas e lamentam que não saiba voar. Que lhe abram o futuro e ela não será mais obrigada a instalar-se no presente.

Dão prova da mesma inconseqüência quando, fechando-a dentro dos limites de seu eu ou do lar, censuram-lhe o narcisismo, o egoísmo com seu cortejo: vaidade, suscetibilidade, maldade etc; tiram-lhe toda possibilidade concreta de comunicação com o mundo; ela não sente em sua experiência o apelo nem os benefícios da solidariedade, porquanto está inteiramente consagrada à sua própria família, separada; não se pode, portanto, esperar que se supere em prol do interesse geral. Confinam-se obstinadamente no único terreno que lhe é familiar, em que ela pode exercer um domínio sobre as coisas e no seio do qual reencontra uma soberania precária.

Entretanto, por mais que feche as portas e as janelas, a mulher não encontra, em seu lar, uma segurança absoluta; esse universo masculino que ela respeita de longe, sem ousar aventurar-se nele bloqueia-a; e justamente porque é incapaz de apreendê-lo através de técnicas, de uma lógica segura, de conhecimentos articulados, ela se sente como a criança e o primitivo cercada de mistérios perigosos. Neles projeta sua concepção mágica da realidade: o curso das coisas parece-lhe fatal e, no entanto, tudo pode acontecer; ela mal distingue o possível do impossível; está disposta a acreditar em qualquer coisa; acolhe e propaga todos os rumores, provoca pânicos. Mesmo nos períodos de calma vive preocupada; à noite, na sonolência, o jacente inerte assusta-se com figuras de pesadelo que a realidade reveste; assim, para a mulher condenada à passividade, o futuro opaco é povoado pelos fantasmas da guerra, da revolução, da fome, da miséria; não podendo agir, ela se inquieta. O marido, o filho, quando são arrastados por um acontecimento, assumem seus riscos por sua própria conta: seus projetos, as normas a que obedecem traçam na obscuridade um caminho seguro; mas a mulher debate-se numa noite confusa; ela preocupa-se porque não faz nada; na imaginação, todos os possíveis têm a mesma realidade: o trem pode descarrilar, a operação pode falhar, o negócio malograr; o que ela

tenta em vão conjurar, em suas longas rumações melancólicas, é o espectro de sua própria impotência.

A preocupação traduz a desconfiança em relação ao mundo dado; se êle se lhe afigura carregado de ameaças, prestes a soçobrar em obscuras catástrofes, é porque ela não se sente feliz. Na maior parte do tempo ela não se resigna em se resignar; sabe muito *bem o* que suporta, ela suporta contra sua vontade; é mulher sem ter sido consultada; não ousa revoltar-se; é irritada que se submete; sua atitude é uma recriminação constante. Todos os que recebem as confidencias das mulheres — médicos, padres, assistentes sociais — sabem que a maneira mais comum é a queixa; entre amigas, geme cada uma sobre seus próprios males e todas juntas sobre a injustiça da sorte, o mundo e os homens em geral. Um indivíduo livre somente a si censura seus malogros, assume-os, mas é através de outrem que tudo acontece à mulher, é outro que é responsável por suas desgraças. Seu desespero furioso recusa todos os remédios; propor soluções a uma mulher resolvida a queixar-se não arranja coisa alguma: nenhuma lhe parece aceitável. Ela quer viver sua situação precisamente como a vive: numa cólera impotente. Que lhe proponham uma mudança, ergue os braços ao céu: "Não faltava mais nada!" Sabe que seu mal-estar é mais profundo do que os pretextos que dá, e que não basta um expediente para libertá-la: ressent-se contra o mundo inteiro, porque foi edificado sem ela e contra ela; desde a adolescência, desde a infância, protesta contra sua condição; prometeram-lhe compensações, asseguraram-lhe que, se abdicasse suas possibilidades nas mãos de um homem, elas lhe seriam devolvidas centuplicadas e considera-se mistificada; acusa todo o universo masculino; o rancor é o reverso da dependência: quando se dá tudo, nunca se recebe bastante de volta. Entretanto, ela também tem necessidade de respeitar o universo masculino; sentir-se-ia em perigo sem um teto em cima da cabeça, se o contestasse em seu todo: ela adota a atitude maniqueísta que também lhe é sugerida pela sua experiência caseira. O indivíduo que age reconhece-se responsável do mesmo modo que os outros pelo mal e pelo bem, sabe que lhe cabe definir os fins e fazer com que triunfem; sente na ação a ambigüidade de toda solução; justiça e injustiça, lucros e perdas acham-se inextricavelmente misturados. Mas quem é passivo coloca-se fora do jogo e recusa-se a colocar, ainda que em pensamento, os problemas éticos: o bem *deve* ser realizado e, se não o é, há uma falta cujos culpados devem ser punidos. Como a criança, a mulher representa o bem e

o mal em simples imagens de Epinal; o maniqueísmo tranqüiliza o espírito, suprimindo a angústia da escolha; escolher entre uma praga e outra menor, entre um benefício presente e um futuro maior, ter que definir o que é derrota, o que é vitória, é assumir riscos terríveis; para o maniqueísta, o trigo bom está claramente separado do joio e basta arrancar este último; a poeira condena-se a si própria e a limpeza é a perfeita ausência de sujeira; limpar é expulsar detritos e lama. Assim a mulher pensa que "tudo é culpa dos judeus" ou dos maçons, ou dos bolcheviques, ou do governo; ela é sempre *contra* alguém ou alguma coisa; entre os antidreyfusistas, as mulheres eram mais encarniçadas ainda do que os homens; elas nem sempre sabem onde reside o princípio maligno, mas o que esperam de um bom governo é que ele o expulsa, como se expulsa a poeira da casa. Para as gaullistas fervorosas, De Gaulle se apresenta como o rei dos varredores; de espanadores e trapos nas mãos, elas o imaginam limpando e fazendo brilhar uma França "limpa".

Mas essas esperanças situam-se sempre num futuro incerto; enquanto se espera, o mal continua a roer o bem; e como não tem à mão os judeus, os maçons, os bolcheviques, a mulher procura um responsável contra quem possa concretamente indignar-se: o marido é a vítima predileta. É nele que se encarna o universo masculino, é através dele que a sociedade masculina assumiu o encargo da mulher e a mistificou; ele suporta o peso do mundo e, se as coisas vão mal, é culpa dele. Quando volta, à noite, ela se queixa dos filhos, dos fornecedores, do lar, do custo de vida, de seu reumatismo, do tempo que faz: e quer que o esposo se sinta culpado. Muitas vezes alimenta em relação a ele ressentimentos particulares; mas o marido é culpado antes de tudo de ser um homem; também pode ter suas doenças, suas preocupações: "Não é a mesma coisa"; ele detém um privilégio que ela sente constantemente como uma injustiça. É de notar que a hostilidade que ela experimenta em relação ao marido, ao amante, a prenda a eles ao invés de a afastar; um homem que se põs a detestar a mulher ou a amante procura fugir dela: mas ela quer ter na mão o homem que odeia, para fazê-lo pagar. Escolher recriminar, não é escolher desembaraçar-se de seus males e sim chafurdar neles; seu supremo consolo é apresentar-se como mártir. A vida, os homens venceram-na: ela fará dessa derrota uma vitória. Eis porque, como em sua infância, ela se entregará tão displicentemente ao frenesi das lágrimas e das cenas.

É sem dúvida porque sua vida se constrói sobre um fundo de revolta impotente que a mulher chora tão facilmente; por certo tem ela fisiològicamente um menor controle do sistema nervoso e simpático do que o homem; sua educação ensinou-lhe a entregar-se: as normas de conduta desempenham aqui um grande papel: Diderot, Benjamin Constant vertiam dilúvios de lágrimas; mas os homens deixaram de chorar, desde que o costume o proibiu. Mas a mulher está sempre disposta a adotar em relação ao mundo uma conduta de malogro, porque nunca o enfrentou francamente. O homem aceita o mundo; a própria desgraça não mudará sua atitude, êle a enfrentará, não se deixará vencer; ao passo que basta uma contrariedade para pôr novamente a descoberto, para a mulher, a hostilidade do universo e a injustiça de sua sorte; então ela se precipita em seu mais seguro refúgio: ela mesma; essa esteira quente em suas faces, essa queimadura em suas órbitas é a presença sensível de sua alma dolorosa; doces na pele, ligeiramente salgadas na língua, as lágrimas são também uma terna e amarga carícia; o rosto queima sob um derrame de água clemente; as lágrimas são ao mesmo tempo queixa e consolo, febre e calmante frescor. São também um supremo *álibi*; bruscas como a borrasca, caindo intermitentes, ciclone, aguaceiro, chuvisco, metamorfoseiam a mulher numa fonte queixosa, num céu atormentado; seus olhos não vêem mais, vela-os uma cerração; não são mais sequer um olhar, fundem-se em chuva. Cega, a mulher retorna à passividade das coisas naturais. Querem-na vencida: ela soçobra na derrota; vai a pique, afoga-se, escapa ao homem que a contempla, impotente como diante de uma catarata, Êle julga o processo desleal: mas ela considera que a luta é desleal porque não lhe deram nenhuma arma eficaz, Ela recorre uma vez a uma conjuração mágica. E o fato de seus soluços exasperarem o homem fornece-lhe uma razão a mais para utilizá-los.

Se as lágrimas não bastam para lhe exprimir a revolta, ela se entregará a cenas cuja violência incoerente desnorteará ainda mais o homem. Em certos meios, o homem espanca a mulher; em outros, precisamente porque é o mais forte e porque seu punho é um instrumento eficaz, êle evita toda violência. Mas a mulher, como a criança, entrega-se a crises simbólicas: pode jogar-se contra o homem, arranhá-lo; são gestos apenas. Mas, principalmente, ela se põe a mimar em seu corpo, através de ataques de nervos, as recusas que não pode concretamente realizar. Não é somente por razões fisiológicas que ela é sujeita a manifestações convulsivas: a convulsão é uma interiorização de uma energia

que, jogada no mundo, malogra em apreender qualquer objeto; é um dispêndio no vácuo de todas as potências de negação suscitadas pela situação. A mãe raramente tem crises de nervos em face de seus filhos pequenos porque os pode bater, punir: é em face do filho crescido, do marido, do amante, sobre os quais não tem influência, que a mulher se entrega a desesperos furiosos. As cenas histéricas de Sofia Tolstoi são significativas; sem dúvida ela cometeu o grande erro de nunca ter procurado entender o marido e através de seu diário não parece nem generosa, nem sensível, nem sincera, e está longe de se nos afigurar uma pessoa atraente; mas, tenha ou não tido razão, em nada modifica sua situação: durante toda a vida apenas suportou, através de constantes recriminações, os amplexos conjugais, as maternidades, a solidão, o modo de vida que seu marido lhe impunha; quando as novas decisões de Tolstoi exasperaram o conflito, ela se encontrou sem armas contra a vontade inimiga, que recusava com toda a sua vontade impotente; jogou-se em comédias de recusa — falsos suicídios, falsas doenças etc. — odiosas aos seus e exaustivas para ela própria: não vemos que outra saída lhe restava, posto que não tinha nenhuma razão positiva para calar seus sentimentos de revolta, e nenhum meio eficiente de exprimi-los.

Há uma saída para a mulher que chega ao fim de sua recusa: suicídio. Mas parece que o emprega menos amiúde do que o homem. As estatísticas são muito ambíguas a esse respeito¹. considerando os suicídios, há muito mais homens do que mulheres que atentam contra a vida; mas as *tentativas* de suicídio são mais frequentes entre as mulheres. Talvez porque se contentem o mais das vezes com comédias: *representam* o suicídio mais do que o homem, *querem-no* mais raramente. Isso também, em parte, porque os meios brutais lhes repugnam: quase nunca empregam armas brancas, nem armas de fogo. Afogam-se de bom grado, como Ofélia, manifestando a afinidade da mulher com a água passiva e noturna e na qual parece que a vida pode passivamente dissolver-se. Em conjunto, observa-se aqui a ambigüidade que já assinalei: a mulher não procura sinceramente largar o que detesta. Representa o drama da ruptura, mas finalmente fica com o homem que a faz sofrer; finge abandonar a vida que a molesta mas é relativamente raro que se mate. Não gosta das

(¹) Ver Halbwachs, *Les Causes du Suicide*.

soluções definitivas: protesta contra o homem, contra a vida, contra sua condição, mas não se evade.

Há muitas condutas femininas que devem ser interpretadas como protestos. Vimos que muitas vezes a mulher engana o marido por desafio, não por prazer; será avoada e gastadora só porque ele é metódico e econômico. Os misóginos que acusam a mulher de "estar sempre atrasada" pensam que ela carece do "senso da exatidão". Na verdade, vimos como se dobra docilmente às exigências do tempo. Seus atrasos são deliberadamente consentidos. Certas coquetes acreditam exasperar assim o desejo do homem e dar tanto maior valor à própria presença; mas, infligindo ao homem alguns momentos de espera, a mulher protesta principalmente contra a longa espera que é a sua própria vida. Em certo sentido, toda a sua existência é uma espera, pois que está encerrada no limbo da imanência, da contingência e que sua justificação se acha sempre nas mãos de outrem; ela espera as homenagens, os sufrágios masculinos, espera o amor, a gratidão e os elogios do marido, do amante; espera deles suas razões de existir, seu valor e seu próprio ser. Deles espera a subsistência: que tenha em mãos o talão de cheques ou que receba semanal ou mensalmente as importâncias que o marido lhe outorga, é preciso que êle receba, que tenha conseguido esse aumento para que ela possa pagar ao vendeiro ou comprar um vestido novo. Ela espera a presença dele; sua dependência econômica coloca-a à disposição dele; ela é apenas um elemento da vida masculina ao passo que o homem é toda sua vida; o marido tem ocupações fora do lar, a mulher suporta-lhe a ausência ao longo dos dias; é o amante — ainda que apaixonado — que decide das separações e dos encontros de acordo com as obrigações que tem. Na cama, ela aguarda o desejo do homem, espera, por vezes ansiosamente, seu próprio prazer. Tudo o que pode fazer é chegar atrasada ao encontro marcado pelo amante, é não estar pronta na hora que o marido designou; ela afirma assim a importância de suas próprias ocupações, reivindica sua independência, torna a ser, por um momento, o sujeito essencial cuja vontade o outro suporta passivamente. Mas trata-se de tímidos revides; por mais que se obstine em fazer os homens "esperar", nunca compensará as horas infinitas que passa a vigiar, a esperar, a submeter-se ao bel-prazer do homem.

De maneira geral, embora reconhecendo, em conjunto, a supremacia dos homens, aceitando-lhes a autoridade, adorando-

-lhes os ídolos, ela vai contestar-lhes o reinado palmo a palmo; daí o famoso "espírito de contradição" que amiúde lhe censuraram; não possuindo um domínio autônomo, não pode opor verdades, valores positivos aos que os homens afirmam; pode, entretanto, negá-los. Sua negação é mais ou menos sistemática segundo a maneira por que nela se dosam respeito e rancor. Mas o fato é que ela conhece todas as falhas do sistema masculino e se apressa em denunciá-las.

As mulheres não têm domínio sobre o mundo masculino porque sua experiência não lhes ensina a manejar a lógica e a técnica: inversamente, o poder dos instrumentos masculinos abole-se às fronteiras do domínio feminino. Há toda uma região da experiência humana que o homem escolhe deliberadamente ignorar porque malogra em *pensá-la*: essa experiência, a mulher a vive. O engenheiro, tão preciso quando faz seus planos, conduz-se, em casa, como um demiurgo: uma palavra e eis servida a refeição, suas camisas engomadas, seus filhos silenciosos; procriar é um ato tão rápido quanto o golpe de vara de Moisés; êle não se espanta com tais milagres. A noção de milagre difere da idéia de magia; ela põe, no seio de um mundo racionalmente determinado, a descontinuidade radical de um acontecimento sem causa contra o qual todo pensamento se esboroa; ao passo que os fenômenos mágicos são unificados por forças secretas cujo devir contínuo uma consciência dócil — ainda que sem o compreender — pode desposar. O recém-nascido é milagroso para o pai demiurgo, mágico para a mãe que lhe suportou o amadurecimento no ventre. A experiência do homem é inteligível, mas pontilhada de vazios; a da mulher é, em seus limites próprios, obscura mas plena. Essa opacidade fá-la pesada; em suas relações com ela, o homem parece-lhe leve; êle tem a leveza dos ditadores, dos generais, dos juizes, dos burocratas, dos códigos e dos princípios abstratos. É o que sem dúvida queria dizer essa dona de casa que murmurava um dia, dando de ombros: "Os homens não pensam!" Elas dizem também: "Os homens não sabem, não conhecem a vida". Ao mito da fêmea do louva-a-deus, elas opõem o símbolo do zângão frívolo e importuno.

Compreende-se que nessa perspectiva a mulher recuse a lógica masculina. Não somente esta não lhe perturba a experiência, como ela sabe ainda que nas mãos dos homens a razão se torna uma forma matreira de violência; as afirmações peremptórias dêles destinam-se a mistificar. Querem encerrá-la em um dilema: ou estas de acordo, ou não estás; em nome de todo o sistema dos

princípios admitidos, ela deve estar de acordo: recusando sua adesão, é todo o sistema que recusa; não pode permitir-se semelhante escândalo; não tem os meios de reconstruir outra sociedade: contudo, não adere a esta. A meio caminho entre a revolta e a escravidão, resigna-se a contragosto à autoridade masculina. É pela violência que se faz preciso, em cada ocasião, obrigá-la a endossar as conseqüências de sua submissão incerta. O homem persegue a quimera de uma companheira livremente escrava: quer que, cedendo-lhe, ela ceda à evidência de um teorema; mas sabe que êle próprio escolheu os postulados a que se prendem suas rigorosas deduções; enquanto ela evita rediscuti-las, êle lhe tapa facilmente a boca; nem por isso a convence, porquanto ela adivia a arbitrariedade dessas deduções. Por isso êle a acusará com irritação e obstinação de ilogismo: mas ela recusa participar do jogo porque sabe que os dados são viciados.

A mulher não pensa positivamente que a verdade seja *outra* que aquilo que os homens pretendem; ela admite antes que a verdade *não é*. Não é somente o devir da vida que a faz desconfiar do princípio de identidade, nem são os fenômenos mágicos de que se acha cercada que arruinam a noção de causalidade: é no próprio coração do mundo masculino, é em si, enquanto pertencendo a esse mundo, que apreende a ambigüidade de todo princípio, de todo valor, de tudo o que existe. Sabe que a moral masculina, no que lhe diz respeito, é uma vasta mistificação. O homem acena-lhe pomposamente com seu código de virtude e honra, mas em surdina incita-a a desobedecer: espera mesmo essa desobediência; sem esta, toda a bela fachada atrás da qual êle se abriga desmoronaria.

O homem de bom grado se apoia na idéia hegeliana, segundo a qual o cidadão adquire sua dignidade ética transcendendo-se para o universal: enquanto indivíduo singular, tem direito ao desejo, ao prazer. Suas relações com a mulher situam-se pois numa região contingente em que a moral não mais se aplica, em que as condutas são indiferentes. Com os outros homens, êle tem relações em que se empenham valores; êle é uma liberdade enfrentando outras liberdades segundo leis que todos universalmente reconhecem; mas junto da mulher — ela foi inventada para esse fim — êle deixa de assumir sua existência, entrega-se a miragem do em-si, situa-se num plano inautêntico; mostra-se tírrânico, sádico, violento, ou pueril, masoquista, queixoso; tenta satisfazer suas obsessões, suas manias; "distende-se", "relaxa-se",

em nome dos direitos que adquiriu em sua vida pública. Sua mulher assusta-se por vezes — como Thérèse Desqueyroux — com o contraste entre o alto nível de suas palavras, de suas condutas públicas e "suas pacientes invenções de sombra".

Prega a repopulação e mostra-se hábil em não engendrar mais filhos do que os que lhe convém. Exalta as esposas castas e fiéis, mas incita ao adultério a mulher do vizinho. Vimos com que hipocrisia os homens decretam que o aborto é criminoso, quando todos os anos na França um milhão de mulheres são colocadas pelo homem em situação de precisarem abortar; muitas vezes o marido ou o amante lhe impõe tal solução; muitas vezes eles supõem tácitamente que, em caso de necessidade, ela será adotada. Esperam confessadamente que a mulher consentirá em tornar-se culpada de um delito: sua "imoralidade" é necessária à harmonia da sociedade moral respeitada pelos homens. O exemplo mais flagrante dessa duplicidade é a atitude do homem em face da prostituição: é sua procura que cria a oferta; disse eu com que ceticismo enojado as prostitutas encaram os senhores respeitáveis que profligam o vício, mas demonstram muita indulgência por suas manias pessoais; entretanto consideram perversas e debochadas as mulheres que vivem de seu corpo, não os homens que os usam. Uma anedota ilustra esse estado de espírito: no fim do século passado, a polícia descobriu num bordel duas meninas de 12 a 13 anos; houve um processo em que elas depuseram; falaram de seus fregueses, que eram homens importantes; uma delas abriu a boca para revelar um nome. O procurador deteve-a precipitadamente: *Não suje o nome de um homem honesto!* Um senhor condecorado com a Legião de Honra continua um homem de bem quando deflora uma menina; tem suas fraquezas, quem não as tem? Ao passo que a menina que não atinge a região ética do universal — que não é um magistrado, nem um general, nem um grande francês, mas apenas uma menina — joga seu valor moral na região contingente da sexualidade; é uma perversa, uma transviada, uma viciada, boa para uma casa de correção. O homem pode, em muitos casos e sem macular sua "dignidade", perpetrar em cumplicidade com a mulher atos que para ela são condenáveis, enxovalhantes. Ela compreende mal tais sutilezas; o que compreende é que o homem não age de conformidade com os princípios que proclama e pede-lhe que a estes desobedeça. Ele não quer o que diz querer: por isso não lhe dá ela o que finge dar-lhe. Será uma esposa casta e fiel e às escondidas cederá aos próprios desejos; será uma mãe admirável

mas praticará cuidadosamente o *birth-control* e, se necessário, irá até o aborto. O homem oficialmente a condena, é a regra do jogo; mas mostra-se reconhecido a uma pela sua "pequena virtude" e a outra pela sua esterilidade. A mulher desempenha o papel desses agentes secretos que deixam fuzilar, se são presos e que enchem de recompensas, se logram êxito; cabe a ela endossar toda a imoralidade dos homens: não é somente a prostituta, são todas as mulheres que servem de esgoto ao palácio luminoso e saudável em que habitam as pessoas honestas. Quando, em seguida, lhes falam de dignidade, de honra, de lealdade, de todas as grandes virtudes viris, cumpre não se espantar que se recusem a "ir na onda". Escarnecem particularmente quando os homens virtuosos as censuram por serem interesseiras, comediantes, mentirosas¹: bem sabem que não lhes oferecem nenhuma outra saída. O homem também "se interessa" pelo dinheiro, pelo êxito: mas tem os meios de conquistá-los pelo trabalho; à mulher assinalaram um papel de parasita: todo parasita é necessariamente um explorador; ela precisa do homem para adquirir dignidade humana, para comer, gozar, procriar; é através dos serviços que presta com o sexo que assegura as generosidades masculinas; e como a encerram nessa função, ela se transforma inteiramente num instrumento de exploração. Quanto às mentiras, salvo no caso da prostituição, não se trata, entre ela e o protetor, de um negócio franco. O próprio homem reclama que ela represente uma comédia: quer que ela seja o *Outro*; mas todo existente, por mais perdidamente que se renegue, permanece sujeito; êle a quer objeto: ela *faz-se* objeto; no momento em que ela se faz ser, exerce uma livre atividade; aí está sua traição original; a mais dócil, a mais passiva é ainda consciência; basta, por vezes, que o homem se aperceba de que, entregando-se a êle, ela o encara e julga, para que êle se sinta enganado; ela deve ser apenas uma coisa oferecida, uma presa. Entretanto, essa coisa, o homem exige também que ela lha entregue livremente: pede-lhe que sinta prazer no leito, que lhe reconheça sinceramente a superioridade e os méritos no lar; no instante em que obedece, a mulher deve, pois, fingir independência enquanto, em outros momentos, representa ativamente a comédia da passividade. Ela

(¹) "Todas com esse arzinho delicado de santa, acumulado por todo um passado de escravidão, sem outra arma de salvação e ganhapão senão esse ar sedutor involuntário que aguarda a hora propícia." (Jules Laforgue.)

mente para reter o homem que lhe assegura o pão quotidiano: cenas, lágrimas, transportes de amor, crises de nervos. E ela mente também para escapar à tirania que por interesse aceita. O homem a incita a comédias de que se aproveitam seu imperialismo e sua vaidade: ela volta contra êle seus poderes de dissimulação; consegue também revides duplamente deliciosos: porque enganando-o, satisfaz desejos singulares, experimenta o prazer de achincalhá-lo. A esposa, a cortesã mentem fingindo sensações que não têm; depois, divertem-se com um amante, com amigas, zombando da ingênua vaidade de sua vítima: "Não somente eles falham, como ainda querem que nos cansemos de gritar de prazer", dizem com rancor. Tais conversas assemelham-se às das criadas que, na copa, falam mal dos patrões. A mulher tem os mesmos defeitos porque é vítima da mesma opressão paternalista; tem o mesmo cinismo, porque vê o homem de baixo para cima, como o laçao vê o patrão. Mas é claro que nenhum de seus traços manifesta uma essência ou uma vontade original pervertidas: refletem uma situação. "Há falsidade sempre que há regime coercivo", diz Fourier. "A proibição e o contrabando são inseparáveis, no amor como no comércio." E os homens sabem tão bem que os defeitos da mulher manifestam a condição dela, que, preocupados com manter a hierarquia dos sexos, incentivam, em suas companheiras, os próprios traços que lhes permitem desprezá-las. Sem dúvida, o marido, o amante irritam-se com as taras da mulher singular com quem vivem; entretanto, propugnando os encantos da feminilidade em geral, eles a imaginam inseparável de tais taras. Se não é pérfida, fútil, covarde, indolente, a mulher perde sua sedução. Na *Casa das Bonecas*, Helmer explica o quanto o homem se sente justo, forte, compreensivo, indulgente, quando perdoa as faltas pueris da frágil mulher. Assim também os maridos de Bernstein se enternecem — com a cumplicidade do autor — diante da mulher ladra, má, adúltera; eles medem, debruçando-se sobre ela com indulgência, a própria sabedoria viril. Os racistas americanos e os colonos franceses, desejam também que o negro se mostre gatuno, preguiçoso, mentiroso: com isso prova sua indignidade, põe o direito do lado dos opressores; se se obstina em ser honesto, leal, olham-no como um revoltado. Os defeitos da mulher exageram-se, pois, tanto mais quanto ela tenta não combatê-los mas, ao contrário, faz deles um adorno.

Recusando os princípios lógicos, os imperativos morais, céptica diante das leis da natureza, a mulher não tem o senso do

universal; o mundo apresenta-se-lhe como um conjunto confuso de casos singulares; eis por que acredita mais facilmente nos mericos de uma vizinha do que numa exposição científica; sem dúvida, respeita o livro impresso, mas esse respeito desliza ao longo das páginas escritas sem apreender-lhes o conteúdo: ao contrário, a anedota contada por um desconhecido numa fila ou num salão reveste-se imediatamente de uma esmagadora autoridade; em seu domínio, tudo é magia; fora, tudo é mistério; ela não conhece o critério da verossimilhança; só a experiência imediata conquista sua convicção, sua própria experiência ou a de outrem, desde que a afirme com suficiente força. Quanto a ela, por se achar isolada em seu lar, não se confronta ativamente com outras mulheres, considera-se espontaneamente como um caso singular; está sempre à espera de que o destino e os homens façam uma exceção em seu favor; muito mais do que nos raciocínios válidos para todos, ela crê nas iluminações que a atravessam; admite facilmente que lhes são enviadas por Deus ou por qualquer espírito obscuro do mundo; com relação a certas desgraças, a certos acidentes, ela pensa tranqüilamente: "A mim isso não acontecerá"; inversamente imagina que "para mim haverá uma exceção": o comerciante fará um desconto, ou o guarda a deixará passar sem que tenha prioridade. Ensinaram-lhe a superestimar o valor de seu sorriso e esqueceram de lhe dizer que todas as mulheres sorriem. Não acontece isso porque ela se imagine mais extraordinária do que sua vizinha, mas sim porque não se compara; pela mesma razão, é raro que a experiência lhe inflija algum desmentido: experimenta um malogro, outro, mas não os totaliza.

É por isso que as mulheres não conseguem construir sòlidamente um contra-universo, de onde possam desafiar os homens; esporadicamente, deblateram contra os homens em geral, contam-se histórias de cama e de parto, trocam horóscopos e receitas de beleza. Mas, para edificar realmente esse "mundo do ressentimento" que seu rancor almeja, carecem de convicção; sua atitude em relação ao homem é demasiado ambivalente. Este é, com efeito, uma criança, um corpo contingente e vulnerável, um ingênuo, um zangão importuno, um tirano mesquinho, um egoísta, um vaidoso: mas é também o "herói libertador, a divindade que distribui valores. Seu desejo é um apetite grosseiro, seus amplexos são uma tarefa degradante: entretanto, o entusiasmo, a força viril apresentam-se também como uma energia demiúrgica. Quando uma mulher diz com êxtase: "É um homem!" evoca ao mesmo

tempo o vigor sexual e a eficiência social do macho que admira: em uma e outra coisa se exprime a mesma soberania criadora; ela não imagina que êle seja um grande artista, um grande homem de negócios, um general, um chefe, sem ser um amante vigoroso; os êxitos sociais dele têm sempre uma atração sexual; inversamente, ela se mostra disposta a emprestar gênio ao macho que a satisfaz. É, de resto, um mito masculino que ela retoma aqui. O falo, para Lawrence e muitos outros, é, ao mesmo tempo, uma energia viva e a transcendência humana. Pode assim a mulher ver nos prazeres da cama uma comunhão com o espírito do mundo. Dedicando ao homem um culto místico, perde-se e se reencontra na glória masculina. A contradição é, aqui, facilmente suprimida graças à pluralidade dos indivíduos que participam da virilidade. Alguns — aqueles cuja contingência ela experimenta na vida quotidiana — são a encarnação da miséria humana; em outros exalta-se a grandeza do homem. Mas a mulher aceita até que essas duas figuras se confundam em uma só. "Se eu me tornar célebre, escrevia uma jovem apaixonada por um homem que considerava superior, R... casará certamente comigo porque sua vaidade será lisonjeada; estufaria o peito passeando de braço dado comigo." No entanto, ela o admirava loucamente. O mesmo indivíduo pode muito bem ser, aos olhos da mulher, avarento, mesquinho, vaidoso, irrisório e Deus: afinal os deuses têm suas fraquezas. Temos por um indivíduo que amamos em sua liberdade, em sua humanidade, essa exigente severidade que é o inverso de uma autêntica estima; ao passo que uma mulher ajoelhada diante de seu homem pode muito bem ufanar-se de "saber dominá-lo", de saber "manobrá-lo"; lisonjeia-lhe complacentemente "as pequenas qualidades" sem que êle se dispa de seu prestígio; é a prova de que ela não tem amizade especificamente por sua pessoa, tal qual se realiza em atos reais; ela prosterna-se cegamente diante da essência geral de que o ídolo participa: a virilidade é uma aura sagrada, um valor dado, estático, que se afirma a despeito das falhas do indivíduo que a tem; este não conta; ao contrário, a mulher, com ciúme de seu privilegio, compraz-se em tomar atitudes de maligna superioridade sobre êle.

A ambigüidade dos sentimentos que a mulher dedica ao homem reencontra-se em sua atitude geral para consigo mesma e o mundo; o domínio em que se acha encerrada é investido pelo universo masculino; mas é habitado por forças obscuras de que os próprios homens são joguetes. Aliando-se a essas virtudes má-

gicas, ela conquistará, por sua vez, o poder. A sociedade escraviza a Natureza, mas a Natureza a domina; o Espírito afirma-se além da Vida; mas dissipa-se, se a vida não o sustenta mais. A mulher apóia-se nesse equívoco para dar maior importância a um jardim do que a uma cidade, a uma doença do que a uma idéia, a um parto do que a uma revolução; esforça-se para restabelecer esse reinado da terra, da Mãe, sonhado por Baschoffen a fim de reencontrar o essencial em face do inessencial. Mas como é, ela também, um existente que habita uma transcendência, só poderá valorizar a região em que se acha confinada transfigurando-a; empresta-lhe uma dimensão transcendente. O homem vive num universo coerente que é uma realidade pensada. A mulher está às voltas com uma realidade mágica que não se deixa pensar: ela se evade dela através de pensamentos privados de conteúdo real. Ao invés de assumir sua existência, contempla no céu a pura Idéia de seu destino; em vez de agir, ergue sua estátua no imaginário; em vez de raciocinar, sonha. Daí vem que sendo "tão física" seja também tão artificial, que sendo tão terrestre se faça tão etérea. Passa a vida limpando caçarolas e é um romance maravilhoso; vassala do homem, acredita ser seu ídolo; humilhada em sua carne, exalta o amor. Porque está condenada a só conhecer a facticidade contingente da vida, faz-se sacerdotisa do Ideal.

Essa ambivalência marca-se na maneira por que a mulher apreende o próprio corpo. É um fardo; roído pela espécie, sangrando todos os meses, proliferando passivamente, não é para ela o instrumento puro de seu domínio sobre o mundo, mas uma presença opaca; não lhe assegura com certeza o prazer e cria dores que a atormentam; encerra ameaças: ela sente-se em perigo nos seus "interiores". É um corpo "histórico", por causa das íntimas ligações das secreções endócrinas com os sistemas nervoso e simpático que comandam músculos e vísceras; exprime reações que a mulher se recusa a assumir: nos soluços, nas convulsões, nos vômitos, êle lhe escapa, êle a trai; êle é sua verdade mais íntima, mas é uma verdade vergonhosa e que ela esconde. E, no entanto, êle é também seu duplo maravilhoso; ela contempla-o com deslumbramento ao espelho; é promessa de felicidade, obra de arte, estátua viva; ela o modela, enfeita, exhibe. Quando se sorri ao espelho, ela esquece sua contingência carnal; no amplexo amoroso, na maternidade, a imagem aniquila-se. Mas, amiúde, sonhando consigo mesma, ela se espanta com ser ao mesmo tempo essa heroína e essa carne.

A Natureza oferece-lhe simetricamente uma dupla face: ela trata da sopa e incita às efusões místicas. Tornando-se dona de casa mãe, a mulher renuncia a suas livres escapadas por prados bosques, prefere cultivar calmamente sua horta, domestica flores coloca-as em vasos; entretanto, exalta-se ainda diante dos luares e dos crepúsculos. Na fauna e na flora terrestres, ela vê antes de tudo alimentos, ornatos; no entanto, nelas circula uma seiva que é generosidade e magia. A Vida não é apenas imanência e repetição: tem também uma deslumbrante face de luz; nos prados em flor ela se revela como Beleza. Ligada à Natureza pela fertilidade de seu ventre, a mulher sente-se igualmente varrida pelo sopro que a anima e que é espírito. E na medida em que permanecer insatisfeita, em que se sentir como a jovem irrealizada, ilimitada, sua alma também se engolfará pelas estradas indefinidamente desenroladas em direção a horizontes ilimitados. Escravizada ao marido, aos filhos, ao lar, com embriaguez é que se encontrará sozinha, soberana, no flanco das colinas; não é mais esposa, mãe, dona de casa, e sim um ser humano; contempla o mundo passivo; lembra-se de que é toda uma consciência, uma irreduzível liberdade. No mistério da água, na vertigem das alturas, a supremacia do homem fica abolida; quando anda através das urzes, quando mergulha a mão no regato, não vive para outrem, vive para si. A mulher que manteve sua independência através de todas as suas servidões, amará ardentemente na Natureza sua própria liberdade. As outras nessa Natureza encontrarão somente um pretexto para êxtases distintos; hesitarão ao crepúsculo ante o receio de pegar um resfriado e o gozo intenso da alma.

Essa dupla dependência do mundo carnal e do mundo "poético" define a metafísica, a sabedoria a que adere mais ou menos explicitamente a mulher; ela se esforça por confundir vida e transcendência; isso equivale a dizer que recusa o cartesianismo e todas as doutrinas que a êle se aparentam; encontra-se à vontade em um naturalismo análogo ao dos estoicos ou dos neoplatônicos do século XVI: não é de espantar que as mulheres, com Margarida de Navarra à frente, se tenham apegado a uma filosofia ao mesmo tempo tão material e tão espiritual. Socialmente maniqueísta, a mulher tem profunda necessidade de ser ontologicamente otimista: as morais da ação não lhe convém porque lhe é proibido agir; ela suporta o dado, cumpre, portanto, que o dado seja o Bem; mas um Bemque como o de

Espinosa se reconhece pela razão, ou como o de Leibniz pelo

cálculo, não a pode impressionar. Ela reclama um Bem que seja uma Harmonia viva e no seio do qual ela se situa pelo único fato de viver. A noção de harmonia é uma das chaves do universo feminino: implica a perfeição na imobilidade, a justificação imediata de cada elemento a partir do todo e sua participação passiva na totalidade. Em um mundo harmônico, a mulher atinge, assim, o que o homem procurará na ação: age sobre o mundo, é por êle exigida, coopera para o triunfo do Bem. Os momentos que as mulheres consideram como revelações são aqueles em que descobrem seu acordo com uma realidade repousando em paz sobre si mesma: são os momentos de luminosa felicidade que V. Woolf — em *Mrs. Dalloway*, em *Passeio ao Farol* — que K. Mansfield, em toda a sua obra, concedem a suas heroínas como uma recompensa suprema. A alegria, que é um movimento, um impulso de liberdade, está reservada ao homem; o que a mulher conhece é uma impressão de sorridente plenitude¹. Compreende-se que a simples ataraxia possa assumir a seus olhos um grande valor, porquanto ela vive normalmente na tensão da recusa, da recriminação, da reivindicação; e não se pode censurá-la por apreciar uma bela tarde ou a doçura de uma noite. Mas é uma ilusão buscar nisso a definição verdadeira da alma recôndita do mundo. O Bem *não é*; o mundo não é harmonia e nenhum indivíduo tem nele um lugar necessário.

Há uma justificação, uma compensação suprema que a sociedade sempre se esforçou por dispensar à mulher: a religião. É preciso uma religião para as mulheres, como é preciso uma para o povo, e exatamente pelas mesmas razões: quando condenam um sexo, uma classe à imanência, é necessário oferecer-lhe a miragem de uma transcendência. O homem tem toda vantagem em fazer endossar por Deus os códigos que fabrica: e, par-

(¹) Entre um punhado de textos, citarei estas linhas de Mabel Dodge, em que a passavam a uma visão global do mundo não se acha explícita mas é claramente sugerida. "Era um dia calmo de outono, todo ouro e púrpura, Frieda e eu escolhíamos frutas e estávamos sentadas no chão, com as maçãs vermelhas empilhadas ao redor de nós. Tínhamos parado um momento. O sol e a terra fecunda aqueciam-nos e perfumavam-nos e as maçãs eram sinais vivos de plenitude, de paz e abundância. A terra transbordava uma seiva que nos escorria nas veias e sentíamos-nos alegres, indomáveis e carregadas de riquezas! como vergéis. Por um minuto estávamos unidas nesse sentimento que as mulheres têm por vezes de ser perfeitas, de se bastar inteiramente a si mesmas, e que provinha de nossa saúde rica e feliz."

ticamente, como exerce sobre a mulher uma autoridade soberana é útil que esta lhe seja conferida pelo ser soberano. Entre os judeus, os maometanos, os cristãos, entre outros, o homem é senhor por direito divino: o temor a Deus abafará no oprimido toda veleidade de revolta. Pode-se apostar em sua credulidade. A mulher adota em face do universo masculino uma atitude de respeito e de fé; Deus em seu céu aparece-lhe menos longínquo do que um ministro e o mistério da gênese nivela-se ao das usinas elétricas. Mas se se entrega assim de bom grado à religião, é principalmente porque esta vem satisfazer uma necessidade profunda. Na civilização moderna, que dá certo valor — mesmo quando se trata da mulher — à liberdade, a religião apresenta-se muito menos como um instrumento de constrangimento do que como um instrumento de mistificação. O que se pede à mulher é menos que aceite sua inferioridade em nome de Deus do que acredite ser, graças a êle, igual ao macho suserano. Suprime-se a própria tentação de uma revolta que pretende vencer a injustiça. A mulher não é mais frustrada de sua transcendência porque vai destinar sua imanência a Deus; é somente no céu que se medem os méritos das almas segundo suas realizações terrestres; aqui só há, na expressão de Dostoiewski, ocupações: engraxar sapatos ou construir uma ponte, tudo é igualmente vaidade; para além das discriminações sociais, a igualdade dos sexos é restabelecida. Eis por que a menina e a adolescente mergulham na devoção com um fervor muito maior do que o de seus irmãos; o olhar de Deus, que transcende sua transcendência humilha o menino: permanecerá sempre uma criança sob essa tutela poderosa, é uma castração mais radical do que aquela a que se sente ameaçado pela existência do pai. | Ao passo que a "eterna criança" encontra sua salvação nesse olhar que a metamorfoseia em uma irmã dos anjos; anula o privilégio do pênis. Uma fé sincera auxilia muito a menina a evitar todo complexo de inferioridade: ela não é macho nem fêmea e sim uma criatura de Deus. Eis por que encontramos em muitas grandes santas uma firmeza bem viril: Santa Brígida, Santa Catarina de Siena pretendiam arrogantemente reger o mundo, não reconheciam nenhuma autoridade masculina: Catarina dirigia mesmo com dureza seus diretores; Joana d'Arc, Santa Teresa seguiam seu caminho com uma intrepidez que nenhum homem superou. A Igreja cuida de que Deus nunca autorize as mulheres a se subtraírem à tutela dos homens; colocou exclusivamente em mãos masculinas estas armas terríveis: recusa de absolvição, excomu-

não; obstinada em suas visões, Joana d'Arc foi queimada. Entretanto, embora submetida à lei dos homens pela própria vontade de Deus, a mulher encontra nele um sólido recurso contra eles. A lógica masculina é contestada pelos mistérios; o orgulho dos homens torna-se um pecado, sua agitação é não somente absurda mas culpada: por que refazer, remodelar este mundo que Deus criou? A passividade a que a mulher é votada é santificada. Debulhando o rosário junto à lareira, sente-se ela mais próxima do céu do que o marido, que participa de comícios políticos. Não é preciso *fazer* nada para salvar a alma, basta *viver* sem desobedecer. Consuma-se a síntese da vida e do espírito: a mãe não engendra apenas uma carne, dá a Deus uma alma; é uma obra mais elevada do que descobrir os segredos fúteis do átomo. Com a cumplicidade do pai celeste, a mulher pode reivindicar altivamente a glória de sua feminilidade.

Não somente Deus restabelece, assim, o sexo feminino em geral em sua dignidade, como ainda cada mulher desta maneira encontra na celeste ausência um apoio singular; enquanto pessoa humana, ela não pesa muito; mas, desde que age em nome de uma inspiração divina, suas vontades tornam-se sagradas. Mme Guyon diz que aprendeu, a propósito da doença de uma religiosa, "o que era comandar pelo Verbo e obedecer pelo mesmo Verbo"; assim a devota mascara de obediência humilde sua autoridade; educando os filhos, dirigindo um convento, organizando uma obra, é apenas um instrumento dócil em mãos sobrenaturais; não se pode desobedecer-lhe sem ofender a Deus. Por certo os homens não desdenham tampouco um tal apoio; mas este não é muito sólido quando enfrentam semelhantes que o podem também reivindicar: o conflito resolve-se finalmente num plano humano. A mulher invoca a vontade divina para justificar absolutamente sua autoridade aos olhos dos que já lhe são naturalmente subordinados, para justificá-la aos próprios olhos. Se essa cooperação lhe é tão útil é porque ela se ocupa principalmente de suas relações consigo mesma — ainda que essas relações interessem a outrem: é somente nesses debates interiores que o silêncio supremo pode ter força de lei. Em verdade, a mulher vale-se da religião como pretexto para satisfazer seus desejos. Fria, masoquista, sádica, santifica-se renunciando à carne, fazendo-se de vítima, abafando em si qualquer impulso vital; mutilando-se, aniquilando-se, sobe na hierarquia dos eleitos; quando martiriza marido e filhos, privando-os de toda felicidade terrestre, prepara-lhes um lugar especial no paraíso; Margarida de Cortona "para se

punir de ter pecado", dizem-no seus dois biógrafos, maltrata o filho de seu erro: só lhe dava comida depois de ter alimentado todos os mendigos; o ódio do filho não desejado é, como vimos, freqüente: é uma dádiva poder entregar-se a êle com um ardor virtuoso. Por seu lado, uma mulher de moral pouco rigorosa arranja-se comodamente com Deus; a certeza de ser um dia redimida do pecado pela absolvição ajuda muitas vezes a mulher piedosa a vencer seus escrúpulos. Que tenha escolhido o ascetismo ou a sensualidade, o orgulho ou a humildade, a preocupação que tem de sua salvação encoraja-a a entregar-se a esse prazer que sobrepõe a todos: ocupar-se de si; escuta os movimentos do coração, espia os frêmitos de sua carne, justificada pela presença nela da graça, como a mulher grávida pela de seu fruto. Não somente se examina com terna vigilância, como ainda revela-se a seu confessor; em tempos idos podia mesmo gozar a embriaguez das confissões públicas. Contam-nos que Margarida de Cortona, *para se punir de um impulso de vaidade*, subiu ao terraço de sua casa e pôs-se a dar berros como uma parturiente: "Levantai-vos, habitantes de Cortona, levantai-vos com círios e lanternas e saí para ouvirdes a pecadora!" Enumerava todos os seus pecados clamando sua miséria aos céus. Com essa ruidosa humildade, satisfazia essa necessidade de exibicionismo de que se encontram tantos exemplos nas mulheres narcisistas. A religião autoriza na mulher a complacência para consigo mesma; dá-lhe o guia, o pai, o amante, a divindade tutelar de que ela tem nostálgica necessidade, alimenta-lhe os devaneios, ocupa-lhe as horas vazias. Mas, principalmente, confirma a ordem do mundo, justifica a resignação dando a esperança de um futuro melhor em um céu assexuado. Eis por que as mulheres são ainda hoje um trunfo tão poderoso nas mãos da Igreja; eis por que a Igreja é tão hostil a qualquer medida suscetível de facilitar a emancipação da mulher. É preciso uma religião para as mulheres: é preciso mulheres, "mulheres de verdade" para perpetuarem a religião.

Vê-se que o conjunto do "caráter" da mulher — convicções, valores, sabedoria, moral, gostos e condutas — se explica pela sua situação. O fato de sua transcendência lhe ser recusada, interdita-lhe normalmente o acesso às mais elevadas atitudes humanas: heroísmo, revolta, desprendimento, invenção, criação; mas, mesmo entre os homens, elas não são tão comuns. Há muitos homens que, como a mulher, se confinam no terreno do interdiário, do meio inessencial; o operário evade-se pela ação polí-

tica, exprimindo uma vontade revolucionária, mas os homens das classes que precisamente chamamos "classes médias" instalam-se deliberadamente nesse meio inessencial; destinados como a mulher à repetição das tarefas quotidianas, alienados em valores convencionais, respeitosos da opinião e procurando apenas um vago conforto na terra, o empregado, o comerciante, o burocrata, não detêm nenhuma superioridade sobre suas companheiras; cozinhando, lavando, dirigindo a casa, educando os filhos, ela, a companheira, manifesta mais iniciativa e independência do que o homem escravizado a palavras de ordem; êle deve obedecer o dia inteiro a seus superiores, usar colarinho e afirmar sua posição social; ela pode arrastar-se de roupão pelo apartamento, cantar, rir com as vizinhas; age como bem entende, corre pequenos riscos, procura alcançar eficientemente certos resultados. Vive muito menos do que o marido dentro de convenções e de aparência. O universo burocrático que Kafka — entre outras coisas — descreveu, esse universo de cerimônias, de gestos absurdos, de condutas sem objetivo, é essencialmente masculino; ela está muito mais em contato com a realidade. Quando acaba de alinhar cifras ou de converter latas de sardinha em dinheiro, só aprendeu abstrações; a criança alimentada no berço, a roupa limpa, o assado são bens mais tangíveis; entretanto, como na perseguição concreta desses fins ela experimenta a contingência deles — e correlativamente sua própria contingência — ocorre muitas vezes que não se aliene neles; permanece disponível. As empresas do homem são a um tempo projetos e fugas: êle se deixa devorar pela carreira, pela sua personagem; é amiúde importante, sério; contestando a lógica e a moral masculinas, ela não cai nessas armadilhas: é o que Stendhal tanto apreciava nela; não elide no orgulho a ambigüidade de sua condição; não se esconde atrás da máscara da dignidade humana; descobre com mais sinceridade seus pensamentos indisciplinados, suas emoções, suas reações espontâneas. Eis por que sua conversa é muito menos tediosa do que a do marido, desde que fale em seu próprio nome e não como leal metade de seu senhor. Êle enuncia idéias ditas gerais, isto é, palavras, fórmulas que se encontram nas colunas de seu jornal ou em obras especializadas; ela oferece uma experiência limitada mas concreta. A famosa "sensibilidade feminina" participa um pouco do mito, um pouco da comédia; mas o fato é, também, que a mulher se mostra mais atenta do que o homem a si mesma e ao mundo. Sexualmente, vive num clima masculino, que é áspero: tem como compensação

o gosto das "coisas bonitas", o que pode engendrar certo pieguismo mas igualmente delicadeza. Como seu domínio é limitado, os objetos que alcança parecem-lhe preciosos: não os encerrando em conceitos, nem em projetos, desvenda-lhes as riquezas; seu desejo de evasão exprime-se em seu gosto pela festa; encanta-se com a gratuidade de um ramallete de flores, de um bolo, de uma mesa bem posta; compraz-se em transformar o vazio de seus lazes em uma oferta generosa; amando os risos, as canções, os enfeites, os bibelôs, está disposta a acolher tudo o que palpita ao redor dela: o espetáculo da rua, o do céu, um convite, um passeio abrem-lhe novos horizontes. O homem, muitas vezes, recusa-se a participar desses prazeres; quando volta para casa as vozes alegres calam-se, as mulheres da família exibem o ar aborrecido e decente que êle espera delas. Do seio da solidão, da separação, a mulher tira o sentido da singularidade de sua vida: tem do passado, da morte, do correr do tempo, uma experiência mais íntima que o homem; interessa-se pelas aventuras de seu coração, de sua carne, de seu espírito, porque sabe que não tem na terra outro quinhão; e também, por ser passiva, sofre a realidade que a submerge de maneira mais apaixonada, mais patética do que o indivíduo absorvido por uma ambição, por um ofício; tem o lazer e o gosto de se entregar a suas emoções, de estudar suas sensações e entender-lhes o sentido. Quando sua imaginação não se perde em devaneios vãos, torna-se simpatia: ela procura compreender os outros em sua singularidade e recriá-los em si; é capaz de uma verdadeira identificação com o marido ou com o amante: faz seus os projetos e as preocupações dele, de uma maneira que êle não poderia imitar. Presta uma atenção ansiosa ao mundo inteiro, que se lhe apresenta como um enigma: cada ser, cada objeto pode ser uma resposta; ela interroga avidamente. Quando envelhece, sua espera desiludida converte-se em ironia e num cinismo amiúde saboroso; recusa as mistificações masculinas, vê o inverso contingente, absurdo, gratuito do imponente edifício construído pelos homens. Sua dependência proíbe-lhe o desprendimento; mas ela haure, por vezes, da dedicação que lhe é imposta, uma verdadeira generosidade; esquece-se em favor do marido, do amante, do filho, deixa de pensar em si, é toda oferta, dom. Sendo mal adaptada à sociedade dos homens, e freqüentemente obrigada a inventar ela própria suas condutas; pode contentar-se menos com receitas, com clichês; se tem boa vontade, há nela uma inquietação mais próxima da autenticidade do que a segurança importante do esposo.

Mas ela só terá esses privilégios sobre o homem sob a condição de rechaçar as mistificações que êle lhe propõe. Nas classes superiores, as mulheres fazem-se ardentemente cúmplices de seus senhores porque desejam aproveitar-se dos benefícios que eles lhes asseguram. Vimos que as grandes burguesas, as aristocratas sempre defenderam seus interesses de classe mais obstinadamente ainda do que seus maridos: não hesitam em sacrificar a esses interesses sua autonomia de ser humano; abafam em si todo pensamento, todo juízo crítico, todo impulso espontâneo; repetem como papagaios as opiniões aceitas, confundem-se com o ideal que o código masculino lhes impõe; em seu coração, em seu rosto mesmo, toda sinceridade morre. A dona de casa reencontra uma independência em seu trabalho, no cuidado dos filhos; tira disto uma experiência limitada mas concreta: a que se "serve" não tem mais nenhum domínio sobre o mundo; vive no sonho e na abstração, no vazio. Ela ignora o alcance das idéias que proclama; as palavras que enuncia perderam em sua boca qualquer sentido; o financista, o industrial, até o general, por vezes, assumem fadigas, preocupações, riscos; compram seus privilégios mediante operações injustas, mas pelo menos se expõem; suas mulheres, em troca de tudo o que recebem, não dão nada, não fazem nada; e acreditam com uma fé tanto mais cega em seus direitos imprescritíveis. Sua arrogância vã, sua incapacidade radical, sua ignorância obstinada fazem delas os seres mais inúteis, mais nulos que produziu a espécie humana.

É pois tão absurdo falar da "mulher" em geral como do "homem" eterno. E compreende-se por que todas as comparações com que se esforçam por decidir se a mulher é superior, inferior ou igual ao homem são inúteis: as situações são profundamente diferentes. Confrontando-se tais situações, faz-se evidente que a do homem é infinitamente preferível, isto é, êle tem muito mais possibilidades concretas de projetar sua liberdade no mundo; disso resulta necessariamente que as realizações masculinas são de longe mais importantes que as das mulheres; a estas é quase proibido *fazer* alguma coisa. Entretanto, confrontar o uso que em seus limites os homens e as mulheres fazem de sua liberdade é *a priori* uma tentativa desprovida de sentido, posto que, precisamente, eles a empregam livremente. Sob formas diversas, as armadilhas da má-fé, as mistificações da seriedade ameaçam-nos a uns como a outros; a liberdade se encontra inteira em cada um. Somente como permanece abstrata e vazia na mulher, esta só poderia assumir-se autenticamente na re-

volta: é o único caminho aberto aos que não têm a possibilidade de construir o que quer que seja; cumpre-lhes recusar os limites de sua situação e procurar abrir para si os caminhos do futuro; a resignação não passa de uma demissão e de uma fuga; não há, para a mulher, outra saída senão a de trabalhar pela sua libertação.

Essa libertação só pode ser coletiva e exige, antes de tudo, que se acabe a evolução econômica da condição feminina. Entretanto, houve, há ainda, numerosas mulheres que buscam solitariamente realizar sua salvação individual. Tentam justificar sua existência no seio de sua imanência, isto é, realizar a transcendência na imanência. É este último esforço — por vezes ridículo, por vezes patético — da mulher encarcerada para converter sua prisão em um céu de glória, sua servidão em liberdade soberana, que encontramos na narcisista, na amorosa, na mística.

TERCEIRA PARTE

JUSTIFICAÇÕES

CAPÍTULO I

A NARCISISTA

PRETENDEU-SE, por vezes, que o narcisismo era a atitude fundamental de toda mulher (cf. Helen Deutsch, *Psychology of Women*); mas em estendendo abusivamente essa noção destroem-na, como La Rochefoucauld arruinou a de egoísmo. Na realidade, o narcisismo é um processo de alienação bem definido: o eu é posto como um fim absoluto e o sujeito nele foge de si. Muitas outras atitudes — autênticas ou inautênticas — se encontram na mulher: já estudamos algumas. A verdade é que as circunstâncias convidam a mulher, mais do que o homem, a voltar-se para si mesma e a dedicar-se a seu amor.

Todo amor reclama a dualidade de um sujeito e de um objeto. A mulher é levada ao narcisismo por dois caminhos convergentes. Como sujeito, ela se sente frustrada; em menina viu-se privada desse *alter ego* que o pênis é para o menino; mais tarde sua sexualidade agressiva permaneceu insatisfeita. E, o que é muito mais importante, as atividades viris lhe são proibidas. Ela se ocupa, mas não *faz nada*; através de suas funções de mãe, esposa, dona de casa, não é reconhecida em sua singularidade. A verdade do homem está nas casas que constrói, nas florestas que arroteia, nas doenças que cura: não podendo realizar-se através de projetos e objetivos, a mulher se esforçará por se apreender na imanência de sua pessoa. Parodiando palavras de Sieyès, Maria Bashkirtseff escrevia: "Que sou eu? Nada. Que gostaria de ser? Tudo". É porque nada são que

numerosas mulheres limitam ferozmente seus interesses unicamente a seu eu, que hipertrofiam de maneira a confundi-lo com tudo. "Sou minha heroína", dizia ainda Maria Bashkirtseff. Um homem que age confronta-se necessariamente. Ineficiente, separada, a mulher não pode situar-se nem tomar sua própria medida; dá a si mesma uma importância soberana porque nenhum objeto importante lhe é acessível.

Se assim pode propor-se a seus próprios desejos, é porque desde a infância se apresentou a si mesma como um objeto. Sua educação encorajou-a a alienar-se em todo seu corpo, a puberdade revelou-lhe esse corpo como passivo e admirável; é uma coisa para a qual pode voltar as mãos, que o cetim comove, o veludo, e que ela pode contemplar com um olhar de amante. No prazer solitário, a mulher pode desdobrar-se em um sujeito macho e um objeto fêmeo; assim Irene, cujo caso Dalbiex estudou¹, dizia: "Vou me amar", ou mais apaixonadamente: "Vou me possuir", ou em um paroxismo: "Vou me fecundar". Maria Bashkirtseff é também sujeito e objeto ao mesmo tempo quando escreve: "É pena entretanto que ninguém me veja os braços e o torso, todo esse frescor e toda essa juventude".

Em verdade, não é possível ser *para si* positivamente *outro* e apreender-se à luz da consciência como objeto. O desdobramento é tão somente sonhado. É a boneca que materializa esse sonho na criança; ela se reconhece nesta mais concretamente do que em seu próprio corpo, porque há separação de uma a outra. Essa necessidade de ser dois para estabelecer um diálogo entre si e si. Mme de Noailles o exprimiu, entre outros, no *Livre de ma vie*.

Gostava das bonecas, introduzia em sua imobilidade a animação de minha própria existência; não teria dormido sob o calor de uma coberta sem que elas estivessem também envolvidas de lã e pluma... Sonhava com experimentar realmente a pura solidão desdobrada... Essa necessidade de permanecer intata, de ser duas vezes eu mesma, sentia-a com avidez desde a minha mais remota infância... Ah! como desejei, nos instantes trágicos em que minha doçura sonhadora era o brinquedo das injuriosas lágrimas, ter a meu lado uma outra pequena Anna que poria os braços em volta de meu pescoço, que me consolaria,

(¹) *La Psychanalyse*. Em sua infância, Irene gostava de urinar como os meninos; via-se muitas vezes em sonho sob a forma de ondina, o que confirma as idéias de Havelock Ellis acerca da relação entre o narcisismo e o que chama "ondinismo", isto é, certo erotismo urinário.

me compreenderia. .. No decorrer de minha vida, encontrei-a em meu coração e a retive com força; ela me socorreu não sob a forma do consolo que esperava, mas sob a forma da coragem.

A adolescente deixa que suas bonecas durmam. Mas, ao longo de sua vida, a mulher será fortemente ajudada em seu esforço para se abandonar e se retomar na magia do espelho, Rank pôs em evidência a relação entre o espelho e o duplo nos mitos e nos sonhos. É principalmente no caso da mulher que o reflexo se deixa assimilar ao eu. A beleza masculina é indicação da transcendência, a da mulher tem a passividade da imanência: só a segunda é feita para deter o olhar e pode portanto ser pegada na armadilha de aço do espelho; o homem que se sente e se quer como atividade, subjetividade, não se reconhece em sua imagem parada; ela não tem grande atração para êle, porquanto o corpo do homem não se apresenta a êle como objeto de desejo; ao passo que a mulher sabendo-se, fazendo-se objeto, acredita realmente ver-se no espelho: passivo e dado, o reflexo é, como ela própria, uma coisa; e como deseja a carne feminina, sua carne, ela anima com sua admiração, seu desejo, as virtudes inertes que percebe. Mme de Noailles, que se conhecia, confia-nos:

Era menos vaidosa dos dons do espírito, tão vigorosos em mim que não os punha em dúvida, do que da imagem refletida por um espelho amiudadamente consultado... Só o prazer físico contenta plenamente a alma.

As palavras "prazer físico" são aqui vagas e impróprias. O que contenta a alma — enquanto o espírito tem que se provar — é que o rosto contemplado está presente, hoje, dado, indubitável. Todo o futuro se concentra nessa faixa de luz cujo quadro transforma em um universo; fora desses estreitos limites, as coisas são apenas um caos desordenado; o mundo reduz-se a esse pedaço de vidro em que resplende uma imagem: a Única. Cada mulher, envolvida em seu reflexo, reina sobre o espaço e o tempo, sozinha, soberana; tem todos os direitos sobre os homens, sobre a fortuna, a glória, a volúpia. Maria Bashkirtseff estava tão embriagada com sua beleza que queria fixá-la em um mármore imperecível; ela própria é que se teria destinado assim à imortalidade:

Ao voltar, dispo-me, ponho-me nua e fico impressionada com a beleza de meu corpo, como se nunca o tivesse visto. É preciso fazer minha estátua, mas como? Sem me casar é quase impossível. E é

absolutamente necessário, só poderei enfear, estragar-me. . . Preciso arranjar um marido, ainda que seja somente para mandar fazer minha estátua. . .

Cécile Sorel, preparando-se para um encontro amoroso, assim se descreve:

Estou diante de meu espelho. Gostaria de ser mais bela. Deba-to-me com minha crina de leoa. Faíscas desprendem-se de meu pente. Minha cabeça é um sol no meio de meus cabelos erguidos como raios de ouro.

Lembro-me também de uma jovem mulher, que vi certa manhã no *toilette* de um café; segurava uma rosa na mão e também parecia estar um pouco embriagada; aproximava os lábios do espelho como que para beber a imagem e murmurava sorrindo: "Adorável, acho-me adorável". A um tempo sacerdotisa e ídolo, a narcisista flutua aureolada de glória no coração da eternidade e de outro lado das nuvens; criaturas ajoelhadas adoram-na: é Deus contemplando-se a si próprio. "Eu me amo, sou o meu Deus!", dizia Mme Mejerowsky. Tornar-se deus é realizar a impossível síntese do em-si e o para-si: os momentos em que o indivíduo imagina tê-lo conseguido são para êle momentos privilegiados de alegria, de exaltação, de plenitude. Com 19 anos, Roussel, um dia, numa granja, sentiu em volta da cabeça a aura da glória; nunca se curou. A moça que viu no fundo do espelho a beleza, o desejo, o amor, a felicidade, em seus próprios traços — animados, crê, pela sua própria consciência — tentará durante toda a vida cobrar as promessas dessa deslumbrante revelação. "És tu quem amo", confiará um dia Maria Bashkirtseff a seu reflexo. Escreve de outra feita: "Amo-me tanto, torno-me tão feliz que me senti como louca, ao jantar". Mesmo se não é de uma beleza perfeita, a mulher verá transparecerem em seu rosto as riquezas singulares de sua alma e isto bastará para sua embriaguez. No romance em que se pintou sob os traços de Valéria, Mme Krüdener assim se descreve:

Ela tem algo particular que ainda não vi em nenhuma mulher. Pode-se ter a mesma graça, muito mais beleza e estar longe dela. Não a admiram talvez, mas ela tem qualquer coisa de ideal e de encantador que obriga a se interessarem por ela. Dir-se-ia, vendo-a tão delicada, esbelta, que é um pensamento.

É um erro espantar-se com o fato de que mesmo as deserdadas possam por vezes conhecer o êxtase do espelho: comovem-se simplesmente com ser uma coisa de carne, presente; como o ho-

mem, basta para espantá-las a pura generosidade de uma jovem carne feminina; e desde que se apreendem como sujeito singular, com um pouco de má-fé, dotarão também de encanto singular suas qualidades específicas; descobrirão em seu rosto ou em seu corpo algum traço gracioso, raro, picante; acreditar-se-ão belas pelo simples fato de se sentirem mulheres.

Demais, o espelho, embora privilegiado, não é o único instrumento de desdobramento. No diálogo interior, todos podem tentar criar um irmão gêmeo. Estando só grande parte do dia, aborrecendo-se com tarefas caseiras, a mulher tem o lazer de modelar, em sonho, sua própria imagem. Moça, ela sonhava com o futuro; encerrada em seu presente indefinido, ela conta sua história; retoca-a de maneira a introduzir nela uma ordem estética, transformando, desde antes da morte, sua vida contingente em um destino.

Sabe-se quanto as mulheres se apegam a suas recordações de infância; testemunha-o a literatura feminina; a infância em geral só ocupa um lugar secundário nas autobiografias masculinas; as mulheres, ao contrário, restringem-se muitas vezes à narrativa de seus primeiros anos; estes constituem a matéria privilegiada de seus romances, seus contos. Uma mulher que se conta a uma amiga, a um amante, começa quase todas as suas histórias com estas palavras: "Quando eu era menina..." Guardam uma nostalgia desse período. É porque sentiam então sobre a cabeça a mão bondosa e imponente do pai, embora apreciando as alegrias da independência; protegidas e justificadas pelos adultos, eram indivíduos autônomos, diante dos quais um futuro livre se abria; ao passo que agora estão perfeitamente defendidas pelo casamento e o amor e se tornaram servas ou objetos, engaioladas no presente. Reinavam sobre o mundo, conquistavam-no dia após dia; e ei-las separadas do universo voladas à imanência e à repetição. Sentem-se diminuídas. Mas sofrem mais é por se acharem abismadas na generalidade: uma esposa, uma mãe, uma dona de casa, uma mulher entre milhares de outras; em criança, ao contrário, cada uma viveu sua condição de maneira singular; ignorava as analogias existentes entre o seu aprendizado do mundo e o de suas amigas; pelos seus pais, seus professores, suas amigas, era ela reconhecida em sua individualidade, acreditava-se incomparável a qualquer outra, com possibilidades únicas. Volta-se para essa irmã jovem cuja liberdade, de cujas exigências e soberania abdicou e que traiu, mais ou menos, A mulher que se tornou tem saudade do ser humano que foi; tenta

reencontrar no fundo de si a criança morta. "Menina", esta palavra comove-a; mais ainda: "estranha menina", que ressuscitam a originalidade perdida.

Ela não se restringe a maravilhar-se de longe com essa infância tão rara: tenta reavivá-la em si. Busca convencer-se de que seus gestos, suas idéias, seus sentimentos conservaram um insólito frescor. Perplexa, interrogando o vácuo, enquanto brinca com um colar ou mexe num anel, murmura: "Engraçado... eu, assim é que sou... Imagine, a água me fascina... Oh! adoro o campo". Cada preferência parece uma excentricidade, cada opinião um desafio ao mundo. Dorothy Parker mostra de maneira muito viva esse traço tão comum. Assim descreve Mrs. Welton:

Gostava de se imaginar como uma mulher que não podia ser feliz sem se cercar de flores desabrochadas... Confessava às pessoas com pequenos sobressaltos confidenciais quanto amava as flores. Havia quase um tom de desculpa nessa pequena confissão, como se pedisse a seus auditores que não julgassem seu gosto demasiado insólito. Parecia esperar que seu interlocutor caísse de costas, tomado de espanto e exclamando: "Não, realmente! A que ponto chegamos!" De vez em quando confessava outras predileções miúdas; sempre com um pouco de perplexidade, como se na sua delicadeza se sentisse naturalmente chocada com pôr a nu o coração, dizia quanto gostava da côr, do campo, das distrações, de uma peça realmente interessante, de bonitos tecidos, de vestidos bem feitos, do sol. Mas era seu amor pelas flores que confessava o mais das vezes. Tinha a impressão de que este gosto mais do que qualquer outro a distinguia do comum dos mortais.

A mulher procura de bom grado confirmar essas análises por suas condutas; escolhe uma côr: "O verde é minha côr"; tem uma flor preferida, um perfume, um músico predileto, superstições, manias que trata com respeito; e não é preciso que seja bela para exprimir sua personalidade em suas toaletes ou em seu lar. O personagem que apresenta tem mais ou menos coerência e originalidade segundo sua inteligência, sua obstinação e a profundidade de sua alienação. Algumas misturam apenas ao acaso alguns traços esparsos embaralhados; outras criam sistematicamente uma figura, cujo papel representam com constância. Já dissemos que a mulher mal separa esse jogo da verdade. Em torno da heroína, a vida organiza-se num romance triste ou maravilhoso, sempre algo estranho. Por vezes é um romance que já foi escrito. Não sei quantas moças disseram ter-se reconhecido na Judy de *Poussière*; lembro-me de uma velha senhora muito feia que tinha por hábito dizer: "Leia o *Lys dans la Vallée*,

é minha história"; quando criança, eu olhava com estupor reverente esse lírio murcho. Outras mais vagamente murmuram: "Minha vida é um romance". Há uma estrela fasta ou nefasta sobre a fronte delas. "Essas coisas só acontecem a mim", dizem. Cécile Sorel escreve com essa ingenuidade que nunca abandona em suas memórias: Assim foi que fiz minha entrada no mundo. Meus primeiros amigos chamavam-se gênio e beleza". E no *Livre de ma vie*, documento fabuloso de narcisismo, Mme de Noailles escreve:

As governantas um dia desapareceram: a sorte tomou-lhes o lugar. Maltratou, tanto quanto acumulou de bondades, a criatura forte e fraca, manteve-a acima dos naufrágios onde ela apareceu assim como uma Ofélia combativa, salvando suas flores e cuja voz sempre se amplia mais. Pediu-lhe que esperasse, que fosse realmente exata esta última promessa: os gregos utilizam a morte.

Cumpra ainda citar como exemplo de literatura narcisista o trecho seguinte:

Da robusta menina que eu era, de membros delicados mas bem feitos, de faces rosadas, fiquei com este caráter físico mais frágil, mais nebuloso que fêz de mim uma adolescente patética a despeito da fonte de vida que pode jorrar de meu deserto, de minha fome, de minhas breves e misteriosas mortes tão estranhamente quanto do rochedo de Moisés. Não me vangloriarei de minha coragem, como teria o direito de fazê-lo. Assimilo-a a minhas forças, a minhas possibilidades. Poderia descrevê-la como se diz: tenho olhos verdes, cabelos pretos não pequena e forte...

E linhas adiante:

Hoje é-me permitido reconhecer que, sustentada pela alma e suas forças de harmonia, vivi ao som de minha voz...

Na falta de beleza, de brilho, de felicidade, a mulher escolherá uma personagem de vítima para si; obstinar-se-á em encarnar a *mater dolorosa*, a esposa incompreendida, será a seus próprios olhos "a mulher mais desgraçada do mundo". É o caso desta melancólica que Stekel descreve em *A Mulher Fria*:

Todos os anos, no Natal, Mme H. W., pálida, vestida de escuro, vem a minha casa para se queixar da sorte. É uma história triste que conta vertendo lágrimas. Uma vida falhada, lar infeliz,

Da primeira vez que veio, fiquei comovido até as lágrimas e prestes a chorar com ela... Entrementes, dois longos anos passaram e ela continua a habitar as ruínas de suas esperanças, chorando sua vida perdida. Sua fisionomia acusa os primeiros sintomas do declínio, o que

lhe dá mais uma razão de se queixar. "Em que estado me encontro, eu cuja beleza foi tão admirada!" Multiplica as queixas, acentua seu desespero, porque todos os amigos conhecem sua desgraçada sorte. Aborrece todo mundo com suas lamentações... Trata-se de mais uma oportunidade para ela de se sentir infeliz, solitária e incompreendida. Não havia mais saída para esse labirinto de dores... Essa mulher encontrava seu gozo nesse *papel trágico*. Embriagava-se literalmente com o pensamento de ser a mulher mais infeliz da terra. Todos os esforços para fazê-la tomar parte na vida ativa malograram.

Traço comum à pequena Mrs Welton, à soberba Mme de Noailles, à infortunada doente de Stekel, à multidão das mulheres marcadas por um destino excepcional, é o se sentirem incompreendidas; os que as cercam não reconhecem sua singularidade — ou não o fazem suficientemente; elas traduzem positivamente essa ignorância, essa indiferença dos outros pela idéia de que encerram em si um segredo. O fato é que muitas enterraram silenciosamente episódios de infância que tinham para elas grande importância; sabem que sua biografia oficial não se confunde com sua história verdadeira. Mas, principalmente por não se realizar na vida, a heroína amada pela narcisista não passa de uma coisa imaginária; sua unidade não lhe é conferida pelo mundo concreto; é um princípio escondido, uma espécie de "força", de "virtude" tão obscura quanto o flogístico; a mulher crê em sua presença, mas se a quisesse descobrir a outrem ficaria tão embaraçada como o psicastênico encarniçando-se em confessar crimes impalpáveis. Nos dois casos, o segredo reduz-se à convicção vazia de possuir no fundo de si uma chave que permite decifrar e justificar sentimentos e condutas. É sua abulia, sua inércia que dá aos psicastênicos essa ilusão; e é por não poder exprimir-se na ação quotidiana que a mulher também se acredita habitada por um mistério inexprimível: o famoso mito do mistério feminino encoraja-a a isso e vê-se, em compensação, confirmado.

Rica de seus tesouros desconhecidos, marcada por uma estrela fasta ou nefasta, a mulher toma a seus próprios olhos a necessidade dos heróis de tragédia que um destino governa. Toda sua vida se transfigura num drama sagrado. Sob o vestido escolhido com solenidade erguem-se a um tempo uma sacerdotisa envergando as vestes sacerdotais e um ídolo adornado por mãos fiéis e oferecido à adoração dos devotos. Sua casa torna-se o templo em que se realiza seu culto. Maria Bashkirtseff cuida tanto do quadro que instala ao redor de si, quanto de seus vestidos:

Junto da escrivaninha uma poltrona em estilo antigo, de maneira que, quando entram, basta-me imprimir um movimento a essa poltrona para me achar em face das pessoas... perto da escrivaninha pedantesca com os livros no fundo, entre quadros e plantas, e as pernas e os pés à vista, ao invés de ser cortada em dois como antes por essa madeira escura. Em cima do sofá, acham-se pendurados os dois pandolins e a guitarra. Colocai no meio de tudo isso uma moça loura e branca, de mãos muito pequenas e finas, e veias azuis.

Quando se pavoneia nos salões, quando se abandona nos braços do amante, a mulher cumpre sua missão: é Vênus distribuindo ao mundo os tesouros de sua beleza. Não era ela própria, era a Beleza que Cécile Sorel defendia, quando quebrou o vidro da caricatura de Bib; vê-se em suas memórias que, em todos os instantes de sua vida, convidou os mortais ao culto da arte. Assim também Isadora Duncan quando se descreve em *Minha Vida*:

Depois das representações, escreve, vestida com minha túnica e a cabeleira coroada de rosas, estava tão bonita! Por que não fazer que aproveitassem esse encanto? Por que um homem que trabalha durante o dia todo com o cérebro... não seria enlaçado por estes braços esplêndidos e não encontraria algum consolo para suas penas e algumas horas de beleza e esquecimento?

A generosidade da narcisista é-lhe aproveitável: mais do que nos espelhos é nos olhos admirativos de outrem que ela divisa seu duplo aureolado de glória. Na falta de um público complacente, abre o coração a um confessor, a um médico, a um psicanalista; vai consultar quiromantes, videntes. "Não é porque acredite nisso", dizia uma *starlet* aprendiz, "mas gosto tanto que falem de mim!"; ela conta-se às amigas; no amante, mais avidamente do que em qualquer outro, busca uma testemunha; a amorosa esquece depressa o seu eu; mas muitas mulheres são incapazes de um amor verdadeiro, precisamente porque não se esquecem nunca. À intimidade da alcova, preferem um palco mais vasto. Daí a importância que assume para elas a vida mundana: precisam de olhos para olharem-na, de ouvidos para ouvirem-na; à sua personagem é indispensável o mais amplo público possível. Descrevendo mais uma vez seu quarto, Maria Bashkirtseff deixa escapar esta confissão:

Desta maneira *estou no palco*, quando entram e me encontram escrevendo.

E adiante:

Estou decidida a criar para mim uma *encenação considerável*. Vou construir uma residência mais bela que a de Sarah e *ateliers* maiores...

Por sua vez Mme de Noailles escreve:

Amei e amo-a agora... Por isso mesmo pude muitas vezes tranquilizar os amigos que temiam importunar-me por causa do número dos convivas, com esta confissão sincera: não gosto de *representar diante de bancos vazios*.

A toalete, a conversa satisfazem em grande parte esse gosto feminino de exibição. Mas uma narcisista ambiciosa almeja exhibir-se de maneira mais rara e variada. Fazendo de sua vida uma peça oferecida aos aplausos do público, comprazer-se-á, particularmente, em subir de verdade ao palco. Mme de Staël contou longamente em *Corinne* como encantou as multidões italianas recitando poemas que acompanhava na harpa. Em Coppet, uma de suas distrações prediletas era declamar papéis trágicos; sob a figura de Phèdre, endereçava de bom grado aos jovens amantes, que fantasiava de Hippolyte, declarações ardentes. Mme Krüdenner especializava-se na dança do xale, que descreve em *Valéria*:

Valéria pediu o xale de musselina azul-escuro, afastou os cabelos da frente; pôs o xale na cabeça; caía ao longo das têmporas e dos ombros; a fronte desenhou-se à maneira antiga, os cabelos desapareceram, as pálpebras baixaram, o sorriso habitual dissipou-se pouco a pouco; a cabeça inclinou-se, o xale caiu molemente sobre os braços cruzados, sobre o seio, e essa vestimenta azul, esse semblante puro e meigo pareciam ter sidos desenhados por Corregio para exprimir a resignação serena; e quando os olhos se ergueram, quando os lábios esboçavam um sorriso, teve-se a impressão de ver como Shakespeare a pintou, a Paciência sorrindo para a Dor, junto de um monumento... É Valéria que cumpre ver. Ela, que é tímida, nobre, profundamente sensível, perturba, arrasta, comove, arranca lágrimas ao mesmo tempo, e faz o coração palpitar como palpita quando dominado por uma grande ascendência; ela é que possui essa graça encantadora que não se pode aprender, mas que a natureza revelou em segredo a alguns seres superiores.

Permitindo-lhe as circunstâncias, nada dará uma satisfação mais profunda à narcisista do que se consagrar publicamente ao teatro:

O teatro, diz Georgette Leblanc, dava-me o que nele sempre procurava: um motivo de exaltação. Hoje êle se me afigura uma *caricatura da ação*; algo indispensável aos temperamentos excessivos.

A expressão de que se serve é impressionante: não agindo, a mulher inventa sucedâneos para a ação; o teatro representa para algumas um *ersatz* privilegiado. A artista pode, de resto, visar a fins muito diferentes. Para algumas, representar é um meio

de ganhar a vida, uma simples profissão; para outras é o acesso à fama, a ser explorada para fins galantes; para outras, ainda, o triunfo de seu narcisismo; as maiores — Rachel, a Duse — são artistas autênticas que se transcendem no papel que criam; a cabotina, ao contrário, não se preocupa com o que realiza e sim com a glória que disso lhe advém; procura antes de tudo valorizar-se. Uma narcisista obstinada será limitada em arte, como no amor, por não saber dar-se.

Esse defeito far-se-á sentir gravemente em todas as suas atividades. Ela será tentada por todos os caminhos que podem conduzi-la à glória; mas nunca seguirá nenhum sem reserva. Pintura, escultura, literatura são disciplinas que reclamam severo aprendizado e exigem um trabalho solitário; muitas mulheres as tentam, mas logo renunciam, se não são incentivadas por um desejo positivo de criação; muitas também das que perseveram não fazem senão fingir que trabalham, representam. Maria Bashkirtseff, tão ávida de glória, passava horas diante do cavalete, mas amava-se a si mesma demais para gostar realmente de pintar. Confessa-o, ela própria, após anos de despeito: "Sim, não me esforço por pintar, observei-me hoje, *trapaceio*..." Quando uma mulher vence, como Mme de Staël, Mme de Noailles, consegue construir uma obra, é porque não está exclusivamente absorvida pelo culto que se rende: mas uma das taras que pesam sobre numerosas escritoras é a complacência para consigo mesmas, que prejudica sua sinceridade, que as limita e as diminui.

Muitas mulheres, imbuídas de sentimento de sua superioridade, não são entretanto capazes de manifestá-la aos olhos do mundo; sua ambição será então utilizar, como instrumento, um homem a quem convencerão dos méritos delas; não visam a valores singulares através de livres projetos; querem anexar valores feitos ao seu eu; voltar-se-ão portanto para os que detêm influência e glória, na esperança de se identificar com eles, fazendo-se musas, inspiradoras, egérias. Exemplo impressionante disso temos em Mabel Dodge, em suas relações com Lawrence:

Eu queria, diz, seduzir-lhe o espírito, constrangê-lo a produzir certas coisas. . . Tinha necessidade de sua alma, de sua vontade, de sua imaginação criadora, de sua visão luminosa. Para me tornar senhora desses instrumentos essenciais, era-me necessário dominar-lhe o sangue. . . Sempre procurei fazer que os outros fizessem coisas, sem eu própria procurar fazer qualquer coisa. Adquiria o sentimento de uma espécie de atividade, de fecundidade por procuração. Era uma *espécie de compensação ao sentimento desolado de não ter que fazer*.

E adiante:

Queria que Lawrence conquistasse *por mim*, que se valesse de *minha* experiência, de minhas observações, de *meu* Taos e formulasse tudo isso numa magnífica criação artística.

Assim queria Georgette Leblanc ser para Maeterlinck "chama e alimento"; mas queria também ter o nome inscrito no livro composto pelo poeta. Não se trata aqui de ambiciosas que escolheram objetivos pessoais e utilizaram homens para alcançá-los — como fizeram a Princesa des Ursins, Mme de Staël — e sim de mulheres animadas por um desejo inteiramente subjetivo de *importância*, que não visam nenhum alvo objetivo e que pretendem apropriar-se da transcendência de um outro. Estão longe de sempre o conseguir; mas são hábeis em mascarar o malogro e persuadir-se de que são dotadas de uma irresistível sedução. Sabendo-se amáveis, desejáveis, admiráveis, sentem-se seguras de ser amadas, desejadas, admiradas. Toda narcisista é Bélise. Mesmo a inocente Brett, dedicada a Lawrence, fabrica um pequeno personagem de si mesma e ao qual empresta uma sedução grave:

Ergo os olhos para perceber que você me olha com malícia, cota seu ar de fauno, uma luz provocante brilha em seus olhos, Pã. Encaro-o com um ar solene e digno, até que a luz se apague em seu rosto.

Tais ilusões podem engendrar verdadeiros delírios; não é sem razão que Clérambault considerava a erotomania como uma "espécie de delírio profissional"; sentir-se mulher é sentir-se objeto desejável, é acreditar-se desejada e amada. É coisa notável que, em dez doentes atingidos de "ilusão de ser amados", nove sejam mulheres. Vê-se claramente que o que procuram em seu amante imaginário é uma apoteose de seu narcisismo. Querem-no dotado de um valor incondicionado: sacerdote, médico, advogado, homem superior; e a verdade categórica que essas condutas revelam é que a amante ideal é superior a todas as outras mulheres, que possui virtudes irresistíveis e soberanas.

A erotomania pode aparecer em diversas psicoses; mas seu conteúdo é sempre o mesmo. O sujeito é iluminado e glorificado pelo amor de um homem de grande valor, que foi bruscamente fascinado por seus encantos — quando ela nada esperava dele — e que manifesta seus sentimentos de maneira indireta mas imperiosa; essa relação permanece por vezes ideal, por vezes reveste uma forma sexual; mas o que a caracteriza essencialmente é que o semideus poderoso e glorioso ama mais do que é amado e

manifesta sua paixão através de condutas estranhas e ambíguas. Em meio ao grande número de casos relatados pelos psiquiatras, eis um bem típico, que resumo de Ferdière, de sua obra *L'Erotomanie*. Trata-se de uma mulher de 48 anos, Marie-Yvonne, que faz a confissão seguinte:

Trata-se de mestre Achille, antigo deputado e subsecretário de Estado, advogado e membro do Conselho da Ordem. Conheço-o desde 12 de maio de 1920; na véspera, eu tentara encontrá-lo no Palácio de Justiça; observara de longe seu porte, mas não sabia quem era; provocou-me um arrepio nas costas... Sim, há entre mim e êle uma questão de sentimento, de sentimento recíproco: os olhos, os olhares cruzaram-se. Desde a primeira vez que o vi, senti uma atração por êle; com êle acontece a mesma coisa... Em todo caso, foi o primeiro a declarar-se; era no início de 1922; recebia-me em seu salão, sempre sozinha; de uma feita, chegou a mandar embora o filho... Um dia... levantou-se e veio para meu lado continuando a conversar. Compreendi imediatamente que era um impulso sentimental... Disse-me palavras que o davam a entender. Mediante diferentes amabilidades levou-me a compreender que os sentimentos recíprocos se haviam encontrado. De outra vez, sempre em seu escritório, aproximou-se de mim dizendo: "Sois vós, sois vós sozinha e não outra, Senhora, bem o entendeis". Fiquei tão surpreendida que não soube como responder; disse-lhe somente: Mestre, obrigada! Outra vez ainda, acompanhou-me desde o escritório até a rua; até desvencilhou-se de um senhor que o acompanhava, deu-lhe uma moeda na escada e disse-lhe: Deixe-me, rapaz, está vendo que estou em companhia da senhora! Tudo isso era para me acompanhar e ficar só comigo. Apertava-me sempre as mãos com força. Durante sua primeira defesa, lançou uma indireta para dar-me a entender que era celibatário.

Mandou um cantor ao pátio, para fazer com que eu compreendesse seu amor... olhava-me debaixo da janela; poderia cantar-vos a canção. Fêz desfilar diante de minha porta a banda da Comuna. Fui tola. Devia ter correspondido a suas tentativas. Arrefeci o ardor de Mestre Achille... então êle pensou que eu o rechaçava e agiu; teria sido melhor que falasse abertamente; vingou-se. Mestre Achille pensava que eu tinha um sentimento por B... e tinha ciúme... Fêz-me sofrer por mandingas mediante uma fotografia minha; foi o que descobri à força de estudos nos livros, nos dicionários. Êle trabalhou suficientemente a fotografia: tudo vem daí...

Esse delírio transforma-se com efeito facilmente em um delírio de perseguição. E encontra-se esse processo mesmo nos casos normais. A narcisista não pode admitir que outros não se interessem por ela apaixonadamente; se tem a prova evidente de que não é adorada supõe imediatamente que a detestam. Atribui todas as críticas ao ciúme, ao despeito. Seus malogros são o resultado de tenebrosas maquinações: e, deste modo, eles a confirmam na idéia de sua importância. Ela descamba facilmente

para a megalomania ou para o delírio de perseguição, que é a imagem invertida daquela: centro de seu universo e não conhecendo outro universo, ei-la centro absoluto do mundo.

Mas é a expensas da vida real que a comédia narcisista se desenrola; um personagem imaginário solicita a admiração de um público imaginário; a mulher tomada pelo seu eu perde todo domínio sobre o mundo concreto, não se preocupa com estabelecer qualquer relação real com os outros; Mme de Staël não houvera declamado *Phèdre* com tanto prazer, se tivesse pressentido as zombarias que seus "admiradores" anotavam à noite em seus diários; mas a narcisista recusa-se a admitir que a vejam de maneira diferente daquela com que se mostra: é o que explica que, tão ocupada com se contemplar, consiga tão mal julgar-se e soçobre tão facilmente no ridículo. Não ouve mais, fala e quando fala recita seu papel:

Diverte-me, escreve Maria Bashkirtseff. Não converso com ele, *re-presento* e sentindo-me diante de um bom público sou excelente de entoações infantis e fantasistas, e de atitudes.

Olha-se demais para ver alguma coisa; só compreende de outrem o que dela reconhece nele. O que não pode assimilar a seu caso, a sua história, permanece-lhe estranho. Compraz-se em multiplicar as experiências: quer conhecer a embriaguez e os tormentos da mulher apaixonada, as alegrias puras da maternidade, a amizade, a solidão, as lágrimas, os risos; mas, nunca se podendo dar, seus sentimentos e emoções são fabricados. Sem dúvida, Isadora Duncan chorou lágrimas de verdade quando da morte dos filhos. Mas, quando lhes jogou as cinzas no mar, em um grande gesto teatral, era apenas uma comediante; e não se pode ler sem sentir algum mal-estar este trecho de *Minha Vida* em que evoca sua desgraça:

Sinto a mornidão de meu próprio corpo. Abaixo os olhos para minhas pernas nuas que estico, para a doçura de meus seios, para meus braços que nunca se imobilizam, mas flutuam sem cessar em doces ondulações, e vejo que há doze anos estou lassa, que este peito encerra uma dor inesgotável, que estas mãos foram marcadas pela tristeza e que, quando estou só, estes olhos raramente secam.

No culto de seu eu, a adolescente pode haurir a coragem de enfrentar o futuro inquietante; mas é uma etapa que cumpre superar depressa: sem o quê, o futuro torna a fechar-se. A apaixonada que encerra o amante na imanência do casal destina-o

consigo à morte: a narcisista, alienando-se em seu duplo imaginário, aniquila-se. Suas recordações coagulam-se, suas condutas estereotipam-se, ela rumina as palavras, repete mímicas quase esvaziadas de qualquer conteúdo: daí a impressão de pobreza que dão tantos "diários íntimos" ou "autobiografias" femininas; preocupada com se incensar, a mulher que não faz nada não se faz nada e incensa um nada.

Sua desgraça está em que, apesar de toda a sua má-fé, ela conhece esse nada. Não pode haver relação real entre um indivíduo e seu duplo, porque este duplo não existe. A narcisista sofre um malogro radical. Não pode apreender-se como totalidade, plenitude, não pode manter a ilusão de ser em si — para si. Sua solidão como a de todo ser humano é experimentada como contingência e abandono. E por isso — salvo numa conversão — ela é condenada a fugir de si sem cessar para a multidão, o ruído, os outros. Seria um erro grave acreditar que, escolhendo-se como fim supremo, escape à dependência: vota-se, ao contrário, à mais estrita escravidão; não se apóia em sua liberdade, faz de si um objeto que se acha em perigo no mundo e nas consciências estranhas. Não são somente seu corpo e seu semblante uma carne vulnerável e que o tempo degrada. Mas é praticamente um empreendimento custoso paramentar o ídolo, erguer-lhe um pedestal, construir-lhe um templo: vimos que para inscrever suas formas em um mármore imortal Maria Bashkirtseff teria consentido em casar por dinheiro. Fortunas masculinas pagaram o ouro, o incenso, a mirra que Isadora Duncan ou Cécile Sorel depuseram aos pés de seu trono. Como é o homem que encarna o destino para a mulher, é pelo número e a qualidade dos homens submetidos a seu poder que as mulheres medem em geral sua vitória. Mas a reciprocidade também importa aqui; a "fêmea do louva-a-deus", que tenta fazer do macho seu instrumento, não consegue entretanto libertar-se dele, porquanto, para encadeá-lo, precisa agradar-lhe. A mulher norte-americana, querendo ser ídolo, faz-se escrava de seus adoradores, não se veste, não vive, não respira senão pelo homem e para êle. Na verdade, a narcisista é tão dependente quanto a hetaira. Se escapa ao domínio de um homem singular, é aceitando a tirania da opinião. Este laço que a prende a outrem não implica a reciprocidade da permuta: se procurasse fazer-se reconhecer pela liberdade de outrem em a reconhecendo também como fim através das atividades, ela deixaria de ser narcisista. O paradoxo de sua atitude está em que ela reclama ser valorizada por

um mundo ao qual nega qualquer valor, posto que só ela conta a seus olhos. O sufrágio estranho é uma força inumana, misteriosa, caprichosa, que é preciso captar mágicamente. A despeito de sua arrogância superficial, a narcisista sente-se ameaçada-eis por que é inquieta, suscetível, irritável, está sempre na expectativa; sua vaidade nunca se sacia; quanto mais envelhece, mais procura ansiosamente elogios e êxitos, mais suspeita da existência de conjuras ao redor de si; desnorteada, obcecada, ela afunda na noite da má-fé e acaba muitas vezes por edificar em torno de si um delírio paranóico. A ela é que se aplicam singularmente as palavras: "Quem quer salvar a vida, perdê-la-á".

CAPÍTULO II

A AMOROSA

A PALAVRA "amor" não tem em absoluto o mesmo sentido para um e outro sexo. E é isso uma fonte dos graves mal-entendidos que os separam. Byron disse, justamente, que o amor é apenas uma ocupação na vida do homem, ao passo que é a própria vida da mulher. É a mesma idéia que exprime Nietzsche em *Gaia Ciência*:

A mesma palavra amor, diz, significa com efeito duas coisas diferentes para o homem e para a mulher. O que a mulher entende por amor é bastante claro: não é apenas a dedicação, é um dom total de corpo e alma, sem restrição, sem nenhuma atenção para o que quer que seja. É essa ausência de condição que faz de seu amor uma *fé*, a única que ela tem. Quanto ao homem, se ama uma mulher é esse amor que *quer* dela; êle está portanto muito longe de postular para si o mesmo sentimento que para a mulher; se houvesse homens que experimentassem também esse desejo de abandono total, por certo não seriam homens. (Os grifos são de Nietzsche.)

Em certos momentos de sua existência, alguns homens puderam ser amantes apaixonados, mas nenhum há que se possa definir como "um grande apaixonado"; nunca abdicam totalmente, mesmo em seus mais violentos transportes; ainda que caíam de joelhos diante de sua amante, o que desejam afinal e possuí-la, anexá-la; permanecem no coração de sua vida como sujeitos soberanos; a mulher amada não passa de um valor entre outros; querem integrá-la em sua existência, e não afundar nela uma existência inteira. Para a mulher, ao contrário, o amor é uma demissão total em proveito de um senhor.

É preciso que a mulher esqueça sua própria personalidade quando ama, escreve Cécile Sauvage. É uma lei da natureza. Uma mulher não existe sem um senhor. Sem um senhor é um ramalhete esparso.

Em verdade, não é de uma lei da natureza que se trata. É a diferença de suas situações que se reflete na concepção que o homem e a mulher têm do amor. O indivíduo que é sujeito, que é êle mesmo, tendo o gosto generoso da transcendência, esforça-se por ampliar seu domínio sobre o mundo: é ambicioso, age. Mas um ser inessencial não pode descobrir o absoluto no coração de sua subjetividade. Um ser votado à imanência não pode realizar-se em atos. Encerrada na esfera do relativo, destinada ao macho desde a infância, habituada a ver nele um soberano a quem não lhe é dado igualar-se, a mulher que não sufocou sua reivindicação de ser humano sonhará em ultrapassar-se para um desses seres superiores, em unir-se, confundir-se com o sujeito soberano. Não há para ela outra saída senão perder-se de corpo e alma em quem lhe designam como o absoluto, o essencial. Como de qualquer maneira se acha condenada à dependência, a obedecer a tiranos — pais, marido, protetor — prefere servir um Deus; escolhe querer tão ardorosamente sua escravidão que esta se apresentará a ela como a expressão de sua liberdade; esforçar-se-á por superar sua situação de objeto inessencial assumindo-a radicalmente; através de sua carne, de seus sentimentos, de suas condutas exaltará soberanamente o amado, pô-lo-á como a realidade e o valor supremos; aniquilar-se-á diante dele. O amor para ela torna-se uma religião.

Vimos que a adolescente começa querendo identificar-se com os homens; quando a isso renuncia, procura então participar de sua virilidade, fazendo-se amar por um deles; não é a individualidade deste ou daquele homem que a seduz; ela está apaixonada pelo homem em geral. "E vós, homens que amarei, como vos espero!", escreve Irene Reweliotty. "Como me regozijo com vos conhecer muito breve: Tu principalmente, o primeiro." É preciso, naturalmente, que o homem pertença à mesma classe, à mesma raça: o privilégio do sexo só funciona dentro desse quadro; para que seja um semideus, êle deve, evidentemente, ser antes de tudo um ser humano; para a filha do oficial colonial o indígena não é um homem; se a jovem se entrega a um inferior é porque procura degradar-se, porque não se acredita digna do amor; normalmente ela procura o homem em quem se afirma a superioridade masculina; ela é logo levada a constatar que muitos indivíduos do sexo eleito são tristemente contingentes e terrestres; mas tem de início um preconceito favorável em relação a eles; cabe-lhes menos provar seu valor do que não o desmentir por demais grosseiramente. É o que explica tantos erros amiúde

lamentáveis; a jovem ingênua prende-se ao espelho da virilidade. Segundo as circunstâncias, o valor masculino manifestar-se-á a seus olhos pela força física, a elegância, a riqueza, a cultura, a inteligência, a autoridade, a situação social, um uniforme militar: mas o que ela deseja sempre é que no amante se resuma a essência do homem. A familiaridade basta muitas vezes para destruir o prestígio; êle desmorona com o primeiro beijo, ou com o convívio quotidiano, ou durante a noite de núpcias. Entretanto, o amor à distância é apenas um fantasma, não uma experiência real. É quando carnalmente confirmado que o desejo de amor se torna um amor apaixonado. Inversamente, o amor pode nascer dos amplexos físicos, exaltando a mulher sexualmente dominada o homem que lhe parecia antes insignificante. Mas o que acontece constantemente é que a mulher não consiga transformar nenhum dos homens que conhece em um deus. O amor ocupa na vida feminina menor lugar do que sempre se pretendeu. Marido, filhos, lar, prazeres, vida mundana, vaidade, sexualidade, carreira, são muito mais importantes. Quase todas as mulheres sonharam com "o grande amor": conheceram sucedâneos deste, aproximaram-se dele; sob aspectos de figuras inacabadas, magoadas, irrisórias, imperfeitas, mentirosas, êle as visitou; mas muito poucas lhes consagraram realmente a existência. As grandes amorosas são, o mais das vezes, mulheres que não usaram o coração nos amores juvenis; aceitaram primeiramente o destino feminino tradicional: marido, casa, filhos; ou conheceram uma dura solidão; ou confiaram em alguma empresa que malogrou. Quando entrevêm a possibilidade de salvar sua vida decepcionante, dedicando-a a um ser de elite, dão-se de corpo e alma a essa esperança. Mlle Aissé, Juliette Drouet, Mme d'Agoult tinham quase trinta anos no início de sua vida amorosa, Julie de Lespinasse quase quarenta; nenhum fim se propunha a elas, não estavam em condições de empreender coisa alguma que lhes parecesse interessante, não havia para elas outra saída senão o amor.

Mesmo com a possibilidade de serem independentes, esse caminho é ainda o que se lhes afigura mais atraente; é angustiante assumir a empresa de sua vida; o adolescente volta-se também amiúde para mulheres mais idosas, nas quais procura um guia, uma educadora, uma mãe; mas sua formação, os costumes, as determinações que encontra em si mesmo proíbem-lhe deter-se definitivamente na solução fácil da abdicação; êle só encara tais amores como uma etapa. A sorte do homem — na

idade adulta como na primeira infância — está em que o constroem a enveredar pelos caminhos mais árduos mas também mais seguros; a desgraça da mulher está em que se acha cercada de tentações quase irresistíveis; tudo a incita a seguir o declive da facilidade: ao invés de convidá-la a lutar por sua conta, dizem-lhe que lhe basta deixar as coisas correrem para alcançar paraísos encantadores; quando percebe que foi vítima de uma miragem, é tarde demais; suas forças esgotaram-se na aventura.

Os psicanalistas afirmam de bom grado que a mulher busca no amante a imagem do pai; mas é por ser homem e não por ser pai que ele deslumbra a criança, e todo homem participa dessa magia. A mulher não almeja reencarnar um indivíduo no outro e sim ressuscitar uma situação: a que conheceu menina, ao abrigo dos adultos. Integrada no lar, gozou a paz de uma quase passividade; o amor devolver-lhe-á a mãe, como o pai; devolver-lhe-á a infância. O que ela almeja é reencontrar um teto sobre a cabeça, muros que lhe escondam seu abandono no mundo, leis que a defendam contra sua liberdade. Esse sonho infantil povoa muitos amores femininos; a mulher sente-se feliz porque o amante a chama de "filhinha, criança querida"; os homens sabem muito bem que estas palavras: "Estás com uma cara de menininha" são das que mais comovem o coração das mulheres; vimos quantas sofreram com se tornar adultas; muitas se obstinam em "ser crianças", em prolongar indefinidamente a infância na atitude e nos vestidos. Tornar a ser criança nos braços de um homem as satisfaz amplamente. É o tema de certa cançoneta muito vulgarizada

*Sinto-me em teus braços tão pequena
tão pequena, ó meu amor. . .¹,*

tema que se repete sem cessar nas conversações e nas correspondências amorosas. "Baby, meu bebê", murmura o amante; e a mulher diz de si mesma: "Tua menina, tua menininha". Irene Reweliotty escreve: "Quando chegará quem saberá dominar-me"? E acreditando tê-lo encontrado: "Gosto de te sentir um homem, e superior a mim".

Uma psicastênica estudada por Janet (*Les Obsessions et la Psychasthénie*) ilustra de maneira impressionante essa atitude:

(¹) *Je me sens en tes bras si petite, si petite, ô mon amour...*

Desde quando posso lembrar-me, todas as tolices ou todas as boas ações que pude praticar decorrem da mesma causa, uma aspiração a um amor perfeito e ideal em que possa entregar-me inteiramente, confiar todo o meu ser a um outro ser, Deus, homem ou mulher, tão superior a mim que não teria mais necessidade de pensar em me conduzir na vida ou em atentar para mim. Encontrar alguém que me amasse o bastante para cuidar de me fazer viver, alguém, a quem eu obedeceria cegamente e com toda a confiança, certa de que me evitaria qualquer fraqueza e que me guiaria em linha reta, docemente e com muito amor para a perfeição. Quanto invejo o amor ideal de Maria Madalena e de Jesus: ser o discípulo ardoroso de um mestre adorado e que o mereça; viver, morrer para seu ídolo, acreditar nele sem nenhuma dúvida possível, ter enfim a vitória definitiva do Anjo sobre a Besta, aconchegar-me em seus braços, tão envolvida, tão pequena, tão encolhida à sua proteção, tão sua que não mais exista.

Numerosos exemplos já nos provaram que esse sonho de aniquilamento é, na verdade, uma ávida vontade de ser. Em todas as religiões, a adoração de Deus confunde-se para o devoto com a preocupação de sua própria salvação; a mulher entregando-se inteiramente ao ídolo, espera que êle lhe dará a um tempo a posse de si mesma e a do universo que nele se resume. Na maioria das vezes é primeiramente a justificação, a exaltação de seu *ego* que ela pede ao amante. Muitas mulheres só se entregam ao amor sendo por sua vez amadas: e o amor que lhe manifestam basta algumas vezes para as tornar apaixonadas. A jovem sonhou-se através de olhos masculinos e é em olhos masculinos que a mulher acredita enfim encontrar-se.

Andar a teu lado, escreve Cécile Sauvage, fazer que avançassem meus pèzinhos que amavas, senti-los tão miúdos em seus sapatos altos de cano de feltro dava-me amor por todo o amor com que os cercavas. Os menores movimentos de minhas 'mãos em meu regalo, de meus braços, de meu rosto, as inflexões de minha voz enchiam-me de felicidade.

A mulher sente-se dotada de um valor alto e seguro; tem enfim licença para se amar através do amor que inspira. Embriaga-se com encontrar uma testemunha no amante. É o que confessa *La Vagabonde* de Colette.

Cedi, confesso-o, cedi permitindo a esse homem que voltasse amanhã, ao desejo de conservar nele não um amoroso, não um amigo, mas um espectador ávido de minha vida e de minha pessoa... É preciso envelhecer terrivelmente, disse-me um dia Margot, para renunciar à vaidade de viver diante de alguém.

Em uma de suas cartas a Middleton Murry, Katherine Mansfield conta que acaba de comprar um delicioso corpete roxo;

acrescenta logo: "Que pena que não haja ninguém para vê-lo!" Não há pior amargura do que se sentir a flor, o perfume, o tesouro que nenhum desejo exige: que é uma riqueza que não enriquece a mim mesma e que ninguém deseja receber? O amor é o revelador que faz aparecer em traços positivos e claros a pálida imagem negativa tão vã quanto um clichê apagado; mediante esse revelador, o rosto da mulher, as curvas de seu corpo, suas recordações de infância, suas antigas lágrimas, seus vestidos, seus hábitos, tudo o que ela é, tudo o que lhe pertence escapa da contingência e torna-se necessária: ela é um presente maravilhoso ao pé do altar de seu deus.

Antes que êle tivesse gentilmente pousado as mãos sobre os ombros dela, antes que seus olhos se tivessem saturado dela, ela não fora senão uma mulher não muito bonita em um mundo incolor e morno. Desde o momento em que êle a beijara, ela estava em pé na luz nacarada da imortalidade (M. Webb, *O Peso das Sombras*).

Eis por que os homens dotados de prestígio social e hábeis em lisonjear a vaidade feminina suscitarão paixões ainda que sem nenhuma sedução física. Pela sua situação elevada encarnam a Lei, a Verdade: sua consciência desvenda uma realidade incontestada. A mulher que eles louvam sente-se transformada em um tesouro sem preço. Daí é que vinham, por exemplo, segundo Isadora Duncan (*Minha Vida*), os êxitos de d'Annunzio.

Quando d'Annunzio ama uma mulher, êle ergue sua alma acima da terra até as regiões em que se move e resplende Beatriz. De cada vez êle faz cada mulher participar da essência divina, ergue-a tão alto, tão alto que ela se imagina realmente no plano de Beatriz... Sobre cada favorita êle jogava alternativamente um véu deslumbrante. Ela erguia-se acima dos outros mortais e caminhava aureolada de uma luz estranha. Mas quando o capricho do poeta chegava ao fim e êle a abandonava por outra, o véu de luz desaparecia, a auréola dissipava-se e a mulher retornava ao barro vulgar... Ouvir-se elogiar com essa magia peculiar a d'Annunzio é uma alegria comparável à que Eva pôde experimentar quando ouviu a voz da serpente no Paraíso. D'Annunzio pode dar a toda mulher a impressão de que ela é o centro do universo.

É somente no amor que a mulher pode harmoniosamente conciliar seu erotismo com seu narcisismo; já vimos que há entre esses dois sistemas uma oposição que torna difícil a adaptação da mulher a seu destino sexual. Fazer-se objeto carnal, presa, contradiz o culto que ela rende a si mesma: parece-lhe que os amplexos lhe gastam e lhe emporcalham o corpo ou que lhe degradam a alma. Por isso é que certas mulheres escolhem a frieza,

pensando manter assim a integridade de seu *ego*. Outras dissociam as volúpias animais dos sentimentos elevados. Caso muito característico é o de Mme D. S., narrado por Stekel e que já citei a propósito do casamento.

Fria, com um marido respeitado, depois da morte deste, encontrou um homem igualmente artista, grande músico, e tornou-se sua amante. Esse amor era, e é ainda, tão absoluto que ela só se sente feliz perto dele. Toda sua vida se resume em Lothar. Mas, embora amando-o ardorosamente, continuava fria em seus braços. Outro homem cruzou-lhe o caminho. Era um camponês forte e brutal que, estando um dia a sós com ela, a possui simplesmente, sem mais histórias. Ela ficou tão atônita que o deixou fazer. Mas nos braços dele sentiu um orgasmo violento. "Nos braços dele, dizia ela, eu me restabeleço por um período de meses. É como uma embriaguez selvagem, mas seguida de um nojo indescritível quando penso em Lothar. Detesto Paul e amo Lothar. Paul porém me satisfaz. Em Lothar tudo me atrai. Mas parece que me transformo em puta para gozar, desde que como mulher de bem o gozo me é vedado." Ela recusa-se a casar com Paul mas continua a dormir com êle; nesses momentos, "transforma-se em um outro ser" e palavras cruas, como nunca ousaria pronunciar, escapam-lhe da boca.

Stekel acrescenta que, "para muitas mulheres, a queda na animalidade é essencial ao orgasmo". Elas vêem no amor físico um aviltamento que não se pode conciliar com sentimentos de estima e afeição. Mas para outras, ao contrário, é pela estima, pela ternura, pela admiração do homem que esse aviltamento pode ser abolido. Só consentem em se entregar a um homem em se acreditando profundamente amadas; uma mulher precisa de muito cinismo, indiferença ou orgulho para considerar as relações físicas como uma troca de prazeres em que cada parceiro encontra igualmente sua satisfação. O homem tanto quanto a mulher — e talvez mais — revolta-se contra quem o quer explorar¹ Mas ela é quem tem geralmente impressão de que seu parceiro a utiliza como um instrumento. Somente uma admiração exaltada pode compensar a humilhação de um ato que considera como uma derrota. Vimos que o ato amoroso exige dela uma alienação profunda; ela banha-se na languidez da passividade; de olhos cerrados, anônima, perdida, sente-se transportada por ondas, varrida pela tormenta, sepultada na noite; noite da carne,

(¹) Cf., entre outras obras, *O Amante de Lady Chatterley*. Pela Palavra de Mellors, Lawrence exprime seu horror às mulheres que fazem dele um instrumento de prazer.

da matriz, do túmulo; aniquilada, alcança o Todo, abole-se o seu eu. Mas quando o homem se separa dela, ela se encontra rejeitada à terra, em um leito, na luz; readquire um nome, um rosto: é uma vencida, uma presa, um objeto. É então que o amor se torna necessário. Assim como depois da desmama a criança busca o olhar tranqüilizador dos pais, é preciso que, pelos olhos do amante que contempla, a mulher se sinta reintegrada no Todo de que sua carne dolorosamente se destacou. Muito raramente ela se satisfaz completamente; mesmo se conheceu o apaziguamento do prazer não fica definitivamente liberta do feitiço carnal; sua perturbação prolonga-se tornando-se sentimento; dispensando-lhe a volúpia, o homem prende-a a si, não a liberta. Entretanto, não mais a deseja; ela só lhe perdoa essa indiferença momentânea se êle lhe dedica um sentimento intemporal e absoluto. A imanência do instante é então superada; as recordações ardentes não são mais uma saudade e sim um tesouro; dissipando-se, a volúpia torna-se esperança e promessa; o gozo é justificado; a mulher pode orgulhosamente assumir sua sexualidade porque a transcende; perturbação, prazer, desejo não são mais um estado e sim um dom; seu corpo não é mais um objeto: é um cântico, uma chama. Pode ela então entregar-se apaixonadamente à magia do erotismo; a noite transforma-se em luz; a mulher apaixonada pode abrir os olhos; olhar o homem que a ama e cujo olhar a glorifica; através dele o nada faz-se plenitude de ser e o ser é transfigurado em valor; ela não soçobra mais em um mar de trevas, é içada sobre asas, exaltada aos céus. O abandono torna-se êxtase sagrado. Quando *acolhe* o homem amado, a mulher é habitada, visitada como a Virgem pelo Espírito Santo, como o crente pela hóstia; é o que explica a analogia obscena dos cantos piedosos com as canções licenciosas: não por ter sempre o amor místico um caráter sexual, mas porque a sexualidade da apaixonada se reveste de um colorido místico. "Meu Deus, meu adorado, meu senhor. . .", as mesmas palavras saem dos lábios da santa ajoelhada e da amorosa no leito; uma oferece a carne aos dardos de Cristo, estende as mãos para receber os estigmas, busca a queimadura do Amor Divino; a outra é também oferenda e espera: setas, dardos, flechas encarnam-se no sexo masculino. Em ambas o sonho é o mesmo, o sonho infantil, o sonho místico, o sonho amoroso: existir soberanamente em se abolindo no seio do outro

Afirmou-se por vezes que esse desejo de aniquilamento conduzia ao masoquismo. Mas, como o assinalei, a propósito do

erotismo, só se pode falar de masoquismo quando tento "fascinar-me a mim mesma por minha objetividade através de outrem" (cf. Sartre, *L'Être et le Néant*), isto é, quando a consciência do sujeito se volta para o *ego* a fim de apreendê-lo em sua situação humilhada. Ora, a amorosa não é somente uma narcisista alienada em seu eu: ela sente também um desejo apaixonado de transbordar seus próprios limites e tornar-se infinita pelo instrumento de um outro que tem acesso à realidade infinita. Ela abandona-se ao amor primeiramente para *se* salvar, mas o paradoxo do amor idólatra está em que, para se salvar, ela acaba por se renegar totalmente. Seu sentimento assume uma dimensão mística; ela não pede mais ao Deus que a admire, que a aprove; quer fundir-se nele, esquecer-se em seus braços. "Quisera ser uma santa do amor, escreve Mme d'Agoult. Invejava o martírio em tais momentos de exaltação e de furor ascético." O que se evidencia nestas palavras é o desejo de uma destruição radical de si mesma abolindo as fronteiras que a separam do bem-amado: não se trata sequer de masoquismo e sim de um sonho de união extática. É o mesmo sonho que inspira estas palavras de Georgette Leblanc: "Naquela época, se me tivessem perguntado o que mais almejava no mundo, teria respondido sem hesitar: ser alimento e chama para seu espírito".

Para realizar essa união, o que a mulher deseja primeiramente é servir; é respondendo às exigências do amante que se sentirá necessária; será integrada na existência dele, participará de seu valor, será justificada; até as místicas se comprazem em crer, segundo Angelus Silesius, que Deus precisa do homem, sem o quê, o dom que fazem de si mesmas seria vão. Quanto mais o homem multiplica suas solicitações, mais a mulher se sente satisfeita. Embora a reclusão imposta por Hugo a Juliette Drouet pese à jovem mulher, sente-se que ela se compraz em lhe obedecer: permanecer sentada junto à lareira é fazer alguma coisa para a felicidade do senhor. Ela tenta com paixão ser-lhe útil positivamente. Prepara-lhe pratos delicados, instala um lar para êle: nossa pequena "tua casa", dizia ela gentilmente; cuida da roupa dele.

Quero que manches, que rasgues o mais possível todas as tuas roupas e que seja eu a única a consertá-las, a limpá-las sem ajuda de ninguém, escreve-lhe.

Para êle, ela lê os jornais, corta artigos, classifica cartas e notas, copia manuscritos. Desola-se quando o poeta confia parte

desse trabalho à filha Léopoldine. Encontram-se traços semelhantes em toda mulher apaixonada. Se necessário, ela se tiraniza a si mesma em nome do amante; é preciso que tudo o que é, tudo o que tem, todos os instantes de sua vida lhe sejam dedicados e tenham assim sua razão de ser; ela não quer possuir coisa alguma senão nele; o que a tornaria infeliz fora que êle nada reclamasse, eis por que uma amante delicado inventa exigências. Ela procurou primeiramente no amor uma confirmação do que era, de seu passado, de seu personagem; mas no amor empenha também seu futuro. Para justificá-lo, destina esse amor àquele que detém todos os valores; assim é que se liberta de sua transcendência: subordina-a à do outro essencial de quem se faz vassala e escrava. É a fim de se encontrar, de se salvar que ela começa por se perder nele: e o fato é que, pouco a pouco, se perde. Toda a realidade está no outro. O amor, que de início se definia como uma apoteose narcisista, realiza-se nas ásperas alegrias de um devotamento que conduz, freqüentemente, a uma automutilação. Nos primeiros tempos de uma grande paixão, a mulher torna-se mais bonita, mais elegante do que antes: "Quando Adèle me penteia, contemplo minha fronte porque você gosta dela", escreve Mme d'Agoult. Achou uma razão de ser para esse rosto, esse corpo, esse quarto, esse eu, adora-os pela mediação do homem amado que a ama. Mas, pouco mais tarde, ela renuncia, ao contrário, a todo coquetismo, se o amante o deseja, ela modifica essa imagem que lhe era antes mais preciosa do que o próprio amor; desinteressa-se dela; faz do que é, do que tem, o feudo de seu soberano; renega o que êle desdenha; gostaria de lhe consagrar cada batida do coração, cada gota do sangue, a medula dos ossos. É o que se traduz por êfete sonho de martírio: exagerar o dom de si até a tortura, até a morte, ser o solo que o amado pisa, ser apenas o que responde ao apelo dele. Tudo o que é inútil ao amado, ela o aniquila com exaltação. Se o presente que faz de si é integralmente aceito, o masoquismo não aparece: poucos vestígios se percebem em Juliette Drouet. Na sua adoração excessiva, ajoelhava-se por vezes diante do retrato do poeta e pedia perdão para as faltas que pudesse ter cometido; não se voltava colérica contra si mesma. Mas do entusiasmo generoso para o masoquismo o deslize é fácil. A amante que se reencontra diante do amante na situação da criança diante dos pais, reencontra também esse sentimento de culpa que conhecia junto deles; não escolhe revoltar-se contra êle enquanto o ama: revolta-se contra si mesma. Se êle a ama menos do que ela o

deseja, se ela não consegue absorvê-lo, torná-lo feliz, bastar-lhe, todo o narcisismo se converte em nojo, em humilhação, num ódio a si mesma que a incita a autopunições. Durante uma crise mais ou menos demorada, por vezes durante toda a vida, ela se transformará em vítima voluntária, obstinar-se-á em molestar esse eu que não soube satisfazer o amante. Sua atitude é então propriamente masoquista. Mas não se deve confundir esses casos em que a mulher apaixonada busca seu próprio sofrimento, a fim de se vingar de si mesma, com os casos em que visa a confirmação da liberdade do homem e seu poder. É lugar-comum — e parece que uma verdade — dizer que a prostituta tem orgulho de ser espancada por seu homem: mas não é a idéia de sua pessoa batida e escravizada que a exalta, é a força, a autoridade, a soberania do macho de que ela depende; ela gosta também de vê-lo maltratar outro homem, incita-o amiúde a competições perigosas: quer que seu senhor detenha os valores reconhecidos no meio a que ela pertence. A mulher que se submete com prazer a caprichos masculinos igualmente admira na tirania que se exerce sobre si a evidência de uma liberdade soberana. Cumpre atentar para o fato de que, se, por uma razão qualquer, o prestígio do amante arruína-se, pancadas e exigências se tornarão odiosas: só valem como manifestação da divindade do bem-amado. Neste caso é alegria embriagante sentir-se a presa de uma liberdade estranha: é para um existente a mais surpreendente aventura achar-se criado pela vontade diversa e imperiosa de outro; a gente se cansa de morar sempre na mesma pele; a obediência cega é a única possibilidade de mudança radical que um ser humano pode conhecer. Eis a mulher escrava, rainha, flor, corça, vitral, capacho, criada, cortesã, musa, companheira, mãe, irmã, filha segundo os sonhos fugazes, as ordens imperiosas do amante: ela presta-se, em êxtase, a essas metamorfoses enquanto não reconhece que conserva sempre nos lábios o gosto idêntico da submissão. No plano do amor, como no do erotismo, verificamos que o masoquismo é um dos caminhos pelos quais envereda a mulher insatisfeita, desiludida pelo outro e por si mesma; mas não é a tendência natural de uma demissão feliz. O masoquismo perpetua a presença do eu sob uma figura amarfanhada, degradada; o amor visa esquecimento de si em benefício do sujeito essencial.

O objetivo supremo do amor humano como do amor místico é a identificação com o amado. A medida dos valores, a verdade do mundo estão na consciência dele; eis por que não é ainda su-

ficiente servi-lo; a mulher tenta ver com os olhos dele, lê os livros que êle lê, prefere os quadros e a música que êle prefere, só se interessa pelas paisagens que vê com êle, pelas idéias que vêm dele; adota as amizades, as inimizades, as opiniões dele; quando se interroga é a resposta dele que se esforça por ouvir; quer em seus pulmões o ar que êle já respirou; as flores, os frutos que não recebe da mão dele não têm perfume nem gosto; seu espaço hodológico acha-se transtornado: o centro do mundo não é mais o lugar onde se encontra e sim aquele onde se encontra o amado; todos os caminhos saem de sua casa e a esta conduzem. Ela serve-se das palavras dele, refaz-lhe os gestos, adquirlhes as manias e os sestros. "*Sou Heathcliff*", diz Katherine em *Whuthering Heights*; é o grito de toda apaixonada; ela é outra encarnação do amado, seu reflexo, seu duplo: ela é *êle*. Seu próprio mundo, ela o deixa desmoronar na contingência: é no universo dele que vive.

A felicidade suprema da amorosa consiste em ser reconhecida pelo homem amado como parte dele próprio; quando êle diz "nós" ela é associada a êle e com êle se identifica, partilha-lhe o prestígio e com êle reina sobre o resto do mundo; não cansa de repeti-lo — ainda que abusivamente — esse "nós" saboroso. Necessária a um ser que é a necessidade absoluta que se projeta no mundo para fins necessários e que lhe restitui o mundo sob a figura da necessidade, a amorosa conhece em sua demissão a posse magnífica do absoluto. É essa certeza que lhe dá tão grandes alegrias; sente-se exaltada à direita do deus; pouco lhe importa ter apenas o segundo lugar se tem *seu* lugar, para sempre, em um universo maravilhosamente ordenado. Enquanto ama, enquanto é necessária ao amado, sente-se totalmente justificada: degusta paz e felicidade. Essa talvez tenha sido a sorte de Mlle Aissé junto do Cavaleiro de Aydie, antes que os escrúpulos da religião lhe tivessem perturbado a alma, ou o de Juliette Drouet à sombra de Hugo.

Mas é raro que essa gloriosa felicidade seja estável. Nenhum homem é deus. As relações que a mística sustenta com a divina ausência dependem unicamente de seu fervor: mas o homem divinizado, e que não é Deus, está presente. Disso nascem os tormentos da apaixonada. Seu destino mais comum achase resumido nas palavras célebres de Julie de Lespinasse: "Amo-vos, meu amigo, sofro e vos espero em todos os instantes de minha vida". Sem dúvida para os homens também o sofrimento

está ligado ao amor; mas suas penas não duram muito tempo ou não são devoradoras; Benjamin Constant quis morrer por Juliette Récamier: em um ano curou-se. Stendhal teve, durante anos, saudades de Métilde, mas era uma saudade que lhe perfumava a vida mais do que a destruía. Ao passo que, assumindo-se como o inessencial, aceitando uma dependência total, a mulher cria um inferno para si; toda amorosa se reconhece na pequena sereia de Andersen que, tendo, por amor, trocado sua cauda de peixe por pernas de mulher, marchava sobre agulhas e carvões em brasa. Não é verdade que o homem amado seja incondicionalmente necessário e, por outro lado, ela não lhe é necessária; êle não está à altura de justificar quem lhe rende um culto, e não se deixa possuir por ela.

Um amor autêntico deveria assumir a contingência do outro, isto é, suas falhas, seus limites, sua gratuidade original; não pretenderia ser uma salvação e sim uma relação inter-humana. O amor idólatra confere ao amado um valor absoluto; é a primeira mentira que se apresenta a todos os olhares estranhos: "*Êle* não merece tanto amor", murmuram em torno da amorosa; a posteridade sorri com dó, quando evoca a pálida figura do Conde Guibert. Descobrir as falhas, a mediocridade de seu ídolo, é para a mulher uma decepção desesperante. Colette aludiu muitas vezes — em *La Vagabonde*, em *Mes Apprentissages* — a essa agonia amarga; a desilusão é mais cruel ainda que a da criança que vê desmoronar o prestígio paterno, porque a mulher escolheu ela própria o homem a quem fez dom de todo o ser. Mesmo que o eleito seja digno do mais profundo apego, sua verdade é terrestre: não é mais êle que a mulher ama, genuflete diante de um ser supremo; ela é enganada por esse espírito de seriedade que se recusa a pôr os valores "entre parênteses", isto é, a reconhecer que têm sua fonte na existência humana; sua má-fé ergue barreiras entre ela e quem ela adora. Incensa-o, consterna-se, mas não é para êle uma amiga, porquanto não se dá conta de que êle corre perigo no mundo, de que seus projetos e seus fins são frágeis como êle próprio; considerando-o como a fé, a Verdade, desconhece a liberdade dele, que é hesitação e angústia. Essa recusa de aplicar ao amante uma medida humana explica muitos paradoxos femininos. A mulher reclama do amante um favor, êle o concede: ei-lo generoso, rico, magnífico, real, divino. Se o recusa, ei-lo avarento, mesquinho, cruel, é um ser demoníaco, bestial. Poderiam ser tentados a objetar: se um "sim" surpreende como uma soberba extravagância, deve-

-se espantar com um "não"? Se o "não" manifesta tão abjeto egoísmo, por que tanto admirar o "sim"? Não há lugar para o humano entre o sobre-humano e o inumano?

Um deus degradado não é um homem, é uma impostura; o amante não tem outra alternativa senão provar que é realmente esse rei adulado, ou denunciar-se como usurpador. A partir do momento em que não o adoram, cumpre espezinhá-lo. Em nome dessa glória com que aureolou o amado, a amorosa proíbe-lhe qualquer fraqueza; desilude-se e irrita-se se êle não se molda à imagem que ela colocou em seu lugar; se está fatigado, estonteado, se tem fome ou sede fora de propósito, se se engana, se se contradiz, ela decreta que êle está "abaixo de si mesmo" e lho censura. Por esse viés, chega a censurar-lhe todas as iniciativas que ela própria não aprecia; julga o juiz e, para que êle mereça continuar seu senhor, denega-lhe a liberdade. O culto que lhe rende satisfaz-se por vezes melhor com a ausência do que com a presença. Há mulheres, já vimos, que se consagram a heróis mortos ou inacessíveis, a fim de nunca os confrontar com seres de carne e osso; estes fatalmente contradizem os sonhos. Daí os *slogans* desabusados: "Não se deve acreditar em príncipe encantado. Os homens não passam de pobres diabos". Não pareceriam anões, se não se lhes pedisse para ser gigantes.

É uma das maldições que pesam sobre a mulher apaixonada: sua generosidade converte-se desde logo em exigência. Tendo-se alienado em outrem, quer também recuperar-se: é-lhe necessário anexar esse outro que detém o seu ser. Não se dá inteiramente a êle, mas é preciso que êle esteja inteiramente disponível para receber dignamente esse dom. Ela dedica-lhe todos os seus instantes: é preciso que a cada instante êle esteja presente; ela quer viver unicamente por êle, mas quer viver; êle deve consagrar-se a fazê-la viver.

Amo-o por vezes bôbamente e nesses momentos não compreendo por que não poderia, não fosse e não devesse ser para você um pensamento absorvente como você o é para mim, escreve Mme d'Agoult a Liszt.

Ela tenta refrear o desejo espontâneo: ser tudo para êle. Depara-se com idêntico apelo na queixa de Mlle de Lespinasse:

Deus meu! Se soubesse que são os dias, que é a vida privada do interesse e do prazer de vê-lo! Meu amigo, a dissipação, a ocupação, o movimento lhe bastam; eu, minha felicidade é você, e só você; não quereria viver se não devesse vê-lo e amá-lo em todos os momentos da vida.

A princípio, a amorosa encantava-se com satisfazer o desejo do amante; depois — como o bombeiro lendário que por amor ao ofício provocava incêndio por toda parte — em não conseguindo, sente-se humilhada, inútil a ponto de o amante fingir ardores que não experimenta. Fazendo-se escrava, encontra ela o meio mais seguro de acorrentá-lo. Trata-se de mais uma mentira do amor, que muitos homens — Lawrence, Montherlant — denunciaram com rancor: apresenta-se como um dom quando é uma tirania. Benjamin Constant em *Adolphe* pintou asperamente os ferros com que prende o homem a generosa paixão de uma mulher. "Ela não calculava seus sacrifícios porque estava preocupada com me fazer aceitá-los", diz êle com crueldade, de Eléonore. A aceitação é efetivamente um compromisso que amarra o amante, sem que êle tenha sequer o benefício de se apresentar como aquele que dá; a mulher quer que êle acolha com gratidão os fardos com que o esmaga. E sua tirania é insaciável. O homem amoroso é autoritário, mas quando obtém o que desejava, fica satisfeito; ao passo que não há limites para a dedicação exigente da mulher. Um amante que tem confiança em sua amante admite sem desprazer que ela se ausente, que se ocupe longe dele; certo de que ela lhe pertence, prefere possuir uma liberdade a possuir uma coisa. Ao contrário, a ausência do amante é sempre uma tortura para a mulher; êle é um olhar, um juiz, êle a frustra desde que deite os olhos em outra coisa que não ela; rouba-lhe tudo o que vê: longe dele, ela sente-se despojada de si mesma e do mundo; mesmo sentado ao lado dela, lendo, escrevendo, êle a está abandonando, traindo. Ela detesta-lhe o sono. Baudelaire se entenece ante a mulher adormecida: "Teus belos olhos estão lassos, pobre amante". Proust encanta-se com olhar Albertine dormir¹; o ciúme masculino é simplesmente a vontade de uma posse exclusiva. A bem-amada não pertence a ninguém quando o sono lhe devolve a candura desarmada da infância; para o homem essa certeza basta. Mas o deus, o senhor, não deve abandonar-se ao repouso da imanência; é com um olhar hostil que a mulher contempla essa transcendência fulminada; ela detesta-lhe a inércia animal, o corpo que não mais existe *para ela* e sim *em si*, abandonado a uma contingência que deve pagar com sua própria contingência.

(¹) O fato de Albertine ser um Albert não modifica nada; aqui atitude de Proust é, em todo caso, uma atitude viril.

Violette Leduc exprimiu, em *Je hais les dormeurs*, com força esse sentimento:

Detesto os homens que dormem. Debruço-me sobre eles com minhas más intenções. Sua submissão exaspera-me. Odeio sua serenidade inconsciente, sua falsa anestesia, sua fisionomia de cego estudioso, sua embriaguez sensata, sua aplicação de incapaz... Fiquei de atalaia, esperei durante muito tempo a bolha rósea que sairia da boca de meu dorminhoco. Só reclamava dele uma bolha de presença. Não a tive... Vi que suas pálpebras de noite eram pálpebras de morto... Refugiava-me na alegria de suas pálpebras quando esse homem era intratável. O sono é duro quando de verdade. Roubou-me tudo. Detesto este meu homem dormindo, capaz de com inconsciência criar para si uma paz que me é estranha. Detesto sua fronte de mel... No fundo de si 'mesmo está a preocupar-se com seu repouso. Recapitula não sei quê... Tínhamos levantado vôo. Queríamos deixar a terra utilizando nosso temperamento. Tínhamos decolado, subido, espiado, e esperado, cantarolado, chegado, gemido, ganho e perdido ao mesmo tempo. Era uma vagabundagem séria. Tínhamos descoberto uma nova espécie de nada. Agora dormes. Teu retraimento não é honesto... Se meu dorminhoco se mexe, minha mão toca, sem querer, a semente. É o celeiro com cinquenta sacos de grãos que é abafante, despótico. As bolsas íntimas de um homem que dorme caíram sobre a minha mão... Posso os saquinhos de sementes. Tenho nas mãos os campos que serão lavrados, os vergéis que serão tratados, a força das águas que será transformada, as quatro tábuas que serão pregadas, os toldos que serão erguidos. Tenho nas mãos os frutos, as flores, os animais selecionados. Tenho na mão o bisturi, o podão, a sonda, o revólver, o fórceps e tudo isso não me enche a mão. A semente do mundo que dorme não é senão o supérfluo oscilante do prolongamento da alma... Odeio-te quando dormes.

É preciso que o deus não adormeça, sem o quê, faz-se barro, carne; é preciso que não deixe de estar presente, sem o quê, sua criatura soçobra no nada. Para a mulher, o sono do homem é avareza e traição. O amante desperta por vezes a amante; é para possuí-la. Ela o desperta simplesmente para que êle não durma, não se afaste, pense somente nela, esteja presente, fechado no quarto, no leito, em seus braços — como Deus no tabernáculo. E o que a mulher deseja: é uma carcereira.

E, no entanto, ela não consente realmente em que o homem não seja senão seu prisioneiro. É esse um dos paradoxos dolorosos do amor: cativo, o deus despoja-se de sua divindade. Destinando-lhe sua transcendência, a mulher salva-a: mas é preciso que êle a transporte para o mundo inteiro. Se dois amantes se abismam juntos no absoluto da paixão, toda liberdade se degrada em imanência: só a morte pode então trazer uma so-

lução. É o sentido do mito de *Tristão e Isolda*. Dois amantes que se destinam exclusivamente um a outro, já estão mortos: morrem de tédio. Em *Terres Étrangères*, Marcel Arland descreveu a agonia de um amor que se devora a si mesmo. A mulher conhece esse perigo. Salvo nas crises de ciúme frenético, ela própria deseja que o homem seja projeto, ação. Não é mais um herói, se não realiza nenhuma façanha. O cavaleiro que parte para novas proezas ofende sua dama, mas ela o despreza se permanece sentado aos pés dela. Essa, a tortura do amor impossível; a mulher quer *ter* todo o homem, mas exige dele que supere todo dado cuja posse seja possível: não se *tem* uma liberdade; ela quer encerrar aqui um existente que é, segundo Heidegger, "um ser dos longes" e ela bem sabe que a tentativa é condenada. "Meu amigo, amo-o como se deve amar, com excesso, loucura, transporte e desespero", escreve Julie de Lespinasse. O amor idólatra, se lúcido, só pode ser desesperado. Porque a amante que pede ao amante que seja herói, gigante, semideus, reclama por não ser tudo para êle, quando só pode conhecer a felicidade com a condição de o conter inteiro dentro de si.

A paixão da mulher, renúncia total a toda espécie de direitos próprios, postula precisamente que o mesmo sentimento, o mesmo desejo de renúncia não exista para o outro sexo, pois se ambos renunciassem a si 'mesmos por amor, 'disso resultaria não sei bem quê, digamos talvez o horror ao vácuo? A mulher quer ser possuída... ela exige portanto alguém que *possua*, que não se dê a si próprio, que não se abandone, mas que queira, ao contrário, enriquecer seu eu no amor... A mulher dá-se, o homem aumenta-se com ela... (Nietzsche, *Gaia Ciência*).

Pelo menos a mulher poderá encontrar sua alegria nesse enriquecimento que traz ao bem-amado; ela não é Tudo para êle, mas tentará acreditar-se indispensável; não há graus na necessidade. Se êle "não pode viver sem ela", ela se considera como o fundamento de sua preciosa existência, e disso aufere seu próprio valor. Põe sua alegria em servi-lo: mas é preciso que êle reconheça esse serviço com gratidão; o dom torna-se exigência, segundo a dialética comum da dedicação¹. E uma mulher de espirito escrupuloso interroga-se: é realmente de *mim* que êle precisa? O homem ama-a, deseja-a com uma ternura e um desejo singular: mas não teria por outra um sentimento igualmente

(¹) Que tentamos indicar em *Pyrrhus et Cinéas*.

singular? Muitas mulheres apaixonadas deixam-se iludir: querem ignorar que o geral se acha envolvido no singular, e o homem facilita-lhes essa ilusão porque antes de tudo a partilha; há constantemente em seu desejo, um arrebatamento que parece desafiar o tempo; no instante em que quer essa mulher êle a quer com paixão e somente a ela: e sem dúvida o instante é um absoluto, mas o absoluto de um instante. Iludida, a mulher passa para o eterno. Divinizada pelo amplexo do senhor, ela acredita ter sido sempre divina e destinada ao deus: ela somente. Mas o desejo masculino é tão fugaz quão imperioso; uma vez satisfeito, morre assaz depressa, ao passo que é, o mais das vezes, depois do amor que a mulher se torna sua prisioneira. É o tema de toda uma literatura fácil de canções triviais. "Um jovem passava, uma mulher cantava... um jovem cantava, uma mulher chorava." E o fato de um homem permanecer duradouramente apegado à mulher não significa que ela lhe seja necessária. É entretanto o que ela reclama: sua abdicação só a salva com a condição de lhe restituir seu império; não se pode fugir ao jogo da reciprocidade. É preciso pois que ela sofra, que ela minta a si mesma. Na maioria das vezes ela se agarra primeiramente à mentira. Imagina o amor do homem como a exata contrapartida do que ela lhe dedica; com má-fé toma o desejo por amor, a ereção por desejo, o amor por uma religião. Força o homem a mentir: tu me amas? Como ontem? Tu me amarás sempre? Habilmente, faz as perguntas no momento em que não há tempo para respostas matizadas e sinceras, ou então em que as circunstâncias as impedem; é durante o amplexo amoroso, no limiar de uma convalescença, entre soluços ou na plataforma de uma estação que ela interroga imperiosamente; faz troféus das respostas arrancadas e, na falta de respostas, faz os silêncios falarem. Toda amorosa verdadeira é mais ou menos paranóica. Lembro-me de uma amiga que, ante o silêncio prolongado de um amante longínquo, declarava: "Quando se quer romper, escreve-se para anunciar a ruptura"; e depois de ter recebido uma carta sem ambigüidade: "Quando se quer realmente romper, não se escreve". É muitas vezes muito difícil verificar onde começa o delírio patológico ante as confidências recebidas. Descrita pela apaixonada, em pânico, a conduta de um homem apresenta-se sempre como extravagante: é um neurótico, um inconsistente, um recalçado, um masoquista, um sádico, um demônio, um covarde ou tudo isso junto; desafia as explicações psicológicas mais sutis. "X. me adora, é loucamente ciumento, desejaria que eu usasse uma mas-

cara quando saio; mas é um ser tão estranho e que desconfia tanto do amor que, quando lhe bato à porta, me recebe no patamar e não me deixa sequer entrar." Ou então: "Z. me adorava. Mas era demasiado orgulhoso para pedir-me que fosse residir em Lião, onde mora: fui e instalei-me em casa dele. Ao fim de oito dias, sem uma briga, mandou-me embora. Tornei a vê-lo duas vezes. Na terceira vez que lhe telefonei, bateu o telefone no meio da conversa. É um neurótico". Essas histórias misteriosas esclarecem-se quando o homem explica: "Não a amava absolutamente", ou "Tinha-lhe amizade, mas não teria suportado viver com ela um mês". Sendo demasiado obstinada, a má-fé conduz ao hospício: um dos traços constantes da erotomania, está em que as condutas do amante se apresentam como enigmáticas e paradoxais; por esse desvio, o delírio da doente consegue sempre quebrar as resistências da realidade. Uma mulher normal acaba sempre sendo vencida pela verdade, e reconhecendo que não é mais amada. Mas, enquanto não é acuada a essa confissão, trapaceia sempre um pouco. Mesmo no amor recíproco há entre os sentimentos dos amantes uma diferença fundamental que ela se esforça por mascarar. Pois é naturalmente preciso que o homem possa justificar-se sem ela, posto que ela espera ser justificada por êle. Se êle lhe é necessário, é porque foge de sua liberdade; mas se assume a liberdade sem a qual não seria nem herói nem simplesmente homem, nada nem ninguém lhe seriam necessários. A dependência que a mulher aceita vem de sua fraqueza: como encontraria uma dependência recíproca naquele que ela ama em sua força?

Uma alma apaixonadamente exigente não poderia encontrar sossego no amor porque visa um fim contraditório. Torturada, atormentada, arrisca-se a tornar-se um fardo para aquele de quem se sonhava escrava; não podendo ser indispensável, torna-se importuna, odiosa. É isso também uma tragédia muito comum. Mais sensata, menos intransigente, a amorosa resigna-se. Não é tudo, não é necessária: basta-lhe ser útil; outra ocuparia facilmente seu lugar: ela contenta-se com ser a que está presente, reconhece sua servidão sem pedir reciprocidade. Pode então experimentar uma felicidade modesta; mas, mesmo dentro de tais limites, essa felicidade não será sem nuvens. Muito mais dolorosamente do que a esposa, a amorosa espera. Se a própria esposa é exclusivamente uma amorosa, as tarefas caseiras, a maternidade, suas ocupações, seus prazeres não têm valor nenhum a seus olhos: é a presença do esposo que a arranca ao limbo

do tédio. "Quando não estás presente, parece-me que não vale sequer a pena olhar o dia; tudo que me acontece é então como uma morte, não passo mais de um pequeno vestido vazio jogado sobre uma cadeira", escreve Cécile Sauvage nos primeiros tempos de seu casamento ¹. E vimos que muitas vezes é fora do casamento que nasce e desabrocha o amor-paixão. Um dos mais notáveis exemplos de uma vida inteira dedicada ao amor é o de Juliette Drouet: ela é apenas uma espera indefinida. "Cumpre sempre voltar ao mesmo ponto de partida, isto é, a esperá-lo sempre", escreve ela a Victor Hugo. "Eu o espero como um esquilo na gaiola." "Deus meu! Como é triste para uma natureza como a minha esperar desde um fim da vida até o outro." "Que dia! Pensei que não passasse, a tal ponto te esperei, e agora acho que passou depressa demais porquanto não te vi..." "Acho o dia infundável..." "Espero-o porque afinal prefiro ainda esperar, a crer que não virá mais." É verdade que Victor Hugo, depois de Juliette romper com seu rico protetor, Príncipe Demidoff, confinara-a em um pequeno apartamento e durante doze anos proibiu-a de sair sozinha, a fim de que não reatasse com nenhum de seus amigos de outrora. Mesmo quando a sorte daquela que se intitulava "sua pobre vítima enclaustrada" se amenizou, não deixou ela de ter o amante como única razão de viver e de vê-lo bem pouco. "Amo-te, meu Victor bem amado", escreve em 1841, "mas tenho o coração triste e cheio de amargura; vejo-te tão pouco, e o pouco que te vejo me pertences tão pouco, que todos esses poucos fazem um todo de tristeza que me enche o coração e o espírito." Ela sonha conciliar a independência com o amor. "Gostaria de ser independente e escrava a um tempo, independente por uma situação de que viva e escrava unicamente de meu amor." Mas tendo definitivamente malogrado em sua carreira de atriz, teve de resignar-se "de um fim de vida a outro" a ser apenas uma amante. Apesar de seus esforços para prestar serviço ao ídolo, suas horas eram demasiado vazias: as 17.000 cartas que escreveu a Hugo, ao ritmo de 300 a 400 por ano, testemunham-no. Entre as visitas do senhor não lhe restava senão matar o tempo. O pior horror na condição da mulher de harém é serem seus dias uns desertos de tédio: quando o homem não usa esse objeto que ela é para êle, ela não é abso-

(¹) Ê diferente o caso quando a mulher encontra sua autonomia no casamento; então o amor entre os cônjuges pode ser uma livre troca de dois seres que se bastam.

lutamente mais nada. A situação da amorosa é análoga: ela só quer ser essa mulher amada, nada mais tem valor a seus olhos. Para existir, é-lhe preciso portanto que o amante esteja a seu lado, se ocupe com ela; ela espera a chegada, o desejo, o despertar dele. E logo que êle a deixa, recomeça a esperar. É a maldição que pesa sobre a heroína de *Back Street*, de Fanny Hurst, sobre a de *Intempéries*, de R. Lehman, sacerdotisas e vítimas do amor puro. É a dura punição infligida a quem não tomou o próprio destino nas mãos.

Esperar pode ser uma alegria. Para quem espreita o bem-amado sabendo que acorre, que a ama, a espera é uma promessa deslumbrante. Mas passada a embriaguez confiante do amor que muda a própria ausência em presença, misturam-se ao vazio da ausência os tormentos da inquietação: o homem também pode nunca mais voltar. Conheci uma mulher que a cada encontro acolhia o amante com espanto. "Pensava que não voltasses mais", dizia. E se êle perguntava por quê: "*Poderias não voltar; quando te espero tenho sempre a impressão de que não te verei mais*". Mas principalmente êle pode deixar de amar: pode amar outra mulher. Pois a violência com que a mulher procura iludir-se dizendo: "Êle me ama loucamente e só a mim pode amar", não exclui as torturas do ciúme. Afirmações apaixonadas e contraditórias são peculiares à má-fé. Assim o louco, que obstinadamente se imagina Napoleão, não se embaraça em reconhecer que é também barbeiro. Raramente a mulher consente em indagar: gosta êle realmente de mim? Mas cem vezes ela se interroga: não gosta êle de outra? Não admite que o fervor do amante tenha podido diminuir pouco a pouco, nem que êle dê menos valor do que ela ao amor: logo inventa rivais. Ela considera o amor como um sentimento livre e como um encantamento mágico ao mesmo tempo; e estima que "seu" homem continua a amá-la em sua liberdade enquanto é "enleado", "pegado numa armadilha" por uma hábil intrigante. O homem possui a mulher enquanto assimilada a êle, em sua imanência. É por isso que desempenha tão facilmente o papel de um Bou-bouroche¹; tem dificuldade em imaginar que ela seja também uma outra que lhe escapa: o ciúme nele não passa em geral de uma crise passageira, como o próprio amor. A crise pode ser violenta e até assassina, mas é raro que a inquietação se instale duradouramente nele. O ciúme apresenta-se principalmente

(¹) Personagem ridículo de Courteline. (N. do T.)

nele como um derivativo: quando seus negócios vão mal, quando se sente molestado pela vida, então é que se diz achincalhado pela mulher¹. Ao contrário, a mulher amando o homem em sua alreridade, *em* sua transcendência, sente-se a cada instante em perigo. Não há grande distância entre a traição da ausência e a infidelidade. Desde que se sente desarmada, ela torna-se ciumenta: dadas suas exigências, esse é sempre mais ou menos o caso: suas censuras, suas queixas traduzem-se por cenas de ciúme, quaisquer que sejam os pretextos; assim é que exprimirá a impaciência e o tédio da espera, o amargo sentimento de sua dependência, a tristeza de ter apenas uma existência mutilada. É todo o seu destino que está em jogo em cada olhar que o homem amado endereça a outra mulher, porquanto alienou nele todo seu ser. Por isso se irrita, se o olhar do amante se volta um instante para uma estranha. E se ele lhe observa que ela acaba de contemplar longamente um desconhecido, ela responde: "Não é a mesma coisa". E tem razão. Um homem olhado por uma mulher nada recebe desta: o dom só começa a partir do momento em que a carne feminina se faz presa. Ao passo que a mulher ambicionada é de imediato metamorfoseada em objeto desejável e desejado; e a amorosa desprezada "retorna ao barro vulgar". Por isso está ela sempre de atalaia. Que faz êle? Que olha êie? Com quem fala? O que um desejo deu a ela, um sorriso pode retomar-lhe. Basta um instante para precipitá-la "da luz nacarada da imortalidade" no crepúsculo quotidiano. Tudo recebeu do amor, pode tudo perder, ao perdê-lo. Impreciso ou definido, sem fundamento ou justificado, o ciúme é para a mulher uma tortura enlouquecedora porque é uma contestação radical do amor; é preciso, se a traição é certa, renunciar a fazer do amor uma religião, ou renunciar ao amor; é uma subversão tão radical que se compreende que a amorosa, ora duvidando, ora se iludindo, sinta-se obcecada pelo desejo e pelo temor de descobrir a verdade mortal.

Arrogante e ansiosa a um tempo, acontece amiúde que a mulher, estando sempre com ciúme, o esteja sempre sem razão: Juliette Drouet conheceu as angústias da suspeita em relação a todas as mulheres de quem Hugo se aproximava, esquecendo somente de temer Léonie Biard, que durante oito anos foi amante

(¹) É o que ressalta, entre outras coisas, da obra de Lagache, *Nature et formes de la jalousie*.

dele. Na incerteza, toda mulher é uma rival, um perigo. O amor mata a amizade porque a amorosa se encerra no universo do homem amado; o ciúme exaspera-lhe a solidão e, desse modo, torna a dependência dela mais estreita. Nisso ela encontra entretanto um recurso contra o tédio: conservar um marido é um trabalho; conservar um amante, uma espécie de sacerdócio. A mulher que se negligenciava, perdida numa adoração feliz, recomeça a cuidar de si logo que pressente uma ameaça. Toalete, arranjo do lar, exhibições mundanas tornam-se os momentos de um combate. A luta é uma atividade tônica: enquanto tem quase certeza de vencer, a guerreira encontra nela um prazer pungente. Mas o temor angustiado da derrota transforma em humilhante servidão o dom generosamente consentido. O homem ataca para se defender. Uma mulher, ainda que orgulhosa, é forçada a fazer-se meiga e passiva; manobras, prudência, ardis, sorrisos, encantos, docilidade são suas melhores armas. Revejo essa jovem mulher a cuja porta bati de improviso uma noite; deixara-a duas horas antes mal pintada, negligentemente vestida, com um olhar morto; agora ela o esperava; quando deu comigo, retomou sua expressão habitual, mas durante um momento tive tempo de vê-la preparada para êle, crispada em seu medo e sua hipocrisia, já preparada para todos os sofrimentos por trás de seu sorriso jovial; estava penteada com cuidado, uma maquilagem insólita animava-lhe as faces e os lábios, fantasiara-se com uma blusa de renda de deslumbrante brancura. Vestido de festa, arma de combate. Os massagistas, os caracterizadores, os "estetas" sabem que seriedade trágica emprestam suas clientes a cuidados que parecem fúteis; é preciso inventar novas seduções para o amante, é preciso tornar-se a mulher que êle almeja encontrar e possuir. Mas todo esforço é vão; ela não ressuscitará em si essa imagem da Outra que de início o atraíra, que pode atraí-lo em uma outra. Há no amante a mesma dúplice e impossível exigência que há no marido: quer a amante absolutamente sua e no entanto estranha; êle a quer exatamente de acordo com seu sonho e diferente de tudo o que sua imaginação inventa, uma resposta à sua espera e uma surpresa imprevista. Essa contradição atormenta a mulher e a vota ao malogro. Ela tenta molder-se em obediência ao desejo do amante; muitas mulheres que tinham desabrochado nos primeiros tempos de um amor que confirmava seu narcisismo, assustam, por um servilismo maníaco, quando se sentem menos amadas; obcecadas, empobrecidas, irritam o amante; dando-se a êle cegamente, a mulher perdeu essa

dimensão de liberdade que a princípio a tornava fascinante. Êle buscava seu reflexo nela: mas, se o encontra demasiado fiel, aborrece-se. Uma das desgraças da amorosa está em que seu próprio amor a desfigura, a aniquila; fica sendo somente essa escrava, essa criada, esse espelho por demais dócil, esse eco por demais fiel. Quando o percebe, seu desespero diminui-lhe ainda o valor; em meio às lágrimas, às reivindicações, às cenas, acaba perdendo todo atrativo. Um existente é o que faz; para ser, ela confiou numa consciência estranha e renunciou a fazer qualquer coisa. "Só sei amar", escreve Julie de Lespinasse. *Eu que sou tão somente amor*: este título de romance¹ é a divisa da amorosa; ela é somente amor e, quando o amor se acha privado de seu objeto, ela não é mais nada.

Muitas vezes compreende seu erro; tenta então reafirmar sua liberdade, reencontrar sua alteridade; torna-se coquete. Desejada por outros homens, interessa novamente o amante entediado: é o tema batido de muitos romances "perversos"; a separação basta por vezes para devolver-lhe o prestígio; Albertine parece insôssa quando se acha presente e dócil; à distância volta a ser misteriosa e Proust ciumento valoriza-a novamente. Mas essas manobras são delicadas; se o homem as penetra, revelam apenas irrisoriamente a servidão de sua escrava. E seu próprio êxito não vai sem perigo: é porque é sua que o amante desdenha a amante, mas é porque é sua que a ela se prende; será o desdém ou o apego que uma infidelidade arruinará? Pode ser que, despeitado, o homem se afaste da indiferente: êle a quer livre, mas êle a quer dada. Ela conhece esse risco: seu coquetismo com isso se paralisa. É quase impossível a uma amorosa jogar habilmente o jogo; tem medo demais de cair na própria armadilha. E, na medida em que ainda ama o amante, repugna-lhe enganá-lo: como permaneceria êle um deus a seus olhos? Ganhando a partida, ela destrói o ídolo; perdendo-a, perde-se a si mesma. Não há salvação.

Uma amorosa prudente — mas tais palavras não vão juntas — esforça-se por converter a paixão do amante em ternura, em amizade, em hábito; ou tenta segurá-lo por laços sólidos: filho, casamento. Esse desejo de casamento obsidia muitas ligações: é o da segurança. A amante hábil tira proveito da generosidade do jovem amor para obter um seguro contra o futuro. Mas, quan-

(¹) Dominique Rollin.

do se entrega a essas especulações, não merece mais o nome de amorosa. Por que esta sonha loucamente com captar para sempre a liberdade do amante mas não com o aniquilar. É por isso que salvo o caso muito raro em que o livre e mútuo empenho se perpetua durante toda uma vida, o amor-religião conduz à catástrofe. Com Mora, Mlle de Lespinasse teve a sorte de se cansar em primeiro lugar; cansou-se porque encontrou Guibert que por sua vez não demorou em se cansar dela. O amor de Mme d'Agoult e Liszt morreu dessa dialética implacável: o arrebatamento, a vitalidade, a ambição que tornavam Liszt tão amável votavam-no a outros amores. A religiosa portuguesa tinha que ser abandonada. A chama que tornava d'Annunzio tão cativante¹ tinha por preço sua infidelidade. Uma ruptura pode marcar profundamente um homem, mas afinal êle tem sua vida de homem a viver. A mulher abandonada não é mais nada, não tem mais nada. Se lhe perguntam: "Como vivia, antes?", não se lembra sequer. Esse mundo que era seu, ela o deixou cair em cinzas para adotar uma nova pátria de que é brusca-mente expulsa; renegou todos os valores em que acreditava, destruiu suas amizades; encontra-se sem teto sobre a cabeça e em derredor é o deserto. Como recomeçaria uma vida nova, se não há nada fora do amado? Refugia-se em delírios, como outrora no claustro; ou se é demasiado sensata, resta-lhe apenas morrer: muito rapidamente, como Mlle de Lespinasse ou pouco a pouco; a agonia pode durar muito tempo. Quando uma mulher, durante dez ou vinte anos, se dedicou a um homem de corpo e alma, quando êle se manteve firmemente sobre o pedestal em que o ergueu, o abandono em que êle a deixa pode ser uma catástrofe fulminante. "Que poderei fazer, indagava aquela mulher de 40 anos, se Jacques não me ama mais?" Vestia-se, pintava-se com cuidado, mas seu rosto endurecido, já gasto, não podia suscitar um novo amor; poderia ela própria amar outro depois de vinte anos à sombra de um homem? Restam ainda muitos anos de vida quando se tem 40 anos. Revejo outra mulher que conservava olhos belos, traços nobres, apesar de um rosto inchado pelo sofrimento e que deixava, sem o perceber sequer, as lágrimas escorrerem-lhe pelas faces, em público, cega e surda. Agora, o deus diz a outra as palavras inventadas para ela; rainha destroad, não sabe mais se jamais reinou sobre um verdadeiro reino. Se é inda moça, a mulher tem possibilidades de curar-se: um

(¹) No dizer de Isadora Duncan.

novo amor poderá curá-la. Por vezes, a este se entregará com um pouco mais de reserva, compreendendo que o que não é único não pode ser absoluto; mas muitas vezes ela se quebrará de encontro a esse novo amor, com muito mais violência ainda que da primeira vez, porque terá de resgatar também o malogro anterior. O malogro do amor absoluto só é uma experiência fecunda se a mulher é capaz de recuperar o domínio de si mesma: separada de Abelardo, Heloísa não se transformou num destroço porque, dirigindo uma abadia, construiu uma existência autônoma. As heroínas de Colette têm demasiado orgulho e recursos para se demolirem com uma decepção amorosa: Renée Méré salva-se pelo trabalho. E "Sido" dizia à filha que não se inquietasse demais com seu destino sentimental, porque sabia que Colette não era apenas uma amorosa. Mas há poucos crimes que acarretem pior castigo do que esse erro generoso: entregar-se por inteiro a outras mãos.

O amor autêntico deveria assentar no reconhecimento recíproco de duas liberdades; cada um dos amantes se sentiria então como si mesmo e como o outro: nenhum abdicaria sua transcendência, nenhum se mutilaria; ambos desvendariam juntos, no mundo, valores e fins. Para um e para outro, o amor seria uma revelação de si mesmo pelo dom de si e o enriquecimento do universo. Em sua obra *Connaissance de soi*, Georges Gusdorf resume muito exatamente o que o *homem* pede ao amor.

O amor revela-nos a nós mesmos, fazendo-nos sair de nós mesmos. Nós nos afirmamos ao contato do que nos é estranho e complementar. O amor, como forma do conhecimento, descobre novos céus e novas terras na própria paisagem em que sempre vivemos. Eis o grande segredo: o mundo é outro, *eu sou outro*. E não sou mais o único a sabê-lo. Melhor até: foi alguém que mo ensinou. A mulher desempenha, pois, um papel indispensável e capital na consciência que êle assume de si mesmo.

Daí a importância de que o aprendizado amoroso se reveste para o jovem¹; vimos como Stendhal e Malraux se maravilham com o milagre que fêz que "eu mesmo seja outro". Mas Gusdorf erra ao escrever: "E do *mesmo modo* o homem representa para a mulher um intermediário indispensável de si mesma a si mesma", porquanto hoje a situação dela não é *igual*;

(¹) Ver vol. I.

o homem é revelado sob outra forma, mas permanece êle mesmo e sua nova fisionomia integra-se no conjunto de sua personalidade. Só ocorreria o mesmo com a mulher se ela também existisse essencialmente como para-si; o que implicaria a posse de uma independência econômica, sua possibilidade de projetar-se para fins próprios e superar-se sem intermediários para a coletividade. Então são possíveis os amores em termos de igualdade, como o que Malraux descreve entre Kyo e May. Pode mesmo acontecer que a mulher desempenhe o papel viril e dominador como Mme de Warens em face de Rousseau, Léa em face de Chéri. Mas, na maioria dos casos, a mulher só se conhece como outro; seu para-outrem confunde-se com seu próprio ser; o amor não é para ela um intermediário de si a si, porque ela não se reencontra em sua existência subjetiva; permanece abismada nessa amante que o homem não somente revelou como criou; sua salvação depende dessa liberdade despótica que a fundou e pode em um instante aniquilá-la. Ela vive a tremer diante daquele que tem seu destino nas mãos, sem o saber e sem o querer; ela está em perigo em outro, testemunha angustiada e impotente de seu próprio destino. Tirano sem o querer, sem o querer carrasco, esse outro, a despeito de ambos, tem uma feição inimiga; em lugar da união procurada, a amorosa conhece a mais amarga das solidões, em lugar da cumplicidade, a luta e amiúde o ódio. O amor na mulher é uma tentativa suprema de superar, assumindo-a, a dependência a que se acha condenada; mas, mesmo consentida, essa dependência não se pode viver senão no medo e no servilismo.

Os homens não cessaram de proclamar que o amor é para a mulher sua suprema realização. "Uma mulher que ama como mulher, ainda se torna mais profundamente mulher", diz Nietzsche; e Balzac: "Em um plano elevado, a vida do homem está na glória, a da mulher no amor. A mulher só se iguala ao homem fazendo de sua vida uma perpétua oferenda, como a do homem é uma perpétua ação". Mas trata-se ainda aqui de uma mistificação cruel, pois o que ela oferece eles não se esforçam em absoluto por aceitar. O homem não precisa da dedicação incondicional que reclama, nem do amor idólatra que lhe acaricia a vaidade; só os acolhe com a condição de não satisfazer as exigências que tais atitudes reciprocamente implicam. Êle recomenda à mulher que dê: e os dons dela o apoquentam; ela vê-se embaraçada com seus inúteis presentes, com sua existência vã. No dia em que fôr possível à mulher amar em sua força, não

em sua fraqueza, não para fugir de si mesma mas para se encontrar, não para se demitir mas para se afirmar, nesse dia o amor tornar-se-á para ela, como para o homem, fonte de vida e não perigo mortal. Enquanto isso não acontece, êle resume sob sua forma mais patética a maldição que pesa sobre a mulher encerrada no universo feminino, a mulher mutilada, incapaz de se bastar a si mesma. As numerosas mártires do amor testemunharam contra a injustiça de um destino que lhes propõe, como derradeira salvação, um inferno estéril.

CAPÍTULO III

A MÍSTICA

O AMOR foi apontado à mulher como sua suprema vocação e, quando o dedica a um homem, nele ela procura Deus: se as circunstâncias lhe proíbem o amor humano, se é desiludida ou exigente, é em Deus mesmo que ela escolherá adorar a divindade. Por certo, houve também homens que se queimaram na mesma chama, mas são raros e seu fervor assumia uma forma intelectual muito depurada. Ao passo que são muitas as mulheres que se abandonam às delícias das núpcias celestiais; e elas as vivem de uma maneira estranhamente afetiva. A mulher está acostumada a viver de joelhos; espera normalmente que sua salvação desça do céu onde reinam os homens; eles também estão envoltos em nuvens; é para além dos véus de sua presença carnal que sua majestade se revela. O Amado está sempre mais ou menos ausente; comunica-se com sua adoradora mediante sinais ambíguos; ela só lhe conhece o coração por um ato de fé; e quanto mais êle se lhe apresenta como superior, mais as condutas dele se lhe afiguram impenetráveis. Vimos na erotomania que essa fé resistia a todos os desmentidos. A mulher não tem necessidade de ver nem de tocar para sentir a Presença a seu lado. Que se trate de um médico, de um padre ou de Deus, ela conhecerá as mesmas evidências incontestáveis, ela acolherá como escrava, em seu coração, o amor que cai do alto aos borbotões. Amor humano, amor divino confundem-se, não porque este seja uma sublimação daquele, mas porque o primeiro é também um movimento para um transcendente, para um absoluto. Trata-se em todo caso, para a amorosa, de salvar sua existência contingente unindo-a ao Todo encarnado em uma Pessoa soberana.

Esse equívoco é flagrante em numerosos casos — patológicos ou normais — em que o amante é divinizado, em que Deus se

apresenta sob traços humanos. Citarei apenas este que relata Ferdière em sua obra sobre a erotomania. É a doente que fala:

Em 1923 corripondi-me com um jornalista da *Presse*; todos os dias lia seus artigos de moral, lia entre as linhas; parecia-me que êle me respondia, que me dava conselhos; eu escrevia cartas de amor; escrevia-lhe muito... Em 1924, a coisa ocorreu-me bruscamente: parecia-me que Deus procurava uma mulher, que viria falar-me; tinha a impressão de que me confiara uma missão, de que me escolhera para fundar um templo; acreditava-me centro de uma aglomeração muito importante, onde haveria mulheres que tratariam dos doutores... Foi nesse momento que... fui transferida para o hospício de Clermont... Havia lá jovens doutores que queriam refazer o mundo: na minha cela eu sentia seus beijos em meus dedos, seus órgãos sexuais em minhas mãos; uma vez eles me disseram: "Tu não és sensível, e sim sensual; vira-te"; eu me virei e senti-os em mim: era muito agradável... O chefe de serviço, Dr. D... era como um deus. Eu sentia muito bem que êle tinha alguma coisa quando se aproximava de minha cama; olhava-me com um ar de dizer: sou todo teu. Amava-me realmente: um dia olhou-me com insistência, de uma maneira verdadeiramente extraordinária... seus olhos verdes tornaram-se azuis como o céu; cresceram intensamente de uma maneira formidável... êle olhava o efeito provocado, ao mesmo tempo que falava com outra doente e sorria... Fiquei assim bloqueada, bloqueada no Dr. D... um prego não arranca o outro e, apesar de todos os meus amantes (tive 15 ou 16), não pude separar-me dele; é por isso que êle é culpado... Há mais de doze anos venho tendo sempre conversas mentais com êle... quando o queria esquecer, êle manifestava-se de novo... mostrava-se por vezes algo zombeteiro... "Estás vendo, te amedronto, dizia ainda, poderás amar outros mas voltarás a mim sempre..." Escrevia-lhe freqüentemente cartas, fixando-lhe encontros a que eu comparecia. No ano passado fui vê-lo; êle assumiu uma atitude; não tinha calor, senti-me tola e fui-me embora... Dizem-me que casou com outra mulher, mas êle me amará sempre... é meu esposo e no entanto o ato nunca se realizou, o ato que soldaria... "Abandona tudo, diz êle por vezes, comigo subirás sempre, sempre, não serás como um ser da terra." Compreende: cada vez que procuro Deus, encontro um homem: não sei mais para que religião me voltar.

Trata-se aqui de um caso patológico. Mas encontra-se em muitas devotas essa inextricável confusão entre o homem e Deus. É principalmente o confessor que ocupa um lugar equívoco entre o céu e a terra. Êle ouve com ouvidos carnisais a penitente que lhe exhibe a alma, mas é uma luz sobrenatural que brilha no olhar com que êle a envolve; é um homem divino, é deus presente sob a aparência de um homem. Mme Guyon descreve nestes termos seu encontro com o Pe. La Combe: "Pareceu-me que uma influência de graça vinha dele a mim pelo mais íntimo da alma e retornava de mim a êle, de modo que êle sentia o mesmo efeito". Foi a inter-

venção do religioso que a arrancou à secura de que sofria há anos e novamente lhe abrasou a alma de fervor. Ela viveu ao lado dele durante todo o seu grande período místico. Confessa: "Não era mais senão uma inteira unidade, de maneira que *não podia mais distingui-lo de Deus*". Seria demasiado sumário dizer que ela estava em verdade apaixonada por um homem e fingia amar a Deus: amava também esse homem porque era aos olhos dela outra coisa que êle próprio. Tal qual a doente de Ferdière, o que procurava indistintamente atingir era a fonte suprema dos valores. É o que visa toda mística. O intermediário masculino é-lhes por vezes útil para tomar impulso para o deserto do céu; mas não é indispensável. Distinguindo mal a realidade do jogo, o ato da conduta mágica, o objeto do imaginário, a mulher é singularmente apta a tornar presente uma ausência através de seu corpo. O que é muito menos humorístico é identificar, como o fizeram por vezes, misticismo com erotomania: a erotômana sente-se valorizada pelo amor de um ser soberano; este é que toma a iniciativa das relações amorosas, ama mais apaixonadamente do que é amado; torna conhecidos seus sentimentos através de sinais evidentes mas secretos; é ciumento e irrita-se com a carência de fervor da eleita: não hesita então em puni-la; não se manifesta quase nunca sob um aspecto carnal e concreto. Todos esses traços se encontram nos místicos; em particular Deus ama de toda a eternidade a alma que abrasa com seu amor, por ela verteu seu sangue, prepara-lhe esplêndidas apoteoses; tudo o que ela pode fazer é entregar-se sem resistência.

Admite-se hoje que a erotomania assume uma forma ora platonica, ora sexual. Assim também, o corpo participa mais ou menos dos sentimentos que a mística dedica a Deus. Suas efusões são calcadas sobre as que conhecem os amantes terrestres. Enquanto Ângela de Foligno contemplava uma imagem de Cristo apertando São Francisco nos braços, êle lhe disse: "Eis como te apertarei contra mim e muito mais do que os olhos do corpo podem ver... não te abandonarei nunca, se me amares". Mme Guyon escreve: "O amor não me deixava um só instante de repouso. Dizia-lhe: Ó meu amor, basta, deixai-me". — "Quero o amor que provoca na alma frêmitos inefáveis, o amor que me extasia..." — "Ó meu Deus! Se fizésseis as mulheres mais sensuais sentirem o que sinto, abandonariam desde logo seus falsos prazeres para gozar de bem tão verdadeiro". Conhece-se a célebre visão de Santa Teresa:

O anjo trazia nas mãos um comprido dardo dourado. De vez em quando, mergulhava-o em meu coração e empurrava-o até as entranhas. Quando retirava o dardo, era como se fosse arrancar-me as entranhas e eu ficava toda inflamada de amor divino... Do que tenho certeza é que a dor penetra até o fundo de minhas entranhas e parece que estas se rasgam quando meu esposo espiritual retira a flecha com a qual as traspassou.

Pretendem, por vezes, com piedade, que a pobreza da linguagem obriga a mística a valer-se desse vocabulário erótico; mas ela também só dispõe de um corpo, e toma de empréstimo ao amor terrestre não somente palavras como atitudes físicas; tem, para oferecer-se a Deus, as mesmas condutas que quando se oferece a um homem. Isso não diminui aliás, em nada, o valor de seus sentimentos. Quando Ângela de Foligno se torna ora "pálida e seca", ora "gorda e rubicunda" segundo os movimentos de seu coração, quando se expande em dilúvios de lágrimas¹, quando se desmonta, não há como considerar tais fenômenos como puramente "espirituais". Mas explicá-los apenas pela sua excessiva "emotividade" é invocar a "virtude dormitiva" da papoula; o corpo nunca é a *causa* das experiências subjetivas porquanto é, em sua figura objetiva, o próprio sujeito: este vive suas atitudes na unidade de sua existência. Adversários e admiradores dos místicos pensam que dar um conteúdo sexual aos êxtases de Santa Teresa é degradá-la ao nível de uma histérica. Mas o que diminui o sujeito histórico não é o fato de que seu corpo exprime ativamente suas obsessões: é o de estar obsidiado, é o de estar sua liberdade enfeitiçada e anulada; o domínio que um faquir adquire sobre seu organismo não o torna escravo dele; a mímica corporal pode achar-se envolvida no impulso de uma liberdade. Os textos de Santa Teresa não se prestam a nenhum equívoco e justificam a estátua de Bernin que nos mostra a santa extasiada em seus excessos de fulminante volúpia; não seria entretanto menos falso interpretar suas emoções como uma simples "sublimação sexual"; não há primeiramente um desejo sexual, inconfessado, que assume a forma de amor divino; a amorosa, ela própria, não é primeiramente a presa de um desejo sem objeto que se fixaria em seguida em um indivíduo; e a presença do amante que suscita nela uma turvação imediatamente intencionada para êle; assim, num só movimento, Santa

(¹) "As lágrimas queimavam-lhe as faces a ponto de ter de banhá-las com água fria", conta um de seus biógrafos.

Teresa procura unir-se a Deus e vive essa união em seu próprio corpo; não é escrava de seus nervos e de seus hormônios: cumpre antes admirar nela a intensidade de uma fé que lhe penetra a carne em sua mais profunda intimidade. Em verdade, como a própria Santa Teresa o compreendera, o valor de uma experiência não se mede segundo a maneira por que foi subjetivamente vivida e sim segundo seu alcance objetivo. Os fenômenos do êxtase são mais ou menos os mesmos em Santa Teresa e em Maria Alacoque: o interesse de sua mensagem é muito diferente. Santa Teresa põe de uma maneira inteiramente intelectual o dramático problema da relação entre o indivíduo e o Ser transcendente; ela viveu como mulher uma experiência cujo sentido ultrapassa qualquer especificação sexual; cabe situá-la ao lado de Suso e de São João da Cruz. Mas ela é uma exceção brilhante. O que nos oferecem suas irmãs menores é uma visão essencialmente feminina do mundo e da salvação; não é um transcendente que visam: é a redenção de sua feminilidade¹.

A mulher busca primeiramente no amor divino o que a amorosa exige no amor do homem: a apoteose de seu narcisismo; esse olhar soberano, atenta e amorosamente fixado nela, é uma milagrosa fortuna. Através de sua vida de moça, de jovem mulher, Mme Guyon sempre fora atormentada pelo desejo de ser amada e admirada. Uma mística protestante moderna, Mlle Vée, escreve: "Nada me faz tão infeliz como não ter ninguém se interessando por mim de maneira especial e simpática ao que se passa dentro de mim". Mme Krüdener imaginava que Deus se ocupava dela sem cessar, a tal ponto que, conta Sainte-Beuve, "em seus momentos mais decisivos com o amante, ela gemia: Meu Deus, como estou feliz! Peço-vos que me perdoeis o excesso de minha felicidade!" Compreende-se a embriaguez que invade o coração da narcisista quando todo o céu se faz seu espelho; sua imagem divinizada é infinita como o próprio Deus, não se dissipa nunca; e ao mesmo tempo, ela sente em seu seio ardente, palpitante, afogado no amor, sua alma criada, redimida, amada pelo Pai adorável; é seu duplo, é ela própria que possui, infinitamente magnificada pela mediação de Deus. Estes textos de Santa Ângela de Foligno são particularmente significativos. Eis como Jesus lhe fala:

(1) Com Catarina de Siena, as preocupações teológicas conservam entretanto muita importância. É ela, também um tipo assaz viril.

Minha doce filha, minha filha, minha amada, meu tempo. Minha filha, minha amada, *ama-me porque te amo*, muito, muito mais do que me podes amar. Toda a tua vida: teu comer, teu beber, teu dormir, toda a tua vida me apraz. Farei em ti grandes coisas aos olhos das nações; em ti serei conhecido e em ti meu nome será louvado por grande número de povos. Minha filha, minha esposa que me é doce, amo-te muito.

E ainda:

Minha filha que me é mais doce do que te sou doce, minhas delícias, o coração de Deus todo-poderoso está agora em teu coração. . . O Deus todo-poderoso depositou em ti muito amor, *mais do que em nenhuma mulher desta cidade*; fez de ti suas delícias.

E de outra feita:

Dedico-te um tal amor que não me preocupa mais com tuas fraquezas e que meus olhos não mais as olham. Depositei em ti um grande tesouro.

A eleita não poderia deixar de responder com paixão a essas declarações tão ardentes e que caem de tão alto. Ela tenta unir-se ao amante pela técnica habitual da amorosa: a do aniquilamento. "Só tenho uma ocupação que é amar, esquecer-me, aniquilar-me", escreve Maria Alacoque. O êxtase solapa corporalmente essa abolição do eu; o sujeito não vê mais, não sente mais, esquece o corpo, renega-o. Pela violência desse abandono, pela aceitação extasiada da passividade, indica-se em profundidade a deslumbrante e soberana Presença. O uietismo de Mme Guyon erigia essa passividade em sistema: quanto a ela, passava grande parte do tempo em uma espécie de catalepsia; dormia acordada.

Em sua maioria, as místicas não se contentam com se abandonar passivamente a Deus: esforçam-se ativamente por se aniquilar pela destruição da carne. Sem dúvida, o ascetismo é também praticado pelos monges e pelos religiosos. Mas o encarniçamento com que a mulher humilha a carne assume caracteres singulares. Vimos a que ponto é ambígua a atitude da mulher para com o corpo: é através da humilhação e do sofrimento que ela o metamorfoseia em glória. Entregue a um amante como objeto de prazer, ela torna-se templo, ídolo; dilacerada pelas dores do parto, cria heróis. A mística vai torturar a carne para ter o direito de a reivindicar; reduzindo-a à abjeção, exalta-a como instrumento de sua salvação. Assim se explicam os estra-

nhos excessos a que se entregam certas santas. Santa Ângela de Foligno conta que bebeu deliciada a água em que acabava de lavar as mãos e os pés dos leprosos:

Esta bebida inundou-nos de tal suavidade que a alegria nos acompanhou até em casa. Nunca bebêra com tamanha delícia. Um pedaço de pele escamada das chagas do leproso, parara-me na garganta. Ao invés de rejeitá-lo, fiz esforços para o engolir e consegui-o. Pareceu-me que acabava de comungar. Nunca poderei exprimir as delícias em que me afogava.

Sab e-se que Maria Alacoque limpou com a língua os vômitos de um doente; descreve em sua autobiografia a felicidade que sentiu quando encheu a boca com excrementos de um homem com diarreia; Jesus recompensou-a mantendo-lhe os lábios colados durante três horas contra seu Sagrado Coração. É principalmente nos países de uma ardente sensualidade como a Itália e a Espanha que a devoção assume cores carnis: numa aldeia dos Abruzzos, as mulheres ainda hoje ferem a língua ao longo de um caminho dos Passos lambendo as pedras do solo. Em todas essas práticas, não fazem senão imitar o Redentor que salvou a carne pelo aviltamento de sua própria carne: é de maneira muito mais concreta que os homens que elas são sensíveis a esse grande mistério.

É sob a figura do esposo que Deus aparece de preferência à mulher; por vezes êle se mostra em sua glória, deslumbrante de brancura e de beleza, dominador; veste-a com um vestido de núpcias, coroando-a, tomando-a pela mão e prometendo-lhe uma apoteose celeste. Mas, o mais das vezes, êle é um ser de carne; a aliança que Jesus dera a Santa Catarina e que ela trazia, invisível, ao dedo, era "esse anel de carne" que a Circuncisão extraíra dele. Êle é principalmente um corpo judiado e sangrento: é na contemplação do Crucificado que ela se abisma com mais fervor; identifica-se com a Virgem Mãe carregando nos braços os restos mortais do Filho, ou com Madalena em pé ao pé da cruz regada pelo sangue do Bem-Amado. Desse modo ela satisfaz suas fantasias sado-masoquistas. Na humilhação do Deus ela admira a degradação do Homem; inerte, passivo, coberto de chagas, o crucificado é a imagem invertida da mártir branca e vermelha entregue às feras e com a qual a menina muitas vezes se identificou: ela sente-se transtornada de emoção ao ver que o Homem-Deus assumiu seu papel. Ela é que está deitada na cruz, prometida ao esplendor da Ressurreição. É ela: prova-o;

sua fronte sangra sob a coroa de espinhos, suas mãos, seus pés, seus flancos são traspassados por um ferro invisível. Em 321 estigmatizados que conta a Igreja Católica, há 47 homens apenas; os outros — Helena de Hungria, Joana da Cruz, G. d'Osten, Osana de Mântua, Claire de Montfalcon — são mulheres que em média ultrapassaram a idade da menopausa. A mais célebre, Catarina Emmerich, foi marcada prematuramente. Tendo almejado, com a idade de 24 anos, os sofrimentos da coroa de espinhos, viu chegar-se a ela um jovem deslumbrante que lhe enfiou a coroa na cabeça. No dia seguinte, suas têmporas e sua fronte incharam, o sangue pôs-se a escorrer. Quatro anos depois, em êxtase, ela viu Cristo com suas chagas de que saíam raios pontudos como finas lâminas e que fez jorrar gotas de sangue das mãos, dos pés, do seio da santa. Ela suava sangue, cuspiu sangue. Ainda agora, toda sexta-feira santa, Teresa Neumann volta, ela também, para os visitantes, um rosto inundado pelo sangue do Cristo. Nos estigmas, conclui-se a misteriosa alquimia que transforma a carne em glória, posto que são, sob a forma de uma dor sangrenta, a própria presença do amor divino. Compreende-se assaz facilmente por que as mulheres se apegam singularmente à metamorfose do fluxo vermelho em pura chama de ouro. Têm a obsessão desse sangue que escorre do peito do rei dos homens. Santa Catarina de Siena a isso se refere em quase todas as suas cartas. Ângela de Foligno abismava-se na contemplação do coração de Jesus e do profundo ferimento ao lado. Catarina Emmerich vestia uma camisa vermelha, a fim de se assemelhar a Jesus quando era como "um lençol molhado de sangue"; tudo via "através do sangue de Jesus". Vimos em que circunstâncias Maria Alacoque se abeberou durante três horas no Sagrado Coração de Jesus. Foi ela quem propôs à adoração dos fiéis o enorme coágulo vermelho aureolado pelos raios resplendentes do amor. Esse é o emblema que resume o grande sonho feminino: do sangue à glória pelo amor.

Êxtases, visões, diálogos com Deus, essa experiência interior basta a certas mulheres. Outras experimentam a necessidade de comunicá-la ao mundo através de atos. A ligação da ação com a contemplação assume duas formas diferentes. Há mulheres de ação, como Santa Catarina, Santa Teresa, Joana d'Arc que sabem muito bem que objetivos se propõem e inventam lucidamente os meios de atingi-los: suas revelações não fazem senão dar uma forma objetiva a suas certezas; encorajam-nas a seguirem os caminhos que a si mesmas traçaram com precisão. Há mulheres

narcisistas como Mme Guyon, Mme Krüdener, que, ao termo de um fervor silencioso, se sentem repentinamente em "um estado apostólico"¹. Não são muito precisas em suas tarefas e — como as agitadas senhoras que se ocupam de obras de beneficência — pouco se preocupam com o que fazem conquanto seja *alguma coisa*. Assim é que depois de se exhibir como embaixatriz, como romancista, Mme Krüdener interiorizou a idéia que fazia de seus méritos: não foi para fazer triunfar idéias definidas, foi para se confirmar em seu papel de inspirada de Deus que se ocupou do destino de Alexandre I. Se basta muitas vezes um pouco de beleza e de inteligência para que a mulher se sinta revestida de um caráter sagrado, com muito mais razão, quando se acredita a eleita de Deus, pensa achar-se encarregada de missão: prega doutrinas incertas, amiúde funda seitas, o que lhe permite operar, através dos membros da coletividade que inspira, uma embriagante multiplicação de sua personalidade.

O fervor místico, como o amor e o próprio narcisismo, podem integrar-se *em* vidas ativas e independentes. Mas, em si, esses esforços de salvação individual só podem redundar em malogros; ou a mulher põe-se em relação com um irreal: seu duplo ou Deus; ou cria uma relação irreal com um ser real. Não tem, em todo caso, domínio sobre o mundo, não se evade de sua subjetividade; sua liberdade permanece mistificada; só há uma maneira de realizá-la autenticamente: projetá-la mediante uma ação positiva na sociedade humana.

(¹) Madamc Guyon.

QUARTA PARTE

A CAMINHO DA LIBERTAÇÃO

CAPÍTULO I

A MULHER INDEPENDENTE

O CÓDIGO francês não mais inclui a obediência entre os deveres da esposa, e toda cidadã tornou-se eleitora; essas liberdades cívicas permanecem abstratas quando não se acompanham de uma autonomia econômica. A mulher sustentada — esposa ou cortesã — não se liberta do homem por ter na mão uma cédula de voto; se os costumes lhe impõem menos obrigações do que outrora, as licenças negativas não lhe modificaram profundamente a situação; ela continua adstrita à sua condição de vassala. Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta. Desde que ela deixa de ser uma parasita, o sistema baseado em sua dependência desmorona; entre o universo e ela não há mais necessidade de um mediador masculino. A maldição que pesa sobre a mulher vassala, reside no fato de que não lhe é permitido fazer o que quer que seja: ela se obstina então na impossível procura do ser através do narcisismo, do amor, da religião; produtora, ativa, ela reconquista sua transcendência; em seus projetos afirma-se concretamente como sujeito; pela sua relação com o fim que visa, com o dinheiro e os direitos de que se apropria, põe à prova sua responsabilidade. Muitas mulheres têm consciência de tais vantagens, mesmo entre as que exercem os mais modestos ofícios. Ouvi uma mulher que lavava o piso de um saguão de hotel declarar: "Nunca pedi nada a ninguém. Venci sozinha" Mostrava-se tão orgulhosa quanto um Rockefeller, por se bastar a si,

mesma. Não se deve entretanto acreditar que a simples justaposição do direito de voto a um ofício constitua uma perfeita libertação: hoje o trabalho não é a liberdade. Somente em um mundo socialista a mulher, atingindo o trabalho, conseguiria a liberdade. Em sua maioria, os trabalhadores são hoje explorados. Por outro lado, a estrutura social não foi profundamente modificada pela evolução da condição feminina; este mundo, que sempre pertenceu aos homens, conserva ainda a forma que eles lhe imprimiram. É preciso não perder de vista esses fatos, dos quais a questão do trabalho feminino tira sua complexidade. Uma senhora importante e bem pensante fêz recentemente um inquérito entre as operárias das fábricas Renault; afirma que preferem ficar em casa a trabalhar na fábrica. Sem dúvida, pois *elas* só conseguem a independência econômica no meio de uma classe economicamente oprimida; e por outro lado as tarefas realizadas na fábrica não as dispensam dos cuidados do lar¹. Se lhes tivessem proposto a escolha entre 40 horas de trabalho hebdomadário na fábrica *ou* em casa, teriam sem dúvida dado outras respostas; e talvez mesmo aceitassem alegremente a acumulação, se, como operárias, se integrassem em um mundo que fosse seu mundo, da elaboração do qual participassem com alegria e orgulho. Na hora atual, sem falar das camponesas², em sua maioria as mulheres que trabalham não se evadem do mundo feminino tradicional; não recebem da sociedade, nem do marido, a ajuda que lhes seria necessária para se tornarem concretamente iguais aos homens. Somente as que têm um credo político, as que militam nos sindicatos, as que confiam no futuro, podem dar um sentido ético às ingratas fadigas quotidianas; mas, privadas de lazeres, herdeiras de uma tradição de submissão, é natural que as mulheres comecem somente a desenvolver um sentido político e social. É natural que, não recebendo em troca de seu trabalho os benefícios morais e sociais com que estariam no direito de contar, lhe suportam sem entusiasmo os constrangimentos. Compreende-se também que a *midinette*, a empregada, a secretária não queiram renunciar às vantagens de um apoio masculino. Já disse que a existência de uma casta privilegiada, a que é permitido agregar-se apenas entregando o corpo, é para

(¹) Disse, no vol. I, quanto tais cuidados são pesados para a mulher que trabalha fora de casa.

(²) Cujas condições examinamos no vol. I.

a jovem mulher uma tentação quase irresistível; ela é jogada na galanteria pelo fato de serem mínimos seus salários, enquanto o padrão de vida que a sociedade exige dela é muito elevado; se se contenta com o que ganha, será apenas um pária: mal instalada, mal vestida, todas as distrações e o próprio amor lhe serão recusados. As pessoas virtuosas pregam-lhe o ascetismo; na verdade, seu regime alimentar é muitas vezes tão austero quanto o de uma carmelita; só que nem todo mundo pode ter Deus como amante: é preciso que ela agrade aos homens para vencer em sua vida de mulher. Far-se-á ajudar, portanto; é com o que conta cinicamente o empregador que lhe concede um salário de fome. Em alguns casos, essa ajuda lhe permitirá melhorar sua situação e conquistar uma independência verdadeira; por vezes, ao contrário, ela abandonará seu ofício para ser sustentada. Muitas vezes acumula: liberta-se do amante pelo trabalho e evade-se do trabalho graças ao amante; mas também conhece a dupla servidão de um ofício e de uma proteção masculina. Para a mulher casada, o salário geralmente representa apenas um complemento; para a mulher "que é ajudada" é o auxílio masculino que se apresenta como o inessencial; mas nem uma nem outra adquirem, com seu esforço, uma independência total.

Entretanto, existe hoje um número assaz grande de privilegiadas que encontram em sua profissão uma autonomia econômica e social. São elas que pomos em questão quando indagamos das possibilidades da mulher e de seu futuro. Eis por que, embora constituam ainda apenas uma minoria, é particularmente interessante estudar de perto sua situação; é a propósito delas que os debates entre feministas e antifeministas se prolongam. Estes afirmam que as mulheres emancipadas de hoje nada de importante conseguem no mundo e que, por outro lado, têm dificuldade em encontrar seu equilíbrio interior. Aqueles exageram os resultados que elas obtêm e não querem enxergar o desatino delas. Em verdade, nada autoriza a dizer que seguem um caminho errado, e no entanto é certo que não se acham tranqüilamente instaladas em sua nova condição: não passaram ainda da metade do caminho. A mulher que se liberta economicamente do homem nem por isso alcança uma situação moral, social e psicológica idêntica à do homem. A maneira por que se empenha em sua profissão e a ela se dedica depende do contexto constituído pela forma global de sua vida. Ora, quando inicia sua vida de adulto, ela não tem atrás de si o mesmo passado de um rapaz; não é considerada de maneira idêntica pela

sociedade; o universo apresenta-se a ela dentro de uma perspectiva diferente. O fato de ser uma mulher coloca hoje problemas singulares perante um ser humano autônomo.

O privilégio que o homem detém, e que se faz sentir desde sua infância, está em que sua vocação de ser humano não contraria seu destino de homem. Da assimilação do falo e da transcendência, resulta que seus êxitos sociais ou espirituais lhe dão um prestígio viril. Ele não se divide. Ao passo que à mulher, para que realize sua feminilidade, pede-se que se faça objeto e presa, isto é, que renuncie a suas reivindicações de sujeito soberano. É esse conflito que caracteriza singularmente a situação da mulher libertada. Ela se recusa a confinar-se em seu papel de fêmea porque não quer mutilar-se, mas repudiar o sexo seria também uma mutilação. O homem é um ser humano sexuado: a mulher só é um indivíduo completo, e igual ao homem, sendo também um ser sexuado. Renunciar a sua feminilidade é renunciar a uma parte de sua humanidade. Os misóginos criticaram muitas vezes as mulheres de ação por "se negligenciarem"; mas também lhes pregaram que se quisessem ser iguais a eles deveriam deixar de pintar-se e de esmaltar as unhas. Este último conselho é absurdo. A idéia de feminilidade impõe-se de fora a toda mulher, precisamente porque se define artificialmente pelos costumes e pelas modas; ela pode evoluir de maneira que os cânones se aproximem dos que adotam os homens: nas praias, as calças compridas tornaram-se femininas. Isso não modifica em nada o fundo da questão: o indivíduo não tem liberdade de moldá-la à vontade. A mulher que não se conforma com isso desvaloriza-se sexualmente e, por conseguinte, socialmente, porquanto a sociedade integrou os valores sexuais. Recusando atributos femininos, não se adquirem atributos viris; mesmo a travestida não consegue fazer-se homem; é uma mascarada. Vimos que a homossexualidade constitui, ela também, uma especificação: a neutralidade é impossível. Não há nenhuma atitude negativa que não implique outra positiva. A adolescente acredita muitas vezes que pode simplesmente desprezar as convenções; mas exatamente com isso ela manifesta, cria uma situação nova, acarretando consequências que terá de assumir. A partir do momento em que se livra de um código estabelecido, o indivíduo torna-se um insurreto. Uma mulher que se veste de maneira extravagante, mente quando afirma com um ar de simplicidade que obedece a seu bel-prazer, nada mais: sabe perfeitamente que isso é uma extravagância.

Inversamente, quem não almeja mostrar-se excêntrica conforma-se com as regras comuns. É um cálculo errado escolher o desafio, a menos que represente uma ação positivamente eficaz; consome-se com isso mais tempo e forças do que se poupam. Uma mulher que não deseja escandalizar, que não se quer desvalorizar socialmente deve viver como mulher sua condição de mulher: amiúde, seu próprio êxito profissional o exige. Mas enquanto o conformismo é para o homem muito natural — tendo estruturado o costume de acordo com suas necessidades de indivíduo autônomo e ativo — será necessário que a mulher, que é também sujeito, atividade, se dissolva em um mundo que a destinou à passividade. É uma servidão tanto mais pesada quanto as mulheres, confinadas na esfera feminina, lhe hipertrofiaram a importância: transformaram em artes difíceis a toalete e os cuidados caseiros. O homem quase não precisa preocupar-se com suas roupas: são cômodas, adaptadas a sua vida ativa, não é necessário que sejam requintadas; mal fazem parte de sua personalidade; demais, ninguém espera que delas trate pessoalmente: qualquer mulher benevolente ou remunerada se encarrega desse cuidado. A mulher, ao contrário, sabe que quando a olham não a distinguem de sua aparência: ela é julgada, respeitada, desejada através de sua toalete. Suas vestimentas foram primitivamente destinadas a confiná-la na impotência e permaneceram frágeis: as meias rasgam-se, os saltos acalcanham-se, as blusas e os vestidos claros sujam-se, as pregas desfazem-se; entretanto, ela mesma deverá reparar a maior parte dos acidentes; suas semelhantes não a auxiliarão benévola e ela terá escrúpulos em sobrecarregar seu orçamento com trabalhos que *pode* executar; as permanentes, as ondulações, a pintura, os vestidos novos já custam bastante caro. Quando a estudante, a secretária, voltam para casa à noite, têm sempre uma meia para cerzir, uma blusa para lavar, uma saia para passar. A mulher que ganha muito bem a vida poupar-se-á tais tarefas aborrecidas, mas estará adstrita a uma elegância mais complicada, perderá tempo em compras, provas etc. A tradição impõe também à mulher, mesmo celibatária, certo cuidado com seu lar; um funcionário, nomeado para uma nova cidade, vive facilmente no hotel; sua colega procurará instalar-se num "cantinho próprio", do qual deverá cuidar com escrúpulo, pois não lhe perdoariam uma negligência que achariam natural na residência de um homem. Não é, de resto, somente a preocupação da opinião que a incita a dedicar tempo e cuidados a beleza, ao lar. Ela deseja continuar uma verdadeira mulher

para sua própria satisfação. Só consegue aprovar-se através do presente e do passado, acumulando a vida que fez para si com o destino que sua mãe, que seus jogos infantis e seus fantasmas de adolescente lhe prepararam. Alimenta sonhos narcisistas; ao orgulho fálico do homem continua a opor o culto de sua própria imagem; quer exhibir-se, encantar. Sua mãe, parentes e amigas mais velhas insuflaram-lhe o gosto pelo ninho: a forma primitiva de seus sonhos de independência foi um lar próprio; não pensa em renegá-los, mesmo tendo encontrado a liberdade por outros caminhos. E, na medida em que se sente ainda sem completa segurança no universo masculino, conserva a necessidade de um retiro, símbolo desse refúgio interior que se habitou a procurar em si mesma. Dócil à tradição feminina, lustrará o assoalho, fará ela mesma sua comida ao invés de ir, como seu colega, comer no restaurante. Quer viver como um homem e como uma mulher ao mesmo tempo: com isso multiplica seus trabalhos e fadigas.

Se pretende permanecer plenamente mulher, é porque pretende também abordar o outro sexo com o máximo de possibilidades. É no terreno sexual que se apresentarão os problemas mais difíceis. Para ser um indivíduo completo, igual ao homem, é preciso que a mulher tenha acesso ao mundo masculino assim como o homem tem acesso ao mundo feminino, que tenha acesso ao *outro*; somente as exigências do *outro* não são em ambos os casos simétricas. Uma vez conquistadas, a fortuna, a celebridade apresentam-se como virtudes imanentes, podem aumentar a atração sexual da mulher; mas o fato de ser uma atividade autônoma contradiz sua feminilidade, ela o sabe. A mulher independente — e principalmente a intelectual que pensa sua situação — sofrerá, enquanto fêmea, de um complexo de inferioridade; não tem os lares para consagrar à sua beleza tão atentos cuidados quanto a coquete, cuja única preocupação é seduzir; por mais que siga os conselhos de especialistas, nunca passará de um amador no terreno da elegância; o encanto feminino exige que a transcendência, degradando-se em imanência, só se apresente como uma palpação carnal sutil; cumpre ser uma presa espontaneamente oferecida: a intelectual sabe que se oferece, sabe que é uma consciência, um sujeito; não consegue amortecer o olhar à vontade, transformar os olhos em uma poça de céu ou de água; nem sempre se detém com firmeza o impulso de um corpo que tende para o mundo, a fim de metamorfoseá-lo em uma estátua animada por surdas vibrações. A intelectual tentará fazê-lo com tanto

maior zelo quanto teme malograr: mas esse zelo consciente é ainda uma atividade e não atinge seu objetivo. Ela comete erros análogos aos que a menopausa sugere: tenta negar sua cerebralidade como a mulher que envelhece tenta negar a idade; veste-se como menina, enche-se de flores, adornos, tecidos gritantes; exagera as mímicas infantis e de encanto. Galhofeia, saltita, tagarela, mostra-se desenvolta, estouvada, repentista. Mas assemelha-se a esses atores que, por não sentir a emoção que acarretaria o relaxamento de certos músculos, contraem, por um esforço de vontade, os antagonistas, abaixando as pálpebras ou os cantos dos lábios, ao invés de os deixar caírem; assim a mulher de ação crispase para mimar o abandono. Sente-o, e com isso se irrita; no rosto, perdidamente ingênuo, brilha de repente uma luz de inteligência demasiado viva; os lábios promissores contraem-se. Se tem dificuldade em agradar é porque não é, como suas irmãzinhas escravas, uma pura vontade de agradar; o desejo de seduzir, por vivo que seja, não lhe desceu à medula dos ossos; sentindo-se inábil, irrita-se com seu servilismo; quer obter seu revide participando do jogo com armas masculinas; fala ao invés de escutar, expõe pensamentos sutis, emoções inéditas; contradiz seu interlocutor em lugar de o aprovar, tenta ser-lhe superior. Mme de Staël misturava assaz habilmente os dois métodos para alcançar triunfos fulminantes: era raro que lhe resistissem. Mas a atitude de desafio, tão freqüente, entre outras, nas norte-americanas, agasta os homens mais do que os domina; são de resto eles que a provocam com sua própria desconfiança; se se adaptassem a amar uma semelhante de preferência a uma escrava — como o fazem aliás os que, entre eles, são isentos de arrogância e de complexo de inferioridade — as mulheres seriam muito menos obcecadas pela sua feminilidade; ganhariam com isso naturalidade, simplicidade, e se achariam mulheres sem tanto esforço, porquanto, afinal de contas, o são.

O fato é que os homens começam a conformar-se com a nova condição da mulher; esta, não se sentindo condenada *a priori*, acha-se à vontade: hoje a mulher que trabalha não negligencia por isso sua feminilidade e não perde sua atração sexual. Esse êxito — que já assinala um progresso para o equilíbrio — permanece entretanto incompleto; é ainda muito mais difícil para a mulher do que para o homem estabelecer as relações que deseja com o outro sexo. Sua vida erótica e sentimental encontra numerosos obstáculos. Neste ponto, a mulher vassala não se acha aliás em situação privilegiada: sexual e sentimentalmente, as

esposas e as cortesãs são em sua maioria radicalmente frustradas. Se as dificuldades são mais evidentes na mulher independente é porque ela não escolheu a resignação e sim a luta. Todos os problemas vivos encontram na morte uma solução silenciosa; uma mulher que se empenha em viver é portanto mais dividida do que a que enterra sua vontade e seus desejos; mas não aceitará que lhe ofereçam esta solução como exemplo. É somente comparando-se ao homem que se estimará em estado de inferioridade.

Uma mulher que despende suas energias, que tem responsabilidades, que conhece a dureza da luta contra as resistências do mundo, tem necessidade — como o homem — não somente de satisfazer seus desejos físicos como ainda de conhecer o relaxamento, a diversão, que oferecem aventuras sexuais felizes. Ora, há ainda meios em que essa liberdade não lhe é concretamente reconhecida; arrisca-se, usando-a, a comprometer sua reputação, sua carreira; no mínimo, exigem dela uma hipocrisia que lhe pesa. Quanto mais tiver conseguido impor-se socialmente, mais fecharão de bom grado os olhos; mas, na província principalmente, na maior parte dos casos, ela será severamente vigiada. Mesmo nas circunstâncias mais favoráveis — quando o temor da opinião não mais influi — sua situação não é neste ponto equivalente á do homem. As diferenças provêm ao mesmo tempo da tradição e dos problemas que a natureza singular do erotismo feminino coloca.

O homem pode facilmente conhecer amplexos sem consequências, que bastam em rigor para lhe acalmar a carne e relaxá-lo moralmente. Houve mulheres — em pequeno número — que reclamaram a instituição de bordéis para mulheres; em um romance intitulado *Le Numéro 17*, uma mulher propunha que se criassem casas onde as mulheres pudessem ir "aliviar-se sexualmente" com *taxi-boys*¹. Parece que existiu um estabelecimento desse tipo em São Francisco; só o freqüentavam mulheres de bordel, divertidas com pagarem ao invés de serem pagas; os proxenetas fecharam-no. Além de ser utópica e pouco desejável, essa solução teria sem dúvida êxito diminuto: já se viu que a mulher não obtém um "alívio" tão mecanicamente quanto o homem; em sua maioria, estimariam as mulheres a situação pouco propí-

(¹) O autor — cujo nome esqueci, esquecimento que não me parece urgente reparar — explica longamente como eles poderiam ser educados para satisfazer qualquer cliente, que gênero de vida seria preciso impor-lhes etc.

cia a um abandono voluptuoso. Em todo caso, o fato é que esse recurso lhes é hoje recusado. A solução que consiste em pegar na rua um parceiro de uma noite ou de uma hora — supondo-se que a mulher dotada de um forte temperamento e tendo superado todas as suas inibições a encare sem repugnância — é muito mais perigosa para ela do que para o homem. O risco de uma doença venérea é mais grave para ela, pelo fato de que cabe a êle tomar precauções para evitar a contaminação; e, por prudente que seja, nunca ela se sente plenamente assegurada contra a ameaça de um filho. Mas, principalmente nas relações entre desconhecidos — relações que se situam num plano brutal — a diferença de força física pesa muito. Um homem não tem muito a temer da mulher que leva para casa; basta-lhe um pouco de vigilância. O mesmo não acontece com uma mulher que introduz um homem em sua casa. Falaram-me de duas jovens mulheres que, recém-chegadas a Paris e ávidas de "ver a vida", depois de uma farra tinham convidado dois sedutores cáftens de Montmartre para a ceia; viram-se pela manhã roubadas, brutalizadas e ameaçadas de chantagem. Mais significativo é o caso de uma mulher de mais ou menos quarenta anos, divorciada, que trabalhava duramente durante o dia para sustentar três filhos grandes e os velhos pais. Ainda bela e atraente, não tinha absolutamente lazeres para levar uma vida mundana, ser coquete, topar decentemente qualquer aventura que, de resto, houvera aborrecido. Entretanto tinha sentidos exigentes; e estimava ter, como um homem, o direito de satisfazê-los. Certas noites ia perambular pelas ruas e dava um jeito de pegar um homem. Mas certa vez, depois de uma hora ou duas passadas numa moita do Bois de Boulogne, o amante não consentiu em deixá-la partir: queria o nome, o endereço, queria revê-la, amancebar-se com ela; como ela recusasse, êle bateu-a violentamente e só a abandonou toda machucada e aterrorizada. Quanto a arranjar um amante, como amiúde o homem arranja uma amante, sustentando-a ou ajudando-a, a coisa só é possível às mulheres ricas. Algumas há que se acomodam com essa solução: pagando o homem, dele fazem um instrumento, o que lhes permite usá-lo com um abandono desdenhoso. Mas é preciso em geral que sejam idosas para dissociarem tão cruamente erotismo e sentimento, quando, como vimos, na adolescência a união de ambos é tão profunda. Há numerosos homens que não aceitam nunca essa divisão entre a carne e a consciência. Com muito mais razão a maioria das mulheres não consentirá em encará-la. Há, de resto, nisso, uma mentira a que elas são mais sensí-

veis do que o homem: o cliente que paga é também um instrumento, dele se serve o parceiro como de um ganha-pão. O orgulho viril mascara ao homem os equívocos do drama erótico: êle mente a si mesmo espontaneamente; mais facilmente humilhada, mais suscetível, a mulher é também mais lúcida; só conseguirá cegar-se à custa de uma má-fé mais astuciosa. Comprar um macho, supondo-se que tenha os meios de fazê-lo, não lhe parecerá geralmente satisfatório.

Não se trata somente, para a maioria das mulheres — como também dos homens — de satisfazer seus desejos e sim de manter, em os satisfazendo, sua dignidade de ser humano. Quando goza da mulher, quando a faz gozar, o homem põe-se como o único sujeito: conquistador imperioso, doador generoso, ou ambas as coisas. Ela quer reciprocamente afirmar que escraviza seu parceiro a seu prazer, que o satisfaz plenamente com seus dons. Por isso, quando se impõe ao homem, ou pelos bens que lhe promete ou confiando na cortesia dele, ou ainda despertando, mediante certas manobras, o desejo dele em sua pura generalidade, ela persuade-se de bom grado que o satisfaz. Graças a essa convicção proveitosa, ela pode solicitá-lo sem se sentir humilhada, desde que pretenda agir por generosidade. Por isso em *Le Blé em herbe*, a "dama de branco" que almeja as carícias de Phil, diz-lhe com altivez: "Só gosto dos mendigos e dos esfomeados". Em verdade, arranja-se habilmente para que êle adote uma atitude de suplicante. Então, diz Colette, "ela se voltou apressadamente para o estreito e obscuro reino onde seu orgulho podia acreditar que a queixa é a confissão de desespero e onde as mendigas como ela bebem a ilusão da liberalidade". Mme de Warens é o tipo dessas mulheres que escolhem amantes jovens ou infelizes, ou de condição inferior para dar a seus apetites a aparência da generosidade. Mas há também as intrépidas, que se dedicam aos homens mais robustos e que se encantam com os satisfazer, quando eles só cederam por cortesia ou terror.

Inversamente, se a mulher que pega o homem em sua armadilha quer imaginar que dá, a que se dá pretende afirmar que possui. "Eu sou mulher que possui", dizia-me um dia uma jovem jornalista. Em verdade, nessas coisas, salvo em caso de violação, ninguém possui realmente o outro; mas nisto a mulher mente a si mesma duplamente. Pois o fato é que o homem seduz muitas vezes pelo seu arrebatamento, sua agressividade, que alcança ativamente o consentimento de sua parceira. Salvo nos casos excepcionais — entre outros o de Mme de Staël que já citei —

assim não ocorre com a mulher: ela não pode fazer muito mais do que se oferecer; porque, em sua maioria, os homens se mostram asperamente ciumentos de seu papel; querem despertar na mulher uma emoção singular, e não ser eleitos para satisfazer sua necessidade em sua generalidade; escolhidos, sentem-se explorados¹. "Uma mulher que não tem medo dos homens, amedronta-os", dizia-me um jovem. E muitas vezes ouvi adultos declararem: "Tenho horror a que uma mulher tome a iniciativa". Se a mulher se oferece demasiado ousadamente, o homem afasta-se: êle faz questão de conquistar. A mulher não pode portanto possuir senão fazendo-se presa: é preciso que se torne uma coisa passiva, uma promessa de submissão. Conseguindo-o, pensará que efetuou voluntariamente a conjuração mágica e reencontrar-se-á como sujeito. Mas corre o risco de ser transformada em um objeto inútil pelo desdém do homem. Eis por que se sente tão profundamente humilhada se o homem lhe recusa as provocações. Este também se enraivece por vezes quando estima que foi enganado; entretanto, somente lhe aconteceu malograr em um empreendimento, mais nada. Ao passo que a mulher consentiu em se fazer carne na emoção, na espera, na promessa: só podia ganhar perdendo-se; fica perdida. É preciso ser grosseiramente cego ou excepcionalmente lúcido para se conformar com semelhante derrota. E mesmo que a sedução vença, a vitória permanece equívoca; com efeito, segundo a opinião pública, o homem é que vence, que *tem* a mulher. Não se admite que ela possa, como o homem, assumir seus desejos: ela é a presa. Está bem entendido que o homem integrou as forças específicas em sua individualidade: ao passo que a mulher é escrava da espécie². Representam-na por vezes como uma pura passividade: é uma "Maria, deita-te aí: somente o ônibus não te passou por cima". Disponível, aberta, é um utensílio, cede molemente ao feitiço da emoção, é fascinada pelo homem que a colhe como um fruto. Ora encaram-na como uma atividade alienada: tem um demônio que lhe sapateia na matriz, no fundo de sua vagina uma serpente ávida aguarda para se empanturrar com o esperma do macho.

(¹) Esse sentimento contrapõe-se ao que indicamos na moça, só que ela acaba resignando-se a seu destino.

(²) Vimos no vol. I, cap. I, que há certa verdade nessa opinião. Mas não é precisamente no momento do desejo que se manifesta essa assimetria: é na procriação. No desejo, a mulher e o homem assumem idênticamente sua função natural.

Em todo caso, recusam-se a pensar que seja simplesmente livre. Na França principalmente, confunde-se obstinadamente mulher livre com mulher fácil, implicando a idéia de facilidade em uma ausência de resistência e de controle, em uma falha, na própria negação da liberdade. A literatura feminina tenta combater esse preconceito: em *Grisélidis*, por exemplo, Clara Malraux insiste no fato de que sua heroína não cede a uma solicitação, mas realiza um ato que reivindica. Na América do Norte reconhece-se uma liberdade na atividade sexual da mulher, o que a favorece muito. Mas o desdém que afetam na França, contra as "mulheres que dão", os próprios homens que se beneficiam de seus favores, paralisa grande número de mulheres. Têm elas horror às representações que suscitariam, às palavras a que dariam pretexto.

Mesmo desprezando os rumores anônimos, a mulher experimenta, no comércio com seu parceiro, dificuldades concretas; porque a opinião se encarna nele. Muitas vezes, êle considera o leito como o terreno em que deve afirmar sua agressiva superioridade. Êle quer possuir e não receber, não trocar mas arrebatrar. Procura possuir a mulher além do que ela lhe dá; exige que o consentimento dela seja uma derrota, as confissões que lhe arranca, as palavras que ela murmura; admitindo seu próprio prazer, ela reconhece sua escravidão. Quando Claudine desafia Renaud pela sua decisão rápida de lhe ceder, êle toma a iniciativa: apressa-se em violentá-la, quando ela ia oferecer-se; obriga-a a conservar os olhos abertos para contemplar, na vertigem deles, o seu triunfo. Assim também em *Condition Humaine*, o autoritário Ferrai obstina-se em acender a lâmpada que Valérie quer apagar. Orgulhosa, reivindicante, é como adversário que a mulher enfrenta o homem; nessa luta acha-se muito menos bem armada do que êle; primeiramente, êle tem a força física, é-lhe mais fácil impor suas vontades; vimos também que tensão e atividade se harmonizam com seu erotismo, ao passo que a mulher, recusando a passividade, destrói o feitiço que a conduz ao prazer; vimos, também, que em sua atitude e seus movimentos ela mima a dominação e não atinge o prazer; em sua maioria, as mulheres que sacrificam ao seu orgulho tornam-se frias. Raros são os amantes que permitem a suas amantes que satisfaçam tendências autoritárias ou sádicas; e mais raras ainda as mulheres que tiram dessa docilidade uma plena satisfação erótica.

Há um caminho que parece muito menos espinhoso para a mulher: o do masoquismo. Quando durante o dia uma pessoa trabalha, luta, assume responsabilidades e riscos, é um descanso

entregar-se, à noite, a caprichos poderosos. Amorosa ou ingênua, compraz-se a mulher muitas vezes em se aniquilar em proveito de uma vontade tirânica. Mas ainda assim é preciso que se sinta realmente dominada. Àquela que vive quotidianamente entre os homens não é fácil acreditar na supremacia incondicional desses. Citaram-me o caso de uma mulher não realmente masoquista, mas muito "feminina", isto é, que apreciava profundamente o prazer da abdicação nos braços do homem-, tivera, desde a idade de 17 anos, vários maridos e numerosos amantes, de quem auferira grandes alegrias; tendo levado a cabo uma empresa difícil, durante a qual comandara muitos homens, queixava-se de se ter tornado fria: havia uma demissão beata que se lhe tornara impossível, porque estava habituada a dominar os homens, porque o prestígio deles se dissipara. Quando a mulher começa a duvidar da superioridade dos homens, as pretensões deles não fazem senão diminuir a estima que poderia dedicar-lhes. Na cama, nos momentos em que o homem deseja mostrar-se mais ferozmente macho, pelo próprio fato de mimar a virilidade, êle se apresenta como infantil a olhos avisados: está apenas conjurando o velho complexo de castração, a sombra do pai ou qualquer outro fantasma. Não é sempre por orgulho que a amante recusa-se a ceder aos caprichos do amante: ela ambiciona ter de lidar com um adulto, que vive um momento real de sua vida, e não com um menino que conta histórias a si mesmo. A masoquista sente-se particularmente desiludida: uma complacência maternal, agastada ou indulgente, não é a abdicação com que sonha. Ou deverá contentar-se, ela também, com jogos irrisórios, fingindo acreditar-se dominada e escravizada, ou correrá atrás dos homens ditos "superiores", na esperança de descobrir um senhor, ou se tornará fria.

Vimos que é possível escapar às tentações do sadismo e do masoquismo quando os dois parceiros se reconhecem mutuamente como semelhantes; em havendo no homem e na mulher um pouco de modéstia e alguma generosidade, as idéias de vitória e de derrota ficam abolidas: o ato de amor torna-se uma livre troca. Mas, paradoxalmente, é muito mais difícil à mulher do que ao homem reconhecer como seu semelhante um indivíduo do outro sexo. Precisamente porque a casta dos machos detém a superioridade, o homem pode votar uma estima afetuosa a muitas mulheres singulares: uma mulher é fácil de ser amada; ela tem antes de tudo o privilégio de introduzir o amante em um mundo diferente e que êle se compraz em explorar ao lado dela; ela intriga, diverte,

pelo menos durante algum tempo; depois, pelo fato de ser sua situação limitada, subordinada, todas as suas qualidades se apresentam como conquistas, ao passo que seus erros são desculpáveis; Stendhal admira Mme de Rênal e Mme de Chasteller, apesar dos preconceitos detestáveis delas; que uma mulher tenha idéias falsas, que seja pouco inteligente, pouco clarividente, pouco corajosa, não a julga responsável o homem: é vítima, pensa êle — com razão muitas vezes — de sua situação; êle sonha com o que ela poderia ter sido, com o que será talvez: pode-se dar-lhe um crédito, pode-se emprestar-lhe muito, porquanto *não é* nada de definido; por causa dessa ausência é que o amante se cansará depressa: mas dela provém o mistério, o encanto que o seduz e o inclina a uma ternura fácil. É muito menos fácil ter amizade por um homem: porque êle é o que se fêz ser, sem apelo; cumpre amá-lo em sua presença e em sua verdade, não em suas promessas e possibilidades incertas; êle é responsável por suas condutas e suas idéias; não tem desculpa. Com êle, só há fraternidade se lhe aprovamos os atos, os fins, as opiniões; Julien pode amar uma legitimista; uma Lamiel não pode amar um homem cujas idéias despreze. Mesmo disposta a compromissos, uma mulher terá dificuldade em adotar uma atitude indulgente. Porque o homem não lhe abre um verde paraíso de infância, porque ela o encontra neste mundo, que é o mundo comum a ambos: êle só traz a si próprio. Fechado em si, definido, decidido, favorece pouco os sonhos; quando fala é preciso escutá-lo; leva-se a sério; não interessa, aborrece, sua presença pesa. Somente os jovens se deixam enfeitar com o maravilhoso fácil, pode-se buscar neles mistério e promessa, encontrar desculpas para eles, não os levar muito a sério: é uma das razões que os torna tão sedutores aos olhos das mulheres maduras. A mulher de 30 anos é empurrada para os homens adultos. E, sem dúvida, entre eles encontrará alguns que não desiludirão sua estima nem sua amizade; mas terá sorte se não exibirem então alguma arrogância. O problema, quando ela deseja uma história, uma aventura, em que possa empenhar o coração e o corpo, está em encontrar um homem que possa considerar como um igual, sem que êle se olhe a si próprio como superior.

Dir-me-ão que em geral as mulheres não fazem tanta história; elas pegam a oportunidade sem se pôr tantos problemas e depois se arranjam com seu orgulho e sua sensualidade. É verdade. Mas o que é verdade também é que enterram no fundo de seus corações muitas decepções, humilhações, saudades, ran-

cores, de que não se encontram em média equivalente entre os homens. De uma empresa mais ou menos falhada, tira o homem quase sempre o benefício do prazer; ela pode muito bem não colher nenhum proveito; mesmo indiferente, ela se presta com polidez ao amplexo em chegando o momento: acontece que o amante se impotente e ela sofrerá, por se ter comprometido em uma aventura irrisória; se não alcança a volúpia, é então que se sente ludibriada, enganada; se se satisfaz, desejará reter duradamente o amante. Raramente é inteiramente sincera quando pretende encarar apenas como uma aventura sem consequência, contando com o prazer, porque o prazer, longe de libertá-la, a prende; uma separação, ainda que dita amigável, fere-a. É muito mais raro ouvir uma mulher falar amistosamente de um antigo amante do que um homem de suas amantes.

A natureza de seu erotismo, as dificuldades de uma vida sexual livre incitam a mulher à monogamia. Entretanto, ligação ou casamento conciliam-se muito menos facilmente para ela do que para o homem com uma carreira. Acontece que o amante ou o marido lhe peça que renuncie: ela hesita, como a *Vagabonde* de Colette, que deseja ardentemente um calor viril a seu lado, mas teme os entraves conjugais; se cede, ei-la novamente vassala; se recusa, ei-la condenada a uma solidão esterilizante. Hoje, o homem aceita geralmente que sua companheira conserve um ofício; os romances de Colette Yver, que nos mostra a jovem mulher acuada a sacrificar sua profissão pelo sossego do lar são algo ultrapassados; a vida em comum de dois seres livres é para cada um deles um enriquecimento, e na ocupação de seu cônjuge cada qual encontra o penhor de sua própria independência; a mulher que se basta liberta o marido da escravidão conjugai que era a garantia da sua. Sendo o homem de uma boa vontade escrupulosa, amantes e esposos chegam, dentro de uma generosidade sem exigências, a uma perfeita igualdade ¹. É mesmo por vezes o homem que desempenha o papel de servidor dedicado; assim é que ao lado de George Eliot, Lewes criava a atmosfera propícia que a esposa cria habitualmente em volta do marido-suserano. Mas na maior parte do tempo é ainda a mulher que paga pela harmonia do lar. Parece natural ao homem que ela trate da casa, que assegure sozinha o cuidado e a educação das crianças. A própria mulher estima que, em casando, assumiu encargos de

(¹) Parece que a vida de Clara e Roberto Schumann tenha sido durante algum tempo um êxito desse tipo.

que não a dispensa sua vida pessoal; ela não quer que o marido seja privado das vantagens que houvera encontrado associando-se a "uma mulher de verdade": quer ser elegante, boa dona de casa, mãe dedicada, como o são tradicionalmente as esposas. É uma tarefa que se torna facilmente acabrunhante. Ela a assume ao mesmo tempo por consideração para com seu parceiro e por fidelidade a si mesma: porque faz questão, já o vimos, de não falhar em seu destino de mulher. Será para o marido um duplo, ao mesmo tempo que será ela mesma; assumirá suas preocupações, participará de seus êxitos tanto quanto se interessará pela sua própria sorte e por vezes até mais. Educada no respeito à superioridade masculina, é possível que estime ainda que cabe ao homem ocupar o primeiro lugar; por vezes teme também, em o reivindicando, arruinar o lar; hesitando entre o desejo de se afirmar e o de se apagar, fica dividida, estraçalhada.

Há, entretanto, uma vantagem que a mulher pode tirar de sua própria inferioridade: como tem de início menos possibilidades do que o homem, não se sente *a priori* culpada em relação a êle; não lhe cabe compensar a injustiça social, não é solicitada por isso. Um homem de boa vontade sente-se obrigado a "poupar" as mulheres, porquanto é mais favorecido do que elas; deixar-se-á acorrentar por escrúpulos, por piedade, arrisca-se a ser presa de mulheres que são "colantes" e "devoradoras", por serem desarmadas. A mulher que conquista uma independência viril tem o grande privilégio de se haver sexualmente com indivíduos, eles próprios autônomos e ativos, que — geralmente — não desempenham em sua vida um papel de parasita, não a prendem por sua fraqueza e pela exigência de suas necessidades. Em verdade, são raras as mulheres que sabem criar uma livre relação com seu parceiro; forjam elas próprias as cadeias com que eles não almejam acorrentá-las: adotam para com eles a atitude da amorosa. Durante vinte anos de espera, de sonho, de esperança, a jovem acariciou o mito do herói libertador e salvador: a independência conquistada no trabalho não basta para abolir seu desejo de uma abdicação gloriosa. Fora preciso que ela tivesse sido educada exatamente como um rapaz¹ para poder superar facilmente o narcisismo da adolescência: mas ela perpetua em sua vida de adulta esse culto do eu para o qual toda a sua mocidade a

(¹) Isto é, não somente segundo os mesmos métodos, mas dentro do mesmo clima, o que é hoje impossível, apesar dos esforços do educador.

inclinou; faz de seus êxitos profissionais méritos com que enriquece sua imagem, mas tem necessidade de que um olhar vindo de cima revele e consagre seu valor. Mesmo sendo severa com os homens que mede quotidianamente, não deixa de venerar o Homem e, se o encontra, mostra-se disposta a cair-lhe aos joelhos. Fazer-se justificar por um deus, é mais fácil do que justificar-se por seu próprio esforço; o mundo incita-a a acreditar na possibilidade de uma salvação *dada*: ela escolhe acreditar nisso. Por vezes renuncia inteiramente a sua autonomia, não passa de uma amorosa; o mais das vezes tenta uma conciliação; mas o amor idolatra, o amor-abdicação é devastador: ocupa todos os pensamentos, todos os instantes, é obsidiante, tirânico. Em caso de dissabores profissionais, a mulher busca apaixonadamente um refúgio no amor: seus malogros traduzem-se por cenas e exigências que o amante suporta. Mas as penas do amor estão longe de contribuir para que redobre seu zelo profissional: geralmente, ela irrita-se, ao contrário, com o gênero de vida que lhe interdita o verdadeiro caminho do grande amor. Uma mulher que trabalhava há dez anos numa revista política dirigida por mulheres, dizia-me que na redação se falava raramente de política e sem cessar de amor: uma queixava-se de que só a amavam pelo seu corpo, desprezando-lhe a bela inteligência; outra gemia porque só lhe apreciavam o espírito, sem nunca se interessarem por seus encantos carnaais. Aqui também, para que uma mulher pudesse ser amorosa à maneira de um homem, isto é, sem pôr em causa seu próprio *ser*, em liberdade, fora preciso que se pensasse sua igual, que o fosse concretamente. Fora preciso que se empenhasse com a mesma decisão em seus empreendimentos, o que, como vamos ver, não é ainda freqüente.

Há uma função feminina que atualmente é quase impossível assumir com toda liberdade, é a da maternidade; na Inglaterra, na América do Norte, a mulher pode pelo menos recusá-la à vontade, graças às práticas do *birth-control*; vimos que na França ela é amiúde acuada a abortos penosos e caros; vê-se muitas vezes com um filho que não queria e arruina sua vida profissional. Se esse encargo é pesado, é porque, inversamente, os costumes não autorizam a mulher a procriar quando lhe apetece: a mãe-solteira escandaliza e, para o filho, um nascimento ilegítimo é uma tara; e raro que se possa tornar-se mãe sem aceitar os grilhões do casamento ou sem decair. Se a idéia da inseminação artificial interessa tanto as mulheres, não é porque desejem evitar o amplexo masculino: é porque esperam que a maternidade livre venha a

ser enfim admitida pela sociedade. Cumpre acrescentar que, por falta de creches, de parques infantis convenientemente organizados, basta um filho para paralisar inteiramente a atividade da mulher; ela só pode continuar a trabalhar abandonando a criança aos pais, a amigos ou a criados. Tem que escolher entre a esterilidade, muitas vezes sentida como uma dolorosa frustração, e encargos dificilmente compatíveis com o exercício de uma carreira.

Assim, é a mulher independente dividida hoje entre seus interesses profissionais e as preocupações de sua vocação sexual; tem dificuldade em encontrar seu equilíbrio; se o assegura é à custa de concessões, de sacrifícios, de acrobacias que exigem dela uma perpétua tensão. Aí, muito mais do que nos dados fisiológicos é que cabe procurar a razão do nervosismo, da fragilidade que muitas vezes se observam nela. É difícil afirmar em que medida a constituição física da mulher representa em si um *handicap*. Entre outras coisas, perguntou-se muito tempo qual seria o obstáculo criado pela menstruação. As mulheres que se tornaram conhecidas por trabalhos ou ações pareciam dar-lhe pouca importância: terão alcançado seu êxito precisamente por causa da benignidade de suas perturbações mensais? Pode-se perguntar se não foi, inversamente, a escolha de uma vida ativa e ambiciosa que lhes conferiu esse privilégio: pois o interesse que a mulher presta a seus incômodos exaspera-os; as esportistas, as mulheres de ação sofrem menos do que as outras, porque superam seus sofrimentos. Estas também têm seguramente causas orgânicas e vi mulheres das mais enérgicas passarem vinte e quatro horas cada mês às voltas com impiedosas torturas; mas seus empreendimentos nunca foram sustados. Estou convencida de que a maior parte dos incômodos e doenças que acabrunham as mulheres tem causas psicológicas: foi o que me disseram aliás certos ginecologistas. É por causa da tensão moral de que falei, por causa de todas as tarefas que assumem, das contradições em meios às quais se debatem, que as mulheres estão sem cessar estafadas, no limite de suas forças; isto não significa que seus males sejam imaginários: são reais e devoradores como a situação que exprimem. Mas a situação não depende do corpo, este é que depende dela. Assim, a saúde da mulher não prejudicará seu trabalho, quando a trabalhadora tiver na sociedade o lugar que deve ter; ao contrário, o trabalho ajudará poderosamente seu equilíbrio físico, evitando-lhe que dele se preocupe incessantemente.

Quando se julgam as realizações profissionais da mulher e quando a partir delas se pretende antecipar-lhe o futuro, cumpre não perder de vista esse conjunto de fatos. É no seio de uma situação atormentada, escravizada ainda aos encargos tradicionalmente implicados na feminilidade, que ela se empenha numa carreira. As circunstâncias objetivas tampouco lhe são favoráveis. É sempre difícil ser um recém-chegado que tenta abrir caminho através de uma sociedade hostil ou, pelo menos, desconfiada. Richard Wright mostrou, em *Black Boy*, a que ponto as ambições de um jovem negro nos Estados Unidos são barradas desde o início e que luta lhe cabe sustentar simplesmente para se erguer ao nível em que os problemas começam a apresentar-se aos brancos; os negros que vieram da África para a França conhecem também — em si mesmos como exteriormente — dificuldades análogas às que encontram as mulheres.

É primeiramente no período de aprendizagem que a mulher se encontra em estado de inferioridade: já o indiquei a propósito da jovem, mas é preciso voltar ao assunto com maior precisão. Durante seus estudos, durante os primeiros anos, tão decisivos, de sua carreira, é raro que a mulher aproveite francamente suas possibilidades: muitas sofrerão mais tarde as desvantagens de um mau início. Com efeito, é entre 18 e 30 anos que os conflitos aos quais já me referi atingem o máximo de intensidade: e é o momento em que o futuro profissional se decide. Quer a mulher viva com os pais, ou seja casada, raramente os que a cercam respeitarão seu esforço como respeitam o de um homem; impor-lhe-ão serviços, tarefas desagradáveis, cercear-lhe-ão a liberdade; ela própria ainda se acha profundamente marcada por sua educação, respeitosa dos valores que os mais velhos afirmam, obsidiada por seus sonhos de criança e de adolescente; dificilmente concilia a herança de seu passado com o interesse de seu futuro. Por vezes recusa sua feminilidade, hesita entre a castidade, a homossexualidade ou uma atitude provocante de virago, veste-se mal ou se fantasia: perde muito tempo e forças com desafios, comédias, cólera. Mais amiudadamente quer, ao contrário, afirmá-la; é coquete, sai, namora, é amorosa, oscilando entre o masoquismo e a agressividade. De qualquer maneira, interroga-se, agita-se, dispersa-se. Pelo simples fato de se achar tomada por preocupações estranhas, não se empenha totalmente na sua empresa: por isso tira menos proveito dela, é tentada a abandoná-la. Extremamente desmoralizante para a mulher que procura bastar-se, é a existência de outras mulheres pertencentes às mesmas categorias sociais,

com uma situação inicial idêntica, com idênticas possibilidades e que vivem como parasitas; o homem pode ter ressentimento contra os privilegiados, mas é solidário com sua classe; em conjunto, os que partem nas mesmas condições alcançam mais ou menos o mesmo nível de vida; ao passo que pela mediação do homem, mulheres de igual condição têm destinos muito diversos. A amiga casada ou confortavelmente sustentada é uma tentação para a que deve assegurar sozinha o seu êxito; parece-lhe que se condena arbitrariamente a enveredar pelos caminhos mais difíceis: diante de cada obstáculo ela se pergunta se não seria melhor escolher outro meio. "Quando penso que preciso arrancar tudo de meu cérebro!" dizia-me escandalizada uma estudentezinha sem fortuna. O homem obedece a uma necessidade imperiosa: incessantemente deve a mulher renovar inteiramente sua decisão; ela não avança fixando à sua frente um objetivo, mas sim deixando que o olhar gire em derredor; por isso, tímido e incerto tem o andar. Tanto mais que lhe parece — como já o disse — que quanto mais avança mais renuncia a suas outras possibilidades. Dedicada à literatura, ou à ação, desagradará aos homens em geral; ou humilhará o marido, o amante, com um êxito demasiado brilhante. Não somente se aplica, então, em se mostrar elegante, frívola, como também freia seu entusiasmo. A esperança de um dia se libertar da preocupação consigo mesma, o temor de dever renunciar, assumindo tal preocupação, a essa esperança, ligam-se para impedi-la de se entregar, sem reticências, a seus estudos, a sua carreira.

Na medida em que a mulher quer ser mulher, sua condição independente cria nela um complexo de inferioridade; inversamente, sua feminilidade leva-a a duvidar de suas possibilidades profissionais. É este um dos pontos mais importantes. Vimos que meninas de 14 anos declaravam num inquérito: "Os meninos estão melhor; trabalham mais facilmente". A moça está convencida de que suas capacidades são limitadas. Pelo fato de pais e professores admitirem que o nível das meninas é inferior ao dos meninos, as alunas de bom grado o admitem igualmente; e efetivamente, apesar da identidade dos programas, sua cultura é, nos colégios, muito menos desenvolvida. Salvo algumas exceções, o conjunto de uma classe feminina de filosofia, por exemplo, situa-se nitidamente abaixo de uma classe de rapazes; numerosas alunas não pretendem continuar seus estudos, trabalham muito superficialmente e as outras sofrem da falta de emulação. Enquanto se trata de exames bastante fáceis, sua insuficiência não se faz sentir demasiado; mas atingindo os concursos sérios, a estudante toma

consciência de suas falhas; atribui-as, então, não à mediocridade de sua formação e sim à injusta maldição que pesa sobre sua feminilidade; resignando-se a essa desigualdade, ela a agrava; persuade-se de que suas possibilidades de êxito não podem residir senão em sua paciência, sua aplicação; resolve economizar avaramente suas forças: é um cálculo lamentável. A atitude utilitária é nefasta, principalmente nos estudos e profissões que reclamam um pouco de invenção, de originalidade, pequenos achados. Conversações, leituras à margem dos programas, um passeio durante o qual o espírito devaneia livremente podem ser bem mais úteis à tradução de um texto grego do que a morna compilação de espessas syntaxes. Esmagada pelo respeito às autoridades e o peso da erudição, o olhar cerceado por antolhos, a estudante demasiado conscienciosa mata em si o senso crítico e a própria inteligência. Sua obstinação metódica engendra tensão e tédio: nas classes em que as colegiais preparam o concurso de Sèvres reina uma atmosfera sufocante que desanima todas as individualidades um pouco vivas. Criando para si mesma uma prisão, a candidata só almeja evadir-se; logo que fecha o livro pensa em mil outros assuntos. Não conhece esses momentos fecundos em que estudo e divertimentos se confundem, em que as aventuras do espírito adquirem um calor vivo. Acabrunhada pela ingratidão das tarefas, sente-se cada vez mais inapta para levá-las a cabo. Lembro-me de uma estudante de *agrégation* que dizia, no tempo em que havia em filosofia um concurso comum para homens e mulheres: "Os rapazes podem consegui-lo em um ou dois anos; a nós são necessários pelo menos quatro". E outra dizia, a quem indicavam a leitura de uma obra sobre Kant, autor incluído no programa: "É um livro difícil demais; é um livro para *normaliens*!" Parecia imaginar que as mulheres podiam passar no concurso com desconto; isso significava — já antes de começar — abandonar efetivamente aos homens todas as possibilidades de êxito.

Em consequência desse derrotismo, a mulher acomoda-se facilmente com um êxito medíocre; não ousa visar alto. Abordando seu ofício com uma formação superficial, coloca, desde logo, um limite a suas ambições. Amiúde, o fato de ela própria ganhar sua vida já se lhe afigura um mérito suficiente; teria podido, como tantas outras, confiar seu destino a um homem; para continuar a querer sua independência, ela precisa de um esforço de que se orgulha, mas que a esgota. Parece-lhe ter feito bastante quando decide fazer alguma coisa. "Para uma mulher já não é tão mal", pensa. Uma mulher que exercia uma profissão insólita

dizia: "Se fosse homem, eu me sentiria no dever de alcançar os primeiros lugares, mas sou a única mulher da França que ocupa semelhante cargo; é suficiente para mim". Há prudência nessa modéstia. A mulher tem medo de malograr indo adiante. Cumpre dizer que se sente embaraçada, com razão, à idéia de que não confiam nela. De maneira geral, a casta superior é hostil aos arrivistas da classe inferior: brancos não irão consultar um médico negro, nem os homens uma doutora; e os indivíduos da classe inferior, imbuídos do sentimento de sua inferioridade específica, e amiúde cheios de rancor contra quem venceu o destino, preferirão voltar-se também para os senhores; as mulheres particularmente, em sua maioria, cristalizadas em sua adoração do homem, buscam-no avidamente no médico, no advogado, no chefe de escritório etc. Nem homens nem mulheres gostam de se achar sob as ordens de uma mulher. Seus superiores, ainda que a estimem, terão sempre por ela um pouco de condescendência; ser mulher é, senão uma tara, pelo menos uma singularidade. A mulher deve incessantemente conquistar uma confiança que não lhe é de início concedida: no princípio ela é suspeita, precisa dar provas de si. Se tem valor, ela, afirmam, as dará. Mas o valor não é uma essência dada: é a culminação de um desenvolvimento feliz. Sentir pesar sobre si um preconceito desfavorável só muito raramente ajuda a vencê-lo. O complexo de inferioridade inicial acarreta, como é geralmente o caso, uma reação de defesa que é uma afetação exagerada de autoridade. A maior parte das médicas, por exemplo, tem-na demasiado ou pouco demais. Se permanecem naturais, não intimidam, porque o conjunto de sua vida as incita antes a seduzir do que a mandar; o doente que gosta de ser dominado ficará desiludido com conselhos dados com simplicidade; consciente do fato, a doutora arvora uma voz grave e um tom seco; mas não possui, então, a afável bonomia que seduz no médico seguro de si. O homem tem o hábito de se impor: seus clientes acreditam em sua competência; pode ser natural, impressiona sempre. A mulher não inspira o mesmo sentimento de segurança; torna-se afetada, exagera, faz demais. Nos negócios, na administração, mostra-se escrupulosa, minuciosa, facilmente agressiva. Como em seus estudos, carece de desenvoltura, de imaginação, de audácia. Crispa-se para vencer. Sua ação é uma sequência de desafios e de afirmações abstratas de si mesma. É esse o maior defeito que engendra a falta de segurança: o sujeito não pode esquecer-se. Não visa generosamente um fim: procura dar as provas de valor que dele exigem. Lançando-se ousadamente

contra os fins, o indivíduo arrisca-se a decepções; mas alcança também resultados inesperados; a prudência condena à mediocridade. Encontra-se raramente na mulher um gosto pela aventura, pela experiência gratuita, uma curiosidade desinteressada; ela procura "fazer carreira" como outros constroem uma felicidade; permanece dominada, investida pelo universo masculino, não tem a audácia de quebrar o teto, não se perde com paixão em seus projetos; considera ainda sua vida como uma empresa imanente: não visa um objeto e sim, através de um objeto, seu êxito subjetivo. É essa uma atitude muito impressionante, entre outras, nas norte-americanas; agrada-lhes ter um *job* e provar a si mesmas que são capazes de executá-lo corretamente: mas não se apaixonam pelo *conteúdo* de suas tarefas. Consequentemente, a mulher tem tendência para valorizar demasiado pequenos malogros e êxitos modestos; intermitentemente enche-se de vaidade ou desânimo; quando o êxito é esperado, a pessoa acolhe-o com simplicidade, mas êle torna-se um triunfo embriagante se ela duvida de obtê-lo; nisto está a desculpa das mulheres que se inflam de importância e se enfeitam com ostentação com suas mais insignificantes realizações. Olham incessantemente para trás a fim de medir o caminho percorrido: isto destrói-lhes o entusiasmo. Por esse meio, poderão realizar carreiras honrosas mas não grandes ações. É preciso acrescentar que muitos homens só sabem igualmente construir destinos medíocres. É somente em relação aos melhores dentre eles — salvo raras exceções — que a mulher se apresenta a nós como ainda a reboque. As razões que dei explicam-no bastante e não hipotecam em nada o futuro. O que falta essencialmente à mulher de hoje, para fazer grandes coisas, é o esquecimento de si: para se esquecer é preciso primeiramente que o indivíduo esteja sólidamente certo, desde logo, de que se encontrou. Recém-chegada ao mundo dos homens, e mal sustentada por eles, a mulher está ainda ocupada com se achar.

Há uma categoria de mulheres a que estas observações não se aplicam pelo fato de que, longe de lhe prejudicar a feminilidade, sua carreira a fortalece; trata-se da categoria das mulheres que procuram superar pela expressão artística o próprio dado que constituem: atrizes, dançarinas, cantoras. Durante três séculos, foram elas, por assim dizer, as únicas que tiveram uma independência concreta no seio da sociedade e nesta ainda ocupam atualmente um lugar privilegiado. Outrora as comediantes eram amaldiçoadas pela Igreja; essa severidade exagerada sempre lhes conferiu uma gran-

de liberdade de costumes; andam amiúde à beira da galanteria, e como as cortesãs, passam grande parte de seus dias na companhia dos homens; mas, ganhando a vida por seu próprio esforço, encontrando no trabalho um sentido para sua existência, escapam ao jugo deles. A grande vantagem de que gozam está em que seus êxitos profissionais contribuem — como no caso dos homens — para sua valorização sexual; realizando-se como seres humanos, realizam-se como mulheres: não são dolorosamente atormentadas por aspirações contraditórias; ao contrário, encontram em seu ofício uma justificação de seu narcisismo: toalete, cuidar da beleza, encantar, fazem parte de seus deveres profissionais. Para uma mulher apaixonada por sua imagem, é uma grande satisfação *fazer* alguma coisa exibindo simplesmente o que *é*; e essa exibição reclama ao mesmo tempo bastante artifício e estudo para se apresentar, na expressão de Georgette Leblanc, como um sucedâneo da ação. Uma grande atriz visará mais alto ainda: ultrapassará o dado pela maneira pela qual o exprime, será verdadeiramente uma artista, um criador que dá sentido a sua vida emprestando significação ao mundo.

Mas esses raros privilégios também escondem perigos: em vez de integrar em sua vida artística suas complacências narcisistas e a liberdade que lhe é concedida, a atriz soçobra muitas vezes no culto de si ou na galanteria; já falei dessas pseudo-"artistas" que procuram tão-sòmente "criar um nome" no cinema ou no teatro, nome que representa um capital a ser explorado nos braços masculinos; as comodidades de um apoio viril são assaz tentadoras, comparadas com os riscos de uma carreira e a severidade que implica todo verdadeiro trabalho. O desejo de um destino feminino — marido, lar, filhos — e o encantamento do amor nem sempre se conciliam com a vontade de vencer. Mas, principalmente, a admiração que experimenta por seu eu limita em muitos casos o talento da atriz; ela se ilude acerca do valor de sua simples presença, a ponto de um trabalho sério lhe parecer inútil; faz questão, antes de tudo, de pôr em evidência sua própria figura e a esse cabotinismo sacrifica o personagem que interpreta; não tem, ela tampouco, a generosidade de se esquecer, o que lhe tira a possibilidade de se superar: raras são as Rachel, as Duse, que vencem esse obstáculo e fazem de sua pessoa o instrumento de sua arte, ao invés de ver na arte um servidor de seu eu. Em sua vida privada, entretanto, a cabotina exagerará todos os seus defeitos narcisistas: mostrar-se-á vaidosa, suscetível, comediante, considerará o mundo inteiro um palco.

Hoje as artes de expressão não são as únicas que se propõem às mulheres; muitas delas tentam atividades criadoras. A situação da mulher predispõe-na a procurar uma salvação na literatura e na arte. Vivendo à margem do mundo masculino, não o apreende em sua figura universal e sim através de uma visão singular; êle é para ela, não um conjunto de utensílios e conceitos e sim uma fonte de sensações e emoções; ela interessa-se pelas qualidades das coisas no que têm de gratuito e secreto; adotando uma atitude de negação, de recusa, não se abisma no real: protesta contra êle com palavras; busca, através da Natureza, a imagem da alma, entrega-se a devaneios, quer atingir seu *ser*: é votada ao malogro; só o pode recuperar na região do imaginário. Para não deixar afundar no vácuo uma vida interior que não *serve* para nada, para se afirmar contra o dado que suporta com revolta, para criar um mundo diferente desse em que não consegue alcançar-se, ela tem necessidade de *se exprimir*. Por isso é sabido que é loquaz e escrevinhadora; expande-se em conversas, cartas, diários íntimos. Basta que tenha ambição e ei-la redigindo memórias, transpondo sua biografia para um romance, exaltando seus sentimentos em poemas. Goza de amplos lazes, que favorecem tais atividades.

Mas essas mesmas circunstâncias que orientam a mulher para a criação constituem também obstáculos que ela será constantemente incapaz de superar. Quando se decide a pintar ou a escrever unicamente com o fito de encher o vazio de seus dias, quadros e ensaios serão considerados como "trabalhos de senhora"; não lhes consagrará nem mais tempo nem mais cuidado, e terão mais ou menos o mesmo valor. É muitas vezes no momento da menopausa que a mulher, para compensar as falhas de sua existência, se volta para o pincel ou para a pena: é tarde demais; carecendo de uma formação séria, não passará nunca de amadora. Mesmo se começa bastante cedo, é raro que encare a arte como um trabalho sério; habituada ao ócio, nunca tendo sentido na vida a austera necessidade de uma disciplina, não será capaz de um esforço contínuo e perseverante, não se empenhará em adquirir uma sólida técnica; não lhe apetece as tentativas ingratas, solitárias, do trabalho que não se mostra, que cumpre destruir cem vezes e recomeçar; e como, desde a infância, ensinando-lhe a agradar ensinaram-lhe a trapacear, ela espera resolver o assunto com alguns ardis. É o que confessa Maria Bashkirtseff: "Sim, não me esforço por pintar. Observei-me hoje. *Trapaceio*.,," De bom grado a mulher *brinca* de trabalhar, mas não trabalha; acredi-

tando nas virtudes mágicas da passividade, confunde conjuras e atos, gestos simbólicos e condutas eficientes; fantasia-se de aluna de Belas-Artes, arma-se com seu arsenal de pincéis; postada diante do cavalete, seu olhar vai da tela branca ao espelho; mas o ramalhete de flores, a compoteira de maçãs, não se inscrevem sozinhos na tela. Sentada diante de sua escrivaninha, ruminando vagas histórias, a mulher outorga-se um *álibi* tranqüilo, imaginando que é escritora: mas é preciso chegar a traçar sinais na folha branca, é preciso que tenham um sentido para os outros. Então, descobre-se a impostura. Para agradar basta criar miragens, mas uma obra de arte não é uma miragem, é um objeto sólido; para construí-la cumpre conhecer seu ofício. Não é somente graças a seus dons ou a seu temperamento que Colette se tornou uma grande escritora; sua pena foi muitas vezes seu ganha-pão e ela exigiu dessa pena um trabalho cuidadoso, como um bom artesão exige de sua ferramenta: de *Claudine* a *Naissance du jour*, a amadora tornou-se profissional: o caminho percorrido demonstra sobejamente os benefícios de um aprendizado severo. Em sua maioria, entretanto, as mulheres não compreendem os problemas que apresenta seu desejo de comunicação: e é o que explica em grande parte sua preguiça. Elas sempre se consideraram como dadas; acreditam que seus méritos vêm de uma graça que as habita e não imaginam que o valor possa conquistar-se; para seduzir, sabem apenas manifestar-se: seu encanto age ou não, elas não têm nenhum domínio sobre seu êxito ou seu malogro; supõem por isso, de modo análogo, que para se exprimir basta a pessoa mostrar o que é; ao invés de elaborar uma obra mediante um trabalho refletido, confiam em sua espontaneidade; escrever ou sorrir é para elas a mesma coisa: tentam a sorte, o êxito virá ou não. Seguras de si, confiam em que o livro ou o quadro se fará sem esforço; tímidas, a menor crítica as desanima; ignoram que o erro pode abrir o caminho do progresso, encaram-no como uma catástrofe irreparável tal qual um defeito físico. Eis por que se mostram de uma suscetibilidade que lhes é nefasta: só reconhecem seus erros com irritação e desânimo, em lugar de tirar deles lições fecundas. Infelizmente a espontaneidade não é uma conduta tão simples como parece: o paradoxo do lugar-comum — como o explica Paulhan em *Fleurs de Tarbes* — está em que se confunde muitas vezes com a tradução imediata da impressão subjetiva; de modo que, no momento em que a mulher, expressando, sem levar em consideração outrem, a imagem que nela se forma, se acredita a mais singular, não faz senão reinventar um clichê vulgar;

se lho dizem, ela se espanta, fica despeitada e larga a pena; não se apercebe de que o público lê com os olhos e o pensamento dele e que um epíteto novo pode despertar em sua memória muitas recordações gastas; é por certo um dom preciso saber pescar em si, para trazê-las à tona da linguagem, impressões vivas; admira-se em Colette uma espontaneidade que não se encontra em nenhum escritor masculino. Mas — embora os dois termos pareçam contraditórios — trata-se nela de uma espontaneidade refletida: ela recusa certas soluções para só aceitar outras, de caso pensado; o amador — ao invés de utilizar as palavras como uma relação interindividual, um apelo ao outro — nelas vê a revelação direta de sua sensibilidade; parece-lhe que escolher, rasurar, é repudiar uma parte de si; nada quer sacrificar de si porque se compraz no que *ê* e ao mesmo tempo porque não espera tornar-se outro. Sua vaidade estéril vem de que ama a si mesma sem ousar construir-se.

Por isso é que da legião de mulheres que tentam bulir com as artes e as letras, bem poucas perseveram; mesmo as que superaram esse primeiro obstáculo permanecerão muitas vezes hesitantes entre seu narcisismo e um complexo de inferioridade. Não saber esquecer-se é um defeito que lhes pesará mais fortemente do que em qualquer outra carreira; se seu objetivo essencial é uma abstrata afirmação de si, a satisfação formal do êxito, não se entregarão à contemplação do mundo: serão incapazes de criá-lo de novo. Maria Bashkirtseff resolveu pintar porque queria tornar-se célebre; a obsessão da glória interpõe-se entre a realidade e ela; em verdade não gosta de pintar: a arte é apenas um meio; não são seus sonhos ambiciosos e vazios que lhe desvendarão o sentido de uma *côr* ou de um rosto. Em lugar de se entregar generosamente à obra que empreende, a mulher, muito frequentemente, considera-a um simples ornamento de sua vida; o livro e o quadro não passam de um intermediário inessencial, permitindo-lhe exibir publicamente esta realidade essencial: sua própria pessoa. Na verdade, é sua pessoa o principal — por vezes o único — assunto que a interessa: Mme Vigée Lebrun não se cansa de fixar na tela sua sorridente maternidade. Mesmo falando de temas gerais, a mulher que escreve ainda falará de si: não podemos ler tal ou qual crônica teatral sem ficarmos informados da estatura e da corpulência do autor, da *côr* de seus cabelos, das particularidades de seu caráter. Sem dúvida o eu nem sempre é odioso. Poucos livros são mais apaixonantes do que certas confissões: mas é preciso que sejam sinceras e que o autor tenha alguma coisa a

confessar. O narcisismo da mulher empobrece-a, ao invés de a enriquecer: à força de não fazer outra coisa senão contemplar-se, ela se aniquila; até o amor que dedica a si mesma se estereotipa: ela não revela em seus escritos sua experiência autêntica e sim um ídolo imaginário construído com clichês. Não caberia censurá-la por se projetar em seus romances, como o fizeram Benjamin Constant, Stendhal; mas a desgraça está em que amiúde ela vê sua história como uma fantasia tola; a jovem mascara com grande reforço de fantasia a realidade que a assusta pela sua crueza: é pena, que uma vez adulta ainda envolva o mundo, seus personagens e a si mesma em brumas poéticas. Quando sob essa fantasia a realidade é vislumbrada, obtêm-se, por vezes, resultados encantadores; mas também, ao lado de *Poussière* ou de *La Nymphe au coeur fidèle*, quantos romances de evasão insossos e soporíficos!

É natural que a mulher tente fugir deste mundo, em que amiúde se sente menosprezada e incompreendida; o lamentável é que não ouse então os vãos audaciosos de um Gérard de Nerval, de um Poe. Há muitas razões que desculpam sua timidez. Agradar é sua maior preocupação; e muitas vezes ela já tem medo, pelo simples fato de escrever, de desagradar como mulher: a palavra *bas-bleu*¹, embora um tanto gasta, desperta ainda ressonâncias desagradáveis; ela não tem coragem de desagradar, também como escritora. O escritor original enquanto não morre é sempre escandaloso; a novidade inquieta e indis põe; a mulher ainda se acha espantada e lisonjeada por ser admitida no mundo do pensamento, da arte, que é um mundo masculino: nele mantém-se bem comportada; não ousa perturbar, explorar, explodir; parece-lhe que deve fazer com que perdoem suas pretensões literárias com sua modéstia, seu bom gosto; aposta nos valores seguros do conformismo; introduz na literatura somente essa nota pessoal que se espera dela: lembra que é mulher com alguma graça, alguns requebros e preciosismos bem escolhidos; assim é que sobressairá redigindo *best-sellers*; mas não se deve contar com ela para se aventurar por caminhos inéditos. Não porque as mulheres, em suas condutas, em seus sentimentos, careçam de originalidade: algumas há tão singulares que cumpre encerrá-las; no conjunto, muitas delas são mais barrocas, mais excêntricas do que os homens, cujas disciplinas recusam. Mas é em sua vida, sua correspondência, sua conversa que revelam seu gênio estranho; se tentam escrever, sen-

(¹) Mulher intelectualizada e pedante (N. do T.)

tem-se esmagadas pelo universo da cultura, por ser um universo, de homens: não fazem senão balbuciar. Inversamente, a mulher que escolhe raciocinar, exprimir-se segundo as técnicas masculinas, fará questão de abafar uma singularidade de que desconfia; como a estudante, será facilmente aplicada e pedante; imitará a seriedade, o vigor viril. Poderá tornar-se uma excelente teórica, poderá adquirir um sólido talento; mas ter-se-á imposto o repúdio de tudo o que nela havia de "diferente". Há mulheres loucas e mulheres de talento: nenhuma tem essa loucura no talento, que chamam gênio.

Foi essa modéstia sensata que antes de tudo definiu até agora os limites do talento feminino. Muitas mulheres fizeram malograr — e o fazem dia a dia mais — os ardis do narcisismo e do falso maravilhoso, mas nenhuma desprezou toda prudência para tentar *emergir* além do mundo dado. Há primeiramente, bem entendido, numerosas mulheres que aceitam a própria sociedade tal qual é; são os *chantres* por excelência da burguesia, porquanto representam, nessa classe ameaçada, o elemento mais conservador; com adjetivos escolhidos, evocam os requintes de uma civilização dita da "qualidade"; exaltam o ideal burguês da felicidade e fantasiam com as cores da poesia os interesses de sua classe; orquestram a mistificação destinada a persuadir as mulheres a "ficarem mulheres": casas velhas, parques e hortas, avós pitorescas, crianças espertas, lixívia, geléias, festas familiares, toaletes, salões, bailes, esposas dolorosas mas exemplares, beleza da dedicação e do sacrifício, pequenas penas e grandes alegrias do amor conjugal, sonhos de mocidade, resignação madura, todos esses temas foram explorados até o fim pelas romancistas da Inglaterra, da França, dos Estados Unidos, do Canadá e da Escandinávia; com isso ganharam glória e dinheiro, mas não enriqueceram por certo nossa visão do mundo. Muito mais interessantes são as revoltadas que acusaram essa sociedade injusta; uma literatura de reivindicação pode engendrar obras fortes e sinceras; George Eliot hauriu em sua revolta uma visão ao mesmo tempo minuciosa e dramática da Inglaterra vitoriana; entretanto, como Virgínia Woolf o observa, Jane Austen, as irmãs Brontë, George Eliot tiveram de despender negativamente tanta energia, para libertar-se das pressões exteriores, que chegam algo arquejantes a esse estádio de onde partem os escritores masculinos de grande envergadura; não lhes sobram mais forças suficientes para aproveitarem sua vitória e romperem todas as amarras: nelas não se encontra, por exemplo, a desenvoltura de um Stendhal, nem sua tranqüila since-

ridade. Não tiveram tampouco a riqueza de experiência de um Dostoiévsky, de um Tolstói: eis por que o belo livro que é *Middlemarch* não se iguala a *Guerra e Paz*; *O Morro dos Ventos Uivantes*, apesar de sua grandeza, não tem o alcance de *Os Irmãos Karamazov*. Hoje, as mulheres já têm menos dificuldades em se afirmar; mas não superaram ainda inteiramente a especificação milenar que as confina em sua feminilidade. A lucidez, por exemplo, é uma conquista de que se orgulham com razão, mas com que se satisfazem um pouco depressa demais. O fato é que a mulher tradicional é uma consciência mistificada e um instrumento de mistificação; tenta dissimular a si mesma sua dependência, o que é uma maneira de nela consentir; denunciar essa dependência já é uma libertação; contra as humilhações, contra a vergonha, o cinismo é uma defesa: é o esboço de uma assumpção. Querendo-se lúcidas, as escritoras prestam o maior serviço à causa da mulher; mas — geralmente sem o perceber — permanecem demasiado apegadas a servir essa causa para adotar perante o universo essa atitude desinteressada que abre os mais vastos horizontes. Acreditam ter feito bastante quando afastam os véus de ilusão e mentiras; entretanto, essa audácia negativa deixa-nos ainda diante de um enigma, pois a própria verdade é ambigüidade, abismo, mistério: depois de lhe ter indicado a presença, seria necessário pensá-la, recriá-la. Não se iludir já é alguma coisa, mas é a partir daí que tudo começa; a mulher esgota sua coragem a dissipar miragens e detém-se assustada no limiar da realidade. Eis porque há, por exemplo, autobiografias femininas que são sinceras e atraentes; mas nenhuma se pode comparar a *Confessions* ou a *Souvenirs d'Egotisme*. Estamos ainda muito preocupadas com ver com clareza para procurar outras trevas além dessa claridade.

"As mulheres não ultrapassam nunca o pretexto", dizia-me um escritor. É assaz verdadeiro. Ainda muito encantadas por ter recebido a permissão de explorar este mundo, fazem o inventário dele sem procurar descobrir-lhe o sentido. Onde por vezes elas brilham é na observação do que é dado: são repórteres notáveis; nenhum jornalista masculino sobrepujou os testemunhos de Andrée Viollis sobre a Indo-China e a Índia. Elas sabem descrever atmosferas, personagens, indicar relações sutis entre estes, fazer-nos participar dos movimentos secretos de suas almas: Willa Cather, Edith Wharton, Dorothy Parker, Katherine Mansfield evocaram de maneira aguda e matizada indivíduos, climas e civilizações. É raro que consigam criar heróis masculinos tão convincentes quanto Heathcliffe: no homem não apreendem, por assim

dizer, senão o macho; mas descreveram, amiúde com felicidade, sua vida interior, sua experiência, seu universo; apegadas à substância secreta dos objetos, fascinadas pela singularidade de suas próprias sensações, elas entregam sua experiência ainda quente através de adjetivos saborosos, de imagens carnavais: seu vocabulário é, em geral, mais notável do que sua sintaxe, porque se interessam mais pelas coisas do que pelas relações destas entre si; não visam uma elegância abstrata mas, em compensação, suas palavras falam aos sentidos. Um dos domínios que exploraram com mais amor é o da Natureza; para a moça, para a mulher que ainda não abdicou tudo, a Natureza representa o que a própria mulher representa para o homem: ela mesma e sua negação, um reino e um lugar de exílio: ela é tudo sob a figura do outro. É falando das charnechas ou das hortas que a romancista nos revela mais intimamente sua experiência e seus sonhos. Muitas há que encerram os milagres da seiva e das estações em vasos, em canteiros; outras, sem aprisionar plantas e bichos, tentam, entretanto, apropriar-se deles pelo amor atento que lhes dedicam: Colette, por exemplo, ou K. Mansfield. Mais raras são as que abordam a Natureza em sua liberdade inumana, que tentam decifrar-lhe as significações estranhas e que se perdem a fim de se unir a essa outra presença. Por esses caminhos, que Rousseau inventou, somente uma Emily Brontë, uma Virgínia Woolf e por vezes uma Mary Webb se aventuram. Com mais razão podemos contar nos dedos as mulheres que ultrapassaram o dado à procura de sua dimensão secreta: Emily Brontë interrogou a morte, V. Woolf a vida, e K. Mansfield por vezes — não muitas — a contingência quotidiana e o sofrimento. Nenhuma mulher escreveu o *Processo*, *Moby Dick*, *Ulisses*, ou *Os Sele Pilares da Sabedoria*. Elas não contestam a condição humana porque mal começam a poder assumi-la integralmente. É o que explica que suas obras careçam geralmente de ressonâncias metafísicas e também de humor negro; elas não põem o mundo entre parênteses, não lhe fazem perguntas, não lhe denunciam as contradições: levam-no a sério. O fato é, de resto, que, em sua maioria, os homens conhecem as mesmas limitações; é quando a comparamos com os raros artistas que merecem ser chamados "grandes" que a mulher se apresenta como medíocre. Não é um destino que a limita: pode-se compreender facilmente por que não lhe foi dado — por que não lhe será dado talvez durante muito tempo ainda — atingir os mais altos cimos. A arte, a literatura, a filosofia são tentativas de fundar de novo o mundo sobre uma liberdade humana: a do criador. É pre-

ciso, primeiramente, por-se sem equívoco como uma liberdade, para alimentar tal pretensão. As restrições que a educação e os costumes impõem à mulher restringem seu domínio sobre o universo, Quando o combate para conquistar um lugar neste mundo é demasiado rude, não se pode pensar em dele sair; ora, é preciso primeiramente emergir dele numa soberana solidão, se se quer tentar reapreendê-lo: o que falta primeiramente à mulher é fazer, na angústia e no orgulho, o aprendizado de seu desamparo e de sua transcendência.

O que tenho vontade, escreve Maria Bashkirtseff, é da liberdade de passear sozinha, de ir e vir, de sentar nos bancos do Jardim das Tulherias. Eis a liberdade sem a qual não se pode tornar-se um verdadeiro artista. Acreditaís que se aproveita o que se vê quando se está acompanhado ou quando, para ir ao Louvre, é preciso esperar o carro, a dama de companhia, a família!... Eis a liberdade que falta e sem a qual não se pode chegar seriamente a ser alguma coisa. *O pensamento se acorrenta em consequência desse embaraço estúpido e incessante. .. Isso basta para que as asas se encolham.* É uma das grandes razões pelas quais não há mulheres artistas.

Com efeito, para tornar-se um criador não basta cultivar-se, isto é, integrar espetáculos e conhecimentos na vida; é preciso que a cultura seja apreendida através do livre movimento de uma transcendência; é preciso que o espírito, com todas as suas riquezas, se projete num céu vazio que lhe cabe povoar; mas se mil laços tênues o amarram à terra, desfaz-se o seu impulso. Hoje, sem dúvida, a jovem sai sozinha e pode passear pelas Tulherias; mas já disse quanto a rua lhe é hostil; por toda parte olhos e mãos a vigiam; se vagabundeia irrefletidamente, com o pensamento à solta, se acende um cigarro no terraço de um café, se vai só ao cinema, um incidente desagradável não tarda; é preciso que inspire respeito pela sua aparência, pela sua maneira de vestir-se: essa preocupação prega-a ao solo, encerra-a em si mesma. "As asas encolhem-se." Com 18 anos, T. E. Lawrence realiza sozinho uma grande viagem de bicicleta através da França; não permitirão a uma moça lançar-se em semelhante aventura; menos ainda ser-lhe-á possível, como o fez Lawrence um ano depois, aventurar-se a pé num país semideserto e perigoso. Entretanto, tais experiências têm um alcance incalculável; é então que, na embriaguez da liberdade e da descoberta, o indivíduo aprende a olhar a terra inteira como seu feudo. Já a mulher se acha inteiramente privada das lições da violência; disse a que ponto sua fraqueza física a inclina à passividade; quando um rapaz resolve uma luta a socos,

sente que pode confiar em si, no cuidado de si mesmo. Seria preciso pelo menos que, em compensação, a iniciativa do esporte, da aventura, o orgulho do obstáculo vencido fossem permitidos à jovem. Mas não. Ela pode sentir-se solitária *no seio* do mundo; nunca se ergue *em face* dele, única e soberana. Tudo a incita a deixar-se investir, dominar por exigências estranhas: e no amor, particularmente, ela se renega, ao invés de se afirmar. Neste sentido, desgraça ou defeito físico são muitas vezes provações fecundas: foi seu isolamento que permitiu a Emily Brontë escrever um livro forte e alucinado; em face da Natureza, da morte, do destino, não esperava socorro senão de si mesma. Rosa Luxemburgo era feia; nunca se viu tentada a abismar-se no culto de sua própria imagem, a fazer-se objeto, presa e armadilha: desde sua mocidade foi inteiramente espírito e liberdade. Mesmo então é raro que a mulher assuma plenamente o angustiante diálogo com o mundo dado. As pressões que a cercam e toda a tradição que pesa sobre ela impedem que se sinta responsável pelo universo: eis a razão profunda de sua mediocridade.

Os homens que chamamos grandes são os que, de uma maneira ou de outra, puseram sobre os ombros o peso do mundo: saíram-se mais ou menos bem da tarefa, conseguiram recriá-lo ou soçobraram; mas primeiramente assumiram o enorme fardo. É o que uma mulher jamais fez, o que *nenhuma* o pôde jamais fazer. Para encarar o universo como seu, para se estimar culpada de seus erros e vangloriar-se de seus progressos, é preciso pertencer à casta dos privilegiados; é somente a esses, que lhe detêm os comandos, que cabe justificá-lo, modificando-o, pensando-o, desvendando-o; só eles podem reconhecer-se nele e tentar imprimir-lhe sua marca. É no homem e não na mulher que até aqui se pôde encarnar o Homem. Ora, os indivíduos que nos parecem exemplares, que condecoramos com o nome de gênio, são os que pretenderam jogar em sua existência singular a sorte de toda a humanidade. Nenhuma mulher se acreditou autorizada a tanto. Como Van Gogh poderia ter nascido mulher? Uma mulher não teria sido enviada em missão ao Borinage, não teria sentido a miséria dos homens como seu próprio crime, não teria procurado uma redenção; nunca teria, portanto, pintado os girassóis de Van Gogh. Sem contar que o gênero de vida do pintor — a solidão de Arles, a freqüentação dos cafés, dos bordéis, tudo o que alimentava a arte de Van Gogh alimentando-lhe a sensibilidade — lhe teria sido proibido. Uma mulher nunca poderia ter-se tornado Kafka: em suas dúvidas e suas iniquidades, não teria reconhecido a

angústia do Homem expulso do paraíso. Não há por assim dizer senão Santa Teresa que tenha vivido por sua conta, em um abandono total, a condição humana: vimos por quê. Situando-se além das hierarquias terrestres, não sentia, tal qual São João da Cruz, um teto tranqüilizador sobre a cabeça. Era para ambos a mesma noite, os mesmos relâmpagos, em si o mesmo nada, em Deus a mesma plenitude. Quando finalmente for assim possível a todo ser humano colocar seu orgulho além da diferenciação sexual, na glória difícil de sua livre existência, poderá a mulher — e somente então — confundir seus problemas, suas dúvidas, suas esperanças com os da humanidade; somente então ela poderá procurar desvendar toda a realidade, e não apenas sua pessoa, em sua vida e suas obras. Enquanto ainda lhe cumpre lutar para se tornar um ser humano, não lhe é possível ser uma criadora.

Diga-se mais uma vez: para explicar suas limitações, é portanto sua situação que cabe invocar, e não uma essência misteriosa: o futuro permanece largamente aberto. Sustentou-se à saciedade que as mulheres não possuíam "gênio criador"; é a tese que defende, entre outros, Mme Marthe Borély, antifeminista outrora famosa: mas dir-se-ia que tentou fazer de seus livros a prova viva do ilogismo e da parvoíce feminina; e em verdade eles próprios se contestam. Demais, a idéia de um "instinto" criador dado deve ser rejeitada, como a do "eterno feminino" no velho armário das entidades. Certos misóginos afirmam um pouco mais concretamente que, sendo uma neurótica, a mulher nada pode criar de válido; mas são muitas vezes as mesmas pessoas que declaram que o gênio é uma neurose. Em todo caso, o exemplo de Proust mostra suficientemente que o desequilíbrio psicofisiológico não significa nem impotência, nem mediocridade. Quanto ao argumento que se tira do exame da história, acabamos de ver o que se deve pensar. O fato histórico não pode ser considerado como definindo uma verdade eterna; traduz apenas uma situação, que se manifesta precisamente como histórica porque está mudando. Como as mulheres poderiam jamais ter tido gênio, quando toda possibilidade de realizar uma obra genial — ou mesmo uma obra simplesmente — lhe era recusada? A velha Europa espicaçou outrora com seu desprezo os americanos bárbaros, que não possuíam artistas nem escritores: "Deixai-nos existir antes de nos pedir que justifiquemos nossa existência", respondeu, em substância, Jefferson. Os negros dão as mesmas respostas aos racistas que lhes censuram não terem produzido nem um Whitman nem um Melville. O proletariado francês não pode tampouco opor ne-

nhum nome aos de Racine ou de Mallarmé. A mulher livre está apenas nascendo; quando se tiver conquistado, talvez justifique a profecia de Rimbaud: "Os poetas serão! Quando fôr abolida a servidão infinita da mulher, quando ela viver para ela e por ela, tendo-lhe dado baixa o homem — até agora abominável — ela será também poeta! A mulher encontrará o desconhecido! Divergirão dos nossos seus mundos de idéias? Ela descobrirá coisas estranhas, insondáveis, repugnantes, deliciosas, nós as tomaremos, nós as compreenderemos"¹. Não é certo que seus "mundos de idéias" sejam diferentes dos dos homens, posto que será assimilando-se a eles que ela se libertará; para saber em que medida ela permanecerá singular, em que medida tais singularidades terão importância, fora preciso aventurar-se a antecipações muito ousadas. O certo é que até aqui as possibilidades da mulher foram sufocadas e perdidas para a humanidade e que já é tempo, em seu interesse e no de todos, de deixá-la enfim correr todos os riscos, tentar a sorte.

(¹) Carta a Pierre Demy, 15 de maio de 1871.

CONCLUSÃO

"Não, a mulher não é nosso irmão; pela preguiça e pela corrupção fizemos dela um ser à parte, desconhecido, tendo somente o sexo como arma, o que é não apenas a guerra perpétua mas ainda uma arma que não é de guerra leal — adorando ou odiando, mas não companheiro franco, um ser que forma legião com espírito de corporação, de maçonaria — mas de desconfianças de eterno pequeno escravo."

Muitos homens subscreveriam ainda essas palavras de Jules Laforgue; muitos pensam que entre os dois sexos haverá sempre "briga e disputa" e jamais a fraternidade será possível entre ambos. O fato é que nem os homens nem as mulheres se acham hoje satisfeitos uns com os outros. Mas a questão é saber se há uma maldição original que os condena a se entredilacerar ou se os conflitos que os opõem exprimem apenas um momento transitório da história humana.

Vimos que, a despeito das lendas, nenhum destino fisiológico impõe ao macho e à fêmea, como tais, uma eterna hostilidade; mesmo a famosa fêmea do louva-a-deus só devora o macho por falta de outros alimentos e no interesse da espécie; a esta é que, de alto a baixo da escala animal, todos os indivíduos se acham subordinados. Demais, a humanidade é coisa diferente de uma espécie: é um devir histórico; define-se pela maneira pela qual assume a facticidade natural. Em verdade, ainda que com a maior má-fé do mundo, é impossível denunciar uma rivalidade de ordem propriamente fisiológica entre o macho e a fêmea humana. Por isso mesmo situam, de preferência, sua hostilidade no terreno intermediário entre a biologia e a psicologia que é o da psicanálise. A mulher, dizem, inveja o pênis do homem e deseja castrá-lo; mas o desejo infantil do pênis só assume importância na vida da mulher adulta se ela sente sua feminilidade como uma mutilação; e é então, por encarnar todos os privilégios da virilidade, que ela

almeja apropriar-se do órgão masculino. Admite-se de bom grado que seu sonho de castração tem uma significação simbólica: ela quer, pensam, privar o homem de sua transcendência. Vimos que sua aspiração é muito mais ambígua: ela quer, de uma maneira contraditória, *ter* essa transcendência, o que leva a supor que ela a respeita e a nega ao mesmo tempo, que entende lançar-se nela e retê-la ao mesmo tempo em si. Isso quer dizer que o drama não se desenrola num plano sexual; a sexualidade, de resto, nunca se nos apresentou como definindo um destino, como fornecendo em si a chave das condutas humanas, mas sim como exprimindo a totalidade de uma situação que contribui para definir. A luta dos sexos não se acha imediatamente implicada na anatomia do homem e da mulher. Em verdade, quando a evocam, tomam por dado que no céu intemporal das Idéias se trava uma batalha entre estas essências incertas: o Eterno feminino, o Eterno masculino. E não observam que esse combate titânico assume na terra duas formas inteiramente diferentes, correspondendo a dois momentos históricos também diferentes.

A mulher confinada na imanência tenta reter também o homem nessa prisão; assim, esta se confundirá com o mundo e ela não mais sofrerá por se achar encarcerada: a mãe, a esposa, a amante são carcereiras; a sociedade codificada pelos homens decreta que a mulher é inferior: ela só pode abolir essa inferioridade destruindo a superioridade viril. Dedicase, pois, a mutilar, a dominar o homem, contradizendo-o, negando-lhe a verdade e os valores. Mas com isso apenas defende-se; não é nem uma essência imutável nem uma escolha condenável que a votam à imanência, à inferioridade. Estas lhe são impostas. Toda opressão cria um estado de guerra. Este caso não constitui uma exceção. O existente que consideram como inessencial não pode deixar de pretender restabelecer sua soberania.

Hoje o combate assume outro aspecto; ao invés de querer encerrar o homem numa masmorra, a mulher tenta evadir-se; não procura mais arrastá-lo para as regiões da imanência e sim emergir à luz da transcendência. É então a atitude dos homens que cria novo conflito: é com má vontade que o homem "dá baixa" à mulher. Agrada-lhe permanecer o sujeito soberano, o superior absoluto, o ser essencial; recusa-se a considerar concretamente a companheira como sua igual; ela responde à desconfiança com uma atitude agressiva. Não se trata mais de uma guerra entre indivíduos encerrados cada qual em sua esfera: uma casta reivindicante lança-se ao assalto e vê seus esforços anulados

pela casta privilegiada. São duas transcendências que se enfrentam; em lugar de se reconhecerem mutuamente, cada liberdade busca dominar a outra.

Essa diferença de atitude marca-se no plano sexual como no plano espiritual; a mulher "feminina", fazendo-se uma presa passiva, tenta reduzir também o homem a sua passividade carnal; esforça-se por pegá-lo na armadilha, acorrentá-lo pelo desejo que suscita, fazendo-se docilmente coisa; ao contrário, a mulher "emancipada" quer-se a si mesma ativa e recusa a passividade que o homem procura impor-lhe. Do mesmo modo, Elise e suas êmulas denegam qualquer valor às atividades viris; colocam a carne acima do espírito, a contingência acima da liberdade, sua sabedoria rotineira acima da ousadia criadora. Mas a mulher "moderna" aceita os valores masculinos: tem a pretensão de pensar, agir, trabalhar, criar ao mesmo título que os homens; ao invés de procurar diminuí-los, afirma que se iguala a eles.

Na medida em que se exprime em condutas concretas, essa reivindicação é legítima: a insolência dos homens é que é então censurável. Mas cumpre dizer, para desculpa deles, que as mulheres de bom grado embaralham as cartas. Uma Mabel Dodge pretendia escravizar Lawrence pelos encantos de sua feminilidade, a fim de o dominar em seguida espiritualmente; muitas mulheres, para demonstrar com seus êxitos que valem um homem, esforçam-se por assegurar sexualmente um apoio masculino; jogam na banca e no ponto, reclamando ao mesmo tempo delicadezas antigas e estima nova, apostando em sua própria magia e em seus direitos recentes. Compreende-se que o homem, irritado, se ponha na defensiva; mas ele também é dúplice quando reclama que a mulher jogue lealmente o jogo, quando, com sua desconfiança e hostilidade, lhe recusa os trunfos indispensáveis. Em verdade, a luta não pode assumir entre eles um aspecto claro, porquanto o próprio ser da mulher é opacidade; ela não se ergue em face do homem como um sujeito e sim como um objeto paradoxalmente dotado de subjetividade; ela se assume a um tempo como *si* e como *outro*, o que é uma contradição acarretando desnorteantes consequências. Quando, ao mesmo tempo, transforma sua fraqueza e sua força numa arma, não se trata de um cálculo preestabelecido: espontaneamente ela procura sua salvação no caminho que lhe foi imposto, o da passividade, ao mesmo tempo que reivindica ativamente sua soberania; e, sem dúvida, esse processo não "é de guerra leal" mas foi-lhe ditado pela situação ambígua que lhe determinaram. O homem, entretanto, quando a trata como uma

liberdade, indigna-se com o fato de permanecer ela para êle uma armadilha; se a lisonjeia e satisfaz enquanto presa, agasta-se com suas pretensões de autonomia; o que quer que faça, sente-se ludi-briado, e ela considera-se lesada.

A disputa durará enquanto os homens e as mulheres não se reconhecerem como semelhantes, isto é, enquanto se perpetuar a feminilidade como tal; quem, dentre eles, mais se obstina em a manter? A mulher que se liberta dessa feminilidade quer contudo conservar-lhe as prerrogativas; e o homem exige então que lhe assuma as limitações. "É mais fácil acusar um sexo do que desculpar o outro", diz Montaigne. É coisa vã distribuir censuras e prêmios. Em verdade, se o círculo vicioso é tão difícil de desfazer, é porque os dois sexos são vítimas ao mesmo tempo do outro e de si; entre dois adversários defrontando-se em sua pura liberdade um acordo poderia facilmente estabelecer-se: tanto mais quanto essa guerra não beneficia ninguém. Mas a complexidade de tudo isso provém do fato de que cada campo é cúmplice do inimigo; a mulher persegue um sonho de demissão, o homem um sonho de alienação; a inautenticidade não compensa: cada qual acusa o outro da desgraça que atraiu, cedendo às tentações da facilidade; o que o homem e a mulher odeiam um no outro, é o malogro retumbante de sua própria má-fé e de sua própria covardia.

Vimos por que, originalmente, os homens escravizaram a mulher; a desvalorização da feminilidade foi uma etapa necessária da evolução humana; mas teria podido engendrar uma colaboração dos dois sexos. A opressão explica-se pela tendência do existente para fugir de si, alienando-se no outro, que êle oprime para tal fim; hoje essa tendência se encontra em cada homem singular: e a imensa maioria a ela cede; o marido procura-se em sua esposa, o amante em sua amante sob a figura de uma estátua de pedra; êle visa nela o mito de sua virilidade, de sua soberania, de sua realidade imediata. "Meu marido nunca vai ao cinema", diz a mulher, e a incerta opinião masculina imprimé-se no mármore da eternidade. Mas êle próprio é escravo de seu duplo; que trabalho para edificar uma imagem dentro da qual êle se encontre sempre em perigo! Ela funda-se apesar de tudo na caprichosa liberdade das mulheres, que é preciso sem cessar tornar propícia; o homem é corroído pela preocupação de se mostrar macho, importante, superior; representa comédias, a fim de que lhe representem outras; é também agressivo, inquieto; tem hostilidade contra as

mulheres porque tem medo delas, porque tem medo do personagem com quem se confunde. Quanto tempo e forças desperdiça para liquidar, sublimar, transferir complexos, falando das mulheres, seduzindo-as, temendo-as! Libertá-lo-iam, libertando-as. Mas é precisamente o que receia. Obstina-se nas mistificações destinadas a manter a mulher acorrentada.

Muitos homens têm consciência de que ela é mistificada. "Que desgraça ser mulher! Entretanto a desgraça, quando se é mulher, está, no fundo, em não compreender que é uma desgraça", diz Kierkegaard¹. De há muito vem a sociedade se esforçando por mascarar essa desgraça. Suprimiram, por exemplo, a tutela: deram "protetores" à mulher e se eles se atribuíram os direitos dos antigos tutores foi em benefício dela. Proibi-la de trabalhar, mantê-la no lar, é defendê-la contra si mesma, assegurar-lhe a felicidade. Vimos sob que véus poéticos dissimulavam-se os encargos monótonos que lhe incumbem: casa, maternidade. Em troca de sua liberdade, presentearam-na com os tesouros falazes de sua "feminilidade". Balzac descreveu muito bem essa manobra quando aconselhou ao homem que a tratasse como escrava, persuadindo-a de que é rainha. Menos cínicos, muitos homens esforçam-se por se convencer a si mesmos de que ela é realmente uma privilegiada. Há sociólogos americanos que hoje ensinam seriamente a teoria do *low-class-gain*, isto é, dos "benefícios das castas inferiores". Na França também se proclamou muitas vezes — embora de maneira menos científica — que os operários tinham muita sorte por não serem obrigados a "representar", e mais ainda os vagabundos, que podem vestir-se com trapos e dormir nas calçadas, prazeres inacessíveis ao Conde de Beaumont e a esses pobres senhores de Wendel. Como os piolhentos despreocupados que cocam alegremente sua bicharia, como os negros joviais rindo às chicotadas e os alegres árabes do Souss, que enterram os filhos mortos de fome com o sorriso nos lábios, a mulher goza deste incompa-

(¹) *In vino veritas*. Diz também: "A galanteria cabe — essencialmente — à mulher e o fato de a aceitar sem hesitação explica-se pela solicitude da natureza pelo mais fraco, pelo ser desfavorecido e para o qual uma ilusão significa mais do que uma compensação. Mas essa ilusão é-lhe precisamente fatal. . . Sentir-se libertado da miséria graças a uma imaginação, ser ludibriado por uma imaginação, não será uma zombaria ainda mais profunda?... A mulher está longe de ser *Verwahrlos* (abandonada), mas em outro sentido ela o é, porquanto nunca pode libertar-se da ilusão de que se serviu a natureza para a consolar".

rável privilégio: a irresponsabilidade. Sem esforço, sem encargo, sem preocupação, tem ela manifestamente "a melhor parte". O que perturba é que em virtude de uma perversidade obstinada — ligada sem dúvida ao pecado original — através dos séculos e dos países, as pessoas que têm a melhor parte gritam sempre a seus benfeitores: Basta, é demais! Contentar-me-ei com a sua! Mas os capitalistas magníficos, os colonos generosos, os machos soberbos obstinam-se: Fiquem com a melhor parte, fiquem!

O fato é que os homens encontram em sua companheira mais cumplicidade do que em geral o opressor encontra no oprimido; e disso tiram autoridade para declarar com má-fé que ela *quis* o destino que lhe impuseram. Vimos que, em verdade, toda a educação dela conspira para barrar-lhe os caminhos da revolta e da aventura; a sociedade, no seu conjunto, — a começar pelos seus pais respeitadas — mente-lhe exaltando o alto valor do amor, da dedicação, do dom de si e dissimulando-lhe que nem o amante, nem o marido, nem os filhos estarão dispostos a suportar-lhe o fardo incômodo. Ela aceita alegremente essas mentiras, porque elas a convidam a seguir o caminho em declive da felicidade: e nisto está o maior crime que cometem contra ela. Desde a infância e ao longo da vida mimam-na, corrompem-na, designando-lhes como sua vocação essa demissão que tenta todo existente sedento de sua liberdade; se se incita uma criança à preguiça, divertindo-a durante o dia inteiro, sem lhe dar a oportunidade de estudar, sem lhe mostrar a utilidade disso, não se lhe dirá na idade adulta que escolheu ser incapaz e ignorante: assim é que é educada a mulher, sem nunca ensinarem-lhe a necessidade de assumir ela própria sua existência; de bom grado ela se deixa levar a contar com a proteção, o amor, o auxílio, a direção de outrem; deixa-se fascinar pela esperança de poder, sem *fazer* nada, realizar o seu ser. Erra ao ceder à tentação: mas o homem está mal colocado para censurar -lho, porque êle próprio a tentou. Quando um conflito se verificar entre eles, cada qual encarará o outro como responsável pela situação. Ela o censurará por tê-la criado: não me ensinaram a raciocinar, a ganhar a vida. . . Êle a censurará por tê-la aceito: não sabes nada, és uma incapaz... Cada sexo acredita justificar-se tomando a ofensiva: mas as culpas de um não inocentam o outro.

Os numerosos conflitos que jogam os homens contra as mulheres vêm do fato de que nem uns nem outros assumem todas as conseqüências dessa situação que um propõe e outro suporta;

essa noção incerta de "igualdade na desigualdade", de que um se serve para mascarar seu despotismo e outro sua covardia, não resiste à experiência: em suas trocas, a mulher apela para a igualdade abstrata que lhe garantiram, e o homem para a desigualdade concreta que constata. Daí vem que em todas as ligações se perpetua um debate indefinido em torno do equívoco *dar e possuir*: ela se queixa de dar tudo, êle protesta que ela lhe toma tudo, possui. É preciso que a mulher compreenda que as trocas — é uma lei fundamental da economia política — se regulam segundo o valor que a mercadoria oferecida tem para o comprador e não para o vendedor: enganaram-na, persuadindo-a de que tinha um valor infinito; na verdade ela é para o homem uma distração apenas, um prazer, uma companhia, um bem inessencial; êle é o sentido, a justificação da existência dela; a permuta não se faz portanto entre objetos da mesma qualidade; essa desigualdade vai marcar-se particularmente no fato de que o tempo que passam juntos — e que parece falaciosamente o mesmo tempo — não tem o mesmo valor para os dois parceiros. Durante a noite que passa com a amante, o amante poderia fazer um trabalho útil a sua carreira, ver amigos, cultivar relações, distrair-se; para um homem normalmente integrado na sociedade, o tempo é uma riqueza positiva: dinheiro, reputação, prazer. Ao contrário, para a mulher ociosa, que se aborrece, é um fardo de que só deseja desembaraçar-se, aliviar-se; desde que consiga algumas horas, tem um benefício: a presença do homem é puro proveito. Em muitos casos, o que interessa mais claramente o homem numa ligação é o ganho sexual que dela auferir: a rigor, êle pode contentar-se com passar com sua amante tão-somente o tempo necessário para perpetrar o ato amoroso; mas — salvo exceção — o que ela almeja, no que lhe diz respeito, é "gastar" todo esse excesso de tempo de que não sabe que fazer: e — como o vendedor de batatas que só vende batatas se aceitam seus nabos — ela só cede o corpo ao amante se êle aceita, além do corpo, horas de conversa e de passeio. Consegue-se estabelecer o equilíbrio se o preço do lote todo não se afigura demasiado elevado ao homem; isso depende, bem entendido, da intensidade do desejo dêle e da importância que têm a seus olhos as ocupações que sacrifica; mas se a mulher reclama — oferece — tempo demais, torna-se importuna, como o rio que sai de seu leito, e o homem preferirá nadar ter dela a ter demais. Ela modera então suas exigências; mas muitas vezes a balança se reequilibra à custa de uma dupla tensão: ela

estima que o homem a *tem* muito barato; êle pensa que paga demasiado caro. Naturalmente esta exposição é algo humorística; entretanto — salvo nos casos de paixão ciumenta e exclusiva em que o homem quer a mulher em sua totalidade — esse conflito se acha indicado na ternura, no desejo e até no amor; o homem "tem mais que fazer" de seu tempo, ao passo que ela procura desvencilhar-se do seu; e êle não considera as horas que ela lhe dedica como uma dom e sim como um fardo. Geralmente êle consente em suportá-la, porque bem sabe que está do lado dos favorecidos, tem "a consciência suja"; e, se tem alguma boa vontade, tenta compensar a desigualdade das condições com generosidade; entretanto, êle encara como um mérito ter piedade e, no primeiro choque, trata a mulher de ingrata, irrita-se: sou bom demais. Ela sente que se conduz como uma pedinchona, quando está convencida do alto valor de seus presentes, e com isso se humilha. É o que explica a crueldade de que a mulher amiúde se mostra capaz; tem a "consciência limpa", porque se encontra do lado ruim; não se julga obrigada a nenhuma contemplação para com a casta privilegiada, pensa apenas em se defender; será mesmo muito feliz se tiver a oportunidade de manifestar seu rancor contra o amante que não a soube satisfazer: desde que não lhe dá bastante, é com prazer selvagem que ela retira tudo. Então o homem magoado descobre o valor global da ligação de que desdenhava a cada instante: está disposto a todas as promessas, ainda que seja para se julgar explorado quando as tiver de cumprir; acusa sua mulher de chantagem, censura-lhe a avareza; ambos se consideram lesados. Aqui igualmente é vão distribuir desculpas e censuras: nunca se pode criar justiça no seio da injustiça. Um administrador colonial não tem nenhuma possibilidade de se portar corretamente com os indígenas, nem um general com seus soldados; a única solução consiste em não ser nem colono nem chefe; mas não há como um homem impedir a si mesmo de ser um homem. Ei-lo portanto culpado contra sua vontade e oprimido por essa falta que êle próprio não cometeu; de igual modo ela é vítima e megera a despeito de si mesma; por vezes êle se revolta, escolhe a crueldade, mas faz-se então cúmplice da injustiça e a falta torna-se realmente sua; por vezes deixa-se aniquilar, devorar pela sua vítima reivindicante; mas então sente-se enganado; muitas vezes êle não se atem a um compromisso que ao mesmo tempo o diminui e o põe pouco à vontade. Um homem de boa vontade será mais atormentado pela situação do que a própria mulher; em certo sentido, é sempre

mais conveniente estar do lado dos vencidos; mas se ela também tem boa vontade, se é incapaz de se bastar a si mesma, se lhe repugna esmagar o homem com o peso de seu destino, ela se debate numa confusão inextricável. Encontram-se amiudadamente, na vida quotidiana, esses casos que não comportam solução satisfatória porque se definem por condições que não são satisfatórias: um homem que se vê forçado a sustentar, material e moralmente, uma mulher que não mais ama sente-se vítima; mas, se abandonasse sem recursos quem lhe dedicou toda a vida, ela seria vítima de maneira igualmente injusta. O mal não vem de uma perversidade individual — e a má-fé começa quando se atacam mutuamente — mas de uma situação contra a qual toda conduta singular é impotente. As mulheres são "colantes", pensam, e com isso sofrem; isso porque têm a sorte de um parasita que chupa a vida de um organismo estranho; se a dotarem de um organismo autônomo, se elas puderem lutar contra o mundo e dele tirar sua subsistência, sua dependência será abolida: a do homem também. Uns e outros, sem dúvida, se encontrarão muito melhor.

É fácil imaginar um mundo em que homens e mulheres seriam iguais, porquanto é exatamente o que *prometera* a revolução soviética: as mulheres, educadas e formadas exatamente como os homens, trabalhariam em condições idênticas e por salários idênticos¹; a liberdade erótica seria admitida pelos costumes, mas o ato sexual não seria mais considerado um "serviço" que se remunera; a mulher seria *obrigada* a assegurar-se outro ganha-pão; o casamento assentaria em um compromisso livremente consentido e que os cônjuges poderiam denunciar quando o quisessem; a maternidade seria livre, isto é, autorizariam o *birth-control* e o aborto, e em compensação dariam a todas as mães e a seus filhos exatamente os mesmos direitos, fossem ou não casadas; as licenças por gravidez seriam pagas pela coletividade que assumiria o cuidado dos filhos, o que não quer dizer que estes seriam *retirados* dos pais e sim que não lhes seriam *abandonados*.

(¹) O fato de certos ofícios demasiado duros lhes serem vedados não contradiz esse projeto: mesmo entre os homens procura-se cada vez mais realizar uma adaptação profissional; suas capacidades físicas e intelectuais limitam suas possibilidades de escolha; o que se pede em todo caso é que nenhuma fronteira de sexo ou casta seja traçada.

Mas bastará mudar as leis, as instituições, os costumes, todo o contexto social para que mulheres e homens se tornem realmente semelhantes? "As mulheres serão sempre mulheres", dizem os céticos; e outros videntes profetizam que, despojando-as de sua feminilidade, elas não conseguirão transformar-se em homens e se tornarão uns monstros. Isso é admitir que a mulher de hoje é uma criação da natureza; cumpre repetir mais uma vez que nada é natural na coletividade humana e que, entre outras coisas, a mulher é um produto elaborado pela civilização; a intervenção de outrem em seu destino é original; se essa ação fosse dirigida de outro modo, levaria a outro resultado. A mulher não se define nem por seus hormônios nem por misteriosos instintos e sim pela maneira por que reassume, através de consciências estranhas, o seu corpo e sua relação com o mundo; o abismo que separa a adolescente do adolescente foi cavado de maneira concertada desde os primeiros anos da infância; não há como impedir mais tarde que a mulher não seja o que *foi feita* e ela arrastará sempre esse passado atrás de si; em se lhe medindo o peso, compreende-se à evidência que seu destino não se acha fixado na eternidade. Por certo não se deve crer que baste modificar-lhe a situação econômica para que a mulher se transforme: esse fator foi e permanece o fator primordial de sua evolução; mas enquanto não tiver acarretado as conseqüências morais, sociais, culturais etc. que anuncia, e exige, a nova mulher não poderá surgir; atualmente não se realizou ela ainda em nenhum lugar, nem na U. R. S. S., nem na França ou nos Estados Unidos e é por isso que a mulher de hoje se acha esgarçada entre o passado e o futuro; apresenta-se o mais das vezes como uma "verdadeira mulher" fantasiada de homem, e não se sente à vontade tanto em sua carne de mulher como em sua vestimenta de homem. É preciso que mude de pele e corte suas próprias roupas. Só poderia consegui-lo graças a uma evolução coletiva. Nenhum educador isolado pode fabricar hoje um "ser humano fêmeo" que seja o homólogo exato do "ser humano macho": educada como rapaz, a jovem sente-se excepcional e com isso sofre uma nova espécie de especificação. Stendhal bem o compreendeu quando dizia: "É preciso plantar de uma só vez toda a floresta". Mas se supormos, ao contrário, uma sociedade em que a igualdade dos sexos seja concretamente realizada, essa sociedade afirmar-se-á como nova em cada indivíduo.

Se desde a primeira infância a menina fosse educada com as mesmas exigências, as mesmas honras, as mesmas severidades

e as mesmas licenças que seus irmãos, participando dos mesmos estudos, dos mesmos jogos, prometida a um mesmo futuro, cercada de mulheres e de homens que se lhe afigurassem iguais sem equívoco, o sentido do "complexo de castração" e do "complexo de Édipo" seria profundamente modificado. Assumindo, ao mesmo título que o pai, a responsabilidade material e moral do casal, a mãe gozaria do mesmo prestígio duradouro; a criança sentiria em torno de si um mundo andrógino e não um mundo masculino; ainda que mais efetivamente atraída pelo pai — o que não é seguro — seu amor por êle seria matizado por uma vontade de emulação e não por um sentimento de impotência: ela não se orientaria para a passividade. Autorizada a provar seu valor no trabalho e no esporte, rivalizando ativamente com os meninos, a ausência do pênis — compensada pela promessa do filho — não bastaria para engendrar um "complexo de inferioridade"; correlativamente, o menino não teria um "complexo de superioridade" se não lho insuflassem e se estimasse as mulheres tanto quanto os homens¹. A menina não procuraria portanto compensações estéreis no narcisismo e no sonho, não se tomaria por dado, interessar-se-ia pelo que *faz*, empenhar-se-ia sem reticência em suas empresas. Disse quanto a puberdade seria mais fácil se ela a superasse como o menino, em direção a um futuro livre de adulto; a menstruação só lhe inspira tamanho horror porque constitui uma queda brutal na feminilidade; ela assumiria também muito mais tranqüilamente seu jovem erotismo se não sentisse um desgosto apavorado pelo conjunto de seu destino; uma educação sexual coerente a ajudaria a sobrepujar a crise. E graças à educação mista, o mistério augusto do Homem não teria oportunidade de surgir: seria destruído pela familiaridade quotidiana e as competições francas. As objeções que se opõem a este sistema implicam sempre o respeito aos tabus sexuais; mas é vão pretender inibir na criança a curiosidade e o prazer; chega-se assim tão somente a criar recalques, obsessões, neuroses; o sentimentalismo exaltado, os fervores homossexuais, as paixões platônicas das adolescentes, com todo o seu cortejo de tolice e de dissipação, são muito mais nefastos do que alguns jogos infan-

(¹) Conheço um menino de oito anos que vive com uma mãe, uma tia, uma avó, todas independentes e ativas e um avô semi-impotente. Tem êle um "complexo de inferioridade" esmagador em relação ao sexo feminino, embora a mãe se esforce por combatê-lo. No colégio despreza colegas e professores, porque são uns pobres machos.

tis e algumas experiências precisas. O que seria principalmente proveitoso à jovem é o fato de que, não buscando um semideus no macho — mas apenas um colega, um amigo, um parceiro — não se veria instalada a não assumir ela própria sua existência; o erotismo, o amor teriam o caráter de uma livre superação e não o de uma demissão; ela poderia vivê-los como uma relação de igual para igual. Não se trata, bem entendido, de suprimir com uma penada todas as dificuldades que a criança tem de vencer para se transformar em adulto; a educação mais inteligente, mais tolerante não a poderá dispensar de realizar sua própria experiência à sua própria custa; o que se pode pedir é que não se acumulem gratuitamente obstáculos em seu caminho. Não cauterizar mais as meninas "viciosas" com ferro em brasa já é um progresso; a psicanálise instruiu um pouco os pais; entretanto as condições atuais em que se realizam a formação e a iniciação sexual da mulher são tão deploráveis que nenhuma das objeções que lhe opõem à idéia de uma modificação radical poderá ser válida. Não se trata de abolir nela as contingências e as misérias da condição humana e sim de lhe dar os meios de as superar.

A mulher não é vítima de nenhuma fatalidade misteriosa; as singularidades que a especificam tiram sua importância da significação de que se revestem; poderão ser superadas desde que as apreendam dentro de perspectivas novas; vimos que através de sua experiência erótica a mulher sente — e amiúde detesta — o domínio do homem: disso não se deve concluir que seus ovários a condenem a viver eternamente de joelhos diante dele. A agressividade viril só se apresenta como um privilégio senhorial no seio de um sistema que por inteiro conspira em afirmar a soberania masculina; e a mulher só se *sente* tão profundamente passiva no ato amoroso porque já então se *pensa* como tal. Reivindicando sua dignidade de ser humano, muitas mulheres entendem sua vida erótica a partir de uma tradição de escravidão: por isso parece-lhes humilhante deitarem-se embaixo do homem, serem por ele penetradas e elas se crispam na frieza; mas se a realidade fosse diferente, o sentido que exprimem simbolicamente gestos e atitudes sê-lo-ia também: uma mulher que paga, que domina o amante, pode, por exemplo, sentir-se orgulhosa de sua soberba ociosidade e considerar que escraviza o homem que se despende ativamente. Já existem casais sexualmente equilibrados em que as noções de vitória e derrota dão lugar a uma idéia de troca. Em verdade, o homem é, como a mulher, uma carne,

logo uma passividade, joguete de seus hormônios e da espécie, presa inquieta de seu desejo; e ela é, como êle, consentimento, dom voluntário, atividade em meio à sua febre carnal; vivem cada qual à sua maneira o estranho equívoco da existência feita corpo. Nesses combates em que acreditam enfrentar-se mutuamente, é contra si que cada um luta, projetando no parceiro essa parte de si mesmo que repudia; ao invés de viver a ambigüidade de sua situação, cada um se esforça por ter a honra dela e fazer com que o outro lhe suporte a abjeção. Se, entretanto, ambos a assumissem com lúcida modéstia, correlativa de um autêntico orgulho, reconhecer-se-iam como semelhantes e viveriam com amizade o drama erótico. O fato de ser um ser humano é infinitamente mais importante do que todas as singularidades que distinguem os seres humanos; não é nunca o dado que confere superioridades: a "virtude", como diziam os antigos, define-se ao nível do "que depende de nós". Em ambos os sexos representa-se o mesmo drama da carne e do espírito, da finalidade e da transcendência; ambos são corroídos pelo tempo, vigiados pela morte, têm uma mesma necessidade essencial do outro; podem tirar de sua liberdade a mesma glória; se soubessem apreciá-la não seriam mais tentados a disputar-se privilégios falazes; e a fraternidade poderia então nascer entre ambos.

Dir-me-ão que todas estas considerações são bem utópicas, posto que fora necessário, "para refazer a mulher", que a sociedade já a tivesse feito *realmente* igual ao homem; os conservadores nunca deixaram, em todas as circunstâncias análogas, de denunciar este círculo vicioso: entretanto a história não pára. Sem dúvida, se colocamos uma casta em estado de inferioridade, ela permanece inferior: mas a liberdade pode quebrar o círculo. Deixem os negros votar, eles se tornarão dignos do voto; dêem responsabilidades à mulher, ela as saberá assumir; o fato é que não há como esperar dos opressores um movimento gratuito de generosidade; mas ora a revolta dos oprimidos, ora a própria revolução da casta privilegiada criam situações novas; por isso os homens foram levados, em seu próprio interesse, a emancipar parcialmente as mulheres: basta a estas prosseguirem em sua ascensão e os êxitos que vêm obtendo incitam-nas a tanto; parece mais ou menos certo que atingirão dentro de um tempo mais ou menos longo a perfeita igualdade econômica e social, o que acarretará uma metamorfose interior.

Em todo caso, objetarão alguns, se tal mundo é possível, não é desejável. Quando a mulher fôr "igual" a seu homem, a

vida perderá seu "sal pungente". Este argumento não é tampouco novo: os que têm interesse em perpetuar o presente vertem sempre lágrimas sobre o mirífico passado que vai desaparecer sem conceder um sorriso ao jovem futuro. É verdade que, suprimindo os mercados de escravos, acabaram com as grandes plantações tão magnificamente ornadas de azáleas e camélias, arruinaram toda a delicada civilização sulista; as velhas rendas juntaram-se, no sótão, aos timbres tão puros dos castrados da Cistina e há um certo "encanto" feminino que ameaça, êle também, desfazer-se em pó. Convenho em que é ser um bárbaro não apreciar as flores raras, as rendas, a voz cristalina do eunuco e o encanto feminino. Quando se exhibe, em todo o seu esplendor, a "mulher encantadora" é um objeto bem mais exaltante do que "as pinturas idiotas, ornatos de portas, cenários, telas de saltimbancos, tabuletas, iluminuras populares" que embeveciam Rimbaud; enfeitada com os mais modernos artifícios, trabalhada segundo as mais novas técnicas, ela chega do fundo dos séculos, de Tebas, de Minos, de Chichen Itza; e é também o totem plantado no coração do sertão africano; é um helicóptero e é um pássaro; e eis a maior maravilha: sob seus cabelos pintados o sussurro das folhagens faz-se pensamento e palavras escapam-lhe dos seios. Os homens estendem mãos ávidas para o prodígio; mas logo que o pegam êle se dissipa; a esposa, a amante falam como todo mundo, com sua boca; suas palavras valem exatamente o que valem; seus seios também. Um milagre tão fugidíio —: e tão raro — merecerá que perpetuem uma situação nefasta para ambos os sexos? Pode-se apreciar a beleza das flores, o encanto das mulheres e apreciá-los pelo seu justo valor; se tais tesouros se pagam com sangue ou desgraça, cumpre saber sacrificá-los.

O fato é que esse sacrifício parece aos homens singularmente pesado; poucos há que desejem do fundo do coração que a mulher acabe de se realizar; os que a desprezam não vêem o que poderiam ganhar com isso, os que a adoram vêem demasiado o que poderiam perder; e é verdade que a evolução atual não ameaça apenas o encanto feminino: pondo-se a existir para si, a mulher abdicará a função de duplo e de mediadora que lhe outorga seu lugar privilegiado no universo masculino; para o homem solicitado pelo silêncio da natureza e a presença exigente de outras liberdades, um ser que seja a um tempo seu semelhante e uma coisa passiva apresenta-se como um grande tesouro; a figura sob a qual êle percebe sua companheira pode bem ser

mítica, nem por isso as experiências de que ela é fonte ou pretexto são menos reais: e não há, por certo, tantas mais preciosas, mais íntimas, mais ardentes; não há como negar que a dependência, a inferioridade, a desgraça feminina lhes emprestam um caráter singular; seguramente a autonomia da mulher, embora poupe aos homens muitos aborrecimentos, lhes denegará também muitas facilidades; seguramente certas maneiras de viver a aventura sexual serão perdidas no mundo de amanhã; mas isso não significa que o amor, a felicidade, a poesia, o sonho dele sejam banidos. Atentemos para o fato de que nossa falta de imaginação despovoou sempre o futuro; este não passa de uma abstração para nós; cada um de nós nele deplora surdamente a ausência do que foi; mas a humanidade de amanhã irá vivê-lo em sua carne e em sua liberdade, ele será o seu presente e ela por sua vez o preferirá; entre os sexos surgirão novas relações carnavais e afetivas de que não temos idéia: já apareceram entre homens e mulheres amizades, rivalidades, cumplicidades, camaradagens, castas ou sexuais, que os séculos passados não teriam sabido inventar. Entre outras coisas, nada me parece mais contestável do que o *slogan* que vota o mundo novo à uniformidade, logo ao tédio. Não vejo ausência de tédio neste mundo, nem nunca vi que a liberdade criasse a uniformidade. Primeiramente, haverá sempre certas diferenças entre o homem e a mulher; tendo seu erotismo, logo seu mundo sexual, uma figura singular, não poderá deixar de engendrar nela uma sensualidade, uma sensibilidade singular: suas relações com seu corpo, o corpo do homem, o filho, nunca serão idênticas às que o homem mantém com seu corpo, o corpo feminino, o filho; os que tanto falam de "igualdade na diferença" mostrar-se-iam de má-fé em não admitir que possam existir diferenças na igualdade. Por outro lado, são as instituições que criam a monotonia: jovens e bonitas, as escravas do serralho são sempre as mesmas nos braços do sultão; o cristianismo deu ao erotismo seu sabor de pecado e lenda, dotando de uma alma a fêmea do homem; restituindo-lhe sua singularidade soberana, não suprimirão o gosto patético dos amplexos amorosos. É absurdo pretender que a orgia, o vício, o êxtase, a paixão se tornariam impossíveis se o homem e a mulher fossem concretamente semelhantes; as contradições que opõem a carne ao espírito, o instante ao tempo, a vertigem da imanência ao apelo da transcendência, o absoluto do prazer ao nada do esquecimento serão algum dia suprimidos; na sexualidade, materializar-se-ão sempre a tensão, o tormento, a alegria, o malogro e o

triunfo da existência. Libertar a mulher é recusar encerrá-la nas relações que mantém com o homem, mas não as negar; ainda que ela se ponha para si, não deixará de existir *também* para êle: reconhecendo-se mutuamente como sujeito, cada um permanecerá entretanto um *outro* para o outro; a reciprocidade de suas relações não suprimirá os milagres que engendra a divisão dos seres humanos em duas categorias separadas: o desejo, a posse, o amor, o sonho, a aventura; e as palavras que nos comovem: dar, conquistar, unir-se conservarão seus sentidos. Ao contrário, é quando fôr abolida a escravidão de uma metade da humanidade e todo o sistema de hipocrisia que implica, que a "seção" da humanidade revelará sua significação autêntica e que o casal humano encontrará sua forma verdadeira.

"A relação imediata, natural, necessária do homem com o homem é *a relação do homem com a mulher*", disse Marx¹. "Do caráter dessa relação decorre até que ponto o homem se comprometeu como *ser genérico*, como homem; a relação do homem com a mulher é a relação mais natural do ser humano com o ser humano. Nela se mostra portanto até que ponto o comportamento *natural* do homem se tornou *humano* ou até que ponto o ser *humano* se tornou seu ser *natural*, até que ponto sua *natureza humana* se tornou sua *natureza*."

Não há como dizer melhor. É dentro de um mundo dado que cabe ao homem fazer triunfar o reino da liberdade; para alcançar essa suprema vitória é, entre outras coisas, necessário que, para além de suas diferenciações naturais, homens e mulheres afirmem sem equívoco sua fraternidade.

(¹) *Oeuvres philosophiques*; tomo VI. O grifo é de Marx.